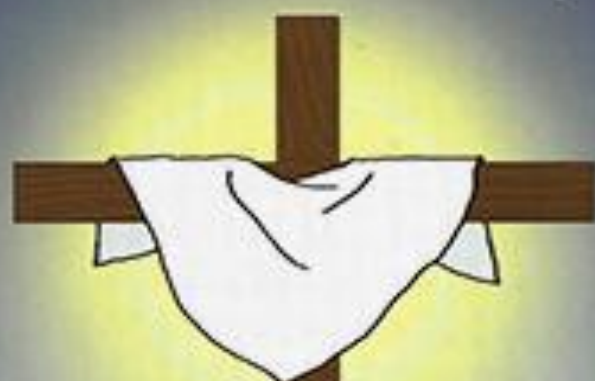


Queremos Seguir Jesus



CATEQUESE 3º ANO

SNEC
FUNDAÇÃO

Fundação Secretariado Nacional de Educação Cristã

Guia do Catequista

QUEREMOS SEGUIR JESUS

GUIA - 3º ANO

Coordenação geral e Edição
da Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã

Capa: Zonadesign

ISBN: 978-972-8690-47-2

Depósito Legal:

1ª Edição – Setembro 2009

© Todos os direitos reservados para a Fundação SNEC

FUNDAÇÃO SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ
Quinta do Cabeço, Porta D – 1885-076 MOSCAVIDE
Telef.: 21 885 12 85 Fax: 21 885 13 55 E-mail: educacao-crista@sapo.pt

SIGLAS

- AG *Ad gentes*, Decreto sobre a Actividade Missionária da Igreja
- ATV CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA - *Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual* (2005)
- CIC *Catecismo da Igreja Católica* (1992)
- CT *Catechesi Tradendae*, Exortação Apostólica de João Paulo II, 1979
- DCE *Deus Caritas Est*, Carta encíclica de Bento XVI, Natal do Senhor, 2005
- DD *Dies Domini*, Carta Apostólica de João Paulo II, 1998
- DGC CONGREGAÇÃO PARA O CLERO – *Directório Geral da Catequese* (1997)
- DV *Dei Verbum*, Constituição conciliar, Concílio Ecuménico Vaticano II
- EN *Evangelii Nuntiandi*, Exortação apostólica de Paulo VI, 1975
- GS CONC. ECUM. VATICANO II – *Gaudium et spes*, Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo (1965)
- LG CONC. ECUM. VATICANO II – *Constituição dogmática sobre a Igreja* (1964)
- NA *Nostra Aetate*, Declaração sobre as relações da Igreja com as religiões não cristãs, Paulo VI, 1965
- Sa Ca *Sacramentum Caritatis*, Exortação Apostólica de Bento XVI
- SC *Sacrosanctum Concilium*, Constituição sobre a Sagrada Liturgia
- SS *Spe Salvi*, Carta Encíclica de Bento XVI, 2007

*Assim, a catequese, como consequência da fidelidade a Deus, deve manter também uma atenção constante ao ser humano, auscultando “as suas experiências mais profundas” (DGC 78); deve respeitar a mensagem e a pessoa concreta “por uma diligente adaptação” (DGC 112) e, num esforço constante de inculturação que respeite a integridade da fé, deve tornar o Evangelho “acontecimento verdadeiramente significativo para a pessoa humana” (DGC 97).
(ATV - Orientações 6)*

APRESENTAÇÃO

Caros amigos Catequistas / Caras amigas Catequistas,

Todos temos consciência de como as mudanças no mundo actual são rápidas e constantes. Inserida na comunidade humana, a Igreja tem, necessariamente, de acolher os novos desafios e lançar propostas que ajudem os homens e as mulheres a responder, em cada tempo, às realidades e problemas com a luz e o impulso do Evangelho de Jesus Cristo.

A catequese da infância e adolescência, dirigindo-se a pessoas em crescimento e inseridas em ambientes que se transformam, está também sujeita a dinamismos de mudança, os quais implicam que, periodicamente, se aprofunde a natureza da catequese, se avaliem resultados obtidos e se apontem novos caminhos. Neste sentido, as novas circunstâncias sugerem que, na fidelidade à identidade e aos conteúdos essenciais da catequese, se dê maior ênfase a aspectos doutrinários mais esquecidos, para os quais os documentos do Magistério da Igreja alertam, ou a experiência da prática catequética requer, se renovem métodos e se apresentem novas propostas de acção que favoreçam o crescimento humano e cristão dos catequizandos.

Toda esta tarefa renovadora se consubstancia na publicação de novos catecismos para um itinerário de 10 anos e de guias, correspondentes, destinados aos catequistas. São instrumentos de trabalho, a utilizar em estreita relação com as famílias e com as comunidades cristãs de referência dos catequizandos.

Com o 3º ano de catequese, terminamos a etapa I do referido itinerário, intitulada "Adesão a Jesus Cristo, em comunidade".

O guia do catequista e o manual do catequizando, com o título "Queremos seguir Jesus", são instrumentos de apoio e orientação para os encontros de catequese. Para enquadrar estes textos, torna-se indispensável ter sempre como referência o documento da Conferência Episcopal Portuguesa *Para que acreditem e tenham a vida. Orientações para a catequese actual* (Fátima, 23 de Junho de 2005), dedicado sobretudo aos catequistas, "como manifestação do apoio pela nobre e bela missão da educação da fé que lhes foi confiada" (n. 7). Nele se

apresenta uma visão global sobre a catequese no contexto das transformações culturais que marcam a actualidade, do pensamento do Magistério da Igreja e da relação da catequese com a comunidade cristã, e se sistematizam os principais critérios a ter em conta na revisão dos catecismos.

“Os catecismos são textos escritos de apoio que precisam de vida. É a comunidade cristã e o catequista quem dá vida ao catecismo” (*Para que acreditem e tenham a vida*, n. 7). Os catequistas constituem o primeiro dos meios para a catequese em cada Diocese e, com a ajuda de uma adequada “formação tanto de base como permanente”, devem ser “eles mesmos uma catequese viva” (Congregação para os Bispos, *Directório para o Ministério Pastoral dos Bispos*, n. 128).

Neste sentido, é imprescindível que o catequista se assuma como testemunha da fé e que a catequese se desenvolva na globalidade e complementaridade das suas dimensões. Valorizar a pedagogia em detrimento da transmissão fiel e clara dos conteúdos do mistério cristão, ou transformar a catequese em ensino, desprezando a experiência de vida cristã dos catequizandos, expressa e alimentada na oração, na participação na Eucaristia, no compromisso na comunidade cristã e no testemunho do amor, seria uma grave deturpação e uma ameaça aos bons resultados da acção catequética.

Por outro lado, a missão do catequista não pode prescindir da responsabilidade da família do catequizando, particularmente na fase da infância. Com efeito, a família é a primeira responsável pela educação dos filhos, e a educação, entendida na sua globalidade, inclui a dimensão religiosa. Quer a família seja cristã quer não, o catequista há-de sempre procurar estabelecer a relação mais adequada, que conjugue a sua acção com a da família do catequizando.

Bom trabalho!

Lisboa, Agosto de 2009

*D. Tomaz Pedro Barbosa Silva Nunes
Bispo Auxiliar de Lisboa
Presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã*

ITINERÁRIO DE CATEQUESE DE INICIAÇÃO DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA (6-16 ANOS)

INFÂNCIA

I ETAPA – Inserção na comunidade

1º Ano	JESUS GOSTA DE MIM	Festa do Acolhimento
2º Ano	ENSINA-NOS A REZAR	Festa do Pai-Nosso
3º Ano	QUEREMOS SEGUIR JESUS	Festa da Eucaristia

II ETAPA – A vida da fé

4º Ano	AO ENCONTRO... de JESUS	Entrega da Bíblia
5º Ano	À DESCOBERTA... do PAI	Entrega do Credo
6º Ano	NA FORÇA... do ESPÍRITO	Festa da Fé

ADOLESCÊNCIA

III ETAPA – Sentido cristão da vida

7º Ano	PROJECTO MAIS	Bem-aventuranças
8º Ano	SOMOS MAIS	Festa da Vida

IV ETAPA – Compromisso cristão

9º Ano	O DESAFIO DE VIVER	Celebração de Compromisso
10º Ano	A ALEGRIA DE CRER	Festa do Envio

DEZ ANOS DE CATEQUESE – QUATRO ETAPAS

O Programa de Catequese da Infância e Adolescência foi aprovado pela Conferência Episcopal Portuguesa, em Abril de 1988. A mesma Conferência Episcopal aprovou a renovação deste Programa, que procura ter como grande referência o Catecismo da Igreja Católica, em Abril de 2005. Em Junho do mesmo ano, publica o documento com o título: *“Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual”*, que apresenta a fundamentação teológica, catequética e pastoral do itinerário de 10 anos, tal como é apresentado nos catecismos publicados no ano de 2005 e seguintes.

Assim, pode-se dizer dos 10 Catecismos (e respectivos guias) que apresentam “a fé da Igreja que nos gloriamos de professar”. A docilidade a este programa é, pois, um concreto sinal de autêntica comunhão eclesial.

1ª Etapa – Inserção na Comunidade

É uma fase de acolhimento por parte de toda a Comunidade Cristã, que visa a progressiva inserção na vida da fé da Igreja.

2ª Etapa – A vida da fé

Esta etapa é dedicada à primeira síntese da fé cristã. Ser cristão é seguir Jesus e viver à maneira da comunhão trinitária.

3ª Etapa – O sentido cristão da vida

É uma fase de descoberta de Jesus Cristo como o amigo, a grande referência para o sentido da vida e para a resolução das grandes questões existenciais.

4ª Etapa – O Compromisso cristão

Esta última etapa do itinerário de dez anos quer ajudar os adolescentes a realizarem o seu compromisso comunitário e eclesial. Tem ainda em conta a necessidade de uma nova síntese da fé, agora no horizonte adolescente e juvenil.

INTRODUÇÃO

INSERÇÃO NA COMUNIDADE

I. O QUE É A CATEQUESE

A catequese é uma acção eclesial. É a Igreja, no seu todo, que faz a catequese, cumprindo a sua missão de ser continuadora da missão de Jesus Cristo: levar a Boa Nova a todos os povos. A Igreja, animada pelo Espírito Santo, conserva no seu coração, anuncia, celebra, vive e transmite o Evangelho através da catequese (cf. DV 8).

A comunidade eclesial é a origem, porque o catequista não actua em nome próprio, mas em nome da comunidade cristã e, por isso, em nome de toda a Igreja (cf. EN 60). O catequista pode, e deve, dizer como São Paulo: **“Transmiti-vos, em primeiro lugar, o que eu próprio recebi”** (1Cor 15,3).

Este anúncio não pode prescindir da *família*, do ambiente em que o catequizando vive. Quando falamos em família – como principal transmissora da fé – referimo-nos à família cristã que “tem uma função primária, porque nela se pode realizar o anúncio da fé num clima de acolhimento e de amor, que, melhor do que qualquer outro, confirma a autenticidade da Palavra” (DGC 188). Contudo, é preciso ter em conta que muitas famílias, mesmo quando procuram a catequese para os seus filhos e netos, não são, ainda, maduramente cristãs, no sentido de que são incapazes de transmitir a fé ou porque se encontram numa fase de questionamento e, eventualmente, dúvida ou falta de convicção.

Assim, cada catequizando há-de ser acolhido, de acordo com a sua situação, por uma comunidade cristã onde encontre um clima fraterno e hospitaleiro, que lhe permita observar e sentir a alegria de ser cristão, capaz de lhe suscitar o desejo de seguir Jesus Cristo. O *grupo de catequese*, como grupo primário, é uma boa porta de entrada na família paroquial.

A comunidade é o *âmbito* ou *lugar* normal da catequese. É como o seio materno onde se gera o homem novo, por meio da Palavra e dos Sacramentos de Iniciação Cristã. O testemunho da comunidade é fundamental: a catequese transmite com mais facilidade aquelas realidades e vivências que realmente existem na comunidade.

A *meta* da catequese é também a comunidade, pois é esta que acolhe os que são iniciados na fé. A catequese correria o risco de se tornar estéril, se não houvesse uma comunidade viva que acolhesse cada catequizando. Assim, a comunidade tem uma dupla responsabilidade: de catequizar cada um dos seus membros e de os acolher, de modo que possam viver tão plenamente unidos Àquele a quem aderiram quanto a sua maturidade humana e religiosa lhes vai permitindo (cf. CT 24).

Por último, a catequese renova a comunidade. Através da Iniciação Cristã, a Igreja gera filhos no Filho e conduz à maturidade da fé as comunidades e cada fiel (cf. DGC 21). Assim, torna-se claro que a catequese, se quer cumprir os seus objectivos, tem de introduzir o catequizando na vida da comunidade.

Finalidade da catequese

O objectivo da catequese é levar cada catequizando não só a um contacto, mas a uma comunhão íntima com Jesus Cristo (cf. CT 5). Pela sua própria natureza, “a comunhão com Jesus Cristo impulsiona o discípulo a unir-se a tudo aquilo a que o mesmo Jesus Cristo se sentiu profundamente unido: a Deus, seu Pai, que o enviara ao mundo; ao Espírito Santo, que lhe dava força para a missão; à Igreja, Seu corpo, pela qual Se entregou; e a toda a humanidade, Seus irmãos e irmãs, de cuja sorte quis partilhar” (DGC 81).

A comunidade, família de famílias, tem um lugar de destaque. São precisas comunidades catequizadas e maduras, que mostrem a fé em que acreditam e acolham aqueles que querem aderir a Cristo. A vida litúrgica e de comunhão, o testemunho alegre e o acolhimento caloroso, são expressões de comunidades missionárias que convocam à fé e geram espaços de recepção para aqueles que querem aderir ao Reino de Deus.

Tarefas da Catequese

Para que a pessoa se realize, precisa de encontrar, no contexto da sua existência e experiência de vida, um horizonte de sentido. Trata-se de descobrir a dimensão mais profunda da pessoa, aí onde se descobre como que uma abertura ao infinito. Dizer que a pessoa sai de si, é dizer que a pessoa é um ser de relações: ser que se questiona; que reflecte; e que procura a sua origem e o seu fim, para se realizar como pessoa. Nós, crentes, sabemos que só em Cristo se pode encontrar a realização plena.

Para conseguir este objectivo, a catequese deve seguir o modo como Jesus formava os seus discípulos, realizando estas tarefas fundamentais: conhecer as dimensões do Reino, ensinar a orar, transmitir atitudes evangélicas e iniciar na missão (cf. DGC 82-87).

É dever da catequese educar nas diversas dimensões da fé: a fé professada; a fé celebrada; a fé vivida; e a fé rezada. Tudo inserido numa comunidade e com sentido missionário. Neste processo de educação da fé, há intervenientes que têm um lugar de destaque. São eles a família e a comunidade cristã.

O conhecimento da fé: a catequese deve conduzir à apreensão de toda a verdade do desígnio salvífico de Cristo. A compreensão da Sagrada Escritura, do Credo e demais documentos da fé da Igreja expressa e realiza esta tarefa.

A educação litúrgica: a comunhão com Jesus Cristo leva à celebração da Sua presença nos sacramentos, pelo que a catequese “além de favorecer o conhecimento do significado da liturgia e dos sacramentos, deve educar os discípulos de Jesus Cristo «para a oração, para a gratidão, para a penitência, para as preces confiantes, para o sentido comunitário, para a percepção justa do significado dos símbolos...», uma vez que tudo é necessário, para que exista uma verdadeira vida litúrgica” (DGC 85).

A formação moral: a conversão a Jesus Cristo tem como consequência que o discípulo siga o caminho do Mestre. A catequese deve favorecer uma educação que propicie ao catequizando atitudes próprias do cristão, que lhe transmita a vida em Cristo, concretizada em atitudes e opções morais.

Ensinar a rezar: a comunhão com Jesus Cristo leva a que os seus discípulos assumam a atitude orante e contemplativa do Mestre, conseguindo, deste modo, que a vida cristã seja vivida em profundidade. Aprender de Jesus a sua atitude orante “é rezar com os mesmos sentimentos com os quais Ele se dirigia ao Pai: a adoração, o louvor, o agradecimento, a confiança filial, a súplica e a contemplação da Sua glória” (DGC 85).

Educar para a vida comunitária: a educação para a vida comunitária implica que o catequizando tenha condições para se ir envolvendo de uma forma progressiva na vida da comunidade, assumindo responsabilidades e comprometendo-se com ela. Para isso, a catequese deve fomentar atitudes próprias (cf. DGC 86).

A iniciação para a missão: só se adquire a maturidade da fé quando se tem capacidade e necessidade de testemunhar essa mesma fé, nas diversas circunstâncias da vida. A catequese, ao educar para o sentido missionário, capacita os discípulos para a sua missão na sociedade, na vida profissional, cultural e social.

II. ADESÃO A JESUS CRISTO E À SUA IGREJA, NA INFÂNCIA

De acordo com o documento da Conferência Episcopal Portuguesa, *Para que acreditem e tenham vida - Orientações para a catequese actual*, a primeira etapa do itinerário da catequese da infância e adolescência está centrada na “**adesão a Jesus Cristo, na comunidade**” que culminará com a primeira Comunhão (cf. *ATV, Orientações* 6). No entanto, a catequese é um dos momentos que integram um processo mais vasto, “o processo de Evangelização”. Neste processo, a catequese é precedida por uma etapa anterior e precisa de ter continuação. Segundo a *Evangelii Nuntiandi*, a catequese é precedida pela presença e acolhimento, que aqui é entendido como despertar religioso, e do primeiro anúncio (cf. *ATV, Orientações* 3 b). De acordo com estas orientações, o 1º, o 2º e o 3º ano deste itinerário catequético visam o

despertar religioso, a iniciação à fé cristã da criança, o desencadear da sua adesão a Jesus Cristo e à sua inserção na comunidade.

O despertar religioso

O despertar religioso da criança deveria ser preferencialmente feito no seio da sua família. Contudo, o modo de viver na sociedade actual leva a que muitas crianças tomem contacto com o ambiente religioso, apenas quando entram para o 1º ano de catequese.

O despertar religioso, sobretudo nas famílias cristãs, é uma forma eminente de convocação e chamamento à fé em Jesus Cristo. Faz-se essencialmente pelo acolhimento, o testemunho e o contacto informal com o religioso. Os destinatários só escutam verdadeiramente a Boa Nova, se tiverem o coração bem-disposto, atento e acolhedor e é essa postura e atitude que o despertar religioso promove. Nesse sentido, o primeiro passo e a atitude constante para evangelizar consiste em despertar a fé, isto é, “captar a benevolência” dos destinatários, tornando-se, no meio deles, uma presença amiga, acolhedora e solidária. À semelhança de Jesus que, pela Sua Encarnação, se situou no meio de nós, para nos anunciar o Evangelho (cf. EN 21; AG 10; *ATV, Orientações* 3 b1).

Esta é a dimensão que mais imediatamente se deduz do mandato missionário de Jesus. Realiza-se através do “primeiro anúncio”, dirigido aos não crentes: aqueles que ainda não fizeram uma opção de fé por Cristo, aos baptizados que, vivem à margem da vida cristã, aos seguidores de outras religiões, etc. (cf. AG 14; DGC 51).

Não podemos permanecer na presença solidária e no acolhimento. É indispensável o anúncio explícito de Jesus como Salvador do homem, que conduza ao despertar da conversão da fé.

A iniciação à fé cristã

Esta etapa destina-se às crianças que já fizeram o seu despertar religioso no seio familiar e na comunidade e que, movidas pela graça, decidem seguir Jesus, iniciando uma caminhada que tem como objectivo introduzi-las na vivência da fé, na vida litúrgica e caritativa do Povo de Deus (cf. EN 51-53; DGC 51). A Igreja realiza esta tarefa essencialmente por meio da catequese de infância, para os já baptizados, e pelo catecumenado, para aqueles que ainda o não foram, e sempre em estreita relação com os sacramentos da iniciação cristã, nomeadamente o Baptismo e a Eucaristia.

A adesão a Jesus Cristo, na comunidade eclesial

“Ao anunciar ao mundo a Boa Nova da Revelação, a evangelização convida homens e mulheres à conversão e à fé. O apelo de Jesus «arrependei-vos e acreditai no Evangelho» (Mc 1, 15) continua a ressoar hoje, através da evangelização da Igreja. A fé cristã é, sobretudo, conversão a Jesus Cristo, adesão plena e sincera à Sua Pessoa e decisão de O seguir. A fé é um encontro pessoal com Jesus Cristo, é tornar-se Seu discípulo. Isso exige o empenho permanente de pensar como Ele, de julgar como Ele e de viver como Ele viveu. Desse

modo, o crente une-se à comunidade dos discípulos e assume como sua a fé da Igreja” (DCG 53).

“Este «sim» a Jesus Cristo, plenitude da revelação do Pai, encerra em si uma dupla dimensão: a entrega confiante a Deus e a adesão amorosa a tudo aquilo que Ele nos revelou. Isto só é possível através da acção do Espírito Santo” (DCG 53).

Em síntese, a adesão a Jesus Cristo origina uma transformação no modo de viver e dá início a um processo de conversão permanente que durará toda a vida.

III. DESTINATÁRIOS

A primeira fase do Programa Nacional de Catequese de Infância e Adolescência destina-se às **crianças de 6-9 anos**, o que corresponde aos três primeiros anos do ensino básico. É a primeira vez que entram em contacto com a escolaridade formal e, provavelmente, com a catequese paroquial.

A linguagem da Bíblia, a mais utilizada na catequese, é uma *linguagem religiosa*, fundamentalmente *simbólica*, na qual se tenta unir o Transcendente à vida humana. É por ela que se procura ajudar a criança a entender a Boa Nova e a aprender a comunicar com o Deus que Jesus nos revelou.

Assim, o despertar religioso e a iniciação à fé cristã passam pela aprendizagem da linguagem simbólica, uma vez que, se esta não for utilizada na catequese, a criança fica incapacitada de aceder ao Mistério de Deus e de poder expressar a sua fé. Mas a aprendizagem da linguagem simbólica apresenta dificuldades pedagógicas, nomeadamente de natureza cultural, pois vivemos num ambiente de positivismo na sociedade actual e temos de contar com o realismo psicológico da infância que, geralmente, acompanha os primeiros anos de contacto com escolaridade.

De entre as **características desenvolvimentais** da criança desta idade, sublinhamos alguns dos aspectos mais relevantes de um processo em que a criança está a crescer em todas as dimensões da sua personalidade e experiência: física, intelectual, emocional e espiritual.

a) **Desenvolvimento fisiológico**

Dos seis aos oito anos – O rápido crescimento ponderal, o fortalecimento de ossos e músculos e o amadurecimento do sistema nervoso permitem que a criança realize uma intensa e cada vez mais sofisticada e controlada actividade física: correr, saltar, mexer, construir, desenhar. Este crescimento, saudável, favorece as exigências de actividade da criança que, de um ponto de vista cognitivo e afectivo, tem necessidade de um contacto directo com o mundo e as coisas que a rodeiam: explora, questiona activamente, “aprende a fazer, fazendo”.

Ao aproximar-se dos 9 anos – Entra numa fase de certa estabilidade que antecede as grandes mudanças fisiológicas que irá sofrer com a puberdade. O controlo motor, grosso e fino, está muito aperfeiçoado.

Para os rapazes é a idade da força, em que o jogo físico continua a dominar a sua forma de se relacionar com o mundo à sua volta.

As meninas procuram brincadeiras mais calmas: conversam entre si e começam a partilhar os primeiros segredos.

b) Mudanças psicológicas

Dos seis aos oito anos – Aos seis anos, gosta muito de ouvir histórias, por vezes não conseguindo distinguir o real do imaginário, uma vez que capta a realidade de modo indistinto e global, segundo um mesmo plano: a realidade concreta (pessoas à sua volta) e a realidade invisível (personagens religiosos e dos contos). Só perto dos sete anos começa a distinguir o real do imaginário, o concreto e o invisível. O concreto é **verdadeiro e real**. O que não se pode ver ou tocar é **falso**.

Começa a desenvolver a sua capacidade de raciocínio objectivo - idade de razão - mas perde em sensibilidade e criatividade, o que, por vezes, dificulta a educação artística, emocional e religiosa. Compreende ideias simples, mas não de natureza ou modo abstracto e apercebe-se de alguns dos problemas que a envolvem. Vai desenvolvendo progressivamente a capacidade de se exprimir de acordo com a realidade que vive, aprendendo a rotular não só objectos e acontecimentos que estejam a ter lugar, mas ideias, sentimentos e experiências registadas na memória.

Ao aproximar-se dos 9 anos – Continua a gostar de ouvir histórias e, até, de as ilustrar e escrever, mas já distingue o real do imaginário, sobretudo em situações correntes.

É já capaz de pensar, de raciocinar, pois o seu pensamento é lógico-concreto, isto é, raciocina com base em dados concretos de um problema, dados que pode manusear directamente. A sua **inteligência** permanecerá ligada à **realidade concreta** até à puberdade.

- Esta forma de pensar limita a aplicação de um raciocínio lógico apenas a realidades estritamente concretas.
- No entanto, o seu desenvolvimento emocional e estético – quando devidamente estimulado - permite que a criança admita que a **realidade** pode ser percebida a partir de **duas dimensões**, uma **concreta**, prática, útil, e outra **simbólica**, aberta a sentimentos humanos, às experiências e à transcendência.

Tem já uma certa consciência de si e das suas capacidades.

c) Transformações emocionais

A criança precisa de um clima de confiança, de ternura e alegria, para que se sinta bem e o seu crescimento seja harmonioso e feliz. O afecto e o carinho, dispensados pelos adultos (pais, catequistas e professores), exercem uma enorme influência no seu

desenvolvimento e permitem que estes possam educar pela modelagem, isto é, servindo de modelos que a criança – porque os aprecia e respeita – observa atentamente e imita com gosto. Este tipo de aprendizagem está presente em todo o processo de socialização, de aquisição de padrões culturais de uma sociedade, de que é a base, isto é, o processo pelo qual aprendemos os comportamentos pelos quais nos integramos no nosso grupo social.

Dos seis aos oito anos – A criança encontra o clima amoroso, receptivo, aceitante e educador de que necessita, sobretudo e de um modo particular nos pais. Esta situação manter-se-á quase inalterável até ao início da adolescência, em que muda de forma, mas não de substância, e a sua falta ou constrangimento tem um penoso e negativo efeito em todo o processo desenvolvimental da criança. Porque os pais são as pessoas que mais ama, em quem mais confia e aquelas que melhor conhece e compreende, constituem para ela um convite ao desenvolvimento de sentimentos amorosos intensos, constituindo-se como principais modelos e pontos de referência. A imagem de Deus como Pai e Amigo deve apoiar-se nesta ligação afectiva e na concepção positiva que, regra geral, a criança tem dos pais, pois há uma estreita relação entre o comportamento dos pais e a construção cognitiva e afectiva que as crianças fazem da ideia de Deus. A sua independência afectiva dos pais só terá lugar nas etapas finais da adolescência, quando termina o processo de construção da identidade e quando a personalidade está praticamente estruturada, o que em nada limita a influência dos pais na formação dos filhos e nas suas características de personalidade e que é a mais duradoura e profunda influência que sofre o ser humano.

Aos nove anos – Se bem educada e fortalecida nas suas relações sociais, a criança reage às pessoas e situações de forma bastante estável, mas muito global e ainda com base, sobretudo, na componente afectiva, o que sublinha o encanto que tem o trato com as crianças desta idade, não só capazes de estabelecer laços fortes e duradouros com os educadores, como de experimentar e exprimir muitos sentimentos novos e de um modo produtivo. É muito sensível à qualidade de relação que os educadores estabelecem com ela: precisa de se sentir aceite e reconhecida por eles, estimulada a crescer, progredir e realizar as tarefas com gosto e autonomia. A confiança em si própria e nos seus recursos pessoais deve ser estimulada, evitando-se – pelo apoio dado pelo educador, pelo bom uso das regras e do seu treino – que as crianças sofram situações de insucesso, sob pena de desenvolverem sentimentos de inferioridade que conduzem à adopção de mecanismos de defesa como a preguiça, a falta de entusiasmo pelo trabalho, a apatia e o desinteresse.

d) Processo de socialização

Dos seis aos oito anos – O egocentrismo, característico da etapa anterior, entra em regressão, conforme se alarga a sua inteligência e experiência vital. A escola desempenha

um papel muito relevante, pois se o Jardim de Infância é percebido como uma segunda família, a escola é, verdadeiramente, uma pequena sociedade, em que cada turma é uma unidade social com um líder, e as diferenças de comportamento e atitude podem ser observadas e experimentadas, tanto na relação com os adultos como com as crianças que estão a ser sujeitas a padrões educativos que não lhe são familiares. O seu interesse e capacidade de se relacionar com os outros aumentam, e a criança encontra-se num processo de desenvolvimento e integração social muito rico, em que fazer amigos e realizar “coisas” em conjunto – jogos, actividades escolares, passeios... – é muito intenso e divertido, sobretudo quando proporcionam algumas oportunidades de competição saudável e mitigada. Assim, começa a alargar o seu círculo social com os amigos e vizinhos, à medida que vai contactando com novas realidades: a escola, a catequese, o bairro... A relação que estabelece com os companheiros de escola e brincadeira é homogénea e de igual para igual. Vai formando um grupo de iguais em que as lideranças são instáveis e brandas.

Aos nove anos – A vida na escola e nos espaços educativos fora de casa deve estar estabilizada e ser confortável e interessante, pelo que a criança deseja a companhia dos outros, gosta de estar e de brincar com amigos e colegas, de participar e colaborar, começando a aceitar as regras do jogo, quer no convívio em geral quer nas actividades lúdicas, considerando-as quase sagradas é capaz de assumir, com interesse e gosto, responsabilidades perante os outros, de os respeitar e aceita as pessoas de forma generosa e sem grande distinção.

Entregando-se com generosidade ao trabalho – que realiza com brio e entusiasmo, embora os resultados possam ser irregulares – como aprecia a integração em actividades de grupo. A convivência comunitária é muito do seu agrado.

e) **Desenvolvimento moral**

Dos seis aos nove anos – A moralidade nesta idade parece surgir espontaneamente, pela facilidade e motivação para imitar alguém de quem gosta e com quem se identifica, mas a moralidade das crianças e adolescentes, realmente, desenvolve-se na relação entre pares e na administração das experiências quotidianas, já que durante toda a infância tem uma orientação heterónoma de evitação do castigo e de tentativa de agradar à autoridade do adulto. De facto, a qualidade particular do desenvolvimento moral das crianças é formada pela natureza das relações que as crianças estabelecem entre si. As crianças têm amigos, uma família e alguns objectos da sua posse, assim como obrigações em casa, tais como obedecer e ajudar. E entre os pares, há trabalho e padrões de conduta a respeitar, nomeadamente na escola. Também são expostas aos padrões da sua sociedade e lidam habitualmente com figuras de autoridade. Assim que a criança está em condições de comunicar com as outras pessoas, tem acesso a valores e crenças.

À medida que os anos passam, desperta para o sentido da responsabilidade e da justiça, começa a distinguir o bem do mal e a consciencializar a opção das suas acções – inicia o desenvolvimento da sua consciência moral através da percepção que vai tendo das emoções morais – empatia, culpa, vergonha – que determinados actos seus geram, e de um modo bastante físico, como a ansiedade provocada pela culpa e o mal-estar que esta provoca. Por outro lado, se as crianças experimentam muitos dos sentimentos morais dos adultos, também são capazes de ter vontade própria, usando-a para fazer escolhas morais: partilhar, ser generoso, ter cuidado com alguém, ser honesto perante as pressões dos outros, ser leal e muitas outras, percebendo, cada vez melhor, o valor moral das acções e fortalecendo um crescente sentido de responsabilidade e justiça na relação com os outros.

f) A nível religioso

Dos seis aos oito anos – Nascimento do sentimento religioso: pelo seu desenvolvimento cognitivo da comunicação e da representação da realidade, a criança articula o conceito de Deus, e porque a estruturação da relação com a mãe (comunicação e estruturação emocional) e com o pai (segurança e interiorização das normas) a amadureceram consideravelmente, a criança pode entrar em relação com Deus a partir da sua identidade e autonomia crescentes. A perda da onnipotência parental, que se inicia por volta dos 9 anos, abre passo a Deus no seu coração. A socialização e educação religiosas têm grande importância, pois não proporcionar o despertar religioso e não educar a dimensão religiosa da personalidade, não permite a abertura ao transcendente, ao mistério que explica as razões e as dúvidas profundas do ser humano e que a criança, de algum modo, já vai vivendo. A oração e os relatos sagrados provocam interesse e prazer, evidenciando a importância da imaginação nos processos educativos da fé. Aceita os ensinamentos, sem contestar, e traduz as ideias mais complexas ou abstractas naquilo que lhe é familiar, o que dificulta a formação de ideias correctas em torno de algumas questões teológicas mais difíceis.

A experiência religiosa deve ser vivida como natural, no mesmo plano da vida humana, através do desenvolvimento das virtudes teológicas e da experiência social e afectiva, sempre num clima afectuoso que evite o temor. O educador deve considerar a hipersensibilidade à observação dos adultos, mostrando-se como um exemplo de experiência religiosa e tendo em conta a importância da coerência e sintonia do comportamento adulto. A aquisição de hábitos de piedade é relevante, compreendendo o seu sentido, assim como o treino da aquisição das virtudes morais e hábitos de convivência, educando com firmeza e tolerância.

A criança tem uma relação com Deus muito dominada pela emoção e o sentimento. Daí a oportunidade de se usar o símbolo como meio para aprofundar essa relação, assim como a relação no grupo da catequese. A religião, descobre-a a partir de “coisas” concretas: A **oração** está ligada a um lugar (igreja); a **Palavra de Deus** é um livro; a **cruc** um objecto religioso. Não consegue libertar-se do concreto nem compreender o

sentido simbólico da realidade, mas sim de o “perceber” como condição imanente das coisas e situações. Assim, se o sentido da oração, da Palavra, da cruz se pode limitar só ao que vê, também pode adquirir o seu sentido pleno através da sensibilidade, da intuição, do trabalho dos sentidos e dos sentimentos.

Acontece algo semelhante quanto às implicações **morais da Religião**. A criança limita-se a fazer coisas (obedecer, não mentir, ajudar, rezar), se correremos o risco de propor a fé como uma lista de obrigações comportamentais. Mas se soubermos introduzir a noção de compromisso cristão como uma acto de amor, lho demonstrarmos e o centrarmos, não em generalidades, mas na sua vida quotidiana de relações interpessoais próximas e fortes, a criança aprende a iluminar a sua vida e a formar a sua consciência a partir da sua quase ilimitada capacidade de amar os pais e a família, os educadores, os colegas e Deus.

Aos nove anos – Na vivência da sua fé, ultrapassa o círculo familiar e integra-se com gosto na comunidade cristã. Tem gosto em vivenciar a sua fé de um modo activo, particularmente em celebrações em que se integre na comunidade e em que desempenhe um papel concreto.

Estando na fase do realismo religioso infantil, gosta de saber muitas “coisas” sobre a fé e a religião, mas demorará muito até ter capacidade de abstracção, embora esta seja importante para a espiritualização de Deus que está na base da personalização da fé que ocorre na adolescência. Como as competências linguísticas – escritas e orais – estão numa fase de expansão, pode aprender a expressar-se com uma linguagem mais adequada ao sentido das coisas, se para isso for ensinada. Tem facilidade em captar os valores cristãos na vida dos adultos, se eles forem vividos e testemunhados com coerência.

Até aos 10 anos deve ser adequadamente ensinada sobre as verdades centrais da fé, proporcionando-se uma bem adaptada aprendizagem que conduza a uma verdadeira iniciação cristã, mas feita de modo a respeitar as suas características psicológicas e sociais: a preocupação dos educadores deverá centrar-se nas linguagens utilizadas, pois quase tudo pode ser ensinado, desde que adequadamente traduzido. Esta preocupação é muito importante, pois, quando começar a rejeitar a religiosidade infantil, no início da puberdade e adolescência, e a entrar no processo de profunda reestruturação e revisão crítica da atitude religiosa recebida por tradição, principalmente na família, convém que as suas ideias sejam correctas, claras e justificadas, e que a sua inserção eclesial tenha sido conseguida, sob pena de optar pela indiferença religiosa.

IV. OBJECTIVOS

A catequese eclesial tem como objectivos a transmissão do conteúdo integral da fé e a inserção na vida da comunidade. Tendo em conta a progressividade da catequese, propõe-

se nesta primeira fase a inserção e o acolhimento na comunidade, pelo despertar religioso, a iniciação à vida cristã e à celebração dos sacramentos, principalmente do Baptismo, sobretudo para quem é catecúmeno, da Reconciliação e da Eucaristia, para os já batizados.

Na definição destes objectivos, devem ter-se em conta os seguintes aspectos fundamentais:

- Partindo da situação específica de cada criança, é nesta fase que ela desperta para a fé e a adesão a Jesus Cristo.
- Importa ajudá-la a descobrir Deus Pai e Jesus Cristo à luz do Evangelho.
- Partindo das experiências quotidianas, procure-se facultar a possibilidade de iluminar a sua vida com os valores do Reino.
- Trata-se de propor uma catequese activa, que permita à criança fazer uma caminhada na descoberta da presença do Outro (Deus) e dos outros, em comunidade.

OBJECTIVOS GERAIS DA PRIMEIRA FASE

- Aderir a Jesus Cristo, pelo conhecimento e a vivência do Mistério Cristão (cf. CT 20).
- Inserir-se gradualmente na vida litúrgica da Igreja: oração, descoberta do significado dos sacramentos, principalmente do Baptismo, da Eucaristia e da Reconciliação (cf. CT 23 e 37).
- Desenvolver atitudes de fé, como resposta ao amor de Deus.
- Aprender a ser cristão ou discípulo de Jesus e a integrar-se progressivamente na comunidade cristã.

OBJECTIVOS GERAIS DE CADA ANO

1º ANO – “JESUS GOSTA DE MIM”

- Proporcionar às crianças um bom acolhimento eclesial, pelos catequistas e por toda a comunidade cristã (cf. CT 16 e 24).
- Ajudá-las a conhecer, de modo vivencial e de acordo com as suas capacidades, alguns dos principais mistérios da fé cristã: Deus, Criador e Amigo que cuida de nós; Jesus, na sua relação única com o Pai e o Espírito Santo; a Igreja, como família de Deus.
- Motivá-las para a adesão a Jesus e a celebração da fé na comunidade cristã, levando-as a participar na sua vida litúrgica e experiência de oração.
- Ajudá-las a assumir atitudes de louvor, de gratidão e de amor a Deus e aos irmãos.

2º ANO – “ENSINA-NOS A REZAR”

- Proporcionar às crianças um maior conhecimento de Jesus, como Filho de Deus, em ordem a um encontro mais pessoal e íntimo com Ele (cf. CT 5).
- Levá-las a descobrir que o Pai de Jesus é também nosso Pai e que, por isso, em união com Jesus todos somos irmãos.

- Aprofundar a sua adesão a Jesus e a sua experiência de fé, na comunidade cristã a que pertence, continuando a integrá-las na vida litúrgica e de oração.
- Ajudá-las a assumir atitudes de escuta, obediência, respeito, verdade e amor a Deus e aos irmãos.

3º ANO – “QUEREMOS SEGUIR JESUS”

- Motivar as crianças para o seguimento de Jesus e a consequente inserção na Igreja.
- Aprofundar o seu conhecimento vivencial do mistério cristão.
- Despertá-las para a conversão e adesão a Deus, em ordem à educação moral da consciência.
- Levá-las a participar activamente na vida litúrgica, a fazerem experiências de oração e a prepararem-se para a celebração dos sacramentos (do Baptismo, se ainda o não receberam) da Eucaristia e da Reconciliação.

V. CONTEÚDOS

No centro do itinerário catequético da primeira etapa da infância, está a descoberta da pessoa de Jesus Cristo e o encontro com Ele. Ele é “o Caminho, a Verdade e a Vida; e a vida cristã consiste em seguir a Cristo” (CT 5).

1º ANO – “JESUS GOSTA DE MIM”

“Jesus chama-nos” – 1º bloco

No primeiro bloco, os catequizandos são levados a descobrir que são chamados por Jesus para a catequese e, se for o caso, a fazerem o seu despertar religioso.

Assim as primeiras catequese são essencialmente de descoberta:

- da existência de Jesus como Amigo e, por meio d’Ele, de Deus Amigo e Criador, que cuida de nós e nos faz crescer, nos fala através de sacerdotes, leitores e catequistas;
- dos vários espaços da Sua casa e do grupo dos Seus amigos, a comunidade cristã que os acolhe e na qual são convidados a integrar-se.

Nas últimas catequese, as crianças descobrem Maria como a escolhida por Deus para ser Mãe de Jesus. Ela acolhe, na anunciação, o dom de Deus: ser Mãe do Seu Filho Jesus. No seguimento disto, as crianças são iniciadas na descoberta do verdadeiro sentido do Natal.

“Um Menino chamado Jesus” – 2º bloco

No segundo bloco, Jesus é apresentado, em primeiro lugar, como um Menino que cresce em estatura, em sabedoria e graça: que ama e é obediente aos seus pais, de modo especial ao seu Pai do Céu. Após este contacto com Jesus, as crianças são levadas a vê-lo como o grande Amigo que nos ama, até dar a vida por nós, e nos revela o modo de comunicar com Ele e O amar.

Na parte final, são convidadas a ver e a viver em comunidade a Páscoa, como a festa que celebra a ressurreição de Jesus.

“Nós somos do grupo de Jesus” – 3º bloco

Os últimos encontros realizam-se no contexto do tempo pascal. As crianças, como os discípulos de então, são convidadas a anunciarem a Boa Nova de que Jesus ressuscitou e actuou no meio de nós, nomeadamente através da presença do Espírito Santo. Deste modo a própria criança entra no mistério: é o Espírito Santo que faz crescer o número dos cristãos e que Jesus esteja para sempre connosco.

No decorrer deste primeiro ano, as crianças são convidadas a assimilar e memorizar as seguintes **fórmulas, para exprimirem a sua fé**: Ave-Maria, orações da manhã e da noite, sinal da cruz, Glória ao Pai e outras orações simples de louvor e ainda breves textos bíblicos.

2º ANO – “ENSINA-NOS A REZAR”

No 2º ano, procura-se aprofundar o conhecimento de Jesus e de outros conteúdos introduzidos no 1º ano. Nesta continuidade temática, respeitem-se as características psicológicas dos destinatários.

“Queremos conhecer Jesus” – 1º bloco

Nos primeiros encontros, aprofunda-se o conhecimento de Jesus, retomando-se temas apenas introduzidos no ano anterior. Assim, Jesus é apresentado como uma pessoa que, sendo em parte como nós, gostamos de escutar e de seguir como modelo. Com Ele, as crianças são motivadas para amar, respeitar, obedecer e dizer a verdade, na catequese, em família, na escola e na comunidade a que pertencem.

Nas catequese antes do Natal, Jesus é apresentado como o Filho de Deus, o Deus connosco. Pela sua encarnação, Deus dá-nos Jesus; e Maria, sua Mãe é, por isso, a bendita entre as mulheres.

“Aprendo a dizer «Pai Nosso»” – 2º bloco

Após o Natal, o Baptismo de Jesus é visto como manifestação do amor de Deus Pai e arranque da sua actividade messiânica de anunciar o Reino de Deus.

É dele que, nos encontros seguintes, Jesus nos fala: como seu Pai e nosso Pai. Com isso, e ao mesmo tempo, as crianças vão sendo progressivamente introduzidas na oração que Jesus nos deixou como modelo. À medida que a vão aprendendo e compreendendo o sentido das suas palavras, serão motivadas para fazerem dela a expressão da sua fé e serão iniciadas na oração, nomeadamente, na oração em Igreja.

Termina-se com uma referência vivencial ao Mistério Pascal: Jesus, entregando-se ao Pai pela oração, deu a vida por nós e, pela ressurreição, venceu a morte.

“Em Jesus somos irmãos” – 3º bloco

Nestes encontros, as crianças são levadas a redescobrir e a celebrar, em comunidade, que Jesus Cristo está vivo e vive connosco, pelo Espírito Santo que faz de nós Filhos de Deus, irmãos em Cristo e membros da Igreja, principalmente pelo Baptismo.

Tema dos últimos encontros é o mandamento do amor a Deus e ao próximo, ensinado por Jesus durante a sua vida pública e realizado por Ele sobretudo na sua morte e ressurreição. Encerra-se o ano com a entrega solene da oração do Pai-Nosso, no seio da comunidade.

Ao longo deste ano, as crianças são convidadas a assimilar e memorizar as seguintes **fórmulas com que exprimem a sua fé**: Pai-Nosso, orações antes e depois das refeições, algumas fórmulas litúrgicas, breves textos bíblicos e pequenos extractos de salmos de louvor.

3º ANO – “QUEREMOS SEGUIR JESUS”

No 3º ano continua a aprofundar-se a fé e a adesão a Cristo e a incentivar-se a uma maior inserção na comunidade, no respeito pela evolução das características psicológicas das crianças.

“Eu creio!” – 1º bloco

Até ao Natal procura-se que as crianças, ao aprofundar a sua fé em Deus e em Jesus, se disponham a segui-l’O, possam confessar de modo convicto: “Eu creio que sois Cristo!” e celebrar, na comunidade cristã a que pertencem, o Amor de Deus por todos os seus filhos, experimentado e assumido sobretudo no Baptismo.

No tempo do Advento são preparadas para a vinda do Senhor, na perspectiva do seguimento de Jesus: respondendo ao convite de João Baptista, olhando para José, pai adoptivo de Jesus, como um homem justo e associando-se a Maria no acolhimento do Filho de Deus.

No Natal é acentuada a sua dimensão familiar e eclesial, relacionando-a com o Baptismo e a felicidade de pertencer a Cristo.

“A vida nova” – 2º bloco

As crianças, após uma síntese sobre o Baptismo, são introduzidas nos restantes sacramentos da iniciação cristã, com especial relevo para o da Eucaristia; são ainda preparadas para o sacramento da Penitência, até à sua celebração. Havendo tempo, aprendem também a conhecer e viver o outro sacramento de cura, a Unção dos Enfermos. Em todos eles, são motivadas para acolher a vida nova que Deus, por meio deles, lhes oferece, sempre na perspectiva do seguimento de Jesus e como membros activos da comunidade cristã, vista primariamente como corpo de Cristo.

Para a celebração da Penitência, são confrontadas, primeiro, com o pecado – como rejeição livre e destrutiva do amor de Deus, proposto por Jesus e vivido em Igreja – segundo, com a oferta do perdão – também ela expressão do amor paciente e paterno de Deus – em ordem a acolhê-lo, pelo reconhecimento da culpa e pela conversão, principalmente na festa do perdão.

Na vivência do Mistério Pascal, é realçado significado da última Ceia de Jesus, como memorial eucarístico da sua morte e ressurreição.

“A comunhão com Cristo e os irmãos” – 3º bloco

Depois da preparação no bloco anterior, este começa com a celebração da Primeira Comunhão, dada a relação íntima entre a Eucaristia e o acontecimento pascal. Segue-se um aprofundamento do mistério eucarístico, de carácter mistagógico, isto é, a partir da vivência eucarística das crianças, no qual é inserido também o Domingo, como dia especial da Eucaristia, vivida em Igreja.

Os sacramentos do serviço de comunhão (Ordem e Matrimónio) aparecem enraizados no mesmo dom da vida por parte de Jesus e como contributo imprescindível para a construção da Igreja.

Depois de uma visão de conjunto de todos os sacramentos, na sua relação com as principais etapas da vida cristã, as crianças são motivadas para se manterem no seguimento fiel de Jesus, designadamente pela participação comunitária na Eucaristia.

Ao longo deste ano, as crianças são levadas a assimilar e memorizar breves e variadas sínteses dos conteúdos de cada encontro catequético, com relevo para as **orações e fórmulas expressivas da sua fé**, usadas principalmente nas celebrações **da Eucaristia e da Penitência**.

VI. ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Como diz o Directório Geral da Catequese, “a tarefa do catequista é proporcionar o verdadeiro encontro da pessoa com Deus, o que significa proporcionar-lhe que ela faça da sua relação com Deus uma relação central e pessoal, para se deixar guiar por Ele” (DGC 139). Assim, todo o método empregado na catequese está ao serviço da conversão entendida como adesão afectiva e efectiva à pessoa de Jesus Cristo.

É para esse encontro que se orienta a pedagogia catequética, inspirada e modelada pela pedagogia de Deus e que procura essencialmente situar o homem na história do povo de Deus e educá-lo no seguimento de Cristo. A pedagogia divina – do dom, da encarnação e do sinal - é fonte inspiradora da pedagogia da fé (cf. DGC 143).

A metodologia proposta vai ter em conta, por um lado, as características psicológicas da criança e a sua situação familiar, social e eclesial; por outro, os conteúdos doutrinários, apresentados de uma forma orgânica e progressiva.

Pretende-se, assim, respeitar a lei fundamental da catequese: fidelidade a Deus e ao homem. Podem encontrar-se sinais da revelação divina na experiência de cada um. O importante é saber captá-los e aprofundá-los.

A forma de concretizar esta dupla fidelidade varia consoante as acentuações de cada catequese e a situação do grupo dos catequizandos.

Por exemplo, para as crianças provenientes de um ambiente descristianizado, a abordagem aos sinais e às palavras eclesiais tem de ser mais lenta e simples, porque em nada estão familiarizadas com estes. Também a vivência num ambiente centrado, apenas, nas dimensões científico-técnicas da realidade tende a fechar a pessoa ao transcendente. Por outro lado, as crianças de meios rurais convivem mais com os elementos da natureza e talvez estejam mais dispostas para os interpretar à luz da fé. As crianças de meios urbanos talvez estejam mais familiarizadas com os meios audiovisuais e tenham uma maior riqueza de linguagem icónica. Para todos, geralmente se verifica que apresentam algumas dificuldades ao nível da linguagem verbal oral, com um vocabulário empobrecido pelo detrimento a que o uso da imagem o vota e, conseqüentemente, apresentam, nestes três anos, menos progressos na leitura e na escrita do que seria de esperar.

Outra realidade que condiciona as crianças e se deve ter em conta na catequese, é o ambiente familiar: estrutura familiar, vivência do amor, situação económica, participação na vida da comunidade cristã, etc. Particular cuidado merecem as crianças em situação de institucionalização ou, por qualquer motivo, afastadas do seu núcleo familiar de origem. Muitas haverá que vivem apenas com um dos membros do par parental e, até, entregues aos avós. Todas estas situações merecem um cuidado extremo e muita delicadeza no trato.

Para responder a esta diversidade de situações propõem-se, habitualmente, duas **alternativas** em cada catequese, podendo ser mais. Estas alternativas organizam-se em função da sua riqueza e potencial educativo, sendo que, geralmente, a primeira alternativa é a ideal. Só o catequista que conhece o contexto sócio-religioso do seu grupo e os recursos pessoais e materiais em que actua, está em condições de fazer a opção acertada, consciente de que a mais produtiva também é, geralmente, a mais trabalhosa. Haverá casos em que nenhuma das propostas apresentadas possa ser seguida. Para essas situações são ainda mais necessárias a sensibilidade e a criatividade do catequista que, a partir da introdução e dos objectivos, procurará planificar a catequese de modo a permanecer fiel ao programa de cada catecismo.

Outra preocupação pedagógica importante é a de estabelecer uma ligação entre a vida dos catequizandos e a mensagem que vai sendo proclamada, em ordem à sua compreensão e aceitação. Sob este ponto de vista, o catequista deve ter presente tanto a importância da vida familiar – pelo que procurará conhecer as famílias e, tanto quanto possível, interagir com elas – como da vida na escola, espaço de relação com os pares,

de descoberta da diversidade social e ocupação quotidiana de larga duração. É nestes espaços, também, que as crianças vão poder colocar em prática os seus propósitos de nova vida em Cristo, pelo que a catequese deve reconhecê-los e acarinhá-los.

Para tudo isto, exige-se de cada catequese uma dinâmica activa que proporcione a participação constante e gere unidade entre a fé e a vida. Igualmente relevante é a capacidade do catequista para avaliar a evolução de cada criança e as ensinar a avaliar a sua própria vivência. É reconhecendo os seus esforços e verificando os seus resultados que caminham no aperfeiçoamento da mente e do coração.

2. Sem pretender que cada catequese seja rigidamente compartimentada, mas apenas para uma maior facilidade didáctica, os encontros apresentam-se organizados em três momentos:

Experiência humana

A experiência humana é o caminho para chegar ao conhecimento de si mesmo, ao encontro com Deus e à verdade das coisas. São as experiências que já vivemos que nos convidam a entrar mais profundamente na realidade e a vincular-nos com o que ela suponha e signifique. O sentido da vida – e também da vida na fé – vai-se construindo com a adaptação à realidade, a auto-descoberta das nossas possibilidades e a comprovação do que é possível fazer para mudar e melhorar a realidade.

Como o humano é o lugar idóneo, imediato e universal em que cada pessoa define o sentido da sua vida, do ponto de vista da pedagogia catequética compreende a vida humana e cristã das crianças e a sua capacidade de reflexão sobre ela numa matriz espiritual e religiosa de natureza existencial.

Todo o ser humano, como imagem de Deus, está aberto ao mistério. Precisamente por isso, quando reflecte de um modo mais profundo sobre a sua experiência, sente que tem sede de algo mais do que aquilo com que, imediatamente, se depara. É para saciar essa sede que é oferecida a vida que jorra do mistério de Cristo; é nas interrogações que se nos levantam que Deus aparece como resposta à procura da parte da pessoa. O que está em causa é a “atenção constante ao ser humano” (ATV, Orientações 6) e a noção de que, como a fé, de que forma parte, a experiência religiosa tem a sua origem na presença do mistério e na iniciativa que esta presença origina. Deus está presente no ser e na vida quotidiana da pessoa. Esta presença, por ser pessoal, reclama a liberdade do sujeito, requer o seu reconhecimento; e a experiência humana de cada um pode potenciar ou dificultar esse reconhecimento e aceitação. Para que a voz de Deus possa ser ouvida, a pessoa, desde a infância, deve aprender a olhar e olhar-se para além da sua superfície, a exercitar o seu espírito e a capacitar-se para, por si mesma, descobrir a presença de Deus e lhe dar uma resposta adequada.

Neste quadro, a experiência humana, como aqui a invocamos, deve proporcionar reflexão, gerar desejo de Deus e deixar transparecer os signos de transcendência presentes na vida das crianças enquanto percebidos por estas, isto é, oportunidades estruturadas de iluminar e interpretar a experiência à luz da fé.

Palavra

A palavra tem três funções: nomear a realidade, expressar a realidade interior do ser humano e interpelar. Por sua vez, a Palavra de Deus consiste na comunicação – nomeação, expressão e interpelação – da mensagem cristã, para dar sentido à existência humana e abrir ao mistério da salvação. A semente da Palavra frutifica na mente e no coração humanos por acção do Espírito e, embora a fé tenha um importante papel que escapa ao catequista, é necessário trabalhá-la quanto às condições humanas da pessoa ou a sua situação.

Neste sentido, o trabalho pedagógico em torno da Palavra deve educar para a admiração, desenvolver o sentido do profundo e despertar para ver para além das aparências. É também essencial que se criem condições para o compromisso da criança com o mundo, facultando-lhe um vocabulário que lhe permita compreender e expressar o seu mundo interior e a sua percepção do mundo exterior, desenvolver a capacidade de escuta e de comunicação e educar o sentido da responsabilidade perante o mundo concreto em que vive, adoptando compromissos de acordo com as suas descobertas.

A palavra de Deus – que devido à dimensão cristocêntrica da revelação bíblica (Cristo como chave de tudo e eixo da história da salvação) é, nestes catecismos, sobretudo do Novo Testamento – vem iluminar a experiência humana. A catequese “deve estar totalmente impregnada pelo pensamento, o espírito e as atitudes bíblicas e evangélicas, através de um contacto assíduo com os próprios textos” (CT 27).

Expressão de Fé

Trata-se da manifestação de fé nas suas diferentes formas: proclamação de verdades reveladas, oração em sentido mais restrito, celebração e compromisso cristão na vida. Quando o catequizando for capaz de confessar a fé, na sua vida, em Igreja, com a sua memória, inteligência e coração, o processo catequético chegou ao seu cume. Porquê? Na confissão de fé, que une a catequese ao Baptismo, dá-se o encontro de comunhão com Jesus Cristo.

A finalidade da acção catequética é precisamente a de proporcionar a viva, explícita e operante profissão/expressão da fé, pelo que a catequese é sempre uma iniciação sistemática e ordenada à revelação de Deus, feito homem em Jesus Cristo, conservada na memória da Igreja e comunicada pela tradição viva e activa (cf. DGC 66).

É neste âmbito que se situa a relação entre **a catequese e a liturgia** que, no entanto, se tem fragilizado, talvez pelo facto de os catequistas se preocuparem, sobretudo, com acentuar a dimensão antropológica da catequese e o compromisso com a transformação da realidade mundana. Mas a liturgia, considerada na sua globalidade, tem uma clara

dimensão educativa. Catequese e liturgia são duas dimensões de uma mesma realidade. Por um lado, toda a celebração tem uma dimensão catequética: proclama-se a Palavra de Deus e esta é explicitada e vivida, através da homilia e dos ritos, para que o crente capte a actualização da salvação de Deus, aqui e agora, para a comunidade celebrante. Por outro lado, a catequese tem de iniciar à celebração litúrgica, já que ela “é uma formação cristã integral, aberta a todas as esferas da vida cristã. Em virtude da sua mesma dinâmica interna, a fé pede para ser conhecida, celebrada, vivida e feita oração. A catequese deve cultivar cada uma destas dimensões” (DGC 84).

Esta questão é ainda mais relevante numa fase do itinerário catequético, como esta, cujo objectivo é a educação e iniciação sacramental dos crentes, a partir da riqueza e beleza dos ritos, gestos, símbolos, atitudes, calendário litúrgico, etc, constitutivos das celebrações. Com a vantagem de ser a mais activa das pedagogias: experimenta a presença e acção de Cristo na Sua Igreja.

Por isso, os momentos de expressão de fé semanais devem ser bem preparados e sentidos pelo catequista. Apesar de, na maioria dos casos, ser um dos momentos finais de cada catequese, não devem ser vividos com pressa e dispersão. É sobretudo nessas alturas que as crianças começam a preparar-se para as Celebrações propostas pelo itinerário, vivendo-as já durante a sua preparação.

Um dos seus maiores resultados está em levar a entender e viver toda a vida como celebração: como oferenda espiritual do crente no seu dia-a-dia (cf. DGC 87), vivido na presença de Deus, que chama continuamente a sair da morte para a vida, como Cristo e com Ele. Toda a vida se converte, assim, numa expressão de fé que actua pela caridade.

3. Para a preparação de cada encontro são apresentadas algumas **observações pedagógicas**. Com elas se pretende despertar o catequista para a necessidade de uma pedagogia activa, participativa e dinâmica, em que se desenvolvam as competências de interpretação, de descoberta, de raciocínio, de leitura simbólica, em que pode entrar o trabalho de grupo, o uso do audiovisual, actividades artísticas (como a pintura, o desenho, o jogo, a dança e a música).

As crianças desta fase precisam de um ambiente rico de símbolos litúrgicos e de sinais que manifestem os valores fundamentais do Evangelho e sustentem uma verdadeira experiência religiosa. Elas apreendem mais por imitação e pelo ambiente de fé que as rodeia, do que pelas palavras que ouvem. Daí se conclui que o instrumento pedagógico mais importante do acto de desenvolver e educar a fé é o **testemunho do catequista**, a força emocional e intelectual que coloca na transmissão das verdades da fé e da sua experiência de descoberta e relação com Deus. Portanto, a primeira medida pedagógica ao serviço da catequese é o esforço de aprofundamento e vivência da fé que faz o catequista, na qual a assiduidade aos sacramentos tem um papel fulcral.

Além disto, nesta etapa de crescimento, fazer e construir é mais eficaz do que ver ou assistir, uma vez que os catequizandos se encontram numa etapa caracterizada pela transição do pensamento pré-operatório, pré-lógico, para o raciocínio concreto, em que a capacidade de abstracção e a competência para compreender conceitos de natureza teológica é reduzido. No entanto, essa limitação é bastante compensada pela crescente vontade de aprender, pelo aumento progressivo da capacidade de concentração, pelo gosto que proporciona a descoberta baseada na iniciativa própria e pela disponibilidade e importância do jogo, como treino essencial das competências simbólicas e experiência de criar relação entre o mundo interno da criança e a realidade externa. Por exemplo, participar numa dramatização é mais eficaz do que assistir ou ouvir, apenas, a narração do episódio. Mas a participação activa e criativa dos catequizandos não é só pedida pela sua psicologia ou as leis da comunicação, mas, essencialmente pela **dinâmica interna da revelação cristã**, pela necessidade de exercitar a actividade da fé, da esperança e da caridade (cf. DGC 157).

Além disso, a importância do grupo e o interesse em trabalhar e brincar em conjunto é muito propícia à criação de uma pequena comunidade de fé em que se faz, em conjunto, tanto o que é ordinário como o que é extraordinário. No entanto, deve o catequista ter em consideração que a pedagogia activa e centrada no catequizando – embora seja a mais adequada para lançar e cimentar uma fé viva e consequente e aquela que mais cria na catequese um ambiente de experiência religiosa, e não de aulas – é morosa e exigente. Para que esse clima pedagógico possa ser vivido com o grupo, o bom ambiente no grupo, a relação entre as crianças e de cada uma delas com o catequista – **a relação pedagógica e humana** – constituem os primeiros objectivos a trabalhar, condição indispensável para que o trabalho flua com empenho, participação, concentração e abundante fruto, como se deseja. Caso contrário, a ênfase acaba por ser colocada na manutenção da disciplina e na dificuldade em levar a cabo as estratégias planeadas, e a actividade solicitada às crianças, em vez de concentrar, dispersa.

Nos primeiros anos do itinerário da catequese, isto é, durante esta etapa, para que a criança se vá integrando e amadurecendo as suas atitudes, convém que nos diversos encontros seja ajudada a assumir o ritmo da catequese, através do domínio corporal (ter controlo nas mãos, na boca, nos pés, e em geral, sobre as suas atitudes), da descoberta do valor do silêncio, do gosto pela ordem (entrada e saída ordenada, disposição na sala), da capacidade de escuta, do conhecimento mútuo, do pensamento crítico... Para tal, o catequista recorrerá a jogos, cânticos ou exercícios práticos, sempre que for necessário recordar ou treinar estas aprendizagens atitudinais.

VII. PERFIL DO CATEQUISTA

O catequista é um cristão chamado por Deus para a missão de anunciar Jesus Cristo Ressuscitado e o projecto de Deus para todos os homens. É sob a acção do Espírito Santo que se torna porta-voz duma mensagem de Deus, testemunha do Seu Reino, para as crianças que lhe são confiadas.

O catequista é portador de um convite a cada criança, para que, a partir da sua situação pessoal, inicie o desabrochar da sua fé, a sua adesão a Jesus Cristo e a sua inserção na comunidade cristã, aperfeiçoando progressivamente uma vida teológica alicerçada na razão, nos sentimentos, na actividade e na dimensão comunitária da fé e em que conhecimento teológico, iniciação sacramental, educação moral e introdução na comunidade de crentes se adaptam às crianças e promovem a sua maturidade.

Estas tarefas não são fáceis e, ainda que nenhum catequista, como qualquer educador, seja perfeito, há características que deve ter, procurando desenvolvê-las e aperfeiçoá-las de modo activo e intencional.

a) Fidelidade a Deus e atenção ao grupo

O catequista deve apresentar a mensagem de Deus de um modo, ao mesmo tempo, fiel às mensagens e adaptado ao grupo. Na adaptação, na comunicação da Palavra revelada, "deve permanecer a lei de toda evangelização" (DGC 169).

O catequista partilha a sua fé, que nasce e se alimenta do Evangelho que anuncia. Esta fidelidade exige o respeito pelo sentido original e mais profundo da Palavra, tal qual é entendida pela Igreja. A Palavra não pode ser manipulada por interpretações particulares, modas passageiras ou preferências subjectivas. Esta fidelidade implica também que o catequista não seleccione os aspectos mais fáceis de comunicar, deixando os outros, porventura muito mais importantes, no esquecimento. Implica uma grande humildade diante da Palavra, deixar-se julgar por ela, transformar-se por ela, e não o contrário. Aquilo que deve procurar adaptar é, tão-somente, as escolhas pedagógicas, seleccionando o melhor veículo como aquele que mantém a integridade da mensagem enquanto a torna acessível e aceitável para os destinatários, tal como o próprio Cristo o fez, enquanto pregava.

O catequista tem também de ser fiel ao grupo a que se dirige. Um grupo cristão não é só um lugar de aprendizagem, mas um grupo chamado a viver uma experiência de comunidade cristã que conduz, activamente, à participação na vida eclesial e que tem como fonte e cume a celebração da eucaristia. Neste sentido, o catequista é, também, um construtor de comunidades, através de uma permanente atitude de acolhimento e de escuta de cada um dos catequizandos que lhe está confiado, e do exemplo humano e cristão que

proporciona. É um amigo que valoriza as descobertas e atitudes de cada um, ainda que por vezes sejam incompletas e ambíguas, mas é, igualmente, um adulto maduro que sabe proteger, corrigir e orientar.

Ser fiel ao grupo exige levar a sério as suas experiências de vida, esforçar-se por chegar à criança em concreto, com as suas interrogações, recusas e anseios. Ser fiel supõe respeitar a liberdade da criança e as etapas por que passam a sua vida e a sua fé. Ser fiel ao grupo supõe o respeito por todas as opiniões dos elementos do grupo e a capacidade de não fazer juízos de valor. Falhas, cansaços e desilusões não-de ser vistas como passos necessários, dentro do longo processo de amadurecimento dos catequizandos. Desta forma, a maturidade do catequista ajudá-lo-á a lidar com os erros dos catequizandos e a integrar, adequada e sensatamente, as suas opiniões e experiências, guiando-os na procura da verdade.

O catequista é sobretudo alguém que testemunha a sua fé com clareza, convicção e alegria. Atitudes que são, já por si próprias, expressão de fé, uma vez que fazem parte da mensagem em que acredita, pois têm a sua origem em Deus.

b) A atitude do catequista

A forma de actuar do catequista – a sua atitude no grupo, a sua maneira de estar e de se relacionar, o modo como apresenta a mensagem – é fundamental para a educação da fé.

Em catequese, a atitude pedagógica correcta é aquela que leva a criar um ambiente de amizade, confiança e liberdade; faz com que cada membro do grupo se sinta amado, reconhecido e aceite, para que possa participar livremente, de acordo com as suas capacidades. Há que desenvolver um clima que convide à criatividade e à participação empenhada. Mas não se esqueça de que a educação da fé, tal como qualquer outro processo educativo, exige um rumo definido e objectivos claros.

O catequista deve conservar a sua autoridade, como um amigo mais velho, de forma discreta, mas activa e dinâmica, orientada em favor do grupo. Essa autoridade, baseada nos valores do Evangelho e no exercício da caridade, deve ser exercida como parte da responsabilidade do catequista e como parte das necessidades educativas das crianças. A educação exige condições para aprender, interesse na aprendizagem, curiosidade e atenção. Só pelo devido exercício de uma autoridade que se baseia no saber e na capacidade moral do educador tomar decisões, se criam essas condições e assim se está em condições de propor, com clareza, os objectivos a alcançar, apresentar os temas a desenvolver, procurar as dinâmicas de trabalho mais adequadas. Essa autoridade deve exercer-se no sentido não de *dirigir* – dar ordens, controlar, emitir leis ou ideais que não se discutirão – aplicar um padrão imutável e único, mas de *formar* – colocar perante uma novidade, envolver, transformar; integrar a diferença, “caminhar com”, respeitar ritmos diferentes, ajudar a **crescer** na fé.

c) Um novo estilo de relação

O catequista, liberto das tentações do “deixar fazer” e do “dirigismo”, tem que ensaiar um estilo de relação, que seja criador de comunidade, que suscite, em todos os membros do grupo, a vontade de participação, em ordem ao trabalho comum e a uma sadia convivência, ciente de que a pessoa se constrói na relação e a fé amadurece num autêntico clima comunitário.

Para tal, é necessário:

- **Ajudar a amadurecer.** Os membros do grupo movem-se entre formas de relação infantis e outras mais maduras. O catequista saberá distingui-las e ajudar a superar as que não levam ao crescimento. É dependência infantil a excessiva identificação da criança com o catequista, que se converte em ídolo, sabe tudo, decide tudo e concretiza tudo. Neste caso, a criança vem à catequese pelo catequista e não por querer descobrir mais sobre Deus, Jesus ...

O catequista realiza verdadeiramente a sua missão, se aprende a “desaparecer”, continuando presente e próximo do grupo e de cada um. Fá-lo, quando procura que, no grupo, cada um construa a sua própria personalidade. A pedagogia de Deus, revelada em Jesus, é a do dom, da proposta, do respeito pela pessoa e seus dinamismos.

- **Criar uma relação libertadora.** O catequista procure um estilo de relação que permita aos membros do grupo ser actores principais da sua própria educação. Trata-se duma educação libertadora na fé, de promoção humana dentro do plano de Deus (cf. EN 30-39). Para isso, o catequista deve:
 - Convidar à acção, motivando os catequizandos para descobrirem as coisas por eles mesmos, desenvolverem atitudes e capacidades, criarem formas originais de expressão de fé, sem medo de se relacionar e comunicar. Mas a acção perde-se, se não é interiorizada pela reflexão. Para isso, necessitam também de aprender a fazer silêncio, deixando-se interpelar pela Palavra.
 - Estar atento a cada catequizando, disponível para partilhar a sua vida e animá-lo a superar as dificuldades. E isto, não só no encontro, mas durante a semana, numa profunda amizade.
 - Ser autêntico, como um adulto na fé, que cumpre a sua missão com convicções, entusiasmo e em nome da Igreja. A autenticidade da vida na fé que encontra a sua raiz e inspiração na aproximação aos sacramentos.
 - Ter, como atitudes construtivas de um relacionamento libertador, amor, disponibilidade, alegria de viver; exigência e, simultaneamente, compreensão; justiça para com todos; aceitação de si próprio e ajuda aos outros.

No campo da fé, deve, ao mesmo tempo, aceitar-se no nível de maturidade cristã e deixar-se interpelar pelo grupo, como voz do Espírito. Quando se fala do grupo na catequese, o catequista também faz parte desse grupo e, embora seja determinante a sua vida de fé, já amadurecida, a vida do grupo, embora não seja o espaço adequado para experiências e mecanismos de compensação, é mais uma oportunidade de o catequista crescer humana e espiritualmente.

d) Atitudes básicas do catequista

O catequista deve:

* **Confiar**

Reconhece os valores pessoais da criança, ainda que frágeis ou confusos. As crianças intuem com facilidade esta confiança. A confiança não se diz, manifesta-se. O catequista saberá dar-lhes um apoio especial nos momentos críticos e valorizar o seu desejo de descobrir, de jogar, a sua capacidade de iniciativa, de desenvolver o sentido crítico.

* **Respeitar**

Não pode cair na tentação de manipular as pessoas, impor saberes, maneiras de ver, critérios de actuar, mesmo que lhe pareçam os mais adequados. Deve, sim, propor os critérios que brotam da Palavra, suscitando a liberdade na escolha do bem. Nesse sentido, deve esforçar-se activamente por aceitar cada catequizando como é, acreditando no poder salvador de Cristo. E, como Ele, opta por uma atenção personalizada e sabe ter imensa paciência.

* **Criar um clima propício à comunicação:**

O grupo avança, quando os membros se sentem bem e livres para expressar as suas ideias, sentimentos, projectos, dúvidas e interrogações, o que são e o que vivem. Por isso, é necessário desenvolver nos catequizandos competências de escuta, de silêncio, respeito pelo outro, de auto-controlo, de esperar pela sua vez para intervir. Isto exige que o catequista seja um bom comunicador e seja, simultaneamente, capaz de criar um clima de sinceridade e atenção. Cultiva a serenidade e tem um coração aberto a todos os catequizandos.

* **Ser testemunha da fé:**

O catequista é uma pessoa de fé, capaz de a comunicar e partilhar com o grupo. Educa pela presença. Contagia pelo testemunho alegre de vida. Vive em comunidade e educa para a dimensão comunitária da fé e da vida. É rosto e porta-voz da Igreja e testemunha da vivência de fé da comunidade (ATV, Orientações 5).

* **Adulto nas suas responsabilidades e compromissos:**

Educar é sempre uma tarefa muito complexa que exige competências sociais e morais diversas – como as acabadas de descrever – e um compromisso para com as tarefas a levar a cabo. Neste sentido, o catequista deve aderir à tarefa que a Comunidade de Fé lhe propõe, determinando-se a trabalhar com afinco e profundidade: em primeiro lugar, vivendo maduramente a sua fé, com particular atenção e assiduidade à escuta da Palavra, aos sacramentos e à oração pessoal; em segundo lugar, reservando, nas suas actividades quotidianas, tempo para se preparar e preparar cada encontro de catequese, nomeadamente através de uma leitura atenta do Guia do Catequista.

e) **Em síntese...**

O catequista aceita o papel de educador, consciente, por um lado, do risco, do desafio e do esforço e, por outro, da realização cristã e da felicidade que isso traz. Por isso, procura continuamente aprofundar os seus conhecimentos e a sua vivência de fé e é capaz de a partilhar, como algo imprescindível e valioso para o cristão, preparando-se devidamente e aplicando-se com entusiasmo na implementação.

VIII. O CATECISMO E OS MATERIAIS DE APOIO

1. O **catecismo** é o livro do catequizando.

É indispensável para o encontro catequético, pelas seguintes razões:

- Contém imagens, que servem para o motivar, dinamizar a aprendizagem e ilustrar os conceitos principais;
- Apresenta os textos da Palavra a utilizar em momentos de reflexão individual ou de grupo;
- Oferece sínteses «Para guardar na memória e no coração» (a partir do 3º ano), que, sem qualquer desvantagem educativa, as crianças devem memorizar;
- Propõe, pelo menos, um «Compromisso» semanal, com pequenas tarefas que a criança deve realizar durante a semana, centradas no seu quotidiano e que exprimem o modo de viver cristão anteriormente trabalhado, assim como o espaço para a criança avaliar o seu cumprimento (a partir do 3º ano), pois o hábito favorece a virtude;
- Apresenta orações, cânticos, passagens de salmos e outros meios para a expressão de fé (desenho, pintura, fotografia, texto...);
- Contém, juntamente com sugestões de trabalho individual ou em família, uma mensagem em que se procura envolver a família da criança na catequese - «Em família» - nalguns casos com convites às famílias para participarem, nomeadamente em diversas celebrações.

O catecismo tem, assim, duas funções muito importantes:

- Ajudar a criança a fazer memória, registando o fundamental de cada catequese – e, mesmo, das diversas Celebrações – apelando à actividade da criança, com desenhos, fotos, textos que relatem a experiência do seu crescimento na fé;
- Mostrar às famílias o que as crianças estão a aprender, contribuindo para a sua evangelização através dos filhos e netos, razão pela qual o «Em Família» foi colocado no próprio catecismo, procurando que se torne, também, o resumo da sua fé.

Com tudo isto, procura-se corresponder à orientação dos nossos Bispos: “A função do catecismo é servir de apoio a uma experiência de fé que nasce e cresce, proporcionando-lhe desenvolvimento e expressão. Não substitui uma experiência de iniciação. Deve, antes, apoiá-la enquanto ela exige inteligência e conteúdo. Por isso, deve ser de estilo «mistagógico», no sentido de conduzir ao encontro vivo com Cristo” (ATV, Orientações 7).

Por todas estas razões, o catequista deve ler – antes de começar o ano catequético – todo o Catecismo das crianças, para o conhecer bem e manusear sem hesitações. A resolução das tarefas incluídas e as instruções necessárias para as realizar encontram-se no final deste mesmo volume.

2. Os **materiais de apoio** deverão ser abundantes e adequados:

- As músicas, nomeadamente em CD, têm especial atractivo, sublinhando, sobretudo, a dimensão estética do crer e mostrando, sensorial e sensivelmente, a dinâmica da fé e da conversão. Além disso, o cântico educa pela aprendizagem das palavras, pela exploração do sentido da mensagem. Os cânticos devem ser, por um lado, adequados, em estilo, à idade dos catequizandos e, por outro, ao conteúdo da catequese ritmo e letra, e foram esses os critérios usados na sua selecção. Alguns, pelo seu habitual uso litúrgico, facilitam a integração da catequese na vida da comunidade.
- As imagens e os dísticos favorecem a interiorização do essencial da mensagem, envolvendo o olhar com a escuta e motivando pela exploração das extraordinárias competências icónicas das crianças.

3. Este **Guia do Catequista** completa os materiais essenciais do catequista.

O Guia do Catequista é um instrumento pedagógico insubstituível, pois contém todas as indicações práticas necessárias à preparação e implementação da catequese, logo a partir da Introdução a cada catequese e começando pelo «Aprofundamento do tema». Numa perspectiva de verdadeira auto-formação, este é o instrumento que lhe permitirá compreender o sentido teológico e espiritual da catequese a desenvolver, pelo que deve ser abordado com generosidade – pois, inicialmente, pode parecer longo – e com verdadeira atitude de escuta, pois o que, eventualmente, seja de mais difícil compreensão pela via da razão – foi escrito para adultos com alguma preparação doutrinal, como é

devido a um catequista – pode ser explorado e entendido com o coração, humilde e bom, de quem ama a Deus e ao próximo.

Depois, o catequista deve analisar os «Objectivos», para ficar a saber, bem, para que metas se dirige, pois a educação ao acaso, sem rumo definido, é sempre improdutivo. De seguida, e para se situar melhor perante as suas exigências, recorre ao contributo das «Observações Pedagógicas». Depois, necessita de preparar os «Materiais» e as «Músicas», podendo recorrer aos materiais de apoio que para isso foram preparados na paróquia e/ou editados. Finalmente, abordará os textos do «Desenvolvimento da Catequese», procurando visualizar e imaginar as actividades, o modo como as crianças reagirão e as explicações que deverá dar, elaborando umas **fichas** com as etapas e conteúdos essenciais, que terá junto de si durante a catequese, pois não é adequado, nem nada prático, que oriente a catequese directamente a partir do Guia¹. De todo este trabalho de planificação destaque-se, ainda, a preparação da «Palavra»: o catequista deve lê-la, atentamente, atempadamente, procurando-lhe o sentido e preparando, conscientemente, a forma como a sua leitura será feita com as crianças.

Uma boa preparação, cuidada e atenta, é a melhor garantia de que a catequese vai correr bem, as crianças vão participar com interesse e as aprendizagens vão ter lugar. Uma preparação bem feita também favorece a espontaneidade do catequista que, mais organizado, se sente confiante e à-vontade no uso dos materiais e na interacção com as crianças.

Introduziu-se, nas páginas que se seguem deste Guia do Catecismo 3, um **Plano Pedagógico do Catecismo** que ajuda o catequista a ter a visão global das actividades a desenvolver, qual o calendário que deve estabelecer para as poder planificar atempadamente, nomeadamente as catequese em que contará com algum convidado-participante, as Celebrações, as informações a enviar, com antecedência, aos pais, assim como a preparação ou aquisição de algum material especial.

¹ No volume «Psicologia» do Curso Geral de Catequistas, editado pelo SNEC, encontra o catequista o Tema 10 dedicado a estas tarefas de Planificação, assim como outros Temas sobre como lidar com os catequizandos e conseguir um bom clima de trabalho, como melhorar e tornar mais activas as pedagogias, como trabalhar com os pais e avaliar as actividades da catequese. Estes temas podem ser lidos com proveito mesmo quando não integrados num Curso.

Plano Pedagógico do Catecismo 3

Catequese	Experiência Humana	Palavra	Expressão de Fé	Compromisso	PLANIFICAÇÃO de ACTIVIDADES
1	Reviver a Festa do Pai Nosso	Mt 18, 19-20	Cristo Jesus, Tu me chamaste	Seguir Jesus	Recuperar as fotografias da Festa do Pai-Nosso
2	Estou aqui	Lc 5, 1-11	Jesus chamamos para o seguirmos	Pescadores de homens: o que pede Jesus?	Convidar o leigo que dará o seu testemunho na catequese 3
3	Testemunho de leigo comprometido	Lc 9, 2.6	Com os Apóstolos: rezamos o Pai-Nosso	Entrevista: Para ti, quem é Jesus?	Testemunho do leigo comprometido
4	Reflectir sobre as entrevistas feitas	Mc 8, 27-29	Senhor, eu creio que sois Cristo	Quero ajudar a ser feliz	Enviar, pelos Catecismos, os convites às famílias para a catequese 6: Festa da Luz
5	A alegria de ser de Cristo	Act 2, 36-38.41	Senhor Jesus, Tu és a Luz! Credo	Sou de Cristo, sou feliz, para cantar todos os dias	Verificar se todos os pais assinaram o convite para a Celebração
6	Sois luz em Cristo	1 Jo 2, 9-11; Jo 8, 12; 12,35-36	Senhor Jesus, Tu és a Luz!	-----	Celebração da Festa Luz
7	Iniciar o Advento: preparar a chegada de Jesus (S. João Baptista)	Lc 3, 3-6	Preparar o caminho do Senhor: o que nos pede João Baptista	Preparar o Natal em família, arrumando as suas coisas	
8	O que devo eu fazer para ser justo? (S. José)	Mt 1, 18-24	O que quero partilhar com mais os desfavorecidos	Um coração justo: as crianças oferecem o seu tempo	Convidar as Mães, ou uma sua representante, para participar activamente na catequese 9; Dar algumas indicações sobre essa participação
9	Com quem devo partilhar? (Maria, Mãe de Jesus)	Lc 1, 46-55	<i>Magnificat</i>	Preparar a oferta; Trazer as velas do Baptismo; Rezar o <i>Magnificat</i>	Participação das Mães; Convite às famílias para participarem na catequese 10: Celebração do Natal

10	Nascer, Nascer	Is 9, 1,4-6a; Mt 2, 1-5ª.7-12	Entrega das ofertas e dos lenços do Baptismo	---	Celebração de Natal
11	Nascer de novo (Nicodemos)	Jo 3, 1-6.16	“Esta veste seja para ti símbolo da dignidade cristã”	Uma ocasião feliz por se ser de Cristo	Convidar um jovem ou um adulto que possa dar o seu testemunho como crismado
12	Sou confirmado em Cristo, sou feliz	Act 8, 14-17	Glória ao Senhor, somos a Igreja de Cristo	Agir como cristão	Testemunho de um cristão comprometido, sobre a sua Confirmação
13	Somos Igreja de Cristo	1 Cor 12, 12-14.27	“Somos o Corpo de Cristo”	Agir como membro do Corpo de Cristo	Preparar a entrega da oferta do lenço à pessoa que deu o seu testemunho Combinar com o sacerdote o envio do pão para a catequese 14
14	Partilhar o pão	Jo 6, 26-27.33-34.51; 1 Cor 10, 16b-17	Comungamos o Corpo de Cristo	Aprender as palavras que dizemos quando comungamos; Participar na Eucaristia; Partilhar o pão, em família	Preparar os convites para a Missa, a enviar às famílias; Convidar o sacerdote, diácono ou acólito adulto que participará na catequese 15
15	Partilhar e agradecer o pão que Deus nos dá	1 Cor 11, 23-26	“Deus, nosso Pai, que sois tão bom”	Agradecer aos pais; Aprender as palavras que dizemos na Eucaristia; Ir à Missa	Colaboração activa do sacerdote, diácono ou acólito adulto; Preparar os saquinhos de trigo para a catequese 16 e a sementeira para a catequese 17
16	Dar graças a Deus	Mc 4, 3-9	“A semente é a tua Palavra”	Semear o trigo	Preparar, com o sacerdote, a celebração da Unção de um doente; avisar as crianças e as famílias; preparar o lanche
17	É difícil estar doente	Tgo 5, 14-15	Unção dos Enfermos	Participar na Unção de um doente	Celebração da Unção dos Enfermos
18	Não fiz o que devia, pequei	Mt 26, 69-75	Confesso a Deus	Aprender a oração “Confesso a Deus”...; pensar nas próprias faltas	Preparar os convites para a Celebração da Confissão; Combinar com o sacerdote a catequese 20 e a Celebração da Confissão

19	A experiência do perdão	Jo 21, 15-17	Acto de Contrição	Aprender as orações da reconciliação	Enviar às famílias os convites para a Celebração da Confissão
20	Sei que pequei	Lc 15, 11-24	Pai, pequei contra vós	Preparar-se para a Celebração da Confissão	Preparar a Celebração da Confissão
21	Jesus chama-nos para nos dar o seu perdão	Lc 15, 11-32	O teu irmão estava morto e voltou à vida	Peço-te perdão, porque pequei contra ti	Celebração do Sacramento da Reconciliação Preparação da participação das crianças na Semana Santa e na Páscoa; Enviar os convites para a Celebração da Primeira Comunhão. <i>Recomenda-se a organização de uma Reunião de Pais</i>
22	A semente é a tua Palavra	Mt 26, 26-29	“É o meu corpo: tomai e comei”	Participar na Semana Santa e na Páscoa	Semana Santa e Vigília Pascal; Preparar a Celebração da Primeira Comunhão
23	Vimos com alegria	1 Cor 10,16-17; Jo 20, 19-31	Somos a Igreja de Cristo	---	Celebração da Primeira Comunhão
24	Aleluia, Glória ao Senhor!	Lc 24, 13-35	Jesus está conosco: agradecemos-lhe o Pão Vivo	Participar, com alegria e de coração, na Missa de Domingo	Estimular as crianças a participar na Missa da Catequese e acompanhá-las
25	O Dia do Senhor	Act 2, 42	Agradecer ao Senhor o Domingo	Viver o Domingo na Palavra, no Pão e na Igreja	Indicar um horário de Missa a que as crianças e as famílias possam ir e acompanhá-las; Combinar com o sacerdote a preparação da catequese 26; Preparar a oferta ao sacerdote, a fazer posteriormente

26	O nosso Padre: a Ordem	Lc 22, 24-27	Servir é alegria	Preparar a oferta para o “nosso Padre”	Participação do Sacerdote ou envio de mensagem e fotos da ordenação; Convidar e preparar o casal para a catequese 27; Preparar a oferta ao casal
27	Servir é alegria, no Matrimônio	Ef 5, 2a.25-32	A nossa família	Preparar a oferta ao casal; Rezar pelos pais e contar- lhes como foi a catequese.	Preparar, com as crianças, a oferta a enviar ao casal
28	Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo	Lc 9, 22-25	Jesus Cristo, és meu amigo	Desenhar os 7 Sacramentos	
29	Conhecer os sacramentos	Rm 12, 1-2	Mistério da nossa fé!	O bem que sou capaz de fazer	Preparar o Mapa da Vida Cristã, pagela com a oração das Famílias e os boletins de inscrição para entregar na catequese 30.
30	Cristo Jesus, Tu me chamaste!	Jo 15, 1-5	Ofereço a minha vida	Mapa da Vida Cristã	

Eu creio!

1º BLOCO

Até ao Natal procura-se que as crianças, ao aprofundar a sua fé em Deus e em Jesus, se disponham a segui-l'O, possam confessar de modo convicto: "Eu creio que sois Cristo!" e celebrar, na comunidade cristã a que pertencem, o Amor de Deus por todos os seus filhos, experimentado e assumido sobretudo no Baptismo.

No tempo do Advento são preparadas para a vinda do Senhor, na perspectiva do seguimento de Jesus: respondendo ao convite de João Baptista, olhando para José, pai adoptivo de Jesus, como um homem justo e associando-se a Maria no acolhimento do Filho de Deus.

No Natal é acentuada a sua dimensão familiar e eclesial, relacionando-a com o Baptismo e a felicidade de pertencer a Cristo.

ELE ESTÁ NO MEIO DE NÓS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A importância do primeiro encontro

O primeiro encontro com uma pessoa pode ser decisivo. Pode despertar para uma relação de simpatia mútua que, em tantos casos, culmina na amizade e, até, na comunhão da vida. Com o andar do tempo e o conhecimento mútuo, pode levar a uma união de vidas, como num namoro que evolui para o matrimónio. Qualquer ser humano é, por natureza, social: vivemos em relação, ligados uns aos outros por mil laços invisíveis.

Nalguns casos, porém, o primeiro encontro resulta num tal “encontrão”, que ambas as partes só desejam evitar-se. Dessa penosa e difícil experiência não estão isentos os diversos tipos de relação pedagógica que se estabelecem entre adultos e crianças. No entanto, por se tratar de uma relação pedagógica de cuidado, orientação, ensino, oferecidos por um adulto a alguém que ainda não sabe nem pode cuidar de si, a principal responsabilidade cabe, naturalmente, ao adulto.

Há crianças mais simpáticas e mais dóceis, como as há mais rebeldes e menos atraentes. Mas todas precisam de ser bem acolhidas pelos adultos que se propõem contribuir para a sua educação. As crianças não têm, ainda, a capacidade de gerir adequadamente a sua relação com os adultos e, necessariamente, nem sempre são bem sucedidas na relação com as outras crianças. Por isso precisam de entrar em contacto com uns e outros num ambiente positivo, ordenado e disciplinado, mas agradável, caloroso e compreensivo. Muitas vezes este indispensável trabalho de acolhimento deve prolongar-se, garantindo que as crianças se sintam bem, vençam o medo ou a aversão que até se possa ter criado noutras experiências menos bem sucedidas que geraram ressentimento e não afecto.

Tratando-se da vida em grupo, como é o caso da catequese, o relacionamento entre os seus membros depende fundamentalmente da sua relação pessoal com o catequista e da forma como este lida com todo o grupo. É primariamente a ele que cabe estabelecer, desde o primeiro encontro, a união entre os catequizandos. Maior sensibilidade será necessária, quando estes últimos ainda se não conhecem. Tratando-se de crianças, é

da maior importância que estas conheçam e compreendam bem as regras de vida no grupo, apresentadas pelo catequista, aprendendo, como bons cristãos, a viver uma “vida com” os outros, saudável e fraterna, apetecível e atraente, geradora de nova vida, pelo afecto, a partilha, o dom da vida entre eles.

O catequista é exemplo e testemunha de tudo o que tem lugar na catequese. Como tal, usando de gentileza e de uma simpática firmeza, o catequista deve, desde o primeiro encontro, usar de maneira amorosa da sua autoridade, também aqui no sentido etimológico do termo: a sua condição de “autor”, de causa primária e agente principal daquilo que transmite. O catequista será aceite, respeitado e amado, na medida em que se dá ao respeito e ama, pelo respeito e o amor com que acolhe as crianças que lhe são confiadas e a ele, pelo mesmo respeito e amor, se confiam... tornando-se, ele próprio, desde o primeiro encontro, uma criança, como Jesus o desafia a ser.

2. “Se não vos converterdes e vos tornardes como criancinhas”...

É assim que Jesus, em **Mt 18, 1-5**², responde à pergunta dos discípulos: *Quem é o maior no Reino dos Céus?* (v.1). É uma pergunta – e um desejo – de todos os tempos e, até certo ponto, compreensível. Ser bem sucedido, ser respeitado pelos outros, obter autoridade sobre eles, é das aspirações mais humanas. Faz parte do ser pessoa. Quem se vê ignorado e desprezado sente-se, naturalmente, infeliz. Mas, afinal, o que é que conduz à felicidade a que aspiramos?

A pergunta dos discípulos refere-se ao lugar *no Reino dos Céus*, que o mesmo é dizer *no Reino de Deus*: aquele género de relações inter-humanas em que Deus, e só Ele, é Rei. Todos aqueles que procuram impor-se, só o alcançarão na medida em que totalmente se sujeitarem ao único que tem verdadeiramente poder para reinar, como único Senhor da vida.

E como exerce Ele o seu poder de reinar? - Fazendo-se criança em Jesus Cristo, seu Filho que, respondendo à questão dos discípulos, começou por chamar *um menino*, colocou-o no meio deles e disse: *“Em verdade vos digo: se não vos converterdes e vos tornardes como criancinhas, não podereis entrar no Reino dos Céus. Quem, pois, se fizer humilde como este menino será o maior no Reino dos Céus. Quem receber um menino como este, em meu nome, é a mim que recebe”* (vv. 2-5).

Portanto, o maior no Reino de Deus é, antes de mais, a criança que Jesus coloca no meio dos discípulos. É ela o centro das atenções. Quem a rejeitar, é a Jesus que rejeita e, com Ele, o próprio Deus... e não tem lugar no seu Reino.

Deus impõe-se, na medida em que se dá; e dá-se tanto mais, quanto menores, mais dependentes e carentes da vida são aqueles a quem se dá. Nesse sentido, Ele próprio se humilha, desce ao mais baixo, ao mais próximo da “terra”. Faz-se dependente daqueles

² Para se compreender o comentário deste texto bíblico, é fundamental que se conheça bem o texto comentado. Para tal, recomenda-se que a explicação seja lida com o texto bíblico que está a ser explicado. O que vale para este texto e catequese, aplica-se a todas as restantes.

a quem se dá, para lhes dar aquilo que não têm – e que é, afinal, tudo. Dá-se, dando-se todo: no seu Filho Único, parte integrante do seu Ser. E assim, só assim, Ele é o maior... e quem nos abre o caminho para sermos o que desejamos: os maiores no Seu Reino.

Trata-se, antes de mais, de uma proposta de conversão: a Ele e àqueles a quem Ele mais se dá. Aqueles que, por isso, formam uma unidade com Ele. São as crianças que, pela sua dependência e carência de vida, nos ensinam e, se acolhidas, nos colocam no caminho da fé e da vida, que Deus, pela sua graça, nos oferece.

Por isso as crianças são, não apenas o objecto primário da nossa entrega, mas também modelo de conversão e de fé. Pois quem se converte a uma criança, descendo ao nível humilde da sua existência, converte-se a Deus. E vice-versa: quem se entrega totalmente a Deus, recebe dele a força e o poder para se entregar totalmente àqueles que Ele tanto ama. E, quando isso acontece, realiza-se a promessa de Jesus:

3. "Eu estou no meio deles".

A promessa do Senhor é esta: *Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles (Mt 18, 20)*. É feita ainda na sequência da resposta à pergunta dos discípulos sobre o maior no Reino dos Céus. Depois de apresentar as crianças como caminho para esse Reino, chama a atenção para outros seres tão ou mais débeis do que as crianças: os membros da comunidade cristã socialmente mais carenciados ou religiosamente menos seguros (18, 6-9) e aqueles que, pelo pecado, se tresmalharam do seu rebanho. São estes últimos os que mais necessitam de atenção e de solidariedade, para que, acolhidos, cheguem a aceitar a oferta de perdão e, assim, possam ser reintegrados na comunhão da comunidade de que se afastaram (18, 10-18). Um caminho difícil, para eles e para os restantes membros da comunidade. Humanamente tão difícil, que só com uma ajuda especial de Deus é possível. Como obtê-la?

Pela oração: *Digo-vos ainda: se dois de entre vós se unirem na terra, para pedir qualquer coisa, não-de obtê-la de meu Pai que está nos Céus (18, 19)*. Uma oração que é tanto mais eficaz, quanto for feita em comunidade de dois, ou mais, dos seus membros. Uma oração que, assim, reforça os laços de comunhão entre as pessoas e, nessa comunhão, lhes transmite a necessária persistência na procura da "ovelha perdida". Uma comunhão que é tanto mais forte, quanto no seu fundamento está a união total com Deus, permanentemente renovada pela oração: aquela entrega da fé a Ele que, deste modo, se torna mais presente e actuante naqueles que a Ele se confiam.

Assim foi com o próprio Jesus. A oração fez parte integrante da sua vida e actividade messiânica, até ao seu auge na entrega da vida na cruz. Deu-a, entregando-se totalmente a Deus. Por isso, o que humanamente era impossível, aconteceu realmente: pela ressurreição Ele ficou connosco *até ao fim dos tempos (Mt 28, 20)*. Está connosco, particularmente quando em seu nome, de "Deus - connosco", nos reunimos para, por Ele, com Ele e n'Ele, rezarmos ao Pai que está nos Céus.

É uma oração que nos capacita para aquilo que, humanamente, parece impossível: por exemplo, acolher as crianças com aquela atenção, aquele amor de que elas necessitam para sentirem, através do catequista, que Jesus realmente as ama... Assim, a preparação para cada encontro de catequese deve começar, para o catequista, com a oração e a preparação da oração que fará com as crianças. Esse cuidado é especialmente importante, quando o catequista se prepara para aquele primeiro encontro em que a experiência de estarmos juntos pode significar tanto para todos os encontros que se seguirão.

OBJECTIVOS

- Rever/reviver o ponto alto da iniciação à oração, proposta no 2º volume do catecismo (“Ensina-nos a rezar”);
- Compreender a catequese como “lugar” de encontro com Jesus e com Deus;
- Despertar para o desejo e a alegria de seguir Jesus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. No auge desta primeira catequese está a resposta de fé, da parte das crianças e dos catequistas, ao chamamento de Jesus. É Ele quem as convoca, é em volta dele que elas se reúnem. Um chamamento pelo seu nome: no acolhimento inicial e na Expressão de Fé conclusiva; aí, pelo menos, duas vezes. Um chamamento para o qual Jesus se serve, não apenas dos catequistas, mas dos próprios colegas. Uma vez chamada, cada criança torna-se mediadora do chamamento divino. Responde a Jesus: “Estou aqui” e desafia os outros a dizer-lhe o que ela própria diz: “Quero seguir-te”.
2. Esta resposta de fé e o compromisso que nela se inclui dependem da consciência de que é Jesus que está no centro do grupo: “Ele está no meio de nós” é a primeira reação à sua palavra, completada pela junção dos nomes (das crianças e catequistas) em volta do nome de Jesus, quais raios luminosos que prolongam a luz em que está envolvido o seu nome. E é assim, em união com Jesus, que rezam ao Pai a oração que Jesus lhes ensinou.
3. Nesse sentido, o encontro começa pela recordação e vivência da experiência em que culminou a caminhada catequética do ano anterior: a festa do Pai Nosso. Para isso, o catequista procure, tanto quanto possível, visualizar esse momento, através de uma fotografia alusiva.
4. Mesmo que os catecismos já tenham sido entregues, nomeadamente num encontro comunitário, tem todo o significado repetir a entrega que, tal como é sugerido no desenvolvimento da catequese, é feita em ligação com o título: “Queremos seguir Jesus”.

MATERIAIS

- Bíblia;
- Velas;
- Fotografia ampliada do grupo, tirada na celebração da festa do Pai Nosso, no ano anterior (1ª alternativa da Experiência Humana);
- Dístico “Festa do Pai Nosso”, se necessário (1ª alternativa da Experiência Humana);
- Uma bola pequena que se possa abrir em duas partes e com o dístico “Jesus” dentro dela (2ª alternativa da Experiência Humana);
- Dístico “Jesus” em cartolina, recortada e adornada de modo a fazer lembrar o Sol (ver Catecismo, p. ...);
- Cartolinas de cor idêntica à do dístico e em forma de “raios solares”, uma para cada criança e catequista (ver documento 1);
- Dísticos: “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles” e “Ele está no meio de nós”;
- Lápis/esferográficas;
- Catecismos das crianças (que, se necessário, devem ser recolhidos pelos catequistas, fora da sala e antes de começar a catequese).

MÚSICAS

- “Cristo Jesus, tu me chamaste”;
- “A bola vai passando”, com a melodia de “As pombinhas da Catrina” (2ª alternativa da Experiência Humana).

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- O **placar** está vazio.
- Na **mesa**: é colocada a Bíblia, fechada, e junto dela as velas (apagadas); dentro da Bíblia, na página de Mt 18, 19-20, é colocado o dístico “Jesus” (1ª alternativa da Experiência Humana); sobre a mesa, dispostos de forma agradável, os catecismos das crianças.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Depois do acolhimento pessoal das crianças (e seus pais e/ou outros acompanhantes) feito pelo(s) catequista(s) fora da sala, entram nela, ordenadamente e em silêncio. Uma vez todas acomodadas nos seus lugares, o catequista deve explicar – brevemente e com clareza – as regras de funcionamento do grupo. Para reforçar a aprendizagem das regras, pode dar a cada criança uma folha A5 com as regras escritas (não mais de 5 ou 6) que, depois, guardarão junto do catecismo.*

Segue-se uma das seguintes alternativas:

1ª
Alternativa

(Para grupos com o mesmo catequista do ano anterior)

O catequista afixe ao centro do placar uma fotografia ampliada do grupo na festa do Pai Nosso (tamanho A3 ou A2, impresso como fotocópia, permitindo o reconhecimento dos fotografados e a ocasião). Se não for possível uma boa ampliação, use duas ou três fotografias (conforme o número de crianças) que, neste caso serão observadas pelas crianças em pequenos grupos. Em último caso, afixe apenas algumas fotografias alusivas a essa festa, ou, simplesmente, o dístico “Festa do Pai Nosso”.

Uma vez afixada a fotografia/dístico, o catequista estabelece um breve diálogo com as crianças (adaptando-se à modalidade seguida):

Gostam desta fotografia?... Claro, sois vós que lá estais ... (Identifique cada criança e diga o respectivo nome).

Quando é que a fotografia foi tirada?... Na Festa do Pai Nosso. Por isso é que a fotografia, além de ser bonita, é importante. Foi uma festa que não mais vão esquecer.

E por falar do Pai Nosso, cada um de vós vai contar se o tem rezado e quando... (Deixar que as crianças se expressem e, no final, comentar:)

Muito bem. Estou muito contente por rezarem tantas vezes o Pai Nosso: sozinhos e com outras pessoas. Eu também o rezo muitas vezes.

2ª
Alternativa

(Para grupos com um novo catequista e/ou com muitas crianças novas)

Como é a primeira vez que (ou, muitos de vós) estamos juntos na catequese, proponho que comecemos por nos apresentar, aprendendo os nomes uns dos outros. Mas ninguém diga nada, antes de eu explicar como se faz: imaginem, com um jogo.

É assim: temos esta bola (*mostre-a*), que vai passar de mão em mão, enquanto cantamos uma **canção**. A canção é esta:

(Com a melodia de “As pombinhas da Catrina”)

**“A bola vai passando,
Vai indo de mão em mão;
Mas, quando ela parar,
Faço a apresentação.”**

Quem tiver a bola na mão, quando pararmos de cantar, diz o seu nome. Depois, cantamos outra e outra vez, até sabermos os nomes de todos.

Vamos levantar-nos... fazer uma roda... e cantar...

Convém que o jogo seja breve (10 minutos, no máximo). No final, e com todas as crianças sentadas, o catequista continue:

Ainda não nos conhecíamos todos uns aos outros, mas não é a primeira vez que vimos à catequese. Este já é o terceiro ano.

Lembram-se do que aprenderam no ano passado?...

Exacto: a oração do Pai Nosso. E fizeram uma festa, no fim do ano. *(Nome)* como se chamou essa festa?... De certeza que gostaram muito da festa do Pai Nosso.

Agora cada um vai dizer se tem rezado esta oração e se o tem feito sozinho ou também com outras pessoas...

(Deixar que se exprimam e, no final, comentar:)

Estou muito contente convosco: já vi que no ano passado estiveram muito atentos; e depois continuaram a rezar esta linda oração: sozinhos e com outros.

2. Para as duas alternativas:

Agora – um de cada vez - gostava de saber quem vos ensinou a rezar o Pai Nosso:

(Nome)...

Ouvir as crianças e, sem comentar as respostas, convidar uma delas a vir à frente e a tirar da Bíblia (1ª alternativa) ou de dentro da bola (2ª alternativa) o dístico “Jesus” e a mostrá-lo às outras. Afixar o dístico no centro do placar e comentar:

Jesus! Foi Ele quem vos ensinou o Pai Nosso, porque foi Ele quem o ensinou pela primeira vez. Depois, nós aprendemos com o catequista (ou os pais e/ou avós...).

(Nome) lembras-te como foi que Jesus ensinou o Pai Nosso?...

Quando os discípulos viram Jesus a rezar. Ficaram tão admirados por Ele estar a rezar tão bem, que lhe pediram para Ele os ensinar também a rezar.

E desde então nunca mais se deixou de rezar esta oração tão especial e tão importante, por vir de Jesus.

II. PALAVRA

1. E qual será o melhor lugar para rezarmos o Pai Nosso *(nome)*?

(Deixar que as crianças se exprimam e, no final, continuar:)

O próprio Jesus vai-nos dizer qual é.

Pomo-nos de pé, para ouvirmos com muita atenção e respeito as palavras de Jesus...

Como é a primeira vez, este ano, que as crianças vão ouvir a Palavra de Deus, o catequista deve sensibilizá-las para a atitude correcta que devem adoptar e explicar que, sendo

possível, acenderão a vela para mostrar a importância e a beleza do momento em que se escuta Jesus.

Mt 18,19-20:

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Mateus:

Ajuda as crianças a responder:

Glória a vós, Senhor.

Catequista:

Naquele tempo,

disse Jesus aos seus discípulos:

“Se dois de entre vós se unirem, na terra,

para pedir qualquer coisa,

hão-de obtê-la do meu Pai que está nos Céus.

Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome,

Eu estou no meio deles.”

Palavra da Salvação.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

2. *Com as crianças sentadas, o catequista afixe, na parte superior do placar, a envolver o dístico “Jesus”, o dístico: “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, eu estou no meio deles”. Deixe contemplar e comente:*

Já conheciam estas palavras de Jesus. Vamos lê-las juntos, para as aprendermos bem: “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, eu estou no meio deles”. Onde estivermos dois ou três ou mais reunidos em nome de Jesus, é aí o melhor lugar para rezar o Pai Nosso. Mas onde e quando é que nos reunimos em nome de Jesus? Nós já estamos reunidos em nome de Jesus, (*Nome*)? – Claro que sim, na catequese! E quando tivermos a nossa festa, onde foi (*Nome*)? – Na igreja! Que é um lugar ainda melhor: primeiro porque é bonita a nossa igreja (*o catequista pode fazer referência a alguns aspectos da arquitetura ou arte da igreja que o grupo frequenta e que possam ser significativos para as crianças*). Mas o mais importante não é isso. A igreja é o melhor lugar para rezarmos o Pai Nosso, porque é lá a casa de Deus, onde nos encontramos com Ele e com os amigos de Jesus, de quem tanto gostamos. E é assim que, todos juntos, rezamos ou cantamos a oração que Jesus nos ensinou.

3. E é também na igreja, quando estamos na Missa, que nós costumamos dizer umas palavras que significam isso: que Jesus e Deus, seu Pai, estão no meio de nós. Lembram-se?

Quando o sr. Padre (ou Diácono) nos diz: “**O Senhor esteja convosco**”, que respondemos nós?...

(O catequista afixe, na parte inferior do placar, o **dístico “Ele está no meio de nós”** e comente:)

‘É Jesus que está no meio de nós. Leiam comigo: “**Ele está no meio de nós**”.

4. Mas, quando nos reunirmos na catequese, também aqui Ele quer estar connosco. E na nossa casa, na nossa família (*ter em atenção as situações familiares das crianças*). Foi na catequese que rezámos muitas vezes o Pai Nosso. E é também em nossa casa, com os pais e irmãos (e avós) que o rezamos muitas vezes.

Mas, mesmo quando estamos a rezar sozinhos, é com outras pessoas que rezamos esta oração: com todos aqueles que gostam de a rezar. Estão a ver porquê? É que não dizemos “meu Pai”, mas... “Pai Nosso”. Deus é meu Pai, teu Pai (*Nome*), teu Pai (*Nome*)... É Pai de todos e por isso dizemos: Pai Nosso.

De qualquer maneira, sempre que pudermos juntar-nos para rezar juntos, Jesus fica muito mais contente connosco. Ele disse-o há pouco. Querem que eu leia outra vez?... Então ouçam. (*Leia Mt 18, 19:*)

**“Se dois de entre vós se unirem, na terra,
para pedir qualquer coisa,
não-de obtê-la de meu Pai que está nos Céus”** (*pode repetir*).

Estão a ver? Unidos uns aos outros, é como Deus mais gosta de escutar a nossa oração. Não é só por sermos mais a pedir. É também porque, quando rezamos, juntos, a Deus, mostramos como somos amigos uns dos outros. E é isso que Ele nos pede: que sejamos grandes amigos, tão amigos como os melhores irmãos.

Ora bem, é isso que nós queremos ser aqui na catequese: amigos de Jesus e de Deus e, assim, também amigos uns dos outros.

E, agora, podemos rezar!

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Mas, antes disso, temos de nos preparar bem. Eu explico como. Primeiro, vou distribuir uma folha especial: esta aqui (*mostre uma das cartolinas*). Depois, escrevem o vosso nome, como fazem na escola, e seguram a folha por algum tempo.

O catequista distribua as cartolinas, em forma de raios de luz, uma por cada criança. Depois de todas, incluindo os catequistas, escreverem o seu nome:

2. Agora vamos cantar um **cântico** a Jesus que já aprendemos no ano passado: “**Cristo Jesus Tu me chamaste**”. Lembram-se? (*Ensaiai uma vez, mas só o refrão*).

Jesus é quem nos chama para a catequese. E nós, como já gostamos tanto dele, respondemos: “Estou aqui”.

E como nós queremos mostrar que somos amigos de Jesus e uns dos outros, iremos, a seu tempo, colocar o nosso nome em volta do nome de Jesus. Queremos estar bem pertinho dele, como bons amigos.

Para isso, Jesus vai chamar pelo nome de cada um de nós. Como é que isso vai ser?

- Primeiro chamo eu por um de vós. E quando eu disser o nome, o menino ou menina põe-se de pé e diz: “**Estou aqui**”.
- Depois, vem aqui à frente e coloca a cartolina com o seu nome no placar, em volta do nome de Jesus.
- Mas, antes de ir para o seu lugar, esse menino ou menina chama por outro e ele ou ela faz o mesmo: levanta-se, diz “**Estou aqui**”, põe o seu nome junto de Jesus e chama por outro, até todos termos os nossos nomes em volta de Jesus.
- O último chama pelo meu nome.

Assim teremos Jesus a servir-se de cada um de nós para nos chamar para junto dele. Vão ver como vai ser bonito. Mas só se o fizermos com muito respeito. Não se esqueçam de que é Jesus que se vai servir de nós para nos chamar pelo nosso nome.

3. *(Depois da entrega:)*

Que lindo está o placar! ... Todos nós em volta de Jesus. Ele é como o sol que nos ilumina. E nós ajudamos: Ele pede a cada um de nós para sermos e prolongarmos a sua luz para os outros.

E não é só hoje. Durante todo este ano, aqui na catequese, vamos aprender a ser umas luzinhas de Jesus. Para isso, cantemos, com alegria:

“Cristo Jesus, Tu me chamaste” *(só o refrão).*

4. Agora, sim, estamos preparados para rezar, todos juntos, a oração que Jesus nos ensinou. Ele está no meio de nós, e todos estamos reunidos em seu nome *(aponta os respectivos dísticos).*

Juntamente com Ele vamos pedir a Deus nosso Pai que esteja sempre connosco neste ano de catequese e nos ensine, no nosso coração, a estarmos sempre prontos para fazer a sua vontade.

Para isso, levantemo-nos... demo-nos as mãos... e rezemos juntos:

“Pai Nosso, que estais nos céus...”

No final, pode cantar-se de novo:

“Cristo Jesus, Tu me chamaste” *(só o refrão).*

5. Agora, vamos receber o **catecismo**: o livro que, durante este ano, vos vai ajudar a estar com Jesus, ou melhor, a seguir Jesus para onde Ele nos chamar. E que bom será segui-Lo sempre, para estar sempre com Ele e Ele connosco.

Para isso, vou chamar por cada um de vós. E antes de entregar o catecismo, pergunto:

– **(Nome) queres seguir Jesus?**

Cada um deve responder:

– **Sim, quero.**

E eu direi:

– **Graças a Deus!**

Se houver vários catequistas, a entrega deve ser feita, ao mesmo tempo, por todos eles. Sendo muitas as crianças e o tempo curto, o compromisso pode ser feito por todas ao mesmo tempo, do seguinte modo:

Catequista:

– **Quereis seguir Jesus?**

Crianças:

– **Sim, quero.**

Catequistas:

– **Graças a Deus!**

*No final, pode cantar-se de novo o **cântico**, mas com os catecismos nas palmas das mãos:*

– **“Cristo Jesus, Tu me chamaste”** (refrão).

Para guardar na memória e no coração

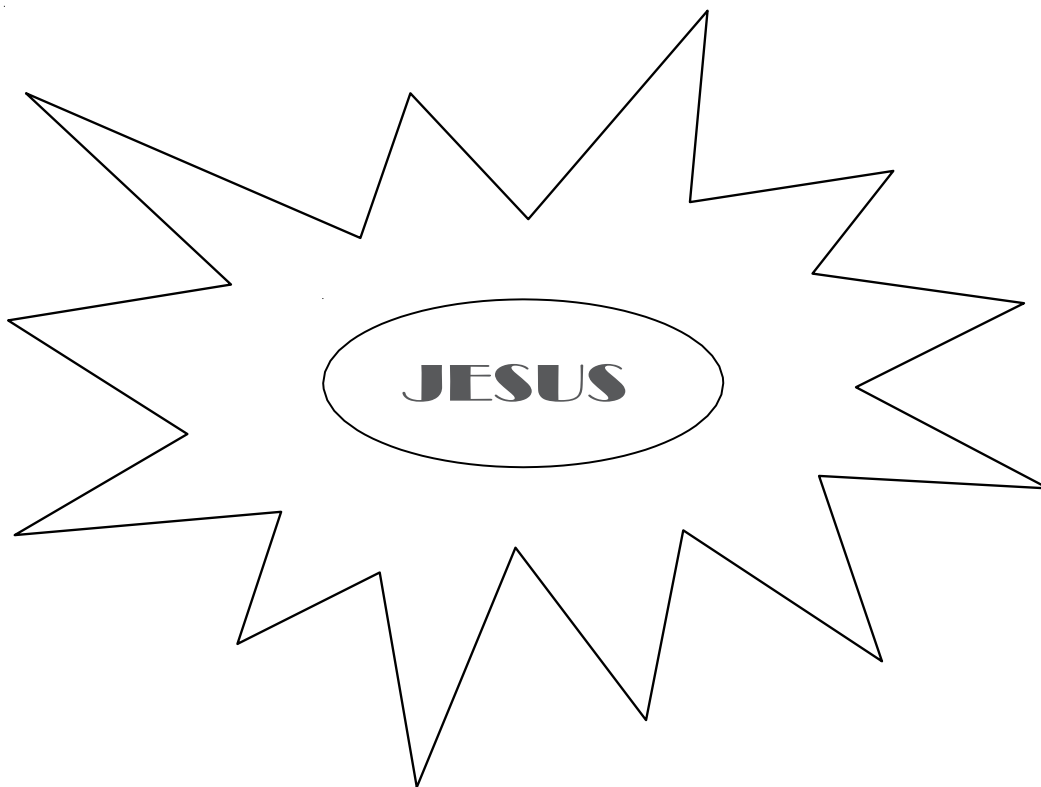
Jesus disse:

“Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles.”

DOCUMENTO 1

Painel a construir durante a catequese:

- Ao centro, a imagem do sol, com o nome JESUS.
- Os “raios solares” são recortados em tantos, quantas as crianças e catequistas.



“DEIXARAM TUDO E SEGUIRAM JESUS”

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O poder do Evangelho de Deus

Difícilmente haverá uma pessoa que não tenha experimentado já os efeitos vivificantes de boas notícias. Pelo seu conteúdo positivo, podem modificar radicalmente as nossas vidas. Por isso se chamam boas: pelo bem que comunicam e fazem. Um bem tanto maior, quanto melhor for a notícia.

Em grego “Boa Notícia” diz-se “Evangelho”, transmitido por um “Bom Anjo” ou “Mensageiro”. Na origem, e muito antes da era cristã, o termo era aplicado, sobretudo, à notícia da vitória obtida numa batalha contra exércitos inimigos que ameaçavam seriamente a tranquilidade e a vida de um povo. Quando a vitória era alcançada longe do lugar em que o povo vivia, era fundamental que este dela tivesse conhecimento, e o mais rapidamente possível. Só então a paz, necessária e desejada, se restabelecia plenamente. De tal modo que, na prática, era a notícia que causava a paz naqueles que a recebiam. Enquanto dela não soubessem, continuariam, no mínimo, intranquilos e ansiosos.

Compreende-se assim a exclamação do Profeta que fala em **Is 52, 7**: *Que formosos sobre os montes são os pés do mensageiro que anuncia a paz, que anuncia coisas boas, que proclama a salvação!* Neste caso, eram destinatários da boa nova os judeus que haviam sido exilados para a Babilónia em 587 a.C.. A boa notícia consistia no fim da opressão e na possibilidade do regresso à terra onde poderiam gozar daquela autonomia e liberdade que tinha a sua origem última no Deus em que acreditavam. Daí a última exclamação do mensageiro: *O rei é o teu Deus.*

S. Paulo aplica as palavras de Isaías a uma outra mensagem, à boa nova de uma vitória com uma dimensão infinitamente maior e com efeitos infinitamente mais radicais: o Evangelho do triunfo obtido para sempre sobre a morte e tudo o que a ele conduz, por Jesus, através da sua ressurreição. Aqui, não se trata apenas de uma batalha, mais ou menos pontual e respeitante a um grupo mais ou menos limitado de pessoas. Não, a luta contra a morte é comum a todo o ser vivo e dura enquanto este tem vida. Tanto, que a nossa vida consiste em procurar, com todos os meios, não apenas adiar a morte, mas

vencê-la, em todas as suas manifestações: a derradeira, quando deixemos esta vida, e aquelas que, directa ou indirectamente lá conduzem, como podem ser a doença, a miséria, o fracasso, a solidão, a falta de sentido de vida. Em tudo isso sentimos como a morte já está em acção.

Daí o poder infinitamente vivificante do “Evangelho da morte e ressurreição de Cristo”. Um Evangelho que é de Deus, porque só Ele dá vida aos mortos e chama à existência o que não existe (Rm 4, 17). E a vida que concede a Cristo, seu Filho, vai para além de todas as limitações, incluindo as do tempo e do espaço, como é próprio de Deus.

É deste Evangelho que Paulo escreve: *Ele é poder de Deus para a salvação de todo o crente, primeiro o judeu e depois o grego. É que nele é revelada a justiça de Deus que vem da fé e conduz à fé, conforme está escrito: “o que é justo pela fé, esse viverá”* (Rm 1, 16-17). Trata-se, portanto, de um Evangelho em que Deus revela quem Ele é realmente (a sua *justiça*), o que só Ele pode (uma *salvação* em todos os sentidos)... mas naqueles que nele acreditam. Será que este último aspecto limita o seu poder?

2. “Faz-te ao largo”...

A cena da pesca milagrosa narrada em **Lc 5, 1-11** é muito semelhante à de Jo 21, 1-11, esta situada depois da ressurreição de Cristo. Isto quer dizer, pelo menos, que o poder divino que se manifesta plenamente em Cristo ressuscitado já estava em acção na actividade messiânica anterior à sua morte e ressurreição. Por isso, S. Lucas apresenta o milagre na sequência imediata do anúncio da *Palavra de Deus*, junto e dentro do lago de Genesaré. Um anúncio do Reino de Deus feito por palavras e acções. O poder do Evangelho que Jesus anunciava adquiria uma das suas manifestações mais visíveis nos milagres que realizava. Estes “manifestam que o Reino de Deus está presente n’Ele. Comprovam que Ele é o Messias anunciado” (CIC 547).

Por isso, o efeito salvífico dos milagres vai muito para além do seu resultado material e humano. Como sinais do Reino de Deus, são um desafio a deixar que Deus reine plenamente naqueles que usufruem do seu poder e naqueles que dele são testemunhas oculares: “Convida-os a crer n’Ele. Aos que se Lhe dirigem com fé, concede-lhes o que pedem” (Ibidem 548).

É nesse sentido que Jesus diz a Pedro, depois de uma noite sem nada pescar: *Faz-te ao largo. E vós, lançai as redes para a pesca* (Lc 5, 4). Pressente-se já que este *largo* é infinitamente mais largo que o lago de Genesaré e que a pesca se não irá reduzir à dos peixes que as redes mal conseguirão conter. E, se dúvidas houvesse, a reacção de Pedro desfá-las: *À tua palavra lançarei as redes*. É a mesma Palavra de Deus que Jesus anunciava da barca de Pedro: a Palavra que tudo pode, porque vem de Deus. A Palavra que, se acolhida pela fé, pode levar o crente muito para além das suas limitações humanas. Uma vez possuído por Deus, é n’Ele e por Ele que passa a actuar.

Se Pedro teve qualquer dúvida ou hesitação na resposta ao primeiro desafio de Jesus, depois do sucedido, tudo se desfez. *Ao ver isto, Simão Pedro caiu aos pés de Jesus,*

dizendo: “*Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador*” (v. 8). A prostração é o sinal externo da adoração, da sujeição a quem infinitamente se impôs. E o pedido que Pedro faz a Jesus para que dele se afaste é apenas a expressão da distância que o separa, como ser frágil e sujeito ao pecado, de Alguém em quem Deus se manifesta como nunca o havia feito. É, portanto, uma expressão de fé, de disponibilidade para tudo o que o Senhor dele quiser... e lhe vai pedir.

3. “Deixaram tudo”...

...*E seguiram-no* (v.11). É o resultado, ou melhor, a concretização da fé. O verdadeiro acto de fé prolonga-se, sempre, para além do momento em que é feito. S. Paulo fala da *fé que actua pelo amor* (Gl 5, 6). É que a fé é um dom que nasce do amor, um amor que parte daquele em quem se acredita. *E o amor de Deus manifestou-se desta forma no meio de nós: Deus enviou ao mundo o seu Filho Unigénito, para que, por Ele, tenhamos a vida. É nisto que está o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou e enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados* (1 Jo 4, 9-10). A fé é a entrega a quem primeiro se entregou a nós e por nós. É na sua entrega que está a origem da nossa entrega.

Uma entrega à dimensão daquele que se entregou por nós: todo, até à total doação da vida na cruz. Por isso, Pedro, Tiago e João e tantos, tantos outros que se lhe seguiram até aos nossos dias, *deixaram tudo*. Não para ficarem sem nada, mas para terem tudo. *De futuro, serás pescador de homens* (Lc 5, 10) A vida de Pedro, e de todos os que aceitam o chamamento de Jesus, deixe de estar limitada ao mundo material da pesca e dos peixes do lago da Genesaré, para ganhar a dimensão universal da humanidade, de toda a humanidade por quem Cristo deu a vida. A sua família passa a ser a Igreja, constituída por todos os homens e mulheres que Pedro e todos os outros conquistam para Cristo.

Por isso, deixar tudo para seguir Jesus não é um desafio, um chamamento dirigido a uma elite de cristãos e por eles aceite. É, sim, a vocação de qualquer cristão. Mesmo aqueles que não deixem, nem devem deixar, o seu trabalho, os seus haveres, a sua família; mesmo esses têm de se libertar de tudo isso para seguir Jesus. Não apenas uma vez ou outra, para, por exemplo, tomar parte num acto de culto ou prestar um serviço à comunidade a que pertencem. Também no seu dia-a-dia, todos os cristãos têm de deixar tudo: na medida em que, em tudo o que fazem e adquirem, *não vivem mais para si mesmos, mas para Aquele que por eles morreu e ressuscitou* (2 Cor 5, 15); na medida em que, como Ele e levados por Ele, repartem e partilham os seus bens e as suas qualidades. Fazem-no, não apenas pelos amigos e familiares, mas, conforme as suas possibilidades e capacidades, por aqueles que Deus ama: todas as pessoas.

Com esta certeza, que a experiência confirma: quanto mais se dão, mais adquirem e mais têm – aquela vida ilimitada que Cristo adquiriu no dom total da vida e para a qual desafia cada um de nós, com o poder vivificante do Evangelho que o anuncia.

Desta experiência são testemunhas os catequistas que agem com generosidade e seriedade, entregando-se às crianças que lhes são confiadas e que, por sua acção e testemunho, passam a fazer parte da sua família, a família de Deus em Cristo Jesus.

OBJECTIVOS

- Reconhecer que há muitas pessoas que seguem Jesus;
- Descobrir quais foram os primeiros discípulos de Jesus;
- Entregar-se a Jesus pela oração, em união com todos os que o seguem.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta é a primeira de cinco catequese em que as crianças são chamadas a consolidar a sua adesão de fé a Jesus e a segui-lo. Para isso, são convidadas a apoiar-se em pessoas pelas quais nutrem especial admiração: em primeiro lugar, pessoas que sejam do círculo dos seus amigos ou conhecidos, das quais, eventualmente, até tenham recebido a luz da fé; depois, os três primeiros discípulos de Jesus que já conhecem do ano anterior, a partir da cena da transfiguração. Pedro, Tiago e João são agora testemunhas e beneficiários duma intervenção de Jesus em que Ele manifesta o seu poder messiânico no anúncio do Reino de Deus.
2. Para que também as crianças se deixem conquistar por Ele, apela-se à capacidade narrativa e, sobretudo, à convicção do catequista na exposição da cena da pesca milagrosa (Lc 5, 1-11). Para a tornar mais viva, os diálogos ou são lidos da Bíblia ou, de preferência e se possível, são proclamados por outros dois catequistas.
3. Para a expressão de fé, propõe-se o lugar onde Jesus mais se manifesta hoje: uma igreja, se possível diante do sacrário, se este ficar perto do local da catequese e se nesse espaço não estiverem outras pessoas. É importante que as crianças aprendam a fazer silêncio e a apreciá-lo, e progridam, pouco a pouco, na capacidade de encontrar o recolhimento necessário para um verdadeiro acto de adoração e de fé, embora, naturalmente, o tempo de concentração possa, pela idade e falta de hábito, ser curto. De qualquer modo, mesmo que haja algum movimento, o catequista procurará que este seja um momento significativo e feliz para as crianças.

MATERIAIS

- Dístico “Jesus” e as cartolinas com os nomes das crianças e catequistas (catequese anterior);
- Cartolinas idênticas, mas sem nomes, a não ser os de “Pedro”, “Tiago” e “João” (ver Documento 1 da catequese anterior);
- Bíblia;
- Vela grossa e com cerca de 15 cm. de altura, se possível decorada com uma pequena rede de pesca, que pode ser desenhada em papel, recortada e colada;

- Marcadores para o catecismo, com a inscrição “Farei de vós pescadores de homens”, um para cada criança (ver Documento 1).

MÚSICAS:

- “Cristo Jesus, Tu me chamaste”;
- “Jesus, eu amo-te”;
- “Jesus Cristo és meu amigo”.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- No **placar**: ao centro, o **dístico “Jesus”** da catequese anterior.
- Na **mesa**: a Bíblia, aberta em Lc 5, 1-11, e a vela, ainda apagada.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista chame por cada criança, pelo seu nome, a partir das cartolinas em que o escreveram na catequese anterior, convidando cada uma a ir-se pondo de pé e a responder, como então: “Estou aqui”.*

Depois de ter chamado por todas, diga-lhes:

Muito bem. Estou muito contente convosco. Vejo que não estão a faltar àquilo que prometeram na semana passada. Quando vos entreguei o catecismo e perguntei se querem seguir Jesus, que responderam? – “Sim quero”. E hoje cá estão, na catequese.

A propósito: ainda se lembram do que respondemos quando o sr. Padre (ou Diácono) nos diz, na Missa: “O Senhor esteja convosco”?... – “Ele está no meio de nós”.

De facto, Jesus está no meio de nós, também aqui na catequese.

E é Ele quem nos chama. E nós vamos responder-lhe: “Estou aqui”, mas agora cantando e até acompanhando com gestos (*o catequista explique, exemplificando*):

“Cristo Jesus” – elevamos as mãos para o alto;

“Tu me chamaste” – cruzamos as mãos no peito;

“Estou aqui” – estendemos as mãos e os braços à altura do peito, como quem se oferece;

“Tu me chamaste” – mãos para o alto;

“Pelo meu nome” – mãos cruzadas no peito;

“Estou aqui” – mãos abertas e estendidas.

“Cristo Jesus, Tu me chamaste” (*refrão e 1ª estrofe*).

2. Agora, sentamo-nos.

Já repararam que, hoje, no placar os nossos nomes não estão onde os pusemos na catequese anterior: em volta do nome de Jesus, como um grande sol, que nos dá a luz... Não é que nós não mereçamos estar lá. Pelo contrário: depois de lhe voltarmos a dizer que o queremos seguir, devíamos mesmo estar em volta de Jesus, porque Ele está «no meio de nós». Mas agora, por um bocadinho, vamos dar a vez a outras pessoas.

É que não somos só nós que queremos seguir Jesus. Há muitas pessoas que são amigas d'Ele e o seguem. Vamos descobrir algumas delas e lembrá-las.

Queria, por isso, que dissessem, de entre as pessoas que conhecem, quais são aquelas que merecem estar em volta de Jesus, por quererem segui-lo, como nós. Cada um vai escolher uma pessoa – nós, aqui na catequese, não contamos – e explicar a todos porque é que escolheu essa pessoa como exemplo de quem segue Jesus.

Vamos pensar em silêncio e com calma, cada um para si: qual é a pessoa que nós escolhemos, por ser alguém que segue Jesus, e explicar porque a escolhemos.

*Enquanto as crianças reflectem, o catequista afixe no placar, em volta do dístico “Jesus”, **cartolinas idênticas às da catequese anterior**. Mas deixe, ao alto, o espaço livre para três, que serão para os nomes dos três Apóstolos, a apresentar a seguir à leitura da Palavra de Deus.*

Para a recolha dos nomes, siga uma das seguintes alternativas:

1ª

Alternativa

Grupo pequeno

Cada criança e, no final, o catequista dizem os nomes das pessoas e as razões da sua escolha. À medida que o fazem, o catequista regista os nomes sugeridos nas diferentes cartolinas.

2ª

Alternativa

Grupo grande

O grupo pode ser dividido em pares. As duas crianças devem procurar chegar a acordo quanto ao nome e às razões da escolha: uma criança escreve o nome na cartolina e a outra escreve numa folha as razões da escolha e será o porta-voz para a comunicação ao grupo das suas razões.

3. Para as duas alternativas:

Se o grupo for organizado, o catequista peça às crianças para, elas próprias, depois de escreverem os nomes, irem colocar a cartolina com o nome sugerido – indicando qual a disposição, conforme o documento 1 – em torno do nome de Jesus, e explicarem ao grupo, rapidamente, as razões da sua escolha.

Se o grupo tiver mais dificuldade em se organizar, seja o catequista a escrever os nomes e a colocar as cartolinas, uma a uma, partilhando as crianças, do seu lugar, as razões da sua escolha.

No final, o catequista coloque a sua cartolina e explique a sua escolha.

Sendo o grupo numeroso, é possível que em cada cartolina, ou nalgumas, tenha de constar mais do que um nome.

Que lindo! Colocámos tantos nomes em torno do nome de Jesus!

Gostava que dessem bastante atenção a isto: há tantas pessoas que vós apreciáis e de quem até gostais muito (*o catequista pode referir algumas delas*); pessoas que partilham connosco alguma coisa que é verdadeiramente importante: ser amigas de Jesus e querer segui-lo. Os amigos de Jesus vivem a sua vida da maneira que Jesus lhes pede, por isso podemos dizer que seguem os seus passos.

E isto dá-nos uma grande alegria. Por isso, cantamos, unidos a essas pessoas, quase como se elas estivessem aqui connosco:

“Cristo Jesus, Tu me chamaste” (*só o refrão, com os gestos aprendidos*).

II. PALAVRA

- 1.** Já devem ter reparado que colocámos os cartões, como luzes que vêm do sol, em torno da luz brilhante que é Jesus. Mas ainda há lugar para mais. Que outros nomes poderíamos colocar lá, para ficar completo?...

Eu vou explicar: aqueles lugares estão guardados para as primeiras três pessoas que seguiram Jesus. São pessoas da terra de Jesus e que viveram na mesma altura em que Ele andou a anunciar o Reino de Deus neste mundo.

Vamos ouvir a história que mostra o que se passou.

- 2.** *O catequista acenda a vela e chame a atenção das crianças para a decoração com a rede:*

Aqui está uma rede de pesca! Vão estar com muita atenção e descobrir porque a colocámos aqui.

*Pega na Bíblia, aberta em **Lc 5, 1-11** e pede às crianças para se porem de pé. Depois, conta o episódio por palavras suas, lendo apenas as palavras ditas pelos personagens que entram nele: Jesus e Simão Pedro. Se houver mais de um catequista, pode ser lido em jogral.*

Jesus andava a falar de Deus junto a um grande lago: chama-se “lago de Genesaré”. E como as pessoas que chegavam para o ouvir, eram muitas, Jesus teve de subir para um barco, para que todos o vissem e ouvissem bem. O barco era de um pescador chamado Simão Pedro. Quando acabou de falar para as pessoas que ali se tinham juntado, Jesus disse a Simão Pedro:

– **Faz-te ao largo.**

E disse aos outros pescadores:

– **E vós, lançai as redes para a pesca.**

Respondeu Simão:

– **Mestre, trabalhámos durante toda a noite e não apanhámos nada.**

Mas, porque Tu o dizes, lançarei as redes.

E eles assim fizeram. Lançaram as redes, e sabem o que aconteceu?...

Apanharam tanto peixe que as redes quase se rompiam e tiveram de chamar outro barco. E, mesmo os dois, quase se afundavam.

Quando chegaram a terra, Pedro estava tão admirado, que, ao aproximar-se de Jesus, se ajoelhou e disse-lhe:

– **Senhor, afasta-te de mim, porque sou um homem pecador.**

Simão Pedro percebeu que alguma coisa especial tinha acontecido, para ter sido possível uma tão grande pesca.

E, tão admirados como ele, estavam outros dois companheiros de pesca. Um chamava-se Tiago e o outro João, e eram irmãos.

Jesus percebeu a confusão deles. E sabem o que disse a Simão?

– **Não tenhas medo.**

De futuro, serás pescador de homens.

Pescador de homens! Que ideia extraordinária!

E que fizeram Pedro, Tiago e João?

Depois de terem levado os barcos para terra, Deixaram tudo e seguiram Jesus.

(Repetir a frase final:)

Deixaram tudo e seguiram Jesus.

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

3 *Depois de as crianças se sentarem:*

Agora já compreendem porque temos aqui esta rede nesta linda vela? - Porque os pescadores usam as redes para pescar e nós estivemos a ouvir Jesus dizer aos seus amigos: “Farei de vós pescadores de homens”. A rede representa esta promessa tão espantosa, que até vós estais admirados. Até dissestes: “Glória a vós, Senhor”.

E com razão. O que aconteceu é mesmo para nós darmos glória ao Senhor: Jesus, naquele lago, mostrou mesmo que é o Senhor. Depois de uma noite sem pescarem nada, agora os pescadores mal conseguiam carregar tanto peixe nos barcos.

Mas Jesus, embora se preocupasse com as dificuldades das pessoas, não queria que eles continuassem a pescar peixe. Queria o trabalho deles para uma pescaria especial, extraordinária, que deixou aqueles homens admirados.

E a nós também. Como é que se vai agora pescar homens e mulheres?

Mas, quando às vezes nós não conseguimos perceber alguma coisa, o nosso coração percebe. Assim aconteceu com eles: Pedro, Tiago e João.

Eles perceberam, com o seu coração, que a sua vida ia mudar, que eles deviam deixar para trás a sua vida de pescadores e seguir Jesus. Sim, Jesus convidava-os para o seguirem.

Agora, que escutámos e percebemos esta história extraordinária, podemos colocar os nomes de (*afixe, na parte superior do nome de Jesus, as cartolinas com os **dísticos**, ao mesmo tempo que vai dizendo:*) **Pedro, Tiago e João.**

(Depois, deixe que as crianças contemplem e diga:)

Pedro, Tiago e João estão na parte de cima, por duas razões:

– A principal razão: porque foram eles os primeiros a seguir Jesus, e fizeram-no com uma coragem tão grande, que deixaram tudo: as redes, o barco, a vida que tinham como pescadores de peixes.

Mas, valeu bem a pena. Nós até já sabíamos isso! Lembrem-se do que aconteceu com Pedro, Tiago e João, quando um dia Jesus os levou para um alto monte?...

Foi nesse monte muito alto que Jesus se tornou todo luminoso. Por isso é que o nome dele, no placar, também está envolvido em luz. Uma luz que se estende para os nomes das pessoas que o seguem: entre elas Pedro, Tiago e João. Porquê?

– É a segunda razão. Lembrem-se do que Jesus disse a Pedro para ele o seguir? – “De futuro serás pescador de homens”.

O que terá sido isso de pescador de homens? Como se trata de algo muito especial, temos de pensar bem.

Vamos combinar assim: para começar, cada um vai desenhar o seu retrato na página 13 do catecismo, mostrando que sabe que Jesus chama pelo seu nome! Depois, na página 14 está esta imagem de Jesus com Pedro, Tiago e João (*mostrar*): vamos escrever “Eu, *nome*, quero seguir Jesus”, porque esta é a ideia mais importante deste nosso ano de catequese: até temos um catecismo que se chama precisamente... **“Queremos seguir Jesus”**.

E aqui, na página 16 (*indicar*) diz: «Pescadores de homens». Neste espaço, em casa, a lápis, cada um vai escrever duas ideias sobre o que Jesus lhe pede, pede a cada um de nós, quando nos convida a segui-lo (*o catequista analisa as imagens com as crianças, ajudando-as a reflectir*). Também podem desenhar, se preferirem. Seria uma grande ajuda se conversassem também com os pais, os irmãos mais velhos, alguém que vos ajude a pensar e a escrever. E na próxima catequese vamos escutar a história que nos explica como é que Pedro, Tiago e João e outros, depois deles, também deixaram tudo para seguirem Jesus: vamos descobrir como é que todos eles se tornaram pescadores de homens.

E, depois, ainda têm a página 15: para pintar e rezar com o coração, recordando o que nós vamos fazer de seguida.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Sim, sim, porque não podemos ir-nos embora sem termos uma palavra para com Jesus. É que nós também queremos segui-lo. Estamos a aprender e a descobrir, com o nosso coração e o nosso pensamento, que vale a pena vir à catequese conhecer Jesus e aquilo que Ele pede a cada um de nós.

E hoje, em que guardamos no coração esta promessa espantosa «Farei de vós pescadores de homens», vamos compreender como, às vezes, é bom deixemos tudo para encontrar Jesus num sítio especial: na igreja. Por isso, hoje também vamos à igreja agradecer a Jesus por Ele querer chamar por nós.

Antes de o grupo entrar na igreja, o catequista explique que devem fazer silêncio e caminhar em ordem, fazendo espaço no coração para esse encontro com Jesus, na casa dele.

Uma vez lá, vão para junto do sacrário, se o houver, ou do altar. Se for junto do sacrário, a oração sugerida a seguir deve ser feita de joelhos, desde que haja condições para manter a ordem.

2. Agora, vamos rezar a Jesus com um **cântico** que já conhecem do ano passado. Aquele em que lhe dizemos que o amamos e que Ele é o Senhor de cada um de nós. De nós e de todos os que o seguem, a começar por Pedro, Tiago e João.

De pé (ou ajoelhados – *se for diante do sacrário*)... Olhemos todos para o nome de Jesus (ou para o sacrário ou a cruz), rezando:

Catequista:

**Ó Jesus, és tu que nos chamas para te seguirmos,
como fizeram Pedro, Tiago e João.**

Unidos a eles, também nós te amamos e te cantamos:

Todos:

“Jesus eu amo-te”...

Catequista:

**Ó Jesus, nós queremos seguir-te,
como fazem outros teus amigos,
cujos nomes hoje recordamos**

(o catequista mencione alguns dos nomes indicados pelas crianças).

**Com todos estes teus amigos,
reconhecemos que és tu o único Senhor.**

Por isso, te cantamos, estendendo as mãos para Ti:

(o catequista estende as mãos, dando o exemplo):

Todos:

“Tu és o meu Senhor”...

- 3.** *Se houver tempo, o catequista pode ainda ensaiar, pelo menos, o refrão do **cântico**:*

“Jesus Cristo és meu amigo”.

Depois de um breve ensaio, convide as crianças a cantá-lo como oração conclusiva. Antes de deixarem a igreja, ou o espaço onde estiveram a rezar, entregue a cada criança um pequeno marcador para o catecismo e que tem a inscrição «Farei de vós pescadores de homens e de mulheres», pedindo às crianças para não esquecerem o seu compromisso de trabalho no catecismo, relativo a esta expressão.

4. Compromisso

Realizar a tarefa indicada no catecismo, página 16, e sugerida no final do ponto 3 da Palavra: Onde diz «Pescadores de homens»; neste espaço, em casa, a lápis, cada um vai escrever a sua ideia sobre o que Jesus pede a cada um de nós. Também podem desenhar, se preferirem. Na página 15, preencher o texto e pintar, recordando a visita feita a Jesus na igreja.

Para guardar na memória e no coração

Jesus chama cada um de nós e diz-lhe: «Farei de ti um pescador de homens e de mulheres».

III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1

Modelo do marcador para o catecismo, para ser fotocopiado ou servir de modelo.
As crianças podem pintá-lo a seu gosto.

Farei de
vós
pescadores
de
homens
e de
mulheres.



OS APÓSTOLOS ANUNCIAM-NOS O REINO DE DEUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. É urgente uma nova evangelização

O alarme e o desafio foram lançados, de um modo explícito e insistente, pelo Papa João Paulo II, a partir dos anos oitenta do século passado, e mantêm toda a sua actualidade. É urgente, antes de mais, para aqueles que dela necessitam: no dizer do Directório Geral da Catequese (n. 26), “cristãos baptizados que, infelizmente, escondem a sua identidade cristã, ou por causa de uma concepção errada do diálogo inter-religioso ou por uma certa reticência em testemunhar a própria fé em Jesus Cristo, na sociedade contemporânea.”

Não estão suficiente e convictamente esclarecidos do que S. Pedro proclama diante do Sinédrio de Jerusalém acerca de Jesus Cristo ressuscitado: *Não há debaixo do céu outro nome, dado aos homens, que nos possa salvar* (Act 4, 12). Ou do que S. Paulo escreve, a propósito das *preces, orações, súplicas e acções de graças por todos os homens*, por ele recomendadas: *Há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, um homem: Cristo Jesus, que se entregou a si mesmo como resgate por todos* (1 Tim 2, 1.5-6). Ou ainda do que o próprio Jesus transmite aos Apóstolos na última ceia: *Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém pode ir ao Pai senão por mim* (Jo 14, 6). Isto não significa que em religiões não cristãs não existam “sementes do verbo”: “têm também um único fim último, Deus, cuja providência, testemunhos de bondade e desígnio de salvação se estendem a todos, até que os eleitos sejam reunidos na cidade santa” (NA 1). Mas que, no diálogo com elas, cristão algum perca de vista a originalidade e o poder único do Deus de Jesus Cristo, manifestado sobretudo na sua morte redentora e ressurreição gloriosa, o núcleo central do Evangelho.

No entanto, é sobretudo na sua presença no mundo que esses cristãos – e são tantos – deveriam mostrar este Evangelho ao vivo nas suas vidas: não se envergonhando de falar dele e, principalmente, procurando assumi-lo nas suas atitudes e opções práticas, de modo que estas não sejam uma negação do Deus em que dizem acreditar... e não

levem outros a rejeitá-lo, falhando uns e outros o fim último e a aspiração profunda das suas vidas: uma felicidade plena, a salvação eterna.

Mas, que esses cristãos, ainda incapazes de viver segundo Cristo, O (re)descubram e dele verdadeiramente se apaixonem, é uma tarefa urgente também para a Igreja: para que ela, em todas as suas comunidades, deixe de ser apenas mais uma instituição a que muitos dos seus membros recorrem de vez em quando, não se sentindo, na prática, a ela pertencentes; para que ela mantenha aquela vitalidade que lhe vem do Espírito que a anima e se manifesta no testemunho vivo e convincente daquele de quem vive, Jesus Cristo. De tal modo que ela, a sua Igreja e cada um dos seus membros, possa dizer, com Paulo: *Ai de mim, se não evangelizar* (1 Cor 9, 16).

2. A exemplo e com o incentivo dos Apóstolos

A cena do envio dos doze, narrada em **Lc 9, 1-6**, é o complemento de duas outras intervenções de Jesus expostas anteriormente: o seu chamamento para deixarem tudo e, no seu seguimento, se tornarem *pescadores de homens* (5,1-11); e a escolha de doze, *aos quais deu o nome de Apóstolos* (6,13).

São doze, porque doze eram, na origem, as tribos do povo de Deus. São doze, também, para que, conseqüentemente, toda a Igreja, que representam, neles se reveja, nomeadamente na missão de transmitir o que recebe de Cristo, seu fundador: o anúncio do Reino de Deus, libertando os homens de tudo o que os oprime, no corpo e na alma; acima de tudo, do pecado que está na origem da totalidade dos males, já que em Deus até os males podem ser transformados em bens, como tão claramente se pode ver em Jesus Cristo, sobretudo na sua morte de crucificado.

É depois deste tempo de seguimento e aprendizagem de Jesus (6, 17ss) que os doze são por Ele enviados, para realizarem a missão que nele tinham visto e dele recebem: *Deu-lhes poder e autoridade sobre todos os demónios e para curarem doenças. Depois, enviou-os a proclamar o Reinado de Deus e a curar os doentes* (9,1-2). A ordem das tarefas a cumprir é significativa: é o acolhimento do Evangelho do Reinado de Deus, pela entrega de fé, que dá sentido à libertação dos poderes do mal e dos sofrimentos e doenças físicas e psíquicas. A saúde que é oferecida é para ser usada e vivida na doação, na prática do amor, o mesmo de que se usufruiu na libertação e cura recebida.

Para isso contribui também o modo como devem fazer o anúncio por palavras e acções: *Nada leveis para o caminho: nem cajado, nem alforje, nem pão, nem dinheiro. Nem tendes duas túnicas* (9, 3). Um desprendimento que é uma expressão viva, sem dúvida a mais convincente, da mensagem anunciada. Se esta consiste num amor total e incondicional da parte de Deus, em Cristo seu Filho, haverá outro modo de a proclamar que não seja pela prática do amor? Um amor que exige desprendimento, hábitos de vida reduzidos ao mais simples, exclusão de qualquer intenção de recompensa pelos serviços prestados – a não ser a do mesmo amor que se recebe e se vive com a mesma universalidade e a mesma gratuidade.

A missão dos Doze em plena vida pública de Jesus é vista como uma espécie de ensaio geral para a grande missão que irão receber depois da morte e ressurreição de Cristo, o acontecimento pascal, aquele em que Deus se manifestou mais claramente como Senhor da vida, aquele em que o seu Reino teve e tem a sua expressão máxima.

Um acontecimento que definitivamente conquistou os doze e outras testemunhas do ressuscitado para o anúncio do Evangelho e a sua expansão e extensão até aos nossos dias: a Boa Nova já não apenas realizada por Jesus, mas acerca de Jesus, presente e actuante nas palavras que o anunciam e naqueles que, pelo testemunho de vida, as anunciam (cf. Lc 24, 46-48; Act 1, 8). Só assim o anúncio adquire a sua força de “querigma”: de “grito” expressivo da energia sobre-humana que sai dos arautos que o proclamam, a energia do Ressuscitado de quem vivem.

3. Uma catequese querigmática

O Directório Geral da Catequese distingue entre “primeiro anúncio e catequese”. “O primeiro anúncio é dirigido aos não crentes e àqueles que vivem de facto na indiferença religiosa. Ele tem a função de anunciar o Evangelho e de chamar à conversão. A catequese, «distinta do primeiro anúncio do Evangelho» (CT 19), promove e faz amadurecer esta conversão inicial, educando a fé do convertido e inserindo-o na comunidade cristã. A relação entre estas duas formas do ministério da Palavra é, portanto, uma relação de distinção na complementaridade” (DGC 61). A catequese pressupõe o anúncio e este exige o aprofundamento catequético.

“Todavia, na prática pastoral, as fronteiras entre as duas acções não são facilmente delimitáveis. Acontece frequentemente que as pessoas que acedem à catequese, necessitam, de facto, de uma verdadeira conversão. Por isso, a Igreja deseja que, ordinariamente, uma primeira etapa do processo catequético seja dedicada a assegurar a conversão. Na «*missão ad gentes*», esta tarefa realiza-se através do «pré-catecumenado». Na situação requerida pela «nova evangelização», esta tarefa realiza-se por meio da «catequese querigmática» que alguns chamam «pré-catequese», porque, inspirada no pré-catecumenado, é uma proposta da Boa Nova em ordem a uma sólida opção de fé. Somente a partir da conversão, isto é, apostando na atitude interior «daquele que crê», a catequese propriamente dita poderá desenvolver a sua tarefa específica de educação da fé” (Ibidem 62).

É, genericamente, esta “catequese querigmática” que se está a realizar nos anos da catequese infantil de que este é o terceiro. Algumas das crianças, cada vez mais, são inscritas na catequese sem serem baptizadas. Muitas outras, depois do Baptismo em tenra idade, não tiveram qualquer “despertar religioso”. E mesmo aquelas que tiveram a dita de crescer em família de reconhecida prática cristã, mesmo para essas, o aprofundamento da fé precisa de, pelo menos, ser fortalecida por uma renovada adesão a Cristo. De resto a fé não consiste apenas em conhecer os seus conteúdos, mas tem de levar à entrega confiante Àquele em quem se acredita.

Que o catequista, nesta “catequese querigmática”, como aliás em todas as outras, tem um papel fundamental, está fora de qualquer dúvida. Espera-se dele sobretudo um testemunho de fé vivida, designadamente e sobretudo no acto catequético, que se estende por todos os dias. Com este efeito gratificante: quanto maior for o testemunho, mais se fortalece a fé naquele que tem a felicidade de a ter. É como o amor: cresce pela prática.

OBJECTIVOS

- Acolher e admirar os cristãos que seguem Jesus;
- Reconhecer o lugar dos primeiros Apóstolos no seguimento de Jesus e no anúncio do Reinado de Deus;
- Fortalecer a adesão a Cristo, em ordem ao seu anúncio.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese começa e baseia-se num dos contributos dados pelas crianças na catequese anterior: serão agradavelmente surpreendidas pela presença de uma das pessoas que apontaram e admiram pela prática cristã e, assim, incentivadas, pelo seu testemunho, a seguir Jesus com maior convicção. Só se, de todo, for impossível o testemunho presencial dessa pessoa, se opte por uma das outras duas alternativas da Experiência Humana.
2. Quer para 1ª quer para a 2ª alternativa procure-se uma pessoa que tenha uma experiência de vida cristã significativa para as crianças. Além disso, deve ser convidada com antecedência e preparar a sessão com o catequista: compreender um pouco as características do grupo, definir os objectivos do relato que vai fazer, adaptar o seu comportamento e discurso às capacidades das crianças
3. Para que as crianças, não apenas acolham o testemunho que lhes é oferecido, mas sejam conquistadas para se tornarem, também elas, testemunhas do Evangelho, é sugerido que, a seu modo, assumam o papel de Jesus no chamamento dos primeiros Apóstolos, aqueles que garantiram o anúncio do Evangelho que se estende até aos nossos dias, incluindo a presente catequese. Espera-se que, no final da Expressão de Fé, as crianças, depois de se unirem aos doze na oração do Pai Nosso, aceitem bem o convite para, sobretudo nas suas famílias, transmitirem a mensagem recebida e a experiência vivida.
4. O catequista use todos os meios ao seu alcance para que as crianças cumpram a tarefa que lhes é pedida: informar-se junto de outras pessoas sobre a sua opinião acerca de Jesus. A próxima catequese terá essas respostas como ponto de arranque e de apoio.

MATERIAIS

- O dístico “Jesus” (catequeses anteriores);

- 12 cartolinas, no formato usado nas catequese anteriores (cf. Documento 1 da 1ª catequese) cada uma com o nome de um dos Doze Apóstolos: “Pedro”, “Tiago (Zebedeu)”, “João”, “André”, “Filipe”, “Bartolomeu”, “Mateus”, “Tomé”, “Tiago (Alfeu)”, “Tadeu”, “Simão” e “Judas” (cf. Mc 3, 16-19 ou Mt 10, 2-4);
- Fotografias ou outras imagens ilustrativas da experiência humana (conforme a alternativa adoptada);
- Dísticos: “Pescadores de homens”; “Proclamar o Reino de Deus”; “Curar os doentes” e “Apóstolos”.
- Folhas A5, uma para cada criança, com a pergunta “Para ti quem é Jesus” (se o catequista achar necessário);
- Bíblia;
- Velas, se possível, decoradas com uma pequena rede de pesca.

MÚSICAS

- “Jesus Cristo és meu amigo”;
- “Jesus Cristo é Senhor”.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- No **placar**, ao centro, o dístico “Jesus”, usado nas duas catequese anteriores.
- Na **mesa**, a Bíblia, um ou dois castiçais, apagados, e 12 cartolinas, do formato das usadas nas catequese anteriores, mas cada uma com um nome dos doze Apóstolos, voltados do avesso e em volta da Bíblia.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Se o grupo não for grande, o catequista pode começar, como na catequese anterior, por chamar cada criança, pelo seu nome, pedindo-lhe que se ponha de pé e que responda “Estou aqui”. Se forem muitas as crianças, a chamada pode ser feita do mesmo modo, mas nos pequenos grupos e imediatamente antes de ser dirigida a palavra a todas. Quando estiverem todas de pé, diga-lhes o catequista:*

Mais uma vez responderam prontamente: “Estou aqui”. E responderam a quem? – Claro que não foi só a mim (ou aos vossos catequistas), mas Àquele que vos chama através de nós. Quem é Ele? – Jesus.

Então cantemos-lhe o **cântico** que aprendemos no final da catequese anterior. *(Se não foi ensaiado, o catequista ensaie rapidamente o refrão:)*

“Jesus Cristo és meu amigo” (1ª estrofe e refrão).

Pode, em vez deste cântico, cantar-se: “Cristo Jesus, Tu me chamaste”.

2. Podem sentar-se...

Jesus é muito importante para nós. Dizemos que Ele é “caminho e luz”.

Já alguma vez repararam no que acontece quando, nas noites de Verão, temos a janela aberta e uma luz acesa? Pois é, facilmente uma borboleta se aproxima da luz. Sente-se atraída pela luz.

Assim é Jesus para nós, uma luz que nos atrai. Ele propõe-nos um caminho, o caminho de ser cristão. E como Ele nos atrai – como a luz – nós queremos seguir esse caminho.

Foi por isso que nós colocámos os nossos nomes em redor do nome de Jesus, mostrando como a sua luz nos chama.

Mas, depois colocámos lá outros nomes. Lembram-se? Muitas outras pessoas seguiram, e seguem, Jesus. Lembram-se de algumas daquelas que já tiveram os nomes escritos em volta do nome de Jesus? (*Deixar que as crianças se exprimam e, no final, seguir uma das seguintes alternativas, por ordem de prioridade:*)

1ª

Alternativa

Tomem muita atenção, pois uma pessoa que gosta muito de Jesus e segue o seu caminho vai agora estar connosco. Vai-nos mostrar como procura seguir Jesus.

O catequista faça entrar a pessoa convidada e peça às crianças uma saudação, por exemplo, uma salva de palmas.

Depois, apresente-a e peça-lhe que conte às crianças como é que, na sua vida, procura seguir Jesus: na família (se for o caso), no trabalho, na Igreja.

O testemunho pode ser ilustrado com fotografias ou imagens projectadas em ecrã, mas ser simples (uma atitude ou acção para cada área da sua vida, mostrando harmonia entre estas), directo e não muito longo.

O catequista pode colocar algumas perguntas ou, se tiver tempo, deixar que as crianças, uma vez terminado o testemunho, interroguem o convidado sobre o que acabou de lhes explicar. No fim, o catequista refira as ideias principais, para ajudar as crianças a reter o essencial.

2ª

Alternativa

O catequista afixe no placar a fotografia de uma ou duas das pessoas já mencionadas pelas crianças na catequese anterior. Pergunte-lhes se a(s) reconhecem e exponha-lhes brevemente as actividades desenvolvidas por ela(s), como cristãos que assim procuram seguir Jesus.

Também aqui podem ser usados equipamentos de projecção, com fotografias ou filmes. Nesse caso, é possível acompanhar as imagens de uma legenda breve e expressiva, que contenha o essencial da mensagem...

3ª

Alternativa

O catequista afixe no placar a imagem de uma pessoa, venerada como santo, que ainda seja relativamente desconhecida das crianças.

Depois de a identificar, ou desafiar as crianças a fazê-lo, exponha brevemente o que fez essa pessoa no seguimento de Jesus. Seja, quanto possível, um santo venerado na paróquia ou que, pela sua idade ou outro género de proximidade, permita às crianças admirar as suas virtudes e modos de viver cristãos.

Também aqui podem ser usados equipamentos de projecção, com fotografias ou filmes. Nesse caso, é possível acompanhar as imagens de uma legenda breve e expressiva, que contenha o essencial da mensagem.

3. Para todas as alternativas:

Agora que já ouvimos como é possível seguirmos o caminho de Jesus na nossa vida e tivemos o testemunho de (*indicar o nome da pessoa que deu o testemunho ou daqueles que o catequista referiu*), acho que podíamos cantar com ele/ela (ou unidos a ele/ela) o **cântico** que há pouco cantámos a Jesus.

Para mostrarmos a nossa alegria, batemos as palmas, enquanto cantamos:

“És para mim Jesus” (*refrão e 2ª estrofe*).

II. PALAVRA

1. Depois de as crianças se sentarem:

Como vemos, afinal há muitas pessoas que querem seguir Jesus.

Hoje vamos pôr, em volta do nome luminoso de Jesus, os nomes de todas as primeiras pessoas que o seguiram. Na última catequese já lá estiveram três. Mas, depois dessas três, houve outras que também deixaram tudo e seguiram Jesus. Vamos ver como se chamavam.

E olhem: para dizer o seu nome, podeis ser vós. Ireis fazer como Jesus fez, quando Ele andou na terra a anunciar o Reino de Deus.

Fazemos assim: vou chamando por (alguns de) vós. E quando um de vós ouvir o seu nome, aproxima-se de mim. Entrego-lhe uma cartolina com o nome do amigo de Jesus, e depois de o receber, leia o nome para todos ouvirmos e vai colocá-lo no placar, em volta do nome de Jesus. Depois, volta para o seu lugar e eu chamo outro menino ou menina.

Vamos começar pelos três amigos de Jesus que já conhecemos da última catequese.

Se não perturbar a concentração, as crianças podem acolher cada nome com uma salva de palmas: para agradecer o exemplo que este amigo de Jesus nos dá.

*No final pode cantar-se de novo o **cântico** anterior, neste caso em união com os nomes dos doze Apóstolos em volta de Jesus:*

“És para mim Jesus” (refrão e 1ª ou 2ª estrofe).

2. Para que terá Jesus chamado todas estas pessoas? (*Pode dizer os seus nomes e, se é conhecido, o que faziam antes de seguirem Jesus*).

Imaginem, deixaram tudo o que faziam e seguiram Jesus. Mas, para quê?

Em primeiro lugar, foi para ouvir o que Jesus ensinava às pessoas acerca de Deus. Depois, para ver como Ele vivia e o bem que fazia, em nome de Deus: como Ele curava os doentes, acolhia os que faziam pecados, recebia e abençoava as crianças; como ensinava a todos a amar a Deus e a amarem-se uns aos outros.

E houve uma coisa que Ele lhes ensinou e nós aprendemos no ano passado. O que foi? – O Pai Nosso, aquela oração tão bela que também nós aprendemos e rezamos tantas vezes.

Mas, terá sido só para isso, para ouvir e ver Jesus, que eles o seguiam?...

Quem se lembra do que Ele disse a Pedro e nós ouvimos aqui na última catequese?...

O catequista mostra a vela decorada com a pequena rede de pesca.

*Depois de as crianças tentarem responder, o catequista afixe, na parte inferior do placar, o **dístico “pescadores de homens”**. E comente:*

Isto foi o que Ele disse a Pedro e seu irmão André e ainda a Tiago e João, os filhos de Zebedeu, que já eram pescadores: doravante “sereis pescadores de homens”.

Mas também os outros oito (*pode apontar*) foram chamados para o mesmo: para serem “pescadores de homens”. Não é uma ideia extraordinária?

Mas, como podemos ser pescadores de homens? Pescar homens e mulheres como e para quê?

3. Vamos ouvir Jesus. É Ele quem nos vai explicar como é que podemos ser pescadores de homens e mulheres. Explicou pela primeira vez àqueles amigos de então (*apontar o placar*) e agora explica-nos a nós que também o queremos seguir, para fazermos o que Ele lhes mandou fazer. Ouçamos então o que Ele lhes disse.

*A leitura de **Lc 9, 2.6** pode ser feita pelo catequista ou pela pessoa convidada na 1ª alternativa da experiência humana, depois de acesas as velas decoradas com as redes de pesca e de as crianças se levantarem:*

Catequista/leitor:

O Senhor esteja conosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista/leitor:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo S. Lucas:

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

Catequista/leitor:

**Naquele tempo,
Jesus chamou os doze Apóstolos
e depois enviou-os
a proclamar o Reino de Deus
e a curar os doentes.
Eles partiram
e foram de terra em terra,
a anunciar a Boa Nova
e a realizar curas por toda a parte.**

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

4. Depois de as crianças se sentarem:

Então, como é que os doze amigos de Jesus se tornaram “pescadores de homens”?...
*O catequista vai afixando, de um lado e outro do placar, os seguintes **dísticos** e comentando:*

- **Proclamar o Reino de Deus**”. Jesus e, depois dele, os seus doze amigos comunicavam às pessoas que Deus, seu Pai e nosso Pai, era mesmo amigo delas: Dizia aos pobres, aos que passavam fome, aos que andavam tristes, a todos os que sofriam, a esses dizia que se alegrassem, porque Deus ia acabar com os seus males. Ia fazer com que as pessoas fossem mais amigas umas das outras. Para isso, Jesus e, depois, os seus amigos convidavam as pessoas que faziam coisas erradas – por exemplo, mentiam, desprezavam os outros, não queriam saber de Deus – a essas dizia para se arrependerem do mal que faziam e deixassem de o praticar. Só assim poderiam ser felizes, fazendo felizes as outras pessoas.

– “**Curar os doentes**”. Jesus e, depois dele, também os doze amigos tinham um cuidado e um carinho especial pelos doentes. Até porque muitos desses doentes não tinham quem se interessasse por eles. Outros, como os que sofriam de uma doença da pele, isto é, os leprosos, tinham de viver sozinhos. Ora bem: Jesus e os seus discípulos curaram muitos desses doentes dos seus males. Por isso, ficavam a ser mais amigos de Deus e de Jesus.

E aos que faziam o mal? Também esses muitas vezes só eram desprezados pelas outras pessoas. Jesus, ao contrário, tornava-se amigo deles, para que eles se convertessem e fizessem o bem. E era isso que também os doze amigos deviam fazer: curar as pessoas das doenças do corpo e da alma, isto é, das maldades e dos pecados.

Todas estas coisas maravilhosas aconteciam por causa de Jesus (*apontar para o seu nome*). A luz do bem, do amor e da paz que dele saía, passava para os seus amigos (*apontar para os nomes deles*). E assim é que estes seus amigos eram enviados a fazer o mesmo.

Às vezes, não conseguimos ter saúde no corpo. Mas, se amarmos a Deus e formos boas pessoas, temos saúde na alma e somos felizes. O Reino de Deus significa, nas nossas vidas, que somos bons, que somos capazes de amar muito as outras pessoas, de lhes perdoar os seus erros, de as ajudar, de viver com paz. Quando vivemos assim, vivemos no Reino de Deus.

Percebem agora como é que os doze Apóstolos se tornavam “pescadores de homens” (*apontar o dístico*)?.. Exacto! “Pescavam” as pessoas do mal em que viviam e de uma vida triste e infeliz, para uma vida nova em que cada um se tornava amigo de Jesus e de Deus e aprendia a ser bom. Quando somos mesmo amigos de Deus e de Jesus, tornamo-nos bons e somos felizes.

Por isso, hoje, Jesus está aqui, na catequese, a chamar por cada um de nós e a dizer-nos: vamos pescar as pessoas para as ajudarmos a viver a vida boa dos amigos de Jesus.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. O catequista afixe, ao alto do placar, o **dístico “Apóstolos”** e explique:

Sabem por que chamamos “apóstolos” àqueles primeiros amigos de Jesus? “Apóstolos” quer dizer “enviados”. Como vimos, eles foram os primeiros enviados por Jesus a proclamar o Reino de Deus.

Por isso, eu acho que lhes devemos estar muito agradecidos. Se não tivessem sido eles, nós hoje não conhecíamos Jesus. Eles foram os primeiros a dizer a todas as pessoas: “Tenho uma novidade! Jesus quer que sejas bom e vivas feliz”. Muitas pessoas

escutaram-nos, mudaram a sua vida e falam de Jesus a mais pessoas... assim, até chegar ao nosso grupo!

Foi assim que, por exemplo, chegou até nós a oração do Pai-Nosso que Jesus nos ensinou e em que rezamos também pelo Reino de Deus. Com que palavras?... Exacto: “Venha a nós o vosso reino”. Não é maravilhoso?!

E se nós fossemos rezar esta bela oração, em sinal de gratidão aos doze Apóstolos e a Jesus que os enviou?

Podemos fazer assim:

Primeiro cantamos o **cântico** sobre o Reino de Deus que aprendemos no ano passado e que podemos acompanhar de gestos.

O catequista exemplifica:

“Jesus Cristo é Senhor: *mãos erguidas e corpo inclinado;*

Que de seu Pai nos traz: *mãos e braços abertos e a cabeça voltada para o alto;*

Um Reino só de amor: *mãos pousadas no coração;*

Um Reino só de paz”: *todos de mãos dadas.*

Depois rezaremos o Pai Nosso: todos de mãos dadas e elevadas para Deus.

No final cantamos outra vez e com os mesmos gestos. De acordo?

Então ponham-se de pé...guardemos silêncio...e cantemos:

- **“Jesus Cristo é Senhor”**...
- **Pai Nosso** ...
- **“Jesus Cristo é Senhor”**...

2. Compromisso

Podem sentar-se.

Ainda tenho uma proposta. Se nós aprendemos a seguir Jesus porque outras pessoas nos mostraram quem é Jesus e o que Ele fez, não vos parece que nós temos de fazer o mesmo. Já são capazes, não são? Então, vamos ver do que são capazes:

- Primeiro, gostava muito que contassem lá em vossa casa, aos pais ou avós, o que hoje aprenderam sobre Jesus e os Doze Apóstolos. E rezem o Pai-Nosso juntos. Depois, não se esqueçam de lhes dar um grande abraço, para lhes agradecer: a muitos de vós, foram os pais, os avós, os padrinhos, as primeiras pessoas que vos falaram de Jesus.
- Segunda coisa: vão ter com duas pessoas, fora da nossa catequese e da nossa casa, e façam-lhe uma pequena entrevista. Só com uma pergunta: “Para ti, quem é Jesus?” Depois escrevam as respostas na página 20 do catecismo (*mostrar*) e tragam-nas para a próxima catequese. Não se esquecem?

- Por fim, na página 17 do catecismo (*mostrar*) têm aqui um quadro do pintor Duccio, em que vemos Jesus chamando os Apóstolos, e imagens de pessoas, como nós, que ensinam ou curam, como Jesus lhes pediu: aos apóstolos e a eles. E nos pede a nós! Por isso, também vão escrever ou desenhar uma ou duas situações em que vós também agis como “pescadores de homens e de mulheres”. Pensam muito bem e registam aqui.

Se o catequista, achar oportuno e eficaz, pode distribuir por cada criança uma folha A/5 com a pergunta e com espaço para, pelo menos, duas respostas, e que servirá como rascunho, pois as respostas devem ser transcritas para o catecismo. Entretanto, durante a semana, pode ir lembrando as crianças a realização da tarefa, pelos meios de contacto que tiver à disposição.

Para que não se esqueçam, vamos cantar outra vez:

“És para mim Jesus” (*refrão e 4ª estrofe*).

Para guardar na memória e no coração

Como Jesus enviou os doze Apóstolos, também hoje envia os cristãos a anunciar o Reino de Deus.

EU CREIO QUE SOIS CRISTO

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Jesus – o “Cristo”

Hoje estamos habituados a chamar-lhe simplesmente “Jesus Cristo.” Isto é, “Cristo” passou, ainda no tempo em que se formou o Novo Testamento, de um título para um nome, que se juntou ao nome originário “Jesus”, dado pelos seus pais, embora por revelação divina (Mt 1, 21).

Tendo apenas um nome, como era normal entre os Judeus, Jesus distinguia-se de outras pessoas com o mesmo nome pela indicação da terra (“de Nazaré”) ou dos pais (“filho de Maria e/ou José”) ou da profissão (“o carpinteiro” – Mc 6, 3). Portanto, os pais de Jesus não lhe chamaram “Cristo” nem, provavelmente, alguma vez se atreveriam a fazê-lo. Pois “Cristo” era um título reservado a pessoas que – e só elas – podiam exercer o cargo expresso em hebraico por “Messias”, em grego por “Cristo” e em português por “Ungido”. Na origem, esse título era dado ao rei que, ao ser constituído na missão e dignidade real era, de facto, “ungido” com azeite por um profeta ou sacerdote, representante de Deus. Com o azeite, devido ao seu poder fortificante e, em casos de doença, curativo, era transmitido, em forma de sinal, a energia de que o novo rei necessitava: as qualidades físicas e psíquicas, sapienciais e religiosas, necessárias para bem governar o povo que lhe era confiado.

Sendo uma energia vinda de Deus, o rei era conhecido pelo “Ungido (Cristo ou Messias) do Senhor”. Com o andar dos tempos a mesma unção passou a ser feita também a sacerdotes e, mais tarde, a profetas (cf. CIC 436). Todos eles precisavam de uma especial intimidade e comunhão com Deus. Uma relação que, no caso dos reis, era também expressa pelo título de “Filho de Deus”. Mas, para o povo de Deus do Antigo Testamento, não passava de uma simples filiação adoptiva (cf. 2 Sam 7, 14; Sl 81/82, 6; CIC 441). Não sendo Cristo o nome original de Jesus, pergunta-se: quando e por que razões lhe foi atribuído esse título e com tal intensidade e frequência, que acabou por se tornar nome próprio, até ao ponto de ser exclusivo dele? É mesmo um nome que, juntamente com outros títulos, como “Filho de Deus”, “Senhor”, “Salvador do Mundo”, é, desde que lhe é

aplicado, objecto da fé dos cristãos. No Símbolo dos Apóstolos proclamamos: “Creio em Jesus Cristo, seu (de Deus) único Filho, Nosso Senhor”. Porquê e em que sentido?

2. “Tu és o Cristo”

É assim que Pedro, em nome dos restantes discípulos que seguiam Jesus, responde à pergunta: *E vós, quem dizeis que Eu sou?* Uma pergunta feita em contraste com as opiniões expressas por outros acerca dele: uns dizem ser *João Baptista*; outros, *Elias*; e outros *que és um dos profetas*. Quer dizer que, nem para Jesus nem para os discípulos, alguma dessas figuras, das mais famosas da história do povo de Deus e dentro das expectativas de então, correspondia à grandeza, ao poder e à dignidade de Jesus. Só Ele merecia verdadeiramente ser chamado “Messias” ou “Cristo”. Porquê?

A cena é narrada em **Mc 8, 27-29** (cf. Mt 16,13-20; Lc 9, 18-21), isto é, no auge da actividade messiânica, solenemente introduzida em 1, 1-15 e narrada a partir de 1, 16: o anúncio, por palavras e acções, do Reinado de Deus. Um anúncio que ia crescendo em intensidade: no poder repetidamente manifestado sobre os espíritos impuros; nas curas de toda a espécie de doenças; no domínio de forças da natureza, como era o mar em tempestade (4, 35-41; 6, 45-52); na restituição da vida a uma criança defunta (5, 21-43); na multiplicação de alguns pães e alguns peixes para uma multidão imensa (6, 34-44; 8, 1-10); na autoridade com que enfrentava e infringia interpretações da Lei (2, 1-3, 6); nas parábolas que dirigia às multidões (4, 1-34). Razões mais do que suficientes para uma crescente admiração por parte de quem a tudo assistia ou até disso usufruía.

Daí as perguntas, expressivas dessa admiração: *Que é isto? Eis um novo ensinamento, e feito com tal autoridade, que até manda aos espíritos impuros e eles obedecem-lhe!* (1, 27); *“Nunca vimos coisa assim! (2,12); Quem é este, a quem até o vento e o mar obedecem? (4, 41); De onde é que isto lhe vem e que sabedoria é esta que lhe foi dada? Como se operam tão grandes milagres por suas mãos? (6, 2).* E, enquanto os Doze, por Ele enviados, se encontram na mesma missão de anúncio do Reinado de Deus, a sua fama chega aos ouvidos do próprio rei Herodes Antipas, que se atreve a formular uma primeira resposta: *Este é João Baptista, que ressuscitou dos mortos; e por isso manifesta-se nele o poder de fazer milagres (6, 14).*

É dessa opinião e das outras referidas que os discípulos são portadores em 8, 28. Para eles, porém, Jesus é o Cristo. É a primeira vez que o título volta a aparecer no relato de Marcos, depois de, no início, ser intitulado de *Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus* (Mc 1, 1). Quer dizer que o livro poderia terminar com a confissão de Pedro. Isto é, o leitor sabe, finalmente, porquê e como é que Jesus é o Messias e Filho de Deus.

Mas não, o relato não termina aqui. Mais: à confissão de Pedro, Jesus reage do modo talvez mais inesperado: *Ordenou-lhes então que não falassem dele a ninguém (8, 30).* Não será então verdade o que Pedro acaba, solene e convictamente, de proclamar?

3. Cristo – pela cruz

Se Jesus proibiu os discípulos de divulgarem a sua condição messiânica, era porque ainda não chegara a hora de a revelar naquela verdade e plenitude só acessível à fé e, ao mesmo tempo, geradora da autêntica fé.

E isso só acontece depois de Ele, atraído por um dos Doze, ser levado ao supremo tribunal judaico, o Sinédrio. É aí que o supremo juiz, o Sumo Sacerdote, pergunta solenemente a Jesus: *És Tu o Messias, o Filho do Deus Bendito?* A resposta de Jesus: *Eu sou. E vereis o Filho do Homem sentado à direita do Poder de Deus e vir sobre as nuvens do Céu* (14, 61-62).

Uma *blasfémia* – aos olhos do Sumo Sacerdote e dos restantes juízes. De facto, Jesus acaba de reivindicar para si um poder divino: *Eu sou*, só Deus o poderia afirmar de si próprio (cf. Ex 3, 14); estar *sentado à direita do Poder e vir sobre as nuvens do Céu*, significa ter uma dignidade que leva a participar do poder, que só Deus tem, de julgar a humanidade (Sl 109/110, 1; Dn 7, 13). Daí a sentença unânime: *é réu de morte* (Mc 14, 64).

A verdade, porém, é que foi mesmo na cruz que Jesus adquiriu, definitivamente, a condição e o direito de ser reconhecido e proclamado Cristo e Filho de Deus. E o centurião romano, um pagão que assistiu à execução da sentença até à consumação final, foi o primeiro a declará-lo: *Verdadeiramente este homem era Filho de Deus!* (15, 39). Porque Ele, até na mais radical solidão da morte, totalmente se entregou a Deus, nomeadamente pela oração que lhe dirigiu, por isso na sua morte adquiriu para sempre aquela energia, aquela vitalidade que só Deus tem. No dizer dum conhecido hino, transmitido por S. Paulo, *rebaixou-se a si mesmo, feito obediente até à morte e morte de cruz. Por isso mesmo, Deus o super-exaltou acima de tudo e lhe concedeu o nome que está acima de todo o nome: o de Senhor*, até então e de um modo absoluto, atribuído exclusivamente a Deus (Fil 2, 8-9).

Feito deste modo “Cristo”, no sentido mais completo do termo, Jesus é, ao mesmo tempo, fonte e modelo de fé. Pela sua entrega a Deus e aos homens, como é próprio de quem *não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por todos* (Mc 10, 45), Ele conquista-nos para O seguirmos, designadamente pela libertação do pecado, pois é o pecado que nos impede de o fazermos. Um seguimento pelo mesmo caminho por Ele andado: *Se alguém quiser seguir-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me* (8, 34) ... para, como Ele e com Ele, ganhar aquela vida que Ele tem em plenitude – como Cristo.

Disso são testemunhas os catequistas que o fazem, designadamente em relação aos catequizandos com os quais confessam a sua fé: “Senhor, eu creio que sois Cristo!”

OBJECTIVOS

- Descobrir quem é Jesus para os cristãos;
- Aprender o significado do título “Cristo” ou “Messias”;
- Professar a fé em Jesus Cristo.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Quem é Jesus? É a pergunta central nesta catequese, como na vida cristã. Como o foi durante e depois da vida pública de Jesus. Uma pergunta que começam por fazer, para depois lhes ter sido feita a elas próprias. Tal como entre os Apóstolos e Jesus. De tal modo que as crianças são levadas a identificar-se com eles: na pergunta e na resposta.
2. Para que a afirmação: “Tu és o Cristo!” seja uma autêntica confissão de fé, uma entrega Àquele que merece mais do que ninguém este título pleno de história e significado, a experiência humana decorre já num clima de fé, e, na Expressão de Fé propriamente dita, a explicação do significado de “Messias” é inserida no cântico que faz do título messiânico objecto do acto de fé.
3. Atenda-se à tradução de Mc 8, 29: não deve ler-se “Messias” na resposta de Pedro, mas “Cristo”, fundamentalmente por ser o título que acabou, ao longo da história do cristianismo, por se tornar um nome próprio.

MATERIAIS

- Dístico “Jesus” (catequese anterior);
- Dístico “Cristo”, do formato e, pelo menos, do mesmo tamanho do anterior;
- Dísticos “Ungido”, “Rei” e “Sacerdote”;
- Letras recortadas do dístico “Messias” que, depois de juntas, são afixadas no placar (ver Expressão de Fé) e formam, juntamente com os dísticos anteriores, uma cruz (ver Documento 1);
- Uma série de cartões, de diferentes cores, recortados em forma de estrelas: três com os dísticos “João Baptista”, “Elias” e “Profeta”, e os restantes para neles serem escritas as respostas trazidas pelas crianças (ver Experiência Humana);
- Clipes (2ª alternativa da Experiência Humana);
- Lápis;
- Bíblia;
- Uma vela, que pode ser decorada com o pequeno dístico:

**Quem dizes
que Eu sou?**

MÚSICAS

- “Jesus Cristo é Senhor”;
- “Senhor, eu creio que sois Cristo”;
- “Sou de Cristo, sou feliz”.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala

- No **placar**: ao centro, o dístico “Jesus” das catequeses anteriores.
- Sobre a **mesa**: a Bíblia e a vela apagada.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Como ligação com a catequese anterior, pode começar-se com o **cântico**, acompanhado dos gestos sugeridos então:

“Jesus Cristo é Senhor” (Refrão)

Depois de sentadas as crianças:

Então digam lá quem é que fez o que combinámos aqui na última catequese. Lembra-se? Eram duas coisas.

A primeira era contar lá em casa, a alguém da família, o que aprenderam sobre Jesus e os Doze Apóstolos e, depois, rezarem o Pai Nosso juntos. Vamos ouvir aquilo que conseguiram fazer.

Num grupo pequeno é estimulante todas as crianças serem chamadas a contar a sua experiência; num grupo maior o catequista interpelará duas ou três).

Não sei se repararam, mas quando contaram o que tinham aprendido e, depois, rezaram e deram um abraço a quem vos ensinou a amar Jesus, em tudo isso estiveram a fazer o trabalho de pequenos Apóstolos: foram, à vossa maneira, anunciar o Reino de Deus. Por isso, vamos agradecer, com alegria, cantando outra vez, e com os mesmos gestos, o **cântico**:

“Jesus Cristo é Senhor”

2. Mas havia ainda mais alguma coisa. (*Nome*) lembras-te do que combinámos?...
Exacto: combinámos fazer, a outras duas pessoas, esta pergunta: “Para ti quem é Jesus?”
Vamos lá ler o que escreveram na página 20 do catecismo.
Para apresentar as respostas, vamos fazer assim:

1ª

Alternativa

Grupo pequeno

Vós ides lendo as respostas, um de cada vez, e eu escrevo-as nuns cartões coloridos que preparei e depois vamos afixando no placar, em volta do nome de Jesus. Se quiserem, podem dizer quem foram as pessoas que vos responderam. De acordo?

*À medida que cada criança vai respondendo, o catequista escreva, em várias **cartolinas em forma de estrela** o resumo das respostas das crianças: com um título ou uma qualidade. E vá pedindo, a cada criança, para as afixar no placar, em volta do dístico “Jesus”, de tal modo que, no fim, se pareça com um céu estrelado.*

2ª

Alternativa

Grupo grande

Numa primeira etapa, cada criança copie, para uma das **cartolinas em forma de estrela**, a resposta que, em casa, registou na página 20 do catecismo.

Uma vez feito isto, e como é natural que haja respostas parecidas, reúnam-se as crianças em grupos de quatro, para verificar se há respostas iguais ou parecidas e, nesse caso, prenderem umas às outras as “estrelas” com um clipe. O catequista deve circular entre os grupos, para ajudar.

No final do trabalho de grupos, a apresentação das respostas pode ser feita por uma criança de cada grupo, que leia as respostas registadas e entregue as “estrelas” a outra criança, para esta as afixar no placar.

3ª

Alternativa

Para o caso de poucas, ou nenhuma, das crianças ter recolhido as respostas

O catequista comece por perguntar, pessoalmente, a cada criança: “Quem é Jesus para ti?”, e vá registando um resumo de cada resposta – sob a forma de um título ou qualidade de Jesus – numa cartolina grande ou quadro, não esquecendo a sua própria resposta. Depois, entregue uma das **cartolinas em forma de estrela** a cada criança – e guarde uma para si – pedindo-lhes que copiem o que ficou registado da sua própria resposta. Por fim, chame cada criança e peça-lhe para afixar a sua “estrela” em torno do dístico “Jesus”. A concluir, afixe a sua e leia todas as demais.

3. Para qualquer das alternativas:

Que bela composição fizemos! Parece mesmo um céu estrelado, em volta do nome de Jesus. Tanta estrela, de tantas cores e com tantas respostas (o catequista pode ler, até com as crianças, uma ou outra das mais repetidas).

Não há dúvida de que as pessoas têm ideias muito boas sobre Jesus.

Para a 1ª e 2ª alternativa:

E vós? Que dizeis vós acerca de Jesus?... (respostas) Muito bem.

Para qualquer das alternativas:

Gostava, agora, de vos contar o que se passou com os Apóstolos que, como vós, foram anunciar Jesus e o seu Reino, fazendo o mesmo que Jesus fazia. Lembrem-se do que eles faziam?...

- Proclamavam o Reino de Deus;
- Curavam as pessoas.

Anunciavam assim a Boa Nova, isto é, davam uma notícia muito boa às pessoas: que elas, se quisessem, podiam mudar a sua vida e viver felizes. Para isso, deviam aprender a fazer o que Jesus lhes pedia.

II. PALAVRA

1. Pois bem, sabem qual foi o resultado desta actividade dos Apóstolos?... – Jesus tornou-se muito mais conhecido. Já não era só Ele a anunciar o Reino de Deus, mas também os seus Apóstolos, que o faziam em seu nome.

E, naturalmente, cada vez mais pessoas começaram a ouvir falar de Jesus e de todas as coisas maravilhosas que Ele fazia e, ainda, de como as pessoas que o seguiam se sentiam felizes na sua nova vida.

E sabem o que se perguntava, cada vez mais, acerca de Jesus? Era isto: “Que homem será este que é capaz de dizer e fazer coisas tão maravilhosas? Quem será Ele?”

E é claro, tal como entre nós, as pessoas tinham muitas opiniões. Mas a maior parte só dizia bem de Jesus.

Até que chegou um dia em que o próprio Jesus quis saber o que se dizia acerca dele, para ver se todos sabiam quem Ele era realmente e o que fazia. E foi assim que Ele perguntou aos seus discípulos o que, por lá, se dizia dele. Querem saber quais foram as respostas?...

Vamos ver se são parecidas com aquelas que nós trouxemos e já estão no placar, em volta do nome de Jesus.

2. Então, para ouvirem, ponham-se de pé.

*O catequista acenda a vela, pegue na Bíblia em **Mc 8, 27-29** e leia, num primeiro tempo, só os vv. 27-28.*

A leitura pode ser feita de modo dialogado, com a intervenção de duas crianças, que leiam bem. Neste caso, entregue-lhes o texto numa folha, em que estejam devidamente assinaladas as palavras que cada uma deve ler..

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

EvangELHO de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos:

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

Catequista:

**Naquele tempo,
Jesus partiu com os seus discípulos
para as povoações de Cesareia de Filipe.
No caminho, fez-lhes esta pergunta:**

Leitor:

“Quem dizem os homens que eu sou?”

Catequista:

Eles responderam:

Leitor:

**“Uns dizem João Baptista;
outros, Elias;
e outros, um dos profetas.”**

*O Catequista interrompe a leitura, para afixar no placar mais três cartolinas, no mesmo formato de estrelas, mas com os **dísticos**: “**João Baptista**”, “**Elias**”, “**Profeta**”. Depois explica brevemente:*

João Baptista – já conhecem: foi Ele que baptizou Jesus. Ainda se lembram? Só que, entretanto, ele foi morto. Mas algumas pessoas pensavam que teria ressuscitado, isto é, voltado a viver e, agora, aparecia como Jesus.

Elias foi um grande, grande amigo de Deus, que vivera havia muitos anos. Tão grande amigo, que as pessoas pensavam que Deus o havia de mandar outra vez à terra.

Os profetas eram também grandes amigos de Deus. Tão amigos que falavam muito de Deus às pessoas, para as ajudarem a ser boas.

Portanto, as pessoas do tempo de Jesus, ao dizerem que Ele era João Baptista, Elias ou outro profeta, tinham grande admiração, respeito, por Ele. Do mesmo modo que aqueles a quem perguntámos sobre Jesus: os amigos de Jesus sentem admiração por Ele, respeito, amor, e nós sabemos isso porque colocámos/escrevemos aqui as suas respostas (*apontar para o placar*).

3. Mas, o que pensariam os Apóstolos? Vamos ouvir:

Catequista:

Jesus então perguntou-lhes:

Leitor:

**“E vós,
quem dizeis que eu sou?”**

Catequista:

Pedro tomou a palavra e respondeu:

Leitor:

“Tu és o Cristo.”

Catequista:

Ouviram bem o que eles responderam? (*Lentamente*) – **“Tu és o Cristo”**.

Palavra da Salvação.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

- 4** *Depois de as crianças estarem sentadas, o catequista, em silêncio, afixe o **dístico** “Cristo” sobre o dístico “Jesus”, deixe contemplar e comente:*

Cá está o que pensavam e disseram os discípulos: “Tu és o Cristo”.

Com certeza que era um nome, um título, muito especial. Um título que mostrava que Jesus é alguém muito mais importante do que “João Baptista”, “Elias” ou um “profeta”, como as pessoas diziam.

Mas então o que quererá dizer a palavra “Cristo”?

Eu explico: Cristo é uma palavra grega, a língua em que está escrita uma parte da Bíblia. Uma língua que, no tempo de Jesus, era muito conhecida.

E em português, o que quererá dizer Cristo?

Vamos estar muito atentos, para percebermos bem. Trata-se de um título especial que damos a Jesus, que todos nós tanto amamos.

*O catequista pega no **dístico** “Ungido”, escrito na vertical, mostra-o às crianças, e ajuda-as a lê-lo. Depois afixe-o no placar, a seguir a “Cristo” e na parte superior.*

“Cristo”, em português significa “ungido”. Digam todos comigo, outra vez: **Ungido**.

Mas “ungido”, porquê? Eu explico:

Acontecia que, no tempo de Jesus, se ungiam as pessoas que estavam doentes, para as curar. Olhem, até era assim que faziam os Apóstolos que Jesus enviara, também para curar os doentes: a alguns, untavam-nos com azeite.

Mas, muito tempo antes de Jesus, também se untavam outras pessoas, para as ajudar a serem fortes: fortes não só no corpo, mas também na sua amizade com Deus e com os outros. Eram pessoas que tinham tarefas, trabalhos muito importantes, para o bem dos outros. Pessoas com grandes responsabilidades.

Uma dessas pessoas era...

O catequista afixe de um lado do dístico “Cristo” o dístico “Rei” e diz:

O Rei era ungido (*aponta*) porque, para ser um bom rei, tinha de ser forte e corajoso. Por isso, ao ser coroado rei, era ungido com azeite.

Imaginem, até se ficava a chamar “o ungido” ou “o Cristo” (*aponta*).

E haveria mais alguém, além do rei, que era ungido com azeite?

Afixe, do outro lado do dístico “Cristo”, o dístico “Sacerdote” e comente:

Também o sacerdote mais importante era ungido com azeite. Para quê? – Para fazer bem as coisas de Deus. Ainda hoje os sacerdotes, isto é, os senhores Padres, são ungidos quando são feitos ou ordenados sacerdotes, para poderem celebrar a Missa e fazer outras coisas que só eles podem fazer.

Percebem agora por que razão Pedro e os outros Apóstolos chamaram a Jesus o “Cristo” ou o “Ungido”?

Chamavam-lhe assim, por causa de tudo aquilo que Ele dizia e fazia pelo Reino de Deus: curava os doentes, acolhia os pobres e as crianças e convidava as pessoas a converterem-se, isto é, a mudarem a sua vida, para viverem como Deus nos pede: no amor e na paz.

Nunca até então, tinha havido alguém melhor do que Jesus; nunca tinha havido um Rei ou Sacerdote que tivesse sido tão bom e feito tanto bem como Ele.

Por tudo isto, este é um dos melhores nomes ou títulos que podemos dar a Jesus:

Cristo. Como Cristo, ou Ungido, Ele é mesmo Filho de Deus.

Pedro tinha razão, quando lhe chamou assim. Que bom nós sabermos a resposta de Pedro e de todos os outros Apóstolos.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Eu conheço um cântico em que dizemos exactamente o que disse Pedro e está ali no centro do placar. Se calhar, já ouviram este cântico. Às vezes é cantado na Igreja. Vamos aprendê-lo, porque dizer a Jesus quem Ele é, a cantar, é muito mais bonito.

*O catequista ensaie o refrão do **cântico**:*

“Senhor, eu creio que sois Cristo”

2. Mas, ainda gostava que descobrissem como é que se diz “Cristo” ou “Ungido”, usando uma outra palavra. Sim, sim: ainda temos mais uma palavra que significa o mesmo que Cristo ou Ungido. Tão importante é este título.

Neste caso, é uma palavra – imaginem – que vem de uma língua que era falada na terra de Jesus. E é também a língua em que está escrita uma parte da Bíblia: o hebraico. Querem saber como é que se diz “Ungido” ou “Cristo” numa palavra que vem do hebraico?

Proponho que façamos assim: que sejais vós a mostrar as letras desta palavra. Assim podeis descobri-la aos poucos. De acordo?

E, enquanto a vamos descobrindo, podemos cantar a cântico que acabámos de aprender: “Senhor, eu creio que sois Cristo”.

O catequista convide as crianças necessárias a deslocarem-se para a frente, onde lhes entrega as letras, para as mostrarem às restantes.

Se estiverem sentadas em círculo (ou semicírculo), pode não ser necessário deixarem os seus lugares.

De qualquer modo, proceda-se na seguinte ordem:

- *Às três crianças, e pela ordem em que se leiam, as letras “M”, “E” e “S”. Depois de as mostrarem aos colegas, cantem todos:*

“Senhor, eu creio que sois Cristo” (Refrão)

- *Chame mais quatro, às quais entrega as letras “S” “I” “A” e “S”. Peça depois, a todas as crianças para lerem a palavra MESSIAS e cantarem de novo:*

“Senhor, eu creio que sois Cristo” (Refrão)

- *Finalmente, afixe as letras do dístico, acabado de formar, na parte inferior do placar, de modo que, juntamente com os dísticos “Ungido”, “Rei” e “Sacerdote”, se forme uma cruz, como está indicado no Documento 1.*

Se o tempo for escasso, a apresentação pode ser feita de uma só vez ou pode apenas afixar-se o dístico “Messias” no placar.

3. Que bem vós cantastes: “Senhor, eu creio que sois Cristo”.

Vê-se que sois da mesma opinião de Pedro e dos Apóstolos: também para nós, Jesus é o Cristo, o Ungido, o Messias. Nenhum rei nem profeta, nem Elias, tiveram tanta coragem e tanto poder para fazer o bem e transformar a vida das pessoas, como Jesus.

E sabem o que acontece às pessoas que, como nós, dizem – até a cantar e com toda a convicção – que Jesus é Cristo?... Pois bem, quem crê ou tem fé em Jesus Cristo, sente-se muito feliz, como se diz num **cântico**, chamado:

“Sou de Cristo, sou feliz.”

Sou feliz, porque sou de Cristo; e sou dele porque lhe disse: “Senhor, eu creio que sois Cristo”. Quem crê em Jesus Cristo passa a ser dele. Querem aprender o cântico?

O catequista, depois de ensaiar o refrão, convide as crianças a cantá-lo de pé e, depois, a ensiná-lo em casa, nomeadamente aos pais e mesmo, se tal for possível, às pessoas a quem perguntaram: “Para ti, quem é Jesus”.

4. Compromisso

Antes de terminarmos, queria propor-vos mais uma coisa:

Se somos felizes, por sermos de Cristo, temos, de certeza, um grande desejo de ajudar as outras pessoas a serem felizes como nós. É verdade, não é?

Então, esta semana, vamos, todos os dias, esforçar-nos por fazer alguma coisa que ajude outra pessoa a ser feliz. Cada um escolhe a pessoa que quer ajudar a ser feliz e o que vai fazer por ela, para também ela ser feliz.

Aqui no vosso catecismo, na página 24 (*mostrar*), vão escrever o nome da pessoa onde está:

Quero ajudar a ser feliz

E, na outra linha, escrevem o que vão fazer.

Por exemplo, eu (o catequista) vou ajudar os meus filhos com os trabalhos de casa, para eles aprenderem mais depressa.

Depois, cada dia, se fizerem o que decidiram fazer, pintam uma carinha:



Quando voltarmos para a catequese, na próxima semana, vamos ver quanta felicidade foram capazes de dar!

E porquê? – “Porque somos de Cristo!” (*Repetir, em coro, um pouco mais alto:*) “Porque somos de Cristo!”.

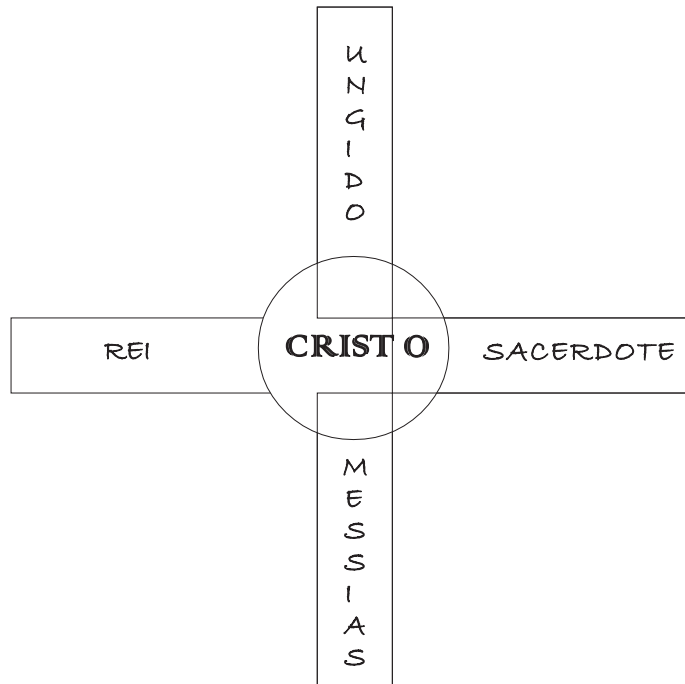
Para guardar na memória e no coração

Senhor, eu creio que sois Cristo, e quero ser vosso amigo.

Nota: Tendo em vista a preparação da **Celebração da Luz** (catequese 6), o catequista envie aos pais das crianças uma mensagem no lugar indicado no catecismo (página 24), a informá-los do dia e da hora da celebração e a convidá-los para nela participarem, juntamente com os padrinhos. Avise-os também de que devem levar a vela do Baptismo do seu filho ou, caso não as tenham, uma vela branca e bonita em sua substituição.

III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1



“ESTA É A NOSSA FÉ”

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Catequista – um transmissor de fé

Esta é uma das melhores definições de catequista: transmissor da fé. Segundo o Directório Geral da Catequese, nº 39, é sua tarefa “proporcionar o verdadeiro encontro da pessoa com Deus, o que significa proporcionar-lhe que ela faça da sua relação com Deus uma relação central e pessoal, para se deixar guiar por Ele”. É nesta relação que consiste e se vive a fé.

Mas como chegar lá? É que, como escrevem os nossos Bispos, “em boa verdade, a fé não se transmite. É dom de Deus àquele que O acolhe. Brota do diálogo misterioso entre

Deus que se revela e o acolhimento do homem que procura a luz e a salvação. A iniciativa vem de Deus que espera uma resposta livre e comprometida do homem. Deste modo, a fé tem uma dimensão transcendente que está para além das nossas possibilidades.”³ Será, então, desnecessária a mediação humana, nomeadamente do catequista? De modo algum. A fé, ainda segundo os nossos Bispos, “não nasce do nada. Ela supõe o anúncio: «Com efeito, quem invocar o nome do Senhor, será salvo. Mas como invocarão sem terem acreditado n’Ele? E como acreditarão n’Ele, sem O terem ouvido? E como O ouvirão, se ninguém O proclama? E como proclamá-l’O, sem ser enviado?... Assim a fé vem da pregação e a pregação é o anúncio da Palavra de Cristo» (Rom 10, 13-17)”.⁴ Daí a conclusão: “O veículo habitual de que o Senhor se serve para chamar alguém à fé é, portanto, a transmissão da revelação, sobretudo o anúncio e o testemunho vivo, entusiasmante do Evangelho. Por isso, comunicar a revelação de modo a despertar e solidificar a fé é a tarefa fundamental das comunidades cristãs. Dentro desta tarefa tem um lugar relevante a catequese. Utilizamos, portanto, a expressão «transmissão da fé»

³ Conferência Episcopal Portuguesa, Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual, Edição do Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa 2005, p. 7-8.

⁴ Ibid.

com o sentido da comunicação da revelação de Deus, alicerçada no testemunho vivo dos crentes e conjugada com a adesão à fé por parte dos destinatários.”⁵

Neste sentido, também o catequista é verdadeiramente um transmissor da fé. Vejamos de que modo deve actuar e de que fé se trata.

2. “A fé da Igreja”

É assim que o ministro do Baptismo, na sua celebração, reage à renúncia e profissão de fé da parte dos catecúmenos, ou no caso das crianças, dos pais e padrinhos: “Esta é a nossa fé. Esta é a fé da Igreja que nos gloriamos de professar, em Jesus Cristo, Nosso Senhor”. Trata-se da fé “em Deus, Pai todo-poderoso”..., “em Jesus Cristo, seu único Filho, Nosso Senhor”... e “no Espírito Santo”... como resposta à leitura da Palavra de Deus. O seu anúncio “ilumina com a verdade revelada os candidatos e a assembleia e suscita a resposta da fé, inseparável do Baptismo. Na verdade, o Baptismo é, de modo particular, o «sacramento da fé», uma vez que é a entrada sacramental na vida da fé” (CIC 1236).

Nesse sentido, “a primeira «profissão de fé» faz-se por ocasião do Baptismo. O «símbolo da fé» (o sumário das principais verdades da fé) é, antes de mais, o símbolo baptismal. E uma vez que o Baptismo é conferido «em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo» (Mt 28, 19), as verdades da fé professadas por ocasião do Baptismo articulam-se segundo a sua referência às três pessoas da Santíssima Trindade” (CIC 189).

Este esquema celebrativo remonta aos primórdios da Igreja. Encontramo-lo já em **Act 2, 14-42**, na manhã do Pentecostes. À multidão reunida em Jerusalém Pedro, “embriagado” do Espírito Santo, explica a origem do milagre das línguas que todos presenciaram: *Foi este Jesus que Deus ressuscitou, e disto nós somos testemunhas. Tendo sido elevado pelo poder de Deus, recebeu o Espírito Santo prometido e derramou-o como vedes e ouvis* (vv. 32-33). E termina o seu discurso com o anúncio: *Saiba toda a casa de Israel, com absoluta certeza, que Deus estabeleceu como Senhor e Messias a esse Jesus por vós crucificado* (v. 36). Isto é, com a vitória sobre a própria morte, Jesus adquiriu, para sempre e para com todos, o poder de *Senhor e Messias* de Deus, já manifestado durante a sua vida pública.

Os primeiros sinais da fé nos ouvintes manifestam-se na emoção *até ao fundo do coração* e na pergunta a Pedro e aos outros Apóstolos: *“Que havemos de fazer, irmãos? Pedro respondeu-lhes: “Convertei-vos e peça cada um o Baptismo em nome de Jesus Cristo, para o perdão dos pecados; recebereis, então, o dom do Espírito Santo.” (...)* Os que aceitaram a sua palavra receberam o Baptismo e, naquele dia, juntaram-se a eles cerca de três mil pessoas (vv. 37-38.41).

Nascia assim a primeira Igreja, cujos membros *eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão e às orações* (v. 42). Nascia da fé no Evangelho escutado que, por isso mesmo, se chama “a fé da Igreja”: é dela que a Igreja vive, ou melhor, daquele em quem acredita e que, pela purificação dos pecados e a acção do

⁵ Ibid.

Espírito, une os seus membros naquela comunhão fraterna e com Deus que é já princípio de vida eterna. Uma fé que eles passam a transmitir:

3. Pelo testemunho

“Este «sim» a Jesus Cristo, plenitude da revelação do Pai, encerra em si uma dupla dimensão: a entrega confiante a Deus e a adesão amorosa a tudo aquilo que Ele nos revela. Isto só é possível através da acção do Espírito Santo.

Pela fé:

- a pessoa entrega-se livre e totalmente a Deus,
- oferecendo a Deus revelador o obséquio pleno de inteligência e de vontade,
- e prestando voluntário assentimento à sua revelação.

«Crer» tem, pois, uma dupla referência: à pessoa e à verdade; à verdade, pela confiança na pessoa que a testemunha” (DGC 54).

Por outras palavras, crer em Deus, significa, não apenas aceitar como verdadeiro tudo o que Ele diz e faz, mas entregar-se, confiar-se a Ele, levado por aquilo que Ele diz e faz: pelo seu amor inextinguível, manifestado de tantos modos, particularmente no dom do seu Filho único, Jesus Cristo. Assim, é Ele quem está na origem da nossa entrega de fé, pelo que nos diz e pelo que nos faz. E esta entrega atinge tais dimensões, que Ele é quem passa a viver e a amar em nós, que d’Ele, n’Ele e para Ele, vivemos. Deste modo, podemos exclamar com Paulo: *Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. E a vida que agora tenho na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus que me amou e a si mesmo se entregou por mim* (Gal 2, 20).

Deste modo, “a fé leva a uma transformação de vida, a uma «metanóia», ou seja, a uma profunda metamorfose da mente e do coração” que “se manifesta em todos os níveis da existência do cristão: na vida espiritual de adoração e de acolhimento da vontade divina; na participação activa na missão da Igreja; na vida matrimonial e familiar; no exercício da vida profissional; na realização das actividades económicas e sociais” (DGC 55). Se Deus está realmente em nós, nada do que somos e fazemos escapa ao poder do seu amor.

E é assim que dele damos testemunho: na medida em que Ele aparece, se revela, actua ao vivo, em nós. De tal modo que o que dele dizemos por palavras é apenas uma confirmação do que Ele mostra e oferece pelas nossas acções. E, deste modo, é realmente possível transmitir a fé... e conquistar o outro para ela. *Não eu* – diria Paulo – *mas a graça de Deus que está comigo*. E que bom seria também podermos dizer como ele: *E a graça que me foi concedida não foi estéril* (1 Cor 15, 10). Talvez o possam dizer os catequizandos a quem transmitimos a nossa fé, a fé da Igreja. Deus queira!

OBJECTIVOS

- Preparar-se para a celebração da luz (próxima catequese);
- Acolher o anúncio de Cristo pela conversão e a fé;
- Renovar a fé professada no Baptismo.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Depois de, na catequese anterior, as crianças terem sido despertadas e conduzidas para a adesão da fé a Cristo, há que situar essa fé no início da sua caminhada cristã: o Baptismo, em que, pela sua idade (na maioria dos casos) foram “substituídas” pelos pais e padrinhos ou outros familiares. Por isso, o auge desta catequese está na expressão de fé, com a renovação da confissão da fé baptismal.
2. É uma confissão de fé que, partindo de Cristo e nele centralizada, se dirige também ao Pai e ao Espírito Santo. Nesse sentido, já na experiência humana as crianças, a partir de uma das saudações usadas no início das celebrações litúrgicas, são levadas a saborear o amor de Deus e a comunhão que Ele cria entre os crentes através do seu Espírito.
3. Na Palavra de Deus, é importante que as crianças se apercebam de que o anúncio do Evangelho, feito por Pedro, se dirige também a elas. Entre os primeiros cristãos e elas está a mesma alegria e felicidade de serem de Cristo.
4. A preparação que, nesta catequese, se faz da próxima celebração da luz é fundamentalmente interior. Sem esta, as crianças facilmente se irão distrair e dispersar, devido ao lugar em que irá decorrer a celebração e à variedade de pessoas que nela irão participar.

MATERIAIS

- Dísticos: “Cristo”, “Ungido”, “Messias”, “Rei”, “Sacerdote” (catequese anterior);
- Círio Pascal ou uma vela de formato grande;
- Dísticos: “Deus Pai” e “Espírito Santo”;
- Cartolinas com os nomes de cada criança e catequista, usadas na 1ª catequese;
- Bíblia;
- Lápis.

MÚSICAS

- “Senhor, eu creio que sois Cristo”;
- “Sou de Cristo, sou feliz”;
- “Senhor Jesus, Tu és a luz”.

I – INTRODUÇÃO

Preparação da sala

- No **placar**, colocam-se os dísticos do final da catequese anterior, dispostos da mesma maneira: ao centro “Cristo” por cima “Ungido”, por baixo “Messias, de um lado e do outro “Rei” e “Sacerdote”, de modo a formarem uma cruz, com “Cristo” no centro.

- Na **mesa**: a Bíblia ao centro e, por detrás dela, o círio pascal (apagado), de modo a formarem uma unidade com a cruz representada no placar.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista começa por lembrar a “celebração da luz” da próxima catequese, indicando o lugar, a hora, os participantes (sobretudo familiares e padrinhos), adaptando as seguintes palavras:*

Já sabem que a próxima catequese não vai ser nesta sala? (*Indicar o lugar e a hora*). E connosco vão estar os vossos pais, irmãos, família ...e os vossos padrinhos, se for possível (mesmo dos meninos e meninas que não estão ainda baptizados). Vai ser uma catequese muito especial; e, certamente, gostarão muito.

Para isso, temos de nos preparar bem: aprender a estar com muita atenção e respeito, saber como devemos responder, quando for a nossa vez.

Algumas coisas que já conhecem:

– Por exemplo, quando o senhor Padre (ou Diácono) nos diz:

O Senhor esteja convosco.

Que respondemos nós?...

Ele está no meio de nós”.

E quando a pessoa que leia da Bíblia diz, no fim:

Palavra do Senhor.

Nós respondemos...

Graças a Deus.

Mas hoje vamos aprender algumas respostas que, se calhar, ainda não conhecem bem. Abram o catecismo na página 26.

Depois de todos as crianças a terem encontrado:

O sr. Padre, logo no princípio da celebração, e depois de nos benzermos, diz-nos:

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco.

A resposta está aí, mas ainda faltam algumas letras (*ver documento 1*).

Pois bem, são essas letras que vão tentar escrever. Se algum tiver muita dificuldade, pode perguntar ao colega do lado ou a mim.

Depois de as crianças preencherem:

Então, o que temos escrito no nosso catecismo?

Bendito seja Deus, que nos reuniu no amor de Cristo.

Repetir para ajudar as crianças a memorizar a expressão e verificar se todos escreveram correctamente.

2. O catequista afixe no placar os **dísticos**: “**Deus Pai**”, ao alto, e “**Espírito Santo**”, ao fundo. Depois, siga uma das seguintes alternativas:

1ª

Alternativa

Grupo pequeno e/ou onde as instalações o permitam

Vamos todos repetir ao mesmo tempo a resposta que escrevemos no catecismo:

Bendito seja Deus, que nos reuniu no amor de Cristo.

Agora que já sabem de cor, podemos fazer como se faz na igreja. Isto é, vamos todos lá fora e entramos na sala, tal como entramos na igreja. Mas, em ordem e com muito respeito. Levemos os catecismos, para respondermos certinhos.

Uma vez fora da sala, o catequista organiza o cortejo da entrada, com ele atrás:

Cântico de entrada:

“Senhor, eu creio que sois Cristo”.

Catequista: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Crianças: Amen.

Catequista: A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco.

Crianças: Bendito seja Deus, que nos reuniu no amor de Cristo.

Catequista:

Mas não é só na Igreja que nos reunimos no amor de Cristo. Também aqui na catequese, Ele está... no meio de nós!

Olhem para o placar... Quem está no centro?... E por cima?... E em baixo?...

Estamos aqui, porque Deus nos ama e nos dá o seu Espírito, que fez de nós irmãos e irmãs uns dos outros. É o que significa “comunhão”.

E estamos unidos a quem?... – A Jesus Cristo, que está no centro. Por isso lhe cantámos: “Senhor, eu creio que sois Cristo”.

E agora digam-me: quem acredita, tem muita fé em Cristo, que lhe acontece? Fica a pertencer a quem?... A Jesus Cristo.

Então, cantemos a alegria, a felicidade de cada um de nós ser de Cristo:

“Sou de Cristo, sou feliz” (refrão e 1ª estrofe)

2ª

Alternativa

Grupo grande e/ou onde as instalações não permitem a alternativa anterior

Decorre como na 1ª alternativa, com a diferença de que, em vez de saírem da sala, o cortejo é feito dentro dela ou as crianças simplesmente se põem de pé.

3. Para as duas alternativas e após as crianças se sentarem:

Que alegria sermos de Cristo, o Ungido, o Messias!

Digam-me cá: somos de Cristo desde quando? Quando e como é que começamos a pertencer a Cristo?...

(Deixar que as crianças tentem adivinhar e, sem comentar as respostas, dizer:

Daqui a pouco iremos saber se responderam certo ou errado.

Antes disso, olhemos outra vez para o placar. Aquelas palavras em volta do nome de Cristo, o que é que formam? Parecem o quê?... Uma cruz.

E porque será que hoje temos em cima da mesa aquela vela tão grande?...

II. PALAVRA

- 1.** A forma da cruz e esta vela grande mostram porque somos de Cristo. Vou explicar-vos. A cruz mostra como Jesus nos ama. Tanto, que nós lhe chamamos “Cristo”. E como é que Ele mostrou quanto nos ama, a nós e a todas as pessoas? – Quando deu a vida por nós, na cruz. Ninguém ama tanto, como quem dá a vida pelos seus amigos. Porque a nossa vida é preciosa, dá-la assim é uma oferta extraordinária. Foi o que fez Jesus, na cruz.
- Mas, todos sabemos que algo de extraordinário aconteceu depois da sua morte. O que foi? – Jesus ressuscitou! Deus Pai quis que Ele ficasse connosco, para nos dar o Espírito Santo e ser a nossa luz.

Mas tudo isto aconteceu há imenso tempo, quando não havia jornais, nem televisão, nem internet. E então como é que nós sabemos que Jesus, o Cristo, deu a vida por nós e ressuscitou?

Foram os Apóstolos, que tinham andado com Jesus e o tinham ajudado a anunciar o Reino de Deus. Depois de Jesus ter sido morto e ressuscitar, apareceu, mostrou-se vivo a eles. Foi então que eles começaram a contar a toda a gente a Boa Nova da morte e ressurreição de Cristo. E as suas palavras nunca mais foram esquecidas: passaram de pais para filhos, de geração em geração, até hoje.

2 Mas não foi fácil. É que podia acontecer-lhes o mesmo que tinha acontecido a Jesus: podiam fazer-lhes mal e até matá-los.

E então como é que eles encontraram coragem para anunciar a morte e a ressurreição de Jesus? – Foi Jesus que enviou o Espírito Santo, a Pedro e aos Apóstolos, para os consolar e lhes dar coragem. Com a força do Espírito Santo é que eles vieram para a rua, a começar por Jerusalém, a cidade onde Jesus tinha sido morto.

Vamos ouvir as últimas palavras de Pedro e como reagiram as pessoas que o ouviam e pertenciam à “casa de Israel”, o nome que se dava ao povo judeu, a que também pertencia Jesus.

*O catequista acenda o círio pascal, pegue na Bíblia, aberta em **Act 2, 36-38.41**, e leia, se possível, com a ajuda de outros catequistas ou, até, de crianças que pronunciem as palavras de Pedro e dos habitantes de Jerusalém:*

Catequista:

Leitura do livro dos Actos dos Apóstolos:

Naquele tempo, disse Pedro:

Leitor:

**Saiba, com absoluta certeza,
toda a casa de Israel
que Deus fez Senhor e Messias
esse Jesus que vós crucificastes.**

Catequista:

**Ouvindo isto,
ficaram emocionados até ao fundo do coração
e perguntaram a Pedro e aos outros Apóstolos:**

Leitor:

Que havemos de fazer, irmãos?

Catequista:

Pedro respondeu-lhes:

Leitor:

**Convertei-vos
e peça cada um de vós o Baptismo em nome de Jesus Cristo,
para vos serem perdoados os pecados.
Recebereis então o dom do Espírito Santo.**

Catequista:

Os que aceitaram as palavra de Pedro receberam o Baptismo e naquele dia juntaram-se aos discípulos cerca de três mil pessoas.

Palavra do Senhor.

Crianças:

Graças a Deus.

3 *O catequista, ainda com a Bíblia na mão, pergunta:*

Ouviram bem? Então digam lá:

– O que é que Pedro disse àquelas pessoas?...

Pedro disse que Deus (*aponta para o dístico “Deus”*) ressuscitou Jesus dos mortos.

– Assim Jesus tornou-se para sempre (*aponta para os dísticos “Messias”, “Cristo” e “Ungido”*) “Cristo”, isto é, “Messias” ou “Ungido”. Ficou com um poder ainda maior. Um poder tão grande, que pode dar uma força, uma coragem muito, muito grande, às pessoas.

– E o que é que as pessoas perguntaram a Pedro?...

“Que havemos de fazer?”. Isto é, como podemos ter Jesus como Messias e sermos mesmo dele? Como fazer para ser de Cristo?

– E qual foi a resposta de Pedro?...

“Convertei-vos e peça cada um de vós o Baptismo em nome de Jesus”.

“Converter-se” significa deixar o mal, as maldades, os pecados e, com um coração bom, voltar para Deus. O Baptismo – com a água – é para nos lavar dessas maldades. Só com um coração limpo e bom, nós podemos ser de Cristo. Porque quando somos dele, Jesus ensina-nos a não pecar, a fazer paz e a vivermos com amor pelas outras pessoas.

– Mas, nem sempre é fácil viver como Jesus quer. Por isso Ele ajuda-nos, dá-nos força e motivação para viver o bem. Por isso, as pessoas que se convertem, recebem (*aponta para o dístico “Espírito Santo”*) o Espírito Santo. É Ele que nos une a Jesus e aos outros. É Ele que cria a comunhão, a união entre nós. Que bom!

Como também nós ficamos contentes por Jesus Cristo nos ajudar a ser bons, com um coração capaz de amar e fazer o bem, cantemos, unidos a todos os amigos de Jesus:

“Sou de Cristo, sou feliz” (*refrão e 1ª estrofe*).

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Que bem cantámos! Foi uma canção do fundo do coração. Um coração convertido a Cristo, como o daquelas pessoas que se juntaram aos Apóstolos. E como no nosso Baptismo.

Mas com uma pequena diferença: quando fomos baptizados, ainda éramos bebés. Por isso, não podíamos ser nós a dizer: “Quero ser de Jesus.” Será então que ninguém respondeu, quando o senhor Padre perguntou se cremos em Jesus, em Deus Pai e no Espírito Santo?... Então, quem respondeu foram os pais, os padrinhos e as outras pessoas que lá estavam.

O catequista adapte-se à situação do seu grupo: havendo crianças a preparar-se para o Baptismo, sublinhe, para elas, a importância do processo de conversão que estão a viver.

Mas agora, já são crescidos e cada um pode responder por si. Cada um já é capaz de dizer que crê em Deus Pai, em Jesus Cristo e no Espírito Santo.

Eu acho que o podíamos fazer agora.

2. Pode ser assim:

- Primeiro, cantaremos a Jesus um cântico em que dizemos que Ele é a nossa luz. Está aqui esta vela grande, para nos lembrarmos disso: de que Jesus ressuscitado, o Cristo e Senhor, é a nossa luz. *(O catequista ensaie o refrão do **cântico**:)*

“Senhor Jesus, Tu és a luz.”

- A seguir, irei distribuir por cada um de vós uma luz que nos liga a Jesus. Não é uma vela. Na próxima catequese, que vai ser a celebração da luz, aí sim: vai ser até uma luz especial – a vela do nosso Baptismo (para os meninos e meninas que já foram baptizados). Hoje, só para nos lembramos dessa luz que é Jesus, vamos ter aqueles raios de luz com o nosso nome que usámos no primeiro dia em que viemos à catequese.
- Depois de cada um receber o seu símbolo da luz, cantaremos: “Senhor Jesus Tu és a luz” e responderemos às mesmas perguntas que o senhor Padre fez no dia do nosso Baptismo: se cremos em Jesus, em Deus e no Espírito Santo. Agora que já são grandinhos, vão responder com atenção e respeito e, sobretudo, do fundo do coração, aquele coração que recebe o amor de Jesus e o oferece às outras pessoas. Para mostrarem isso, depois de eu colocar uma pergunta, cada um de vós levanta a sua cartolina da luz e responde: “Sim, creio.” Digam comigo: “Sim, creio”.

O catequista, a partir das cartolinas, chama cada criança, que se levanta, e entrega-lhe a respectiva cartolina. Depois convida-as:

Então, voltados para a vela que representa a luz que é Jesus, cantemos:

“Senhor Jesus, Tu és a luz” (só o refrão).

Catequista:

E agora pergunto-vos, como no dia do vosso Baptismo⁶:

**Credes em Deus, Pai todo-poderoso,
criador do céu e da terra?**

Crianças:

Sim, creio.

Catequista:

**Credes em Jesus Cristo,
seu único Filho, Nosso Senhor,
que nasceu da Virgem Maria,
padeceu e foi sepultado,
ressuscitou dos mortos
e está sentado à direita do Pai?**

Crianças:

Sim, creio.

Catequista:

**Credes no Espírito Santo,
na santa Igreja católica,
na comunhão dos santos,
na remissão dos pecados,
na ressurreição da carne
e na vida eterna?**

Crianças:

Sim, creio.

Catequista:

**Esta é a nossa fé.
Esta é a fé da Igreja,
que nos gloriamos de professar,
em Jesus Cristo, Nosso Senhor.**

Crianças:

Amen.

⁶ Registado na página 28 do catecismo.

3. Uma vez que acabamos de dizer que cremos em Deus Pai, em Jesus Cristo e no Espírito Santo, vamos colocar as nossas cartolinas da luz em volta do nome de Cristo. Assim, mostramos mais uma vez a nossa fé e que queremos mesmo ser de Cristo e ser felizes.

Cada criança, ordenadamente, afixe o seu cartão em volta do dístico "Cristo". Durante a entrega, cantam:

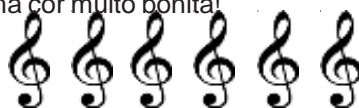
"Sou de Cristo, sou feliz".

4. Compromisso

Para não nos esquecermos do que acabámos de dizer e fazer, tenho uma proposta para esta semana: que todos os dias cantemos, pelo menos uma vez, o cântico: "Sou de Cristo, sou feliz". Jesus pode contar convosco?...

Então, ofereçam-lhe o cântico, em agradecimento pela alegria que nos dá, por sermos cristãos.

E na página 28 do catecismo vamos encontrar aqui estes "sinais" (*mostrar*): sabem o que são? Muito bem, são umas claves de sol, para pintar: cada dia, depois de cantarem, pintam uma, usando uma cor muito bonita!



5. No final o catequista recorde às crianças o lugar e a hora da próxima celebração e peça-lhes para levarem a vela do Baptismo, as que já o receberam. Verifique ainda se todos os pais assinaram, no catecismo, a mensagem sobre a Celebração da Luz.

Para guardar na memória e no coração

Creio em Deus, Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra.
Creio em Jesus Cristo, seu único Filho, Nosso Senhor.
Creio no Espírito Santo.
Creio na santa Igreja católica.
Esta é a nossa fé, a fé da Igreja.

III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1

BEND_TO	S_JA	D_U_
QU_	NO_	R_UN_U
N_	_MO_	D_ C_IS_O.

CELEBRAÇÃO DA LUZ

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A vida da luz

Sem luz é praticamente impossível viver: para os seres humanos, os animais, as plantas. Repare-se como, na natureza, quase tudo definha, quando chegam as estações do Outono e do Inverno, e como, ao contrário, a vida rebenta por todos os lados com a vinda da Primavera. E ainda como, ligada às trevas da noite, surgem tantas vezes em nós a melancolia e a tristeza. Até as doenças se manifestam com mais intensidade, quando chega o anoitecer. E quantas vezes, para nós, a escuridão é também sinónimo de medo, de perigo, de desgosto.

Daí a luta, de todos os tempos e lugares, contra as trevas da noite, que o mesmo é dizer, contra a morte. Desde há muito que não há praticamente casa ou povoação sem, pelo menos, a possibilidade de ser iluminada. E não é apenas pela produção da luz, através dos meios que a natureza nos oferece e a arte e o engenho do homem tanto têm desenvolvido. É também através da organização de serões e vigílias que se estendem pela noite dentro, para o trabalho, a diversão e a oração. Se são procurados sobretudo pelos jovens, é porque a vitalidade, própria dessa idade, é mais eficaz na luta contra o sono, aliada ao gosto da juventude por experiências fortes.

E que bem nos sentimos, quando rompe a aurora e podemos contemplar como os seres vivos retomam os afazeres com que contribuem para a vida, iluminados pelo sol que desponta, mesmo que timidamente. Apetece-nos cantar com o salmista: *Ao cair da noite vêm as lágrimas e ao amanhecer volta a alegria* (Sl 29/30, 6).

As lágrimas devem-se ao vazio, ao mal, ao nada de que a noite é símbolo e, por vezes, ocasião. A alegria nasce da plenitude, da vida, da criação, que o amanhecer tanto favorece. E se há pessoas que ao princípio da manhã se sentem rejuvenescidas é também por isso, e não apenas por uma noite bem dormida.

É tão imprescindível a luz para a vida, que o próprio Criador inverte a ordem, lógica e natural, nas obras da sua criação: a primeira criatura a ser feita é a luz (Gn 1, 3-5), muito antes do sol, a lua e a estrelas, criadas apenas no quarto dia, apesar de serem elas as fontes naturais para *presidir ao dia e presidir à noite* (1, 14-19).

Será que também Deus precisa da luz para o “trabalho” da sua criação? Ou não seremos nós quem, no auge das obras que saem das mãos e do coração de Deus, como sua imagem e semelhança (1, 26-31), precisamos imprescindivelmente dessa luz para podermos contemplar, com olhos divinos, as obras por Ele criadas e as usarmos para o fim com que Ele as criou? Vejamos como o salmista a Ele se dirige: *Em vós está a fonte da vida, e é na vossa luz que vemos a luz* (SI 35/36, 10). Que luz?

2. “A luz da vida”

Há pessoas que, embora vendo, de facto andam nas trevas: as que se servem da luz, para arruinar a vida, dos outros e a própria. Vagueiam errante pelas trevas do egoísmo e do erro, do pecado e da morte. Como libertá-las da escuridão em que definham?

O binómio “trevas e luz” é o símbolo cósmico do “ódio e amor”. Por isso a luz que o salmista procura em Deus, é a sua bondade: *Como é admirável, ó Deus, a vossa bondade; à sombra das vossas asas se refugiam os homens. Podem saciar-se da abundância da vossa casa e vós os inebriais com a torrente das vossas delícias*” (SI 35/36, 8-9). Que delícias? – A sua sabedoria, como *reflexo da luz eterna, ... mais radiante do que a luz do sol* (Sb 7,26.29); os preceitos da sua Lei, que *iluminam os olhos* (SI 18/19, 9); a sua Palavra, como *luz para os meus caminhos* (SI 118/119,105).

Sobretudo quando essa Palavra, que desde toda a eternidade *estava em Deus* e pela qual Ele *tudo criou* e, com a vida que transmitiu, se tornou *a luz dos homens*, ao *fazer-se carne*, para *habitar entre nós*. *E nós vimos a sua glória, a glória que possui como Filho unigénito do Pai* (Jo 1, 1-4.14).

É Ele, Jesus Cristo, quem, mais do que ninguém, faz as nossas delícias – Ele, que solenemente assim se apresentou: *Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não anda nas trevas, mas terá a luz da vida* (Jo 8, 12). A proclamação foi feita na última noite da festa judaica dos Tabernáculos, a maior festa do ano e que durava uma semana. Nessa noite, toda a cidade de Jerusalém era iluminada por quatro gigantescos candelabros de ouro, colocados sobre os muros que cercavam o templo. Era sobretudo então que o povo, contagiado pela luz que irradiava da casa do Senhor, toda a noite dava expressão à sua alegria, ao som da música e ao ritmo da dança.

Uma delícia que passa a ser oferecida por Cristo, mas num grau inexcelsível e inextinguível. Ao dizer *Eu sou*, Cristo situa-se, qual Palavra encarnada, ao nível de Deus, cujo ser é estar com os seus (cf. Ex 3,14). Como *luz da vida*, oferece o que só Deus verdadeiramente pode dar: uma vida que irradia para além dos muros de Jerusalém e Israel, a *luz do mundo*, porque proveniente de um amor ilimitado, aquele com que deu a vida até à última gota de sangue e triunfou para sempre das trevas do pecado e da morte. Como participar desta *luz da vida*?

Correspondendo ao apelo que Ele nos fez, pouco tempo antes da sua morte: *Enquanto tendes a luz, crede na luz, para vos tornardes filhos da luz* (Jo 12, 36).

3. “Sois luz em Cristo”

Dos chamados “ritos explicativos” que, na celebração do Baptismo, se seguem à profissão de fé e à lavagem pela água, faz parte a entrega da vela acesa, acompanhada de palavras que, no Baptismo de adultos, são estas: “Agora sois luz em Cristo. Vivei como filhos da luz. Perseverai na fé”... É praticamente o último rito propriamente baptismal e tem, também por isso, um especial significado.

Antes de mais, porque a vela recebida é o meio mais visível para ajudar a prolongar, por toda a vida, a regeneração baptismal. A vela pode e deve voltar a ser acendida, quase sempre a partir do círio pascal, noutros momentos marcantes: na celebração de outros sacramentos ou ainda, anualmente, na Vigília Pascal, a noite mais apropriada para a celebração do Baptismo. Há mesmo cristãos que manifestam o desejo de terem junto de si a vela baptismal depois de morrerem. Um sinal de que, uma vez baptizados em Cristo, esperam e acreditam poder ressuscitar com Ele para a vida de uma luz sem fim. É nesta luz da fé que são exortados a perseverar: a fé que neles cresce durante a preparação para o Baptismo e que professam solenemente na sua celebração. Sobre a sua importância, diz-nos o RICA, no nº 30: “Efectivamente, os adultos não se salvam, a não ser que venham de livre vontade, acreditem e queiram receber o dom de Deus. A fé, cujo sacramento recebem (o Baptismo é, por excelência, o sacramento da fé), não é própria só da Igreja, mas deles também, a fé que se espera venha a tornar-se neles activa. Ao serem baptizados, longe de receberem o sacramento de maneira somente passiva, estabelecem, por um acto da sua vontade, aliança com Cristo, renunciando aos erros e aderindo ao verdadeiro Deus.”

Passam assim a ser guiados e animados por Ele, a olhar o mundo e, sobretudo, os homens, com os olhos ou, se preferirmos, com a luz de Deus, a luz da vida. São uns “iluminados”, um dos nomes que se dá já aos catecúmenos, depois de receberem o “símbolo (da fé), em que se proclamam as maravilhas de Deus para salvação dos homens” e pelo qual os seus olhos “são inundados de fé e de alegria” (Ibidem 25, 2).

É esta luz que eles devem irradiar durante o resto da sua vida: a “luz em Cristo”, isto é, a luz que Ele é, não só para aqueles que, pelo Baptismo (chamado também “iluminação”), dele vivem, mas também para quem eles vivem, no mesmo amor com que são amados por Cristo.

Neste sentido, todo o catequista é um “iluminando” dos seus catequizandos. Transmite-lhes a luz da fé, pela palavra e pela vida, na certeza de que, quanto mais ajudar a acender e a manter a chama da fé dos catequizandos, mais viva será a chama da sua própria fé...e mais feliz será, como é próprio de quem é verdadeiramente “luz em Cristo”.

OBJECTIVOS

- Reviver o próprio Baptismo na comunidade cristã;
- Reconhecer que Cristo é a luz da vida;
- Saborear e celebrar a alegria de ser de Cristo pela luz da fé;

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta celebração é um dos auges das catequese anteriores: depois da adesão de fé a Cristo, a exemplo e pelo testemunho dos Apóstolos, as crianças são levadas a reviver a sua fé, na comunhão da comunidade cristã a que pertencem desde o Baptismo e que vive da mesma fé. Daí a importância da dimensão comunitária da celebração.
2. Não se pense que as crianças são demasiado novas, para entender tudo o que fazem e dizem. O seu processo da fé nunca está acabado, e Aquele em quem acreditam ultrapassa sempre as capacidades humanas de compreensão conceptual, seja qual for a idade em que o crente se encontre.
3. Por isso se privilegia o símbolo. No caso presente, é o das trevas e da luz a que as crianças são particularmente sensíveis. A seu modo, apercebem-se já de que, sem Deus, não conseguem viver na luz e no calor do amor, fundamentais para a vida e que o símbolo em causa tão bem pode transmitir.
4. A participação dos pais e padrinhos do Baptismo acaba por reverter em favor deles próprios. Não será por acaso que agora os papéis se vão inverter: tendo transmitido a fé aos filhos e afilhados, será destes que, nesta celebração, recebem a chama da fé. Este é, de resto, um fenómeno cada vez mais frequente: pelos filhos é que muitos pais (re)encontram o caminho para Deus e a sua Igreja.

MATERIAIS

- Os necessários para a habitual celebração da Eucaristia;
- Círio pascal;
- Velas baptismas das crianças;
- Velas para os restantes participantes na celebração;

MÚSICAS

- “Cristo Jesus, Tu me chamaste”;
- “Glória ao Senhor” (Frei Fabretti);
- “A vossa Palavra, Senhor” (M. Simões);
- “Aleluia, Glória ao Senhor”;
- “Senhor Jesus, Tu és a luz” (estrofes próprias);
- “Sou de Cristo, sou feliz”;
- Jesus Cristo é Senhor”;
- “Jesus Cristo és meu amigo”.

LUGAR DA CELEBRAÇÃO

- **1ª opção:** A igreja paroquial, onde existe pia baptismal e habitualmente se celebra o Baptismo. Mesmo que na paróquia haja catequese noutros lugares, todos os grupos deste terceiro ano se devem concentrar na igreja mãe, se possível, na mesma celebração.

- **2ª Opção:** No caso de a igreja paroquial ser de todo impossível, escolha-se uma igreja onde habitualmente haja culto, nomeadamente ao Domingo, a igreja frequentada pelas crianças.
- Só, como **3ª opção**, se escolha outro lugar, que pode ser a sala da catequese, se nela couberem pelo menos os pais, familiares e padrinhos das crianças, isto é, onde se possa reunir parte da Igreja a que as crianças pertencem pelo Baptismo. Se for esta a opção tomada, adapte-se o esquema e as palavras sugeridas no desenvolvimento da celebração e prepare-se devidamente o espaço para se conseguir alguma solenidade e beleza.

DIA E HORA DA CELEBRAÇÃO

- Se possível, seja integrada na missa dominical (ou celebração da Palavra) de Sábado ou Domingo à noite, isto é, a uma hora em que seja fácil fazer escuridão e passar dela para a luz, conforme se indica no esquema da celebração.
- Se esta se realizar a outra hora, procure-se pelo menos que, na altura indicada, haja o máximo de escuridão. Para isso, fechem-se as janelas, se possível, e realizem-se os ritos iniciais apenas com as luzes do lugar acesas.

PARTICIPANTES NA CELEBRAÇÃO

- Além das crianças, pais, familiares e padrinhos, é importante a presença da restante comunidade cristã, da qual, como se disse, as crianças fazem parte desde o seu Baptismo.
- Se o grupo tiver crianças não baptizadas, também elas devem participar, mas, naturalmente, sem vela baptismal. Receberão apenas uma vela, na mesma altura e do mesmo modo que os restantes participantes.
- Na igreja, reservam-se os lugares da frente para as crianças do grupo já baptizadas, a seguir para as não baptizadas e, depois, para os pais e padrinhos.

ESQUEMA DA CELEBRAÇÃO

- As crianças que fazem a renovação da fé baptismal, podem incorporar-se no cortejo da entrada. Se não forem muitas, podem ser chamadas pelo seu nome, a seguir à saudação inicial do Presidente. De qualquer modo, serão apresentadas à assembleia. Como acto penitencial, sugere-se a aspersion da assembleia, em memória do Baptismo, que pode também ser feita depois da profissão de fé (como na Vigília Pascal).
- No final dos ritos iniciais (com a oração-colecta) e imediatamente depois de todos se sentarem, a igreja deve entrar repentinamente numa escuridão total. Para isso, nem sequer as velas do altar (e outras) devem ter sido acendidas. Sê-lo-ão a seu tempo. A escuridão deverá ser feita de modo inesperado. Só assim terá o desejado impacto nas crianças. Para isso, a pessoa encarregada das luzes da igreja, faça-o com muita discrição. Só depois da profissão de fé, a igreja terá o máximo da sua iluminação.

- Depois de introduzida pelo Presidente da celebração, a 1ª leitura deve ser feita ainda com a igreja às escuras. Apenas o leccionário com a leitura, é iluminado e apenas o suficiente para se poder ler, tal como o salmo responsorial que se lhe segue.
- Na 3ª estrofe do salmo responsorial, surge, ou do fundo da igreja ou da capela baptismal, o círio aceso seguido do Evangeliário (ou leccionário) em procissão até à frente do altar. Aí, os seus portadores voltam-se para a assembleia que, de pé, aclama o Evangelho com o canto do Aleluia. O Evangelho é lido do ambão, mas só (tanto quanto possível) à luz do círio. No final, pode cantar-se de novo o Aleluia, enquanto o círio é colocado no seu pedestal, situado num lugar de relevo.
- Como é aconselhável nas missas com crianças, faça-se apenas uma leitura e o Evangelho. De acordo com o tema da celebração, propõe-se, como leitura, a de 1 Jo 2, 9-11 e, como Evangelho, o de Jo 8, 12; 12, 35-36. Pode também ler-se o Evangelho do dia que, porém, deverá ser adaptado ao tema. Por isso, pelo menos na homilia, faça-se uma alusão ao texto proposto como evangelho. Este, se se proporcionar, pode ser proclamado por mais do que um leitor.
- Depois de uma brevíssima homilia, o Presidente pega no círio, levanta-o e canta: “Eis a luz de Cristo” (melodia da vigília Pascal). Depois coloca-o à altura das crianças para que nele possam acender as suas velas baptismais. Depois da última, o círio é colocado de novo no seu lugar e o celebrante convida as crianças a acender as velas dos pais e padrinhos e, depois, da restante assembleia.
- Segue-se a profissão de fé. Nas respostas: “sim, creio” as pessoas podem levantar as velas. Só no final da profissão de fé são acendidas as velas do altar e todas as luzes da igreja. Pode também fazer-se, nesta altura, a aspersão da assembleia. As velas das pessoas serão apagadas a seguir à oração dos fiéis.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. RITOS INICIAIS

1. Cortejo de entrada

Como o habitual, mas, se possível, com as crianças que fazem a profissão de fé nele integradas.

2. Cântico de entrada

“Cristo Jesus, Tu me chamaste” *ou*

“Senhor, Tu nos chamaste”

3. Saudação e acolhimento

Presidente:

Em nome do Pai...

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco.

Assembleia:

Bendito seja Deus, que nos reuniu no amor de Cristo.

Presidente:

Meninos e meninas, repararam bem no que acabaram de cantar?...

Jesus chamou por nós e cada um respondeu como?... Estou aqui.

Sabem quando é que Jesus chamou pela primeira vez pelo nosso nome?... No dia do nosso Baptismo (aqueles que já foram batizados).

Na altura quem respondeu foram os vossos pais. Hoje sois vós. Querem voltar a dizê-lo? *(Se não forem muitas as crianças, o Presidente pode chamar cada uma pelo seu nome, a que cada uma responde: "Estou aqui". Se forem muitas, a resposta é dada por todas, ao mesmo tempo)*

Responderam muito bem. Porque hoje, juntamente com todas estas pessoas, vão reviver o vosso Baptismo: o dia em que ficaram a ser de Jesus Cristo e a pertencer à Igreja, aqui presente. Vai ser, de certeza, uma celebração muito bela.

4. Rito penitencial - Aspersão da água benta, Formulário II-b

Presidente:

Para isso, e para nos lembrarmos melhor do Baptismo em que fomos purificados dos nossos pecados, iremos ser aspergidos com água, que vou benzer. No final de cada pequena oração todos devem responder: "*Glória a vós, Senhor*". Não se esquecem?

Presidente:

Deus, Pai Santo, que do Cordeiro imolado na cruz fizestes brotar as fontes da água viva,

Assembleia:

Glória a vós, Senhor,

Presidente:

Cristo, que renovais a juventude da Igreja no Baptismo da água e na palavra da vida,

Assembleia:

Glória a vós, Senhor.

Presidente:

Espírito Santo, que das águas do Baptismo nos fazeis surgir como primícias da nova humanidade

Assembleia:
Glória a vós, Senhor.

Presidente:
**Deus onipotente,
que nos sinais sagrados da nossa fé
renovais os prodígios da criação e da redenção
abençoi (...) esta água
e dai a todos os que renasceram no Baptismo
a graça de serem anunciadores e testemunhas da Páscoa
que se renova na vossa Igreja.
Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho,
que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo.**

Assembleia:
Amen.

Cântico (*durante a aspersão*)

“Cristo Jesus, Tu me chamaste” (*refrão e 4ª estrofe*) ou
“Cantai, o Senhor é bom” (*refrão e 2ª estrofe*)

Presidente (no final da aspersão):
**Deus onipotente nos purifique do pecado
e, pela participação na Eucaristia,
nos torne dignos de participar na mesa do seu Reino.**

5. Glória

Recitado ou

“Glória ao Senhor” (Frei Fabretti) (*Pode acompanhar-se com palmas ritmadas*)

6. Oração – Colecta (*do dia*)

Depois de a assembleia se sentar, apagam-se repentinamente todas as luzes

II. LITURGIA DA PALAVRA

1. Introdução à 1ª leitura

Presidente:

Não tenham medo. Fiquem calmos. Não, esta falta de luz não foi por avaria.
Eu sei que muitos meninos, e até pessoas crescidas, não são capazes de estar com a luz apagada. Têm medo do escuro. Porque será?

É que no escuro não nos podemos ver uns aos outros, como nos víamos há pouco. Nem podemos ver as coisas. Nem vemos para onde vamos...

Ir, por exemplo, numa estrada, sem saber por onde se vai, sem luz... é muito perigoso, não acham? Se não vemos os outros, podemos prejudicá-los ou magoá-los.

E, sem os ver, poderemos mesmo gostar deles?

E quem não ama os outros, não será como andar na escuridão?

Senão, ouçam bem o que agora, mesmo às escuras, vai ser lido para nós.

2. Leitura (1Jo 2, 9-11)

Leitura da primeira Epistola de São João

Caríssimos:

**Quem diz que está na luz e odeia o seu irmão,
ainda se encontra nas trevas.**

**Quem ama o seu irmão,
permanece na luz**

e não há nele ocasião de pecado.

**Mas quem odeia o seu irmão, encontra-se nas trevas,
caminha nas trevas e não sabe para onde vai,
porque as trevas lhe cegaram os olhos.**

Palavra do Senhor.

3. Salmo responsorial

“A vossa Palavra, Senhor” (1ª, 2ª e 3ª estrofes)

No início da 3ª estrofe, parte, do fundo da igreja ou da capela baptismal, o cortejo com o Círio Pascal aceso e o Evangelário, até junto do altar-mor. Voltados para a Assembleia, faz-se a:

4. Aclamação do Evangelho

“Aleluia. Glória ao Senhor” (Refrão e estrofe: **“Glória ao Senhor, nossa luz”**)

5. Evangelho (do dia, sobretudo se se adaptar ao tema, ou Jo 8, 12; 12, 35-36)

Sacerdote (ou diácono):

O Senhor esteja convosco...

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João.

Leitor:

**Naquele tempo,
Disse Jesus:**

Sacerdote(ou diácono):

**Eu sou a luz do mundo.
Quem me segue
não anda nas trevas,
mas terá a luz da vida.**

Leitor:

E Jesus disse ainda:

Sacerdote (ou diácono):

**A luz ainda estará no meio de vós, por pouco tempo.
Caminhai enquanto tendes luz,
para que as trevas não vos surpreendam.
Quem caminha nas trevas não sabe para onde vai.
Enquanto tendes luz, acreditai na luz,
para que sejais filhos da luz.**

Palavra da salvação.

6. Homilia (a adaptar às circunstâncias)

Digam-me: já conseguem ver-se uns aos outros?... Eu consigo vê-los muito bem!

E de onde vem a luz para isso?

Desta vela grande. Pelo menos, é uma boa ajuda.

E como se chama esta vela acesa? – o círio pascal.

Chama-se assim, porque foi benzida e acendida pela primeira vez na noite de Páscoa.

E que celebramos nós nessa noite? - A ressurreição de Cristo. Jesus venceu a morte, porque deu a vida por nós.

Digam-me cá: haverá maior prova de amor do que dar a vida pelos amigos?

Ninguém nos ama tanto como Jesus. Por isso é que Ele nos disse ... Lembram-se? –

Eu sou a luz do mundo. Porque vos amo e amo todas as pessoas do mundo, consigo vê-las com os olhos do coração.

E que acontece a quem ama como Ele? – Vê os outros com um amor como o dele, com os olhos do coração.

Por isso Jesus nos convidou: “Acreditai na luz, para que sejais filhos da luz”.

Estais dispostos a acreditar em Jesus?...

Então, vinde acender as vossas velas: as mesmas que foram acendidas pela primeira vez no dia do vosso Baptismo. E também, então, num círio pascal como este.

Ao acenderdes as velas estais a receber a luz do amor de Jesus... para todos nos vermos melhor uns aos outros e nos amarmos como Ele nos ama.

7. Acendimento das velas

Presidente (depois de pegar no círio, com ele levantado, proclama ou canta:)

Eis a luz de Cristo.

Assembleia (cantando:)

Graças a Deus.

Enquanto as crianças se aproximam e acendem as suas velas no círio pascal, cante-se o cântico:

“Senhor Jesus, Tu és a luz” (estrofes – Documento 1)

Presidente (depois de todas as crianças acenderem as velas:)

Quando fostes baptizados, foram os vossos pais e padrinhos que acenderam as velas que tendes na mão. Hoje sois vós que acendeis as deles.

Enquanto as crianças acendem as velas, primeiro dos pais e padrinhos e, depois, da restante assembleia, cante-se o mesmo cântico:

“Senhor Jesus, Tu és a luz” (estrofes - Documento 1)

8. Profissão de fé

Presidente:

Com a luz de Cristo a iluminar o nosso coração e a iluminar-nos uns aos outros, manifestai a vossa fé, como fizeram os vossos pais e padrinhos no vosso Baptismo. Não vos esqueçais de levantar as velas quando disserdes: “sim, renuncio” ou “sim, creio”.

Respondei então:

**Renunciais às tentações do mal,
para que o pecado não vos escravize?**

Assembleia:

Sim, renuncio.

Presidente:

**Credes em Deus,
Pai todo poderoso,
criador do céu e da terra?**

Assembleia:

Sim, creio.

Presidente:

**Credes em Jesus Cristo,
Seu único Filho, nosso Senhor,
que nasceu da Virgem Maria,
padeceu e foi sepultado,
ressuscitou dos mortos
e está à direita do Pai?**

Assembleia:

Sim, creio.

Presidente:

**Credes no Espírito Santo,
na Santa Igreja Católica,
na comunhão dos Santos,
na remissão dos pecados
na ressurreição da carne
e na vida eterna?**

Assembleia:

Sim, creio.

Presidente:

**Esta é a nossa fé.
Esta é a fé da Igreja
que nos gloriamos de professar
em Jesus Cristo Nosso Senhor.**

Assembleia:

Amen.

Presidente:

Que alegria, que felicidade sermos de Cristo, que nos ilumina pela fé que professámos!
Cantemos com alegria:

“Sou de Cristo, sou feliz” (estrofes 1-4).

Acendem-se todas as luzes da Igreja e as velas do altar.

Se achar oportuno, o Presidente asperge a Assembleia com água benta.

9. Oração dos fiéis

Presidente:

Irmãos e irmãs, invoquemos a misericórdia e a graça de Deus para estas crianças e para todos nós que, hoje, aqui revivemos o grande dia do nosso Baptismo. E digamos:

“Senhor, dai-nos a vossa luz.”

Leitor(es):

- Para que estas crianças se deixem cativar por Jesus Cristo e vivam como seus discípulos à semelhança dos primeiros Apóstolos, oremos ao Deus da luz e da vida.**
- Para que estas crianças vivam cada vez mais como filhos da luz e assim testemunhem o Evangelho pela palavra e pela vida, oremos ao Deus da luz e da vida.**
- Para que os pais e padrinhos destas crianças vivam sempre como filhos de Deus e possam ser para elas exemplo de fé e de amor, oremos ao Deus do amor e da vida.**
- Para que todos nós aqui presentes nos deixemos guiar, cada vez mais, pela luz e o amor de Cristo, para ajudarmos os outros a caminhar para Deus, oremos ao Deus do amor e da vida.**

Presidente:

Senhor, nosso Deus e nosso Pai, concedei-nos os dons que vos pedimos para podermos levar ao mundo a luz de Jesus Cristo, Nosso Senhor.

Se houver crianças capazes de ler bem, as preces da oração dos fiéis podem ser proferidas por elas. Neste caso, façam-se as devidas adaptações no texto.

III. LITURGIA EUCARISTICA

1. Cântico da apresentação dos dons

“Jesus Cristo é Senhor”

2. Oração Eucarística

Uma das missas com crianças

3. Ritos da comunhão

– **Pai Nosso** (*de mãos dadas e levantadas*)

– **Cântico da comunhão:**

“Jesus Cristo, és meu amigo”

IV. RITOS FINAIS

Cântico final

“Sou de Cristo, sou feliz” (*estrofes 1-2 e 7-8*)

*No catecismo,
para recordar a celebração da Festa da Luz:*



Na página 30 do catecismo, reler a Leitura da Primeira Carta de S. João.



Na página 31 do catecismo, completar os textos relativos ao cântico “Sou de Cristo, sou feliz”.



Na página 32 do catecismo, observar as imagens que ilustram as palavras de Jesus escutadas durante a leitura do Evangelho de S. João e que resumem a mensagem central da Celebração da Luz: “Eu sou a luz do mundo”.

DOCUMENTO 1

Estrofes para o cântico:

Senhor Jesus, Tu és a luz,
És quem nos traz o amor e a paz.

1. Para vivermos na luz
queremos seguir Jesus.

2. Jesus nos fala de Deus
que fez a terra e os céus.

3. És a Palavra divina
que a todos nos ilumina.

4. Tu és o Cristo Senhor
de todos o Salvador.

5. Na dor és o nosso alento
na fome o nosso alimento.

6. Na luta contra o pecado
tenho Jesus a meu lado.

7. Com Cristo amo o irmão
de todo o meu coração.

PREPAREMOS O CAMINHO DO SENHOR

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. João Baptista e o Advento

Hoje, talvez mais do que nunca, são necessárias a figura e a mensagem de João Baptista, para que o Advento mantenha ou recupere o seu significado e objectivo cristãos de verdadeira preparação para a celebração da vinda de Jesus. Ou melhor: das vindas.

Nos primeiros séculos do cristianismo, o termo latino *Adventus*, sobretudo na sua versão grega *Parusia*, era aplicado quase exclusivamente à última vinda de Cristo: àquela em que Ele, como Juiz e Rei glorioso, coroará, no final da história, a sua missão e acção redentora. É uma esperança e uma convicção tão antiga, que aparece no NT ainda na sua forma aramaica, a língua mais comum na Palestina: *Maranatha* (“Senhor nosso vem”) era um grito certamente proferido em todas as celebrações litúrgicas (1 Cor 16, 22; cf. Ap 22, 20).

Um grito especialmente sentido e intenso, numa altura em que os cristãos eram vítimas de incompreensões e de perseguições, quantas vezes sangrentas, devido à fidelidade à sua fé e prática de vida – fundamentadas na experiência vivificante da salvação operada por Cristo na sua primeira vinda, aquela que começara na sua encarnação e terminara na sua morte e ressurreição. É neste seu triunfo sobre a morte, no qual começamos a participar já, pela fé e pelo Baptismo, que se baseia o que ainda hoje proclamamos como artigo de fé: que Ele “de novo há-de vir, para julgar os vivos e os mortos e o seu reino não terá fim” (Símbolo niceno-constantinopolitano).

Mas também a sua primeira vinda acabou por se chamar “Advento”, principalmente quando, a partir de finais do séc. III, começou a ser celebrado o seu início: a sua manifestação na carne, o seu nascimento humano. Até se chegar ao uso mais frequente nos nossos dias: é sobretudo ao tempo de preparação para a celebração do Natal do Senhor que chamamos Advento. Um tempo projectado para a primeira vinda, mas com os olhos na segunda e definitiva.

É assim que, no primeiro dos quatro Domingos que precedem o Natal, somos convidados a contemplar e a saborear, antecipadamente, o triunfo final de Cristo. Só a partir daí tem

sentido celebrar o seu nascimento na carne: para sabermos que *a cidade a que pertencemos está nos céus, de onde com certeza esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo* (Fil 3, 20) e vivermos em conformidade com essa esperança.

E é para vivermos essa esperança que precisamos de João Baptista: particularmente num tempo, como o dos nossos dias, em que o Advento está cada vez mais esvaziado do seu sentido original. Quantos, mesmo cristãos, arrastados por um consumismo desenfreado, fazem, precisamente nos dias que antecedem e acompanham o Natal, *do ventre o seu deus* (Fil 2, 19)!

2. “Preparai o caminho do Senhor”

É esta a exortação que João Baptista, todos os anos, solenemente proclama no segundo Domingo do Advento. Trata-se de uma intervenção profética, em vários sentidos.

Antes de mais, porque nos chega através de um profeta, isto é, de um homem chamado e constituído por Deus para ser seu porta-voz. Veja-se como é apresentado a seu pai Zacarias (Lc 1, 15-17): *Será grande diante do Senhor*, como acontecera com o grande profeta Elias (1 Rs 17, 1; 18, 15); *não beberá vinho nem bebida alcoólica*, como Sansão (Jz 13, 14) e Samuel (1 Sam 1, 15), ambos consagrados ao Senhor; *será cheio do Espírito Santo já desde o ventre de sua mãe*, à semelhança de Jeremias (Jer 1, 5) e do Servo do Senhor (Is 49, 1). Terá mesmo *o espírito e o poder de Elias*, o primeiro grande profeta de Israel, cujo regresso se esperava para os tempos messiânicos, como seu precursor (Mal 3, 1. 23-24). Daí que Jesus diga dele, mais tarde: *Entre os nascidos da mulher não há profeta maior do que João* (Lc 7, 28).

Mas a sua palavra é profética, também porque actualiza a de um outro profeta, a de Is 40, 3-5 (na versão dos LXX): *Uma voz clama no deserto: “Preparai o caminho do Senhor, e endireitai as suas veredas. Todo o vale será preenchido, todo o monte e colina serão abatidos: os caminhos tortuosos ficarão direitos e os escarpados tornar-se-ão planos. E toda a criatura verá a salvação de Deus”* (Lc 3, 4-6).

O deserto, pela sua aridez e a conseqüente falta ou escassez de mantimentos, é um lugar especialmente propício para a procura e o encontro com Ele. Foi assim com o povo de Israel que, pela fome por que passou no deserto, aprendeu *que nem só de pão vive o homem; mas de tudo o que sai da boca do Senhor é que o homem viverá* (Dt 8,3). E ainda hoje, porventura, não é em tantos “desertos” da vida, impostos ou mesmo procurados, que tantas pessoas encontram o caminho para o único Deus que lhes pode proporcionar uma vida em plenitude?

Por isso mesmo, foi também no deserto, em que cresceu (Lc 1, 80), que João foi chamado para uma tal intimidade com Deus, que Este lhe colocou nos lábios palavras que Ele próprio havia proferido por outro dos seus profetas. Palavras que desafiam quem as ouve ou leia, a afastar dos seus caminhos tudo o que o impede de um rápido e pleno encontro com Deus: os montes e as colinas, os vales e as curvas do egoísmo, do erro, do pecado – tudo aquilo de que só *um Baptismo de penitência para perdão dos pecados* pode purificar (Lc 3, 3).

Assim era a pregação de João: um convite à conversão, à mudança de pensar e de agir, que o banho de água simbolicamente confirmava e consolidava. Daí o título que a tradição posterior lhe atribuiu: “Baptista” significa o que baptiza. Um Baptismo que prefigurava e preparava o Baptismo *no Espírito Santo e no fogo* que, anos mais tarde, haveria de ser administrado em nome daquele que João anunciava: *Alguém mais forte do que eu e a quem não sou digno de desatar a correia das sandálias* (Lc 3, 16).

Por isso, quando Pedro e os Apóstolos anunciavam esse Messias já morto e ressuscitado, fizeram-lhes precisamente a mesma pergunta (Act 2, 37), dirigida aqui a João por aqueles que acolhem a sua palavra:

3. “Que devemos fazer?”

Esta pergunta é uma espécie de refrão em **Lc 3, 10-14**: primeiro, genericamente, na boca das multidões que acorriam para serem baptizadas; depois, na de dois grupos particularmente desprezados, e com razão, no judaísmo de então, os publicanos e os militares. Os primeiros, porque, favorecidos pelo método da recolha de impostos para o Estado – em que uma parte ficava para o cobrador – frequentemente exigiam dos cidadãos, por vezes de um modo violento, mais do que era obrigatório por lei. Portanto, roubavam. O mesmo acontecia com os militares: em parte porque mal pagos pelo Estado, usavam, em muitos casos, as armas, para se apoderarem do que lhes não pertencia.

São dois casos exemplares, que se poderiam alargar a todas as pessoas de todas as condições. Por isso, as respostas de João têm valor universal e para todos os tempos. Não abusar de métodos violentos nem furtar é exigido a qualquer pessoa que se preze de o ser e que, por isso, respeite a dignidade e os bens alheios. Um comportamento que tem a sua vertente positiva na partilha de vida, a começar pelos bens mais elementares, como são a roupa e o alimento.

São estes os *frutos dignos do arrependimento* que João de todos exige (3, 7). Uma conversão que não tenha expressões concretas como estas é, no mínimo, um engano... para o próprio. Mas não para Deus, pois a sua *cólera*, isto é, o seu total desacordo com tais situações e atitudes, manifestar-se-á com a radicalidade própria de Deus: *Toda a árvore que não der bom fruto será cortada e lançada ao fogo* (3, 9).

Não será isso o que até já está a suceder numa sociedade como a nossa, dominada por um consumismo egoísta que de tudo se aproveita, até de tempos que deveriam ser, pela sua origem e natureza, ainda mais sagrados, como é o do Natal do Senhor? Não haverá “árvores”, essenciais pelos frutos que devem produzir, como é por exemplo a da família, em grande risco, exactamente pela falta de espírito e de prática da partilha, do dom, não apenas entre os seus membros, mas também para além das paredes em que vivem? Razões têm, por isso, as crianças e os seus pais, os catequistas e qualquer baptizado para perguntar a João: *Que devo eu fazer?* Não tenhamos medo da sua resposta. Afinal, é no seu acolhimento prático que está o caminho para Deus, que o mesmo é dizer, para a vida, uma vida verdadeiramente feliz.

OBJECTIVOS

- Introduzir-se no tempo litúrgico do Advento;
- Acolher a figura de João Baptista e o seu convite à conversão;
- Comprometer-se em acções expressivas de conversão.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Com esta catequese inicia-se um ciclo de quatro que terá o seu auge na celebração do Natal do Senhor. Um dos motivos condutores, além do presépio, será o símbolo da luz, não só por ser nesta época do ano mais fácil de apreender e compreender, como também por ter vindo a ser explorado nas catequese anteriores, sobretudo na última. A chama da fé, no seguimento de Cristo a partir do Baptismo, mantém-se viva e contagiante até à celebração do seu nascimento.
2. Nesse sentido, nesta catequese é introduzida e acendida somente a primeira de quatro velas do Advento e, na expressão de fé, é distribuída por cada criança uma pequena cartolina, para, com ela, fazer uma estrela que fará parte do presépio. Mas isso – a função da vela e da cartolina – só será descoberto nas catequese seguintes. Convém que a criança pratique a conversão sugerida, não para dar nas vistas (pelo presépio), mas pelo seu valor cristão: ser expressão do amor.
3. João Baptista, a primeira de três figuras típicas do Advento, aparece como alguém que, a seu modo, já seguiu Jesus e que, nesse sentido nos convida ao mesmo, através da conversão da vida. É, por isso, já introduzido na experiência humana, é dele que vem a Palavra e é a ele que as crianças e os catequistas se dirigem na expressão de fé.
4. Além da proposta para a Experiência Humana, apresentada no Desenvolvimento da Catequese, é oferecida uma outra no Documento 1. A sua escolha dependerá da adequação, ou não, das condições de espaço em que o grupo se reúne, uma vez que supõe um espaço próprio e uma entrada relativamente espaçosa.

MATERIAIS

- Dístico “Cristo” usado nas catequese anteriores;
- Dísticos: “Advento”, “Preparai o caminho do Senhor” e “Que devo eu fazer?”.
- Letras do dístico “João” (numa cor) “Baptista” (noutra cor), recortadas de modo a serem juntas no decurso da catequese;
- Figura de João Baptista a pregar;
- Cartolinas pequenas e de várias cores, em forma quadrada, susceptíveis de serem (nas próximas catequese) transformadas em “estrelas”. De um lado têm dois grupos de três linhas, para servirem de guia às crianças, quando escreverem nelas;
- Lápis;
- Bíblia;

- A primeira vela do Advento – como as restantes três, diferente e mais bela do que as usadas até agora e, se possível, decorada com algum enfeite de Natal, como um pouco de azevinho.

MÚSICAS

- “Jesus Cristo és meu amigo” ou “Senhor Jesus, Tu és a luz” ou “Sou de Cristo, sou feliz”;
- “Preparai o caminho do Senhor” (estrofes próprias, Documento 1);
- Gravação de “Preparai o caminho do Senhor”.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala

- No **placar**: ao centro, o dístico “Cristo” das catequeses anteriores.
- Na **mesa**: a Bíblia e, em lugar de relevo, (só) uma primeira vela do Advento.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. O catequista acende a vela do Advento e pergunta:

Sabem por que razão eu já acendi esta vela junto da Bíblia?

Não, não vamos ler já a Palavra de Deus. Então, porque será?...

A nossa celebração da luz! Foi muito bonita, não foi? De que gostaram mais?

Depois das respostas das crianças e adaptando-se a elas, o catequista comenta:

Toda aquela luz, que das vossas velas se estendeu por toda a igreja, vem-nos de Jesus.

Ele é a nossa luz: é Ele quem nos ajuda a ver a Deus, a receber o Espírito Santo e a olhar para os outros. Para quê?... – Para os amarmos como Ele nos ama.

Não querem voltar a cantar, pela alegria de o seguirmos e de o termos connosco? Que canto preferem?

O catequista escolherá um dos três, certamente propostos pela criança, convidando-as a cantar de pé:

- “**Jesus Cristo és meu amigo**”, ou:
- “**Senhor Jesus, tu és a luz**”, ou:
- “**Sou Cristo, sou feliz**”.

2. Podem sentar-se...

Que alegria ouvir-vos cantar! Vê-se mesmo que quereis seguir Jesus sempre e em toda a parte.

A propósito: vamos ter daqui a algum tempo uma grande festa em louvor de Jesus. Qual é?... – A festa do seu nascimento. Em que dia vai ser?...

Ainda falta algum tempo. Mas, como é uma festa tão importante, temos de começar já a prepará-la.

Aliás, na igreja já começámos (ou estamos para começar). Alguém sabe como se chama este tempo de preparação para o Natal?

O catequista afixe no placar, bem ao alto, o dístico “Advento” e explique:

Sabem o que quer dizer “Advento”?... - “Vinda”. De quem?

Claro, de Jesus. São (quase) quatro semanas de preparação para a celebração da vinda de Jesus, sobretudo no seu nascimento.

De certeza que também quereis participar. Algum de vós já pensou nisso: como podemos preparar-nos bem para celebrar o nascimento de Jesus?...

Olhem, eu tenho uma ideia. Vamos a ver se descobrem qual será.

Qual é, para vós, um dos sinais mais lindos do nascimento de Jesus?...

Para mim, é o presépio. E se nós fossemos construir um presépio aqui na catequese?...

Um presépio cheio de luz, aquela luz que nos vem de Jesus. Acham bem? E estão mesmo dispostos a colaborar?...

Falta saber como: como fazer, para termos aqui na nossa catequese um presépio cheio de luz. Podíamos perguntar a alguém que saiba. Mas a quem?...

Eu conheço uma pessoa que nos pode ajudar. E vós também já ouvistes falar dela. Por isso, proponho que sejais vós a apresentar essa pessoa. Estais dispostos?

Então, fazemos assim: primeiro ides descobrir quem é essa pessoa. E a descoberta pode ser feita de uma maneira engraçada.

1ª

Alternativa

Grupo pequeno

O catequista pode escolher uma das seguintes hipóteses:

- *Divida a cartolina com a **figura de João Baptista** em tantas peças quanto o número de crianças e distribua uma peça por cada criança, para com elas reconstruírem a figura.*
- *Divida as **letras de “João Baptista”** (as de “João” numa cor e as de “Baptista” noutra) e distribua-as pelas crianças, para com elas formarem o respectivo dístico.*

Para ambas as hipóteses, convém dar às crianças uma base, em papel ou cartolina, para nela alinharem as peças ou as letras.

A apresentação final pelas crianças será feita conforme a hipótese seguida:

- Na reconstrução da figura: esta será afixada a seguir e na parte superior do dístico “Cristo”. A seguir pergunta-se às crianças quem será aquela figura. Depois de algumas tentativas, o catequista afixe na parte superior o **dístico “João Baptista”**.
- Na reconstrução do nome, o catequista afixe-o no mesmo lugar indicado e, depois, por baixo (entre os dísticos “João Baptista” e “Cristo”) afixe a **figura de João Baptista**.

2ª

Alternativa

Grupo grande

Siga-se o mesmo processo da 1ª alternativa, mas distribuindo as letras e as peças por dois (ou três) grupos diferentes.

Neste caso, convém que as peças não sejam muitas, para que as reconstruções durem, tanto quanto possível, o mesmo tempo.

Na apresentação final, primeiro afixe-se a figura e, só depois de perguntar de quem será essa figura, se apresentam e afixam as letras.

3ª

Alternativa

Grupo muito grande

Três crianças (ou catequistas), previamente preparadas, entram pelo fundo da sala, a primeira com a **vela do Advento**, a segunda com a **figura de João Baptista** e a terceira com o **dístico “João Baptista”**. As outras acolhem-nas de pé e em silêncio.

Chegadas à frente, as três crianças levantem e mostrem a respectiva vela, figura e dístico, deixem contemplá-los, e o catequista afixe a figura e o dístico nos lugares do placar já indicados.

3. Para as três alternativas:

Já conheciam João Baptista. Lembrem-se de alguma coisa que ele tenha feito?...

Mas, antes de ter baptizado Jesus, ele fez e disse outras coisas.

Querem saber algumas delas?

Lembrem-se de que são para nos ajudar a preparar o Natal de Jesus, com um presépio cheio de luz. Por isso vão estar muito, muito atentos.

II. PALAVRA

1. O catequista abre a Bíblia em **Lc 3, 3-6**, convida as crianças a porem-se de pé e leia, só ele ou com outros catequistas, se optar por uma leitura dialogada:

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Lucas:

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

Catequista:

Naquele tempo,

**João Baptista percorreu toda a zona do rio Jordão,
pregando um Baptismo de penitência para o perdão dos pecados,
como está escrito no livro das palavras do profeta Isaías:**

Leitor:

«Uma voz clama no deserto:

**“Preparai o caminho do Senhor,
endireitai as suas veredas.**

**Sejam alteados todos os vales
e abatidos os montes e as colinas;
endireitem-se os caminhos tortuosos
e aplanem-se as veredas escarpadas;
e toda a criatura verá a salvação de Deus”.**»

O catequista interrompe a leitura, esclarece eventuais dificuldades com o vocabulário e pergunta:

Que nos diz João Baptista, junto do rio Jordão?

Afixe, por baixo do dístico “Cristo”, o dístico “Preparai o caminho do Senhor e comente:

Um caminho sem montes, nem vales, nem curvas. Um caminho direito, para o Senhor chegar mais depressa. O Senhor é Jesus.

Para fixarmos bem as palavras de João Baptista, podemos cantá-las.

O catequista ensaia rapidamente o cântico “Preparai o caminho do Senhor” com as suas três primeiras estrofes. Depois de ensaiado, convida as crianças a cantar de pé a 1ª estrofe. Depois comente:

2. De certeza que alguns de vós já perguntaram: mas que vales, montes e caminhos são esses?

Não são os lá de fora. Somos nós que podemos impedir, como os montes e os vales, que o Senhor venha.

E então que temos nós de endireitar para que Ele venha até nós e possamos ouvir a sua voz?

Querem saber? Então reparem bem nas pessoas que foram ter com João Baptista. Reparem no que elas lhe perguntam.

*O catequista, só ou com as crianças, leia o diálogo de **Lc 3, 10-14**. Ao leitor 2, que leia as palavras de João Baptista, pode prender-se-lhe na roupa uma cópia da figura de João:*

Catequista:

As multidões perguntaram-lhe:

Leitor 1:

Que devemos fazer?

Catequista:

Ele respondia-lhes:

Leitor 2:

Quem tiver duas túnicas reparta com quem não tem nenhuma; e quem tiver mantimentos faça o mesmo.

Catequista:

Vieram também alguns publicanos, para serem baptizados, e disseram:

Leitor 3:

Mestre, que devemos fazer?

Catequista:

João respondeu-lhes:

Leitor 2:

Não exijais nada além do que vos foi prescrito.

Catequista:

Perguntavam-lhe também os soldados:

Leitor 4:

E nós, que devemos fazer?

Catequista:

Ele respondeu-lhes:

Leitor 2:

**Não pratiqueis violência com ninguém nem denunciéis injustamente;
e contentai-vos com o vosso soldo.**

Catequista:

Palavra da Salvação.

Crianças:

Glória a vós Senhor.

3. Podem sentar-se...

Digam lá então, primeiro, que pessoas foram ter com João Baptista? Quem se lembra?...
Primeiro...foram as multidões, isto é, muitas pessoas.

Depois forram os... publicanos. Eram as pessoas que recolhiam o dinheiro para pagar
ao Estado e muitas vezes levavam mais do que deviam. Roubavam.

E quem foi em último lugar?... os soldados que tinham armas e, por isso, às vezes,
ameaçavam, batiam às pessoas e até as roubavam.

Faziam bem?...claro que não. Quem rouba, quem é violento, quem não reparte as suas
coisas por quem não tem, por quem é pobre, não está preparado para receber o Senhor.

Digam lá, com sinceridade: Quem rouba, está com Jesus?... Quem bate nos outros,
está com Jesus?... Quem despreza os pobres, não reparte com eles os seus bens, está
com Jesus?...

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. E vós? Quereis estar com Jesus?...

Quereis estar bem preparados para celebrar o seu Natal?...

Quereis seguir o convite e o conselho de João Baptista, para formarmos um presépio
cheio de luz?...

Que bom! Estou muito contente convosco...e João Baptista também, e claro, Jesus
muito mais. E vós, se fizerdes mesmo o que ele nos acaba de dizer, também iremos
ficar muito, muito contentes.

Então, para não se esquecerem, vamos primeiro cantar outra vez (de pé, se possível) e
voltados para o placar, o **cântico**:

“Preparai o caminho do Senhor” (as três primeiras estrofes).

**2. Agora temos de saber o que é que cada um vai fazer, para ser bom: para não ser violento
com os outros, para não roubar, para repartir com os mais pobres algumas coisas que
temos e eles não têm, e para acabar com outras maldades que às vezes ainda fazemos.**

E se fôssemos perguntar a João Baptista?

Podemos fazer assim: vou distribuir por cada um de nós umas folhinhas de cores diferentes. São diferentes as cores, porque cada um de nós é diferente dos outros e, provavelmente, não vão todos escrever nelas a mesma coisa.

O catequista distribua por cada criança a folha que ela vai usar e que, no seu conjunto, formarão as primeiras “estrelas” que irão fazer parte do presépio.

Para ajudar as crianças a escrever, afixe no placar, por baixo do dístico “Preparai o caminho do Senhor” o dístico “Que devo eu fazer?”, como modelos.

Deste lado – mostra o lado com os dois grupos de linhas – vão todos escrever duas coisas, por isso cada folha tem essas linhas:

– Primeiro escrevem aquilo que João Baptista nos diz e está ali afixado no placar: “Preparai o caminho do Senhor”.

Depois das crianças escreverem:

– Agora, do mesmo lado da folha, mas nas outras linhas, escrevem a pergunta que as pessoas faziam a João Baptista: “Que devo eu fazer?” Vamos lá, todos escrevem.

Enquanto as crianças escrevem, pode colocar-se como música de fundo a gravação de “Preparai o caminho do Senhor”.

3. Depois de terminado o trabalho das crianças:

Agora vamos ler a João a pergunta que cada um lhe escreveu. Isto é, que deve fazer cada um de nós para preparar o caminho do Senhor, a festa do seu nascimento.

Mas, para ser mais bonito, quando eu disser, cada um de vós vem aqui à frente, e, com a folhinha que escreveu na mão, pergunta:

“João Baptista, que devo eu fazer?”.

Não se esquecem? Depois coloca a folhinha em cima desta mesa.

Mas, antes disso, vamos todos, de pé... cantar o **cântico**:

“Preparai o caminho do Senhor” (1ª estrofe).

Agora, cada um vem aqui e faz a sua pergunta a João Baptista.

As restantes estrofes do cântico podem ser cantadas no meio e no fim da entrega da folha.

Se forem muitas as crianças, podem fazer a entrega em pequenos grupos. Nesse caso, o cântico é cantado entre eles.

4. Compromisso

Sentados, em ambiente de concentração, o catequista diz, com voz calma e apelando à interioridade:

Agora, só falta saber o que João Baptista vai responder a cada um de nós.

Mas isso tendes de ser vós a descobrir ao longo da semana e até à próxima catequese.

Podeis, para vossa ajuda, servir-vos do catecismo, perguntar aos vossos pais.

Lembram-se de João ter dito: devemos partilhar a nossa roupa e os nossos alimentos com quem não tem.

Mas, além da roupa e dos alimentos, temos muito mais coisas: livros, material escolar, brinquedos (tantos!), jogos, discos, etc.

Lembrem-se que há meninos que não têm ou têm muito pouco. Não será que João Baptista nos manda partilhar com eles?

Mas não se esqueçam de uma coisa: não é só aquilo que me não faz falta ou de que eu já não gosto, que posso e devo dar aos outros. É também aquilo de que os outros também gostam e precisam.

Bom, têm uma semana para pensar. Para a próxima catequese têm de trazer uma resposta. Na página 36 do vosso catecismo, cada um vai escrever, em casa, o que João Baptista lhe pede.

E para vos ajudar a pensar e a preparar o coração, cada dia (*mostrar na mesma página do catecismo*) vão ajudar a mãe (a avó... *de acordo com as situações familiares das crianças*) a preparar o Natal, arrumando muito bem as vossas coisas. É para Jesus chegar mais depressa ao vosso coração!

E cada dia que o fizerem, pintam um bocadinho deste presépio (*mostrar o presépio da página 36*). Vamos ver quem pinta o presépio todo?

É João Baptista e Jesus quem assim querem. Ou então, não conseguiremos ter um Natal com um presépio cheio de luz. E isso vós não quereis, pois não?

Para guardar na memória e no coração

Que devo eu fazer para preparar o Natal do Senhor?
Partilhar as minhas coisas com quem não tem,
sendo responsável com o que é meu.

DOCUMENTO 1

2ª proposta de Experiência Humana

1. *Tanto quanto possível, o catequista retire, antes da entrada na sala, todos os objectos que habitualmente se encontram nela, sobretudo aqueles que mais são usados pelas crianças: cadeiras, almofadas, mesas, e coloca-os à entrada da sala ou num canto da mesma.*

Quando as crianças estiverem reunidas à porta da sala, o catequista diz:

Hoje, vamos receber uma visita na nossa sala. Precisamos de prepará-la para recebermos bem a visita! É que está tudo desarrumado – não está nada preparado!”

Introduzindo as crianças na sala, organiza o processo de arrumação, procurando, com a rápida ajuda das crianças, que tudo fique arranjado e bonito.

2. *Depois de tudo arrumado, e de o catequista ter acendido a vela do Advento, observa: Com esta vela acesa, a nossa sala ainda fica mais bonita! Gostamos de usar velas nas nossas festas, não é?*

Deixe as crianças dialogar brevemente sobre o uso caseiro das velas.

Por exemplo, todos gostamos muito de apagar as velas do nosso aniversário. A luz da vela lembra-nos algo de bonito e importante. Por exemplo, da nossa celebração da luz. *Se o catequista tiver algumas fotos da celebração, pode mostrar às crianças e colocá-las junto da vela.*

Toda aquela luz, que das vossas velas se estendeu por toda a igreja, vem-nos de Jesus. Ele é a nossa luz: é Ele quem nos ajuda a ver a Deus, a receber o Espírito Santo e a olhar para os outros. Para quê?... – Para os amarmos como Ele nos ama.

3. Mas hoje, nós temos aqui esta vela grande e bonita para nos lembrar uma outra festa, uma festa dos cristãos de que todos gostamos muito. Já não falta muito tempo. Que festa será?

É natural que as crianças já tenham visto, mas imediações das instalações da catequese, alguns sinais de que se aproxima o Natal, e o catequista ajude-as a reparar neles:

Velas, estrelas, ... iluminações, tudo para nos lembrar que Jesus vem aí: estamos a chegar ao Natal.

Todos estamos a preparar-nos para a chegada de Jesus: nós arrumámos a nossa sala, as ruas estão a enfeitar-se, em nossa casa também vamos preparar os enfeites que mostram como estamos contentes por Jesus vir ter connosco.

Em que dia é a festa do seu nascimento? ... Muito bem. Mas é uma festa tão importante, que a preparamos com antecedência. Aqui na catequese vamos demorar quatro semanas! Sabem como chamamos a este tempo de preparação do Natal?...

*O catequista peça a uma criança para afixar o **dístico “Advento”** e, depois, diz:*

Vamos ler todos: **Advento!**

Quer dizer: “Vinda”. A vinda de Jesus.

Olhem, eu não sei o que é que pensam, mas uma das coisas que mais gosto de fazer no Advento é ... preparar o presépio. E se nós fossemos construir um presépio aqui na catequese?... Um presépio cheio de luz, aquela luz que nos vem de Jesus. Vamos todos trabalhar para isso.

Falta saber como: como fazer, para termos aqui na nossa catequese um presépio cheio de luz.

4. Eu conheço uma pessoa que nos pode ajudar. É alguém que nos vem visitar hoje, lembrem-se: nós preparámos “a nossa casa” da catequese, tão bem arrumada, tão bonita, por sua causa. Não, ainda não é Jesus. Ainda faltam umas semanas para Ele vir estar connosco. Mas ainda bem, nós precisamos de nos preparar. Vamos já ver quem vem hoje:

*O catequista afixe a **imagem de Baptista** junto dos dísticos “Cristo” e “Advento” e pergunte:* Sabem de quem se trata?... É João Baptista. Já conheciam... Sim, foi ele quem baptizou Jesus.

Mas, antes disso, ele disse e fez outras coisas, para preparar a vinda de Jesus.

Já arrumámos a nossa sala, para recebermos João Baptista, e agora é ele que nos vai ensinar o que devemos fazer para recebermos Jesus.

Vamos ouvi-lo.

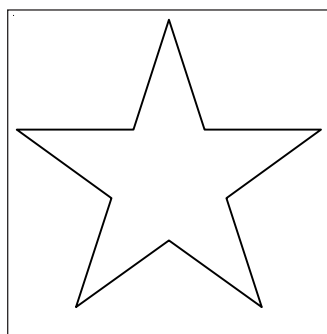
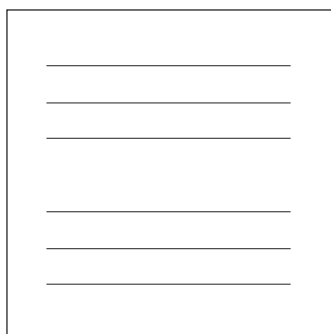
DOCUMENTO 2

Estrofes para o cântico “Preparai o caminho do Senhor”

1. João Baptista proclama para nós
 - Preparai o caminho do SenhorNo deserto faz ouvir a sua voz
 - Preparai o caminho do Senhor
2. Todos os vales sejam alteados
 - Preparai o caminho do SenhorTodo o monte e colina abatidos
 - Preparai o caminho do Senhor
3. Os caminhos sejam endireitados
 - Preparai o caminho do SenhorDeus a todos dará a salvação.
 - Preparai o caminho do Senhor.

DOCUMENTO 3

Folha de papel para a actividade sobre João Baptista



Nota: Talvez seja preferível que o catequista, ao preparar as pequenas folhas de papel para a actividade, não fotocopie a face dois já com a figura da estrela, para que as crianças possam ser surpreendidas, quando descobrirem que, de facto, as folhas são como “estrelas”; e para que, no recorte, não desapareçam muitas das palavras escritas na face 1. O recorte far-se-á folha a folha, se necessário, com o auxílio de um molde em cartolina.

JOSÉ – “UM HOMEM JUSTO”

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A justiça

Para a maioria das pessoas, e na aceção mais corrente nos nossos dias, a justiça é, predominantemente, uma virtude específica da organização social: a distribuição equitativa dos proveitos e lucros da vida em sociedade e dos encargos que esta comporta. É mesmo considerada a principal virtude duma sociedade. Se cada cidadão não usufruir daquilo a que tem direito para viver, não há ordem nem paz que permita a necessária convivência entre todos. Necessária, porque o ser humano, como praticamente todo o ser vivo, é por natureza social.

É, portanto, dever do Estado, e talvez o primeiro, garantir a justiça entre os membros da sociedade que governa. Para isso existem, entre outros meios, os tribunais. São tão importantes que, muitas vezes, ao falar-se de justiça, se pensa imediatamente nesses órgãos que formam o poder judicial ou no conjunto de pessoas encarregadas de a administrar. E para que realmente façam valer o direito de cada um, até se diz que a justiça é cega, como a mulher de olhos vendados e balança na mão com que é frequentemente representada. De facto, quando a corrupção atinge a justiça, então não há Deus que nos valha. Não há mesmo?

Antes de ser uma virtude social, e para que o seja, a justiça é uma virtude individual: não apenas dos governantes e juizes, mas de qualquer pessoa. É a qualidade de quem está, pensa e actua de um modo “ajustado”, isto é, em conformidade com o que é justo, com a ordem que regula todas as suas relações: consigo próprio, com os outros e com Deus. É, em primeiro lugar, esse o sentido com que se fala em justiça na Bíblia, tal como em toda a Antiguidade e Idade Média. E bem. Porque só esta constante e perpétua vontade de dar a cada um – seja o próprio, o outro ou Deus – o que lhe é devido, garante a autêntica justiça social.

Na tradição bíblica e cristã, a justiça é regulamentada pela Lei que faz parte da aliança de Deus com o seu povo. O Decálogo é uma espécie de lei fundamental ou constitucional que, na sua dupla relação com Deus (os três primeiros mandamentos) e com o próximo

(os restantes sete), está na raiz e na base da constituição e existência do povo de Deus. É por ela que se regula a justiça, tanto de Deus como do povo. E a ordem dos mandamentos é intencional: só numa relação justa com Deus, isto é, de total obediência e dependência (porque Ele é tudo), é, constante e permanentemente, possível uma relação verdadeiramente ajustada às necessidades, direitos e bens dos outros. Vejamos um dos exemplos bíblicos mais esclarecedores.

2. A justiça de José, noivo de Maria

Chamamos-lhe “noivo”, porque o caso passou-se, segundo nos conta **Mt 1, 18-25**, durante o período do noivado que precedia, como de resto ainda hoje, a união definitiva realizada no casamento. Mas com algumas diferenças em relação ao que é habitual entre nós: os noivos, sem coabitarem, ficavam juridicamente comprometidos um com o outro. Uma infidelidade, designadamente pelo adultério, podia ser severamente punida, e com a mesma pena prevista para os casados. Noivos adúlteros (e não apenas a noiva) podiam ser apedrejados até à morte (cf. Dt 22, 23-24).

Não consta que essa lei fosse posta em prática, pelo menos nos tempos do NT. Mas que podiam ficar publicamente enxovalhados e com a honra perdida, talvez até para o resto da vida, lá isso sim. O matrimónio e a instituição familiar eram, e bem, demasiado sérios, para ficarem expostos a caprichos e paixões que os podiam destruir.

Era o caso de Maria, pelo menos aos olhos de José. Ela apareceu grávida, e dele o filho não era. Embora pudesse ser. A lei permitia-o. Mas diz-se explicitamente que foi *antes de coabitarem* (Mt 2, 18); o que, no caso, significa ter sido antes de terem relações sexuais. Que fazer, perante tal “infidelidade”?

A primeira reacção de José foi deixá-la. Bastaria passar um documento de repúdio, e ela ficava livre para contrair matrimónio com outro. Diz-se que o fez, porque *era um homem justo* (v.19). Mas justo para com quem?

Para com a criança? Se Maria *havia concebido pelo poder do Espírito Santo* (v.18), de facto não era justo que aos olhos do mundo o filho aparecesse como de José. Só que ele não conhecia a origem da gravidez. O Evangelista conta que a revelação só lhe foi feita mais tarde, pelo anjo (v. 20).

Portanto, a justiça de José tinha a ver exclusivamente com Maria, como de resto é expressamente dito: *não queria difamá-la* e, só por isso, resolveu deixá-la *secretamente* (v. 19). Como se tal fosse possível. O repúdio exigia o testemunho de, pelo menos, duas pessoas; e, o mais tardar quando nascesse a criança, haveria de saber-se a verdadeira causa do repúdio.

Mas ele amava-a. Só assim se explica a sua decisão e a confusão que ia na sua cabeça. E amava-a, certamente, guiado pela Lei: *amar o próximo como a si mesmo* que estava escrito já em Lv 19, 18. E haveria alguém mais próximo de José do que Maria, sua noiva? Talvez Deus! Sim, o amor ao próximo estava radicado no amor a Deus. Fazia parte do chamado código da santidade, que começa com este mandamento pronunciado por Deus: *Sede santos, porque Eu, o Senhor vosso Deus, sou santo* (Lv 19, 2). Santo, pelo

amor incondicional e ilimitado. Uma santidade que se apodera de quem assim O reconhece e a Ele se entrega. Mesmo quando não vemos claro quanto ao modo como essa santidade se há-de concretizar na prática da vida. Confiar-se a Ele, em todas as circunstâncias, isso é que é justo. E, mais cedo ou mais tarde, far-se-á luz. Porque com os olhos do amor ilimitado de Deus, consegue ver-se muito mais longe, ainda que demore o seu tempo.

No caso de José, durou até ao sonho em que Deus lhe revelou toda a verdade, quanto à sua vontade, quanto ao modo concreto como devia pôr em prática a sua justiça relativamente a Maria: adoptar o Filho e assim contribuir para a justiça que Ele, anos mais tarde, como Emanuel – Deus connosco, iria proclamar e pôr em prática.

3. A justiça animada pela caridade

O Papa Bento XVI dedica algumas páginas da sua encíclica *Deus é Amor* ao que aparece com o título “Justiça e caridade” (n. 26-29): à “relação entre o necessário empenho em prol da justiça e o serviço da caridade” (n. 28).

Quanto ao primeiro, escreve: “A justa ordem da sociedade e do Estado é dever central da política. Um Estado, que não se regesse segundo a justiça, reduzir-se-ia a um grande bando de ladrões. (...) A justiça é o objectivo e também, conseqüentemente, a medida intrínseca de toda a política”. Mas, sendo a justiça também, e sobretudo, uma questão ética, “política e fé tocam-se”, neste sentido: pela fé, a Igreja, com a sua doutrina social, pode “contribuir para a purificação da razão e prestar a própria ajuda para fazer com que aquilo que é justo possa, aqui e agora, ser reconhecido e, depois, também realizado.”

Mas “o amor – *caritas* – será sempre necessário, mesmo na sociedade mais justa. (...) Quem prescinde do amor, prepara-se para se desfazer do ser humano enquanto ser humano.” Particularmente do “amor suscitado pelo Espírito de Cristo. Este amor não oferece aos seres humanos apenas uma ajuda material, mas também refrigério e cuidado para a alma – ajuda esta, muitas vezes, mais necessária que o apoio material” (28).

Trata-se de um amor que até dá à justiça um sentido novo: faz dela uma expressão e realização da caridade. E vice-versa: muitas vezes é a caridade que torna possível a prática da justiça. Ou que nos não deixe cair na tentação da corrupção... à custa dos outros, particularmente os mais pobres. Ora, conforme lembra S. João Crisóstomo, “não fazer os pobres participar dos seus próprios bens, é roubá-los e tirar-lhes a vida. Não são nossos, mas deles, os bens que aferrolhamos.” Ou S. Gregório Magno: “Quando damos aos indigentes o que lhes é necessário, não lhes ofertamos o que é nosso; limitamo-nos a restituir-lhes o que lhes pertence. Mais do que praticar uma obra de misericórdia, cumprimos um dever de justiça” (citações do CIC 2446).

Uma justiça para a qual nos capacita a misericórdia – aquela que recebemos de Deus, na sua justiça infinita, como concretização do seu amor. Não foi para isso que Ele até o seu Filho único nos deu!?

OBJECTIVOS

- Acolher a figura de S. José como pai adotivo de Jesus;
- Compreender a justiça do seu agir como obediência à vontade de Deus;
- Reforçar o compromisso da partilha natalícia.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese está envolvida pela partilha de bens que as crianças, desde a catequese anterior, são convidadas a realizar como expressão prática da sua vivência do Natal: o que no princípio aparece como experiência humana já iniciada, reaparece no final como expressão e compromisso de fé, uma fé que é luz divina para quem a tem (as crianças) e para quem usufrui dos seus frutos (as pessoas que irão beneficiar da partilha).
2. Nesse sentido, os cartões escritos pelas crianças na catequese anterior (com “Preparai o caminho do Senhor” e “Que devo eu fazer?”) devem ser recortadas de modo a terem a forma de estrelas, nas quais as crianças escreverão a partilha que se propõem realizar. Mas, só na expressão de fé, elas se devem aperceber da sua transformação em “estrelas”.
3. Pelo meio e no centro, aparece a figura de S. José, como presença imprescindível no presépio vivo em construção, pelo contributo que deu para a vinda do Messias. É ele que as crianças são convidadas a acolher como modelo na adesão à palavra de Deus, pela obediência da fé.

MATERIAIS

- Dísticos “Cristo”, “Advento”, “Preparai o caminho do Senhor” (catequese anterior);
- Figura de João Baptista (catequese anterior);
- 1ª vela do Advento (catequese anterior);
- 2ª vela do Advento;
- Figura de S. José, de forma a estar voltado para o dístico “Cristo”;
- Dístico “Homem Justo”;
- Cartões (escritos na catequese anterior) recortados em forma de “estrelas”, um para cada criança;
- Esferográficas/canetas/lápis;
- Bíblia.

MÚSICAS

- “Preparai o caminho do Senhor”;
- “Eis que uma Virgem”;
- Gravação de um dos cânticos anteriores.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala

- No **placar**: os dísticos da catequese anterior (“Cristo” ao centro; “Advento” ao alto; “Preparai o caminho do Senhor” por baixo de “Cristo”) e a figura de João Baptista a seguir e por cima do dístico “Cristo”.
- Na **mesa**: a 1ª vela do Advento (apagada), de um dos lados, e a Bíblia, ao centro.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista pega numa carolina, idêntica às que foram escritas por cada criança, com as frases “Preparai o caminho do Senhor” e “Que devo eu fazer?”, mostra-o às crianças e pergunta:*

Ainda se lembram do que cada um de vós escreveu numa folhinha como esta?... Duas coisas:

- Primeiro, “Preparai o caminho do Senhor”.

Quem nos disse isto?...E que dissemos nós a João Baptista?...

- Perguntamos-lhe o mesmo que perguntaram as pessoas que o procuravam para ele as baptizar, como sinal de que estavam arrependidos das suas maldades: “Que devo eu fazer?”

Cada um de vós escreveu isto e, mais importante ainda, fez mesmo esta pergunta a João.

E que respondeu ele às pessoas que lhes fizeram a mesma pergunta que nós fizemos?...

Os que procuravam os impostos não deviam roubar as pessoas; os soldados não lhes deviam fazer mal. E ao resto das pessoas, que lhes disse ele?... Disse-lhes para partilharem a roupa e os alimentos com quem não os tem.

Será que ele disse o mesmo a cada um de vós? E vós estais dispostos a partilhar as vossas coisas com outras pessoas mais pobres? Quem está disposto a isso?...

E algum de vós quer dizer o que vai partilhar ou repartir?

Depois de as crianças se exprimirem, contando o que escreveram na sua folha, o catequista louva-as e incentiva-as a manter esse compromisso, procurando, no entanto, que as crianças se comprometam com algo que seja realista para a sua idade e exequível.

Se partilharmos as vossas coisas, muita gente vai ficar contente: as pessoas que as receberem, João Baptista, Jesus ... E nós?... De certeza que também.

Não querem cantar as palavras que João Baptista nos disse e nós queremos seguir?... Então cantemos todos:

“Preparai o caminho do Senhor” (1 ou 2 estrofes)

2. O catequista acenda a 1ª vela do Advento e diga:

Repararam bem no que cantámos? – “Vem Senhor, vem até nós”.

Foi para isso que hoje acendemos esta vela. Estamos a preparar-nos para celebrar o nascimento de Jesus, e – lembrem-se? – comprometemo-nos a construir, até lá, um presépio cheio de luz.

Será que a partilha das vossas coisas (*o catequista mencione algumas das ideias das crianças*) também pode entrar no presépio e iluminá-lo? Vamos ver. Eu tenho uma ideia, mas não vou dizê-la já.

Antes disso, gostava que conhecessem bem outra figura que tem de entrar no presépio.

Talvez ela nos possa dizer o que podemos fazer com a partilha que prometemos.

Que figura será?...

(Mesmo que as crianças adivinhem, o catequista limita-se a dizer:)

Vamos ver quem é, porque ela vai entrar na nossa sala. Vamos pôr-nos de pé para a recebermos... E cantemos:

“Preparai o caminho do Senhor”

(1ª estrofe: “Jesus vem, nascerá p’ra todos nós”...)

(5ª estrofe: “Nós também esperamos o Senhor”...)

1ª

Alternativa

- *Duas crianças, previamente preparadas, entram pelo fundo da sala: primeiro, a que traz a 2ª vela (acesa) do Advento, seguida da que traz a figura de S. José em cartolina.*
- *Chegadas junto da mesa, voltam-se para as outras, mostram a figura e a vela, enquanto durar o cântico.*
- *Depois o catequista coloque a vela em cima da mesa, ao lado da 1ª, e afixe a figura no placar, ao lado do dístico “Cristo” e voltada para ele.*

2ª

Alternativa

Se a sala não oferecer condições para a 1ª alternativa, a apresentação é feita dentro da sala: o catequista entrega a vela a uma criança e a figura a outra, que fazem como na 1ª alternativa.

3. Para as duas alternativas:

Podem sentar-se...

Quem estará representado na figura que recebemos a cantar e está junto do nome de Cristo? Quem nos quer dizer?... É a figura de S. José!

E, com ele, chegou-nos mais uma vela acesa. Quer dizer que o presépio se está a iluminar cada vez mais.

E alguém sabe dizer por que é que S. José faz parte do presépio e até o ilumina?...
(Deixar que as crianças se expressem, aproveitando os seus contributos para, a seguir, falar da figura de S. José:)

II. PALAVRA

1. Mas vós já sabeis que S. José não era o verdadeiro pai de Jesus. Quem era então o seu verdadeiro pai? – Era Deus.

Tudo isto é bastante complicado, e também o foi para S. José. Ele sabia que Maria esperava um bebé, mas também sabia que não era seu filho. No entanto, José, que era bom e justo, acabou por compreender o que se passava.

Vamos lá escutar como é que tudo se passou. A Bíblia conta como foi. Para ouvirem com mais respeito, ponham-se de pé, como fazemos na Missa.

2. A leitura de **Mt 1, 18-24** pode ser feita em diálogo e, para maior solenidade e beleza, os leitores, que podem ser duas crianças, estarão ladeados por outras duas, cada uma com uma das duas velas do Advento)

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus:

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

Catequista:

O nascimento de Jesus deu-se do seguinte modo:

Maria, sua Mãe, noiva de José,

antes de terem vivido em comum,

encontrara-se grávida, por virtude do Espírito Santo.

Mas José, seu esposo,

que era justo e não queria difamá-la,

resolveu deixá-la em segredo.

Tinha ele assim pensado,

**quando lhe apareceu num sonho o Anjo do Senhor,
que lhe disse:**

Leitor 1:

**«José, filho de David,
não temas receber Maria, tua esposa,
pois o que nela se gerou é fruto do Espírito Santo.
Ela dará à luz um Filho,
e tu pôr-lhe-ás o nome de Jesus,
porque Ele salvará o povo dos seus pecados.»**

Catequista:

**Tudo isto aconteceu
para se cumprir o que o Senhor anunciara por meio do profeta,
que diz:**

Leitor 2:

**A Virgem conceberá e dará à luz um Filho,
que será chamado “Emanuel”,
que quer dizer “Deus conosco”.**

Catequista:

**Quando despertou do sono,
José fez como o anjo do Senhor lhe ordenara
e recebeu a sua esposa.**

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

- 3. Depois de as crianças se sentarem e de poisadas as velas e estando todos de volta aos seus lugares, o catequista pergunta⁷:**

Digam lá, então como reagiu José quando viu que Maria estava à espera de um bebé?...

E porque resolveu ele deixá-la, indo-se embora?...

Foi só para evitar que fizessem mal a Maria. É que, naquele tempo, era assim: uma mulher, mesmo noiva, que tivesse um filho que não fosse do seu noivo ou do seu marido, seria severamente castigada. E José não queria isso.

⁷ Resumo da explicação registado na página 39 do catecismo, com actividade para as crianças.

Preferiu deixá-la, terminar o noivado, sem dizer a ninguém porquê. Tudo, menos deixar que alguém fizesse mal a Maria.

Era um homem muito bom, não era?

Repararam como é que a Bíblia lhe chamava?

O catequista afixe ou peça a uma criança para afixar, junto da figura de José, o dístico “Homem justo” e comente:

Era mesmo um homem justo. Isto é, um homem que queria, acima de tudo, fazer o bem, a vontade de Deus. Assim é que era um homem justo: o que Deus dele quisesse, ele fazia-o, a todo o custo.

E Deus mostrou-lhe qual era a sua vontade? Como foi?... Enviou-lhe um anjo.

E que lhe disse o anjo? – Que o Menino que estava a crescer dentro de Maria era alguém muito, muito importante. Alguém de quem só Deus podia ser o Pai, através do seu Espírito Santo.

Era alguém que tinha sido prometido por Deus, havia muitos séculos, através de um profeta. Profetas são homens que Deus escolhe para falar às outras pessoas em seu nome. E este profeta falou de algo muito especial, de uma promessa muito importante que Deus quis fazer ao seu povo.

Lembram-se do que tinha prometido aquele profeta?...

Olhem, até há um cântico com as palavras dessa promessa. É assim:

O catequista ensaie o refrão do cântico e convide, depois, as crianças a cantá-lo, se possível de pé:

“Eis que uma Virgem conceberá” (1ª e 2ª estrofes)

4. Depois de as crianças se sentarem, o catequista continua:

Alguém se lembra o que significa este nome “Emanuel”?

“Emanuel” é uma palavra da língua falada por Jesus, e significa “Deus connosco”.

Quer dizer que naquele Menino a quem chamamos Jesus, nesse Menino, Deus está mesmo connosco.

E depois de saber isto, que fez José, ele que era um homem tão justo?...

É claro que nunca mais deixou Maria, nem Jesus, depois de Ele nascer. Pelo contrário: tudo fez, para que o Menino nascesse bem. Só queria que Deus, através de Jesus seu Filho, estivesse realmente connosco.

Portanto, se hoje temos Jesus, devemos-lo muito a S. José.

Penso que devíamos agradecer-lhe!

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Vamos, então, agradecer a S. José de uma maneira que ele realmente goste.
Vamos todos tentar descobrir como pode ser:
 - Primeiro, digam lá outra vez como é que a Bíblia chama a S. José?... (*apontando para o dístico:*) - Um “homem justo”.
E que é um homem justo?... Aquele que procura em tudo fazer a vontade de Deus.
 - E agora digam-me: o que é que Deus quer de nós, para prepararmos bem o caminho do Senhor, para celebrarmos bem o nascimento de Jesus?... – Aquilo que vós já dissestes que quereis fazer: partilhar os vossos bens com os mais pobres.
Portanto, se isso agrada a S. João Baptista, não agrada menos a S. José. Quem faz isso, está a fazer a vontade de Deus e é justo como ele...e está a contribuir para termos um presépio de Natal muito luminoso.

2. Então, para sermos justos, como S. José – fazendo a vontade de Deus – e termos um presépio mesmo luminoso, proponho-vos o seguinte:
Cada um de vós vai escrever o que quer partilhar neste Natal, na folha colorida onde escreveram, na semana passada, a pergunta a João Baptista: “Que devo eu fazer” para preparar o caminho do Senhor?
Tenho aqui as folhinhas todas... (*O catequista mostra-as*)
Mas estão já a ver que hoje têm uma forma diferente. Com que se parecem elas?... Com estrelas!
Pois bem, é nestas estrelas que cada um vai escrever o que vai partilhar neste Natal. Não pensar muito bem!
Quem não escrever nada é porque quer ficar às escuras! A sua estrela não brilha. E isso, de certeza, nenhum de vós quer. E então depois do que ouvimos sobre S. José!...

O catequista distribua as “estrelas” dizendo às crianças para escreverem no lado contrário ao da pergunta.

*Durante este trabalho, pode colocar, como música ambiental de fundo, a **gravação de “Eis que uma Virgem” ou “Preparai o caminho do Senhor”.***

3. *Depois do trabalho das crianças:*
Agora, vamos pôr as vossas estrelas a iluminar o presépio. Fazemos assim:
 - Cada um de vós vem aqui à frente entregar a sua e coloca-a no placar (e/ou na parede da sala, *conforme o espaço preparado para a montagem do presépio*).
 - Quando a entregarem, dizem-nos o que escreveram nela.
 - No princípio (no meio) e no fim, podemos cantar as palavras ditas a propósito de S. José: “Eis que uma Virgem”.

Eu vou começar...esta é a minha estrela e eu, durante o Advento, vou...

Agora é a vossa vez (*seguem-se as crianças, como lhes foi indicado*).

Se forem muitas as crianças e o tempo escasso, dispensem-se as crianças de ler e a afixação seja feita também por outro(s) catequista(s).

4. Que bonito está a ficar o nosso presépio, com tantas estrelas!...

Mas, completo ainda não está. Ainda faltam algumas figuras...

E falta uma coisa que cada um de nós tem de fazer até à próxima catequese.

É isto: cada um de nós vai pensar com quem quer partilhar as coisas, conforme escrevemos nas estrelas.

Para não se esquecerem, abram o vosso catecismo na página 40.

Estão a ver que temos dois espaços para registar as nossas ideias?... Um é para completar aqui e o outro em casa:

- Onde diz "EU VOU" é para nos lembrarmos da ideia que já colocámos no presépio. Por isso, vamos já escrever o que escrevemos na estrela do presépio: o que eu vou partilhar.

Depois das crianças terem escrito:

- Onde diz "PARA" vamos preencher em casa: vão pensar muito bem e cada um escreve, não se esqueçam, a pessoa ou pessoas com quem querem partilhar, para quem é a vossa partilha.

Se for cada criança a escolher a(s) pessoa(s), deve decidi-lo até à próxima catequese e trazer, então, o(s) nome(s) escritos.

Se o catequista optar por uma instituição, procure saber pormenores dela, designadamente nomes de pessoas que dela beneficiem. Nesse caso, as crianças, em casa ou na catequese, escrevem o nome da instituição.

5. Compromisso

Antes de sairmos, tenho ainda um pedido para a semana: vou pedir-vos para ajudarem o vosso coração a ser justo. Como?

Ora bem, as crianças, mesmo pequenas como vós, podem ajudar o mundo a ser mais justo. Quando não têm muitas coisas para oferecer, podem oferecer o vosso tempo! Assim, cada dia, ides oferecer um bocadinho de tempo a ajudar uma pessoa. Pode ser: brincar com um colega de quem não gostam tanto; ajudar a mãe ou o pai nas tarefas da casa; visitar alguém que está sozinho, ler uma história ao irmão mais novo....

Um bocadinho de tempo, cada dia. Depois, vão pintando estes relógios (*mostrar*, na página 40 do catecismo), para mostrar que foram capazes de dar... tempo!

No final pode cantar-se:

"Preparai o caminho do Senhor"

Estrofes:

- **"João Baptista, Maria e José"...**

- **"Nós também esperamos o Senhor"...**

Para guardar na memória e no coração

São José era um homem justo,
porque procurava fazer sempre, e em tudo, a vontade de Deus.

MARIA GLORIFICA O SENHOR

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Nossa Senhora do Ó

De todas as figuras do Advento, Maria de Nazaré é, indubitavelmente, a maior. Ninguém, entre as criaturas humanas, contribuiu tanto como ela para que, finalmente, se realizassem as ancestrais expectativas humanas e promessas divinas da vinda de um Messias Salvador.

Talvez por isso ela seja a última a entrar no percurso litúrgico do Advento: no quarto Domingo, no que toca às celebrações eucarísticas dominicais; durante a semana, a partir de 17 de Dezembro, o início do que se chega a chamar “a Semana Santa” do Advento. De facto, são sete dias (até à Vigília do Natal) de uma preparação particularmente intensa para o memorial celebrativo do nascimento de Cristo. E na grande maioria das leituras bíblicas, feitas na Eucaristia, e nalgumas da Liturgia das Horas, Maria está, directa ou indirectamente, presente.

Iconograficamente, a imagem dela mais característica deste tempo é a de uma gravidez em estado muito adiantado. Habitualmente, são figuras expressivas de uma grande paz e ternura. Sem dúvida, um reflexo das sensações que normalmente têm as mães nos dias que precedem o parto.

Mas não é por isso que a tais imagens marianas se chama a “Senhora do Ó”. A origem do título está numa série de sete antífonas que, dia-a-dia (de 17 a 23 de Dezembro), começaram por se cantar antes e depois do *Magnificat*, na liturgia de Vésperas, e hoje são também as antífonas do Aleluia que precede a proclamação do Evangelho nas celebrações eucarísticas dos mesmos dias.

Todas elas começam, já no original latino, por um “Ó”, uma interjeição expressiva de chamamento ou interpelação, mas também de desejo, admiração, perturbação e dor, isto é, daqueles sentimentos de quem anseia pela vinda de Alguém de quem se espera uma vida verdadeiramente feliz: a “Sabedoria do Altíssimo” na criação e governo do mundo; o “Chefe da Casa de Israel”, que mantenha ou renove a aliança do Sinai; “o Rebento da Raiz de Jessé”, de quem descendeu David, o primeiro rei e messias; a “Chave da Casa

de David”, para a proteger de invasões destruidoras; o “Sol Nascente” que ponha fim às trevas da opressão do pecado e da morte: o “Rei das Nações e Pedra Angular da Igreja”, que é Jesus desde a sua ressurreição; o “Emanuel, nosso Rei e Legislador, Esperança das Nações e Salvador do Mundo”.

Como se vê, são percorridas as principais etapas da história da salvação, que atinge o seu auge na encarnação, morte e ressurreição de Jesus Messias, mas cuja acção salvífica está ainda em vias de realização plena. Daí que cada antífona “Ó” termina com o grito “Vinde”. Um grito de esperança, com base na experiência que o *Magnificat* de Maria tão significativamente canta.

2. “A minha alma glorifica o Senhor”...

Trata-se de um hino de louvor, situado por S. Lucas na visita de Maria a sua prima Isabel (Lc 1, 46-55). Depois do “sim” dito por Maria ao chamamento que lhe foi feito por Deus, para ser a Mãe do *Filho do Altíssimo* (1, 26-38), e depois das palavras que, na sequência dessa entrega, Isabel lhe dirige, felicitando-a por ter acreditado *que havia de cumprir-se tudo o que lhe foi dito da parte do Senhor* (1, 45), no auge de tudo isto, Maria limita-se a endereçar totalmente para Deus a origem de tudo o que está a acontecer: primeiro o que Ele está a realizar nela e por meio dela (vv. 46b-50); depois, o que Ele, a partir da colaboração de Maria, realizará em favor de todo o seu povo (vv. 51-55).

São duas partes cuja sequência é intencional, em vários sentidos. Para bem compreender a segunda, há que ler e rezar atenta e convictamente a primeira.

Traduzindo à letra, Maria começa o seu louvor, exclamando: *A minha alma engrandece* (em latim *magnificat*) *o Senhor*. Isto é, reconhece e proclama a infinita “grandeza” de Deus a quem, por isso, chama *Senhor*. Perante Ele, ela não passa de uma *serva*, ou melhor, de uma *humilde escrava*, a mesma condição com que antes a Ele se confiara – *Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra* (1, 38). Como escrava, não pertence a si própria. Daí que, no louvor e exultação, envolva todo o seu ser: a *alma*, o *espírito* e o *corpo*. É por meio do corpo que fala, para confessar o que lhe vai na alma, como ser vivo; uma vida que lhe vem do espírito, aquele sopro vital que, segundo Gn 2, 7, Deus insufla em todo o ser humano, para que possa viver e agir.

E é assim que Deus faz nela o que só Ele, o *Todo-Poderoso*, pode realizar: *maravilhas*, semelhantes a tantas outras narradas pela S. Escritura, com destaque para aquelas das quais nascem o povo de Deus – a libertação do Egipto, a passagem do Mar Vermelho... Também então, Moisés e os filhos de Israel reagiram, exclamando: *Cantarei ao Senhor, que fez brilhar a sua glória: precipitou no mar cavalo e cavaleiro* (Ex 15, 1). Um salmo que ainda hoje cantamos, nomeadamente na Vigília Pascal, acompanhando-o com o refrão “Deus fez maravilhas: o seu nome é Senhor”.

São maravilhas particularmente desejadas e sentidas, quando aqueles que delas usufruem se encontram em situações “humildes” ou “humilhantes”, isto é, de carência, seja ela material ou espiritual, pessoal ou social. É então que a misericórdia de Deus é mais necessária e procurada. Esta é, se assim se pode falar, a vantagem dos “pobres”, pelo

menos no sentido pleno que o termo adquiriu ao longo da tradição bíblica: pessoas a quem falta tantas vezes o mais elementar para uma vida digna, frequentemente devido ao desprezo e à exploração dos outros (os ricos), e que, não podendo confiar mais na justiça humana, se voltam com mais intensidade para o Deus que tudo pode dar.

Maria era uma dessas pessoas: socialmente humilde e humilde pela sua fé em Deus. E quanto mais pequena se viu e se fez, maior se tornou: *de hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações...* até ao nossos dias. A misericórdia do Deus que Maria reconheceu como o único verdadeiramente *santo*, continua a estender-se *de geração em geração sobre aqueles que o temem*, isto é, que o respeitam, devido às maravilhas que Ele continua a operar... em nós e por meio de nós, guiados por Maria. De tal modo que também nós podemos exclamar, como ela:

3. “Manifestou o poder do seu braço”...

Poderá estranhar-se que as mudanças radicais, a nível do poder e dos bens, estejam, na segunda parte (vv. 51-55), formuladas no passado: *manifestou e dispersou, derrubou e exaltou, encheu e despediu*. Como se explica isso, se o Filho de Deus e de Maria, nem sequer tinha ainda nascido? Será tal a certeza da fé de Maria, que ela já dá por realizado o que está para acontecer?

De facto, o que ela canta e celebra aqui, tornar-se-á realidade durante e a partir da actividade messiânica do seu Filho:

- Apresenta-se como aquele que vem *para anunciar a Boa Nova aos pobres* (Lc 4, 18);
- A estes diz, depois: *Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus*, em oposição a: *Ai de vós os ricos, que já recebestes a vossa consolação* (6, 20.24);
- Mostra uma especial solicitude para com toda a espécie de carenciados;
- Avisa especialmente os seus discípulos dos perigos das riquezas conseguidas a todo o custo (16, 1-13);
- Depois da sua ressurreição, dá origem a comunidades cristãs que são modelo pela partilha de bens entre os seus membros e, externamente, em favor dos mais pobres (Act 4, 32-37).

Isto significa que o *Magnificat* de Maria é também nosso: “é, ao mesmo tempo, o cântico da Mãe de Deus e o da Igreja, cântico da Filha de Sião e do novo povo de Deus, cântico de acção de graças pela plenitude das graças derramadas na economia da salvação, cântico dos «pobres», cuja esperança se vê satisfeita pelo cumprimento das promessas feitas aos nossos pais, «em favor de Abraão e da sua descendência, para sempre».” (CIC 2619).

Mas é nosso, se formos, também nós, esses “pobres” de que Maria é o modelo e a fonte: pelo Filho que nos presenteou, para estar no meio dos seus *como aquele que serve* (Lc 22, 27), especialmente pelo dom do seu corpo e do seu sangue na cruz. E se também Cristo ofereceu a sua vida por nós, entregando o seu espírito nas mãos de seu Pai (23, 46), então as mudanças radicais, na vida pessoal e social, que cantamos na

segunda parte do *Magnificat*, só são uma realidade já em acção ou mesmo terminada, se pelo louvor nos entregarmos, como Maria, ao *Senhor*, ao *Deus* nosso *Salvador*.

Uma entrega de fé que tem necessariamente, se for verdadeira, de actuar pela caridade (Gl 5, 6). Se, como escravos, nos sujeitarmos ao *Todo-Poderoso*, também de nós Ele toma conta, para continuar a fazer maravilhas...nomeadamente, no convívio com as crianças da catequese que nos estão confiadas e no Natal que, com elas, celebramos.

OBJECTIVOS

- Acolher Maria como Mãe de Jesus, o Filho de Deus;
- Aprender, com Maria e como ela, a louvar o Senhor;
- Preparar a celebração do Natal através da vivência da mensagem do *Magnificat*.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese tem, sobretudo a partir da Palavra, um cunho ainda mais celebrativo. É que no centro está uma oração de louvor: o *Magnificat* de Maria, que só pode ser verdadeiramente apreendido, na medida em que é rezado ou cantado. Um objectivo que, certamente, será fácil de atingir, dada a admiração que as crianças já têm pela Mãe de Jesus e que, no decurso da catequese, irá aumentando. Com esta oração procura-se que as crianças compreendam ainda mais o verdadeiro sentido cristão do Natal.
2. Para ajudar as crianças a rezá-la, sigam-se as orientações dadas no desenvolvimento da catequese. Não interessa, primariamente, que elas entendam tudo o que dizem. O principal será certamente apreendido. O resto virá com o tempo e o gosto por esta oração.
3. Uma vez que Maria, na sua condição de Mãe de Jesus, o Filho de Deus, é a figura principal nesta catequese, sugere-se a colaboração de duas mães de crianças do grupo: para a proclamação do *Magnificat* e a sua explicação. Se tal for possível, será um precioso contributo para que as crianças se afeiçoem ainda mais pela Mãe do Senhor e dela aprendam a entregar-se com mais empenho à preparação do Natal. Para isso, o catequista deve preparar com as mães convidadas todo o encontro.
4. Em ordem à próxima catequese, procure-se, com todos os meios, a participação dos pais e, eventualmente, de outros familiares: 1º, com a sua presença activa; 2º, com a sua anuência e colaboração relativamente à partilha de bens, sugerida às crianças na catequese anterior e nesta. Para tudo isso, sejam atempadamente informados e convidados. Se necessário, faça-se uma reunião preparatória e mude-se a hora dessa catequese. Nesta idade, as crianças são muito sensíveis à companhia dos pais. E, para mais, tratando-se da celebração do Natal.

MATERIAIS

- Dísticos “Advento” e “Jesus” (catequese anteriores);
- Figuras de S. João Baptista e S. José (catequese anteriores);
- “Estrelas” escritas pelas crianças (catequese anteriores);
- Figura da Maria (para formar uma unidade com as de S. José e S. João Baptista);
- Cartões em forma de estrelas (como na catequese anterior), pelo menos um para cada criança;
- Imagens ilustrativas da instituição de caridade sugerida na 2ª alternativa da Experiência Humana;
- Duas folhas, embelezadas, com o texto, respectivamente, da 1ª e da 2ª parte do *Magnificat* (vv. 46b-50 e 51-55);
- Folhas com os textos a ler pelas mães convidadas (ver Desenvolvimento da Catequese - Palavra, nº 3);
- Pagelas com o texto do *Magnificat*, uma para cada criança (se necessário);
- Três velas do Advento (contando com as duas das catequese anteriores);
- Cartões de convite dirigidos aos pais das crianças, para participarem na próxima catequese, um para cada criança (ver Documento 1);
- Canetas/esferográficas/lápis;
- Bíblia.

MÚSICAS

- “Eis que uma Virgem”;
- “Ave Maria cheia de graça” (A. Cartageno);
- “A minha alma glorifica o Senhor” (C. Silva);
- “Quero ser como tu, Maria”;
- Gravação de “Eis que uma Virgem”.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala

- No **placar**: os dísticos das catequese anteriores “Advento” (ao alto) e “Cristo” (ao centro), este rodeado das figuras de João Baptista (por cima) e S. José (ao lado) e das “estrelas” escritas pelas crianças na última catequese.
- Na **mesa**: a estante ou almofada para a Bíblia (mas sem ela) e, de um lado e do outro, as duas velas do Advento (catequese anteriores), apagadas.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. O catequista **acenda as duas velas do Advento** ou, de preferência, peça a uma ou duas crianças para o fazerem. Depois comente:

Duas velas acesas... Quem é que elas representam?...

Olhem para as figuras do placar: a 1ª é de S. João Baptista e a 2ª é de S. José – as duas pessoas que já estão a iluminar o nosso presépio.

Porquê? O que disseram ou fizeram eles para nos iluminarem?...

- S. João Baptista disse-nos para prepararmos o caminho do Senhor. E como estamos a preparar?...

Exacto: tendo um coração bom, que sabe partilhar as nossas coisas com os mais pobres...

- E S. José? Que fez ele para a vinda de Jesus?... – Não abandonou Maria, sua noiva, mas fez a vontade de Deus: adoptou Jesus como seu Filho, para Ele poder nascer e crescer, amado e protegido.

Ainda se lembram como é que a Bíblia chama a S. José por ele ter feito a vontade de Deus?... Chama-lhe “um homem justo”.

E nós? Como podemos ser justos, também nós?... Fazendo, também nós, a vontade de Deus.

Para nos lembrarmos disso, deste pedido tão importante que Deus nos faz, a vós e a mim, vamos registá-lo. Vamos abrir o catecismo na página 40 e escrever, junto dessa imagem de S. José (*o catequista dite para as crianças escreverem*):

Sou justo quando faço a vontade de Deus.

Muito bem.

Depois, em casa, podem pintar as ilustrações, para ficarem ainda mais bonitas.

2. Mas, como é que se faz a vontade de Deus? Basta termos o desejo de lhe obedecer, sem fazer nada na nossa vida?...

Ainda se lembram do que nos ensinou João Baptista?... – A partilhar os nossos bens!

E qual é o sinal, no placar, de que queremos mesmo fazer isso?... – As estrelinhas em que escrevemos a nossa partilha!...

Mas, para que o nosso presépio fique ainda mais luminoso, não acham que podíamos fazer mais estrelas?

É claro que podemos! Mas, agora, estrelas com quê?

1ª

Alternativa

Quando cada criança pode decidir com quem partilhar a sua oferta de Natal

Lembram-se do que eu vos pedi, no final da última catequese, para pensarem?...

Com quem querem partilhar a vossa oferta de Natal. Se já escreveram no espaço destinado a isso, no catecismo, agora é só abrir na página 40 e comunicar aos outros. Vamos lá ouvir.

Cada criança leia o que escreveu em casa e o catequista incentive as faltosas a fazê-lo. Muito bem.

Agora, só falta passar essas estrelinhas para aquele céu, representado no placar. Para isso, vou dar-vos outra estrela, para onde copiam/escrevem o nome da pessoa (ou outra indicação, se não souberem o nome) com quem querem partilhar.

O catequista distribua **uma “estrela”**, semelhante às da catequese anterior, **por cada criança**.

Enquanto escrevem os nomes, pode colocar, como música de fundo, a **gravação do cântico: “Eis que uma Virgem”**.

Depois de todas escreverem, façam a sua entrega, como na catequese anterior:

- Cantem o **cântico “Eis que uma Virgem”** (1ª estrofe);
- Depois, cada criança, ou em pequenos grupos, vá junto da mesa e coloque a sua estrela junto da Bíblia e o catequista (com a ajuda de outras duas crianças) vá afixando-as no placar ou na parede.
- No fim, cante-se de novo **“Eis que uma Virgem”** (2ª estrofe).

2ª

Alternativa

Se as ofertas forem para uma instituição de solidariedade social

Procure-se, preferentemente, que seja uma instituição dedicada a crianças, local ou de outros países (de missão).

Na apresentação, sigam-se estes passos:

- O catequista indica a **instituição**, se possível com imagens ou fotografias ilustrativas, que pode afixar numa cartolina preparada para esse efeito ou, havendo condições, projectando um pequeno filme ou diapositivos ou “power-point”;
- Tanto quanto possível, forneça às crianças dados concretos sobre os **beneficiários** da instituição e suas **necessidades** concretas, baseando-se nas ofertas que as crianças se propõem fazer;
- Entregue uma “estrela” a cada criança para nela escrever uma necessidade indicada, mesmo que haja repetições;
- A entrega e a **afixação das “estrelas”** podem fazer-se como na 1ª alternativa.

3. Para as duas alternativas:

Agora sim: o céu do nosso presépio está muito mais luminoso!...

Sabem o que mostram estas estrelas? – Duas coisas: que temos um coração justo a crescer, como o de S. José; e que queremos ajudar o mundo a ser mais justo, como nos pediu S. João Baptista.

E assim é que o Natal de Jesus vai ser mesmo uma festa de luz...

Mas, ainda falta alguém que tem de estar no presépio. Durante o Advento, que estamos a viver, esperamos um Menino, não é? – O Menino Jesus.

Ora, a espera de um bebé, quem a faz?

Ouvir as crianças que, provavelmente falarão do pai e da mãe; recordar S. José, mostrando que “já chegou” e verificar que a mãe ainda não...

Então, quem é que falta, para Jesus nascer?...

A Mãe, a Mãe de Jesus!

Pois bem, ela vai chegar.

Mas, antes disso, temos de nos preparar bem para a receber. Para isso, podemos cantar-lhe, mostrando assim que a queremos receber, não só aqui na catequese – para entrar no nosso presépio – mas, também, no nosso coração!

Ainda se lembram deste **cântico** (que aprendemos no ano passado):

“Ave Maria, cheia de graça”?

Depois de cantar uma vez, o catequista pergunta:

Ainda se lembram de quem é que saudou pela primeira vez a mãe de Jesus, dizendo “Ave Maria cheia de graça”?...

Foi o Anjo enviado por Deus.

Enviado para quê?... – Para lhe anunciar que Deus a tinha escolhido para Mãe do seu Filho, o Messias e Salvador.

Por isso é que ela está cheia de graça, como ainda hoje dizemos: “Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco”.

E foi por isso que Maria aceitou Deus no seu coração e na sua vida: aceitou, toda agradecida, fazer a vontade de Deus.

Lembram-se de como ela respondeu, no final do encontro com o Anjo?... – “Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra”. Maria foi corajosa e boa, entregando-se totalmente a Deus: “Faça-se em mim, segundo a tua palavra”.

Também Maria é um exemplo para nós: mostra-nos como nós devemos ter coragem e vontade de fazer o que Deus nos pede. Mesmo que seja difícil, mesmo que se é uma criança, como vós.

Olhem: como tudo isto é tão bonito, eu sugeria que fizéssemos um momento de silêncio, para cada um de nós tentar pensar como quer responder ao pedido de Deus e ser capaz de fazer a sua vontade.

Depois de uns breves minutos, o catequista propõe, com suavidade, mantendo o clima de interioridade:

Então, sem fazer barulho nem confusão, vamos agradecer a Maria o seu exemplo e cantamos-lhe, baixinho, mas com alegria:

“Ave Maria, cheia de graça” (1ª estrofe e refrão).

Depois de terminarem:

Repararam que também cantámos “Entre as mulheres tu és bendita”?...

Quem disse pela primeira vez estas palavras?... – Foi uma prima dela e mãe de S. João Baptista. Quem era?... – S. Isabel.

Lembram-se de que Nossa Senhora, depois do encontro com o Anjo, foi visitar S. Isabel.

E como é que esta a saudou?... – Isabel mostrou como Maria era especial: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre”.

Então cantemos, também nós, com as palavras de S. Isabel:

“Lírio de encantos”...(2ª estrofe e refrão).

Bom, agora acho que já estamos preparados para receber Maria: já aprendemos o que lhe havemos de dizer, com o Anjo e com S. Isabel.

Então, sem ruído nem confusão, vamos pôr-nos de pé, para recebermos Maria e cantando: “Ave Maria, cheia de graça”...

II. PALAVRA

1. *Se a sala o permitir, faça-se um **cortejo solene** com três crianças, previamente preparadas: a 1ª com a 3ª vela do Advento, acesa; a 2ª, com a Bíblia; e a 3ª com a imagem de Nossa Senhora (a afixar no placar).*

O cortejo pode ser feito segundo uma das seguintes modalidades:

- *Ou pelo centro da sala, através de um corredor entre as cadeiras das crianças; se houver espaço, as crianças podem formar duas filas, de um lado e do outro do corredor;*
- *Ou por um dos lados, contornando as cadeiras das crianças;*
- *Ou, se o espaço for pequeno (e só nesse caso), faça-se a apresentação à frente.*

Durante o cortejo canta-se:

“Ave Maria, cheia de graça”

Pode ser acompanhado com o balancear do corpo ou com palmas, procurando exprimir o sentido da saudação e uma alegria verdadeira.

Chegadas à frente, as três crianças voltam-se para as restantes, mostrando-lhes o que trazem, e canta-se ainda mais uma estrofe do cântico.

No final, rezam em coro a “Ave Maria”.

Só depois se coloca a Bíblia na estante ou almofada, a vela ao centro (entre as outras duas) e a imagem de Maria em frente da vela ou da Bíblia, se ficar à vista das crianças, sentadas. Caso contrário, afixe-se logo no placar, junto do dístico “Jesus” e do lado apostado ao da imagem de S. José.

2 *Depois de as crianças se sentarem:*

Que bela recepção fizemos a Nossa Senhora!

E ela merece. Merece, porque aceitou ser Mãe de Jesus. Por isso é que S. Isabel a recebeu, imaginem, com as mesmas palavras que nós cantámos. Afinal, estivemos a recebê-la, quase como S. Isabel.

E sabem o que respondeu Maria, depois de ouvir as palavras de S. Isabel? – O mesmo que ela agora nos vai dizer. Ou melhor: que ela vai dizer a Deus.

Sim: depois de ouvir as palavras de S. Isabel, Maria rezou a Deus uma oração tão linda, que nós ainda hoje a rezamos.

Por isso, vamos escutá-la com muito respeito e atenção. E, em sinal disso, pomos de pé.

*A leitura proposta, de **Lc 1, 46-55**, é a versão oficial, usada na liturgia, e pode ser toda feita pelo catequista que faz de narrador ou, de preferência, por mais uma ou duas pessoas, que podem ser:*

- ou dois outros catequistas;*
- ou duas crianças que tenham sido preparadas;*
- ou duas mães de crianças do grupo.*

Havendo mais dois leitores, um proclama 1ª parte do Magnificat (vv. 46b-50) e o outro a 2ª (vv. 51-55), a partir das folhas que depois serão afixadas no placar ou junto dele.

Para maior solenidade, os leitores podem ser ladeados por outras duas crianças: uma com a 3ª vela do Advento e a outra com a imagem de Maria.

*A leitura pode ser precedida do refrão do **cântico**:*

“Ave Maria, cheia de graça” (repetido).

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas:

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

Catequista:

**Depois das palavras da sua prima Isabel,
Maria exclamou:**

1º leitor (lentamente e em tom proclamatório):

**A minha alma glorifica o Senhor
e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.
Porque pôs os olhos na humildade da sua serva:
de hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações.
O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas:
Santo é o seu nome.
A sua misericórdia se estende de geração em geração
sobre aqueles que o temem.**

2º leitor (do mesmo modo):

**Manifestou o poder do seu braço
e dispersou os soberbos.
Derrubou os poderosos de seus tronos
E exaltou os humildes.
Aos famintos encheu de bens
e aos ricos despediu de mãos vazias.
Acolheu a Israel, seu servo,
lembrado da sua misericórdia,
como tinha prometido a nossos pais,
a Abraão e à sua descendência para sempre.**

Catequista:

**Maria ficou com Isabel cerca de três meses.
Depois regressou a casa.**

Palavra da Salvação.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

Pode cantar-se de novo o refrão de:

“Ave Maria, cheia de graça” (repetido).

3. *Depois de colocadas a Bíblia e a vela no seu lugar, o catequista pede às crianças para se sentarem e, com a ajuda do(s) leitor(es), afixe no **placar a imagem de Nossa Senhora**, no lugar indicado, e de um lado e do outro, na parede ou mesmo por cima das “estrelas”, as duas **folhas com o texto do Magnificat**.*

E comente:

Que bela oração disse Maria a Deus: “A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador”!

Está a louvar e a dar glória a Deus, não só com a sua boca, mas também com a sua alma e o seu espírito.

E porquê? Será só por Ele a ter escolhido para Mãe do seu Filho, Jesus Cristo? – Não. Não é só por isso. Se calhar, vão ficar admirados...

*No caso de estarem uma ou mais **mães presentes**, o catequista pede a uma delas que explique às crianças, por exemplo, a partir de um cartão com o seguinte texto:*

“Maria glorifica a Deus também por causa de nós. Sim, por causa de nós e hoje: em especial por causa dos meninos e meninas desta catequese, que estão aqui a preparar o presépio de Natal, um presépio que querem que seja cheio de luz.”

O catequista continue:

Para percebermos bem, vejamos melhor o que Maria diz:

O catequista acompanhe o seu comentário, a partir das respectivas folhas afixadas no placar ou na parede:

- Em primeiro lugar, Maria louva a Deus “porque – como ela diz – me chamarão bem-aventurada (isto é, feliz) todas as gerações (todas as pessoas, desde então, até hoje). Nós, às vezes, também dizemos, até a cantar, que Maria é a mulher mais feliz. Porquê? (*Leia de novo:*) “O Todo-Poderoso (isto é, Deus) fez em mim maravilhas”, coisas admiráveis.

*Se estiverem as **mães presentes**, siga-se o mesmo procedimento e uma delas leia, de novo, de um cartão:*

“E que maravilha maior do que ser a Mãe do Filho de Deus?! Todas as mães ficamos muito felizes por recebermos os filhos que Deus nos dá. Mas Maria sentiu uma alegria muito maior, por colaborar na oferta que Deus nos fez de Jesus.”

O catequista convide todos os presentes:

Vamos cantar as belas palavras de Maria! É assim:

**“A minha alma glorifica o Senhor,
porque olhou para a sua humilde serva”.**

Depois de um rápido ensaio, o catequista continue:

Mas ainda há uma outra razão pela qual Maria glorifica o Senhor, também por causa de nós... Olhem para as vossas “estrelas” no placar...

Pois bem, Maria glorifica o Senhor também por aquilo que lá está escrito e que vós escolhestes fazer (*o catequista pode ler uma ou outra*). O bem que fazeis, como uns meninos bons e justos, é aquilo que realmente Maria disse:

O catequista leia da folha no placar:

“Derrubou os poderosos de seu trono e exaltou os humildes. Aos famintos encheu de bens e aos ricos despediu de mãos vazias”.

Quem são os humildes e os famintos?

Pode ler alguns dos nomes escritos nas “estrelas” do placar ou da parede:

Estes são alguns dos humildes e dos famintos.

E vós, com um coração bom e justo, olhais para eles, pensais neles, quereis partilhar com eles as vossas coisas.

Estais a fazer o que Deus quer de nós, o Deus cheio de misericórdia, isto é, que nos ama de todo o coração e ama a todos, sobretudo os mais pobres, porque precisam de mais amor.

Caso estejam as mães presentes uma delas leia de um cartão:

“Estais a fazer como também fez Jesus. Nós (*ou: eu, representando as vossas mães*) queremos dizer-vos como estamos agradecidas a Deus por termos estes filhos bons e justos. Também por isso Maria glorifica o Senhor. E vou pedir ao vosso catequista que nos ajude, mais uma vez, a cantar essa alegria:”

O catequista conduz o cântico:

“A minha alma glorifica o Senhor” (*refrão*)

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Estou a gostar cada vez mais do nosso presépio: cada vez está mais cheio e mais luminoso!

Vamos recordar quem o ilumina:

- S. João Baptista, S. José e Nossa Senhora. Para cada um, nós temos uma vela, com a luz e o calor que nos oferece.
- E que mais temos?... As estrelas! E quem está nas estrelas? – As pessoas a quem quereis fazer bem: os humildes e os famintos, isto é, os pobres, os que precisam de nós.
- E nós? Será que também nós estamos lá?... Claro, nós estamos porque pensámos e escrevemos o que está nas “estrelas”. Por isso, cada um de nós está a iluminar o presépio. (*Diga o nome de algumas crianças.*)

Com aquilo que vamos fazer, começando, pelo Natal, iremos fazer outras pessoas felizes. Iremos iluminá-las.: com o bem, a justiça e o amor que lhes oferecemos e que são como uma luz para elas, uma luz que as faz felizes.

Não acham que devemos também nós dar graças ao Senhor, glorificá-lo pelas maravilhas que Ele está e vai fazer por meio de nós? Sim, porque foi Ele que enviou S. João Baptista, S. José e Nossa Senhora, para nos ajudarem a fazer um presépio cada vez mais luminoso. E, ainda mais importante, mostram-nos como é que nós podemos levar essa luz e esse calor à vida de outras pessoas!

Então, vamos agradecer a Deus, dar-lhe glória. De acordo?

2. E o melhor é servirmo-nos daquela oração tão linda que Maria hoje nos ensinou. Vamos rezá-la, pensando também nas nossas mães. Sim, porque elas, ao darem-nos a vida, colaboram com Deus para nos ajudarem a ser bons e justos.

O Magnificat pode ser recitado pelas crianças – ou as crianças e as mães:

- *Ou a partir das folhas no placar, se as letras forem suficientemente visíveis;*
- *Ou a partir do Catecismo, página 42;*
- *Ou, de preferência, a partir de uma pagela com o texto, que, neste momento, é distribuída pelas crianças.*

Dada a idade das crianças, é aconselhável ensaiá-las, antes da oração propriamente dita, lendo com elas o Magnificat. Depois faça-se a oração de pé e do seguinte modo:

- **Cântico:** “A minha alma glorifica o Senhor” (*refrão*).

- **Primeira parte do Magnificat**, em coro:

“A minha alma glorifica o Senhor...

...A sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que o temem.”

- **Cântico:** “A minha alma glorifica o Senhor” (*refrão*).

- **Segunda parte do Magnificat**, em coro: “Derrubou os poderosos de seus tronos...” (*até ao fim*).

- **Cântico:** “A minha alma glorifica o Senhor” (*refrão*)

No final, se as mães estiveram presentes, devem sair agora e aguardar pelos filhos.

3. Compromisso

Podem sentar-se...

O nosso presépio está quase pronto. Iremos acabá-lo na próxima catequese.

Digam-me: não gostavam de o mostrar, pronto, a outras pessoas? Por exemplo aos vossos pais (e/ou avós)... Que acham?

Então, vamos convidá-los para virem à próxima catequese: para lhes mostrarem o que já fizeram no presépio, o que iremos fazer da próxima vez e... algumas surpresas! Portanto, vejam lá se eles vêm mesmo.

O catequista distribua por cada criança os cartões de convite para os pais ou preencha o espaço indicado para este efeito no catecismo, página 44.

Para que a próxima catequese seja uma grande festa, o nosso compromisso desta semana será (*mostrar na página 44 do catecismo*) :

– Primeiro, vão preparar a prenda de Natal que escolheram para a vossa oferta, tal como escrevestes nas estrelas do placar e do catecismo. Cada um traz essa prenda bem embrulhada, está bem? Se quiserem, podem juntar outras prendas, que a mãe e/ou o pai (avós) queiram oferecer. Mas a que cada um já escolheu, é muito importante.

- Em segundo lugar, tragam as vossas velas do Baptismo, as mesmas que levaram para a Celebração da Luz. Lembram-se?

- Finalmente, gostava muito que, para preparar a nossa catequese, todos os dias rezassem lá em casa, com os vossos pais (e outros familiares) a oração que Nossa Senhora hoje rezou e nos ensinou. Ela está no catecismo, na página 42 (*mostrar*). E quando rezarem, vão pintar a estrelinha que está na página 44 e acrescentar outras, por cada vez que rezam .

4. *Se houver tempo:*

Mas, não nos vamos embora, sem uma palavra para com Nossa Senhora. Vamos aprender um **cântico** em que lhe dizemos que queremos ser como ela:

“Quero ser como tu, Maria” (*ou*)

“Ave Maria, cheia de graça”.

(Depois do rápido ensaio:)

Agora, de pé e voltados para a imagem de Nossa Senhora, cantamos-lhe:

“Quero ser como tu”... (*1ª e 2ª estrofes*).

Agora, de mãos erguidas para ela, rezemos-lhe:

“Ave Maria... Santa Maria”...

Cantemos de novo:

“Quero amar Jesus”... (*4ª e 5ª estrofes*).

Para guardar na memória e no coração

Damos graças ao Senhor
pelas maravilhas que Ele fez
e pelas que faz através de nós.
Ele que nos enviou S.João Baptista,
S.José e Maria, a Mãe de Jesus,
Para nos ensinarem a levar aos outros o seu amor.

“UM MENINO NASCEU PARA NÓS”

(celebração natalícia)

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. **Nascemos, nascemos, nascemos**

Enganam-se os que pensam que só nascemos uma vez.
Para quem quiser ver, a vida está cheia de nascimentos.
Nascemos muitas vezes ao longo da infância
quando os olhos se abrem em espanto e alegria.
Nascemos nas viagens sem mapa que a juventude arrisca.
Nascemos na sementeira da vida adulta,
entre invernos e primaveras maturando
a misteriosa transformação que coloca na haste a flor
e dentro da flor o perfume do fruto.
Nascemos muitas vezes naquela idade
onde os trabalhos não cessam, mas reconciliam-se
com laços interiores e caminhos andados.

Enganam-se os que pensam que só nascemos uma vez.
Nascemos quando nos descobrimos amados e capazes de amar.
Nascemos no entusiasmo do riso e na noite de algumas lágrimas.
Nascemos na prece e no dom.
Nascemos no perdão e no confronto.
Nascemos em silêncio ou iluminados por uma palavra.
Nascemos na tarefa e na partilha.
Nascemos nos gestos ou para lá dos gestos.
Nascemos dentro de nós e no coração de Deus.

O que Jesus nos diz é: “Também tu podes nascer”,
pois nós nascemos, nascemos, nascemos.

(José Tolentino Mendonça)

2. “O povo que andava nas trevas”...

Imagine-se a seguinte cena: uma povoação, de preferência cidade, reduzida a escombros; casas completamente destruídas; outras, mais resistentes, com paredes e muros a meias; vindo do chão, um cheiro a poeira que teima em não cair e que, parcialmente, ainda tolda a visão; ao mesmo tempo, um silêncio de morte que nem um réptil ou uma ave se atreve a romper. E, a contrastar, uma criança de andar titubeante, devido à idade e aos obstáculos com que se depara... Apenas uma criança! O único sinal de vida... a única promessa e garantia de futuro... Sim, uma vida com futuro!

Não! Não se trata (apenas) de uma encenação para um qualquer filme. Não é pura imaginação. A cena é real e tem-se repetido, vezes sem fim, ao longo da história da humanidade. Varia em pormenores, próprios do tempo e do espaço, mas o grosso da realidade é o mesmo: da morte surge a vida. E surge com tanto mais de intensidade, quanto mais destruidor tiver sido o poder da morte. Um poder, tenha ele a expressão que tiver, a que ser humano algum se quer resignar. Tão forte é nele o desejo e a ânsia de viver. Nem que seja preciso começar do nada ou do quase nada... como aquela criança perdida... ou achada?...

A cena é-nos descrita, quase à letra, em **Is 9, 1-6**, a primeira leitura bíblica da Eucaristia da Noite do Natal do Senhor: *O povo que andava nas trevas viu uma grande luz; para aqueles que habitavam nas sombras da morte uma luz começou a brilhar...*

As *trevas* e as *sombras da morte* tinham sido causadas por uma guerra que, no princípio do séc. VIII a.C., devastara o norte da Palestina. Nem a Samaria tinha escapado à fúria dos exércitos invasores da Assíria. E Jerusalém, que então só não caiu por milagre, teve sorte idêntica, dois séculos mais tarde, agora vítima da crueldade e devastação do imperador da Babilónia, do *calçado ruidoso* dos seus exércitos.

A *luz* prometida e, com ela, a *alegria* redobrada e o *contentamento* acrescido provinham também, então, de uma criança: *Porque um menino nasceu para nós, um filho nos foi dado. Se com ele chegava uma paz sem fim*, devia-se ao poder real que os seus nomes exprimem: *Conselheiro admirável, Deus forte, Pai eterno, Príncipe da paz*. São qualidades próprias de um rei que respeita o direito e promove a justiça entre os seus súbditos. Mas um rei que seja verdadeiramente ungido do Senhor, isto é, que se oriente pelo conselho e actue pela fortaleza e firmeza, próprias de Deus. Por outras palavras, que seja verdadeiramente o *Emmanuel*, o Deus Connosco, antes anunciado (Is 7, 14).

Só que esse Messias nasceria apenas séculos mais tarde, em Belém da Judeia, como David, o primeiro e grande Ungido do Senhor:

3. “Tendo Jesus nascido em Belém da Judeia”...

É assim que em **Mt 2, 1-12** começa o relato que culmina com a adoração do esperado e definitivo *Rei dos Judeus*, por parte de *uns Magos vindos do Oriente*. É um acontecimento cheio de contrastes que, na prática, se reduzem à oposição entre as trevas e a luz, ou que a ela conduzem. Não é por acaso que os Magos deixem de ver a estrela durante o

tempo em que se detêm em Jerusalém. É que, ao ouvir a Boa Nova por eles trazida, o *Rei Herodes ficou perturbado e, com ele, toda a cidade de Jerusalém* (v. 3).

Perturbou-se por causa da ambição desmedida e incontrolada do poder. Enquanto os Magos procuram o Messias para o adorar e lhe oferecer o que de mais precioso têm, Herodes maquina apenas o modo como há-de eliminá-lo. Quem, como ele, se vê exclusivamente a si próprio, está cego. E não olha sequer a meios: até da Palavra de Deus, que lhe é transmitida por *todos os príncipes dos sacerdotes e escribas do povo*, se serve para tentar realizar os seus planos. Um rei que vive, não para servir, mas para ser servido. Ao contrário dos Magos e, sobretudo, daquele que eles procuram para O servir.

De facto, é assim que este Menino, anos mais tarde, dirá àqueles que o seguem: *O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida para resgatar a multidão* (Mt 20, 28). Di-lo, porque também os discípulos estavam a cair na tentação de procurar os primeiros lugares, do mesmo modo que *os chefes das nações as governam... e como os grandes exercem o seu poder*, esquecendo-se de que *quem entre vós quiser fazer-se grande, seja o vosso servo; e quem no meio de vós quiser ser o primeiro, seja vosso escravo* (Mt 20, 25-27).

É por isso que não se pode adorar este Menino de Belém, sem se fazer pequeno como Ele. Mais uma vez, guiado pelo que Ele, mais tarde, pegando num menino e colocando-o no meio dos discípulos, lhes dirá: *Em verdade vos digo: se não vos converterdes e vos tornardes como as criancinhas, não podereis entrar no Reino dos Céus. Quem, pois, se fizer humilde como este menino será o maior no Reino dos Céus. Quem receber um menino como este, em meu nome, é a mim que recebe* (Mt 18, 5).

E esse menino tanto pode ser aquele que é achado nas ruínas da cidade desmoronada, como todos aqueles que, independentemente da sua idade, passam fome ou sede, são estrangeiros ou não têm roupa, estão doentes ou na prisão. O que lhes fizermos é ao Menino de Belém que o fazemos. Ou melhor: a Ele como rei glorioso (Mt 25, 31-46), isto é, depois de se ter entregue totalmente por todos na cruz e ter alcançado para sempre a gloriosa luz da ressurreição, para ficar connosco *até ao fim dos tempos*, na missão que nos deixou: fazer discípulos seus *de todos os povos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-os a cumprir tudo quanto vos mandei* (Mt 28, 19-20).

Se o fizermos, estaremos a contribuir para que eles nasçam de novo, para uma paz sem fronteiras e uma luz sem ocaso... Na certeza de que assim, também cada um de nós está a nascer, nascer, nascer.

OBJECTIVOS

- Realizar o memorial celebrativo do Natal do Senhor;
- Acolher e entregar-se, pela fé, a Jesus, nossa luz;
- Partilhar a vida com os mais desfavorecidos.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

- 1.** Com esta celebração conclui-se o ciclo, primeiramente, das catequeses do Advento. O presépio que tem vindo a ser construído, é nela completado, e as ofertas que as crianças se decidiram fazer, serão apresentadas ou entregues (conforme o seu destino) num clima de fé e oração, de caridade e de muita alegria, de acordo com o espírito do Natal cristão.
- 2.** Ao mesmo tempo, há uma ligação com as outras catequeses, através do símbolo da luz e do incentivo a seguir Jesus, a partir do Baptismo, expresso de dois modos: pela oração, feita sobretudo na expressão de fé, e a entrega dos lenços brancos, alusivos à veste branca recebida na celebração baptismal e dos quais as crianças voltarão a servir-se, noutras catequeses relativas à iniciação cristã. Nesse sentido, propõe-se que a entrega seja feita pelos pais ou outros responsáveis pela educação cristã das crianças.
- 3.** Procure-se que os lenços, com as palavras “Sou de Cristo, Sou Feliz”, tenham um tamanho e uma forma semelhante aos dos que são usados pelos escuteiros. Se as famílias tiverem dificuldades em adquiri-los, procure-se a ajuda ou dos padrinhos das crianças ou da paróquia. Convém que nenhuma criança fique sem ele.
- 4.** A participação dos pais e/ou outros familiares justifica-se pelas razões apresentadas: trata-se de uma celebração natalícia, com um cunho especialmente familiar; na caminhada pré e pós-baptismal o papel dos pais é imprescindível. Além disso, também os pais têm sempre muito a aprender, neste caso, dos próprios filhos que, por isso, ficam redobradamente felizes.
- 5.** Para uma maior participação, os textos bíblicos e a oração dos fiéis podem ser lidos por eles, desde que atempadamente informados e preparados. O mais importante é que leiam bem. No cortejo, a seguir à 1ª leitura bíblica, o círio pascal e a imagem do Menino Jesus podem também ser levados por dois deles.
- 6.** A vela alusiva a Cristo deve, tanto quanto possível, ser o círio pascal, pela sua relação com o Baptismo e pela ligação entre o Natal e a Páscoa. De qualquer modo, seja uma vela maior do que as restantes velas do Advento e ocupe, correspondentemente, o lugar central em cima da mesa.
- 7.** Tratando-se de uma celebração, o catequista que preside evite, tanto quanto possível, longos discursos. Em celebrações, o destaque vai para os gestos e os símbolos, a escuta e a oração.

MATERIAIS

- Dísticos “Cristo” (catequese anteriores) e “Natal”;
- Figuras de S. João Baptista, S. José e Nossa Senhora (catequese anteriores);
- Três velas do Advento (catequese anteriores), que podem estar decoradas, cada uma, com um símbolo das três figuras do Advento que representam;
- Cartões em forma de estrelas (escritos e usados nas catequese anteriores);
- Duas folhas, cada uma com uma das duas partes do texto do *Magnificat* (catequese anterior);
- Imagem do Menino Jesus;
- Almofada ou “manjedoura” para a imagem;
- Círio pascal ou vela correspondente (se possível com os números do ano em curso);
- Folhas com os textos das leituras bíblicas e da oração dos fiéis (sobretudo para o caso de serem feitas por várias pessoas);
- Cestos ou recipientes correspondentes, para a recolha das ofertas das crianças (se forem oferecidas a uma instituição social de caridade);
- Lenços brancos, alusivos ao Baptismo (com as palavras “Sou de Cristo, Sou Feliz” – ver Documento 1), se possível embrulhados em forma de prendas, um para cada criança;
- Velas do Baptismo, para as crianças, e uma outra para cada um dos pais e outros participantes adultos;
- Bíblia;
- Fósforos ou outro meio para acender as velas;
- Máquina fotográfica.

MÚSICAS

- “Dlim, dlão” (ou outra natalícia);
- “Preparai o caminho do Senhor”;
- “A minha alma glorifica o Senhor”;
- “Senhor Jesus, Tu és a luz” (estrofes próprias);
- “Jesus Cristo és meu amigo”;
- “Sou de Cristo, sou feliz”.

PARTICIPANTES E INTERVENIENTES NA CELEBRAÇÃO

- As crianças do grupo, acompanhadas dos pais e/ou outros familiares (ou seus substitutos): num caso ou no outro, pessoas com relações íntimas e frequentes com as crianças, designadamente na vivência do Natal. Convém que tenham sido expressamente convidadas e se conheça previamente o seu número, em ordem, sobretudo, à escolha e ao arranjo do lugar da celebração.
- Os adultos também podem colaborar activamente nas leituras da Palavra e no cortejo a seguir à primeira leitura. No entanto, o catequista procurará que as crianças participem tanto quanto possível e sejam, em união com o Deus Menino, as protagonistas da

celebração. Mas que, adultos e crianças, sejam para isso previamente preparadas, para que tudo decorra com ordem e dignidade.

LUGAR DA CELEBRAÇÃO

- Se possível, na sala habitual da catequese.
- Só se esta for demasiado pequena para todos os participantes terem lugar sentado, se escolha um outro espaço que, porém, ofereça as condições para uma celebração ordenada e tranquila.

PREPARAÇÃO DA SALA

- No **placar**: ao centro, o dístico “Cristo” (das catequese anteriores) rodeado das figuras de S. João Baptista (por cima) S. José e Nossa Senhora (uma de cada lado e voltada para o dístico); ao alto o dístico “Natal” (no lugar de “Advento” das catequese anteriores); espalhadas pelo placar e (se necessário) pela parede, as cartolinas em forma de estrelas, escritas nas duas catequese anteriores.
- Na **mesa**: as três velas do Advento (apagadas) a rodear a Bíblia (ao centro) e a almofada (ou “manjedoura”), mas sem a imagem do Menino Jesus.
- No **corpo da sala**: à frente, as cadeiras para as crianças, e, por trás, para os adultos, todas, se possível, ordenadas em semicírculo, mas com um corredor no meio. Se o grupo for relativamente pequeno e as cadeiras forem todas do mesmo tamanho, é preferível que as crianças fiquem junto dos pais.
- A **iluminação** convém que seja diminuta, para facilitar o desenvolvimento da celebração.

ACOLHIMENTO FORA DA SALA

- Se o espaço e o tempo o permitirem, as crianças e seus acompanhantes sejam recebidos pelo(s) catequista(s) fora da sala. Aí se podem preparar os adultos que vão ter uma especial intervenção e ensaiar alguns cânticos menos conhecidos.
- Se tal não for possível fora da sala, o ensaio seja feito nela. Mas para o cortejo de entrada, volte asair-se.
- No cortejo de entrada vai à frente o catequista, que preside, seguido das crianças em fila e dos restantes catequistas (se os houver) e dos restantes acompanhantes. Se as crianças ficarem junto dos pais, entram juntamente com eles. Convém que antes sejam informados do lugar que vão ocupar.
- Se as prendas que as crianças trazem forem demasiado grandes, podem ser levadas pelos acompanhantes.

II – DESENVOLVIMENTO DA CELEBRAÇÃO

I. ENTRADA E ACOLHIMENTO

1. Cântico de entrada *(durante o cortejo)*

“Dlim, dlão” *(ou outro natalício)*.

2. Saudação

Presidente:

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo
que para nós nasceu da Virgem Santa Maria
esteja convosco.

Todos:

Bendito seja Deus
que nos reuniu no amor de Cristo.

3. Acolhimento

Presidente (depois de sentadas as pessoas):

Dlim, dlão! Que bem tocaram os sinos! E até cantaram!

Porquê?... Olhemos para o alto do nosso placar... Que temos lá escrito?...

Natal! E é o nascimento de quem?...

Mas antes estava lá outra palavra. Lembra-se qual era?

“Advento”. Estivemos a preparar a festa da vinda Jesus, do seu nascimento, durante três catequeses: além de aprendermos muitas coisas sobre este acontecimento extraordinário, procurámos preparar o nosso coração para receber Jesus!

Expliquem aos pais o que fizemos. Que temos nós andado a construir?... Um presépio!

Mas é um presépio especial: quisemos que fosse *(aponta as estrelas)*... todo cheio de luz.

4. Acto penitencial

Contem lá então como tem sido. Podem servir-se do que está afixado no placar.

N... explica-nos quem foi a primeira daquelas três figuras a visitar-nos...

E que nos ensinou João Baptista?... A preparar a vinda de Jesus! “Preparai o caminho do Senhor”, disse ele.

Lembra-se do que ele fazia para preparar a vinda de Jesus, *N...*? Ele baptizava as pessoas! E para que as baptizava ele? – Para ficarem limpas dos seus pecados.

Quem faz mal aos outros, porque os rouba, porque é violento, ou não tem respeito por eles... Quem faz assim, não tem um coração preparado para receber o Senhor Jesus.

Mas, infelizmente, também nós, às vezes, fazemos essas ou outras maldades: não estudar mais na escola...; não trabalhar melhor no nosso emprego...; não ligar às outras pessoas, principalmente às que têm dificuldades, estão sós, doentes...; chegar tarde à catequese...; não ajudar em casa...; só brincar com alguns meninos da escola ... não rezar nem ir à igreja...

Vamos todos, crianças e adultos, pensar um bocadinho nisso: no bem que podíamos ter feito e não fizemos; e nas maldades que, se calhar, às vezes fazemos... Para nos arrependermos.

Fechemos os olhos e pensemos um bocadinho, em silêncio...

Agora, de pé... cantemos as palavras de João Baptista:

Cântico:

“Preparai o caminho do Senhor” (3ª estrofe: “Nossa vida precisa de mudar”...)

E, como sinal de que queremos amar como Jesus amou, vamos pedir perdão uns aos outros: primeiro, dão um aperto de mão ou um beijo aos colegas que estão ao vosso lado e depois aos vossos familiares.

(Durante o gesto da paz, o catequista acende a 1ª vela, a referente a João Baptista)

II. ORAÇÃO

Podem sentar-se...

Com o arrependimento e o perdão dos nossos pecados, até aumenta a luz na nossa sala. Vejam como a 1ª vela do Advento já está acesa...

Mas ainda faltam duas. *N...*, de quem são elas?...

Uma é de S. José, muito bem. *(Apontando para o placar:)* Lá está a figura dele junto de Jesus Cristo.

Que fez ele? – Aceitou ser o pai adoptivo de Jesus?...

E por não ter deixado Maria e Jesus sozinhos, como é que a Bíblia lhe chama?...”Um homem justo”. Uma pessoa justa é aquela que procura fazer sempre e em tudo a vontade de Deus.

E Maria?... Maria ainda é mais especial! Imaginem, ser a Mãe de Jesus. E como ela aceitou este pedido!

Lembram-se daquela oração tão bela que ela fez a Deus e nos ensinou a rezar?

Vamos rezá-la agora! Ainda não a sabemos de cor, mas podemos lê-la e apreciá-la.

O *N...* e a *N...* vão lê-la para nós e nós podemos acompanhar a leitura com um cântico, aquele que usa as palavras de Maria: “A minha alma glorifica o Senhor”...

Mas, antes de começarmos, *N...* e *N...* venham acender as velas de S. José e de Nossa Senhora...

Enquanto as crianças **acendem as velas**, os dois leitores do Magnificat aproximam-se da frente e colocam-se de um lado e do outro da mesa, voltados para ela. Todos se levantam.

- **Cântico** (com o gesto de elevar as mãos):
“**A minha alma glorifica o Senhor**” (só o refrão).

1º leitor (lentamente:)

**A minha alma glorifica o Senhor
e o meu Espírito se alegra em Deus, meu Salvador.
Porque pôs os olhos na humildade da sua serva:
de hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações.
O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas:
Santo é o seu nome.
A sua misericórdia se estende de geração em geração
sobre aqueles que o temem.**

- **Cântico** (com o gesto de elevar as mãos):
“**A minha alma glorifica o Senhor**” (só o refrão).

2º leitor:

**Manifestou o poder do seu braço
e dispersou os soberbos.
Derrubou os poderosos de seus tronos
e exaltou os humildes.
Aos famintos encheu de bens
e aos ricos despediu de mãos vazias.
Acolheu a Israel, seu servo,
lembrado da sua misericórdia,
como tinha prometido a nossos pais
a Abraão e à sua descendência para sempre.**

- **Cântico** (com o gesto de elevar as mãos):
“**A minha alma glorifica o Senhor**” (só o refrão).

III. PALAVRA

Podem sentar-se.

Reparem como, com S. José e Nossa Senhora, o nosso presépio está a ficar ainda mais luminoso...

Mas falta o principal. Quem será?

O Menino Jesus! Estão preparados para o receber?...

Falta saber quem no-lo vai apresentar...

Vai ser uma pessoa que viveu muitos, mesmo muitos anos antes de Jesus nascer. É que Ele era esperado e desejado havia muito tempo.

E começou a ser desejado, sobretudo numa altura em que, na terra onde Ele nasceu, havia uma grande desgraça. Numa guerra tinha sido quase tudo destruído e arrasado. E as pessoas ficaram tão tristes e abatidas, que era como se estivessem numa escuridão completa.

E foi nessa altura que um profeta, um grande amigo de Deus, anunciou que havia de vir um Salvador, um novo rei ou Messias. Esse profeta chama-se Isaías.

Vamos ouvir como ele anunciou Jesus, tantos anos antes de Ele vir ao mundo.

1. Leitura (Is 9, 1.4-6a)

1º leitor (um pai ou uma mãe):

Leitura do livro do Isaías:

O povo que andava nas trevas

viu uma grande luz;

para aqueles que habitavam nas sombras da morte

uma luz começou a brilhar.

Todo o calçado ruidoso da guerra

e toda a veste manchada de sangue

serão lançadas ao fogo

para serem completamente queimados.

2º Leitor (o filho ou a filha):

Porque um menino nasceu para nós,

um filho nos foi dado.

Tem o poder sobre os seus ombros

e será chamado “Conselheiro admirável,

Deus forte, Pai eterno, Príncipe da paz”.

O seu poder será engrandecido numa paz sem fim.

Palavra do Senhor.

Todos:

Graças a Deus

2. Cântico responsorial

Catequista:

Vamos, então, acolher este “Conselheiro admirável”, este “Deus forte, Pai eterno, Príncipe da paz”.

De pé... e voltados para o fundo da sala cantemos:

Todos:

“Senhor Jesus, tu és a luz”.

Depois de se cantar pela 1ª vez o refrão, parte do fundo da sala o cortejo com o círio pascal aceso, seguido da imagem do Menino Jesus, transportados, de preferência, por um adulto (círio) e a sua criança (Menino Jesus).

Caminham lentamente, se possível pelo corredor central, e, chegados à frente da mesa, voltam-se para a assembleia, mostrando a imagem e o círio, até ao final do canto. Só então colocam em cima da mesa a imagem do menino na almofada (ou manjedoura), à frente, e o círio, por detrás.

Solista(s):

**“Nasceu p’ra nós um Menino:
Filho de Deus, é divino.”**

Todos:

“Senhor Jesus, Tu és a luz”...

Solista(s):

**“Admirável conselheiro,
Deus forte, Ele é o primeiro.”**

Todos:

“Senhor Jesus, Tu és a luz”...

Solista(s):

**“É o Príncipe da paz
que do Pai do Céu nos traz”**

Todos:

“Senhor Jesus, Tu és a luz”...

3. Acendimento das velas

Catequista:

Para acolhermos bem o Deus Menino, acendamos as nossas velas na sua luz.

Primeiro as crianças e depois os adultos, aproximam-se, em fila, da mesa e acendem a sua vela do Baptismo (ou outra) no círio pascal.

Se este estiver muito alto, o catequista que preside (ou outro) pode pegar nele até ao nível das crianças.

*Se forem muitos os participantes, pode ir apenas o 1º de cada fila que, depois, propaga a luz pelos restantes. Durante o acendimento, pode cantar-se o mesmo **cântico**:*

“ Senhor Jesus, Tu és a luz”... (As mesmas estrofes e/ou as usadas na catequese 6).

- 4. Proclamação do Evangelho** (Mt 2, 1-5a.7-12): *se, possível, por dois leitores, um adulto e a sua criança; ou então dramatizada, em que o adulto faz o papel de narrador e três crianças os papéis dos Magos, Herodes e Sacerdotes.*

Catequista:

Será que todas as pessoas são capazes de receber bem Jesus?!...

Ouçamos o que se passou alguns dias depois de Ele nascer...

1º leitor (adulto):

O Senhor esteja connosco.

Todos:

Ele está no meio de nós.

1º leitor:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Mateus:

Todos:

Glória a vós, Senhor.

1º leitor:

**Tinha Jesus nascido em Belém da Judeia,
nos dias do rei Herodes,
quando chegaram a Jerusalém uns Magos vindos do Oriente.
Perguntaram eles:**

2º leitor (criança):

**«Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer?
Nós vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo.»**

1º leitor:

**Ao ouvir tal notícia,
O rei Herodes ficou perturbado
e, com ele, toda a cidade de Jerusalém.
Reuniu todos os príncipes dos sacerdotes e escribas do povo
e perguntou-lhes onde devia nascer o Messias.**

Eles responderam:

2º (ou 3º) leitor:

Em Belém da Judeia.

1º leitor:

**Então Herodes mandou chamar secretamente os Magos
e pediu-lhes informações precisas
sobre o tempo em que lhes tinha aparecido a estrela.
Depois enviou-os a Belém
E disse-lhes:**

2º (ou 4º) leitor:

**«Ide informar-vos cuidadosamente acerca do Menino;
e, quando O encontrardes, avisai-me,
para que também eu vá adorá-lo.»**

1º leitor:

**Ouvido o rei, puseram-se a caminho.
E eis que a estrela que tinham visto no Oriente
seguia à sua frente
e parou sobre o lugar onde estava o Menino.
Ao ver a estrela, sentiram grande alegria.
Entraram na casa,
viram o Menino com Maria, sua Mãe,
e, prostrando-se diante d'Ele, adoraram-n'O.
Depois, abrindo os seus tesouros,
ofereceram-lhe presentes:
ouro, incenso e mirra.
E, avisados em sonhos
para não voltarem à presença de Herodes,
regressaram à sua terra por outro caminho.**

Palavra da salvação.

Todos:

Glória a vós, Senhor.

Presidente:

Herodes queria ser o único rei e, por isso, temia aquele Menino.

Mas nós, com um coração como o dos Magos, vimos ao presépio para adorar o Menino Jesus.

Assim, levantamos as nossas velas... e cantemos de novo:

Cântico:

“Senhor Jesus, Tu és a luz” (*só o refrão*).

Os leitores afastam-se para os seus lugares.

IV. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Introdução

Os Magos foram guiados por uma estrela, para encontrarem Jesus.

E que temos nós aqui no placar (e nas paredes)?...

Não é só uma estrela, mas são muitas. Será que também elas guiam para Jesus?...

N..., explica-nos: de quem são estas estrelas...

E que escrevemos nelas?

- Umas têm nomes de pessoas (ou, se for o caso, de... – *nome da instituição ou país a que se destinam as ofertas das crianças*).

- E nas outras que está escrito?... O nome das coisas que quereis partilhar com as pessoas escritas nas outras estrelas (*exemplificar*).

E quem nos convidou a partilhar as nossas coisas?...

João Baptista, para prepararmos o nascimento de Jesus.

Quer dizer, a luz que representam aquelas estrelas é a luz de Jesus. São estrelas que chamam a nossa atenção para Jesus. Sim, porque aquilo que nelas está escrito foi o que Jesus também fez e nos pediu para fazer.

Por isso mesmo trouxemos estas nossas prendas.

Vamos mostrar a Jesus onde e quando o seguimos e que somos capazes de amar como ele nos pediu. Quando fazemos o que Ele fez e nos ensinou, aí nós levamos a luz que é Jesus.

Querem dizer-lhe isso?

Vamos fazer assim: eu digo as coisas boas que Jesus fez e nos manda fazer e vós respondeis assim: “Aí está a tua luz, meu bom Jesus”. Ora digam lá, para aprenderem: “Aí está a tua luz, meu bom Jesus”.

Para ser mais bonito, podem levantar as velas. Experimentem lá: “Aí está a tua luz, meu bom Jesus”.

Então, primeiro voltemo-nos para Ele e façamos um bocadinho de silêncio, para rezarmos melhor...

2. Oração (As preces podem ser lidas por seis crianças, se houver condições, a partir da frente; se não, a partir do seu lugar).

Leitor 1:

**Onde damos de comer a quem tem fome,
de beber a quem tem sede
e socorremos os pobres e os doentes...**

Todos:

Aí está a tua luz, meu bom Jesus.

Leitor 2:

**Onde respeitamos e acolhemos os estrangeiros
e perdoamos a quem nos ofende...**

Todos:

Aí está a tua luz, meu bom Jesus.

Leitor 3:

**Onde obedecemos aos pais, avós e professores
e agradecemos a quem nos ensina e nos ajuda...**

Todos:

Aí está a tua luz, meu bom Jesus.

Leitor 4:

**Onde deixemos tantas coisas, para te seguir
e anunciar aos outros o teu Reino só de amor e só de paz...**

Todos:

Aí está a tua luz, meu bom Jesus.

Leitor 5:

**Onde e sempre que nos reunimos, como hoje,
para ouvirmos a tua Palavra e rezarmos contigo...**

Todos:

Aí está a tua luz, meu bom Jesus.

Leitor 6:

**Onde e sempre que temos bons pais e bons familiares,
bons professores e bons catequistas...**

Todos:

Aí está a tua luz, meu bom Jesus.

Catequista que preside:

Agora, rezemos, todos juntos, a oração que Jesus nos ensinou:

Todos:

Pai Nosso...

(No final, todos apagam as velas e são acesas todas as luzes da sala).

3. Apresentação ou entrega das ofertas

Catequista:

Agora sim, podemos fazer a entrega das ofertas a Jesus.

Fazemos assim: em fila, cada um vem aqui à frente, entrega a sua oferta a Jesus, e depois beija a sua imagem.

Enquanto o fazemos, cantemos:

Cântico:

“Jesus Cristo, és meu amigo”.

No caso de uma simples apresentação, as crianças conservam as suas ofertas.

Se forem entregues, podem ser depositadas em recipientes apropriados, por exemplo, cestos.

Os adultos, conforme o caso, devem também participar.

*Tirem-se fotografias da apresentação e/ou entrega das ofertas.
Serão necessárias na próxima catequese.*

*Se, de todo, não for possível, o catequista pedirá às crianças que,
com a ajuda dos pais,
e em casa, reproduzam esse momento da celebração
em desenhos feitos em folhas de bom papel A4.*

Se as ofertas das crianças forem canalizadas para uma instituição de solidariedade, o catequista deve combinar aqui o dia e a hora da entrega, ainda antes do Natal. Se não for possível levar todas as crianças, irá um pequeno grupo, em representação. Também dessa entrega convém fazer registo fotográfico, ou, pelo menos, ser ilustrado pelas crianças participantes.

V. ENTREGA DAS PRENDAS E DESPEDIDA

1. Entrega dos lenços brancos

Catequista:

Agora falta receber, cada uma de vós, a sua prenda. Uma bela surpresa. Vai ser-vos entregue (se possível) pelos vossos pais (ou outro familiar).

(Depois da entrega:)

Que está aí escrito nos vossos lenços? - "Sou de Cristo, Sou Feliz".

E somos de Cristo desde quando? - Desde que fomos baptizados!

Então vão fazer o seguinte: por baixo dessas palavras (*o catequista mostra o seu lenço, já com a inscrição da data do Baptismo no sítio correcto*) vão, lá em vossa casa, escrever a data do vosso Baptismo. Para ficar com números bem feitos, podem pedir ajuda dos pais ou outro adulto. (*Se houver condições, pode-se sugerir que a data seja bordada.*)

Havendo no grupo crianças por baptizar, em vez de escreverem agora, fá-lo-ão depois do seu Baptismo.

E não se esqueçam disto: tragam os lenços para a próxima catequese, mas já com a data do Baptismo. Vão ser muito necessários.

E agora cantemos o que está neles escrito. E enquanto cantamos, podem abanar os lenços...

2. Cântico final

"Sou de Cristo, sou feliz".

3. Despedida

Catequista:

Desejo a todos um Santo Natal e um feliz Ano Novo.

Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

Todos:

Graças a Deus.

*No catecismo,
para recordar a Celebração de Natal:*



Na página 46 do catecismo, reler a Leitura do Livro de Isaías.



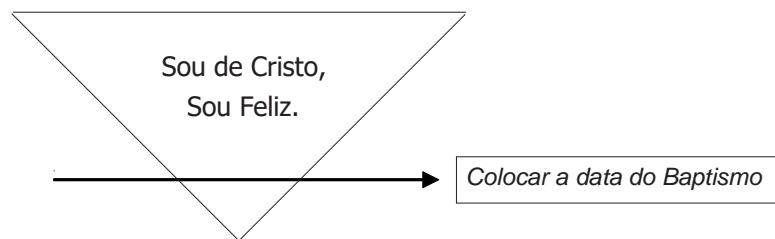
Na página 47 do catecismo, observar as imagens que ilustram a adoração dos Magos do Oriente prestada a Jesus e escutadas durante a leitura do Evangelho de S. Mateus e que resume a mensagem central da Celebração do Natal.



Na página 48 do catecismo, actividade “Somos capazes de amar como Jesus pediu” observando as imagens desse amor e ilustrando o propósito “Fazer a paz”.

III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO1



A vida nova

2º BLOCO

As crianças, após uma síntese sobre o Batismo, são introduzidas nos restantes sacramentos da iniciação cristã, com especial relevo para o da Eucaristia; são ainda preparadas para o sacramento da Penitência, até à sua celebração. Havendo tempo, aprendem também a conhecer e viver o outro sacramento de cura, a Unção dos Enfermos. Em todos eles, são motivadas para acolher a vida nova que Deus, por meio deles, lhes oferece, sempre na perspectiva do seguimento de Jesus e como membros activos da comunidade cristã, vista primariamente como corpo de Cristo.

Para a celebração da Penitência, são confrontadas, primeiro, com o pecado – como rejeição livre e destrutiva do amor de Deus, proposto por Jesus e vivido em Igreja – segundo, com a oferta do perdão – também ela expressão do amor paciente e paterno de Deus – em ordem a acolhê-lo, pelo reconhecimento da culpa e pela conversão, principalmente na festa do perdão.

Na vivência do Mistério Pascal, é realçado significado da última Ceia de Jesus, como memorial eucarístico da sua morte e ressurreição.

PELO BAPTISMO RENASCEMOS DO ALTO

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Nicodemos - hoje

Muitas das figuras bíblicas têm um carácter exemplar, típico: o que se passa com elas, passa-se com muitas outras pessoas. É o caso de Nicodemos (Jo 3, 1ss), como, logo a seguir, da Samaritana, representativa dos restantes samaritanos que se convertem a Cristo (4, 1-42), e do funcionário real em relação aos pagãos que se tornaram cristãos (4, 43-53).

O judeu Nicodemos, porém, não se converte, ou melhor, não se converte completamente. Acredita em Jesus, fascinado pelos seus milagres, sinais de que Ele só pode vir *da parte de Deus* e de que, portanto, Deus está com Ele (2, 23; 3, 2). Mais tarde, a seguir a uma primeira tentativa para prender Jesus, defende, diante do Sinédrio de que é membro, que se deve respeitar a legislação que obriga a averiguar seriamente o que Ele fazia (7, 51-52). Depois da morte de Jesus, é Nicodemos quem, com José de Arimateia, sepulta o corpo de Jesus, tendo-o mesmo perfumado com uma *mistura de mirra e aloés de um preço incalculável* (19, 38-41).

Mas, conta-nos S. João, também ter sido *de noite* que ele foi ter com Jesus (3,2). Provavelmente pela mesma razão atribuída a José de Arimateia: *era discípulo de Jesus, mas secretamente por medo das autoridades judaicas* (19, 38). Como outros judeus, mesmo entre os chefes, que acreditavam em Jesus, *mas não o confessavam por causa dos fariseus, para não serem expulsos da Sinagoga, pois amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus* (12, 42).

Tinham uma fé incipiente, não cimentada pela provação, uma fé a que faltava a consistência e persistência, para as quais não basta a atracção e a admiração provocada por sinais portentosos, mas precisa da prova máxima de que Jesus é verdadeiramente o Filho de Deus: o seu amor extremo na total doação da vida na cruz; um amor que, assim, tudo pode, até vencer a morte para sempre e em todas as suas manifestações, incluindo o medo de ser cristão e de o manifestar e confessar publicamente (Jo 20, 19ss). Em cristãos que se não aventurassem à radicalidade deste amor, Jesus *não*

confiava neles, pois sabia o que há dentro deles, diz-nos S. João, imediatamente antes de introduzir Nicodemos (2, 24-25).

Cristãos assim, também hoje os encontramos. São, talvez, a maioria dentro da Igreja: batizados, crentes mesmo... mas só quando disso precisam. Por exemplo, quando sentem necessidade de que os seus filhos tenham uma educação que lhes permita enfrentar os desafios que a vida lhes prepara e os podem desviar por sendas de desgraças. Pais, portanto, com os melhores desejos, as melhores das intenções. Mas, quantos deles se limitam a levar os filhos à catequese e, pelo menos em festas maiores, à Igreja, sem no entanto lá entrarem pela porta que Jesus lhes propõe, como faz a Nicodemos! Como convencê-los a entrarem mesmo?

2. Renascer do Alto

É esta a primeira exigência lançada por Jesus a Nicodemos, para poder *ver o Reino de Deus*, isto é, para participar plenamente daquela vida que só em Deus, no seu Reino, se pode obter. Não se trata de nascer apenas *de novo*, nem apenas *do Alto*, embora, no original grego, os dois aspectos estejam concentrados numa só palavra: "*ánôthen*". Ela exprime, de facto, um *novo* nascimento, mas é novo porque vem *do Alto*.

Nicodemos compreende o repto, ainda que, à primeira vista, a sua reacção possa dar a entender o contrário: *Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode entrar pela segunda vez no seio da mãe e voltar a nascer?* (3, 4). A sua questão não é tanto do foro intelectual, mas sim do volitivo e afectivo. "Já estou velho para isso" – é o que ele, de facto, quer dizer. "Velho", porque demasiado acomodado e agarrado aos seus critérios e hábitos de vida, às compensações em bens e poder que eles lhe proporcionam. Ainda que, no fundo, se aperceba de que uma vida assim lhe não garante aquela "Vida", pela qual todo o ser humano, talvez sem disso ter plena consciência, verdadeiramente suspira.

E é exactamente para essa vida que Jesus, de seguida, nos chama a atenção: *renascer do alto* significa *nascer da água e do Espírito*. Porque *o que nasceu da carne é carne, e o que nasceu do Espírito é espírito* (3, 5-6). *Carne* significa aqui, como em muitas outras passagens bíblicas, a condição caduca, limitada, mortal, do ser humano. Repare-se como o tecido carnal do corpo é o primeiro a desaparecer com a morte. Ao contrário, só pelo "espírito", que em si significa o ar que respiramos, podemos viver.

E para que seja uma vida plena, uma vida eterna, esse Espírito tem de vir de Deus. É assim que o ser humano se torna vivo: na medida em que respira o mesmo hálito que Deus "respira" e lhe sopra pelas narinas (Gn 2, 7); ou que Cristo ressuscitado sopra aos seus discípulos, ainda tolhidos pelo medo (Jo 20, 22). Portanto, esta união vital – que o símbolo do ar e da respiração tão bem exprime – é ela que nos faz nascer do Alto, para entrarmos no Reino de Deus.

Um novo nascimento obtido através da água. Por duas razões: primeiro, porque também a água é vital. Sem ela não há vida, nem em nós, nem na natureza. Por isso ela se tornou mais um símbolo daquela mesma energia vital expressa pelo ar, pelo espírito. Chega mesmo a fazer-se a conjugação dos dois símbolos (Ez 36, 24-27; Rom 5, 5),

nomeadamente no Baptismo (1 Cor 12, 13), o sacramento pelo qual, através da lavagem pela água, nos é concedido o Espírito que, proveniente de Cristo ressuscitado, nos faz filhos de Deus... e membros da Igreja.

E esta é já a segunda razão que leva Jesus a falar da água como veículo do Espírito: é na Igreja, na qual se entra pelo Baptismo, que nos são oferecidos os meios, já referidos, para entrar no Reino de Deus. Mas é preciso entrar nela, de um modo completo, permanente e definitivo.

Resta a última pergunta dos "Nicodemos" de todos os tempos: *Como pode ser isso?* (Jo 3, 9). *Pode* no sentido da capacidade, aquela que nos permite renascer do Alto, sendo nós "velhos".

3. A infinita energia do amor de Deus

É um amor que nos vem do Alto ou, como se diz mais frequentemente, do Céu, que o mesmo é dizer, de Deus. E vem-nos de um modo ímpar, inaudito, através do único *que subiu ao Céu, por ser aquele que desceu do Céu, o Filho do Homem* (Jo 3, 13). São palavras de Jesus e referem-se, respectivamente, à sua gloriosa ressurreição e à sua humilhante encarnação. Por esta, Ele desceu à nossa condição humana carnal: *O verbo fez-se carne e habitou entre nós* (Jo 1, 14). Já de si, um acto inesperado de amor: *Deus amou tanto o mundo, que deu o seu Filho Unigénito* (Jo 3, 16). Um amor que teve a expressão máxima no acto em que Ele nos amou até ao extremo da entrega total do seu espírito (13, 1; 19, 30), até à última gota de sangue e água (19,34).

Só este amor nos pode conquistar e capacitar para o renascimento do Alto, humanamente impossível. Só ele pode realizar a mesma cura milagrosa que, séculos antes, Deus transmitira, através da serpente de bronze, ao seu povo pecador (Num 21, 4-9). *Assim como Moisés elevou a serpente no deserto, assim também é necessário que o Filho do Homem seja elevado*, diz-nos Jesus e acrescenta porquê: *a fim de que todo o que crê, tenha nele a vida eterna* (Jo 3, 14-15).

O segredo está em olhar para Ele: Aquele que está suspenso na cruz, na qual triunfou para sempre da morte. Um olhar longo, contemplativo, já anunciado e proposto pelo profeta: *Hão-de olhar para aquele que trespassaram* (Zac 12, 10; Jo 19, 37). Um olhar que é provocado por Ele. Sim, quem primeiro nos amou foi Ele. Um amor atraente, conforme Ele próprio prometeu: *E Eu, quando for elevado da terra, atrairei todos a mim* (12, 32). É desta atracção que nasce a fé e, com ela, o caminho para a vida eterna, para a plena participação no Reino de Deus.

Por isso, na celebração baptismal, a tríplice imersão ou derrame da água, é imediatamente precedida da profissão de fé: no mesmo Deus, Pai Todo-poderoso; no mesmo Cristo, seu Único Filho; e no mesmo Espírito, em nome do qual se é lavado, baptizado. Por isso "o Baptismo é o sacramento da fé. Mas a fé tem necessidade dos crentes. Só na fé da Igreja cada um dos fiéis pode crer" (CIC 1253).

Uma fé que, se o é, tem a sua necessária expressão no amor (Gal 5, 6). E este, porque só se realiza pela prática, tem de sentir-se. Não será deste amor que precisam tanto os

"Nicodemos" dos nossos dias? O amor que, Deus queira, lhes pode ser transmitido pelos próprios filhos, nomeadamente a partir da catequese em que revivem o seu Baptismo, ajudados pelo amor de Cristo, que se manifesta no catequista.

OBJECTIVOS

- Compreender o Baptismo como renascimento espiritual;
- Descobrir o significado de alguns dos principais gestos e símbolos baptismais;
- Reviver parte da celebração baptismal.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese é, em parte, uma repetição conclusiva e sintética das catequese anteriores sobre o Baptismo: catequese 24, 25 e 26 do 2º ano e catequese 5 e 6 deste ano. Para evitar que seja uma simples repetição, introduzem-se dois elementos novos: o Baptismo como renascimento espiritual e a entrega da veste branca, a partir do lenço oferecido a cada criança na catequese anterior.
2. Ao mesmo tempo, abre-se o caminho para a próxima catequese, sobre o sacramento da Confirmação. Não se esqueça que os dois sacramentos formam, dentro da iniciação cristã, uma unidade. É também nesse sentido que se irá orientar a partilha feita pelas crianças na sua vivência do Natal.
3. Se no grupo houver crianças por baptizar, devem adaptar-se a elas as palavras sugeridas no Desenvolvimento da Catequese, nomeadamente na Expressão de Fé.

MATERIAIS

- Um lenço branco, idêntico ao que foi distribuído a cada criança na celebração do Natal;
- Duas ou três fotografias alusivas à apresentação e partilha das ofertas feitas pelas crianças pelo Natal, num tamanho que permita a sua visualização do lugar que as crianças ocupam na sala;
À falta dessas fotografias, as ilustrações, alusivas ao mesmo, feitas pelas crianças;
- Lenços brancos entregues às crianças na celebração do Natal, já com a data do Baptismo de cada uma;
- Círio pascal ou vela correspondente (se o grupo for numeroso, podem ser mais do que uma);
- Um recipiente em forma de pequena bacia, em vidro e cheio de água;
- Um crucifixo com medidas adaptadas ao lenço branco;
- Dísticos "O Baptismo é o renascimento do Alto", "PAI", "FILHO" e "ESPÍRITO SANTO";
- Bíblia.

MÚSICAS

- "Jesus Cristo és meu amigo";
- "Sou de Cristo, sou feliz".

Preparação da sala

- No **placar**: um lenço branco, idêntico ao que as crianças receberam na catequese anterior, afixado com o ângulo destinado à data do Baptismo na parte inferior (mas sem qualquer data).
- Na **mesa**: a Bíblia, ao centro, e, de um lado e do outro, o cirio pascal e um recipiente (de preferência em vidro) cheio de água.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. O catequista, antes de dizer qualquer palavra, afixe sobre o lenço do placar uma ou duas fotografias ou ilustrações feitas pelas crianças (no máximo três, se não forem grandes), alusivas às ofertas de Natal, feitas pelas crianças, na sequência da catequese anterior. Depois, muito brevemente (5 minutos) siga uma das duas alternativas:

1ª

Alternativa

Para o caso de as crianças terem feito individualmente as suas ofertas, isto é, cada uma a outra criança ou pessoa. Então, as fotografias podem ser todas alusivas à apresentação das ofertas, durante a catequese anterior de celebração do Natal.

Contem lá como fizeram a entrega das prendas de Natal que apresentaram aqui ao Menino Jesus:

- Quando o fizestes...
- Que dissestes aos meninos ou meninas (ou pessoas) a quem as entregastes...
- Como é que eles (ou elas) reagiram...
- (Outros pormenores, conforme as circunstâncias) ...
- E como vos sentistes com a oferta que fizestes...

O catequista sublinhe a alegria e a importância de dar, partilhar, levar alegria aos outros.

2ª

Alternativa

Para o caso de as ofertas terem sido feitas a uma instituição de solidariedade social. Então, uma das fotografias pode ser alusiva ou ao acto de entrega ou à instituição, sobretudo se tiver sido para países de missão. Num caso e no outro, espera-se que no acto de entrega tenha participado ou todo o grupo ou uma representação. De qualquer modo, adaptem-se a cada caso as questões seguintes:

- Nome da instituição e condições em que funciona...
- Quem recebeu as ofertas...
- Que disseram às pessoas que as receberam...
- Como reagiram estas pessoas...
- Como se sentiram as crianças com as ofertas que fizeram...

O catequista sublinhe a alegria e a importância de dar, de partilhar, de levar alegria aos outros.

2. *Para as duas alternativas, o catequista pode propor o seguinte cântico, adaptando a sua introdução às respostas das crianças:*

Quem vos levou a partilhar os vossos bens?...

Jesus, que assim nos iluminou, a nós e às pessoas com quem partilhais. É Ele a nossa luz...

Então, em sinal da gratidão, cantemos-lhe, de pé:

"Jesus Cristo és meu amigo" (só uma estrofe).

3. Repararam que eu coloquei as fotografias sobre aquele lenço branco, igual ao que cada um de vós recebeu. Mas porque será? Que relação terão as nossas fotografias (ou desenhos) e o lenço branco?

Não vos parece que era melhor tirá-las de lá?... Até estão a tapar o que lá está escrito. O que é?...

Então, são de tirar as fotografias ou não?...

Mesmo que as crianças unanimemente optem por que se tirem, o catequista não o faça; dirá antes:

Vou deixá-las lá ficar mais um bocadinho ...

4. Vamos tentar compreender porquê. Para isso, vão procurar responder a três perguntas.
- Primeira: por que razão o lenço é branco e não de outra cor? Se calhar alguns de vós até gostavam mais de outra cor. Mas não, tem de ser branco. Porquê?
Depois de ouvir as crianças, o catequista tome nota das respostas e continue, agora apontando para os três ângulos do lenço:
 - Segunda pergunta: por que razão o lenço tem esta forma de triângulo? Podia ser redondo ou quadrado. Mas não, tem de ter três pontas. Porquê...
Sem comentar as respostas, o catequista continue:
 - Terceira pergunta: o que é que cada um escreveu no lenço que recebeu?... Podem abri-los, para lembrar.
N... queres ler o que escreveste?... E tu N....

Depois de duas ou três crianças terem lido a data do seu Baptismo, o catequista pergunta a uma delas, baseando-se na data exacta do Baptismo dela:

Como hoje é o dia (*dia em que se está*) de (*mês em que se está*) do ano (*ano em que se está*), quer dizer que tu tens...anos (*os anos que decorreram desde a data do Baptismo; se tiver sido no mesmo ano do nascimento, indicar os meses e dias*).

E tu... (*fazer o mesmo com mais outra criança*).

Quer dizer que têm estado todos a celebrar o aniversário no dia errado.

Ou serei eu que estou errado?

Não estou, não. Vou dizer-vos uma coisa que, se calhar, vai deixar-vos baralhados e admirados: na verdade, o dia do vosso nascimento é mesmo aquele que está escrito no lenço que receberam.

Bom, vamos lá compreender o que isto quer dizer!

Mas quem vai esclarecer-nos é Jesus. Ele é que nos explica, e verã como é bonita a sua explicação.

Com ela também vamos encontrar as respostas para as outras perguntas que já vos fiz: por que razão o lenço tem três pontas e por que é que ele tem de ser branco.

II. PALAVRA

1. O que nós vamos escutar de Jesus é uma conversa: uma conversa que Ele teve com um homem muito importante. Era mesmo um dos chefes na sua terra. Chamava-se Nicodemos.

Nicodemos tinha ouvido falar muito bem de Jesus: dos milagres que Ele realizava e de outras coisas boas que fazia.

Então, uma noite, procurou Jesus para saber o que fazer para o seguir: que fazer para entrar no Reino de Deus, que Jesus anunciava.

Vão ver como Nicodemos chama "Rabi" a Jesus. É uma maneira de mostrar que Jesus conhece as coisas de Deus.

Vamos ouvir então o que Jesus lhe respondeu. E com muita atenção, para serem capazes de descobrir onde estão as respostas que Jesus nos vai dar.

Como fazemos sempre que Jesus nos fala, pomo-nos todos de pé.

2. *O catequista acenda o cirio pascal e abra a Bíblia em Jo 3, 1-6.16.*

A leitura pode ser feita em diálogo entre o catequista e duas ou mais crianças.

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João:

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

Catequista:

**Naquele tempo,
havia um fariseu chamado Nicodemos,
que era um dos principais entre os judeus.
Veio ter com Jesus de noite e disse-lhe:**

1º leitor:

**«Rabi,
nós sabemos que vens da parte de Deus como mestre,
pois ninguém pode realizar os milagres que tu fazes,
se Deus não está com ele.»**

Catequista:

Jesus respondeu-lhe:

2º leitor:

**«Em verdade, em verdade te digo:
Quem não renascer do Alto,
não pode ver o Reino de Deus.»**

Catequista:

Disse-lhe Nicodemos:

1º leitor:

**«Como pode um homem nascer,
sendo já velho?
Pode entrar pela segunda vez no seio da mãe
e voltar a nascer?»**

Catequista:

Jesus respondeu:

2º leitor:

**«Em verdade, em verdade te digo:
Quem não nascer da água e do Espírito**

**não pode entrar no Reino de Deus.
O que nasceu da carne é só carne
e o que nasceu do Espírito é espírito.»**

Catequista:

E Jesus disse ainda:

2º leitor:

**«Deus amou tanto o mundo
que entregou o seu Filho Unigénito,
para que todo o homem que acredita n'Ele,
não pereça, mas tenha a vida eterna.»**

Catequista:

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

3. Depois de pousar a Bíblia e as crianças se sentarem:

Então já sabem a resposta certa para as perguntas que fiz?...

Vamos ver bem como Jesus respondeu.

Primeiro, a pergunta sobre o nosso dia de anos. Por que é que eu disse que vós fazeis anos de nascimento na data do Baptismo?...

*O catequista afixe, na parte superior do placar, o **dístico "O Baptismo é o nascimento do Alto"** e leia:*

"O Baptismo é o nascimento do Alto". Foi Jesus que o disse.

Leiam todos comigo? "O Baptismo é o nascimento do Alto".

Porque será que "Alto" está escrito com letra grande?... – Porque significa Deus.

Pelo Baptismo somos feitos Filhos de Deus. Além dos nossos pais da terra, que nos dão o necessário para o nosso corpo, precisamos do Pai do Céu. É Ele que ensina e dá força aos nossos pais e a outras pessoas para serem boas. Sem Deus, nem os nossos pais nem nós éramos capazes de nos portarmos bem, partilhar os nossos bens, perdoar aos outros...

Portanto, o Baptismo é o nosso segundo nascimento e até é mais importante do que o primeiro. Se nascêssemos só para uma vida em que não somos capazes de fazer o bem, seria bem triste e bem terrível: quanta tristeza e infelicidade vêm do mal que se faz!.

Mas não: Deus, que nos ama, oferece-nos a oportunidade de uma vida boa e feliz, de uma vida a fazer o bem. É que nós somos fracos e, sozinhos, erramos muitas vezes. Com o Baptismo nascemos para uma vida nova, boa, feliz. Por isso é tão importante.

4. Ora bem: se, pelo Baptismo, nos tornamos filhos de Deus, como é que nós chamamos a Deus?...

*O catequista afixe, junto do ângulo superior esquerdo do lenço (visto de nós), o **dístico "PAI"**.*

Chamamos Pai! Nós já sabíamos isso, desde que aprendemos, de Jesus, a rezar: Pai-Nosso. Mas agora compreendemos melhor: chamamos Pai a Deus, porque Ele nos oferece não só a vida do corpo – através dos nossos pais – mas uma outra vida, em que somos capazes de fazer o bem.

E quem é que Deus nos enviou para nos dar essa vida?

Ouçamos, de novo, as palavras de Jesus:

O catequista pegue na Bíblia e leia de novo Jo 3, 16:

"Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho Unigénito, para que todo o homem que acredita n'Ele, não pereça, mas tenha a vida eterna". (*Repita:*) "Deus amou tanto o mundo que lhe entregou o seu Filho Unigénito".

*Depois, afixe, junto do ângulo superior direito o **dístico "FILHO"** e comente:*

Jesus é o Filho que Deus enviou à terra. E porque é que Deus o enviou?... - Porque nos ama.

E onde é que Jesus nos mostrou mais quanto Deus nos ama?

*O catequista afixe ao centro do lenço, mesmo por cima das fotografias, um **crucifixo** e comente:*

Quando Jesus deu a sua vida por todos nós, na cruz. Foi então que Ele, o Filho Unigénito de Deus, mais mostrou quanto nos ama.

Mas Jesus ressuscitou, venceu a morte.

E quem é que Ele dá aos que acreditam n'Ele? Lembrem-se do que respondeu S. Pedro às pessoas que o ouviram falar de Jesus ressuscitado?...

Se fordes baptizados em nome de Jesus, recebereis o...

*O catequista afixe, junto do ângulo inferior do lenço o **dístico "ESPÍRITO SANTO"** e pergunte:*

Já percebem por que razão o nosso lenço tem três pontas?...

Porque fomos baptizados "Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo".

Foi isto que o sr. Padre (ou Diácono) nos disse quando, no nosso baptizado, deitou água na nossa cabeça: Por exemplo ao *(Nome de uma criança)* disse: "*(Nome)*, eu te baptizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo".

Mas, atenção: ele só disse isto depois dos vossos pais terem dito que acreditam em Deus nosso Pai, em Jesus Cristo seu único Filho e Nosso Senhor e no Espírito Santo. Como nós fizemos há tempos na igreja. Lembram-se? E com as velas do Baptismo acesas naquela vela grande que representa a luz de Jesus Cristo ressuscitado.

5. Só falta saber a resposta a uma pergunta: por que é que o lenço em que está escrito "Sou de Cristo, sou feliz" e tem a data do vosso Baptismo – porque é ele branco?... Porque a água do Baptismo, com as palavras do sr. Padre, nos limpa para sermos bons. Limpa-nos dos nossos erros ou da inclinação que temos para fazer coisas feias, para pecarmos... e faz-nos mais luminosos. O branco é feito pela luz: a luz do amor de Jesus. Por isso, branco, habitualmente, é também a cor do fato que vestem as crianças, no dia do seu Baptismo.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Como hoje estivemos a conversar sobre o nosso Baptismo e sobre o que ele significa para nós, cristãos, vamos usar de novo o nosso lenço branco para celebrar – aqui, na catequese e todos em conjunto – a alegria de sermos baptizados *(para as crianças que ainda não foram:)* ou de nos estarmos a preparar tão bem para sermos baptizados.

Para isso, vamos ter presentes algumas das palavras que o sr. Padre disse quando vos entregou a veste branca, logo a seguir ao Baptismo.

Fazemos assim:

- Cada um de vós vem aqui à frente, trazendo o seu lenço branco, e coloca-o junto da vela que representa a luz de Jesus.

- Depois molha os dedos da mão na água que está aqui, benze-se e, ao mesmo tempo que faz a cruz, diz estas palavras: "**Eu** (dizem logo o vosso Nome) **estou baptizado em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.**"

(Para as crianças não baptizadas: "Eu – Nome – serei baptizado em nome do Pai"...).

(O catequista ensaie rapidamente a fórmula e o gesto).

- Já fizemos assim no ano passado, lembram-se? Só que desta vez, e a seguir às vossas palavras e ao sinal da cruz, colocarei nos vossos ombros o lenço branco que nos recorda o Baptismo.

Mas vamos fazer tudo com muita ordem e respeito. Para isso, comecemos por cantar, de pé, o **cântico** a Jesus:

"Jesus Cristo és meu amigo" *(só a 1ª estrofe).*

2. Ao colocar o lenço branco estendido sobre os ombros de cada criança, o catequista diga-lhes:

“(Nome) estás revestido (ou revestida) de Cristo.

Esta veste branca seja para ti símbolo da dignidade cristã.”

Sendo muitas as crianças, o gesto pode ser feito por vários catequistas ao mesmo tempo. Para isso, pode haver mais do que uma vela e do que um recipiente de água.

3. Agora, revestidos de Cristo e ajudados pelo Espírito Santo, rezemos todos, ao mesmo tempo e voltados para Jesus, na cruz, a oração que Ele nos ensinou. Podemos rezar de mãos levantadas para o Alto:

“Pai Nosso”...

Cantemos agora a alegria de sermos de Cristo:

“Sou de Cristo, sou feliz” (1ª estrofe).

4. Compromisso

Para esta semana, vou pedir-vos, como compromisso, duas coisas:

- Primeiro que continuem a pensar no que hoje fizemos e conversámos: o significado e a alegria de sermos baptizados. Para isso, vão servir-se do catecismo, na página 52. Desenhem aí uma ocasião que vos faz sentirem-se felizes por serem de Cristo. Na próxima catequese vão mostrar o que desenharem.
- Segundo: vão ver se encontram uma resposta para uma pergunta que fiz no princípio. Lembrem-se? – Saber o que as prendas que oferecemos pelo Natal têm a ver com o nosso Baptismo.

Vejam lá se descubrem até à próxima catequese. Será nela que ireos falar nisso. Na página 52 do catecismo (*mostrar*) registam a vossa resposta e, no desenho do lenço, vão escrever a data do vosso Baptismo. (*Na eventualidade de no grupo haver crianças nessas circunstâncias, acrescentar:*) Os meninos que ainda não se baptizaram mas já sabem a data do seu Baptismo, escrevem a lápis e, depois, na altura própria, passam a caneta!

E ainda podem registar no catecismo o vosso Baptismo (o que farão os meninos que se preparam para o Baptismo, quando forem baptizados): na página 51, no lenço branco, escrevem o vosso nome e preenchem, também com o vosso nome, a frase que está junto da foto: «estás revestida(o) de Cristo...» e, depois, colocam uma foto do vosso baptizado ou desenham-no, no espaço reservado para isso. Fica assim, neste catecismo, uma bela recordação de quando foram recebidos na Igreja, se tornaram cristãos!

Até lá:

Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

Crianças:

Graças a Deus.

Para guardar na memória e no coração

Pelo Baptismo, renascemos do Alto, para nos tornarmos filhos de Deus.

PELO CRISMA SOMOS CONFIRMADOS COMO CRISTÃOS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Crisma, para quê?

A pergunta é feita com certa frequência e preocupa muita gente que é e se sente responsável na Igreja. Perante tantos cristãos que, em muitos casos, logo a seguir à celebração deste sacramento, abandonam a prática cristã e, na sociedade em que vivem, dão um fraco ou nulo testemunho de fé, valerá a pena crismá-los? "Fica lá a semente", respondem alguns. Mas será que a semente chegou, sequer, a penetrar nas suas vidas? Ou entrou suficientemente, para vencer os espinhos e as pedras que dificultam a sua germinação e crescimento? Que fazer então? Será de adiar o crisma para uma idade ainda mais adulta?

Veja-se o que em relação a isso nos escreve o Catecismo da Igreja Católica (n. 1308): "Se por vezes se fala da Confirmação como «sacramento da maturidade cristã», não deve, no entanto, confundir-se a idade adulta da fé com a idade do crescimento natural, nem esquecer-se que a graça baptismal é uma graça de eleição gratuita e imerecida, que não precisa de uma «ratificação» para se tornar efectiva. São Tomás recorda isso mesmo: «A idade do corpo não constitui um prejuízo para a alma. Por isso, mesmo na infância, o homem pode receber a perfeição espiritual de que fala a Sabedoria (4, 8): 'A velhice honrada não é a que dão os longos dias, nem se avalia pelos anos.' E foi assim que muitas crianças, graças à fortaleza do Espírito Santo que tinham recebido, lutaram corajosamente e até ao sangue por Cristo»."

E o que vale para uma criança, pode acontecer, em sentido oposto, com um adulto: apesar da sua idade natural, continuar imaturo na fé.

Quer isto dizer que a solução para o problema está, fundamentalmente, na catequese de preparação para este e outros sacramentos. E, graças a Deus, muito se está a fazer nesse sentido: uma catequese que vale por si, como descoberta e vivência prática da fé. Uma catequese cuja finalidade última "é pôr as pessoas não apenas em contacto, mas em comunhão, em intimidade, com Jesus Cristo" (CT 5).

E, para um cristão que deste modo fica tão apaixonado e possuído por Cristo, que Este passa a viver nele (Gal 2, 20), qualquer sacramento que receba é ocasião insubstituível para se confirmar ou fortalecer nessa comunhão de vida. Por outras palavras, o sacramento não é o termo de uma caminhada, mas o início de mais uma etapa, trilhada com a luz e a energia que só Cristo pode dar. Se isto se aplica a qualquer sacramento, de um modo especial àquele que, por isso, se chama:

2. A Confirmação

É assim chamado por ser, na sequência dos três sacramentos da iniciação (Baptismo, Crisma e Eucaristia), a confirmação da fé professada e da graça divina recebida na regeneração baptismal.

Mas, não no sentido em que frequentemente é entendido, quando é administrado em idade mais ou menos adulta; isto é, de que agora são os crismandos que, livre e conscientemente, renovam as promessas e a profissão de fé que, no seu Baptismo e devido à idade demasiado infantil, tiveram de ser feitas apenas pelos pais e/ou padrinhos e, eventualmente, a comunidade crente. Se fosse (só) isso, então uma pessoa baptizada em idade adulta não necessitaria de ser crismada. Mas é-o. Porquê?

Pelos efeitos próprios da Confirmação que, como “efusão especial do Espírito Santo” (...) proporciona crescimento e aprofundamento da graça baptismal:

- enraíza-nos mais profundamente na filiação divina, que nos leva a dizer «Abbá! Pai» (Rm 8, 15);
- une-nos mais firmemente a Cristo;
- aumenta em nós os dons do Espírito Santo;
- torna mais perfeito o laço que nos une à Igreja;
- dá-nos uma força especial do Espírito Santo para propagarmos e defendermos a fé, pela palavra e pela acção, como verdadeiras testemunhas de Cristo, para confessarmos com valentia o nome de Cristo e para nunca nos envergonharmos da cruz” (CIC 1302, 1303).

São efeitos, em parte, já referidos no NT, designadamente em **Act 8, 14-17**, isto é, na visita, da parte de Pedro e João, a uma nova comunidade cristã constituída por membros que tinham sido evangelizados e baptizados por Filipe. Mas, o Espírito Santo *não descera ainda sobre nenhum deles, pois tinham apenas recebido o Baptismo em nome do Senhor Jesus* (v. 6). Isto não significa que, pelo Baptismo, não seja já infundido o Espírito. Outras passagens do NT não deixem dúvidas a esse respeito.

O que faltava àqueles cristãos, pelo menos na plenitude necessária, era um dos efeitos, já mencionados, da acção do Espírito: a ligação à Igreja, que não era constituída só por aquela comunidade crente, mas tinha o seu berço em Jerusalém, onde Cristo morto e ressuscitado aparecera aos Apóstolos e, pelo seu Espírito, os investira na especial missão de serem o fundamento de todas as Igrejas. E, sem esta relação vital com as testemunhas oculares do Ressuscitado, faltam os meios, nomeadamente o do Evangelho, para se viver segundo o seu Espírito.

Por isso, ainda hoje, os ministros ordinários da Confirmação são os Bispos, como sucessores dos Apóstolos. "A administração deste sacramento feita por eles, realça que ele tem como efeito unir mais estreitamente aqueles que o recebem à Igreja, às suas origens apostólicas e à missão de dar testemunho de Cristo" (CIC 1313).

Mas na passagem de Act 8, 14-17 encontramos também alguns dos ritos, ainda hoje em uso na:

3. Celebração do Crisma

São dois os principais ritos constitutivos deste sacramento: a dupla imposição das mãos e a unção com o santo óleo do Crisma.

Primeiro, **são impostas as mãos** sobre todos os crismandos, ao mesmo tempo que para eles é invocado o Espírito Santo, com os seus sete dons. Também Pedro e João *oraram pelos samaritanos, para eles receberem o Espírito Santo, e impunham as mãos sobre eles* (Act 8, 15.17).

Porquê este gesto? – Por aquilo que, comumente, se faz ou pode fazer com as mãos. Entre todos os nossos membros, são, sem dúvida, aqueles com que mais comunicamos vida, nos campos físico, afectivo e espiritual. Tal é o seu dinamismo. Vemo-lo em Jesus que, com as mãos, curava os doentes (Mc 6, 5; 8, 23), abençoava as crianças (Mc 10, 16). Um poder por Ele transmitido aos Apóstolos (Mc 16, 18; Act 5, 12; 14, 3). É que a energia que as mãos transmitem depende do poder de quem as usa. Um poder que, no caso dos bispos, lhes é transmitido pelo sacramento da Ordem, do qual também faz parte a imposição das mãos por parte dos outros bispos presentes.

Na Confirmação, o gesto é repetido sobre cada um dos crismandos, na mesma altura em que **é ungido** com o azeite perfumado que o Bispo consagrou na Quinta-Feira Santa. Também "a unção, na simbologia bíblica e antiga, é rica de numerosas significações: o óleo é sinal de abundância e de alegria, purifica (unção antes e depois do banho) e torna ágil (unção dos atletas e lutadores); é sinal de cura, pois suaviza as contusões e as feridas e torna radiante de beleza, saúde e força" (CIC 1293).

Daí o seu largo uso, nomeadamente em vários sacramentos. "Pela Confirmação, os cristãos, quer dizer, os que são ungidos, participam mais na missão de Jesus Cristo e na plenitude do Espírito Santo de que Ele está repleto, a fim de que toda a sua vida espalhe «o bom odor de Cristo» (2 Cor 2, 15)" (Ibidem 1294). De facto, é pela infinita atracção que Cristo, o maior Ungido pela energia vivificante do Espírito, continua, ainda hoje e felizmente, a causar – é por isso que Paulo fala do *perfume do seu conhecimento* (2 Cor 2, 14). É missão do "cristão" – um título que lhe vem de "Cristo", a quem pelo Crisma passa a pertencer de um modo renovado – é sua missão principal dar testemunho dele, atrair outros para Ele, para a vida que só Ele proporciona.

Para isso e para que receba a energia que este sacramento lhe oferece, o cristão precisa de uma fé convicta e provada. Não é por acaso que, imediatamente antes dos dois ritos referidos, os crismandos são convidados a **professar a sua fé**: aquela fé que é suscitada por Deus através da sua Palavra, solenemente proclamada nas leituras

bíblicas da celebração e durante todo o percurso catequético feito até então; a fé de que os catequistas e tantos outros cristãos são testemunhas – como, também eles, confirmados e fortalecidos pelo santo óleo do Crisma.

OBJECTIVOS

- Descobrir o lugar e o significado do sacramento da Confirmação no percurso da iniciação cristã;
- Compreender o sentido dos principais ritos da sua celebração;
- Aperceber-se dos efeitos deste sacramento no testemunho de vida.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Ainda que as crianças nesta idade não venham, em breve, a receber o Crisma, é importante conhecerem todo o trajecto da iniciação cristã que estão a percorrer. Tanto mais que a Confirmação está intrinsecamente ligada ao Baptismo, como seu complemento imprescindível. Com esta catequese, as crianças ficarão, no mínimo, com mais desejo de um dia acolherem a graça que o Senhor assim lhes oferece.
2. A exposição proposta decorre entre o doutrinal e o vivencial. Daí que seja especialmente importante a presença activa de um cristão crismado. A sua participação é já uma expressão viva dos efeitos que o sacramento pode produzir em quem o recebe com fé. E as crianças aperceber-se-ão disso, o mais tardar, na Expressão de Fé, toda ela preenchida pelo louvor ao Deus que tanto bem faz, designadamente naqueles que, como crismados, dão testemunho vivo do seu Filho Jesus Cristo.
3. Procure-se, para testemunhar a sua vivência do Crisma, uma pessoa que, não apenas tenha uma fé provada pela acção, mas que saiba falar às crianças. Para isso, convém ainda que o catequista se encontre, atempadamente, com ela para, em comum, definirem todo o sentido e todo o decurso da catequese. Caso contrário, ter-se-á o resultado contrário ao desejado e que as crianças merecem.

MATERIAIS

- Lenço branco, idêntico ao usado na catequese anterior, mas com as datas do Baptismo, Confirmação e 1ª Comunhão da pessoa convidada;
- Três fotografias alusivas à Confirmação (da pessoa convidada): imposição das mãos pelo Bispo, profissão de fé dos crismandos, unção pessoal do crismando pelo Bispo;
- Dísticos: “Confirmação” e “Crisma”;
- Ritual do Crisma ou uma folha com a invocação do Espírito Santo que acompanha a imposição geral das mãos.
- Vaso com o santo óleo do Crisma;
- Círio pascal;
- Bíblia.

MÚSICAS

- "Sou de Cristo, sou feliz";
- "Aleluia, glória ao Senhor";
- "Somos a Igreja de Cristo".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala

- No **placar**: um lenço branco, idêntico ao da catequese anterior, mas, no ângulo do fundo, com as datas dos sacramentos do Batismo, da 1ª Comunhão e da Confirmação (se tiver sido esse a ordem em que forem recebidos) ordenadas de baixo para cima, da pessoa que vai dar o testemunho da sua Confirmação.
- Na **mesa**: a Bíblia, o círio pascal e, se possível, um vaso com o Santo Óleo do Crisma.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Como podem verificar, hoje modificámos o nosso placar... Falta-nos qualquer coisa que devia estar lá... Lembrem-se do que estava lá na última catequese. E até tínhamos combinado falar hoje sobre isso. Que será?...

Exacto: as fotografias das ofertas que fizemos pelo Natal. Tínhamos combinado falar hoje sobre essas ofertas: o que têm elas a ver com as palavras escritas no lenço branco que vós também recebeste.

Ora leiam todos comigo: "**Sou de Cristo, Sou Feliz**". Somos de Cristo desde quando?

- Desde o nosso Batismo.

Mas eu não perdi as fotografias! Só que, antes de voltarmos a falar delas, juntamente com o nosso Batismo, temos outra coisa para conversar.

Estão a ver que naquele lenço do placar estão escritas três datas... Três porquê? O *catequista leia-as para as crianças e explique:*

A de baixo significa o mesmo da dos nossos lenços: a data do Batismo. E as outras duas, de que serão?

Bom, não sei se estão a pensar nisso, mas este lenço também tem um dono! Estas datas são de alguém! E o seu dono vai aqui chegar, agora, para nos fazer uma surpresa.

2. O *catequista apresente a pessoa que vem dar testemunho, numa das seguintes alternativas, pela ordem de preferência:*

**1ª
Alternativa**

Um jovem que tenha sido recentemente crismado, que seja cristão convicto e esteja comprometido na vida comunitária da paróquia, em actividade mais ou menos conhecida das crianças. Pode vir acompanhado de um ou mais colegas, nas mesmas condições.

**2ª
Alternativa**

O padrinho ou madrinha do Baptismo de uma das crianças do grupo, também ele ou ela com uma forte convicção cristã e envolvido em actividades da comunidade paroquial e da sociedade.

**3ª
Alternativa**

O pai ou a mãe de uma das crianças de grupo, que tenha sido crismado/a, tenha uma vida familiar e cristã exemplar e esteja envolvida em actividades paroquiais.

**4ª
Alternativa**

Um cristão crismado, conhecido na paróquia e na sociedade, pelas suas convicções e prática cristã.

**5ª
Alternativa**

O próprio catequista do grupo, se está crismado, ou uma pessoa conhecida dele e das crianças, mas que não pode estar presente.

3. Para qualquer das alternativas, procure-se que:

- *As crianças nada saibam previamente do convite e da presença da pessoa; seja uma verdadeira surpresa;*
- *Seja qual for a pessoa, procure documentar o seu testemunho com três fotografias: do grupo dos crismandos a fazerem a profissão de fé, da imposição geral das mãos pelo Bispo e da sua (do convidado) crismação individual. À falta dessas fotografias em que apareça a pessoa em causa, podem usar-se outras com os mesmos motivos.*
- *A pessoa seja apresentada pelo catequista sem que este diga imediatamente para que a convidou. Mas, depois de dizer o seu nome e antes de lhe dar a palavra, deve desde já agradecer-lhe e convidar as crianças a fazê-lo também, por exemplo, com uma salva de palmas.*

- A exposição, a seguir sugerida, seja adaptada a cada caso. Para evitar a monotonia, o catequista pode intervir, para completar, explicar, espreitar as crianças, procurando porém não ser o protagonista. Todo o relevo deve ser dado ao testemunho.

4. Depois do convidado manifestar a alegria por estar ali com as crianças, o catequista introduz a actividade, dirigindo-se ao convidado:

N..., hoje convidámo-lo/a para estar na nossa catequese por causa do que está escrito naquele lenço branco, afixado no placar. Cada menino e menina do grupo recebeu um lenço igual, para recordar seu Baptismo, o dia em que começou a ser de Cristo e a ser muito mais feliz.

Mas, no seu lenço estão escritas mais duas datas (o catequista pode voltar a lê-las). O que é que se passou consigo nesses dias?

O convidado, pela ordem ascendente das datas, dirá que, além do Baptismo, na data indicada ao fundo, recebeu também a 1ª Comunhão, na data correspondente, e o sacramento do Crisma, na respectiva data. O catequista responderá:

Então com a 1ª Comunhão e o Crisma ficou a ser muito mais de Cristo. Quer explicar-nos como?

O convidado, de um modo simples, sintético (no máximo de 5 minutos) e concreto, explique às crianças como procura viver a sua nova vida de cristão confirmado: na família, no trabalho, na comunidade de fé, na sociedade; como a exigência, o esforço, o conforto da fé e da frequência dos sacramentos o fazem feliz. Que as crianças, contagiadas pelo seu entusiasmo, possam ver nele um modelo a imitar.

Catequista:

Gostei muito de ouvir o testemunho do/a (nome do convidado). E vós certamente também. Mostrou-nos tantas maneiras de ser um verdadeiro cristão!

E pela alegria que nos trouxe, parece-me que está na altura de cantarmos!

(Para o convidado:) Nós aqui sabemos um **cântico** em que manifestamos a felicidade por sermos de Cristo. Quer cantá-lo connosco?

Se o convidado tiver uma viola, pode servir-se dela para acompanhar o cântico, cantando de pé:

"Sou de Cristo, sou feliz" (1ª e 2ª, 5ª e 6ª estrofes)

II. PALAVRA

1. O catequista, depois de as crianças se sentarem, afixe ao alto o **dístico "Confirmação"** e peça ao convidado:

Gostávamos que nos falasse da sua Confirmação, um dos nomes que damos ao Sacramento depois do Baptismo. Chamamos-lhe "Confirmação" porquê?

Convidado: Podia ser eu a dizer. Mas acho que a Bíblia o diz muito melhor do que eu.

*Depois de pegar na Bíblia em **Act 8, 14-17** e o catequista acender o cirio, introduza a leitura:*

Foi assim: Como já sabem, depois de Jesus ter ressuscitado e ter aparecido aos seus amigos, estes começaram a anunciá-lo às pessoas: por Ele estar vivo, é Ele o Messias ou Ungido, isto é, o Rei e Filho de Deus que todos devem seguir. E as pessoas que acreditavam neles, recebiam o Baptismo, para serem de Cristo como nós.

Isto começou em Jerusalém com S. Pedro, S. João e os restantes Apóstolos. Mas a notícia que eles espalhavam, depois foi levada para fora da cidade de Jerusalém. Tinha de ser: era uma notícia tão bela e importante!

Um dos cristãos que a levou para fora de Jerusalém chamava-se Filipe. Foi para uma terra chamada Samaria e conseguiu que ali muitas pessoas acreditassem em Jesus e fossem baptizadas.

Mas, para serem bons cristãos, precisavam ainda de mais qualquer coisa que só os Apóstolos podiam dar, pelos menos de um modo especial. Vamos ouvir o que era:

2. *A leitura pode ser feita pelo convidado, sobretudo se não foi ele a fazer a introdução:*

Leitura dos Actos dos Apóstolos:

Naqueles dias,

quando os Apóstolos que estavam em Jerusalém

ouviram dizer que a Samaria recebera a Palavra de Deus,

enviaram-lhes Pedro e João.

Quando chegaram lá, rezaram pelos samaritanos,

para que recebessem o Espírito Santo,

que ainda não tinha descido sobre eles;

só estavam baptizados em nome do Senhor Jesus.

Então impunham-lhes as mãos

e eles recebiam o Espírito Santo.

Palavra do Senhor.

Crianças:

Graças a Deus.

3. *Convidado:*

Estão a ver o que faltava àqueles cristãos que só tinham sido baptizados?... O Espírito Santo. É Ele que nos faz fortes, firmes. Dá-nos o que está escrito no meio da palavra "Confirmação".

Ora, reparem nela... O que está escrito depois de "con" e antes de "ção"?... – "Firma". O Espírito Santo é que nos faz firmes, fortes na nossa amizade para com Jesus e com as outras pessoas. Dá-nos aquela força, para não termos medo, vergonha ou preguiça de falarmos de Jesus e nos comportarmos sempre, e em toda a parte, como Ele.

E por que razão eram os Apóstolos que o podiam transmitir com mais intensidade?... Porque tinham sido eles que tinham recebido o Espírito Santo de um modo especial, quando Jesus ressuscitado lhes apareceu.

E hoje?... Os Apóstolos já morreram há tantos anos. Quem faz hoje as vezes deles? – É o sr. Bispo. Sabem como se chama o nosso Bispo?... Até rezamos por ele na missa... Chama-se (*diga o nome; se tiver sido confirmado por outro, acrescente o nome dele*).

4. O catequista, para o/a convidado/a:

Mas diga-nos lá como foi: o que fizeram no dia da vossa Confirmação e o que é que o sr. Bispo fez, para vos transmitir o Espírito Santo.

*Convidado – depois de ele ou o catequista afixar, ao lado esquerdo do lenço, a **fotografia correspondente à profissão de fé:***

Lá estamos nós, (*se for o caso:*) com a vela na mão... O sr. Bispo começou por nos perguntar se renunciámos ao mal e se cremos em Deus Pai, em Jesus Cristo, seu Filho Único e no Espírito Santo.

Se fosseis vós que responderíeis?... Então digam outra vez e ao mesmo tempo: "**Sim, creio**".

Foi o que nós dissemos. Se não cremos em Deus e em Jesus, o Espírito Santo não vem a nós. De resto, vós próprios já fizestes isso, e até com a vela na mão... Para serdes mais de Cristo.

5. Catequista:

E que fez o Senhor Bispo a seguir?

Convidado:

Fez o mesmo que os Apóstolos. Lembram-se?... (*O convidado ou o catequista afixe, do lado direito do lenço, a **fotografia relativa à imposição das mãos***).

Estendeu as mãos sobre nós...

Porquê as mãos? – Porque o bem que praticamos, é principalmente com as mãos. Olhem, basta uma simples carícia (*pode exemplificar com uma das crianças, pondo-lhe a mão sobre a cabeça*). Quanto bem podemos fazer com as nossas mãos!

Mas, o sr. Bispo, ao mesmo tempo que estendia as mãos sobre nós – diz-se impor as mãos – rezava uma bela oração a Deus, pedindo-lhe que Ele nos envie o Espírito Santo. Querem ouvir essa oração?⁸

O convidado leia:

**Deus todo-poderoso,
Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo,
que, pela água e pelo Espírito Santo,
destes uma vida nova a estes vossos servos
e os libertastes do pecado,
enviai sobre eles o Espírito Santo Paráclito:
dai-lhes, Senhor,
o espírito de sabedoria e de inteligência,
o espírito de conselho e de fortaleza,
o espírito de ciência e de piedade
e enchei-os do espírito do vosso temor.
Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho,
que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo.**

Depois, todos nós respondemos: “**Amen**”.

Digam comigo: “Amen”! Isso mesmo, com alegria!

Ouviram quais são os dons que o Espírito Santo nos oferece? – Faz-nos mais sábios, mais fortes, mais piedosos, mais amigos de Deus.

6. *Convidado:*

Mas o Senhor Bispo ainda fez outra coisa muito importante.

*O catequista afixe ao centro do lenço a **fotografia da crismação** do convidado, que explica:*

Sabem o que o sr. Bispo está ali a fazer?...

Tem a mão outra vez sobre a minha cabeça.

E, com o dedo, que está ele a fazer na minha testa? – O sinal da cruz. Mas de um modo especial.

*O catequista mostre o **vaso com o santo óleo do Crisma** e explique:*

Aqui dentro deste vaso está azeite. Mas não é um azeite qualquer.

Os meninos já sabem para que serve o azeite. Lembram-se de quando nós falámos de Jesus como ungido? Até ouviram como se diz ungido, usando outras palavras: Cristo e Messias.

⁸ Oração registada na página 55 do catecismo.

Pois bem, Jesus chama-se Ungido, porque ninguém como Ele teve a força e a sabedoria do Espírito Santo.

E que tem de especial este azeite? Vamos já saber!

Convidado:

É um azeite que foi benzido pelos sr. Bispo para nos ungir. E, quando o benzeu, deitou-lhe perfume.

Pode dá-lo a cheirar às crianças:

Cheira mesmo bem, não cheira? E por que cheira ele tão bem?...

Eu explico:

O sr. Bispo molhou o dedo em azeite como este, e depois untou com ele a minha testa. Estão a ver na fotografia?...

E, ao mesmo tempo, disse-me:

"(Nome) recebe por este sinal o Espírito Santo, o dom de Deus".

E eu respondi: "Amen".

Depois fez-me uma carícia no rosto e disse-me:

"A paz esteja contigo."

E eu disse: "Amen".

A unção na testa é para eu ser forte, firme na minha fé.

A paz que ele me desejou é para eu ser uma pessoa de paz e a levar a toda a parte. E quem faz a paz como Jesus, é como uma pessoa que cheira bem. Nós sentimo-nos bem ao pé dela.

Quem faz a paz, anda a espalhar o conhecimento de Jesus. Eu fui ungido, para ser forte e espalhar o conhecimento de Jesus.

É o que estou aqui a fazer convosco: convidar-vos para viverem, como cristãos, com alegria, sabedoria e coragem.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. O Catequista afixe, por baixo do dístico "Confirmação", o dístico "Crisma" e pergunte:
Sabem o que quer dizer "Crisma"? Pensem um pouco...
Que significa Cristo em português?... – Ungido! Ora "Crisma" é parecido com Cristo", não é? Pois bem, "Crisma" significa... "Unção".
E o/a (nome do convidado) é um/a ungido/a. Ou, também, um cristão. Depois da unção com o Espírito Santo ficou um cristão mais forte... E a prova está aqui, no que ele hoje nos disse: como vive a sua vida de cristão.

Não acham que lhe devemos agradecer?... Eu também acho.

2. *Convidado:*

São muito simpáticos, mas eu vou pedir-vos uma coisa: em vez de me agradecerem a mim, que gostei tanto de estar aqui convosco e partilhar a minha experiência de cristão, vamos, todos – eu também – agradecer a Deus. A Ele é que eu devo a coragem para fazer o bem e para estar aqui convosco a falar do que Ele me tem dado e tem dado também ao vosso catequista e a cada um de vós.

Catequista:

Parece-me uma ideia muito boa! Afinal, o nosso convidado foi-nos enviado por Deus, Pai, Filho e Espírito Santo que, assim nos quer fazer ainda mais felizes.

Então, com ele, demos todos glória ao Senhor, de pé... Podemos até bater as palmas enquanto cantamos o **cântico**:

"Aleluia, glória ao Senhor".

(Estrofes:)

- "Glória ao Senhor, nosso Pai"...
- "Glória ao Senhor Jesus Cristo"...
- "Glória ao Espírito Santo"...

3. *O catequista afixe, de um e do outro lado do lenço, as **fotografias relativas às ofertas de Natal**, feitas pelas crianças, e comente:*

Agora, sim, já podemos ver outra vez as fotografias das nossas ofertas de Natal...

Acho que estão muito bem ali: em volta do lenço onde está escrito o que somos desde o nosso Baptismo. Porque somos de Cristo, oferecemos os nossos bens aos mais pobres. Fazemos como fez Jesus, que nasceu para todos e amava sobretudo os mais fracos, os mais pequenos, os mais pobres, para os fazer felizes.

A nós, faz-nos felizes, também porque desperta em nós a vontade de fazermos o bem. Quanto mais amamos os outros, mais felizes somos.

Quando forem crismados e confirmados, como o/a (*nome do convidado*), terão, como ele/ela, ainda mais força, coragem e sabedoria para espalharem o perfume de Jesus Cristo.

4. *E sabem o que acontece entre nós, quando fazemos o bem e falamos de Jesus Cristo?*

Olhem: quanto mais somos de Cristo, maior é a união entre nós.

Senão, digam-me: não ficámos todos, hoje, ainda mais amigos do/a (*nome do convidado*), por ele/ela nos ter falado tão bem do que Jesus fez e faz com ele/ela?

E sabem o que formamos, quando estamos todos unidos no amor de Jesus Cristo?...

– Somos aquilo que cantamos num **cântico** que já aprenderam, a propósito do Baptismo:

"Somos a Igreja de Cristo". Lembram-se?

O catequista ensaie rapidamente e sugira:

Podíamos cantá-lo juntamente com o/a (*nome do convidado*), que hoje nos ajudou a sermos, unidos, mais Igreja de Cristo.

Para mostrar como estamos unidos, cantemos de mãos dadas e (*se for possível*) fazendo uma roda. E podemos cantar ainda balanceando o nosso corpo...

Deixar que as crianças se coloquem na posição sugerida e depois cantem:

"Somos a Igreja de Cristo" (1ª e 2ª estrofe)

5. Compromisso

Só falta saber o que vão fazer durante esta semana. Que vos parece? ...

Eu proponho duas coisas:

- Primeiro: que abram o vosso catecismo na página 56 e, pensando bem em todas as coisas que hoje ouviram, desenhem a que mais gostaram.
- Segundo: que, depois, escolham alguma coisa para fazer como um verdadeiro cristão. Escrevam o que querem fazer, no espaço que tem a legenda "**Comporto-me como um verdadeiro cristão**", mas com o compromisso de que o vão fazer durante esta semana. Depois, no desenho do nosso lenço, que aí está, escrevem a data em que fizeram aquilo que já tinham escolhido e aí ficou registado: uma ocasião em que se comportaram como verdadeiros cristãos! (*Mostrar os espaços previstos na página 56*).
- Finalmente, para recordarmos o que aprendemos, preenchem o texto incompleto que começa com a frase "Sou de Cristo" (*mostrar*) e, porque esta é uma atitude cristã que cada um se esforça, pessoalmente, por aprender, colocam uma fotografia vossa ou fazem o vosso auto-retrato na moldura que aí está!

Para tudo isso,

Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

Crianças:

Graças a Deus.

Para guardar na memória e no coração

Pelo sacramento do Crisma, recebemos os dons do Espírito Santo que nos dá coragem para espalharmos o perfume de Jesus Cristo.

FORMAMOS UM SÓ CORPO

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O corpo humano: da realidade à metáfora

No que a nós, humanos, diz respeito, o corpo, em sentido próprio, é a estrutura física do nosso ser, composta de cabeça, tronco e membros, e em que cada parte e as partes de cada parte, sobretudo os órgãos, funcionam simultaneamente de forma autónoma e integrada: cada um com a sua função, todas diferentes, mas necessárias, porque obrigatoriamente complementares.

Uma maravilha da natureza ou, para o crente, do seu Criador. Até a medicina, com todos os seus sucessos, na prática mais não consegue do que contribuir para que cada mínima parte realize a tarefa que só a ela compete, permitindo que haja crescimento, desenvolvimento, bem-estar, vida. Reparemos no que, neste momento, está a acontecer na leitura destas letras: se lermos em alta voz, além dos olhos, entram em acção os ouvidos, a boca, com a língua e os dentes, as cordas vocais e até os pulmões, por onde passa o ar, portador dos sons articulados que proferimos. E, com tantos órgãos envolvidos, a leitura será certamente mais completa e proveitosa... para nós e para os outros. Deus queira! Com isto, já estamos a passar para o uso metafórico do termo corpo: a sua aplicação a todas as sociedades organizadas, desde os grupos mais pequenos, como a família, até aos maiores, como a nação e, num mundo cada vez mais globalizado, à humanidade, no seu conjunto de povos, raças e línguas. Também neles, a harmonia e a paz, o desenvolvimento e o progresso dependem do contributo de cada um dos seus membros. E, quanto mais numerosos e diferentes, melhores são os resultados de que todos e cada um podem usufruir, se cada um e todos devidamente realizarem a sua missão, para o bem comum. Mas, como levá-los a isso?

Dos inúmeros exemplos deste uso metafórico que nos chegam desde a antiguidade clássica, sobressai a fábula transmitida pelo pensador e escritor latino Tito Lívio. Conta ele que, pelo ano 494 a.C., a plebe de Roma, descontente pela falta de reconhecimento pelo trabalho, por vezes humilde e desprezível, que realizava, se afastou para o monte Célio. Foi então que a nobreza se apercebeu da sua verdadeira importância: sem

aqueles pobres plebeus, a cidade estava a paralisar. E como foram eles demovidos do seu intento? Através de um tal Menésio Agripa que, para isso, se serviu da comparação da organização e vida cidadina a um corpo, no qual membro algum pode funcionar sem o estômago. Mas também este, separado dos restantes membros, não pode sobreviver. Isto é, foi através do corpo humano que o corpo social de Roma readquiriu o seu funcionamento e a sua vida.

S. Paulo, conhecedor da metáfora e da sua força convincente, aplicou-a à Igreja. Mas com uma novidade, em relação a outros usos:

2. O Corpo de Cristo: da metáfora à realidade

A primeira vez que Paulo, nas suas cartas – e tendo presente a possível ordem cronológica em que foram escritas – relaciona o corpo humano com o organismo que é a Igreja, é em **1 Cor 12, 12-31**: *Pois como o corpo é um só e tem muitos membros e todos os membros do corpo, sendo muitos, são um só corpo...* (v.12). Qualquer leitor estaria à espera da seguinte conclusão: assim também a Igreja. Neste caso, estaríamos perante uma simples comparação, própria de uma metáfora.

Mas não. Inesperadamente, Paulo conclui: *... assim também Cristo*. Ou seja, a Igreja é Cristo. E, se dúvidas houvesse, mais à frente – e depois de expor como o corpo humano vive do imprescindível funcionamento de todos os seus órgãos e membros – afirma de um modo ainda mais explícito: *Vós sois o Corpo de Cristo e seus membros, cada um com a sua parte* (v. 27). Não se trata, portanto, de uma metáfora, mas de realidade: Cristo está de tal modo presente e actuante em cada cristão, que aquilo que cada um deles é e faz é obra de Cristo... se realizado com e como Cristo.

Isto pressupõe duas questões: como começa Cristo a viver em cada cristão e, na sequência disso, como actua cada cristão de acordo com Aquele que nele vive.

A resposta à primeira questão começa com 12, 3 e é completada em 12, 13, com a referência, respectivamente, à fé e ao Baptismo.

- À fé: *Ninguém pode dizer: "Jesus é Senhor", senão sob a acção do Espírito Santo*. Confessar que Jesus é Senhor, é reconhecê-lo no seu poder e dignidade divina. *Senhor* era, na tradição bíblica, aplicado só a Deus: *Escuta Israel! O Senhor é nosso Deus; o Senhor é único!... (Só) Ao Senhor, teu Deus, adorarás, (só) a Ele servirás* (Dt 6, 4.13). O título e a conseqüente veneração passaram a ser definitivamente atribuídos a Jesus, com a sua ressurreição de entre os mortos: *porque Ele se rebaixou a si mesmo, tomando-se obediente até à morte e morte de cruz, por isso mesmo é que Deus O superexaltou acima de tudo e o agraciou com o nome que está acima de todo o nome, para que ao nome de Jesus se dobrem todos os joelhos... e toda a língua proclame: "Jesus Cristo é Senhor!", para glória de Deus Pai* (Fil 2, 8-11).

Quem assim a Ele se dobra, obedece, isto é, submete-se ao que ouviu (do latim *ob-auditio*). Trata-se da *obediência da fé* (Rm 1, 5) ao anúncio de que *Deus O ressuscitou de entre os mortos* (Rm 10, 9). Uma Boa Nova portadora de vida: quem não anseia por vencer a morte? Ou, em vez de vida, portadora do Espírito: do *Espírito daquele*

que ressuscitou Cristo de entre os mortos (Rm 8, 11). Daí que a confissão de fé só seja possível sob a acção do Espírito. Ela é já um dom do Espírito que se apodera de quem crê.

- O Baptismo é a consumação sacramental desta adesão de fé: lavados do pecado que nos separa de Deus, somos por Ele adoptados como filhos e entramos na sua comunidade crente, onde, segundo as palavras de 1 Cor 12, 13, formamos *um só corpo*, no qual as diferenças (de judeus e gregos, escravos ou livres) deixem de ser motivo de separação e exclusão, pois *todos bebemos de um só Espírito*. Que o mesmo é dizer, de um só e mesmo amor, o de Deus, manifestado em Cristo. De tal modo que cada cristão pode exclamar: *Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. E a vida que agora tenho na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus que me amou e a si mesmo se entregou por mim* (Gl 2, 20).

Resta saber como é que esta vida e este amor de Cristo em mim concretamente se manifestam... na minha condição de membro do seu Corpo.

3. O realismo da caridade

As palavras de Paulo em 1 Cor 12-14 foram escritas para combater uma tentação em que, ainda hoje, em qualquer comunidade cristã se pode cair: a preferência por um dom do Espírito, em detrimento de outros. Entre os cristãos de Corinto era a chamada glossolalia, isto é, a capacidade de articular palavras e sons estranhos, sobretudo durante estados de transe ou êxtase, em celebrações litúrgicas. O perigo era duplo: para o próprio, o de agir para dar nas vistas, se tornar o centro das atenções; para os outros, o de os desprezar, de um modo implícito ou declarado. E todos perdiam: o próprio que, na prática, ocupava o lugar central que só a Cristo pertence; a comunidade que, impedida do contributo de todos, mais cedo ou mais tarde desapareceria.

Para que tal não viesse a acontecer, isto é, para salvaguardar a necessária diversidade de pessoas e qualidades numa vital unidade, Paulo acentua, em primeiro lugar, a sua gratuidade (12, 4-11). Chama aos dons do Espírito "carismas", um termo que deriva de *kharis* – "graça". Uma graça com origem em Deus, concretizada historicamente e, de um modo inexcelsível, na morte redentora de Cristo e oferecida a cada cristão pelo seu Espírito. Uma graça que se traduz num serviço desprendido e generoso em que cada um se dá todo, por vezes mais do que humanamente lhe é possível. Uma graça que tem como objectivo único o bem dos outros, a constituição da comunidade, onde todos são necessários.

E, se todos são necessários, há que respeitar e promover o contributo de todos, na sua dependência vital de Cristo, como membros vivos do seu Corpo (12, 14-26). Separado dele, membro algum pode subsistir. Todos temos necessidade dos outros, mesmo dos que realizam tarefas mais humildes, são mais fracos. Esses, sobretudo se são social e materialmente mais carenciados, merecem, por isso mesmo, uma especial solicitude. Há, entretanto, membros e carismas mais necessários (12, 27-31a). Então, eram os *Apóstolos*, testemunhas oculares e enviados de Cristo ressuscitado, com o Evangelho de

que nasciam as comunidades. Eram, depois, *os Profetas*, que as dirigiam e mantinham, e *os Mestres*, que as alimentavam, actualizando para cada situação a Palavra de Deus recebida. Uma Igreja, portanto, já então organizada hierarquicamente. Mas estar no topo significa, ainda hoje, mais disponibilidade, mais serviço, mais entrega, mais caridade. Por isso, aspirar aos melhores carismas é desejar dar-se mais, como e com Cristo, que a todos e por todos se deu totalmente, numa caridade ilimitada.

E, se dúvidas houver, percorra-se o *caminho que ultrapassa todos os outros* (12, 31b), o da caridade, descrito em 13, 1-13. É ela que dá sentido a tudo, se manifesta em acções muito concretas e reais e nos projecta para além de todos os limites do tempo e do espaço... e, por isso, nos faz infindavelmente felizes, já aqui, nomeadamente no exercício do carisma de catequista.

OBJECTIVOS

- Descobrir como, animados pelo Espírito Santo, formamos o Corpo de Cristo;
- Reconhecer que cada cristão tem uma tarefa imprescindível na Igreja, como seu membro;
- Contribuir, desde já, para a construção da Igreja, Corpo de Cristo.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Um dos efeitos principais dos sacramentos da iniciação cristã é a inserção activa dos cristãos na Igreja. Daí que esta catequese sobre Igreja como Corpo de Cristo comece e termine com uma referência ao sacramento do Crisma, tratado de um modo vivencial na catequese anterior. Ao mesmo tempo prepara as crianças para as próximas catequese sobre a Eucaristia, o sacramento por excelência do Corpo de Cristo e a maior fonte da comunhão entre os cristãos.
2. Procure-se que as crianças se sintam, simultaneamente, beneficiárias do contributo de outros cristãos para a construção da Igreja e colaboradoras activas nessa mesma construção. Para isso, convém que, por um lado, os carismas, ministérios ou actividades eclesiais referidos sejam exercidos por pessoas, tanto quanto possível, do seu conhecimento. Mas o catequista tenha o cuidado em não se alongar demasiado na explicação do que fazem essas pessoas. Basta que as crianças se apercebam da sua necessidade e utilidade dentro da comunidade cristã. Por outro lado, valorize-se aquilo que as crianças já fazem na Igreja, realçando o cunho eclesial que já têm as actividades que vêm realizando, designadamente no âmbito da catequese.

MATERIAIS

- Lenço branco relativo aos sacramentos de iniciação cristã, usado na catequese anterior;
- Figura de Cristo (no caso da 1ª alternativa da Experiência Humana, a recortar em tantas peças quantas as crianças do grupo, devidamente numeradas e de modo que seja praticamente impossível reconhecer a figura);

- Base em cartolina para afixar essas peças (1ª alternativa da Experiência Humana);
- Dístico "CORPO DE CRISTO" (na 2ª alternativa da Experiência Humana, a recortar, letra por letra, com as letras "CORPO" "D" numa cor e "E" "CRISTO" noutra cor);
- Base para afixar esse dístico (na 2ª Alternativa da Experiência Humana);
- Cola ou outro material para colar as peças ou as letras;
- Dístico "Vós sois";
- Esferográficas ou marcadores finos de várias cores;
- Círio pascal (catequese anterior);
- Duas folhas com o texto bíblico de 1 Cor 12, 12-14.27 (se necessário);
- Bíblia.

MÚSICAS

- "Somos a Igreja de Cristo";
- "Somos o Corpo de Cristo" (com a mesma melodia do cântico anterior).

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala

- No **placar**: ao centro, o lenço com "Sou de Cristo, Sou Feliz", referente à pessoa que, na catequese anterior, deu testemunho da sua Confirmação.
- Na **mesa**: a Bíblia e o círio pascal, apagado.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Alguns de vós, se calhar, estão a pensar que o/a (*nome*), que esteve aqui connosco na última catequese, se esqueceu de levar o lenço branco do seu Baptismo, Confirmação e 1ª Comunhão. Mas não é verdade. Ele/ela não se esqueceu. Eu é que lhe pedi que o deixasse para hoje.

E prometi-lhe que depois sereis vós (ou alguns de vós) a entregar-lho. E que, quando lho entregardes, lhe contareis o que vamos fazer e aprender nesta catequese.

Estais preparados?... Então, muita atenção ao que se vai passar nesta catequese.

Gostava, em primeiro lugar, que dissessem do que é que mais gostaram, de tudo o que ele/ela nos contou e que vós desenhastes no vosso catecismo, em casa.

Vamos abrir na página 56 para mostrar os vossos desenhos ou palavras e saber porque fizestes essa escolha.

Vamos começar pelo/a N... Mostra-nos o teu desenho e explica-nos porque gostaste mais desse aspecto do testemunho que ouvimos...

Depois de uma breve partilha da parte das crianças, o catequista conclua:

Não há dúvida que *o/a (nome do convidado)* nos ajudou, a cada um de nós, pelo seu testemunho, a ter mais vontade de sermos de Cristo, de estarmos próximos e unidos à vontade de Cristo, tal como nós cantámos no fim, dando-nos as mãos.

O que foi que cantámos?... Então cantemos, outra vez, e do mesmo modo: De pé... demo-nos as mãos... e balanceemos o corpo com alegria, enquanto cantamos:

"Somos a Igreja de Cristo" (1ª e 2ª estrofes)

2. Sentem-se...

Agora vamos fazer um jogo que nos ajuda a perceber, ainda melhor, como é que nós somos mesmo Igreja de Cristo. É um puzzle.

1ª Alternativa

Grupo pequeno

O catequista distribua por cada criança do grupo uma das **peças da figura de Cristo**, numeradas no verso e de baixo para cima. Depois diga:

Já olharam bem para o pedaço do puzzle que vos calhou?...

Cada um recebeu uma peça. Olhando cada um para a sua, conseguem adivinhar o que é que todas as peças juntas podem formar?...

É difícil, porque uma peça sozinha, isolada, diz-nos pouco sobre a grande ilustração que vamos descobrir.

Para descobrir qual é o desenho, o que é que estes traços significam, temos de ser capazes de o reconstruir. Mas, hoje, para nos ajudar, cada peça tem um número por trás. Esse número indica-nos o lugar de cada peça.

Então, vamos começar. Quem tem o número um?...

Cada criança, pela ordem dos números, vem à frente e, com a ajuda do catequista, afixa a sua peça numa base de cartolina, entretanto afixada no placar, a cobrir o lenço referente ao Baptismo.

A ordem é de baixo para cima, de tal modo que o catequista possa ir perguntando às crianças se já estão a ver de que figura se trata.

No final pergunte:

Temos a figura de uma pessoa... Quem será?...

Deixe que as crianças se expressem e, depois, diga apenas:

Quem vai dizer se está certo o que disseram, não sou eu. A resposta certa está aqui, na Bíblia.

Grupo grande

O catequista convida treze crianças a irem à frente e dê a cada uma delas uma das **letras do dístico "CORPO DE CRISTO"** ("CORPO" e "D" numa cor e "E" e "CRISTO" noutra). As letras devem ser distribuídas a esmo, isto é, fora do seu lugar nas palavras do dístico.

Se o espaço for pequeno e/ou o grupo não for suficientemente numeroso para algumas crianças ficarem sem letras, pode entregar-se à mesma criança duas letras. Neste caso, as que seguram as letras são, obviamente, menos de treze.

As crianças com as letras alinham-se, voltadas para as restantes, pela ordem em que são chamadas. Depois, o catequista dirige-se às que ficaram sentadas:

Estão a ver que se trata de um puzzle de letras. Só que elas estão todas fora do lugar... Assim como estão, não têm sentido nenhum: não formam palavras...

Pois bem, o que deveis fazer é colocar as letras no seu devido lugar.

Para ser mais fácil, eu proponho que os meninos ou meninas que têm letras da mesma cor se ponham num lado e as outras no outro...

Depois disso e ainda para as crianças sentadas:

Agora sois vós que tendes de descobrir a ordem das letras. Vamos a isso...

As crianças com as letras vão-se deslocando, conforme as indicações das restantes e, naturalmente, com a ajuda do catequista, para que a reconstrução não dure muito tempo.

Depois de ordenadas as letras, as crianças, com a ajuda do catequista, colam-nas numa base de cartolina que é afixada na parte superior do placar.

A seguir, o catequista comenta:

"Corpo de Cristo"!

Será que estas palavras têm alguma coisa a ver connosco?...

Vamos ouvir o que nos diz a Bíblia.

II. PALAVRA

1. O catequista acenda o cirio pascal, abra a Bíblia em **1 Cor 12, 12-14.27**. Se houver duas crianças capazes de ler bem, e se tiverem sido devidamente preparadas, convida-as, como 1º e 2º leitores, para junto de si. Depois introduza a leitura:

Quem nos vai explicar tudo é S. Paulo, um dos maiores amigos de Jesus.

Foi ele que escreveu, numa carta aos cristãos numa cidade chamada Corinto, o que nós vamos ler. Ele é que nos vai mostrar o significado do puzzle que vós acabais de reconstruir. Portanto, oiçam com muita atenção.

Catequista:

Leitura da primeira carta de São Paulo aos Coríntios:

(1º leitor:)

Irmãos,

**como o corpo é um só e tem muitos membros,
e todos os membros do corpo,
apesar de serem muitos, formam um só corpo,
assim é também com Cristo.**

(2º leitor:)

De facto, num só Espírito,

**fomos todos baptizados para formar um só corpo,
quer judeus quer gregos, quer escravos quer livres,
e todos bebemos de um só Espírito.**

**Pois também o corpo não é composto de um só membro,
mas de muitos.**

(1º leitor:)

**Vós sois o Corpo de Cristo
e cada um, pela sua parte,
é um membro.**

(Catequista:)

Palavra do Senhor.

Crianças:

Graças a Deus.

2. O catequista, depois de pousar a Bíblia (e de os leitores se retirarem para o seu lugar), pergunte, de acordo com as alternativas antes seguidas:

1ª Alternativa

Afinal de quem é aquele corpo (apontando para o placar)?...

Depois das respostas das crianças, se necessário corrigidas, afixe, na parte superior, o **dístico "CORPO DE CRISTO"**, sem mais comentários.

2ª Alternativa

O catequista afixe no placar a **figura de Cristo**, usada na 1ª alternativa e no mesmo lugar aí indicado: cobrindo o lenço referente ao Baptismo e pergunte:

Afinal de quem é esta figura?... é de Cristo.

Para as duas alternativas:

E quem é que forma o Corpo de Cristo?... Que nos acabou de dizer São Paulo?...

O catequista afixe, por cima do dístico "CORPO DE CRISTO", o **dístico: "Vós sois"**: e diga às crianças:

"Vós sois corpo de Cristo".

Vós quem?... Só tu (*nome de uma criança do grupo*)? Só tu (*outra*)?

Não, não pode ser cada um de nós, sozinho.

Como é que S. Paulo chama a cada um de nós?... – Um... "membro".

É tal e qual como no nosso corpo. Ora repare cada um no seu corpo... Temos... mãos... pés... ouvidos... olhos... boca...

Boca, para quê?... Para falar, comer. Olhos para?... ver. Pés para... andar. E se o nosso corpo não tivesse ouvidos?... Não me estariam a ouvir.

Não acham que o nosso corpo está bem feito?! Tantos membros e todos diferentes!...

Mas, só assim é que ele funciona. Se um membro falha, o que acontece? Por exemplo, se uma mão ou um pé se aleija ou até se parte? São só eles que sofrem? Claro que não: é o corpo todo que fica a sofrer.

Só nos sentimos bem, quando todos os nossos membros, da cabeça aos pés, estão em ordem. Sim, porque nós precisamos de todos eles.

3. Agora, olhem outra vez para o placar... E pensemos noutras pessoas, todas diferentes, mas que fazem parte do Corpo de Cristo: pessoas de quem nós precisamos para sermos de Cristo e nos sentirmos felizes por isso.

Quem são as pessoas que mais nos têm ajudado a ser cristãos? Não interessa tanto como elas se chamam, mas aquilo que fazem.

Digam lá, que eu até vou escrever o que elas fazem na figura que representa Jesus.

O catequista vá escrevendo os ministérios, a seguir indicados, em várias cores, como sinal da sua diversidade, e até a figura de Jesus ficar cheia.

Podemos começar por aquelas pessoas que encontramos na igreja, quando lá vamos, por exemplo à Missa:

- Quem é que celebra a Missa ou nos baptiza?... O sr. **Padre**...
Muito bem.
- E quem é que crisma? Por exemplo o/a (*nome*) que esteve aqui connosco, foi crismado/a por quem?... o sr. **Bispo**.
- E em Roma, como se chama o Bispo de Roma? - O **Papa**.
- E que mais pessoas ajudam para que a missa decorra bem?...
 - os **acólitos** que estão junto do altar...
 - os **leitores**, que lêem da Bíblia e algumas orações.
 - os **cantores**, o **organista**...
- E quem prepara a igreja?... O **sacristão**.
- E quem às vezes ajuda a dar a comunhão?... **Ministro da comunhão**.

Já temos tantos grupos de pessoas, membros do Corpo de Cristo. Mas há muitos mais. Agora podemos falar de pessoas que ajudam fora da missa.

- Por exemplo, quem ensina os outros a conhecer Jesus?... **Catequistas; professores**. E os **pais**?... Claro, eles mais do que ninguém. A muitos de vós, foram os pais os primeiros a ensinar a rezar. Ou os **avós**.
- E não conhecem pessoas que habitualmente visitam os doentes e os idosos? - **os visitantes de doentes ou de presos**.
- E pessoas que vão para longe anunciar Jesus?... são os **missionários**.
- *Outras missões conhecidas na paróquia ...*

Pronto. Já chega para sabermos que são muitas as pessoas que vivem como membros do Corpo de Cristo: cada uma com o seu trabalho, com aquilo para que tem jeito e gosto e é capaz de fazer. E todos são precisos.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. E quem é que faz com que estas pessoas sejam, assim, membros do Corpo de Cristo?...
S. Paulo disse-nos há pouco quem é... O Espírito Santo.

Ele é que nos dá força, coragem e nos ensina. Mas o que é que nos ensina Ele?
O mesmo que Jesus fez. Sim, porque o que nós fazemos hoje, muitas dessas coisas, eram aquelas que Jesus fazia. Hoje Ele faz através de nós.

E quando é que nós recebemos o Espírito Santo pela 1ª vez?... Foi no nosso Baptismo. Quer dizer que (muitos de) vós já sois membros do Corpo de Cristo. Que bom! O/A (*nome de todas crianças*) e todos os outros, são todos membros do Corpo de Cristo.

Não são ainda acólitos, cantores, leitores... Mas podem vir a ser. E algumas coisas já fazem. Por exemplo aqui na catequese.

Não fostes vós que hoje formastes aquele puzzle?... E foi só um, ou foram muitos?... Estão a ver: até a formar aquele puzzle, todos colaboraram, cada um com a sua parte (ou a sua letra). Estiveram a fazer o que está lá escrito: o Corpo de Cristo, cada um com a sua parte.

E que mais fazeis na catequese, para sermos todos membros do Corpo de Cristo? Cantais, rezais, fazeis leituras (como aconteceu hoje, *se tiver sido o caso*)... E ides à igreja, onde também rezamos e cantamos e, às vezes, até fazemos leituras.

E há ainda mais uma coisa muito bela que vós fizestes. Que foi?... – As prendas que oferecestes pelo Natal. Quem é que nos levou a fazer isso?... O Espírito Santo, que esteve em Jesus e já está em nós.

2. Estou cá a pensar: se todos nós já somos membros do Corpo de Cristo, então podíamos cantar aquele cântico que cantámos no princípio: "Somos a Igreja de Cristo".

Mas eu proponho que mudemos um bocadinho do cântico: em vez de dizermos "Somos a Igreja de Cristo, podemos cantar: "Somos o Corpo de Cristo". Sabem porquê?

É que nós pertencemos à Igreja, porque pertencemos a Cristo, porque somos de Cristo. Porque Jesus Cristo, através do Espírito Santo, está em cada um de nós. Portanto, somos Igreja de Cristo, porque somos Corpo de Cristo.

E uma vez que hoje descobrimos isto, vamos cantar como eu propus.

E eu proponho ainda que, em vez de nos darmos só as mãos, nos abracemos uns aos outros: cada um com as mãos por cima do ombro dos colegas que estão ao lado. E até podemos fazer todos uma roda, em volta de Jesus. Eu mudo a mesa com a Bíblia e a luz de Cristo para o meio, para podermos fazer melhor a roda.

Depois de se organizarem, como está dito, cantem:

"Somos o Corpo de Cristo" (1ª, 2ª e 3ª estrofes).

3. Compromisso

Só falta uma coisa: levar o lenço branco ao/à (*nome*) que esteve aqui connosco a ajudar-nos, também ele/ela, a sermos Corpo de Cristo.

Mas antes disso, tenho uma coisa a propor para fazerem lá em casa: que pensem um pouco em tudo o que nós estivemos a fazer, a ver e a ouvir. Para isso têm a ajuda do catecismo, na página 59. Reparem que estão lá ilustrados alguns dos trabalhos e das

actividades que nós podemos realizar como membros do Corpo de Cristo. Pois bem: escolham uma tarefa para desempenhar e expliquem porquê: na página 60 estão aí umas linhas no puzzle, à espera da vossa resposta. Este puzzle mostra como é que, todos juntos, somos o corpo de Cristo, somos membros do corpo de Cristo, cada um uma pequena parte que lá faz muita falta!

E quanto ao nosso/a convidado/a, quem se oferece para, comigo, ir ter com ele/ela?

Conforme as possibilidades e circunstâncias, pode ir todo o grupo ou só uma representação ou, como última hipótese, só o catequista. Adaptem-se as seguintes palavras à modalidade por que se opte:

Os que forem, não se esqueçam que lhe vamos agradecer a colaboração que nos deu. E contar-lhe o que hoje aprendemos. Dizer-lhe que agora já compreendemos que ele/ela veio aqui como membro do Corpo de Cristo. E até lhe podemos cantar o cântico que acabámos de cantar, mas dizendo “Somos o Corpo de Cristo”.

O catequista retira o lenço do placar, embrulha-o de um modo condigno e entrega-o às crianças. Depois diga:

Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

Crianças:

Graças a Deus.

Convém que a pessoa, a quem as crianças vão entregar o lenço, esteja avisada. O catequista pode mesmo ter já marcado com ela a data e o local da visita, de tal modo que a pessoa possa contar às crianças mais algumas actividades que ele/ela realiza, como membro activo da Igreja, e recompensá-las pela visita.

Para guardar na memória e no coração

O Espírito Santo, que recebemos pela primeira vez no Baptismo, faz de cada um de nós membro do Corpo de Cristo, que é a Igreja.

COMUNGAMOS O CORPO DE CRISTO

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A Missa, porquê?

É provável que muitas pessoas, mesmo entre os cristãos, se admirem com a frequência e insistência com que sobretudo os responsáveis da Igreja falam da necessidade e da obrigação, para cada cristão, de participar na Eucaristia, pelo menos na dominical. Bem se podem aplicar, aqui, as palavras de S. Paulo a Timóteo, sobre o dever de proclamar a Palavra de Deus: *Insiste em tempo propício e fora dele, convence, repreende, exorta com toda a compreensão e competência* (2 Tim 4, 2). De facto, assim acontece – e bem – relativamente à Eucaristia. Porquê, perguntam muitos, talvez até alguns catequistas. As razões são de dois géneros: têm a ver com o que é a Eucaristia e com o que se está a passar na atitude de cada vez mais cristãos em relação a ela.

Para a Igreja, no seu conjunto, pode dizer-se que ela é impensável sem este sacramento. No dizer Bento XVI, na exortação apostólica pós-sinodal “Sacramento da Caridade” (n. 14), “o próprio Cristo, no sacrifício da cruz, gerou a Igreja como sua esposa e seu corpo”. E, sendo a Eucaristia o sacramento que por excelência perpetua e actualiza para todos os tempos e lugares tal geração, pode concluir-se, ainda com o Papa, que a Igreja “vive da Eucaristia... A Eucaristia é Cristo que se dá a nós, edificando-nos continuamente como seu Corpo.”

Assim sendo, cada cristão só entra plenamente nesse Corpo pela Eucaristia. Isto é, “o caminho da iniciação cristã tem como ponto de referência tornar possível o acesso a tal sacramento. (...) É a participação no sacrifício eucarístico que aperfeiçoa em nós o que recebemos no Baptismo. Também os dons do Espírito Santo são concedidos para a edificação do Corpo de Cristo (1 Cor 12) e o crescimento do testemunho evangélico no mundo” (Ibidem 17). Numa palavra, dita pelo II Concílio do Vaticano: a Eucaristia é “fonte e cume de toda a vida cristã” (SC 47).

Na realidade, porém, tal não está a acontecer, pelo menos em muitos casos e cada vez mais. Fixando-nos apenas na caminhada catequética das crianças, para muitas delas a primeira comunhão é também a última, ou quase. E, até lá chegarem, em muitas

comunidades cristãs é diminuto o número de crianças que habitualmente se vêem na igreja, ao Domingo.

Dizem alguns que é por falta de condições para uma participação activa. A missa para elas é uma "seca". Mas, que género de participação? Ouçamos o Papa: "Convém (...) deixar claro que não se pretende, com tal palavra, aludir a uma mera actividade exterior durante a celebração; na realidade, a participação activa (...) deve ser entendida, em termos mais substanciais, a partir de uma maior consciência do mistério que é celebrado e da sua relação com a vida quotidiana" (Sa Ca 52). E se isso é válido para os adultos, muito mais para as crianças: para elas, o tempo quase deixa de existir, quando ocupado com alguma coisa ou alguém que as prenda, que tenha a ver com a sua vida, com os seus desejos e aspirações mais profundas. Porque não a Eucaristia?

2. A Missa, para quê?

Entre outras, há uma razão profunda, para este desinteresse pela Eucaristia, que merece uma especial atenção. Até porque ela está subjacente aos dois textos bíblicos proclamados e reflectidos nesta catequese.

Em **Jo 6, 26ss**, essa razão é apresentada pelo próprio Jesus à multidão que o procura, depois de por Ele saciada com a miraculosa multiplicação dos pães: *Vós procurais-me, não porque vistas sinais, mas porque comestes pães e ficastes saciados* (v. 26). Isto é, aquela gente continua limitada à materialidade da vida, como se para ela bastasse unicamente o comer e beber. Um materialismo e hedonismo que, ainda hoje e cada vez mais, não se compadece de nada nem de ninguém. E entre as maiores vítimas estão as crianças.

Vive-se num materialismo que se torna mesmo uma idolatria, semelhante àquela para a qual S. Paulo chama a atenção, no contexto em que escreve as palavras de **1Cor 10, 16-17**: *Meus caros, fugi da idolatria* (v. 14). Então, era o consumo de carnes imoladas aos ídolos. Numa cidade como Corinto, a oferta era grande. A maioria desses ídolos era, como também hoje, constituída por bens de que precisamos para viver, mas que, se endeusados e adorados, acabam por destruir a vida, em nós e nos outros. Ou não é por ventura a idolatria das riquezas e do poder, nas suas diversas manifestações, que está na origem de tantos males?

Daí a actualidade da exortação de Jesus: *Trabalhai, não pela comida que se perde, mas pelo alimento que dura até à vida eterna e que o Filho do Homem vos dará* (Jo 6, 27). A vida é eterna – no dizer do Papa Bento XVI – quando mergulhada "no oceano infinito do amor" (Salvos na Esperança 12). Um amor que, na vida terrena de Cristo, começou já com a encarnação e atingiu o seu grau máximo na total oferta da vida, até à última gota de sangue e água (Jo 19, 34). Foi então que Ele levou o seu amor àquele extremo (Jo 13,1) que lhe permitiu triunfar para sempre sobre a morte... e ficar conosco, designadamente através dos sacramentos pelos quais nos oferece essa vida: o Baptismo e a Eucaristia, simbolizados, respectivamente, pela água e pelo sangue.

É nesse sentido que Ele nos continua a dizer: *Eu sou o pão vivo que desceu do Céu*, numa alusão à sua encarnação, a que junta a referência à sua morte gloriosa: *e o pão que eu darei é a minha carne, pela vida do mundo. Quem comer deste pão viverá eternamente* (Jo 6, 51). Uma eternidade – a do amor sem limites – que começa já nesta vida, pela entrega de fé. A obra de Deus que Ele nos convida a realizar, para termos acesso a esse pão vivo, é esta: *Crer naquele que me enviou* (Jo 6, 39).

E, na medida em que comemos esse pão que a fé nos leva a reconhecer como “Corpo de Cristo”, tornamo-nos mais membros desse Corpo, neste caso, a sua Igreja. É Paulo quem o diz: *O pão que partimos não é comunhão com o Corpo de Cristo? Uma vez que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, porque todos comungamos desse único pão* (1 Cor 10, 16b-17). A Igreja, porque nasce e vive do Corpo eucarístico de Cristo, torna-se ela própria “Corpo de Cristo”, no qual cada um dos seus membros vive do amor que o Corpo eucarístico lhe transmite.

Da comunhão com Ele nasce a comunhão entre nós. E aí, sim, começamos já a ter e a saborear aquela vida que é muito mais do que o alimento que comemos. Ou, se preferirmos, aquela vida que se constrói pela sua partilha, incluindo a do alimento de que continuamos a precisar para viver: nós e aqueles a quem o damos, dando-nos naquilo que lhes damos... a começar pela celebração da Eucaristia.

3. A Missa, como?

Limitamo-nos, por enquanto, à parte da celebração relativa à comunhão, contemplando e saboreando alguns dos seus ritos mais significativos, pela especial comunhão que podem criar com Deus, presente em Cristo sacramentado, e, nele, entre os participantes.

A saudação de paz, segundo Bento XVI, “é, sem dúvida, um sinal de grande valor (Jo 14, 27). Neste nosso tempo, pavorosamente cheio de conflitos, tal gesto adquire um relevo particular (...). A Igreja dá voz ao pedido de paz e reconciliação que brota do espírito de cada pessoa de boa vontade, apresentando-o àquele que «é a nossa paz» (Ef 2, 14) e pode pacificar de novo povos e pessoas, mesmo onde tiverem falido os esforços humanos. A partir de tudo isto, é possível compreender a intensidade com que frequentemente é sentido o rito da paz, na celebração litúrgica.”

Mas há um perigo: o de o gesto “assumir expressões excessivas, suscitando um pouco de confusão na assembleia, precisamente antes da comunhão. É bom lembrar que nada tira ao alto valor do gesto a sobriedade necessária para se manter um clima apropriado à celebração, limitando, por exemplo, a saudação da paz a quem está mais próximo” (Sa Ca 49).

É que nada nos deve desviar daquele que está no centro da celebração e, de seguida, nos é apresentado como “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”. Mesmo limpo de todo o pecado grave – uma condição para poder comungar – perante a grandeza e o poder daquele que assim nos é apresentado, “o fiel só pode retomar humildemente e com ardente fé a palavra do centurião: «Senhor, eu não sou digno de que entreis na minha morada, mas dissei uma [só] palavra e serei salvo» (cf. Mt 8, 8)” (CIC 1386).

Finalmente ouçamos S. Agostinho acerca do acto em que recebemos o Pão do Céu, o Corpo de Cristo: "Se sois de Cristo e seus membros, é o vosso sacramento que está colocado sobre a mesa do Senhor, é o vosso sacramento que recebeis. Vós respondeis «Amen» [«sim, é verdade!»] àquilo que recebeis e, ao responder, o subscreveis. Tu ouves esta palavra: «o Corpo de Cristo»; e respondes: «Amen». Então, sê um membro de Cristo, para que o teu «Amen» seja verdadeiro" (citado em CIC 1396).

E se for verdadeiro, essa verdade ou sinceridade notar-se-á, alastrar-se-á, nomeadamente, entre aqueles que, na mesma celebração, dela são testemunhas. Não será isso que falta a tantas das nossas celebrações? Não será essa uma das razões que leva crianças e jovens a ausentarem-se delas? Quando nelas os adultos, a começar por aqueles a quem afectivamente estão mais ligadas, não lhes mostram aquilo de que elas precisam e as deleita: o calor do amor a brotar do coração e dos lábios de quem está verdadeiramente possuído por Cristo!

OBJECTIVOS

- Aperceber-se da importância do pão na nossa alimentação;
- Descobrir Cristo como Pão da Vida, vinda de Deus;
- Iniciar nos ritos da comunhão eucarística;
- Estabelecer a relação entre a comunhão eucarística do Corpo de Cristo e a comunhão entre os membros da Igreja como Corpo de Cristo;

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Com esta catequese, abre-se uma primeira série sobre o sacramento da Eucaristia, o último e o cume dos sacramentos da iniciação cristã. Daí que ela se siga imediatamente às três precedentes sobre os sacramentos do Baptismo e da Confirmação. Para elo de ligação entre eles, escolheu-se um dos seus efeitos mais importantes: a inserção na Igreja, como Corpo de Cristo. Uma inserção que se apoia na intervenção de cristãos que, pelo seu lugar e actividade na Igreja, mais podem ajudar as crianças: a pessoa que deu testemunho da sua vida cristã, a partir do seu Crisma, ou o sacerdote responsável pela comunidade. Num caso ou no outro, pessoas do conhecimento das crianças.
2. Devido à mesma relação entre os três sacramentos, começa-se a Eucaristia pelo Rito da Comunhão, isto é, praticamente pelo fim, tendo em conta as partes da celebração eucarística. Seguir-se-á a Liturgia Eucarística e, no fim, a Liturgia da Palavra. É que, de facto, ambas convergem para a Comunhão. Mais tarde, serão abordadas de novo, mas então pela ordem da sua celebração.
3. É importante que as pessoas que oferecem o pão e, com ele, enviam os restantes elementos em que a catequese se apoia, sejam mesmo contactadas pelo catequista: para que elas próprias, como membros da comunidade, saibam do contributo que estão a dar à catequese; e para que as crianças não sejam defraudadas, para o caso, provável, de se virem a encontrar com elas.

4. Para esta catequese é recomendado o uso de três fotografias relativas aos Ritos da Comunhão, na celebração eucarística. Serão muito mais sugestivas, se forem de pessoas conhecidas das crianças. De qualquer modo, preste-se atenção sobretudo ao seu tamanho: devem poder ser vistas e reconhecidas pelas crianças dos lugares onde se sentam na sala de catequese e, principalmente, devem ser do mesmo tamanho das que vão ser propostas para a catequese seguinte sobre os ritos principais da Liturgia Eucarística, de modo que as seis (três desta catequese e três da próxima) formem o conjunto assinalado no Documento 1 da próxima catequese.
5. No final da Expressão de Fé, é sugerido às crianças que levem para casa a fatia de pão que então lhes é entregue. Pede-se-lhes também que a partilhem durante uma refeição familiar, pelo menos com os pais (ou seus substitutos). O ideal será que desta refeição se faça uma fotografia, do formato das anteriores e com os membros da família em volta da mesa da refeição. Tal fotografia pode ser muito útil na próxima catequese. Se o catequista conhecer pais que sejam mais sensíveis à caminhada catequética dos seus filhos e, portanto, irão realizar, com o filho, a refeição proposta, peça-lhes que façam essa fotografia e lha entreguem até à próxima catequese.

MATERIAIS

- Figura de Cristo (catequese anterior);
- Díptico "Sois Corpo de Cristo" (catequese anterior);
- Um pão grande (ou dois, se o grupo for numeroso), já dividido em tantas fatias, quantas as crianças e os catequistas;
- Uma cesta para o pão;
- Um pano para cobrir o pão;
- Guardanapos ou outro material para embrulhar as fatias de pão que levarão para casa;
- Um envelope com duas mensagens (ver Desenvolvimento) e três fotografias relativas aos Ritos da Comunhão: acto de comungar, apresentação do pão eucarístico ("Eis o cordeiro de Deus"...) e gesto de paz, enviadas pela pessoa que oferece o pão (a que testemunhou sobre o crisma ou o sacerdote responsável pela comunidade cristã ou que aí celebra a Eucaristia);
- Dípticos: "Jesus é o Pão do céu"; "Comungamos o" ("Corpo de Cristo"); "Comunhão";
- Círio pascal (catequese anteriores);
- Bíblia;
- Folhas com o texto bíblico de Jo 6,26-27.33-35.52, em número correspondente ao dos leitores e com as partes de cada um devidamente assinaladas, se se optar pela leitura dialogada (ver Palavra).

MÚSICAS

- "Somos o Corpo de Cristo" (melodia de "Somos a Igreja de Cristo");
- "Dá-nos Senhor deste pão";
- "Formamos um só corpo".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala

- No **placar**: a figura de Jesus, com os diversos ministérios e serviços, (catequese anterior) e, por cima, o mesmo dístico: “Vós sois Corpo de Cristo”.
- Na **mesa**: a Bíblia, ladeada do círio pascal e de uma cesta com um pão grande (se necessário dois), já dividido em tantas fatias, quantas as crianças e os catequistas, e devidamente coberto (de modo que as crianças se não apercebam dele).
- As **cadeiras** das crianças, se possível, estejam em semicírculo.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista pede às crianças que, na sequência da catequese anterior, foram entregar o lenço baptismal à pessoa aí referida, contem como decorreu a visita:*
 - *como foram recebidas;*
 - *se contaram o que aprenderam e viveram na catequese “Formamos o Corpo de Cristo”;*
 - *se cantaram o cântico “Somos a Igreja de Cristo” com a nova letra “Somos o Corpo de Cristo”;*

Agradeça-lhes o modo como executaram a tarefa, adaptando as seguintes palavras:

Estou muito contente convosco. Acho que assim contribuíram para que todos sejamos ainda mais “o Corpo de Cristo” (*pode apontar o respectivo dístico*).

Por isso, ainda sinto mais vontade de cantarmos este **cântico** tão belo. E, de certeza, vós também. Mas como fizemos no final da última catequese: abraçando-nos uns aos outros e movendo o nosso corpo.

Então ponham-se de pé... coloquemos os braços uns por cima dos ombros dos outros... e cantemos com alegria:

“Somos o Corpo de Cristo” (1ª e 3ª estrofes).

2. Podem sentar-se...

Alguns de vós, de certeza, já perguntaram o que estará aqui nesta cesta... Que será?... *Depois de as crianças se exprimirem, o catequista limite-se a convidar uma criança a descobrir o cesto, e, com ele nas mãos, a mostrar o conteúdo:*

Um pão! E que grande ele é! Sabem quem o ofereceu?

1ª Alternativa

Imaginem!... Foi (*nome da pessoa visitada pelas crianças*).

Ficou tão contente e agradecido/a com a vossa visita, que vos mandou este pão, tão grande e tão belo.

Vejam lá se conseguem adivinhar...

Foi o sr. Padre, aquele que celebra a missa para nós.

Eu contei-lhe o que nós fizemos na última catequese: como colocámos o nome dele ali no placar, no corpo de Cristo, juntamente com outras pessoas, membros do Corpo de Cristo. E ele, então, teve a ideia de nos mandar este pão tão belo e tão grande.

3. Para as duas alternativas:

Mas, não mandou só o pão. Entregou-me também um envelope com umas palavras e mais algumas coisas... Que será?...

O catequista tire do envelope a 1ª folha:

Primeiro vem esta folha com umas palavras muito interessantes... A primeira é:

"Bom Apetite".

Quer dizer que o pão é mesmo para nós comermos!

Que bom! Se calhar alguns de vós até estão mesmo com apetite...

Mesmo que não estejam, todos nós gostamos de pão. E precisamos de pão...e de outros alimentos. Se não comemos o que é que nos acontece?... Claro, adoecemos e podemos mesmo morrer. Infelizmente há ainda muitas pessoas, meninos como vós, a morrer à fome.

Mas atenção, o/a (*nome*) não escreveu apenas "Bom apetite". Tem aqui mais umas palavras. Quem de vós quer ler para os outros?

A criança escolhida vai à frente e leia para as outras:

"Bom apetite!

Mas lembrem-se de que há um pão muito melhor do que este".

(Assinatura e nome).

O catequista pode repetir a mensagem. Depois afixe a folha num dos lados da figura de Jesus e diga:

Um pão melhor do que este!...

É natural que as crianças se sintam impelidas a falar do pão de que mais gostam; o catequista ouça alguns comentários, mas sublinhe:

O que é que isto querará dizer?... De certeza que o/a (*nome*) se está a referir a umas palavras de Jesus. Vamos saber quais são!

II. PALAVRA

1. *O catequista peça a uma criança para acender o círio pascal, se for capaz, e – depois de abrir a Bíblia em Jo 6, 26-27.33-34.51 – prepare a leitura com as seguintes palavras:*

Lembram-se de, no ano passado, terem ouvido contar um milagre que Jesus fez? Aquele em que andavam muitas pessoas com Ele e, às tantas, começaram a ficar com fome. Que lhes fez Jesus? Em vez de as mandar embora, pegou em cinco pães que uma pessoa tinha, deu graças a Deus por aqueles pães, entregou-os aos discípulos que, por sua vez, os distribuíram por todos. E todos conseguiram comer. E eram cinco mil pessoas, uma multidão! Chegou para todos e ainda sobraram doze cestos. Foi mesmo um grande milagre.

E, claro, com um milagre assim, aquelas pessoas já não se queriam ir embora, mas ficar com Jesus. Até que Jesus se voltou para elas e lhes disse umas palavras muito importantes. Vamos ouvir com muita atenção e respeito.

A leitura pode ser feita pelo catequista e mais dois catequistas ou mesmo crianças, se realmente souberem ler. Depois de todas estarem à frente, de um lado e do outro do catequista, este convide as crianças a levantarem-se.

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

Catequista:

Naquele tempo, disse Jesus:

1º leitor:

**«Vós procurais-me,
não porque vistes milagres,
mas porque comestes pães
e ficastes saciados.**

**Trabalhai, não pela comida que se perde,
mas pelo alimento que dura até à vida eterna
e que o Filho do Homem vos dará.**

**O pão de Deus é o que desce do Céu
para dar a vida ao mundo.»**

O catequista comente:

O pão de Deus que desce do Céu?... Um pão que mata a fome para sempre?!... Com um pão assim, sabem o que aquelas pessoas disseram?

2º leitor:

“Senhor, dá-nos sempre desse pão!”

Catequista:

Peçamos também nós esse pão. Digamos todos ao mesmo tempo:

Senhor, dá-nos sempre desse pão! (Pode repetir-se).

Mas que pão será esse que vem do Céu?...Jesus explica-nos:

1º leitor:

**«Eu sou o pão vivo
que desceu do Céu.
Quem comer deste pão
viverá eternamente,
E o pão que eu hei-de dar
é a minha carne
que eu darei pela vida do mundo.»**

Catequista:

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

2. O catequista, depois de pousar a Bíblia e de mandar sentar as crianças, afixe, do outro lado da figura de Jesus, o **dístico “Jesus é o pão do Céu”** e diga:

Agora já perceberam por que é que o/a (nome) nos escreveu que há um pão melhor do que este (apontando para o pão em cima da mesa)?

É o pão do Céu. E esse pão é Jesus.

É Jesus, que Deus nos enviou do Céu através de Maria sua Mãe. E Jesus, descido do Céu, fez tanto bem a todas as pessoas, amou-nos tanto, que deu a sua vida por nós.

Mas, como já sabem, Ele ressuscitou. E, ao ressuscitar, ficou conosco para sempre. E continua a amar-nos, mais do que ninguém. Nem os bons pais e as boas mães conseguem amar tanto como Jesus.

É Ele que nos ajuda, aos pais e a nós, a sermos bons, a amar os outros: a não pensarmos só em nós, mas a partilhar tantas coisas com os outros. Lembrem-se do que Ele nos ajudou a fazer na nossa festa do Natal?

Pois bem: Jesus é o pão do Céu, porque, ao dar a vida por nós, nos dá força para amarmos mesmo os outros.

Por exemplo, foi Jesus que levou o/a (*nome*) a enviar-nos este pão. E quando ele/a escreveu que há um pão melhor do que este, queria chamar a nossa atenção para Jesus – o verdadeiro pão descido do Céu.

Ainda me estou a lembrar daquilo que há pouco pedimos a Jesus: "Senhor, dá-nos sempre desse pão". Vamos pedir-lhe outra vez. Mas agora a cantar.

O catequista ensaie e, depois, cante com as crianças, voltando-se para a imagem de Jesus, o cântico:

"Dá-nos Senhor deste pão" (1ª, 2ª e 3ª estrofe)

3. Mas onde é que podemos encontrar Jesus, como pão do Céu?...

Olhem, o/a (*nome*) vai ajudar-nos a compreender. É que ele mandou neste envelope mais algumas coisas.

*O catequista tire as três fotografias e, primeiro, afixe no placar, ao centro da figura de Jesus, a que mostra **uma criança a comungar**. Deixe contemplar e pergunte:*

Que está a fazer este menino (ou menina)? (*Se for conhecido/a das crianças, diga o nome*).

Está a comungar: está a receber Jesus, o pão descido do Céu...

Eu explico: o sr. Padre mostrou-lhe o pão, a que chamamos hóstia, e disse-lhe:

"O Corpo de Cristo!"

E que respondeu o menino (ou menina)?...

"Amen!"

Quando comungamos, Jesus vem ao nosso coração. E, por isso, quando se comunga, diz-se "Amen". "Amen" quer dizer que acreditamos que é mesmo o Corpo de Jesus, que se vai receber.

4. Mas, para o receber, tem de estar bem preparado: saber que é mesmo o Corpo de Cristo e ter uma grande amizade por Jesus. E muito, muito respeito. Quando amamos mesmo uma pessoa, temos muito respeito por ela.

Por isso, antes de dar a comunhão, isto é, dar o Corpo de Jesus a comer, o sr. Padre faz isto:

O catequista afixe, ao lado da outra fotografia, a que se refere à apresentação da hóstia consagrada, e explique:

O sr. Padre está a mostrar a hóstia com o Corpo de Jesus a todas as pessoas e, ao mesmo tempo, está a dizer:

“Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!”

E que respondem as pessoas?...

“Senhor, eu não sou digno/a de que entreis na minha morada, mas dizei uma palavra e serei salvo/a”.

Querem dizer comigo? (O catequista diz, frase por frase, de modo que as crianças possam repetir).

A morada é o nosso coração, que tem de estar bem limpinho de todas as maldades. E é Jesus quem nos ajuda a arrepender-nos delas, para o podermos receber.

5. Mas, há ainda outra coisa que fazemos antes, para estarmos bem preparados para receber Jesus, o pão Céu.

O catequista afixe, no outro lado da figura de Jesus, a fotografia do gesto da paz, deixe contemplar e diga:

O sr. Padre diz:

“A paz do Senhor esteja sempre convosco!”

E as pessoas respondem:

“O amor de Cristo nos uniu!”

Repitam comigo: “O amor de Cristo nos uniu”.

Pode repetir, em forma dialogada.

Depois de dizermos isto, o sr. Padre diz para nos saudarmos na paz de Cristo.

E nós damos a paz de Cristo uns aos outros.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Sabem como é que chamamos a tudo isto que as três fotografias mostram?...

O catequista afixe, por baixo da figura de Cristo, o dístico “Comunhão” e comente:

"Comunhão" quer dizer uma união muito grande com Jesus e de umas pessoas com as outras. Uma união de todo o coração.

2. E sabem o que acontece depois desta comunhão na Missa?...

O que acontece está aqui escrito no envelope que o/a (nome) nos enviou. Querem ouvir?

O catequista tire a folha com as palavras de 1Cor 10, 16b-17 e leia:

"O pão que partimos é a comunhão com o Corpo de Cristo.

Uma vez que há um único pão,

nós, embora muitos, somos um só corpo,

porque todos participamos de um só pão."

São bonitas estas palavras, não são? (*Pode lê-las outra vez*)

Sabem quem as escreveu? – Foi S. Paulo.

Ainda se lembram do que ele nos disse na última catequese? – O que está escrito no placar, lá em cima.

O catequista aponte para o dístico "Vós sois Corpo de Cristo" e convide as crianças:

Podemos ler, todos ao mesmo tempo:

"Vós sois Corpo de Cristo".

Pois bem, hoje S. Paulo mostra-nos ainda melhor como é que nos tornamos Corpo de Cristo. Como é?...

O catequista afixe, a cobrir as palavras "Vós sois", o dístico "comungamos o" e comente:

Antes estava escrito "Vós sois Corpo de Cristo". E que está agora? Leiam todos comigo:

"Comungamos o Corpo de Cristo".

Nós somos "Corpo de Cristo", porque "comungamos o Corpo de Cristo".

É o Corpo de Cristo, recebido na missa, que faz de todos o Corpo de Cristo.

Quando comungamos, Jesus fica tanto no nosso coração, que nos leva a fazer tantas coisas para os outros: o que faz o sr. Padre, o sr. Bispo, o/a (nome da pessoa visitada), os cantores, os acólitos...

É Jesus, recebido na Missa, que os leva a fazer tudo com muito amor, para que haja muita, muita união entre nós.

Olhem, eu até sei um cântico em que cantamos parte das palavras que S. Paulo nos acaba de dizer. É assim:

"Formamos um só corpo".

O catequista ensaie o refrão e depois convide as crianças:

3. Agora que já sabemos, podemos cantá-lo de um modo que mostre mesmo aquilo que cantamos: a comunhão com Jesus e uns com os outros. Vai ser assim:
- Primeiro cantamos de mãos dadas;
 - Depois eu (*ou uma criança do grupo que saiba ler bem*) leio as palavras de S. Paulo;
 - No fim, cantamos outra vez, sempre de mãos dadas em sinal da nossa união.

Então, ponham-se de pé... demo-nos as mãos... e cantemos:

"Formamos um só corpo" (refrão)...

Leitura de 1 Cor 10, 16b-17...

"Formamos um só corpo" (refrão)...

4. Compromisso

Depois do que hoje aqui aprendemos, parece-me que estão todos com muito mais vontade de comungar o Corpo de Cristo. Até cantámos: "Dá-nos Senhor deste pão!" Só que têm de se preparar muito bem. Hoje já aprenderam muita coisa, mas há ainda muito para aprender. E, sobretudo, agora vão procurar viver como devem viver os cristãos que comungam e recebem Jesus no seu coração.

Para vos ajudar a fazer crescer o vosso coração – um grande coração capaz de amar e receber Jesus – vou pedir-vos algumas coisas, para pensarem e fazerem durante esta semana.

– Abram o vosso catecismo na página 63.

Aqui estão as palavras que dizemos antes e na altura em que comungamos.

Leiam-nas todos os dias e copiem-nas para um papel, até as saberem de cor. Devem decorá-las até à próxima catequese.

Quando lerem e copiarem (*o catequista pode distribuir uma folha com várias divisões marcadas, para o exercício de copiar*) marcam aqui a vossa avaliação: "Hoje cumpri o meu compromisso".

Este trabalho de casa é muito importante, porque não podemos comungar, se não soubermos o que dizer nem o que significa aquilo que dizemos.

– Hoje, também vão levar para casa um convite especial: gostava muito que, no Domingo, todos fossem à Missa e, se possível, acompanhados dos vossos pais.

O catequista preenche os convites, referidos junto do texto "Em família", na página 64 do catecismo..

Se não for possível virem a esta missa com os vossos amigos da catequese, escolham outra, para ir com os pais.

Se, na comunidade, não houver missa dominical, convidem-se as crianças a irem, com os pais ou outros adultos, a um lugar onde seja celebrada. Pode inclusivamente ir todo o grupo junto, na paróquia ou fora dela.

Se mesmo isso for de todo impossível, chame-se a atenção para a transmissão da missa pela televisão (hora e canal televisivo).

Durante a missa, vão estar com muita atenção. Vejam na página 63 do vosso catecismo: Aqui está desenhado o que o sr. Padre diz e faz. Mas não está por ordem. Por isso, vão estar atentos e, na missa, e registem aqui. Como?

Olhem, para a primeira coisa que o Sr. Padre diz, e que está aqui escrito, assinalam com o número 1. E vão continuando, durante a missa, a numerar o que vão vendo e ouvindo.

E, em casa, vão pintar muito bem o desenho da cruz que está na página 64 do catecismo. Depois, vão completar o texto sobre a comunhão que está nessa página (*mostrar*).

– Finalmente, para se lembrarem da comunhão que aqui vivemos hoje, cada um de vós vai levar para casa uma fatia daquele pão que o/a (*nome*) nos ofereceu.

Mas, atenção: não vai ser só para vós. Vai ser também para partilhar com a vossa família.

Esperem pelo momento em que todos se sentam para jantar e dividam por todos.

E não se esqueçam de rezar (ou cantar) a oração para antes e depois da refeição. Também não se esqueçam de contar como é que o receberam e que mais coisas nos mostrou nesta catequese o/a (*nome*) que nos ofereceu o pão. Para explicar aos vossos familiares, sobretudo aos pais, podem servir-se do catecismo e de todos os textos e ilustrações.

Depois, na próxima catequese, contam como foi. Está bem? E bom apetite.

Os catequistas embrulhem cada fatia de pão num guardanapo ou outro material próprio, à medida que as vão entregando às crianças que vão saindo.

Para guardar na memória e no coração

O Corpo de Cristo que comungamos na Missa, faz-nos tão amigos uns dos outros, que todos juntos formamos o Corpo de Cristo que é a Igreja.

NA EUCARISTIA DAMOS GRAÇAS AO SENHOR NOSSO DEUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. As graças da Eucaristia

Ouve-se, com uma certa frequência, dizer acerca da Eucaristia (com a indicação do local e da data da sua celebração): "O (sr.) Padre deu ou dá a Missa". Esta não é considerada uma expressão teológica e liturgicamente correcta. Habitualmente vem de pessoas que desconhecem a palavra mais apropriada: "celebrar", na raiz da qual está o adjectivo "célebre", indicativo do carácter único, solene e festivo do acontecimento que se comemora.

Mas é um dos casos em que quase se pode dizer que "a língua (lhes) foge para a verdade". Porque, realmente, na base da importância e do valor único da Eucaristia, está o facto de ela ser um dom. Ou melhor, uma série de dons ou graças, recebidas e dadas. Por exemplo:

- Os dons do pão e do vinho que, na apresentação, no início da liturgia propriamente eucarística, entregamos sobre o altar. Durante muito tempo chamou-se a este rito o "ofertório". Hoje utiliza-se a expressão "apresentação das oferendas", já que o verdadeiro ofertório se realiza durante e a seguir à consagração. E as ofertas do pão e do vinho, antes de serem "fruto do trabalho do homem", são fruto da terra e da videira que Deus criou para nós. Nós (só) apresentamos a Deus o que (só) Ele nos ofereceu. De qualquer modo, são dons.
- São, depois, toda uma série de dons com que o mesmo Deus, na sua bondade infinita, nos vem agraciando ao longo da história da salvação e que, em reconhecimento por eles, recordamos durante o prefácio, para, no final, nos unirmos aos Anjos e Santos, num hino de louvor ao Deus, três vezes Santo.
- É, sobretudo, o maior dom de Deus: o seu Filho Jesus Cristo que, na consagração, actualiza a total oferta da sua vida ao Pai, por toda a humanidade. Uma doação que ultrapassa as nossas capacidades humanas da compreensão: um mistério que só

a fé pode apreender; uma fé que se exprime na oferta das nossas vidas, levados por Aquele que se nos dá, de um modo tão único e supremo.

- E é, finalmente, a recepção sacramental desse pão e desse vinho numa comunhão, de corpo e alma, com o seu Corpo entregue e o seu Sangue derramado por nós e por todos, para nos libertar do pecado e, conseqüentemente, nos levar a oferecer o nosso corpo e o nosso sangue, isto é, toda a nossa vida, no nosso dia-a-dia de convívio com os outros.

Concluindo: A Eucaristia é "célebre" e digna de ser "celebrada", por ser "dada". Uma gratuidade que nada pode ofuscar. A começar pelo estipêndio que tantos mal-entendidos tem provocado. Se a soma de dinheiro que se entrega é para "pagar a missa", como infelizmente ainda se diz, então com ela está-se a "apagar", a perverter a sua celebração. O estipêndio só tem sentido se for expressão e parte da entrega da vida a quem a não tem e por quem Cristo se entregou totalmente. Pode ser o sacerdote celebrante, que, porém, não pode receber mais do que está definido legalmente. E o que recebe é para ser usado ao serviço, desprendido e generoso, específico do ministério sacerdotal, que tem na Eucaristia o seu fundamento. É para ele e para todos os fiéis que nele participam (e não apenas assistem) que Cristo diz: "Recebeste de graça, dai de graça" (Mt 10, 8). Sem ela, a Eucaristia perde a identidade que o seu nome exprime:

2. A Eucaristia como acção de graças

Segundo o Catecismo da Igreja Católica, nº 1328, "a riqueza inesgotável deste sacramento exprime-se nos diferentes nomes que lhe são dados. Cada um destes nomes evoca alguns dos seus aspectos."

O primeiro a ser apresentado, talvez por ser o que melhor exprime um dos aspectos fundamentais, é o de "Eucaristia, porque é acção de graças a Deus" (Ibidem). "Eucaristia" é, na origem, uma palavra grega que significa "agradecimento". Na sua base está o termo *kharis*, que significa "graça". Dá-se graças pela "graça" recebida, com frequência nomeando essa graça.

Nesse sentido, ainda é mais elucidativo o termo *bênção*, etimologicamente proveniente do latim *benedictio* que, à letra, significa "bênção". É o modo hebraico, portanto de Jesus, de agradecer: "dizendo bem" de quem e a quem faz o bem, muitas vezes "dizendo o bem" por ele feito.

É o que faz Jesus na última ceia com os seus discípulos. Segundo Mc 14, 22 (cf. Mt 26, 26), *enquanto comiam, tomou um pão e, depois de pronunciar a bênção, partiu-o e deo aos discípulos, dizendo-o: "Tomai: isto é o meu Corpo."* O gesto de tomar o pão e de bendizer ou agradecer a Deus por ele, era habitual em qualquer refeição judaica, da parte de quem a ela presidia, normalmente o pai de família, tratando-se de refeições familiares. Pela palavra de bênção, o pão, que era elevado, adquiria um significado e um valor novo. Ficava, de certo modo, "consagrado", que o mesmo é dizer, pertencente a Deus e, como tal, ao serviço do bem que Deus já havia feito, pela criação da terra e seus frutos, e continuava a fazer, através do bem para o qual capacitava aqueles que, a

Ele unidos pela oração, se alimentavam com aquele pão. Um bem que se concretizava, já na refeição, pela comunhão entre os que nela participavam: quanto mais unidos ao Deus que tanto amavam, maior era a comunhão entre eles.

Vê-se, assim, o poder transformador, vivificante da bênção ou acção de graças. Um poder tanto maior, quanto mais poderosa é a pessoa que a pronuncia. No caso de Jesus, o Messias e Filho de Deus, o poder era divino. Daí a eficácia do seu gesto e da bênção que o acompanhava: naquele pão passou a estar o seu Corpo, a sua vida. Pela união com Deus, especialmente actualizada pela oração da bênção, realizou antecipadamente o que, um dia depois, consumou na cruz, também aí entregando-se totalmente a Deus, pela oração.

E, uma vez ressuscitado, isto é, plena e definitivamente participante do poder de Deus, Ele continua a realizar essa entrega pela salvação única de toda humanidade, que os seus discípulos e, na senda deles, a sua Igreja, celebra em sua memória. Um memorial actualizante, envolvido, também ele, na acção de graças ou bênção ou louvor pelo qual nos entregamos totalmente a Deus e Deus se apodera de nós. É Ele, como aconteceu com Jesus na última ceia e na cruz, quem transforma o pão no Corpo vivo e vivificante do Ressuscitado. Ele, através do seu Espírito.

É o último rito realizado pelo sacerdote, imediatamente antes das palavras em que actualiza a última Ceia de Jesus: com as mãos estendidas sobre o pão e o vinho, suplica a Deus que os santifique "derramando sobre eles o vosso Espírito, de modo que se converta, para nós, no Corpo e Sangue do Nosso Senhor Jesus Cristo" (Oração Eucaristia II). Daí:

3. A beleza da Eucaristia

É uma beleza, sem dúvida, veiculada pelos gestos e ritos, palavras e música, constitutivos da celebração, na sua harmonia e simplicidade. Daí a necessidade de que toda ela seja cuidadosamente preparada e executada, por todos os intervenientes, incluindo a assembleia, na sua participação activa.

Mas tudo isso não passa de meios. A beleza da liturgia, na qual a celebração eucarística ocupa o lugar central, é muito mais profunda. No dizer Bento XVI, na exortação apostólica pós-sinodal "Sacramento da Caridade, n.º 35, é uma beleza "vista não enquanto mero esteticismo, mas como modalidade com que a verdade do amor de Deus em Cristo nos alcança, fascina, arrebatada, fazendo-nos sair de nós mesmos e atraindo-nos assim para a nossa verdadeira vocação: o amor".

Por isso – acrescenta o Papa – "esta beleza não é uma simples harmonia de formas; «o mais belo dos filhos do homem» (Sl 45 [44], 3) misteriosamente é também um indivíduo «sem distinção nem beleza que atrai o nosso olhar» (Is 53, 2). Jesus Cristo mostra-nos como a verdade do amor sabe transfigurar, inclusive, o mistério sombrio da morte, na luz radiante da ressurreição. Aqui o esplendor da glória de Deus supera toda a beleza do mundo. A verdadeira beleza é o amor de Deus, que nos foi definitivamente revelado no mistério pascal.

A beleza da liturgia pertence a este mistério; é a expressão excelsa da Glória de Deus e, de certa forma, constitui o Céu que desce à terra. O memorial do sacrifício redentor traz, em si mesmo, os traços daquela beleza de Jesus testemunhada por Pedro, Tiago e João, quando o Mestre, a caminho de Jerusalém, quis transfigurar-se diante deles (Mc 9,6)."

E o Papa conclui: "Tudo isto nos há-de tornar conscientes da atenção que se deve prestar à acção litúrgica para que brilhe segundo a sua própria natureza."

Se cada cristão, desde as crianças aos idosos, se aperceber e deixar arrebatado por esta beleza, intrínseca à celebração eucarística, exclamará certamente, como Pedro no monte da transfiguração: *Mestre, como é bom estarmos aqui!* (Mc 9, 5). E o fascínio da contemplação traduzir-se-á em verdadeira acção de graças, no duplo sentido que a expressão pode ter: conquistado e transformado pela acção da graça que recebe, cada cristão tornar-se-á agente da mesma graça recebida. Na própria celebração, isto é, na relação de amor e comunhão que durante ela se pode estabelecer entre os que nela participam e os leva a exclamar com o salmista: *Oh! Como é bom e agradável viverem os irmãos em harmonia* (Sl 132/133, 1). Também isso é acção de graças, transmitida na graça que é a Eucaristia e no pão saboroso que nela nos é oferecido.

OBJECTIVOS

- Ver e sentir as refeições familiares como ocasião privilegiada do dom da vida, principalmente dos pais para com os filhos;
- Descobrir a vivência da Eucaristia como refeição de acção de graças a Deus, especialmente pelo dom da vida de Jesus Cristo, seu Filho;
- Compreender alguns dos ritos da Liturgia Eucarística, como memorial celebrativo da última ceia de Jesus.

OBSERVAÇÕES PEGAGÓGICAS

1. Para ajudar as crianças a apreender o mistério celebrado na refeição eucarística, parte-se da sua experiência nas refeições familiares: comum a ambas é o dom da vida, respectivamente, da parte dos pais e da parte de Jesus. Mas é muito mais do que uma simples comparação: é sobretudo na refeição eucarística que os pais, como todos os cristãos, podem adquirir a energia e a graça para se darem aos seus filhos.
2. Dado que nem todas as crianças têm sempre experiências positivas da parte dos seus pais, é imprescindível que o catequista esteja bem informado da situação familiar de cada criança. Se houver alguma sem pais ou com maus pais, tenha o cuidado de lhe chamar a atenção para outras pessoas que, eventualmente, substituam os pais na sua missão paterna e/ou materna. Em último caso, apoie-se nas experiências positivas de outras crianças do grupo ou mesmo fora do grupo.

3. O tema desta catequese só pode ser verdadeiramente apreendido, na medida em que for vivido, no próprio acto da catequese. Daí que, já na Experiência Humana e na Palavra, sejam propostos momentos de oração. Compreende-se a celebração, na medida em que se celebra. E só assim as crianças estarão bem preparadas para participar activamente na vivência de cada Eucaristia.
4. A distribuição, no placar, das 7 fotografias relativas à celebração (ver Documento 1) tem a ver não apenas com a sua ordem no decurso da celebração, mas também com o conjunto que formam no final: uma cruz, a lembrar a cruz de Cristo, o mistério celebrado e actualizado em cada Eucaristia. Este significado será desenvolvido mais tarde, na catequese próxima da Páscoa. Convém por isso que, pelo menos até lá, se conservem as fotografias.
5. Para a exposição da Palavra e a vivência da Expressão de Fé, são, compreensivelmente, sugeridas pessoas com um papel relevante na celebração da Eucaristia: primeiro, um sacerdote e, à falta dele, um diácono ou um acólito adulto. Convém que seja uma pessoa que comunique facilmente com as crianças e se prepare bem, juntamente com o catequista. Caso contrário, é melhor ser só o catequista.

MATERIAIS

- Figura de Jesus (catequese anteriores);
- Dísticos "Comungamos o Corpo de Cristo" e "Comunhão" (catequese anterior);
- As três fotografias usadas na catequese anterior: sobre o gesto de paz, a apresentação da hóstia consagrada e o acto de comungar;
- Mais quatro fotografias: de uma refeição familiar (se possível, de uma criança do grupo), da apresentação dos dons, da assembleia a cantar o "Santo", da consagração do pão (se possível feitas na comunidade cristã a que pertencem as crianças);
- Um cálice, usado na celebração da Eucaristia;
- Uma patena, usada na celebração da Eucaristia;
- Uma hóstia grande;
- Dístico "Eucaristia";
- Toalha branca para cobrir a mesa;
- Bíblia;
- Círio Pascal ou vela correspondente.

MÚSICAS

- "Formamos um só corpo";
- Oração para depois da refeição (catequese 18 do 2º ano);
- "Santo" (J. Martins, ou outro com melodia condigna e conhecido na comunidade);
- "Deus nosso Pai".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala

- No **placar**: a mesma figura de Jesus das catequese anteriores, coberta, na parte superior, pelas mesmas três fotografias usadas na catequese anterior, mas dispostas pela ordem indicada no Documento 1; os dísticos "Comungamos o Corpo de Cristo" (ao cimo) e "Comunhão" (ao fundo), ambos da catequese anterior.
- A **mesa** deve ser coberta com uma toalha branca e ter, de um lado, a Bíblia e, do outro, o círio pascal (apagado); deve ser deslocada um pouco para a frente, de modo a parecer-se com o altar da Eucaristia.
- As **cadeiras**, se possível, coloquem-se em semicírculo (como na catequese anterior).

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Gostava de saber se fizeram as três coisas que eu vos propus no final da última catequese. A primeira coisa era decorarem aquelas palavras que dizemos na Missa, por altura da comunhão. Vamos a ver se as aprenderam.

O catequista pode apoiar-se nas fotografias que estão afixadas no placar.

– Primeiro: quando o sr. Padre nos diz:

"A paz do Senhor esteja sempre convosco",

que respondemos nós?...

"O amor de Cristo nos uniu".

Digamos outra vez...

Dissemos muito bem. É que, também aqui na catequese, estamos reunidos no amor de Cristo. E bendizemos a Deus por isso. E, também, por terem aprendido tão bem a fazê-lo (*mesmo que tenha sido só no momento*).

– Segundo: quando o sr. Padre nos mostra aquele Pão descido do Céu, que é Jesus, e nos diz:

"Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo",

que dizemos todos?...

"Senhor, eu não sou digno/a de que entreis em minha morada, mas dizei uma palavra e serei salvo/a".

Digamos todos outra vez...

Com estas palavras estamos a reconhecer diante de Jesus que precisamos de ter o coração limpinho de todas as maldades, para O podermos receber.

Foi isso que Ele veio ensinar às pessoas: que deixem de fazer o mal.

E, se ouvirmos e fizermos o que Ele nos pede, seremos salvos, isto é, estaremos em paz com Deus e com as outras pessoas. E esta paz, no nosso coração, dá-nos uma grande felicidade, que será ainda maior, depois de recebermos Jesus.

– Finalmente o sr. Padre, quando dá a cada um de nós o Pão do Céu, diz:

"O Corpo de Cristo".

E nós que respondemos?...

"Amen".

Com esta resposta, diante da hóstia, estamos a dizer: "Eu sei que naquele Pão do Céu está realmente o "Corpo de Cristo", que Ele ofereceu a Deus por nós.

E que acontece com os que recebem assim, com muita fé e respeito, o Corpo de Cristo? O que é que eles formam?...

Então cantemos, de pé... e de mãos dadas..., o **cântico** no qual dizemos isso:

"Formamos um só corpo" (só o refrão).

2. Estou muito contente convosco. Vejo que estão desejosos de receber o Corpo de Cristo na Sagrada Comunhão e que se estão a preparar bem.

Se todas as crianças ou algumas ainda não aprenderam as referidas fórmulas, o catequista incentive-as a fazê-lo, pela mesma razão: preparar-se bem para a Primeira Comunhão.

Agora, depois desta revisão, vamos continuar a aprender o que é a Missa.

Mas vamos partir da outra coisa que vos pedi, na última catequese. Estão lembrados? - Aquela fatia de pão que cada um de nós levou para casa, para comermos com a família.

Digam lá: era saboroso ou não?....

Para mim foi saboroso, também, por ser oferta de um amigo nosso (*indicar o nome de quem ofereceu*) É que, quando oferecemos alguma coisa, a prenda vai acompanhado do nosso amor: porque o/a (*nome*) é nosso amigo, é que ele nos deu aquele pão. E um pão recebido com amor, sabe melhor.

Mas o pão foi saboroso ainda por outra razão: o modo como nós o comemos, em casa. Como é que foi convosco? Quem de vós partilhou o seu pão com os pais e irmãos?...

Se nenhuma das crianças seguiu esta sugestão da catequese anterior, catequista conte a sua própria experiência, destacando, de qualquer modo que, quando se partilha o alimento, ele sabe melhor.

*Depois disso, afixe, ao centro do placar (conforme se indica no Documento 1), uma **fotografia que mostre uma família a tomar a refeição em volta da mesma mesa (se possível, uma que se referira a uma das crianças do grupo). Deixe que as crianças a contemplem e, depois, comente:***

Ali (*aponte na fotografia*) é que o pão é muito mais saboroso. Porque, em todas as refeições com os pais, irmãos e outros familiares e amigos, é que nos sentimos bem:

enquanto comemos e bebemos, conversamos uns com os outros, contamos aos nossos pais o que aprendemos e fazemos na catequese, na escola...

Foi o que fizeram naquela refeição. Por isso é que aquele pão que partilharam foi muito mais saboroso: por causa do amor do/a (*nome*) que o deu, por causa do vosso amor, porque não o comestes sozinhos, e por causa do amor dos vossos pais (ou substitutos).

Sim, é em volta da mesa, onde nos dão o alimento e a bebida para podermos viver, é aí que os nossos pais nos mostram muito do seu amor por nós.

Se não fossem eles (ou outras pessoas no lugar deles), não poderíamos viver. Vivemos pelo que eles nos dão: a comida e a bebida, as roupas, as coisas para a escola e a catequese, praticamente quase tudo o que temos. Que bons são os nossos pais! Quanto nos amam!...

Agora digam-me: como é que eles arranjam todas essas coisas que nos dão?... É claro que compram muitas coisas. Às vezes também as fazem, não é? Um bolo, uma camisola....

Mas como é que os pais conseguem fazer as compras, mesmo para isso? Com o seu trabalho. *O catequista pode ouvir, brevemente as crianças.*

E custa-lhes um bocadinho, não é? Chegam cansados ... Algumas vezes, têm de se levantar cedo, trabalhar de noite, fazer coisas difíceis... O que eles não fazem! E tudo o que os pais fazem é por causa dos filhos, de nós.

O catequista pode referir a sua própria experiência de filho e, se for o caso, de pai ou mãe.

Podemos dizer mesmo que eles dão a sua vida por nós – para nós podermos viver. Ali está (*aponte a fotografia*): os nossos pais, naquele alimento e bebida, estão a dar a sua vida por nós...

Merecem mesmo que nós lhes agradeçamos, não acham?

3. E nós vamos fazê-lo, só que de uma maneira especial. Que maneira será?...

Digam-me: quem é que na refeição em que partilhou o pão com os pais, se lembrou de rezar (ou cantar) as orações para antes e depois da refeição?...

Pois bem, eu proponho que o façamos aqui (outra vez).

Vamos pôr-nos de pé... e em coro, rezemos (ou cantemos) só a oração para depois da refeição, elevando as nossas mãos para Deus:⁹

**"Pelo pão e pela paz,
Por quem tanto bem nos faz**

⁹ Oração registada na página 65 do catecismo.

**E por tanto, tanto amor,
Glória, glória a vós, Senhor!"**

Podem sentar-se...

Acabámos de agradecer aos nossos pais (ou seus substitutos). Sim, sim, foi aos nossos pais que nós também agradecemos. Não são eles que nos fazem tanto bem? Que nos têm tanto, tanto amor, que até dão a sua vida por nós?...

Mas - estão alguns de vós a pensar – com as palavras que usámos, nós agradecemos, foi ao Senhor, a Deus.

Sim, é verdade. Mas, ao agradecermos a Deus, estávamos também a agradecer aos nossos pais. Agradecemos a Deus por aquilo que Ele nos dá e nos faz por meio dos pais: a saúde dos pais, para poderem cuidar de nós; o trabalho que eles têm, para poder ganhar o dinheiro que faz falta para alimentar a família, vesti-la, ir a um entretenimento, ... tudo isso, os pais recebem de Deus.

E os pais sabem muito bem disso: não dizem tantas vezes "Graças a Deus!"? E como são tão amigos de Deus, querem que nós agradeçamos a Deus.

E como estamos a fazer aquilo que eles querem, então estamos também a agradecer a eles: estamos a fazer aquilo que lhes agrada. "Agrada" até é parecido com "agradecer". Portanto, agradecemos-lhes, quando agradecemos a Deus.

Digam-me cá: os que rezaram lá em casa esta oração, não foi também, juntamente com os pais?... E se eles se esquecerem, nós, que andamos na catequese, podemos lembrar-lhes.

Mas – agora pergunto – onde e como é que Deus lhes dá essa força e coragem?...

4. Passamos à terceira coisa que eu vos pedi na última catequese.

Já quase nos esquecíamos dela. Lembram-se? – Saber em que parte da Missa é que Jesus passa a estar no pão que se torna assim o Corpo de Cristo. Quem sabe?...

Deixar que as crianças, muito brevemente, se exprimam e depois concluir:

Vamos ver se é verdade, ou não, o que disseram: quem, de facto, sabe qual é a parte da missa em que Jesus transforma o pão no seu Corpo e o vinho no seu Sangue...

Posso dizer-vos já uma coisa: é nesse Corpo de Jesus que muitos pais vão buscar a força para vos amarem tanto, até ao ponto de darem a vida por nós.

Por isso, vamos ver com muito mais atenção como decorre a parte da Missa em que Jesus transforma o pão e o vinho no Seu Corpo e Sangue.

II. PALAVRA

1. Para a exposição seguinte, propõem-se três alternativas, por ordem de preferência:

1ª Alternativa

Que seja feita por um **sacerdote**, de preferência o que ofereceu o pão (catequese anterior) e/ou que as crianças conhecem das celebrações eucarísticas que frequentam. Nesse caso, o catequista pode apresentá-lo do seguinte modo:

Olhem, para nos mostrar como é, temos aqui hoje, a melhor pessoa que podíamos ter. Quem será?... Olhemos para a porta de entrada:

Neste momento o sacerdote, como habitualmente se veste fora da celebração (isto é, sem paramentos, para evitar qualquer confusão, já que aqui não irá celebrar a Eucaristia), entra pela porta da sala, trazendo já a patena, com a hóstia, e o cálice, sem vinho. Coloque-se por detrás da mesa (entre ela e o placar), de onde falará às crianças, depois de se apresentar e agradecer o convite.

2ª Alternativa

Que seja um **diácono ou um acólito adulto**, pelo papel activo que habitualmente têm nas celebrações da Eucaristia. Será apresentado pelo catequista, do seguinte modo:

Olhem, vamos ter aqui alguém que, à falta do sr. Padre (que não pôde vir), conhece muito bem como decorre a Missa, porque ajuda muito na sua celebração.

Neste momento, entra, também ele levando a patena, com a hóstia, e o cálice (sem vinho), coloca-se no mesmo lugar e apresenta-se de modo semelhante ao que é proposto na 1ª alternativa.

3ª Alternativa

Pode ser o **catequista** que, neste caso, se desloca para trás da mesa, donde passa a falar às crianças:

Eu, a partir de agora, falo-vos daqui, para poderem perceber melhor o que se passa na missa, onde está uma mesa, o altar, semelhante a esta.

Para começar peço a dois de vós (*diz os nomes*) que tragam para aqui o pão e o cálice, que é um copo maior e bonito, que costumamos ter na Missa.

As crianças referidas saem da sala e voltam com os objectos referidos.

Se tal não for possível, pode ser feito por outro catequista ou pelo próprio. Neste caso, pode evitar a entrada, limite-se a colocar em cima da mesa, os referidos objectos.

2. *Para qualquer das alternativas:*

A exposição que a seguir se sugere, está prevista para a 2ª ou 3ª alternativa. No caso de se seguir a primeira, façam-se as devidas adaptações.

Depois de convidar uma criança a acender o cirio pascal, o catequista (ou diácono/acólito) diga:

Estão a ver que se trata de uma mesa parecida com aquela em que tomam as refeições lá em casa.

É que na Missa, celebramos uma refeição. Só que é uma refeição especial e muito mais importante do que as que temos em nossas casas.

Mas temos aqui também um pratinho (*mostra a patena*) a que chamamos patena. E está um pão (*mostra a hóstia*). Chamamos-lhe hóstia. Tem esta forma, porque é feita de farinha sem fermento. Sabem porquê?

Porque a refeição da Missa é como a refeição que Jesus fez com os seus discípulos nessa última Ceia, antes de ser morto e ressuscitar. E, nessa última Ceia, o pão não tinha fermento, por ser celebrada numa festa em que se comia pão sem fermento: era um pão totalmente novo.

Ora, na pessoa do sr. Padre, é Jesus quem, durante a Missa, faz o mesmo que fez na última Ceia. Vejamos, então como é que isso acontece.

A primeira coisa que o sr. Padre faz é agradecer a Deus, por este pão e pelo vinho que se coloca no cálice.

É quase como lá em nossa casa, quando rezamos antes da refeição. Só as palavras é que são um pouquinho diferentes.

O sr. Padre, primeiro, levanta a **patena** com a hóstia (*o catequista levanta-a*) e reza assim a Deus:

**"Bendito sejas, Senhor, Deus do universo,
pelo pão que recebemos da vossa bondade,
fruto da terra e do trabalho do homem,
que hoje vos apresentamos
e que para nós se vai tornar pão da vida."**

Já conheciam?... E que respondemos nós a esta oração?...

"Bendito seja Deus para sempre."

Digam todos outra vez comigo: "Bendito seja Deus para sempre".

Depois o sr. Padre faz o mesmo com o **cálice** (*o catequista pegue nele*).

Bendiz, isto é, agradece a Deus pelo vinho que é posto no cálice, também ele fruto do trabalho dos homens. Se calhar, dos vossos pais.

E depois de ele, assim, bendizer a Deus, nós respondemos da mesma maneira como fazemos para o pão. Ainda se lembram?...

"Bendito seja Deus para sempre".

*O catequista afixe, por baixo da fotografia relativa à refeição, a **fotografia sobre a apresentação das ofertas**: o sacerdote com a patena ou o cálice erguido. Deixe contemplar e explique:*

Estão a ver?... Esta parte da Missa, em que apresentamos o pão e o vinho, começa com uma oração a Deus, a bendizê-lo. Como nas refeições em nossa casa e como aconteceu naquela refeição de Jesus, na última ceia. Bendizemos a Deus pelo pão e pelo vinho. Para quê? Para que o pão seja Pão do Céu, o Corpo de Jesus. E o vinho seja o seu Sangue.

Mas, nesta altura da Missa ainda não o são. Vão ser.

3. Mas antes disso, precisamos de agradecer a Deus muito mais bens que Ele nos dá. É muito importante saber agradecer. Quem não agradece é mal-educado, não acham? E nós não queremos ser assim para com Deus, que tanto nos ama.

Por isso o sr. Padre, antes de agradecer a Deus muitos outros bens, muitas coisas boas, convida-nos a fazer o mesmo. Primeiro diz-nos¹⁰:

"O Senhor esteja convosco."

Aqui já sabem como se responde. Digam lá então:

"Ele está no meio de nós."

Depois diz-nos:

"Corações ao alto."

¹⁰ Registrado na página 67 do catecismo.

E nós respondemos assim:

"O nosso coração está em Deus."

Digam todos comigo: "O nosso coração está em Deus".

Isto é, agradecemos a Deus de todo o coração, colocamos o nosso coração junto do coração de Deus.

Digam lá outra vez: "O nosso coração está em Deus". É uma expressão tão bonita!

Depois o sr. Padre ainda nos diz:

"Demos graças ao Senhor nosso Deus."

E nós respondemos:

"É nosso dever, é nossa salvação."

Digam lá: "É nosso dever, é nossa salvação".

Sim, agradecer a Deus é um bem para nós, mas também é algo de que devíamos sentir necessidade: "Senhor, quero agradecer-te do fundo do coração!"

E é para a "nossa salvação", porque quem agradece a Deus sabe que é Ele quem nos oferece tudo de bom que nós temos.

Por isso dizemos...: "É nosso dever, é nossa salvação".

Muito bem.

Então, o sr. Padre, depois de ouvir como todos queremos dar graças a Deus, reza a Deus uma oração em que diz por que bens lhe queremos agradecer:

– Pode ser por Deus nos ter criado e nos amar. E aqui podemos pensar nos nossos pais, que tanto nos amam, por nos criarem.

– Mas podemos dar graças a Deus por nos juntar, aqui na catequese, e nos ajudar a sermos amigos uns dos outros. Por nos ajudar, sobretudo nas dificuldades, dando-nos coragem e força.

– Podemos agradecer-lhe por Ele nos ter dado Jesus e o ter ressuscitado de entre os mortos e por tantos, tantos outros bens que nos dá através de Jesus, como o seu ensinamento, que aprendemos aqui na catequese.

Tantas coisas para agradecer a Deus!

É tão lindo este agradecimento que, no fim, cantamos todos um **cântico** de louvor e acção de graças a Deus. Aquele que começa assim: "Santo, Santo, Santo"...

Querem cantá-lo? Então ponham-se de pé... Até podemos cantá-lo, batendo as palmas, como já fizemos outras vezes... Preparados?

Então, com todos os que acreditam em Deus e com os Anjos e os Santos, louvemos a Deus, cantando:

"Santo, Santo, Santo é Senhor" (*J. Martins ou outro, com melodia reconhecida e cantada na paróquia*).

No final, o catequista afixe, por baixo da **fotografia** anterior, a que corresponde à **assembleia a cantar o Santo**, deixe contemplar e comente:

Lá está!... Até podíamos ser nós, tal e qual como acabámos de cantar!...

4. Agora, sim! Agora, estamos preparados para ver e ouvir o que Jesus fez para transformar o pão e vinho no seu Corpo e no seu Sangue.

É quase logo a seguir ao que cantámos em louvor de Deus, porque aquilo que Jesus faz na Missa, foi o melhor bem, a maior maravilha que Deus fez por nós.

E, para vermos e ouvirmos, precisamos de ter o coração bem em Deus e de lhe agradecermos. É o que fazemos na Missa e temos feito aqui, na catequese.

Então vamos ver e ouvir o que Jesus faz e diz na Missa.

Quem nos vai contar outra vez é S. Paulo.

*O catequista, colocado entre a mesa e o placar, abra a Bíblia em **1 Cor 11, 23-26** e leia, se possível acompanhado pelo sacerdote ou diácono ou acólito, que lerá as palavras de Jesus.*

Catequista:

Leitura da Primeira Carta do Apóstolo São Paulo aos Coríntios:

Irmãos,

eu recebi do Senhor o que também vos transmiti:

o Senhor Jesus, na noite em que ia ser entregue,

tomou o pão e, dando graças, partiu-o e disse:

Leitor:

«Isto é o meu Corpo, entregue por vós.

Fazei isto em memória de mim.»

Catequista:

Do mesmo modo, no fim da Ceia,

tomou o cálice e disse:

Leitor:

«Este cálice é a nova aliança do meu Sangue.

Todas as vezes que o beberdes,

fazei-o em memória de mim.»

Catequista:

**Na verdade,
todas as vezes que comerdes deste pão
e beberdes deste cálice,
anunciareis a morte do Senhor,
até que Ele venha.**

Palavra do Senhor.

Crianças:

Graças a Deus.

5. Depois de pousar a Bíblia, o catequista comente:

Ouviram bem? Claro que sim.

Até responderam "Graças a Deus". Ou seja, agradeceram outra vez a Deus.

E com razão. É que também Jesus agradeceu a Deus por aquele pão e aquele vinho. E depois disso é que Ele o entregou aos seus amigos.

E que disse Ele? – **"Isto é o meu Corpo entregue por vós". "Este cálice é a nova aliança no meu sangue"**¹¹.

"Aliança" significa união.

Com quem? – Com Deus, seu Pai. Aliança de Jesus e de todos nós.

É que Jesus, na sua morte, deu a vida por todos nós. Entregou o seu corpo a Deus, quando o mataram. Aí é que Ele mostrou o seu amor. Ama-nos tanto que até dá a vida por nós.

É isso que ele faz em cada Missa.

Repararam que Ele disse por duas vezes: **"Fazei isto em memória de mim."** Por isso é que na Missa o sr. Padre diz e faz o mesmo que Jesus fez e disse. Ou melhor, é Jesus que diz e faz através do sr. Padre.

6. O catequista afixe, a cobrir a *fotografia* relativa à refeição em família, aquela que mostra o sacerdote a dizer as palavras da consagração do pão. Deixe contemplar e comente:

Lá está Jesus, através do sr. Padre, a dizer aquelas palavras que ouvimos: "Isto é o meu Corpo entregue por vós".

E sabem por que é que eu coloquei a fotografia sobre aquela em que estamos a comer em família?... – Por duas razões:

– Primeiro, porque Jesus está a fazer uma coisa parecida com o que fazem os nossos pais.

Na mesa, quando os nossos pais nos dão a comida e a bebida, estão a dar-nos a sua vida. Só que Jesus faz ainda mais: Ele morreu mesmo, deu a sua vida por todos nós.

¹¹ Registado na página 66 do catecismo.

Estou certo de que os pais e as mães também dariam a vida pelos filhos, morrendo, se fosse necessário. Mas, mesmo não morrendo, todos dão a vida, como vimos há pouco.

Mas o amor de Jesus é um amor muitíssimo maior, porque Ele não amou só a família, os amigos ... Ele amou todas as pessoas e com um amor tão grande, tão grande, que Ele ressuscitou e chega até nós: em cada Missa.

Ali, Ele transforma mesmo o pão e o vinho no seu Corpo e no seu Sangue. Por isso é que, agora, a fotografia sobre Jesus está colocada por cima daquela em que estamos nós com os pais e outros familiares.

– Mas há outra razão: É ali, no Corpo de Jesus, recebido na Missa, é nesse Corpo entregue por nós, que muitos dos pais e mães vão buscar e encontrar a força para nos amarem. Para nos amarem tanto, tanto, que, às vezes até são capazes de dar tudo por nós.

E não são só os pais. Todas aquelas pessoas que estão inscritas sobre a figura de Jesus e que escolheram viver a sua vida a amar e a servir os que precisam de ajuda e de cuidados (*o catequista pode nomear algumas*).

É também na Missa que todas elas encontram a coragem e a força para fazer o bem. É o pão que Jesus lhes dá na Missa que as ajuda a serem tão boas e a fazerem tanto bem.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Agora sim, já sabemos ao certo em que parte da Missa é que Jesus transforma o pão e o vinho no seu Corpo e no seu Sangue: o Corpo que Ele entregou por nós na cruz e o seu Sangue que Ele derramou por nós na sua morte.

E vimos, também, como é que Ele conseguiu fazer tudo isso. Como foi?... - Dando graças a Deus.

E como é que nós nos preparamos para ver e ouvir o que Jesus, pelo sr. Padre diz e faz por nós?... - Dando graças a Deus.

É tão importante dar graças, na Missa, que até damos à Missa um outro nome que certamente já conhecem. Qual é?...

O catequista afixe, ao alto do placar, o dístico: "Eucaristia" e comente:

Sabem o que quer dizer "Eucaristia"? É uma palavra grega que significa "Acção de graças" ou "Agradecimento".

E é um dos nomes mais bonitos que damos à Missa: Eucaristia. É que a maior parte da Missa é para dar graças, louvar, bendizer a Deus.

2. E hoje, nesta catequese, também já o fizemos.

Mas eu acho que deveríamos fazê-lo outra vez: por todas as coisas que, hoje, aprendemos acerca de Deus e do que Ele tem feito por nós, na Missa e com os nossos pais e amigos.

Olhem, eu até sei de um cântico mesmo bom para agradecer e louvar a Deus. É uma boa escolha, porque se canta na Missa e, às vezes, logo a seguir àquela parte em que Jesus transforma o pão e o vinho no seu corpo e no seu sangue.

O cântico é este:

"Deus nosso Pai, que sois tão bom".

Depois de o cantar uma vez, o catequista convida as crianças:

Então, ponham-se de pé... e, quando cantarmos, elevemos todos as mãos para Deus. E cantemos três vezes; cada uma, depois da oração¹² que eu vou dizer e que, na Missa, na Eucaristia, é dita pelo sr. Padre...

Façamos um bocadinho de silêncio, para rezarmos bem...

Catequista:

**Pai santo, aceitai-nos
com o vosso Filho Jesus a quem tanto amais.
Foi por nós que Jesus quis dar a vida,
mas vós O ressuscitastes.
Nós vos louvamos:**

Crianças:

Deus, nosso Pai, que sois tão bom...

Catequista:

**Jesus vive agora junto de Vós,
Mas também está sempre connosco.
Nós vos louvamos:**

Crianças:

Deus, nosso Pai, que sois tão bom...

Catequista:

**Um dia, Jesus virá na sua glória,
e então já não haverá ninguém triste, nem doente, nem infeliz.
Nós vos louvamos:**

Crianças:

Deus, nosso Pai, que sois tão bom...

(Da oração eucarística III para Missas com crianças)

¹² Oração registada na página 67 do catecismo.

3. Compromisso

Até à próxima catequese vou pedir-vos, outras vez, três coisas:

- Que contem aos vossos pais o que hoje dissemos deles: agradeçam-lhes todo o bem que vos têm feito e, com eles, agradeçam a Deus a força que Ele lhes dá para darem a sua vida por vós.
Podem cantar com eles, o cântico que acabámos de cantar a Deus e dar-lhes um beijo de boa-noite ainda mais especial!
Para isso podem servir-se do catecismo. Está aqui o que cantámos, na página 67 (*mostrar*).
- Vão esforçar-se muito para aprenderem bem as palavras que hoje vos mostrei e que dizemos na Eucaristia. Elas vêm no catecismo, na página 66 e 67 (*mostrar*).
E quem ainda não sabe as da outra catequese, deve também aprendê-las.
Como já devem ter pensado, não podemos receber Jesus na comunhão, se não sabemos como rezar com Ele, durante a Missa! Era como ir jantar a casa de uma pessoa e não sermos capazes de conversar com ela!
- Voltem à Missa e vejam bem o que se faz, antes da apresentação do pão e do vinho sobre o altar.
E estejam atentos a quem lê e ao que o sr. Padre lê e diz.
Levem o vosso catecismo e tomem nota na página 68 (*mostrar*). Depois, na próxima catequese, todos trazem, para mostrar!

No final:

Catequista:

Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

Crianças:

Graças a Deus.

Para guardar na memória e no coração

A Missa também se chama Eucaristia, porque nela damos graças a Deus, como fez Jesus antes de transformar o pão no seu Corpo e o vinho no seu Sangue.

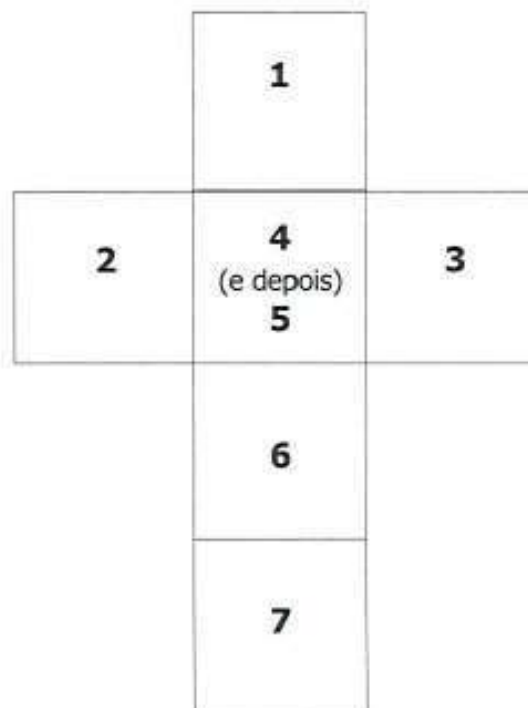
III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO I

– Fotografias (todas do mesmo tamanho) e usar nesta catequese:

1. Criança a comungar
2. Gesto da paz
3. Apresentação da hóstia consagrada (“Eis o Cordeiro de Deus”...)
4. Refeição familiar
5. Sacerdote a consagrar a hóstia
6. Pessoas (com crianças) a cantar o “Santo”
7. Sacerdote a apresentar a patena com a hóstia (na apresentação dos dons)

– Sua disposição (final):



NA EUCARISTIA OUVIMOS A PALAVRA DO SENHOR

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. “Viva é a Palavra de Deus e eficaz”

A afirmação é de Heb 4, 12: *Com efeito, viva é a Palavra de Deus e eficaz e mais penetrante que uma espada de dois gumes: penetra até à divisão da alma e do espírito, das juntas e medulas, e discerne os sentimentos e intenções do coração.* Tem, portanto, um tal poder, que criatura alguma lhe pode resistir. O mesmo é dito pelo próprio Deus, com uma outra imagem, em Is 55, 10-11: *Assim como a chuva e a neve descem do céu, e não voltam para lá, senão depois de empapar a terra, de a fecundar e a fazer germinar, para que dê semente ao semeador e pão para comer, o mesmo sucede à palavra que sai da minha boca: não voltará para mim vazia, sem ter realizado a minha vontade e sem cumprir a sua missão.*

A estas duas podia juntar-se um sem número de outras passagens bíblicas, com afirmações semelhantes, nomeadamente no que se refere à acção poderosa de Deus na criação do mundo e na salvação e fundação do seu Povo. Daí a conclusão da Mensagem ao Povo de Deus, do Sínodo dos Bispos sobre “A Palavra de Deus na vida e missão da Igreja (Outubro de 2008), nº 3: “A Palavra divina, eficaz, criadora, salvífica, está portanto na origem do ser e da história, da criação e da redenção. O Senhor vem ao encontro da humanidade, proclamando: «Eu disse e fiz!» (Ez 37, 14).”

A realidade, porém, parece pôr em dúvida a verdade de tais afirmações. Basta olhar para o que acontece com a Palavra de Deus proclamada nas nossas igrejas e salas da catequese. Se ela é realmente tão poderosa e eficaz, como se explica que o modo de pensar e de viver daqueles a quem é dirigida – crianças, jovens e adultos – continue na mesma? Como é possível que tantos adolescentes, depois de terem até dez anos de uma caminhada catequética de que faz parte um permanente confronto com a Palavra de Deus, abandonem a Igreja e, nalguns casos, enveredem por caminhos tão longe dos valores evangélicos? Valerá a pena investir tanto numa catequese que resulte nisto? Onde está a eficácia da Palavra de Deus?

São dúvidas que, pelo menos em parte, estão já por trás das citadas afirmações da carta aos Hebreus e do livro de Isaías, ou melhor, dos seus destinatários: em Isaías tratava-se de judeus, exilados na Babilônia e aos quais o Profeta anunciava o fim do seu desterro; na carta aos Hebreus eram cristãos que, pela prática da vida, estavam a ser infiéis ao Evangelho a que se haviam convertido. Em ambos os casos faltava uma verdadeira, convicta, coerente e persistente adesão de fé ao Deus que se manifesta pela sua Palavra.

Quer isto dizer que a eficácia da Palavra também depende daqueles a quem ela é dirigida: os destinatários e os mensageiros. E é para isso que nos remete Jesus na parábola apresentada por **Mc 4, 3-9**, que termina com este apelo:

2. "Quem tem ouvidos para ouvir, oiça"

É um apelo que reforça o inicial: "*Escutai*" (v. 3). Portanto, o resultado da sementeira depende do acolhimento que tem a semente. O que, de resto, ainda hoje acontece, onde quer que se semeie.

O que não é normal é o resultado conclusivo da sementeira descrita: que, no final, cada grão de trigo caído em terra boa produza, cada qual, uma espiga com trinta, sessenta ou cem novos grãos. Com isso, semeador algum, mesmo o mais optimista, contaria. Repare-se no número crescente de grãos: termina com o máximo. Além disso, tudo indica que, comparado com as sementes caídas à beira do caminho, no meio das pedras e entre os espinhos, o número das que produziram um fruto tão abundante era o maior. Portanto, a sementeira teve um resultado que superou todas as expectativas, um resultado humanamente impossível. Só Deus, ou quem n'Ele viver, poderia chegar tão longe. E é para isso que Jesus, repetidamente, nos convida a termos ouvidos capazes de escutar.

É que, ainda hoje, muitas vezes só temos olhos e ouvidos para os maus resultados: fixamo-nos tanto neles, que acabamos por nem sequer procurar a terra boa. Esquecemo-nos de que, mesmo quando são poucos aqueles que acolhem a Palavra do Evangelho e o Reino de Deus por ela transmitida, é tal a força fecundante da mensagem que neles se instala e actua, que ela alastra para outros que, por sua vez, a difundem, numa cadeia que não tem fim.

Não se trata de uma simples teoria. Graças a Deus, isto aconteceu ao longo de toda a história do cristianismo e continua a acontecer hoje. Mesmo que, por aqui ou por ali, alguns se deixem "comer pelas diabólicas aves de rapina" das forças do mal, ou outros "sequem, queimados pelo fogo das incompreensões e perseguições", ou outros ainda acabem por não dar fruto algum, porque "abafados pelo comodismo das riquezas e do bem-estar" (cf. Mc 4, 15-19, com a explicação da parábola). Nesses a semente morre e desaparece. Mas também há todos aqueles nos quais ela produz frutos, que, por sua vez, produzem novas sementes e novos frutos, numa sequência interminável... de vida e fecundidade. Porque a verdadeira vida é aquela que é fecunda e se transmite para produzir novas vidas.

Portanto, na prática, esta parábola da sementeira é dirigida aos semeadores da Palavra: são esses os verdadeiros destinatários. Porque quem a acolhe e por ela se deixa possuir, torna-se seu mensageiro. Na prática, a prova de que se acolheu essa palavra está em tornar-se seu mensageiro. E quem a acolheu, está capacitado para vencer todos os fracassos, os caminhos duros, as pedras e os espinhos com que se depara. Mais: todos esses obstáculos acabam por redundar em sucessos, se nos momentos difíceis houver persistência na adesão ao Deus da vida.

Porventura, não foi isso o que fez o maior semeador, que, pela palavra, nos desafia a usar os ouvidos do coração, para escutar Aquele que tudo pode? E não foi essa entrega incondicional e plena ao Deus todo-poderoso que fez do seu maior fracasso – a terrível e ignominiosa morte na cruz – a maior fonte de vida? Cristo morreu a rezar. E por isso venceu a morte para sempre: ficou de tal modo possuído por Deus que, desde então e até hoje, é a Ele que anunciamos como Evangelho. Porque ninguém como Ele encarnou de um modo tão vivo o Reino de Deus. É Ele a maior prova de quão viva e eficaz é a Palavra de Deus...naqueles que a acolhem e a transmitem, com Ele e como Ele.

3. “Sede meus imitadores como eu sou de Cristo”

Esta frase é de Paulo, e está escrita em 1 Cor 11, 1 bem como, um pouco mais abreviada, em 4, 16 e Fil 3, 17. Isto é, por três vezes – contando apenas com o que nos deixou escrito nas suas cartas – se apresenta como modelo para os cristãos das comunidades a quem se dirige: modelo, pelo modo como se converteu a Cristo, como foi por Ele alcançado, e agora, na sua actividade apostólica, corre em direcção à meta, para o prémio a que Deus, lá do alto, nos chama em Cristo Jesus (Fil 3, 14); modelo, na forma como se conduzia como Apóstolo, designadamente na fundação da comunidade de Corinto, onde não se apresentou com o prestígio da linguagem ou da sabedoria, mas apenas com Jesus Cristo, e este, crucificado (1 Cor 2, 1-2); modelo, na renúncia voluntária a qualquer remuneração material pelo trabalho apostólico, uma gratuidade fundada na graça do Evangelho que pregava, para dele me tornar participante (9, 23).

Provavelmente nenhum comum cristão, nem mesmo qualquer responsável da Igreja, se atreveria a dizer o mesmo que Paulo. Até porque ninguém, hoje, teve a mesma graça de ver directamente Jesus, nosso Senhor, o ressuscitado, e por Ele ser investido na graça e missão de seu Apóstolo (1 Cor 9, 1; 15, 10). Um ministério intransmissível, como o das restantes testemunhas oculares do ressuscitado. Por isso é que eles são o fundamento da Igreja (Ef 2, 20).

Mas se, por estas razões, não é possível dizermos hoje o que Paulo disse, é necessário, ainda assim, fazê-lo. Como? O único modo adequado e convincente de transmitir o Evangelho é vivê-lo – podendo sentir o que Paulo põe na boca de cada cristão: *Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim* (Gal 2, 20).

Um catequista que realmente o faz empenha tudo o que tem na transmissão da Palavra divina de que é portador: empenha-se no conhecimento personalizado de cada um dos seus catequizandos, porque os ama com o amor de Cristo; empenha-se no contacto

permanente com os responsáveis pela sua educação, para, de um modo paciente, afável e permanente, os comprometer activamente na maravilhosa descoberta de Jesus Cristo; empenha-se em inserir os catequizandos na vida da comunidade, onde podem encontrar Cristo, nomeadamente na Eucaristia; empenha-se em preparar cuidadosamente cada encontro da catequese, procurando conhecer em profundidade a mensagem e o modo mais adequado à sua transmissão, para que seja Deus a falar por meio dele; empenha-se, para isso, em viver dessa mensagem, confrontando com ela o seu modo de pensar e agir, para que a sua conduta seja uma prova de que a Palavra de Deus é realmente viva e eficaz; empenha-se...empenha-se...

Porque sabe que, quanto mais se empenha e se dá, mais ganha: a vida alargada àqueles a quem a transmite... para que eles, já como catequizandos e a seu modo, a transmitam aos outros, até que cada semente que vai lançando produza trinta, sessenta, cem por um, como só Deus pode, com a energia vivificante da sua Palavra.

OBJECTIVOS

- Compreender o rito e o sentido da Liturgia da Palavra na celebração eucarística;
- Dispor-se a acolher a Palavra de Deus para que dê frutos na vida;
- Unir-se a Deus, presente na sua Palavra.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. A iniciação à Liturgia da Palavra, como se propõe nesta catequese, deve ser feita de um modo vivencial, isto é, através de uma celebração da Palavra. Daí que a parte central da catequese seja constituída por uma tal celebração semelhante, na sua estrutura e, em parte, no seu conteúdo, à que se realiza na Eucaristia.
2. Para isso, procure-se que haja uma ligação com a celebração eucarística em que as crianças foram convidadas a participar, no Domingo anterior: uma das leituras é escolhida de entre as que foram lidas nesse Domingo; se possível, seja feita pelo mesmo leitor que a leu nessa celebração; no final, as crianças são convidadas a realizar a Expressão de Fé na mesma igreja onde a escutaram.
3. A ida à igreja tem ainda como objectivo estabelecer a ligação entre a Liturgia da Palavra e a Liturgia Eucarística. Por isso se propõe que a Expressão de Fé decorra em volta do altar da Eucaristia.
4. Se for convidado um leitor da Missa para participar na catequese, explique-se-lhe bem o que tem de fazer e o que se pretende com a sua colaboração.
5. No final desta catequese, é distribuído a cada criança um pequeno saco de trigo para que semeiem alguns grãos. Espera-se que eles cresçam até à festa da 1ª comunhão. Para isso, o catequista procure, nas catequese até lá, informar-se do modo como as crianças vão realizando a tarefa que lhes é proposta.

MATERIAIS

- As seis fotografias usadas no final da catequese anterior (ver Documento 1 dessa catequese);
- Os dísticos "Eucaristia" e "Comunhão" (catequese anteriores);
- Duas fotografias, em formato idêntico às anteriores, neste caso alusivas, uma à leitura da palavra de Deus e outra à homilia da celebração eucarística;
- Um pequeno saco de trigo;
- Algumas pedras, alguns espinhos e um pouco de terra;
- Uma mesa ou um tabuleiro para nele colocar, na devida ordem, esses materiais;
- Um pano para cobrir essa mesa ou tabuleiro;
- Pequenos sacos com grãos de trigo, um para cada criança; como se trata de uma prenda, sejam enfeitados com um bonito laço ao qual se prenda um cartão com o nome de cada criança;
- Uma estante semelhante ao ambão da igreja;
- O leccionário com as leituras do Domingo anterior;
- Duas velas;
- A Bíblia.

MÚSICAS

- "Fala, Senhor, pela Bíblia";
- "Aleluia, glória ao Senhor" (estrofe própria);
- "A semente é a tua palavra" (catequese 23 e 24 do 4º ano).

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala

- No **placar**: a figura de Cristo (das catequese anteriores), coberta com as mesmas fotografias do final da catequese anterior e dispostas da mesma forma (ver Documento 1 dessa catequese), e rodeada dos dísticos "Eucaristia", ao alto, e "Comunhão", ao fundo.
- Na **mesa**, coberta com uma toalha branca e um pouco deslocada para a frente (como na catequese anterior), a Bíblia, ladeada de duas velas.
- De um dos lados da mesa, uma **estante**, semelhante ao ambão de uma igreja, com o leccionário aberto na leitura escolhida do Domingo anterior.
- Em frente (ou se o espaço for pouco, do lado oposto ao da estante): uma **mesa** um pouco mais baixa (ou um tabuleiro, em cima de dois bancos) com os motivos alusivos à parábola da sementeira: de um lado algumas pedras (pequenas), ao meio alguns espinhos, e do outro lado um pouco de terra. Tudo coberto com um pano que será levantado no decurso da catequese.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista diz num tom de voz um pouco mais baixo do que o usual, como quem está a transmitir um segredo:*

Hoje, tenho uma prenda para cada um de vós.

Ninguém pode saber ainda o que é, porque se trata de uma surpresa. Por enquanto, só posso dizer que tem a ver com a vossa Primeira Comunhão e que é uma prenda um bocadinho diferente daquelas que as crianças costumam receber.

Vamos lá ver se a merecem: quem merecer a prenda, também merece receber a Primeira Comunhão.

O que é preciso fazer para isso?... Olhem, a primeira coisa é ouvirem-me com a mesma atenção, como estão a ouvir agora, apesar de eu estar a falar um pouco baixinho.

No tom de voz usual:

Estava a fazer uma experiência. Mas só na voz. A prenda e a Primeira Comunhão são a sério. Vou dá-la, de certeza. Mas, também, depende de vós: de saberem ouvir.

Às vezes, não ouvimos porque estamos cansados, preocupados com outra coisa ou, então, porque não nos convém: quando a mãe chama para pôr a mesa, quando o professor pede para terminarmos o trabalho... fazemos de conta que não ouvimos! Ou então, é como se diz: entra-nos por um ouvido e sai logo pelo outro. É algo que nos incomoda: "Que bem que eu estou a ver televisão, e agora tenho de ir pôr a mesa!"

2. Ainda bem que, pelo menos aqui na catequese, isso não acontece. Pelo menos com todos. Ora vejamos:

Quem aprendeu – e fixou bem – o que vimos na última catequese e devemos saber dizer na Eucaristia?...

Reparem que eu já não disse Missa, mas disse Eucaristia, como está escrito no placar. Lembram-se porquê?

N (...), o que significa Eucaristia? ... Exacto: "Acção de Graças" ou "Agradecimento". E, N (...), a quem agradecemos nós?... Sim, na Eucaristia agradecemos muito a Deus. E temos muitas razões para isso: tantas coisas Ele nos dá!

Começamos por agradecer o pão e o vinho que é levado para o altar. Depois de o sr. Padre bendizer a Deus por eles (*o catequista pode dizer uma das formulas da bênção*) que respondemos nós, *N (...)?*

"Bendito seja Deus para sempre."

O catequista vai repetindo, com calma e clareza, as respostas correctas.
E quando o sr. Padre depois nos diz:

"O Senhor esteja convosco."

Respondemos como?...

"Ele está no meio de nós."

E depois ele diz-nos:

"Corações ao alto!"

E nós?...

"O nosso coração está em Deus."

E o vosso coração está mesmo em Deus? (*Ouvir as crianças*)

Então, se o nosso coração está em Deus, podemos dizê-lo: "O nosso coração está em Deus!"

Mas, o nosso coração está em Deus porquê e para quê?... (*Ouvir as crianças*)

Porque Ele nos ama e nós lhe estamos agradecidos pelo seu amor. Por isso é que o sr. Padre nos convida, a seguir:

"Demos graças ao Senhor nosso Deus."

E nós, que respondemos?...

"É nosso dever, é nossa salvação."

E é mesmo. Dar graças a Deus por nos dar tantas coisas boas, é mesmo um dever.

E depois faz bem ao nosso coração: faz-nos mais amigos dele e dos outros. Por isso dizemos também que é nossa salvação dar-lhe graças.

E lembram-se do que Ele nos dá na Eucaristia, depois de lhe agradecermos?...

Dá-nos, através do sr. Padre, o Corpo de Cristo na hóstia consagrada. Que bom!...

Muito bem! Estou a ver que têm estado atentos (*adaptar, incentivando as crianças a participar com mais maturidade e atenção*).

Por este andar, merecem mesmo a prenda e a Primeira Comunhão.

3. Mas, na última catequese, havia uma outra coisa para fazerem. Lembram-se?

*O catequista afixe, de um lado e do outro das fotografias do placar e conforme se indica no Documento 1: as **fotografias do leitor a fazer a leitura na Igreja, e do sacerdote a fazer a homilia**. Se forem conhecidos das crianças, comece por lhes perguntar:*

Estão a ver quem é? ...

Estão ali, tal e qual estiveram na Eucaristia. Quem os viu lá?

E quem sabe o que leram e disseram?

Comecemos pelo sr. Padre. Alguém se lembra do que ele disse daquele lugar onde está a falar, o ambão?...

O catequista deixe que as crianças se expressem. Se escreveram o que ouviram na Missa, deve louvá-las por isso.

E também ouviram bem o que leu o/a leitor/leitadora? ...

Deixe que se expressem e adapte o comentário às respostas e a uma das seguintes alternativas:

1ª

Alternativa

Para o caso do leitor nessa Eucaristia, ou outro que leia habitualmente, estar presente:

Vamos a ver se recordaram bem o que foi dito...

E, imaginem, vamos ter aqui a mesma pessoa que leu nessa Eucaristia: N (...).

Mesmo que seja outro leitor, diga o nome.

O leitor entre, saúde as crianças e dirija-se para a estante onde se encontra já o leccionário, aberto na leitura escolhida.

2ª

Alternativa

Para o caso de a leitura ser feita por um outro catequista ou, se o não houver, pelo próprio:

Vamos a ver se recordaram bem do que foi dito. O/A (nome do catequista, se não for o próprio) vai ler a mesma leitura que ouviram no Domingo.

Desloque-se para trás da estante, de onde fará a leitura escolhida.

II. PALAVRA

1. Para as duas alternativas:

Mas, antes, vamos preparar-nos bem.

De pé... Voltados, todos, para o placar, cantemos:

"Fala, Senhor, pela Bíblia" (1ª estrofe e refrão).

Depois de as crianças se sentarem e estarem calmas e atentas, o leitor faz a mesma leitura – das duas possíveis – do Domingo anterior. Escolha-se a leitura mais acessível às crianças e que, eventualmente, foi explicada ou usada pelo celebrante na sua homilia.

A leitura deve ser feita com a mesma introdução ("Leitura do/a"...) e conclusão ("Palavra do Senhor"), de tal modo que, no final, as crianças respondam:

- Graças a Deus.

2. Segue-se a **aclamação do Evangelho**:

O catequista convida as crianças a levantarem-se e duas delas a pegarem nas velas, uma de cada lado, e ele, no meio. Levante a Bíblia, para a aclamação do Evangelho, com o seguinte cântico (ou outro Aleluia, conhecido das crianças):

- "Aleluia. Glória ao Senhor"

(Versículo:) "Glória ao Senhor que nos fala"...

- "Aleluia, glória ao Senhor"

Durante a 2ª vez em que se canta o refrão, dirigem-se, o catequista e as crianças com as velas, para a estante, de onde é feita a:

3. **Proclamação do Evangelho** (Mc 4, 3-9):

Catequista:

O Senhor esteja conosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Marcos:

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

Catequista:

Naquele tempo,
disse Jesus às multidões:

«Escutai:

Saiu o semeador a semear.
Enquanto semeava,
uma parte da semente caiu à beira do caminho;
vieram as aves e comeram-na.
Outra parte caiu em terreno pedregoso,
onde não havia muita terra;
logo brotou, porque a terra não era funda.
Mas, quando o sol nasceu, queimou-se
e, como não tinha raiz, secou.
Outra parte caiu entre espinhos;
os espinhos cresceram e sufocaram-na
e não deu fruto.
Outras sementes caíram em boa terra
e começaram a dar fruto,
produzindo trinta, sessenta e cem por um.»

E Jesus acrescentava:

«Quem tem ouvidos para ouvir, oiça.»

Palavra da Salvação.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

O catequista beije a Bíblia. Depois, precedido das crianças com as velas, dirija-se para a mesa, onde colocam a Bíblia e as velas. Durante isso, pode cantar-se o refrão do cântico:

“Aleluia, glória ao Senhor”.

4. Homilia

Depois de mandar sentar as crianças:

Então, ouviram com muita atenção?

Repararam no que Jesus nos disse em último lugar:

“Quem tem ouvidos para ouvir, oiça”?

E fizeram o que Ele pediu, ouvindo bem?

Vamos ver se ouviram mesmo bem a história das sementes.

As sementes caíram todas no mesmo sítio, ou não?

E quais foram as que deram muito fruto?...

As últimas, porque só elas caíram em terreno bom.

Mas o que é que significará aquela semente e o terreno bom onde caíram as últimas sementes? É um pouco complicado de entender, não é?

Olhem, os discípulos de Jesus também não compreenderam logo. Por isso, quando chegaram a casa, como nós aqui, perguntaram a Jesus que significava aquela história: a semente e os lugares onde ela caiu...

Eu vou contar-vos qual foi a explicação dada por Jesus.

*O catequista pegue num pequeno **saco de trigo**, como se fosse o sementeiro, tire alguns grãos e mostre-os às crianças, dizendo:*

- Uma semente, como esta, significa, na história que ouvimos, a palavra de Deus e de Jesus: o que Ele pregava e ensinava então, às pessoas do seu tempo, e o que nos ensina hoje: por exemplo, na igreja onde estivemos no Domingo e o sr. Padre nos falou (*mostre a fotografia correspondente*).

Mas Jesus também nos fala aqui na catequese. Aliás, acabou de nos falar. E agora está a falar através de mim, que estou a explicar-vos a história das sementes.

Portanto, não se esqueçam: a semente é a Palavra do Senhor, como dizemos no fim da leitura da Eucaristia:

"Palavra do Senhor".

E como é que nós respondemos?...

"Graças a Deus".

Significa que estamos contentes com as palavras que foram lidas. Agradecemos a Deus por estas palavras que tanto bem nos fazem, porque nos ajudam a ser bons cristãos.

Mas, quando dizemos "Graças a Deus", estamos mesmo a dizer a verdade? Estamos a ser sinceros? Isto é, ouvimos mesmo bem o que Ele nos disse?

Se sim, então significa que têm aqueles ouvidos de que Jesus falava: os de ouvir, com o coração.

- Agora já estão a adivinhar o que significam os diferentes terrenos onde pode cair a semente da Palavra de Deus. Alguém é capaz de adivinhar? ...

Somos nós. Nós, e todas as pessoas a quem Deus e Jesus falam, através do sr. Padre, dos catequistas, dos pais...

Será que todos ouvem da mesma maneira?

Olhem, cada espécie de terreno onde cai a semente, representa um grupo de pessoas diferentes:

– Começemos pelas sementes que caem nos caminhos.

*O catequista lance alguns bagos de trigo ao **chão** e pergunte:*

Será que esta semente pode nascer? – Não, porque este chão não é bom.

Pois bem, Jesus compara este chão duro com as pessoas que não sabem ouvi-lo. A sua palavra nem sequer entra dentro delas.

– Agora, a semente que caiu...

*O catequista descubra a parte da mesa ou tabuleiro com as **pedras**, deixe ver... lance nelas alguns bagos de trigo e pergunte:*

Nas pedras, pode crescer? *(Deixe as crianças pronunciar-se)*

Se calhar até começa a crescer, mesmo entre as pedras. Mas depois, morre logo...

Quem serão as pessoas que estão representadas pelas pedras? – São os que ouvem a Palavra de Deus, mas ela não ganha raízes neles, não cresce.

Porquê? - Porque às vezes não têm muita coragem: se são criticadas por vir à igreja, por terem em Jesus um grande amigo; se alguém lhes diz que não é fixe, elas desistem, fraquinhas!

Não é o nosso caso, pois não? Nós vimos e gostamos de vir. E, se alguém faz algum comentário nós respondemos... *(deixar as crianças pronunciar-se)* que queremos ter uma vida de cristãos.

Muito bem!

– Vejamos agora a semente que cai...

*O catequista descubra a parte com os **espinhos**, deite entre eles mais uns bagos e pergunte:*

Que espinhos serão estes que abafam e matam a semente que ia nascer e crescer?

Será que sois vós?

Vou dar-vos alguns exemplos que conhecem bem. Imaginem que, cada um de nós, quando chega a casa, em vez de cumprimentar a família, ir fazer os trabalhos de casa, ajudar os pais, brincar com os irmãos, se fecha no quarto a falar ao telefone, a brincar com o computador, só a ver televisão...

São alguns dos espinhos que não nos deixem fazer o que devemos e, pior ainda, nos podem afastar de Jesus. Ele pede-nos que sejamos alegres, cumpridores, trabalhadores, ajudemos os outros, sejamos simpáticos... Ora se cada um só pensa em si, nesse a palavra de Deus não consegue viver e crescer.

– Mas vamos ao melhor terreno...

*O catequista descubra a parte relativa ao **bom terreno**, lance as sementes, calque-as um pouco e diga:)*

Estas de certeza que nascem, crescem e darão muito fruto.
Que terreno é este?...

Olhem, eu conheço um **cântico**¹³ que nos explica qual é o bom terreno. É assim:

**"A semente é a tua palavra, Senhor.
Quem a acolhe no coração,
Dará fruto e terá a vida."**

Vamos aprendê-lo bem, com os tais ouvidos do coração.

Depois das crianças saberem o cântico:

Como vêem, a semente da Palavra de Deus, para dar muito fruto tem de ser acolhida no coração, isto é, com muito amor. Porque é a Palavra de alguém que nos ama muito, mesmo muito: Deus.

E como nós, também O amamos, por isso O acolhemos no nosso coração. Então cantemos outra vez:

"A semente é a tua palavra" (só o refrão)

Esta palavra é a que Deus nos diz, aqui na catequese e também na igreja. Sei que procuram acolhê-la no coração.

– Por exemplo, aqueles que foram no Domingo à igreja, ouviram bem o que o/a (*nome do/a leitor/a*) leu e, depois, também o que o sr. Padre disse.

E os que não foram vão usar o seu coração para falar com os pais e para, de hoje em diante, irem sempre à Missa.

– E que mais têm feito, como resultado da Palavra de Deus?

Têm procurado aprender bem o que ouvem na catequese.

Por exemplo: quando se esforçam para aprender as palavras que temos de dizer na celebração da Eucaristia; quando falam com os pais acerca do que nós conversamos e aprendemos na catequese.

– E há uma outra coisa, muito bonita, que fizemos e é um belo fruto da Palavra de Deus.

Por altura do Natal... Lembram-se? – A nossa partilha de Natal!

Que belo fruto da palavra de Deus! Creio que o Senhor ficou muito feliz connosco.

E como nós, há muitas outras pessoas.

¹³ Registado na página 71 do catecismo.

- Por exemplo, *o/a (nome)* que veio aqui falar-nos, nos ofereceu aquele pão, que partilhamos com os nossos familiares.
- E aquelas pessoas que ajudam na nossa igreja, e as que ajudam os pobres e os doentes. Tantos frutos da Palavra de Deus: frutos que dão vida. Deus semeou nos corações e os corações deram frutos de obras boas.

Por tudo isso, cantemos outra vez:

“A semente é a tua palavra” (*refrão*)

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Ora bem, agora já podemos distribuir a prenda que eu tenho para nós!

E os meninos e as meninas vão, também, receber a sua Primeira Comunhão e eu estarei lá, comungando convosco! Que alegria!

Se continuarem a receber a Palavra de Deus no coração, então sim, merecerão, cada vez mais, esta prenda.

E Deus estará convosco, na vossa vida e, aqui, na catequese, para vos ajudar a estar muito atentos à sua palavra, a fazer o bem... Deus ajuda-vos a crescer!

Bom, vejo que estão todos desejosos de saber que prenda é.

Mas têm de esperar mais um bocadinho porque vamos recebê-la na nossa igreja: no lugar onde melhor ouvimos a palavra de Deus, na Eucaristia, e onde iremos receber a Primeira Comunhão. De acordo?

Fazemos assim:

- Vamos até à porta da igreja e, chegados lá, formamos duas filas:
- À frente vai *a/o (nome)* com o livro da Palavra de Deus, como às vezes fazemos no princípio da Eucaristia;
- Ao lado de quem leva a Bíblia, vão o *(N)* e a *(N)*, cada um com uma das velas que estão aqui;
- Os outros vamos atrás deles, em duas filas, até ao altar.
- Aí colocam a Bíblia e as velas em cima do altar (ao centro). E todos fazemos uma roda em volta do altar.
- Enquanto subimos até ao altar, cantamos o **cântico** que acabámos de aprender:

“A semente é a tua palavra”.

Se não for possível a deslocação a uma igreja, adapte-se o que é sugerido à sala de catequese: com uma nova entrada e a mesa a servir de altar.

2. Uma vez todos em volta do altar, o catequista diga:

Agora, como sinal de que queremos acolher sempre a Palavra de Deus no nosso coração, proponho que, cada um de vós, venha beijar o livro da Palavra de Deus, como eu fiz há pouco e o sr. Padre faz na Missa.

Se o altar for muito alto para as crianças, pode pôr-se um pequeno degrau ou o catequista segurar a Bíblia.

O catequista deve limpar discretamente o livro depois de cada criança o beijar, usando um lenço de pano, digno.

Enquanto se beija, pode cantar-se o mesmo cântico. Depois de todos beijarem e de voltarem aos seus lugares, o catequista convide-os à oração:

É aqui, em volta do altar, que nós, na Eucaristia, rezamos a **oração** que Jesus nos ensinou e que também vem no livro da Palavra de Deus.

Então, demo-nos as mãos...e ainda como sinal de que queremos acolher a Palavra de Deus no nosso coração, rezemos como o Senhor nos ensinou:

"Pai Nosso"...

3. Compromisso

Finalmente vamos ter a nossa prenda...

Vou entregá-la, mas só a abrem quando todos a receberem, porque assim é muito mais agradável.

O catequista dê a cada criança, no seu lugar, um saquinho com alguns grãos de trigo e fique com um também para si. No final diga:

Podem abrir...

Sabem para que são esses grãos de trigo?...

São para vós semeardes, lá em vossa casa.

O melhor é ser num vaso fundo.

Semeiem vários, porque alguns podem não nascer. Se nascerem todos, depois podem arrancar alguns, para os outros crescerem bem.

Peçam a ajuda dos vossos pais ou avós.

E sabem para que vão servir as plantas e espigas que nascerem?

Para duas coisas:

- Para vos ajudar a pensar na palavra de Jesus que ouvimos nesta catequese: a semente da sua Palavra tem de cair em bom terreno. E aí dá muito fruto.

Quando semearem o vosso trigo e o virem a nascer e a crescer, vão-se lembrando de que têm de acolher sempre a Palavra de Deus no vosso coração, que é um bom e belo terreno.

E vão pensar no que Deus nos pede, e como é algo de tão importante, vão tomar nota na página 70 do catecismo (*mostrar*).

Semeiam o trigo, de modo que ele esteja crescido, quando receberem a Primeira Comunhão.

É que o pão que é transformado por Jesus no seu Corpo é feito de trigo. Não vai ser do trigo que nasce lá em vossa casa. Até porque não vai a tempo. Mesmo assim, estão a preparar a vossa festa, porque prometo que esse trigo, havemos de o levar para a festa da Primeira Comunhão. E vai ser muito lindo: ter na Primeira Comunhão o trigo que vai nascer e crescer durante a vossa preparação. Aquela preparação em que procurais acolher a Palavra de Deus no fundo do coração!

Não se esqueçam de semear o trigo até à próxima catequese, tal como está ilustrado na página 72 do catecismo (*mostrar*) e, no fim, para sabermos bem aquilo que é mais importante – o que deve ficar guardado em nós, como uma boa semente que cai num bom terreno – preenchem o texto incompleto que está nessa página e, como sinal do vosso compromisso, assinam o vosso nome.

Quando o semearem, cantem este **cântico** que hoje aprendemos e vamos cantar outra vez. Mas, agora, cada um com o seu saco de trigo nas palmas das mãos, levantadas para o Senhor:

"A semente é a tua Palavra" (*só o refrão*)

Catequista:

Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

Crianças:

Graças a Deus.

Nota: o catequista faça a sua própria sementeira e traga o vaso para a próxima catequese.

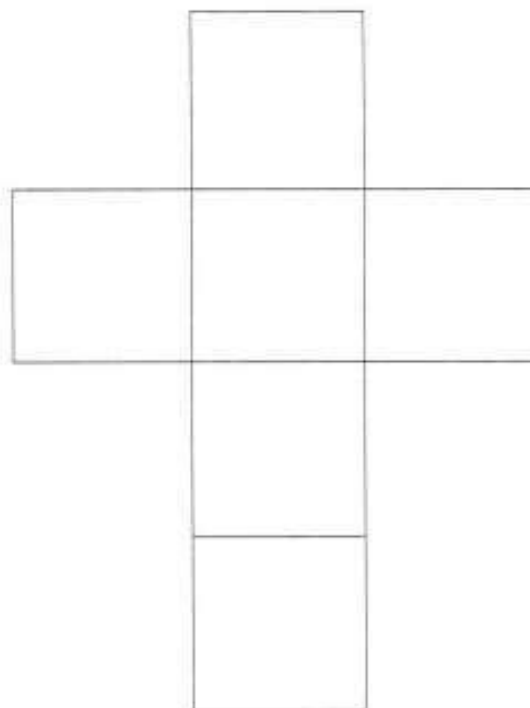
Para guardar na memória e no coração

Na Eucaristia é semeada a Palavra de Deus,
para a escutarmos e acolhermos no nosso coração.

DOCUMENTO 1

Painel a formar nesta catequese, complementar do que foi formado na catequese anterior. Juntem-se, às anteriores, as seguintes fotografias:

1. Uma fotografia com um leitor a fazer uma leitura na missa
2. Uma fotografia com o sacerdote a proferir a homilia do ambão



COM JESUS, AMAMOS OS DOENTES

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O doente de hoje

Não é preciso recuar muito na história nem ser pessoalmente demasiado idoso, para facilmente nos apercebermos dos gigantescos e rápidos progressos feitos pela medicina e ciências afins, na prevenção e na erradicação da doença. E em todos os campos: desde o da formação dos seus agentes, ao da investigação, até ao desenvolvimento dos meios técnicos ao seu dispor. Resultados sempre desejados, mas, há alguns anos atrás, impensáveis. Autênticas maravilhas.

"Graças a Deus!" – dirão muitos, sobretudo os crentes. E com razão. A missão dada por Deus ao seres humanos, num dos textos bíblicos sobre a criação – *Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra* (Gn 1, 28) – estende-se a tudo o que pode tornar a vida humana mais saudável. E é fruto daquela bênção divina que ajuda o homem e a mulher a serem ainda mais *imagem e semelhança de Deus* (1, 26s), como seus agentes e colaboradores na contínua e sempre actual obra da criação.

Mas, como acontece em tantos outros campos da vida humana, também no da saúde física e mental, não há um sim, sem um senão. Por exemplo, o de certas pessoas, fascinadas por tais progressos e sucessos, caírem, às tantas, na perigosa ilusão de que a ciência e, com ela, o homem tudo podem. E, quanto maior for essa ilusão, maior será a frustração que, em matéria de saúde, pode mesmo acentuar o poder devastador da doença. Sabemos bem como se pode morrer mais depressa se, inesperadamente, se perde a confiança na possibilidade, real ou não, da cura. E mais grave se torna, se essa confiança nasce e se orienta por uma concepção da vida, restringida à sua materialidade, física e psíquica.

Não há dúvida: nesse modo de pensar e viver, a doença é muitíssimo mais cruel, porque se sentem, com muito mais intensidade, a incapacidade, as limitações e a finitude da vida. Na prática, passa-se aquilo que é constatável, com mais frequência, numa criança: tanto adocece mais facilmente quando se vê desprezada ou ignorada, como recupera mais depressa e melhor quando se sente apoiada e considerada.

De facto, um dos maiores problemas dos doentes de hoje e que muito pode agravar as suas doenças, é a solidão. Sentem-na aqueles que vivem, física e socialmente, sós. Mas sentem-na, também, muitos dos que são levados para lares e hospitais, cheios de pessoal de serviço, que até pode e deve estar técnica e cientificamente bem preparado, mas ao qual pode faltar a devida e necessária sensibilidade para não restringir o seu serviço aos cuidados físicos e materiais. Tanto ou mais do que isso, o doente precisa de carinho, de ser verdadeiramente amado. A começar pelos que estão mais perto dele, sobretudo os seus familiares.

E, graças a Deus, está-se a despertar cada vez mais para essa necessidade de cuidar do corpo e da alma, nomeadamente a partir da Igreja, da mensagem que está na sua origem e é o fundamento da sua identidade e prática de vida.

2. "Tomou sobre si as nossas enfermidades"

Esta afirmação é feita em **Mt 8, 17** acerca de Jesus e do seu anúncio do Reino de Deus. É uma citação de Is 53, 4, onde, na origem, era aplicada ao chamado "Servo de YaHWeH".¹⁴ Quer dizer que a actividade messiânica de Jesus corresponde ao modo de agir de Deus, contido na Escritura (no caso, o AT), e aos seus planos para os tempos em que, conforme se esperava, viesse instaurar definitivamente o seu Reino.

S. Mateus aplica a profecia a Jesus, precisamente no interior de dois capítulos do seu Evangelho (Mt 8-9), dedicados à descrição de uma série de milagres operados por Jesus, a maioria curas de doenças. Foi nesse sentido que Ele *tomou sobre si as nossas enfermidades e carregou as nossas dores*. Na linha do que já acontecia no AT e, de resto, na maioria dos povos da antiguidade: onde o homem "vive a doença à face de Deus", também "a compaixão de Cristo para com os doentes e as suas numerosas curas de enfermos de toda a espécie são um sinal claro de que «Deus visitou o seu povo» (cf. Lc 7, 16) e de que o Reino de Deus está próximo (...). A sua compaixão para com todos os que sofrem vai ao ponto de identificar-se com eles: «Estive doente e visitastes-Me» (Mt 25, 36)" (CIC 1502.1503).

Mas, desta última afirmação já se pode depreender que tal solicitude de Jesus pelos doentes não se limitava à sua cura, a proporcionar-lhes a harmonia e o bem-estar físico e material. "Jesus tem poder, não somente para curar, mas também para perdoar os pecados (cf. Mc 2, 5-12): veio curar o homem na sua totalidade, alma e corpo; é o médico de que os doentes precisam (cf. Mc 2, 17)" (Ibidem 1503).

Nesse sentido, as curas por Ele operadas aparecem sempre, directa ou indirectamente, ligadas à fé. Só dois exemplos: na cura do servo do centurião (Mt 8, 5-13) Jesus louva a *grande fé* daquele oficial romano e diz-lhe, no fim: *Vai, que tudo se faça conforme a tua fé* (v. 13); depois de curar a sogra de Pedro (Mt 8, 14-15), diz-se que *ela, levantando-se, pôs-*

¹⁴ YaHWeH é, no Antigo Testamento, o nome próprio de Deus e é, habitualmente, "traduzido" por "SENHOR". O "Servo de YaHWeH" é uma figura que aparece no chamado Segundo Isaías (Is 40-55) e que, no Novo Testamento, é frequentemente identificado com Jesus.

-se a servi-lo (v. 15). Neste caso, é aquela fé que, segundo Gal 5, 6, *actua pelo amor*, que, por sua vez, tem no serviço generoso e desprendido uma das maiores concretizações. Ainda nessa linha, a expressão *tomou sobre si as nossas enfermidades* adquire, no conjunto do Evangelho, um novo sentido, mais próximo daquele que tinha no texto de Isaías em relação ao Servo de YaHWeH. Isto é, as curas que Jesus fazia, como "sinais da vinda do Reino de Deus", "anunciavam uma cura mais radical: a vitória sobre o pecado e sobre a morte, mediante a sua páscoa. Na cruz, Cristo tomou sobre si todo o peso do mal e tirou «o pecado do mundo» (Jo 1, 29), do qual a doença não é mais do que uma consequência. Pela sua paixão e morte na cruz, Cristo deu novo sentido ao sofrimento: desde então, o sofrimento pode configurar-nos com Ele e unir-nos à sua paixão redentora" (Ibidem 1505). Também para isso, Ele deixou à sua Igreja:

3. O sacramento da Unção dos Enfermos

No centro da sua celebração estão os seguintes elementos, provenientes do cristianismo nascente e testemunhados por Tgo 5, 14-15: "«Os presbíteros da Igreja» impõem – em silêncio – as mãos sobre os enfermos; rezam por eles na fé da Igreja: é a epiclesse própria deste sacramento; então, conferem a unção com óleo, benzido, se possível, pelo bispo" (CIC 1519).

Mas a celebração não se reduz a tal, apenas converge para isso. O acto penitencial introdutório, a(s) leitura(s) bíblica(s), a ladainha ou oração dos fiéis são elementos igualmente necessários, sobretudo para despertar ou aprofundar aquela fé que se exprime, sobretudo, na oração e que não é exclusiva do presbítero que preside. Também o doente deve ser preparado para receber, com fé, as graças que lhe são oferecidas, assim como a comunidade crente que, activamente, participa na celebração.

Estes são dois aspectos a que a reforma pós-conciliar deu especial ênfase: a participação activa do doente, de tal modo que o sacramento até deixou de se chamar "Extrema" (isto é, administrada só a moribundos) para ser "Santa Unção" ou "Unção dos Enfermos"; a sua dimensão eclesial: recomenda-se, designadamente, "que os doentes se preparem para o receber com boas disposições, com a ajuda do pastor e de toda a comunidade eclesial, convidada a rodear, de um modo muito especial, os doentes, com as suas orações e atenções fraternas" (Ibidem 1516).

Então sim, podem esperar-se os seus efeitos salutares, dos quais se destacam os seguintes:

- "Um *dom particular do Espírito Santo*. A primeira graça deste sacramento é uma graça de reconforto, de paz e de coragem para vencer as dificuldades próprias do estado de doença grave ou da fragilidade da velhice (...). Esta assistência do Senhor, pela força do seu Espírito, visa levar o doente à cura da alma, mas também à do corpo, se tal for a vontade de Deus. Além disso, «se ele cometeu pecados, ser-lhe-ão perdoados» (Tg 5, 15)" (Ibidem 1520).
- "A *união à paixão de Cristo*. Pela graça deste sacramento, o enfermo recebe a força e o dom de se unir mais intimamente à paixão de Cristo: ele é, de certo modo,

consagrado para produzir frutos pela configuração à paixão redentora do Salvador” (Ibidem 1521).

- “Uma *graça eclesial*. Os doentes que recebem este sacramento, «associando-se livremente à paixão e morte de Cristo, concorrem para o bem do povo de Deus» (LG 11). Ao celebrar este sacramento, a Igreja, na comunhão dos santos, intercede pelo bem do doente. E o doente, por seu lado, pela graça deste sacramento, contribui para a santificação da Igreja e para o bem de todos os homens, pelos quais a Igreja sofre e se oferece, por Cristo, a Deus Pai” (Ibidem 1522).

Quanto bem pode, pois, fazer, este sacramento: a quem o recebe e a quem participa activamente na sua celebração. Que o digam tantas crianças, hoje já jovens ou adultos, que o fizeram, desde que tal celebração foi, no catecismo anterior, integrada no próprio acto catequético, tal como é pedido para este.

OBJECTIVOS

- Despertar para o dever cristão de amar os doentes, a partir do exemplo de Jesus;
- Compreender o sentido e os ritos do sacramento da Unção dos Enfermos;
- Celebrar este sacramento com um doente.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. A criança normalmente tem uma especial sensibilidade pelos mais fracos, incluindo os doentes. E até é possível que muitas delas tenham ou estejam a fazer experiências com doentes, entre familiares e amigos. Por outro lado, elas mesmas provavelmente já experimentaram a doença em si próprias e o conforto proveniente, nessas ocasiões, da solicitude e ajuda da parte dos outros. São sentimentos que estão plenamente de acordo com a sua sensibilidade cristã e são, nesse sentido, de acentuar.
2. Por tudo isto, esta catequese deve, não apenas ser uma exposição teórica, mas ter um forte cunho vivencial, nomeadamente com a proposta feita na Expressão de Fé: a visita a um doente e, tanto quanto possível, a celebração para ele e com ele do sacramento da Unção dos Enfermos. Se tal de todo for impossível, ao menos que o grupo visite o doente e faça com ele o que lhe é possível: a oferta das flores, a leitura bíblica, a ladainha e o convívio conclusivo.
3. Trata-se de uma experiência que, se bem preparada e executada, pode ser marcante, tanto para as crianças como para o doente: estabelecer-se-á uma relação afectiva e cristã entre elas e o doente, de que não mais se esquecerão. Experiências idênticas já feitas mostram isso mesmo.
4. Por isso, o catequista não se poupe a esforços. Lembre-se de que está em causa um dever de todo o cristão. Não o realizar, só porque dá trabalho, é, negativamente, uma ofensa grave tanto ao doente como às crianças, na sua educação cristã e na vivência da sua fé.

5. Para a sua preparação tenha-se presente especialmente o seguinte:
- Que o doente a visitar ainda esteja suficientemente lúcido, para que se aperceba quer do significado do sacramento quer do gesto das crianças e possa, nesse sentido, conviver com elas.
 - Que se defina tudo com familiares do doente, para que, pelo menos um deles esteja presente e colabore na visita.
 - Que, ao convidar-se o sacerdote, se lhe explique bem o que ele tem a fazer e qual o papel das crianças.
 - Que, para isso, se elabore um pequeno guião da celebração, no qual esteja bem claro o que cada interveniente deve fazer.
6. Nos anos em que a Páscoa é mais cedo, provavelmente haverá necessidade de passar esta catequese para o período pós-pascal. Propõe-se, para não quebrar a ligação entre as catequese, que seja feita entre a 28 e a 29. Nesse caso, façam-se as devidas adaptações relativamente ao que é proposto no desenvolvimento da catequese.

MATERIAIS

Para a catequese:

- Vaso em que o catequista semeou os seus grãos de trigo (catequese anterior);
- Uma fotografia de um doente (se possível, do que vai ser visitado);
- Folhas de papel colorido, recortadas em forma de coração, para nelas se escreverem nomes de doentes;
- Folhas de papel colorido, recortadas em forma de setas, para nelas se escrever o que se pode fazer pelos doentes;
- Quatro folhas de papel, do mesmo formato, mas de outra cor, com os dísticos: "Palavra", "Oração", "Unção" e "Perdão";
- Vaso com Óleo dos Enfermos;
- Dístico "Unção dos Enfermos";
- Guiões com a celebração do sacramento da Unção dos Enfermos e da visita ao doente, um para cada criança (ver Documento 1);
- Uma vela bonita;
- A Bíblia;
- Lápis.

Para a visita ao doente e a celebração da Unção dos Enfermos (Documento 1):

- Uma flor para cada criança;
- Vaso com o Óleo dos Enfermos;
- Um crucifixo;
- Guiões da celebração;
- Lenços do Baptismo de cada criança que participe;
- "Comes e bebes" para o convívio conclusivo.

MÚSICAS

Para a catequese:

- "A semente é a tua Palavra".

Para a celebração:

- "A semente é a tua Palavra";
- "Senhor Jesus, Tu és a luz";
- "Sou de Cristo, sou feliz".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala

- **Placar:** está vazio.
- **Mesa:** num dos lados, a vela, apagada; ao centro, a Bíblia; no outro lado, um pequeno vaso, com o Óleo dos Enfermos e o vaso onde o catequista semeou as suas sementes (da catequese anterior), coberto com um pano.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista descubra o vaso em que semeou os seus grãos de trigo, pode pegar nele com as mãos e mostrá-lo às crianças...e pergunte:*

Alguém é capaz de adivinhar o que está aqui neste vaso?...

É provável que as crianças o reconheçam, sobretudo se fizeram o mesmo. Adaptando-se às respostas, o catequista continue:

Como sabem, também eu levei para casa grãos de trigo para semear. Aqui está a minha sementeira, neste vaso.

Contem lá como é que foi convosco.

Depois de algumas crianças se exprimirem, conclua:

Vejo que estiveram bem atentos, com os ouvidos bem abertos, e a semente da Palavra de Jesus entrou mesmo no vosso coração.

Como podem ver, as minhas sementes ainda não germinaram. Pelo menos, não se vê nada (*mostrar*). E nas vossas, de certeza, também se não vêem as plantas.

Mas, se as semearam bem, hão-de nascer e crescer. Precisam é de ser regadas, de vez em quando, e de as pôrem à luz, por exemplo, junto de uma janela.

Pois bem, assim temos de fazer com a Palavra de Deus semeada no nosso coração: cuidar dela, colocá-la à luz, regá-la... Vamos ver se somos capazes de fazer tudo para que ela germine, cresça e dê muito fruto... Começando pelo que vamos fazer nesta catequese!

O catequista pouse o vaso e diga, num tom e ritmo convidativos ao recolhimento:

Para isso, convido-vos a fazermos um bocadinho de silêncio, podendo até fechar os olhos, para nos concentrarmos... e pensarmos como Deus nos ama e, com a sua Palavra, pode produzir tantos e tão maravilhosos frutos em nós...

Depois de um certo silêncio, de acordo com a capacidade das crianças, o catequista conclua:

Como Deus e Jesus devem estar contentes connosco: por nos dispormos, mais uma vez, a acolhermos a sua Palavra no nosso coração!

Bem lhe podemos cantar – a Jesus – o **cântico** que aprendemos na última catequese. Levantemo-nos então.

"A semente é a tua palavra" (1ª ou 2ª estrofes).

2. Terminado o canto e depois de as crianças se sentarem, o catequista afixe, ao centro do placar, uma **fotografia com um doente**, de preferência aquele que as crianças forem visitar. Se já for conhecido delas (mesmo somente de algumas), comece por perguntar:

Conhecem este senhor (ou senhora)?... Alguém sabe como se chama?..

E sabem que ele/ela está doente?...

Se houver crianças que saibam mais pormenores, que o digam: a doença, o sofrimento, onde passa o tempo, quem trata dele/dela...

Agora digam-me: conhecem outras pessoas doentes e que, há bastante tempo, não podem fazer a sua vida habitual?

Devem restringir-se a pessoas que, pela sua doença ou idade, estão impedidas de trabalhar e, total ou parcialmente, dependentes.

*À medida que as crianças e o catequista forem mencionando outros casos, sobretudo do seu círculo familiar e de amigos, o catequista escreva os **nomes nas pequenas folhas, recortadas em forma de coração**, que vai afixando no placar, em volta da fotografia do doente. No fim, comente:*

Como vêem, há muitas pessoas doentes, algumas delas mesmo a sofrer muito (pode mencionar alguns casos apontados, se os houver).

É difícil para alguém estar doente e não poder fazer as mesmas coisas que nós fazemos todos os dias! E ter dores...

Claro que isso também pode acontecer connosco, não é? Se calhar, alguns de nós também já estivemos bastante doentes (*ter atenção às situações particulares de cada criança*).

3. Mas será que nós podemos fazer alguma coisa por essas pessoas que estão doentes?... Pensem lá um pouco e digam: além de os levar ao médico ou ao hospital, que mais podemos fazer?...

O catequista pode ir escrevendo o resumo das respostas em folhas coloridas, recortadas em forma de setas, que vai afixando no placar, em redor e a apontar para a fotografia do doente e os nomes dos outros doentes antes referidos.

II. PALAVRA

1. Estou muito contente com tudo o que estivemos a partilhar. E Jesus, também. É que, se havia pessoas de quem Ele gostava, eram, em primeiro lugar, os doentes. Todos os doentes: as pessoas portadoras de deficiências, como a cegueira, a surdez, a paralisia; os leprosos, que é uma doença muito difícil de suportar e que, nesse seu tempo, não tinha cura...

E como Ele os ajudava! Curava-os por fora e por dentro, no corpo e na alma. Sim, essas pessoas, depois, ficavam muito amigas dele. E muitas até o seguiam para onde Ele ia e para onde Ele as enviasse a levar a sua Palavra.

Lembram-se de Ele ter enviado os Apóstolos a anunciar o Reino de Deus? E de como eles curavam os doentes, como Jesus. *(O catequista pode indicar a página correspondente do catecismo: página 18, da catequese 3).*

2. Que bom seria, se nós pudéssemos fazer o mesmo. Algumas coisas até podemos fazer, mesmo sem sermos médicos.

Sim, sim, além de tudo o que já disseram *(pode mencionar algumas propostas)*, há ainda uma coisa que nós, cristãos, podemos e devemos fazer pelos doentes... É verdade: devemos mesmo. Senão, não seríamos bons cristãos, isto é, a semente da Palavra de Deus em nós não germinaria nem daria frutos.

Muitos estão, de certeza, com curiosidade de saber o que é que devemos fazer de especial pelos doentes.

É uma coisa que os cristãos já fazem há muitos séculos. Praticamente desde o tempo de Jesus. Pelo menos foi um grande amigo de Jesus quem explicou por escrito aquilo que os cristãos devem fazer de especial pelos doentes. Esse amigo de Jesus chamava-se Tiago, São Tiago.

Vamos ouvi-lo. Mas, atenção: tem de ser com o nosso coração. Isto é, ouvir tão bem que, depois, sejamos mesmo capazes de fazer aquilo que Jesus nos pede.

Será que seremos capazes? Eu penso que sim. Vós sois tão bons... Mesmo ainda tão pequenitos, tendes um coração, por vezes, tão cheio de bondade. E Jesus sabia disso muito bem. Ele!

O catequista convide uma criança a acender a vela, depois pegue na Bíblia, aberta em Tgo 5, 14-15 e leia, pausadamente, dirigindo-se às crianças:

Catequista:

Leitura da carta de São Tiago:

Irmãos:

**«Alguém de vós está doente?
Chame os presbíteros da Igreja
para que rezem sobre ele,
ungindo-o com óleo em nome do Senhor.
A oração da fé salvará o doente
e o Senhor o aliviará;
e, se tiver cometido pecados,
ser-lhe-ão perdoados.»**

Palavra do Senhor.

Crianças:

Graças a Deus.

3. Ouviram bem o que São Tiago nos diz? Vamos ver:

– Quando está alguém bastante doente, qual é a primeira coisa que nós cristãos devemos fazer?...

Dizer aos presbíteros, que hoje são os srs. Padres.

– E dizer para quê?

Para que, pelo menos um deles vá visitar o doente.

– E é só para visitar, ou para fazer mais alguma coisa?...

Sim: primeiro deve anunciar-lhe a Palavra de Deus

*O catequista afixe, a apontar para a fotografia do doente, o **dístico "Palavra"**, recortado numa folha do mesmo formato das anteriores (em forma de seta) mas de outra cor, e explique:*

A palavra que o sr. Padre transmite é uma que venha na Bíblia: pode ser a mesma que São Tiago nos disse; mas também podem ser aquelas que nos contam o que Jesus fazia pelos doentes, como Ele os ama e, até, os pode curar.

O sr. Padre vai, em nome de Jesus, semear a Palavra de Deus no coração do doente e das pessoas que estão junto dele.

Semear para quê? Para que dê frutos. Antes de vermos que frutos podem ser, cantemos o **cântico** ao Senhor:

"A semente é a tua Palavra" (só o refrão).

- E que faz o sr. Padre a seguir?

*O catequista afixe, no outro canto da fotografia e do mesmo modo, o **dístico "Oração"**, com a mesma forma e cor do anterior, e comente:*

Rezar pelo doente a Jesus e a Deus nosso Pai.

Rezar faz muito bem: ao doente e às pessoas que estão com ele. Dá-lhes mais força e mais coragem. Porque, quando rezamos, contamos a Deus aquilo que nos preocupa ou alegra e deixemos que Ele fale no nosso coração.

– Depois de rezar, com as outras pessoas, que faz a seguir o sr. Padre?

*O catequista afixe, no outro canto da fotografia e do mesmo modo, o **dístico "Unção"**, idêntico aos dois anteriores, e comente:*

Já conhecem esta palavra!... Significa untar com azeite, como vimos, quando falámos do Crisma.

O catequista mostre o Óleo dos Enfermos e explique:

Aqui está o azeite, benzido para ungir os doentes. Para quê? – Para lhes dar força. E até os pode curar. Sim, o azeite também cura ou, pelo menos, alivia as dores. Neste caso, é Jesus quem alivia.

Por isso, o sr. Padre, quando unge o doente, faz, com o seu dedo, uma cruz: primeiro na testa (*o catequista pode exemplificar na testa de uma criança*); e depois, se o doente estiver em condições, também nas mãos (*pode fazer o mesmo na mão de outra criança*). Porquê uma cruz? Porque foi na cruz que Jesus deu a vida por nós e nos mostrou quanto nos ama.

– E que acontece com o doente? – Se ele aceitar e receber tudo com fé (*o catequista aponta os dísticos anteriores*) – a Palavra, a oração e a unção – então Deus não só lhe aliviará o sofrimento, mas, para isso, dá-lhe uma outra coisa muito importante.

*O catequista afixe, no último canto da fotografia e do mesmo modo, o **dístico "Perdão"** e comente:*

Deus perdoa os pecados ao doente, se ele tiver feito alguns.

E sabem como é que nós chamamos a todo este ritual, indicado no placar?

*O catequista afixe, ao alto do placar, o **dístico "Unção dos Enfermos"** e peça:*

Leiam comigo: "Unção dos Enfermos". Sim, é o sacramento da Unção dos Enfermos.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Ainda não conheciam este sacramento?...

É o sacramento que devemos dar aos doentes ou velhinhos, para experimentarem o amor especial que Deus tem por eles. Anima-os e isso, muitas vezes, até é uma grande ajuda na cura. Com o amor de Deus e o nosso.

Imaginem que sois vós que estais doentes. Não gostais que quantos vos amam estejam convosco? E Jesus, tão nosso amigo?! E aqueles de quem Jesus se serve: a mãe, o pai,

a avó... com os seus cuidados e mimos (*atenção às situações familiares das crianças*)?!...
E isso não vos ajuda a sentir-vos melhor, quase mais do que os remédios?!...

Por saber disso, vou propor-vos o seguinte: a visita a um destes doentes.
Depois da Palavra que Deus hoje semeou no nosso coração, não podemos dizer não.
Que vos parece?...

Se o doente a propor, for o que constar na fotografia, o catequista pode mesmo dizer:
Olhem, eu já falei com o/a sr./a (*nome*) e os seus familiares. Disse-lhes que hoje iríamos falar dele na nossa catequese. E, é claro, ele/ela ficou muito contente e agradecido/a.

E, não se preocupem, que eu vou organizar tudo muito bem.

Ter atenção às crianças tímidas ou que possam estar traumatizadas com um situação, recente e difícil, de doença na família ou própria; o catequista deve dar-lhes segurança e conforto nesta pequena aventura.

Não gostavam de lhe fazer uma surpresa: irmos, em grupo, visitá-lo!?

Conforme a alternativa – com ou sem sacerdote – adaptar o que se segue:

Eu falo com o sr. Padre e, se ele puder, de certeza que vai connosco e dá ao sr./a (*nome*) o sacramento da Unção dos Enfermos. E nós ajudamos o sr. Padre e podemos, até, explicar ao sr./a (*nome*) o que o sr. Padre lhe faz. Tenho a certeza que vamos dar uma grande alegria ao sr./a (*nome*). E nós, teremos também muita alegria. Vão ver!

2. *Conforme o número de crianças e a sua capacidade para ler, distribua-se por elas as tarefas das sucessivas partes da **celebração da Unção do doente**, que devem constar de um guião entregue a todas (Documento 1).*

3. *Depois da distribuição das tarefas, o catequista convide as crianças à oração:*

Agora, que já sabemos o que cada um vai fazer, preparemo-nos ainda melhor.

Podemos, para isso, rezar já pelo sr./a (*nome*) e os outros doentes.

Podemos rezar a oração que vai no guião (Parte IV – Ladainha)...

Para isso, vamos pôr-nos de pé... e concentremo-nos um pouco, para rezarmos bem.

(Se for o caso: Cada um lê a oração que está marcada para ele; as palavras do princípio, sou eu que as digo, uma vez que não está connosco o sr. Padre).

A última prece (relativa à imposição das mãos) será omitida.

*No final, podem cantar um dos **cânticos** propostos para o convívio conclusivo:*

"Senhor, tu és a luz" ou

"Sou de Cristo, sou feliz" ou

"A semente é a tua palavra".

Para guardar na memória e no coração

Jesus ama tanto os doentes, que nos deixou o sacramento da Unção dos Enfermos, para os aliviar e lhes perdoar os pecados.

DOCUMENTO 1

Celebração do sacramento da Unção dos Enfermos

I. Ritos iniciais

– *Saudação pelo sacerdote,*

– *Uma criança apresenta o grupo ao doente, com as seguintes palavras:*

“Nós somos meninos e meninas da catequese da paróquia de *(nome da paróquia)*.

Já falámos de si na nossa catequese e também rezámos por si.

Hoje, queremos fazer o mesmo, com o sr. Padre *(nome)*, e ajudá-lo a dar-lhe o sacramento da Unção dos Enfermos.

Para começar, e em sinal da nossa amizade, queremos oferecer-lhe, cada um, uma flor e dizer-lhe como nos chamamos.”

Cada criança diz o seu nome e oferece uma flor ao doente.

– *Se houver aspersão com água benta, uma criança introduz o rito:*

“Agora o sr. Padre vai deitar água benta, para nos lembrar o nosso Baptismo, quando nos tornámos amigos de Jesus, que deu a sua vida por nós na cruz.”

– *Finda a aspersão, o sacerdote, por palavras suas, lembra o grande amor que Jesus teve sempre pelos doentes, e introduz o:*

II. Acto penitencial

Sacerdote:

“**Senhor, que pelo vosso mistério pascal nos alcançastes a salvação, Senhor, tende piedade de nós.**”

Todos:

“**Senhor, tende piedade de nós.**”

Sacerdote:

“**Cristo, que renovais constantemente no meio de nós**

as maravilhas da vossa Paixão,
Cristo, tende piedade de nós.”

Todos:

“Cristo, tende piedade de nós.”

Sacerdote:

“Senhor, que nos torneis participantes do sacrifício pascal
pela comunhão do vosso Corpo,
Senhor, tende piedade de nós.”

Todos:

“Senhor, tende piedade de nós.”

Sacerdote:

“Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós,
perdoe os nossos pecados
e nos conduza à vida eterna”.

Todos:

“Amen.”

III. Leitura da Sagrada Escritura

– *Uma criança introduz a leitura bíblica:*

“Para sabermos o que fazer com os doentes, vamos ouvir uma leitura da Palavra de Deus.
Vai ser lida pelo/a *(nome do leitor)*.”

– *Leitura (Tgo 5, 14-15), se possível, por uma criança ou então um catequista:*

Leitor:

Leitura da carta de São Tiago:

Irmãos

«Alguém de vós está doente?
Chame os presbíteros da Igreja,
para que rezem por ele,
ungindo-o com óleo em nome do Senhor.
A oração da fé salvará o doente,
e o Senhor o aliviará;
e, se tiver cometido pecados,
ser-lhes-ão perdoados.»
Palavra do Senhor.

Todos:

Graças a Deus.

IV. Ladainha

Sacerdote:

**Irmãos, como São Tiago acaba de nos dizer,
rezemos, com a oração da nossa fé,
pelo nosso irmão (*nome*), dizendo:
Ouvi-nos, Senhor.”**

Criança:

**“Visitai-o, Senhor, com a vossa misericórdia
e confortai-o com a Santa Unção.”**

Todos:

Ouvi-nos, Senhor.

Criança:

“Livrai-o de todo o mal.”

Todos:

Ouvi-nos, Senhor.

Criança:

Livrai-o do pecado e de toda a tentação.

Todos:

Ouvi-nos, Senhor.

Criança:

Aliviai o sofrimento de todos os doentes.

Todos:

Ouvi-nos, Senhor.

Criança:

Ajudai os que tratam os doentes.

Todos:

Ouvi-nos, Senhor.

Sacerdote:

**Concedei vida e saúde
àquele/a a quem, em vosso nome, impomos as mãos.**

Todos:

Ouvi-nos, Senhor

– *O sacerdote, em silêncio, impõe as mãos sobre a cabeça do doente.*

V. Louvor pelo Santo Óleo (caso já esteja benzido)

– *Uma criança pega no Óleo.*

– *Outra criança:*

“Agora, com o sr. Padre, louvamos a Deus pelo Santo Óleo, respondendo:
Bendito sejas, Senhor.”

Sacerdote:

**Bendito sejas, Senhor, Pai onipotente,
que por amor de nós e pela nossa salvação
enviastes ao mundo o vosso Filho.**

Todos:

Bendito sejas, Senhor.

Sacerdote:

**Bendito sejas, Senhor, Filho Unigénito
que, tendo descido à nossa humanidade,
quisestes dar remédio às nossas enfermidades.**

Todos:

“Bendito sejas, Senhor.”

Sacerdote:

**Bendito sejas Senhor, Espírito Santo Consolador,
que, com o vosso poder,
continuamente nos dais coragem
para suportarmos as enfermidades do nosso corpo.**

Todos:

Bendito sejas, Senhor.

Sacerdote:

**O/A vossa/a servo/a, Senhor,
que é unguido/a na fé com este Óleo santo,
mereça ser consolado/a nas suas dores
e confortado/a nas suas enfermidades.**

**Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho,
Que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo.**

Todos:

Amen.

VI. Santa Unção

Criança:

"Agora o sr. Padre molha o dedo polegar no Santo Óleo e faz uma cruz na testa e nas mãos do doente. Ao mesmo tempo, diz uma oração que todos vamos seguir com atenção, dizendo: Amen."

Sacerdote (enquanto unge):

**Por esta Santa Unção
e pela sua infinita misericórdia,
o Senhor venha em teu auxílio
com a graça do Espírito Santo.**

Todos:

Amen.

Sacerdote:

**Para que, liberto/a dos teus pecados, Ele te salve
e, na Sua bondade, alivie os teus sofrimentos.**

Todos:

Amen.

Sacerdote:

Oremos:

**Crísto, Redentor do mundo, nós vos pedimos:
Curai pela graça do Espírito Santo
a fraqueza deste/a doente,
saraí as suas feridas,
perdoai os seus pecados,
tirai-lhe todas as dores da alma e do corpo
e restitui-lhe, por piedade,
a plena saúde interior e exterior,
para que, restabelecido/a graças à vossa misericórdia,
retome as anteriores ocupações.
Vós que sois Deus com o Pai
na unidade do Espírito Santo.**

Todos:

Amen.

VII. Conclusão do rito

Sacerdote:

**Num só coração e numa só alma,
Ousamos dizer como o Senhor nos ensinou:**

Todos:

Pai Nosso...

Criança:

"Agora o sr. Padre vai dar a bênção de Deus,
primeiro ao nosso irmão doente e, depois, a todos nós.
E nós respondemos de cada vez: Amen."

Sacerdote:

Deus Pai te concede a sua bênção.

Todos:

Amen.

Sacerdote:

**Jesus Cristo, Filho de Deus,
te dê a saúde do corpo e da alma.**

Todos:

Amen.

Sacerdote:

O Espírito Santo te ilumine hoje e sempre com a sua luz.

Todos:

Amen.

Sacerdote:

**E a vós todos, aqui presentes,
abençoe Deus todo-poderoso,
Pai, Filho e Espírito Santo.**

Todos:

"Amen."

VIII. Convívio

As crianças podem expor ao doente um pouco das suas actividades catequéticas, sobretudo depois do Natal, apresentando símbolos e cantando os cânticos correspondentes. Sugere-se:

- *A partilha natalícia – cântico: "Senhor Jesus, tu és a luz";*
- *O lenço branco dos sacramentos da iniciação cristã – cântico: "Sou de Cristo, sou feliz";*
- *A sementeira – cântico: "A semente é a tua Palavra".*

A concluir, pode partilhar-se, entre todos, uma breve refeição, se houver condições e tiver sido previamente combinado com a família do doente.

Se for possível, será importante que os pais ou encarregados de educação vão buscar as crianças junto da casa do doente. Será um modo de se associarem a este especial acontecimento.



*No catecismo,
para recordar a Celebração da Unção dos Enfermos:*



Na página 75 do catecismo, recordar as principais dimensões da Unção dos Enfermos. Preencher a palavra "Perdão".



Na página 76 do catecismo, registar a data da visita ao doente e o seu nome e reler a oração. Desenhar ou colar uma fotografia da celebração.

CONFESSO QUE PEQUEI

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A tragédia do pecado

É, de facto, algo de funesto, terrível: o acto de pecar e o estado em que se cai devido a esse acto. E o pior é que, muitas vezes, não nos apercebemos dessa tragédia ou, apercebendo-nos, queremos ignorá-la.

É uma tragédia, antes de mais – e por muito estranho que pareça - porque o acto de pecar se insere naquilo que há de mais humano em nós: a luta pela vida. É tão humana essa luta, que o ser humano vive na medida em que, procurando vencer os obstáculos e as contrariedades com que se depara, não baixa os braços, mas se esforça com todos os meios ao seu alcance por viver, sempre, mais e melhor. Pois é, exactamente, nessa busca insaciável e necessária de vida que o homem peca, acabando por destruir a vida que procura: a própria e a de tantos outros.

Vejamos, como exemplo, o caso das tentações a que Cristo se vê sujeito (Lc 4, 1-13; cf. Mt 4, 1-11). Em todas elas se trata de bens essenciais à vida. Na primeira, é o alimento e, a ele ligado, tudo aquilo de que precisamos para o bem-estar material. Segue-se a necessidade do poder: de sermos minimamente reconhecidos, apreciados e respeitados pelos outros. Sem esta relação social de complementaridade, não há vida que subsista. Finalmente, temos a relação com o transcendente, também ela natural, porque baseada na consciência da finitude, das limitações do ser humano, quer na sua individualidade quer, mesmo, na sua condição de ser social. Por maior que seja a ajuda e solidariedade dos outros, mantêm-se limitados os meios ao seu dispor. Daí que o ser humano se volte para Aquele que, por natureza, tem a vida em plenitude.

Pois é precisamente nestas três componentes da vida humana, que surge o pecado: quando o indivíduo procura o bem-estar material a todo o custo e reduz a sua vida ao gozo exclusivo desses bens materiais; quando, para alcançar e conservar o poder, passa por cima de tudo e de todos, servindo-se deles, em vez de os servir; quando até do próprio Deus e do poder que só Ele tem, pretende apoderar-se. Numa palavra: quando procura saciar a sua fome e sede de vida, tentando, para isso, assenhorar-se

do fruto daquela *árvore do conhecimento do bem e do mal* a que só Deus tem, e poder, acesso. Sempre que isso acontece, o resultado é o da morte: *No dia em que dele comeres, de morte morrerás* (Gn 2, 17).

Daí que o pecado, partindo do que é mais natural em nós, o desejo de viver, se torne o maior atentado contra a natureza: "O pecado é uma falta contra a razão, a verdade, a recta consciência. É uma falha contra o verdadeiro amor para com Deus e para com o próximo, por causa dum apego perverso a certos bens. Fere a natureza do homem e atenta contra a solidariedade humana. Foi definido como «uma palavra, um acto ou um desejo contrários à Lei eterna» (S. Agostinho)" (CIC 1849).

2. A negação de Pedro

"É precisamente na paixão, em que a misericórdia de Cristo o vai vencer, que o pecado manifesta melhor a sua violência e a sua multiplicidade: incredulidade, ódio assassino, rejeição, escárnio por parte dos chefes do povo, cobardia de Pilatos e crueldade dos soldados, traição de Judas, tão dura para Jesus, negação de Pedro e abandono dos discípulos" (CIC 1851).

É, talvez, no penúltimo destes pecados que também nós, cristãos, mais fácil e frequentemente caímos, particularmente nos dias de hoje. Sim, apesar de todas as distâncias de tempo e espaço, também nós, tantas vezes, negamos a Cristo. Negamos sobretudo pela prática de vida que lhe pertencemos, perdendo assim a vida que dele podemos receber, a única que preenche plenamente os nossos desejos e as nossas expectativas mais profundas. Vale a pena, por isso, apercebermo-nos da verdadeira dimensão da atitude de Pedro... e de cada um de nós.

É uma atitude particularmente cruel, em primeiro lugar, pelo momento em que ela se manifesta: quando Cristo, perante o supremo tribunal judaico, está a ser injustamente julgado e condenado à morte mais dolorosa e ignominiosa, por confessar ser o *Messias e Filho de Deus* (Mt 26, 63). Uma blasfémia aos olhos do Sinédrio (26, 65); a mesma, porém, que Pedro, em nome dos restantes discípulos (portanto, no nosso próprio nome), havia proclamado, em Cesareia de Filipe, como expressão máxima da sua entrega da fé: *Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo*. Uma confissão, no dizer de Jesus, com origem exclusiva na revelação de *meu Pai que está nos Céus*, e que valeu a Pedro a missão única que Jesus lhe confiou: *Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja...* (Mt 16, 15-18).

Ora, é nesse momento exacto em que Jesus, pela via da cruz, se prepara para ser definitivamente esse *Messias e Filho de Deus vivo*, que Pedro dá o dito por não dito (**Mt 26, 69-74**). E de um modo triplamente acentuado: por três vezes (o número da perfeição); a primeira e segunda vez, perante simples criadas, mas a terceira, diante de todos os presentes; a segunda vez, sob juramento, a que, na terceira, junta *imprecações*. Uma negação completa, total, absoluta. Porquê?

Unicamente para salvar a sua vida, esquecendo-se das palavras ditas por Jesus, logo a seguir à confissão messiânica: *Se alguém quiser vir comigo, renuncie a si mesmo,*

tome a sua cruz e siga-me. Quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la: mas quem quiser perder a sua vida por minha causa, há-de encontrá-la (Mt 16, 24-25).

A mesma ilusão que está na origem da tragédia do pecado: naquilo em que procuramos salvar a vida, ou, como também se diz, a "pele", acabamos por perdê-la. E, também hoje, de um modo semelhante: perante os tribunais de um mundo cada vez mais alheio e adverso a Deus, ao Deus vivo e verdadeiro, deixemo-nos seduzir por valores que, na realidade, são contra-valores e, quantas vezes, depois de termos experimentado e saboreado o amor extremo desse Deus, pelo Baptismo em seu nome e, em muitos casos, pelo Memorial Eucarístico da morte e ressurreição do seu Filho Jesus, o único Messias. Negações com diversas expressões:

3. A diversidade e gravidade do pecado

Sobre a **diversidade**, o Catecismo da Igreja Católica (n. 1852) chama a atenção para a lista, entre outras, das chamadas obras da carne, em Gal 5, 19-21: *imoralidade, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, inimizades, discórdias, ciúmes, fúrias, rivalidades, dissensões, facciosismos, invejas, excessos de bebida e de comida e coisas semelhantes a estas*. O que significa que a lista não é completa, tão variada e diversificada é a vida de cada pessoa. Mas Paulo avisa-nos: *Sobre elas vos previno, como já vos havia prevenido: os que praticam acções como estas, não herdarão o Reino de Deus*.

De resto, há muitos outros modos e critérios para distinguir os pecados. Entre eles, aqueles pelos quais, frequentemente, nos confessamos: "pecados por pensamentos, palavras, obras e omissões" (Ibidem 1853).

Nem todos têm a mesma **gravidade**. Para o chamado *pecado mortal*, requerem-se todas as três seguintes condições:

- *A matéria grave*: "É precisada pelos dez Mandamentos, segundo a resposta que Jesus deu ao jovem rico: «Não mates, não cometas adultério, não furtos, não levantes falso testemunho, não cometas fraudes, honra pai e mãe» (Mc 10, 18). A gravidade dos pecados é maior e menor: um homicídio é mais grave que um roubo. A qualidade das pessoas usadas também entra em linha de conta: a violência cometida contra pessoas de família é, por sua natureza, mais grave que a exercida contra estranhos" (Ibidem 1858).
- *Plena consciência e total consentimento*: "Pressupõe o conhecimento do carácter pecaminoso do acto, da sua oposição à Lei de Deus. E implica, também, um conhecimento suficientemente deliberado para ser uma opção pessoal. A ignorância simulada e o endurecimento do coração não diminuem, antes aumentam o carácter voluntário do pecado. (...) O pecado cometido por malícia, por escolha deliberada do mal, é o mais grave" (Ibidem 1859-1860).
- "Comete-se um *pecado venial* quando, em matéria leve, não se observa a medida prescrita pela lei moral, mas sem pleno conhecimento ou sem total consentimento" (Ibidem 1862).

Mas é preciso estar atento: "O pecado venial deliberado e não seguido de arrependimento, dispõe, a pouco e pouco, para cometer o pecado mortal. No entanto, o pecado venial não quebra a aliança com Deus e é humanamente reparável com a graça de Deus" (Ibidem 1863).

Seja ele mortal ou venial, exige sempre o arrependimento que, no caso de mortal, é obtido pelo sacramento da reconciliação: lágrimas, como as de Pedro (Mt 26, 75), pela tragédia em que se cai, para o próprio e para tantos outros que dele, directa ou indirectamente, dependem.

OBJECTIVOS

- Reconhecer que o pecado nos separa de Deus e de Jesus e nos faz infelizes;
- Descobrir as diferentes formas de pecar;
- Aprender a reconhecer e a confessar os próprios pecados.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Com esta catequese inicia-se um ciclo de quatro, a última das quais é constituída pela celebração do sacramento da Penitência ou Reconciliação. Tratando-se de uma preparação para isso, as crianças são, em primeiro lugar, orientadas no sentido de reconhecerem o mal que é o pecado.
2. Para isso, e tendo em conta a caminhada feita até agora no seguimento de Jesus, inserido no percurso da iniciação cristã, esta primeira catequese apoia-se em dois motivos já desenvolvidos nas catequese anteriores: o lenço branco que cada criança já tem, com a data do seu Baptismo (para as que já foram baptizadas) e no qual estarão figuradas as manchas negras do pecado, que nos impede de sermos plenamente de Cristo; a figura de Pedro que tem servido de modelo no seguimento de Jesus e, que por isso, mais facilmente pode despertar as crianças para a gravidade do pecado.
3. O lenço branco com as manchas negras convém que tenha também, no fundo, pelo menos uma data do Baptismo. Pode ser a do catequista (neste caso, também com as datas da Confirmação e da Primeira Comunhão). Não importa que as crianças saibam de quem se trata. O importante é que o pecado lhes surja inserido no seguimento de Jesus, para assim se aperceberem da sua gravidade. Entretanto, ao catequista faz muito bem reconhecer que, também ele, realmente cai no pecado. Como sempre, também aqui ele deva transmitir o que vive, e vivendo-o no acto da sua transmissão.
4. No final é distribuída por cada criança uma pagela com o texto da oração mais usada no Acto Penitencial de diferentes celebrações litúrgicas: a oração "Confesso a Deus todo-poderoso". No verso da pagela há lugar para as crianças personalizarem o que dizem reconhecer: os seus pecados, cometidos nas suas diversas expressões. Assim, poderão rezar de um modo mais sincero a oração que lhes é oferecida. A pagela será usada nas próximas catequese.

MATERIAIS

- Fotografia alusiva à visita do doente, proposta na catequese anterior (1ª Alternativa da Experiência Humana);
- Vaso em que o catequista semeou os seus grãos de trigo, conforme foi proposto na catequese 16 (2ª Alternativa da Experiência Humana);
- Lenço branco do Baptismo (cf. catequese 10 e 11), mas manchado com nódoas negras que encubram, pelo menos parte das letras nele escritas;
- Dístico "PECADO";
- Pagelas, uma para cada criança e catequista, com a oração "Confesso a Deus todo-poderoso", de um lado, e do outro com as palavras "Os meus pecados" e "Pensamentos", "Palavras", "Actos" e "Omissões" (ver Documento 1);
- Bíblia;
- Uma ou duas velas.

MÚSICAS

- "Sou de Cristo, sou feliz".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala

- **Placar:** vazio.
- Sobre a **mesa:** a Bíblia e uma ou duas velas apagadas e (na 2ª Alternativa da Experiência Humana) o vaso, ainda coberto, em que o catequista semeou os seus grãos de trigo (catequese 16).

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Conforme se tenha já realizado ou não a catequese anterior e a visita ao doente nela sugerida, siga-se uma destas alternativas:*

1ª

Alternativa

O Catequista pode afixar no placar uma fotografia alusiva à visita ao doente e, a partir dela, dialogar com as crianças sobre aspectos como:

- *De que mais gostaram...*
- *Como reagiu o doente...*
- *Se já voltaram a visitá-lo e/ou a rezar por ele...*
- ...

Pode concluir o diálogo assim:

Pelo que estou a ver, não foi só o sr./a (*nome*) (e os seus familiares) que ficou muito contente. Nós não ficámos menos felizes, pelo bem que fizemos, tão parecido com o bem que Jesus fazia. Por isso, se ficámos felizes, é também porque, deste modo, somos ainda mais Cristo.

Fizemos aquilo que Jesus nos ensina e nos pede: sermos bons, ajudarmos quem precisa, amarmos todas as pessoas. E que acontece, quando fazemos o que Jesus fazia e nos ensina? – A sua palavra, cheia de amor e de bondade, cresce em nós, para amarmos como Ele. E quem ama assim, com Jesus e como Ele, é feliz.

Foi o que nos aconteceu na visita ao sr./a (*nome*). É que muitos doentes passam tanto tempo sozinhos, que ficam muito tristes. Mas nós, que até podíamos ter ido fazer outra coisa qualquer, fomos visitá-lo/a, mostrando-lhe o amor que Jesus tem por ele/a e que está em nós. E que felizes também nós ficámos! Felizes, por sermos de Cristo!

O catequista observe as reacções das crianças, deixando-as intervir, para que todas se apercebam desta ligação essencial entre “praticar o bem – ser de Cristo – ser feliz”.
E conclua:

Sabem? Estou mesmo com vontade de cantarmos aquele **cântico** (que até cantámos lá) em que manifestamos a nossa alegria por sermos de Cristo. Em sinal dessa alegria, até podemos cantá-lo, dando as mãos, elevando-as e balanceando o nosso corpo. Então levantem-se e preparemo-nos... Agora cantemos:

“Sou de Cristo, sou feliz” (*refrão, 1+2 e 3+4 estrofes*)

2ª

Alternativa

O catequista descubra o vaso em que semeou os seus grãos de trigo, pode pegar nele com as mãos e mostre-o às crianças, perguntando-lhes:

Quem é capaz de adivinhar o que está neste vaso?

Depois de as crianças, provavelmente, terem adivinhado:

Também eu semeei o meu trigo. Aqui neste vaso...

Contem lá o que fizerem com o vosso: Se já germinou... Se têm cuidado dele, regando-o e pondo-o onde haja luz (à janela, por exemplo)...

Se, pelo menos, o semearam:

Muito bem. Estiveram atentos: com os ouvidos bem abertos, para fazer o que vos pedi. É um sinal de que quereis fazer o mesmo com a semente da palavra de Deus: acolhê-la no coração para que ela germine, cresça e dê muito fruto.

Lembram-se de quantos grãos chegaram a dar algumas sementes daquelas de que falava Jesus?... Até 100 grãos.

Se nos esforçarmos por viver como Jesus nos ensinou, vai acontecer o mesmo connosco: com a semente que semeámos lá em casa, mas, principalmente, com a semente que Jesus tem vindo a semear nos nossos corações – a sua palavra cheia de amor. E quem ama assim, com Jesus e como Ele, é feliz. É feliz, porque é de Jesus.

Reparem como isso acontece na nossa vida: por exemplo, quando, na escola ou no trabalho, ajudamos alguém. Se calhar, até é uma pessoa com quem não simpatizamos muito, mas que precisa de nós. E nós pensamos: "Vou ficar aqui e ajudar esta pessoa!" Escolhemos ficar e ajudar, porque queremos ser bondosos, como Jesus nos ensinou. E isso dá-nos uma grande alegria. É como se o nosso coração, que estava triste, ficasse alegre e bem disposto.

Certamente a pessoa que nós ajudámos, fica feliz. Mas, nós, que podíamos ir fazer outra coisa, afinal não ficámos menos felizes. Mostrámos-lhe o amor de Jesus que está em nós. E isso faz-nos felizes!

O catequista observe as reacções das crianças, deixando-as intervir, para que todas se apercebam desta ligação essencial entre "praticar o bem – ser de Cristo – ser feliz".

No fim, conclua:

Estão mesmo a ver que já estou a pensar num **cântico** que temos cantado aqui com tanta alegria. Hoje, em sinal dessa alegria, até podíamos cantar de mãos dadas e balanceando o corpo.

Então ponham-se de pé... demos as mãos... elevemo-las... e cantemos:

"Sou de Cristo, sou feliz" (*refrão, 1+2 e 3+4 estrofes*)

2. Para as duas alternativas:

Depois de as crianças se sentarem, o catequista pergunte:

E que acontece, quando fazemos o contrário? Quando não escolhemos aquilo que é certo e bom, e que Deus e Jesus nos ensinam e nos pedem?

Pode ser em casa, com os familiares... ou na escola, com colegas e professores... Ou na catequese... ou na igreja...

Vamos todos pensar, cada um para si: pensar muito bem e com sinceridade numa situação que já vivemos e em que não fizemos o que devíamos. Sabíamos o que era certo, mas não foi isso que escolhemos fazer.

Para nos concentrarmos mais, vamos guardar silêncio e pensar. E até podemos fechar os olhos. Eu também vou pensar: em situações em que não fiz o bem, a vontade de Jesus.

O catequista evite dar exemplos às crianças, embora possa necessitar de lhes explicar de novo o que se pretende. Mas participe da actividade, sentando-se também.

Uns minutos depois, continue:

3. Como estivemos tão concentrados, de certeza que todos já descobrimos uma situação da nossa vida em que escolhemos fazer o contrário do que Jesus fazia e nos ensina a fazer.

Alguém de vós quer contar o que não quis fazer de bom?...

Eu sei que não é agradável falarmos disso. Mas, como nós gostamos tanto de Jesus e nos queremos emendar, então já não custa tanto contar o que não devíamos ter feito. Quem tem coragem para contar?

O catequista deixe que três, quatro ou cinco crianças (não muito mais) contem os seus casos e agradeça-lhes pela sua coragem.

Se nenhuma o fizer, não insista. Em vez disso, pode contar algo de negativo que ele próprio tenha feito, quando criança.

Depois continue:

Como vemos, algumas vezes, não fazemos o que Jesus nos pede.

Sabem o que é que isso significa? Olhem, é como se estivéssemos a dizer: "Jesus, não te conheço, não quero saber nada do que tu nos ensinas."

Quando amamos alguém, queremos seguir essa pessoa, estar com ela; mas se, de propósito, fazemos algo de errado, de feio, de mal feito, alguma coisa que desagrade a essa pessoa, estamos a afastar-nos dela.

Pois bem, passa-se o mesmo, quando fazemos alguma coisa contrária à vontade de Jesus, ao seu amor (*pode exemplificar, com casos apresentados*). Quando fazemos o mal ou não fazemos o bem que devíamos, Jesus deixa de estar em nós.

E agora digam-me: podemos, nessas alturas, ficar contentes, felizes?...

O catequista afixe, ao centro do placar (cobrindo a fotografia do doente, na 1ª Alternativa da Experiência Humana), um lenço branco do Baptismo, mas manchado com algumas nódoas negras, que encubram, pelo menos, parte das palavras "Sou de Cristo, sou feliz". Deixe contemplar, por uns momentos, e pergunte:

Sabem o que significam estas nódoas negras neste lenço branco do Baptismo?

O catequista afixe, ao alto e ao centro do placar, o dístico "PECADO" e explique:

O pecado é o que fazemos de mal, contrário à vontade de Deus e de Jesus e nos afasta dele. Quando pecamos, Jesus deixa de se ver na nossa vida. Como neste lenço.

E, quando pecamos, ficamos tristes, sentimos vergonha, sentimo-nos culpados. Deixamos de nos sentir felizes. Como neste lenço, manchado por nódoas negras: mal se podem ler as palavras "Sou de Cristo, Sou feliz."

Mas será que podemos limpar os pecados da nossa vida e voltar a ter a alegria de sermos de Cristo?

II. PALAVRA

1. Antes de sabermos isso, gostava de vos dizer que os pecados que, às vezes, fazemos e nos deixam tão tristes, aconteceram até com os maiores amigos de Jesus. Também eles fizeram pecados. Mas depois foram capazes de sair deles, de limpá-los da sua vida.

Um desses amigos foi S. Pedro. Todos se lembram dele: do que Jesus fez por ele e ele fez a Jesus. Vamos recordar algumas dessas coisas. Podemos servir-nos do catecismo:

- Comecemos pela catequese 2 (*o catequista indique a página 14*):

Que vemos Jesus a fazer a Pedro?...

E que fez Pedro, depois daquela pesca milagrosa?... – Deixou tudo e seguiu Jesus.

- Agora a catequese 3 (*catequista indique a página 18*):

Que fez Pedro com os outros Apóstolos?... – Foram anunciar o Reino de Deus, como Jesus...

- Passemos à catequese 4 (*o catequista indique a página 22*):

Que disse Pedro a Jesus, quando Ele perguntou aos discípulos: «E vós, quem dizeis que eu sou?» ... – Respondeu: «Tu és o Cristo, o Ungido». Para S. Pedro, Jesus era o melhor Rei que alguma vez lhe tinha aparecido na terra. Tanta fé em Jesus!...

- Mas isto não é tudo. Ainda se lembram do que Jesus fez diante de Pedro e dos seus amigos Tiago e João, lá no alto do monte, para onde Ele os levou?... Tornou-se todo luminoso.

Só Pedro e os dois companheiros viram Jesus deste modo especial. Quer dizer que Jesus lhes mostrava e ensinava coisas que não mostrava a mais ninguém. Mais ninguém teve a felicidade de ver assim Jesus.

Por isso, Pedro podia, mais do que ninguém, dizer e cantar: "Sou de Cristo, sou feliz"! E ter um lenço branco, branco, muito mais branco e muito maior do que qualquer um de nós.

2. Pois bem, também o lenço branco de Pedro se manchou com o pecado. Sim, sim, também ele fez uma coisa muito contrária à vontade de Jesus e que muito o entristeceu.

E isso aconteceu numa altura terrível: quando prenderam Jesus, para depois o matarem. Jesus sabia que ia ser morto e, para ajudar os seus amigos a viver uma situação tão difícil, explicou-lhes tudo.

E que lhe disse Pedro? – Que ficaria com Ele, nunca o abandonaria!

Só que, depois de prenderem Jesus, fez uma coisa que nenhum verdadeiro amigo de Jesus deve fazer.

É como, às vezes, sucede connosco: estamos aqui a pensar que vamos ser sempre amigos de Jesus, mas depois, por medo, por preguiça, por maus sentimentos, não queremos saber mais disso.

O catequista pode referir alguns dos exemplos apresentados pelas crianças.

Mas vamos, então, ver como se comportou S. Pedro, quando Jesus estava a ser condenado à morte.

Levantem-se... E ouçamos com atenção.

*O catequista convide uma criança a acender a(s) vela(s) e as restantes a levantarem-se; depois pegue na Bíblia, aberta em **Mt 26, 69-75**) e leia, se possível, com a ajuda de um ou dois leitores:*

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus:

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Catequista:

Quando Jesus estava a ser julgado dentro do tribunal,

Pedro estava sentado no pátio.

Uma criada aproximou-se dele e disse-lhe:

1º leitor:

«Tu também estavas com Jesus, o Galileu.»

Catequista:

Mas ele negou diante de todos, dizendo:

2º leitor:

«Não sei o que dizes.»

Catequista:

Dirigindo-se para a porta,

foi visto por outra criada

que disse aos circunstantes:

1º leitor:

«Este homem estava com Jesus de Nazaré.»

Catequista:

E, de novo, ele negou com juramento:

2º leitor:

«Não conheço tal homem.»

Catequista:

Pouco depois, aproximaram-se os que ali estavam e disseram a Pedro:

1º leitor:

**«Com certeza tu és deles,
pois até a fala te denuncia.»**

Catequista:

Começou então a dizer imprecensões e a jurar:

2º leitor:

«Não conheço tal homem.»

Catequista:

E imediatamente um galo cantou.

Então, Pedro lembrou-se das palavras que Jesus lhe dissera:

«Antes de o galo cantar, tu me negarás três vezes.»

E saindo, chorou amargamente.

Palavra da Salvação.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

3. *Depois de pousar a Bíblia e de as crianças se sentarem, o catequista comente:* Que tristeza: S. Pedro a negar conhecer Jesus! Repararam quantas vezes ele o negou?... Três! A segunda vez, até jurou. E à terceira, pôs-se mesmo a dizer palavrões, palavras feias! Que grande mentira!... E que vergonha! Era a mesma coisa que dizer: "Eu não sou de Cristo! Eu não quero saber de Cristo!"

E Jesus tinha sido tão bom para com ele. Tanto que Pedro até disse: "Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo!"

E agora, quando Jesus está nas mãos dos que o matam, jura não o conhecer. Quer dizer que não queria saber nada do que Ele lhe tinha feito e ensinado.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Mas não pensem que nós fazemos melhor. Há pouco alguns de vós tiveram a coragem de contar algumas coisas más que fizeram.

Por exemplo, *(usar um ou outro caso mais comum das crianças, que, eventualmente, poderá ter sido este:)* que não tinha feito os trabalhos da escola.

E, se calhar, até tinha prometido, aos pais e professores, que iria fazer tudo bem feito. Mas, depois, com a brincadeira, a distração, a televisão...

E sabem que, quando não cumprimos os nossos deveres, não é só contra as outras pessoas – os pais, os professores, os amigos – que nos portamos mal, que pecamos? É também e sobretudo contra Jesus e contra Deus.

Porquê? – Porque foi Deus quem nos deu as coisas e as pessoas boas da nossa vida. E ensina-nos a portar-nos bem com essas pessoas e a usar as coisas que nos dá, para crescermos e ajudarmos os outros a serem felizes.

Por isso, quando não estudam, ou não estão com atenção na catequese ou não cumprem o compromisso semanal, estão a desperdiçar o bem que Deus e Jesus vos dão. Não querem saber de Deus e Jesus. O mesmo que Pedro: não o conheço, não quero saber dele!

E também nós prometemos seguir Jesus. Quando receberam o catecismo. Lembram-se? E naquela festa da luz, diante de toda a gente na igreja, em que dissemos que cremos em Deus, em Jesus...

Como é possível fazermos o contrário do que prometemos?! Fazermos coisas contrárias ao amor e à vontade de Jesus, como se o não conhecêssemos?!

2. Mas com S. Pedro, depois daquele pecado, aconteceu outra coisa. Quem se lembra?... Chorou! Chorou de vergonha e de arrependimento. Reconheceu que tinha feito uma coisa muito má. E que assim não merecia o amor de Jesus.

Pois bem, se S. Pedro fez assim, também nós podemos fazer o mesmo: reconhecer o mal que fizemos; reconhecer diante de Deus e dos irmãos, isto é, dos outros que estão connosco. Quem não reconhece os pecados que fez, não consegue limpá-los da sua vida, não consegue voltar a ter uma vida boa e feliz.

Mas nós já o fizemos: há pouco, cada um de nós pensou numa situação da sua vida, em que fez o contrário do que deve fazer um verdadeiro amigo de Jesus. E alguns de

vós até tiveram a coragem de dizer aos outros o mal que tinha feito. E todos, de certeza, nos sentimos tristes e arrependidos pelos pecados que fazemos.

Só falta dizermos isso também a Deus: reconhecer diante dele que pecámos. Podíamos fazê-lo agora, não acham?

Olhem, eu conheço uma oração para isso. É uma oração que dizemos muitas vezes na igreja, por exemplo, no princípio da Eucaristia. E tem palavras muito bonitas, para nós dizermos a Deus e aos outros que fizemos mal e queremos arrepender-nos desse mal, para não voltar a pecar. Alguns, se calhar já a conhecem. Mas, para todos a aprendermos, até a sabermos de cor, ela está no catecismo, na página 80.

Depois de as crianças abrirem os seus catecismos, leia, em primeiro lugar, só ele:

**"Confesso a Deus todo-poderoso
e a vós, irmãos,
que pequei muitas vezes
por pensamentos e palavras, actos e omissões,
(batendo no peito:)
por minha culpa, minha tão grande culpa.**

**E peço à Virgem Maria,
aos Anjos e Santos
e a vós, irmãos,
que rogueis por mim a Deus, nosso Senhor".**

É uma oração bonita, não é? Mas temos de a rezar bem. Temos de compreender bem o que dizemos e fazemos com ela.

Primeiro gostava de explicar algumas palavras que vêm aí, sobre os pecados que fazemos. Vejamos quais são *(o catequista, sempre que possível, exemplifique com casos já referidos pelas crianças)*:

– Primeiro dizemos que pecamos por **pensamentos**.

Quer dizer que, às vezes, pensamos mal dos outros: por exemplo, só queremos ver o que eles têm de mal; temos inveja deles; sentimos ódio e vingança, pelo mal que nos fizeram; desejamos-lhes coisas más... Já alguma vez tivemos esses maus pensamentos?... *(Brevíssimo silêncio)*.

– Que dizemos a seguir nessa oração? *N*, lê lá... Exacto, podemos pecar por **palavras**: por exemplo, palavrões que ofendem os outros; mentiras; gozar dos outros; só dizer mal deles...

Será que nós, algumas vezes, não fizemos isso?... *(Brevíssimo silêncio)*.

– Voltemos à nossa oração. Que outros pecados podemos confessar? Diz lá tu, N... Pecar por **actos**, pode ser: bater nos outros; roubar; estragar o que é deles; estar distraído na escola e na catequese; portar-se mal na igreja... Pensemos um bocadinho, se às vezes não fizemos alguma destas coisas... (*Brevíssimo silêncio*).

– E quais são últimos pecados de que fala a oração, N?...

Pecamos por **omissões**, quando deixemos de fazer o que devíamos: por exemplo, desobedecer aos pais, professores ou catequistas que tanto bem nos fazem; não rezar, não ir à Missa ao Domingo, isto é, não querer saber de Deus que é tão nosso amigo; não ajudar os colegas, por exemplo na escola; desprezar um doente, um pobre, um estrangeiro...

Será que, algumas vezes, deixámos de fazer o que devíamos, como amigos de Jesus que somos?... (*Brevíssimo silêncio*).

Como vemos, mais uma vez, nem sempre nos portamos bem. Nem sempre, mostramos que somos de Cristo. E, certamente, estamos tristes por isso: porque escolhemos fazer o que é mau ou deixemos de fazer o bem. Isto é, somos culpados.

Como é que nós confessamos isso na nossa oração? Ora leiam lá...

– “Por minha culpa, minha tão grande culpa”.

E para mostrar que nos sentimos mesmo culpados, acompanhamos essas palavras com um gesto. Quem se lembra de qual é?... Exacto: batemos com a mão no peito. Só que, para isso, não podemos ter o catecismo na mão. Então eu vou dar a cada um uma folhinha com essa oração. Assim já podem fechar o catecismo.

Depois da distribuição das pagelas:

Antes de rezarmos, vamos fazer silêncio à nossa volta e no nosso coração. Podemos mesmo fechar os nossos olhos.

(*Num tom de voz mais baixo:*) Pensemos outra vez nos nossos pecados... Pensemos no mal que causamos com eles... Pensemos como isso faz os outros tristes e infelizes... e nos afasta de Deus e de Jesus, que tanto nos amam...

Depois de algum silêncio:

E, agora, de pé... Com sinceridade, tenhamos coragem de confessar a Deus e uns aos outros que pecámos.

Comecemos por nos benzer:

“Em nome do Pai”...

Agora, das nossa folhas, rezemos todos, ao mesmo tempo:

“Confesso a Deus todo-poderoso”...

(No final:)

"Em nome do Pai"...

3. Compromisso

Esta folha é para levarem para casa e, com ela, fazerem duas coisas, até à próxima catequese:

– Primeiro, aprendam de cor esta oração que também está na página 80 do catecismo. Para isso, rezem-na todos os dias, por exemplo à noite, antes de se deitarem, a pedir perdão a Deus pelos pecados que fizeram nesse dia.

– Agora voltem a folha para o outro lado, para verem a outra coisa a fazer.

Que está escrito em cima? – "Os meus pecados".

Depois vem indicado que pecados podem ser: por "pensamentos", "palavras", "actos" e "omissões". Mas, entre cada uma dessas palavras, está um espaço em branco. Para quê? – Para cada um de nós escrever lá os pecados que fizemos, ou por pensamentos, ou por palavras, ou por actos, ou por omissões. Só aqueles que fizemos, para deles pedirmos perdão a Deus.

– Para vos ajudar a pensar bem nos pecados que possam ter cometido, nas coisas erradas que fizeram, vejam a página 79 do catecismo. Neste espaço que diz "Para para pensar" vão escrever ou desenhar uma situação em não foram capazes de escolher o bem, de fazer o que era certo, lendo com muita atenção os textos que estão nessa página e que explicam o que é pecar. Depois, pensando no que é preciso para recuperar a alegria porque o pecado nos entristece e faz infelizes, completam a palavra «arrepender». Então, estareis preparados para pensar bem nos vossos pecados e arrependerem-se, com todo o coração, de os terem cometido. Ficamos mais crescidos por dentro quando reconhecemos que errámos, que fizemos mal, e nos arrependemos, procurando nunca mais repetir esse erro.

Escrevam isso até à próxima catequese. Mas não escrevam o vosso nome. Basta que Deus saiba o que cada um de nós fez. E não se esqueçam de trazer, para a próxima catequese, a folhinha preenchida.

Para guardar na memória e no coração

A oração:

"Confesso a Deus todo-poderoso"...





III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1

Modelo das pagelas a distribuir por cada criança e catequista, e que podem ser fotocopiadas:

- Face 1: o texto de “Confesso a Deus todo-poderoso”...
- Face 2:

OS MEUS PECADOS

Pensamentos	
Palavras	
Actos	
Omissões	

“MEU DEUS, PORQUE SOIS TÃO BOM...”

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A tentação da auto-desculpa

É uma tentação em que muitíssima gente cai, praticamente desde que o homem é homem e a mulher é mulher. Veja-se o elucidativo texto de **Gn 3, 11-13**, possivelmente escrito cerca de dez séculos a.C., mas no qual se reflecte o que se passa em todos os tempos e lugares da história da humanidade. Depois de, desobedecendo a todos os avisos de Deus e da razão, a mulher e o homem terem comido do fruto da árvore proibida, pergunta Deus ao último por que o fez. Resposta: *Foi a mulher que trouxeste para junto de mim que me ofereceu da árvore e eu comi* (v. 12). Portanto a culpada foi ela. Ou melhor: foi Deus, que lha deu. E que respondeu ela? *A serpente enganou-me e eu comi* (v. 13). Podia, ao menos, confessar que se deixou enganar. Mas não: foi a serpente que, embora sendo *o mais astuto de todos os animais selvagens*, tinha sido criada por Deus (3,1).

Hoje, a serpente tem muitos outros rostos, mas o processo é o mesmo. Basta reparar no que se passa em tantos tribunais. Raramente aparece um arguido que assuma, plenamente, a responsabilidade dos actos de que é acusado. Desde que não haja provas, está tudo bem. Até ao ponto de serem, por vezes, culpabilizados e castigados inocentes, no lugar de quem é o verdadeiro culpado. Isto é, a verdade dos factos mede-se exclusivamente pelo seu conhecimento ou desconhecimento. Desde que ninguém saiba, tudo acaba por ser permitido. E quando se sabe, procuram-se todos os meios para provar que, afinal, o que parece ter sido, não foi bem assim. Nem que seja preciso corromper os responsáveis pela aplicação do direito e da justiça.

E para que a situação se altere, não basta mudar e reformar o sistema judicial. Enquanto cada pessoa não der ouvidos à voz da própria consciência e deixar, de vez, de confundir a moral com o direito, não há lugar para uma justiça que permita um sã convivência e uma verdadeira paz na sociedade dos homens. Mas como, se até a consciência de tantos está tão corrompida?

Em parte, até se compreende esta fuga às próprias responsabilidades, esta terrível tentação de se auto-desculpar. Pode ser mesmo um sinal de que se tem consciência do mal que se fez, vendo os seus efeitos negativos, nos outros e no próprio. No fundo, está a questão, tantas vezes formulada de um modo explícito: como foi possível que tal acontecesse?! Como fui eu capaz de fazer isso?! Questões que partem de uma auto-estima, sem dúvida necessária a todo o ser humano, mas que se não pode, de modo algum, absolutizar. Caso contrário, não há lugar para mudanças no modo de agir. E, mais cedo ou mais tarde, acaba por se pensar como se age.

Sem a coragem para assumir a própria culpa, na sua justa medida, dificilmente há lugar para o arrependimento. E, sem arrependimento, não há conversão possível, no modo de pensar e de viver. Na prática, é sempre, ou quase sempre, uma questão de coragem, no sentido etimológico do termo: de um "agir" que seja comandado pelo "coração" (em latim *cor*); mas por um coração que esteja conquistado para o verdadeiro amor, aquele que leve a ver os outros como pessoas a quem se quer verdadeiramente bem... para bem de quem assim ama. Mas, onde posso eu encontrar esse amor? De quem o posso receber?

2. "Tu amas-me?"

A pergunta é feita, de um modo insistente (três vezes), personalizado e comparativo, por Cristo ressuscitado a Simão Pedro: *Simão, filho de João, tu amas-me mais do que estes?* (Jo 21, 15-17). *Estes* eram os restantes discípulos, testemunhas da mesma aparição do Ressuscitado. *Mais* do que eles, por duas razões: primeiro, porque, enquanto eles (com exceção do Discípulo Amado) apenas haviam fugido, quando Jesus foi preso e condenado à morte na cruz, Pedro negou três vezes que O conhecia; segundo, porque a missão de apascentar a Igreja como Pedra em que se fundamentava, exigia de Pedro um amor maior, o amor à altura do de Cristo Ressuscitado, que entregou a vida na cruz até à última gota de sangue e água.

Já antes de isso acontecer, isto é, na última Ceia, Jesus falara desse amor, como identificativo dos seus discípulos, da sua Igreja: *Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros; na medida em que vos amei, amai-vos uns aos outros. Por isso é que todos saberão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros* (Jo 13, 34-35). Jesus é, ao mesmo tempo, a fonte e a medida do amor dos discípulos, um amor que se manifesta, antes de mais, nas relações entre eles. Isto é, na medida em que são amados por Ele, terão a capacidade e o correspondente dever de se amarem mutuamente.

Mas, já então, as palavras de Jesus eram seguidas do anúncio da tríplice negação de Pedro, depois de este lhe jurar: *Eu daria a vida por ti* (Jo 13, 36-38). O juramento tinha de passar pela prova da cruz e pelo total fracasso da promessa de Pedro. Tinha de passar pela experiência da própria debilidade, da insuficiência das capacidades humanas, para se abrir a um amor à medida de Deus. Tinha de passar, sobretudo, pela experiência viva desse amor, depois da sua consumação no total dom da vida, da parte de Jesus, a fonte desse amor inexcêdível.

Ora, é exactamente depois dessa dupla e complementar experiência, que o Ressuscitado lhes aparece pela terceira vez (Jo 21, 1ss). E manifesta-se-lhes com essa energia divina que só Ele possuía como glorificado: à sua palavra, Pedro e os discípulos voltam a lançar as redes, depois de uma noite de trabalho em vão, para obterem uma pesca que ultrapassa todas as expectativas e possibilidades humanas; e, chegados a terra, são presenteados com uma refeição, preparada pelo próprio Ressuscitado. A pesca aponta para a actividade missionária da Igreja. A refeição está ligada à Eucaristia em que a Igreja actualiza o amor extremo de Cristo, para dele viver.

É para esta Igreja do Ressuscitado que, de um modo especial, Pedro passa, definitiva e totalmente, a viver. Uma missão e uma responsabilidade para a qual precisa de se converter. Mas até a conversão é obra do Ressuscitado: nasce do seu amor, para viver desse mesmo amor.

Se Pedro lhe diz, por três vezes, que o ama, é porque sente quanto Jesus, até nas três perguntas, mostra que o ama. E a quem muito se ama, muito se pede... porque muito se dá – tudo.

Este é o único caminho verdadeiramente eficaz para uma autêntica conversão, uma convicta penitência:

3. “A penitência interior”

Este título vem no Catecismo da Igreja Católica, que o define assim: “A penitência interior é uma reorientação radical de toda a vida, um regresso, uma conversão a Deus, de todo o nosso coração, uma rotura com o pecado, uma aversão ao mal, com repugnância pelas más acções que cometemos. Ao mesmo tempo, implica o desejo e o propósito de mudar de vida, com a esperança da misericórdia divina e a confiança na ajuda da graça. Esta conversão do coração é acompanhada por uma dor e uma tristeza salutares, a que os Santos Padres chamaram *animi cruciatus* (aflição do espírito), *compunctio cordis* (compunção do coração)” (CIC 1431).

A questão, já antes referida, é: como chegar a um arrependimento tão profundo? Continua, nesse sentido, o Catecismo: “O coração do homem é pesado e endurecido. É necessário que Deus dê ao homem um coração novo (cf. Ez 36, 26-27). A conversão é, antes de mais, obra da graça de Deus, a qual faz com que os nossos corações se voltem para Ele: «Convertei-nos, Senhor, e seremos convertidos» (Lam 5, 21). Deus é quem nos dá a coragem de começar de novo. É ao descobrir a grandeza do amor de Deus que o nosso coração é abalado pelo horror e pelo peso do pecado, e começa a ter receio de ofender a Deus pelo pecado e de estar separado d’Ele. O coração humano converte-se, ao olhar para Aquele a quem os nossos pecados trespassaram” (Ibidem 1432).

E, nesse sentido, o Catecismo cita a seguinte exortação de S. Clemente Romano: “Tenhamos os olhos fixos no Sangue de Cristo e compreendamos quanto Ele é precioso para seu Pai, pois que, derramado para a nossa salvação, proporcionou ao mundo inteiro a graça do arrependimento.”

E, se de uma graça se trata, é fundamental a preparação para a acolher: uma preparação através das manifestações mais concretas dessa graça, nomeadamente aquelas – e são tantas – que nos são expostas na Sagrada Escritura que, em si mesma, como Palavra de Deus, é já uma graça divina. Daí o cuidado com que é proclamada e o respeito com que é escutada. E daí, também, o lugar insubstituível que ela ocupa nas celebrações de todos os sacramentos, incluindo o da Penitência ou Reconciliação.

Só depois de Deus, pela sua Palavra viva e eficaz, se abrir mais uma vez para nós, estamos em condições de nos abrir para Ele, principalmente e em primeiro lugar através da oração. Uma oração que nasce dessa Palavra e a ela responde. Uma oração que, tantas vezes, tem de começar por aquilo que é imprescindível: por pedir a Deus o dom, a graça do arrependimento, para que, a seguir, ele brote do fundo do coração, com aquela coragem que só Deus pode conceder.

OBJECTIVOS

- Compreender o significado das orações expressivas do arrependimento e do pedido de perdão;
- Aperceber-se da importância da morte de Jesus para o perdão dos pecados;
- Dispor-se a acolher o perdão que Deus oferece, nomeadamente pelo sacramento da Reconciliação.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Depois de, na catequese anterior, as crianças se terem apercebido do mal que é o pecado, são, nesta catequese, orientadas para um arrependimento que se manifesta num propósito firme de emenda. A unir os dois momentos, no processo do perdão, está a figura de Pedro: tendo negado Jesus por três vezes, é convidado, também por três vezes, a manifestar aquele arrependimento a que Ele leva pelo dom da vida na cruz.
2. De novo, a catequese tem de ser vivida. Daí que ela retome o acto de arrependimento, já realizado na catequese anterior, para, no final, se completar pelo pedido sincero de perdão.
3. Estes dois momentos serão retomados na próxima catequese, mas, então, explicitamente na perspectiva da celebração do Sacramento da Reconciliação. É importante que nela participem os pais. Para crianças nesta idade, o exemplo e a presença dos pais pode ter um efeito decisivo na sua educação. Portanto, o catequista não se poupe a esforços para que os pais não falem e, na medida do possível, celebrem, também eles, o sacramento da Reconciliação, juntamente com os filhos.
4. O ideal é que na próxima catequese esteja também presente o sacerdote que irá presidir à celebração do sacramento e que seja ele a expor as partes principais dessa celebração, tal como o seu significado. Este contacto pode ser altamente benéfico para a primeira experiência que as crianças fazem deste sacramento.

5. No final desta catequese, o catequista guarde as folhas em que as crianças escreveram os seus pecados e que entregam durante a Expressão de Fé. Poderão ser usadas na celebração do sacramento, contribuindo assim para a unidade entre a celebração e a sua preparação.

MATERIAIS

- Lenço branco do Baptismo, com manchas negras (catequese anterior);
- Dístico "PECADO" (catequese anterior);
- Dísticos "Pensamentos", "Palavras", "Actos", "Omissões" e "PERDÃO";
- Pagelas com a oração "Confesso a Deus todo-poderoso" e o lugar para as crianças escreverem os seus pecados (catequese anterior), uma para cada criança e mais algumas, para o caso de algumas se esquecerem de a trazer;
- Um crucifixo de tamanho adaptado ao do lenço;
- Esferográficas ou canetas;
- A Bíblia;
- Uma ou duas velas.

MÚSICAS

- "Quantas vezes";
- "Perdoa-nos, Senhor";
- Gravação das mesmas.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala

- No **placar**: o mesmo lenço branco do Baptismo, manchado de nódoas negras, usado na catequese anterior, com os dísticos: ao alto, "PECADO"; ao fundo do lado esquerdo, "Actos"; ao fundo do lado direito, "Omissões"; ao alto do lado esquerdo, "Pensamentos"; ao alto do lado direito, "Palavras".
- Na **mesa**: a Bíblia e uma ou duas velas, apagadas.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. O catequista, mostrando a sua própria **folha – com a oração "Confesso a Deus todo-poderoso"**, de um lado, e **os pecados cometidos**, do outro – comece por perguntar: Então, também trouxeram a vossa folhinha com a oração que aprenderam na última catequese?...
E rezaram-na todos os dias, como vos pedi?...
E escreveram, do outro lado, os pecados com que ofendemos a Deus e aos outros, por pensamentos, palavras, actos e omissões?...

Conforme as crianças realizaram ou não as tarefas referidas, siga-se uma das alternativas:

1ª

Alternativa

Se todas as crianças cumpriram as tarefas

Se rezaram todos os dias essa oração, já a sabem de cor. Vamos ver. Os que a sabem de cor podem dizê-la, sem olhar para a folhinha.

Digamos então, todos ao mesmo tempo:

"Confesso a Deus todo-poderoso"...

Conforme todas as crianças a souberem ou não de cor, o catequista pode convidá-las a dizerem-na mais uma ou duas vezes.

Muito bem. Isto quer dizer que reconhecemos os pecados que nos impedem de sermos amigos de Cristo e de sermos felizes, como mostra aquele lenço branco, mas com as nódoas que representam os nossos pecados. Para os limparmos da nossa vida e voltarmos a ser felizes, necessitamos, primeiro que tudo, de reconhecer que pecámos, reconhecer que não fizemos o que Deus nos pede e Jesus nos ensina.

Para isso, convido-vos a olharmos para os pecados que fizemos e estão escritos nas folhinhas.

Fazemos assim: cada um vai ler, para si e em silêncio, os pecados que escreveu.

Se se lembrar de mais algum pecado, ainda pode escrevê-lo. Mas não escrevam o vosso nome.

O mais importante é isto: que cada um de nós pense como, com esses pecados, ofendeu a Deus, a Jesus e às outras pessoas. E como todos eles devem ter ficado tristes com o mal que fizemos ou o bem que deixámos de fazer...

Durante o breve silêncio (2/3 minutos), o catequista pode colocar como música de fundo a gravação do cântico "Quantas vezes".

Faça a sua própria meditação e, no fim, afixe, ao centro do placar e por baixo do lenço, o dístico "PERDÃO".

2ª

Alternativa

Se houver crianças que não realizaram as tarefas pedidas e até se esqueceram das pagelas. Neste último caso, o catequista entregue-lhes uma nova pagela, para que a preencham, dizendo:

Estou um pouco triste. E Jesus certamente também. Esperava que todos fizessem o que prometeram na última catequese e (alguns) falharam.

Se foi por desinteresse, então quer dizer que não mostraram ser verdadeiramente amigos de Jesus. Sim, porque é Ele quem nos convida a pensarmos nos nossos pecados, para deles nos arrependermos e voltarmos a ser seus amigos e a ser felizes.

Mas, pronto, já que não o fizeram em casa, vamos, ao menos, tentar fazê-lo aqui. De acordo?

Primeiro, vamos ler a oração que aqui aprendemos e se encontra na folhinha que recebemos. (*O catequista pegue na sua, convidando:*) Peguemos todos nela... E agora vamos ler a oração, todos ao mesmo tempo:

"Confesso a Deus todo-poderoso"...

Pode repetir-se duas ou três vezes.

Já sabem que esta oração, além de ser bonita, é muito importante.

Estão a ver, no placar, o lenço branco, mas manchado de nódoas?... Representam os nossos pecados.

Ora bem, se quisermos limpá-los da nossa vida e voltarmos a ser amigos de Jesus e a sermos felizes, temos de começar por reconhecer o mal que fizemos, reconhecer que pecámos.

Que pecados? – Olhemos agora para o outro lado da folhinha:

- Podemos pecar por pensar mal dos outros, desejar-lhes o que é mau... Então pecamos por pensamentos.
- Por palavras, quando dizemos palavrões ofensivos, mentimos, barafustamos...
- Pecamos por actos, quando fazemos coisas que prejudicam a vida e o bem dos outros...
- Finalmente por omissões: isto é, deixemos de fazer o que devemos, por preguiça, desinteresse, desprezo...

Tudo, coisas que ofendem também a Deus e a Jesus, que tanto nos amam e tanto bem nos fazem.

Então, aqueles de vós que não escreveram nada, podem fazê-lo agora.

Primeiro pensem um bocadinho, até se lembrarem de alguma coisa má que pensaram, disseram ou fizeram, ou de algum dever que não cumpriram. Está bem?

Só depois é que escrevem no seu devido lugar.

Se tiverem dúvidas, podem perguntar-me, que eu ajudo.

Aqueles de vós que já escreveram, vão ler outra vez os pecados que escreveram e, se se lembrarem de mais algum que fizeram, podem escrevê-lo. Mas ninguém escreva o seu nome.

É que o mais importante para todos é isto: pensar e ver como, com esses pecados que fizemos, ofendemos a Deus, a Jesus e às outras pessoas – pais ou avós, irmãos ou colegas, professores ou catequistas...

E como todos eles devem ter ficado tristes com o mal que fizemos ou o bem que deixámos de fazer. E ainda como é bom voltarmos a ser amigos de Jesus e de Deus.

Façamos tudo em silêncio, para não nos distrairmos...

*Para o máximo de cinco minutos de silêncio, o catequista pode colocar como música de fundo a gravação do cântico "Quantas vezes". Procure, entretanto, fazer, ele próprio, a sua reflexão. No fim, afixe, ao centro do placar e por baixo do lenço, o **dístico "PERDÃO"**.*

2. Para as duas alternativas:

Agora que já pensámos no mal que fizemos com os nossos pecados, escritos nas nossas folhinhas, vamos reconhecer diante de Deus e uns dos outros, com coragem, que realmente pecámos.

Primeiro cantamos o cântico "Quantas vezes" (o catequista faça um breve ensaio). Depois guardamos um bocadinho de silêncio, para recordarmos os nossos pecados, olhando para as folhinhas. Assim, preparamo-nos para rezar: "Confesso a Deus todo-poderoso e a vós, irmãos"...

– Depois desta oração, voltaremos a cantar o mesmo cântico.

De pé ... Cantemos:

"Quantas vezes" (1ª, 2ª e 3ª estrofes)

Silêncio breve...

"Confesso a Deus todo-poderoso"...

"Quantas vezes" (4ª e 5ª estrofes)

II. PALAVRA

1. Estou certo de que Deus deve estar contente connosco. Foram capazes de se portar como meninos e meninas que estão a crescer! Tiveram a coragem para reconhecer que, por vezes, não são capazes de viver como Deus quer.

E sabem que, assim, estamos a querer aproximar-nos, outra vez, de Deus, limpando o coração dos pecados que fazemos?! Estamos no caminho de sermos mesmo felizes. Que nos falta ainda?...

Pensemos no que, às vezes, sucede lá em nossa casa: quando, por exemplo, fazem alguma coisa feia contra outra pessoa – a mãe, o pai, a avó... que vos pede para ajudar a pôr a mesa e vós ficais a ver televisão; ou um amigo pede para brincar convosco e vós não deixais...

Como é que essas pessoas também ficam convosco? Zangadas? Se calhar, ficam tristes, a pensar que não são seus amigos, não lhes têm amor...

Significa que precisamos de fazer alguma coisa, para voltarmos a ficar próximos e amigos das pessoas a quem causámos algum mal, é ou não é? Pois é!

E como vamos fazê-lo?...

Escutar as crianças e orientar as suas respostas para a questão do perdão, apontando para o respectivo dístico:

Perdão! Vamos ter com essa pessoa e pedimos perdão: "Desculpa-me, perdoa-me o que te fiz!"

Se as crianças desejarem contar alguma experiência de pedir perdão, deixá-las exprimir-se e sublinhar a atitude fundamental de assumir a culpa e querer repará-la.

Mas, quando ofendemos, magoamos ou ignoramos alguém, não é só essa pessoa que ofendemos. Já pensaram nisso?

A quem mais é que magoamos, ofendemos, ignoramos?

Ouvir as crianças, que provavelmente procurarão indicar pessoas próximas da "vítima", mas procurar encaminhar para:

A Deus, Nosso Pai! Não é Ele que tanto nos ama e nos pede para sermos bons? Se não formos, estamos a pecar contra Deus!

E nós até já lhe pedimos perdão no cântico que cantámos.

Pedimos-lhe perdão, para termos um coração limpinho, como no nosso Baptismo. Isto, só Deus nos pode dar: Ele, que conhece o nosso coração, é quem nos oferece um perdão tão forte que nos limpa dos pecados! Ninguém consegue amar-nos tanto como Ele.

Mas será que Deus nos perdoa mesmo aquelas marotices um bocado feias que nós, às vezes, fazemos, e que nos encham de vergonha?..

Sim, Deus perdoa sempre, mas nós temos de fazer alguma coisa para podermos receber o seu perdão, para o merecermos.

Repararam bem nas palavras que dissemos na segunda parte da nossa oração, depois de batermos no peito em sinal de arrependimento?... Digamos todos ao mesmo tempo essas palavras:

**"Peço à Virgem Maria,
aos Anjos e Santos e a vós irmãos
que rogueis por mim a Deus nosso Senhor".**

Porque será que pedimos a Nossa Senhora, aos Anjos e aos Santos e até, uns aos outros, para rezarem a Deus, por nós?...

É exactamente para podermos acolher, para sermos capazes de receber o perdão que Deus nos quer dar. Se não o acolhermos, continuamos sujos, com os nossos pecados.

2. Olhem, para vermos bem como devemos fazer, vamos aprender outra vez com S. Pedro. Na última catequese ouvimos o pecado, aquele grande pecado que ele fez: negar que não conhecia Jesus; jurar que não queria saber dele. E que aconteceu depois?...

*O catequista afixe o **crucifixo**, ao meio do lenço, deixe contemplar e comente:*

Porque será que eu coloquei a imagem de Jesus na cruz precisamente sobre o lenço com as nódoas dos pecados?...

Primeiro, é para nós recordarmos por que é que Jesus foi crucificado: foi por causa dos pecados, das maldades das pessoas. Embora Ele só fizesse o bem, e a todos, havia pessoas que não aceitavam a sua mensagem, o seu amor. E foram tão longe, na sua maldade contra Jesus, que o mataram. Foi o maior dos pecados.

Mas terá sido só por causa dos pecados dessas pessoas que Jesus foi morto? Não! Foi também, por exemplo, por causa do pecado de Pedro que negou conhecê-lo, não mais quis saber dele.

E também por causa dos nossos pecados.

"Mas – direis vós – nós não estávamos lá! O que é que os nossos pecados têm a ver com a morte de Jesus?!"

Eu explico. Pensemos nos nossos pais, avós, professores... em tantos outros nossos amigos... Pessoas que nos querem tanto bem e nos ajudam a viver.

Quem nos deu essas pessoas? – Foi Deus, nosso Pai do Céu, que assim mostra quanto nos ama, como Jesus nos ama.

E pensemos em outras pessoas que precisam de nós, da nossa ajuda, do nosso amor. Pessoas que Deus também ama, como Jesus...

Ora bem, se nós não ligamos a todas essas pessoas e até as ofendemos, é também a Deus e a Jesus que ofendemos. Estamos a rejeitá-lo, como as pessoas que o rejeitaram e o mataram.

Por isso, Jesus morreu também por causa dos nossos pecados...

Mas, ao morrer, Ele não quis mal a ninguém. Não respondeu ao mal com o mal. Ainda se lembram das palavras que Ele disse a Deus acerca dos que o matavam?... "Pai, perdoa-lhes, que eles não sabem o que fazem". "Pai, perdoa-lhes"...

Foi ao morrer por nós que Jesus mais perdoou. Foi na cruz que Ele mais nos amou. Amou-nos tanto, tanto, que, depois de ressuscitar, quando apareceu aos Apóstolos, Jesus teve uma atitude muito bonita para com Pedro. Primeiro, deu de comer a todos

os Apóstolos. Mas, depois da refeição, voltou-se só para Pedro, para conversar com ele. Para quê? Que terá dito Jesus a Pedro?

Vamos ouvir. Até porque essas palavras também podem ser para nós...

O catequista pode convidar uma criança a acender as velas. Depois pegue na Bíblia, aberta em Jo 21, 15-17, que pode ser lido com um ou dois outros leitores, e convide as crianças a escutarem de pé:

Catequista:

O Senhor esteja conosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São João:

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

Catequista:

**Quando Jesus se manifestou aos seus discípulos,
junto ao mar de Tiberíades,
depois de comerem,
perguntou a Simão Pedro:**

1º leitor:

«Simão, filho de João, amas-me mais do que estes?»

Catequista:

Ele respondeu-lhe:

2º leitor:

«Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo.»

Catequista:

Disse-lhe Jesus:

1º leitor:

«Apascenta os meus cordeiros.»

Catequista:

Voltou a perguntar-lhe pela segunda vez:

1º leitor:

«Simão, filho de João, tu amas-me?»

Catequista:

Pedro respondeu-lhe:

2º leitor:

«Sim, Senhor, tu sabes que te amo.»

Catequista:

Disse-lhe Jesus:

1º leitor:

«Apascenta as minhas ovelhas.»

Catequista:

Perguntou-lhe pela terceira vez:

1º leitor:

«Simão, filho de João, tu amas-me?»

Catequista:

**Pedro entristeceu-se,
por Jesus lhe ter perguntado pela terceira vez se O amava
e respondeu-lhe:**

2º leitor:

**«Senhor, tu sabes tudo.
Bem sabes que Te amo.»**

Catequista:

Disse-lhe Jesus:

1º leitor:

«Apascenta as minhas ovelhas.»

Catequista:

Palavra da Salvação.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

3. Após as crianças se sentarem, e pousadas as velas e a Bíblia, aberta na mesma página, o catequista pergunte:
Quantas vezes é que Jesus perguntou a Pedro se ele O amava?...

E sabem porque perguntou três vezes?... Isso mesmo, porque Pedro também tinha dito três vezes que não o conhecia, que não queria saber dele; portanto, que não o amava. Por isso é que agora, depois de Jesus lhe dar de comer, uma prova do seu grande amor, Ele insiste que Pedro lhe diga, três vezes, que o ama. Que mostre, três vezes, que está arrependido, que agora já não pensa assim.

Só assim é que Pedro ficava limpo daquele grande pecado e ficava em condições de fazer o que Jesus disse: apascentar as ovelhas de Jesus. As ovelhas, aqui, representam as pessoas que haviam de se converter a Jesus, os cristãos. E Pedro iria ser o seu principal pastor. Pastor, no sentido de quem guia, de quem ensina esses cristãos a serem bons cristãos, como nós aqui, na catequese.

Mas Pedro só podia ensinar os cristãos, se fosse mesmo um grande amigo de Jesus. E, para isso, precisava de aceitar o seu perdão, o seu amor.

Portanto, para recebermos o perdão e o amor que Jesus nos oferece, temos, também nós, de lhe dizer, do fundo do coração, que o amamos. Amamo-lo, porque Ele nos ama tanto e, assim, nos oferece um coração capaz de amar.

É como pode acontecer em nossa casa: quando fazemos uma maldade, por exemplo, que ofenda o pai ou a mãe. Para ficarmos de bem com o pai e a mãe, temos, também nós, de lhes mostrar que os amamos.

Umás vezes dizemos que os amamos com palavras, outras damos-lhe um beijo ou um abraço. E então, sim, acolhemos o perdão e o amor que ele ou ela nos têm.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Pois bem, convido-os a fazer, todos juntos, o mesmo para com Jesus e para com Deus, a quem ofendemos com os nossos pecados.

Já reconhecemos que somos pecadores. Até escrevemos os nossos pecados na nossa folhinha. E depois, mostrando que queremos ser bons cristãos, confessámos, a Deus e uns aos outros, que pecámos. Estou muito contente por terem mostrado essa coragem.

Mas falta dizer e mostrar a Deus que o amamos, como fez Pedro com Jesus.

Para o fazermos, podemos servir-nos de uma oração, que se chama **Acto de Contrição**.

Contrição quer dizer arrependimento, pena, por ter errado, ofendido.

Já sabem que podem ler essa oração na página 84 do catecismo.

Depois de todas as crianças abrirem, o catequista prossiga:

Vamos todos ler essa oração ao mesmo tempo:

**"Meu Deus, porque sois tão bom,
tenho muita pena de vos ter ofendido.**

Ajudai-me a não tornar a pecar."

Repita-se duas ou três vezes, com calma.

Agora, para rezarmos ainda melhor esta oração, podemos aprender um **cântico** para cantarmos antes e depois.

O catequista ensaie o refrão de:

"Perdoa-nos, Senhor"...

2. Pronto. Acho que já estamos preparados para pedir perdão a Deus, lhe dizermos que temos pena de o ter ofendido e lhe pedir para nos ajudar a não tornar a pecar.

Vamos fazer assim:

- Primeiro, colocamos nas nossas **mãos** assim (*o catequista exemplifique, elevando as mãos, abertas, até à altura do peito*) as folhas **com os nossos pecados**, com o lado em que estão escritos para cima (*exemplificar*).
- Depois, cantamos o **cântico "Perdoa-nos Senhor"**.
- A seguir, dizemos o **Acto de Contrição**. (*Se for o caso:*) Como alguns ainda o não sabem de cor, irão dizer depois de mim.
- E voltaremos a cantar o **cântico**.

- No fim, cada um de nós vai ter um gesto de amizade para com Jesus: vem aqui, junto da imagem dele e coloca a folha com os pecados junto da Bíblia, onde está escrito a pergunta, feita por Jesus a Pedro e a cada um de nós: "Tu amas-me?" Em sinal do nosso amor, damos um beijo na sua imagem.

*Durante esta última parte, pode cantar-se o **cântico "Perdoa-nos, Senhor"** ou colocar a sua gravação como música de fundo.*

3. Compromisso

– Até à próxima catequese vou pedir-vos para aprenderem de cor as duas orações que hoje rezámos: "Confesso a Deus todo poderoso..." e o Acto da Contrição "Meu Deus, porque sois tão bom". Estão no vosso catecismo para poderem aprendê-las bem.

Peço-vos que as rezem todos os dias, pelo menos à noite, antes de se deitarem, para pedir perdão a Deus pelos pecados cometidos durante aquele dia. Não se esqueçam: todos os dias, antes de dormir.

Se o fizerem, para a próxima catequese, já estão muito mais crescidos: porque sabem essas orações tão importantes e porque sabem arrepender-se!

– Na próxima catequese, vão poder mostrar isso aos vossos pais. Sim, eles vão estar connosco. Para isso, preenchem o **convite** que também está na página 84 do vosso catecismo.

Vão ver como eles ficarão contentes se soubermos pedir perdão a Deus e às outras pessoas que ofendemos. E como nós, às vezes, também ofendemos os pais, se

aprendermos bem a pedir perdão a Deus, como fez Pedro e Jesus nos ensina, então também já estamos a pedir perdão aos pais.

E por que é que os pais (ou outros familiares) vêm à próxima catequese? – Para se prepararem convosco para a vossa Confissão. Nessa catequese explicarei o que é isso e como se faz.

E é bom que os vossos pais também saibam bem, porque eles, de certeza, querem que vos confesseis bem, para receberdes o perdão de Deus.

Nessa catequese, primeiro sereis vós a explicar aos pais o que fizemos nesta e na última catequese, a partir daquele lenço manchado. Por isso é que ainda o não tirámos.

Mas, para poderem explicar-lhes, têm de ler bem o que vem no catecismo, sobre a catequese de hoje e da outra semana (*o catequista pode indicar o número das catequese e as respectivas páginas do catecismo*): páginas 77 a 84 E na página 83, têm uma proposta para se comprometerem a esforçarem-se muito para ter um coração sempre limpo e bom, proposta essa que podem completar com a ajuda da família. (*Atendendo a que as crianças ainda são bastante pequenas, sugere-se que o catequista lhes entregue um pequeno cartão com as indicações; ver Documento 1*).

Até lá,

Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

Crianças:

Graças a Deus.

Para guardar na memória e no coração

Acto de contrição.

DOCUMENTO 1

Para me ajudar a preparar a Celebração da Reconciliação

Aprender bem o conteúdo das catequese 18 e 19
(no catecismo, páginas 77 a 84).

Na página 83 do catecismo, fazer o compromisso de ter, sempre,
um coração limpo e bom.



“TENHO MUITA PENA DE VOS TER OFENDIDO”

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Luz e sombras da Confissão

É assim que este sacramento de cura (juntamente com o da Unção dos Enfermos) é entre nós mais correntemente conhecido: por Confissão. O Catecismo da Igreja Católica (n. 1423-1424) apresenta mais quatro denominações: sacramento da Conversão, da Penitência, do Perdão e da Reconciliação.

Mas, se é mais conhecido por Confissão, deve-se possivelmente às reacções mais opostas que ele provoca entre os cristãos. Se é procurado e amado por muitos, é porque “a confissão (a acusação) dos pecados, mesmo de um ponto de vista simplesmente humano, liberta-nos e facilita a nossa reconciliação com os outros. Pela confissão, cada pessoa encara de frente os pecados de que é culpado; assume a sua responsabilidade e, desse modo, abre-se de novo a Deus e à comunhão da Igreja, para tornar possível um futuro diferente” (Ibidem 1455). E quem já experimentou este efeito libertador, vivificante e iluminante, dificilmente lhe dispensa o caminho. Mesmo que não tenha pecado gravemente e, por isso, não seja obrigado a receber a absolvição sacramental de um sacerdote, para obter a graça do perdão.

Mas, há outros cristãos que sentem exactamente o contrário: o que mais lhes custa neste sacramento é terem de confessar os pecados. Não bastará dizê-los a Deus, se afinal até é Ele quem tem o poder para os perdoar? – perguntam alguns. Outros, principalmente aqueles a quem a consciência não acusa de faltas graves, lamentam-se: Para quê confessar-me, se depois volto a cair no mesmo? Ou ainda: Em vez de me abeirar de um sacerdote que talvez nem conheça, não seria preferível ir ao encontro daqueles a quem ofendi, ou me ofenderam, para com eles me reconciliar?

Há até quem vá mais longe e afirme mesmo que, afinal, é a confissão que acaba por contribuir para que quem se confessa venha, por isso mesmo, a cair mais facilmente no pecado. O raciocínio é simples: Não faz mal fazer ou dizer isto ou aquilo; depois vou confessar-me, e fica tudo bem. Quer dizer, portanto, que, se não fosse a confissão, talvez

se não pecasse tanto. Neste caso, o sacramento é pura e simplesmente pervertido. Se é que há mesmo sacramento, nessa situação.

Pelo menos, conversão não há. E, sem ela, falta uma outra razão pela qual também se lhe chama sacramento da Confissão: não é apenas "porque o reconhecimento do pecado perante o sacerdote é um elemento essencial deste sacramento. Num sentido profundo, este sacramento é também uma «confissão», reconhecimento e louvor da santidade de Deus e da sua misericórdia para com o homem pecador" (Ibidem 1424). Vejamos como essa misericórdia se manifesta e pode ser acolhida, na mensagem do Reino de Deus anunciada e praticada por Jesus.

2. A parábola do Pai Misericordioso (Lc 15, 11 - 32)

É mais comumente conhecida por parábola do Filho Pródigo. Só que, no fim, ficamos sem saber qual dos dois filhos realmente se perdeu: se o mais novo que, de facto, esbanjou a parte da herança paterna que lhe cabia (segundo a lei de então, um terço dos bens paternos); ou se o filho mais velho que tantos anos serviu fielmente o pai, sem nunca transgredir uma norma sua, mas que parece teimar em não ouvir as palavras finais do progenitor: *Filho, tu estás sempre comigo e tudo o que é meu é teu. Mas tínhamos de fazer uma festa e alegrar-nos, porque este teu irmão estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi reencontrado* (vv. 31-32). Trata-se, portanto, de reconhecer e acolher a misericórdia do pai e dela se tornar participante.

Mas – e este parece ser o raciocínio do rapaz – não estará o pai, com tanta misericórdia, a aprovar, pelo menos implicitamente, o comportamento condenável do seu irmão? E, nesse caso, não será o modo inesperado e impensável como foi acolhido um incentivo para ele, mais tarde, depois de saborear o festim em sua honra, regressar à vida que tinha antes, pensando voltar a ser acolhido da mesma maneira?

Que foi essa a questão que provocou a parábola de Jesus, é dito explicitamente em Lc 15, 1-2: *Aproximavam-se dele todos os cobradores de impostos e pecadores, para o ouvirem. Mas os fariseus e os doutores da Lei murmuravam entre si, dizendo: "Este acolhe os pecadores e come com eles.* Um acolhimento dos que transgrediam a Lei de Deus, ao ponto de os convidar para a comunhão de mesa, significava, na prática, aprovar esse comportamento e, como tal, desrespeitar a Lei e, com ela, o próprio Deus, seu autor. Não é que os pecadores fossem, pura e simplesmente, de rejeitar. Também isso seria contra a vontade de Deus, que não se compraz *na morte do ímpio, mas sim na sua conversão, a fim de que tenha a vida* (Ez 33, 11; cf. 18, 23.32). Mas, primeiro a conversão, e só depois a vida, obtida pelo acolhimento na casa paterna e pelos bens que apenas lá se podiam alcançar.

Este parece ser o raciocínio dos fariseus e doutores da Lei em relação à atitude de Jesus para com os publicanos e os pecadores, ainda não convertidos, tal como o raciocínio do filho mais velho relativamente ao comportamento do pai para com o irmão. Não se trata, portanto, de inveja, como alguém poderia pensar. Trata-se, sim, da justiça e do caminho para a realizar: o da Lei de Deus.

Mas, com isto, outra questão surge: quando é que o filho mais novo realmente se converteu, não apenas no seu modo de agir, mas, também e sobretudo, no seu modo de pensar? Foi quando se viu no abandono, na miséria e na fome, ou quando se deparou com o acolhimento inesperado e humanamente "injusto" da parte do pai? Por outras palavras: quem o converteu? Foi ele ou foi o pai? Isto é, qual o caminho para uma verdadeira e completa conversão?

3. A contrição

Segundo o Catecismo da Igreja Católica (n. 1423), dá-se a este sacramento o nome de "Penitência, porque consagra uma caminhada pessoal e eclesial de conversão, de arrependimento e de satisfação por parte do pecador". Por isso, "entre os actos do penitente, a contrição ocupa o primeiro lugar. Ela é uma dor da alma e uma detestação do pecado cometido, com o propósito de não mais pecar no futuro" (Ibidem 1451).

Distinguem-se duas espécies de contrição ou, se preferirmos, duas fases ou etapas, até uma completa contrição:

- "Quando procedente do amor de Deus, amado sobre todas as coisas, a contrição é dita «perfeita» (contrição de caridade). Uma tal contrição perdoa as faltas veniais; obtém igualmente o perdão dos pecados mortais, se incluir o propósito firme de recorrer, logo que possível, à confissão sacramental" (Ibidem 1452).
- A contrição dita «imperfeita» (ou «atrição») é, também ela, um dom de Deus, um impulso do Espírito Santo. Nasce da consideração da fealdade do pecado ou do temor da condenação eterna ou de outras penas de que o pecador está atormentado (contrição por temor). Um tal abalo de consciência pode dar início a uma evolução ulterior, que será levada a bom termo sob a acção da graça, pela absolvição sacramental. No entanto, por si mesma, a contrição imperfeita não obtém o perdão dos pecados graves, mas dispõe para obtê-lo no sacramento da Penitência" (Ibidem 1453).

Quer dizer que o objectivo deste sacramento é, de facto, a contrição perfeita. Daí todo o processo celebrativo que precede a absolvição dos pecados e a ela conduz. Um processo que não dispensa o confronto com Deus, com o seu amor, a sua misericórdia infinita. "Precisamos de tomar consciência da grandeza do dom de Deus que nos foi concedido nos sacramentos da iniciação cristã, para nos apercebermos de até que ponto o pecado é algo de inadmissível para aquele que foi revestido de Cristo" (Ibidem 1425). Inadmissível, porque em total contradição com a graça então recebida e a vida por ela obtida. E, quanto maior for a experiência e a consciência dessa graça, maior será a dor perante o pecado que, tenha ele a expressão que tiver, é sempre uma ingratidão, isto é, a rejeição da graça.

Veja-se o que, felizmente, acontece em tantas famílias: a dor, a pena profunda que um filho sente, quando ofende, fere o pai que o ama profundamente!... E que alegria indescritível experimenta, quando o pai o acolhe com amor redobrado! Redobrado, porque é preciso ter muita coragem para continuar a amar quem a esse amor

corresponde com rancor, desprezo ou, simplesmente, o abandono. Mas é esse amor, e só ele, que converte, realmente, ao verdadeiro amor.

E, nesse caso, não é difícil confessar-se. Pelo contrário: é uma necessidade, ditada pela força do amor que, vindo de Deus, tudo pode.

OBJECTIVOS

- Preparar a celebração do sacramento da Penitência, compreendendo os seus principais ritos e o respectivo significado;
- Incentivar a acolher o perdão de Deus oferecido nesse sacramento;
- Envolver os familiares das crianças na preparação e na celebração.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. A primeira recepção do sacramento da Penitência pode ser decisiva para a vida cristã das crianças, presente e futura. Se, na sua celebração, saborearem verdadeiramente a graça e a alegria do perdão, certamente que a ele irão recorrer mais vezes. Daí a importância da sua preparação: no que diz respeito ao decurso da celebração e, sobretudo, ao seu significado profundo. Que as crianças não caiam em nenhum dos dois extremos: no medo ou na leviandade.
2. Para isso, é conveniente que nesta preparação participem, primeiro, os familiares das crianças. E a melhor preparação é a activa. Isto é, que também eles celebrem o sacramento, na medida das suas possibilidades e convicções. O seu exemplo é indubitavelmente salutar para as crianças.
3. A presença de um sacerdote, de preferência o que vai presidir à celebração, também irá contribuir para que as crianças a vivam com mais intensidade. O conhecimento mútuo facilitará o contacto pessoal que a celebração exige.
4. Evite-se que esta preparação seja uma espécie de ensaio geral. O importante é que as crianças vivam o que escutam e vêem. É nesse sentido que elas são conduzidas a reviver as duas catequese anteriores e a escutar parte da leitura bíblica, que voltarão a ouvir na celebração e ficarão na expectativa, no que diz respeito aos seus ritos finais. Avisem-se os pais acerca do que, no final, é sugerido quanto aos lenços do Baptismo das crianças.
5. Se houver crianças por baptizar, podem participar também nesta catequese e acompanhar os colegas na celebração. Mas explique-se-lhes a razão por que não necessitam nem podem confessar-se: receberão no Baptismo o perdão para todos os seus pecados.

MATERIAIS

- Lenço do Baptismo, cheio de nódoas (catequese anteriores);
- Dísticos "PECADO", "PERDÃO", "Pensamentos", "Palavras", "Actos" e "Omissões" (catequese anterior);

- Um crucifixo (como na catequese anterior);
- As pagelas em que as crianças escreveram os pecados (catequeses anteriores);
- Duas imagens/gravuras relativas à parábola do Pai Misericordioso (Lc 15, 11-32): a do jovem na miséria da fome e entre porcos; a do jovem a ser abraçado pelo pai;
- Duas imagens/gravuras relativas à celebração do sacramento da Penitência: uma criança a confessar-se a um sacerdote; o sacerdote a dar a absolvição, pela imposição das mãos;
- Bíblia;
- Uma ou duas velas;
- Duas folhas com Lc 15, 11-24, se o texto for lido em diálogo.

MÚSICAS

- "Perdoa-nos, Senhor";
- "Cantai, o Senhor é bom".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala

- No **placar**: o lenço branco, manchado de nódoas negras, usado nas duas catequeses anteriores.
- Na **mesa**: a Bíblia e uma ou duas velas apagadas.
- Dentro da **sala**: cadeiras ou bancos para os pais e/ou outros familiares das crianças, atrás das que são para elas.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Depois de saudar os pais e/ou outros encarregados de educação das crianças e de lhes agradecer a sua presença, o catequista, se for o caso, agradeça também ao sacerdote pela sua participação nesta catequese, dizendo:*

Além dos vossos pais, temos hoje connosco o sr. Padre (*nome*), que vai, no próximo dia (*indicar o dia e a hora da celebração do sacramento da Penitência*), presidir à festa em que iremos receber o perdão de Deus para os nossos pecados. É por meio dele que Deus nos dá o seu perdão. Daqui a pouco ele irá explicar-nos como tudo vai decorrer e aquilo que nós devemos fazer.

Mas, antes disso, ele e os vossos pais precisam de saber o que nós já aprendemos e fizemos aqui, nas últimas duas catequeses. E quem lhes vai contar, sois vós. Mas eu vou ajudar-vos.

2. Vamos começar pelo lenço branco que está afixado no placar:

– O que é que ele significa?...

O que está lá escrito: "Sou de Cristo, sou feliz".

E cada um de nós pertence a Cristo desde quando?...

– Desde o nosso Baptismo. Para o dono daquele lenço, é desde aquela data que está escrita ao fundo (*o catequista leia ou convide as crianças a lerem a data*).

– Depois, somos ainda mais de Cristo, pelos sacramentos da Confirmação (*ler a data*) e da Eucaristia (*ler a data*).

– Só que este lenço branco está todo sujo. Com aquelas manchas escuras, quase não podemos ler as palavras que estão lá escritas. Quer dizer que as manchas representam coisas que nos impedem de sermos mesmo de Cristo. Vamos explicar o que é.

Ainda se lembram de, em silêncio, cada um de nós pensar numa situação em que não fizemos o que devemos fazer, como amigos de Jesus? Coisas que entristecem os outros, sobretudo os que nos amam, Jesus e Deus, até a nós próprios. Quando fazemos essas coisas, quantas vezes ficamos envergonhados. Que nome damos a essas coisas?

*O catequista pode convidar uma criança a pegar no **dístico "PECADO"**, a mostrá-lo aos presentes e, depois, a afixá-lo ao centro e acima do lenço. A seguir comente:*

São os nossos pecados que nos entristecem, porque não nos deixam ser de Cristo e ser felizes.

E até os maiores amigos de Jesus, por vezes, fazem o contrário do que Ele nos ensina. Lembram-se de nós falarmos aqui de um desses maiores amigos. Quem foi?...

E qual foi o pecado de S. Pedro?... – Negou, por três vezes, que não conhecia Jesus. E quando é que ele fez isso?... – Exacto: quando Jesus estava a ser condenado à morte na cruz.

Pedro não queria saber mais dele, não o conhecia... Que tristeza!

Sim, Pedro, logo a seguir, viu o mal que tinha feito. E chorou...

Mas nós, aqui, também tivemos coragem para reconhecer que, por vezes, nos portamos mal. E tivemos mesmo a coragem de o dizer aqui diante dos outros.

Vejamos agora que espécie de pecados, às vezes, fazemos.

*O catequista convide, sucessivamente, quatro crianças a mostrar os **dísticos "Pensamentos"**, "**Palavras"**, "**Actos"** e "**Omissões"** e afixá-los nos mesmos lugares que ocupavam na catequese anterior. Ao mesmo tempo, comente brevemente o que cada um deles significa.*

No fim, pegue nas pagelas em que ele e as crianças escreveram os seus pecados, mostre-as e comente:

Nestas folhinhas estão escritos alguns dos pecados que cada um de nós reconheceu ter feito, por pensamentos, palavras, actos e omissões (*pode ler um ou outro dos pecados, tendo o cuidado de evitar que sejam identificados os seus autores*).

Mas, no outro lado destas folhinhas, está uma **oração** que nos ajuda a reconhecer, diante de Deus e uns dos outros, os pecados que fazemos. Ainda se lembram dessa oração?..

Então, ponham-se de pé, incluindo os pais, e rezemos todos, começando por nos benzermos:

"Em nome do Pai"...

"Confesso a Deus todo-poderoso"...

3. Voltemos a falar de S. Pedro. Sim, porque, depois daquele pecado tão grande, aconteceu alguma coisa muito importante, com ele e com Jesus.
Começemos por Jesus.

*O catequista convide uma criança a pegar no **crucifixo**, a mostrá-lo aos presentes; depois afixe-o, como na catequese anterior, sobre o lenço e comente:*

Colocámos a imagem de Jesus crucificado sobre o lenço manchado de pecados, por duas razões:

- Primeiro, porque foram os pecados, as maldades das pessoas que fizeram com que Jesus fosse morto daquela maneira: numa cruz. E também nós, crianças e adultos, quando pecamos, comportamo-nos como essas pessoas, estamos a dizer não a Jesus, a rejeitá-lo.
- Mas, a cruz está ali, também para nos mostrar que Jesus, ao morrer na cruz, deu a vida para nos perdoar os pecados. Morreu porque nos ama. Deu a sua vida por nós, para nos mostrar que temos de nos arrepender dos nossos pecados e começar uma vida nova.

S. Pedro também nos ensinou isso, não foi? ... Contem lá!...

Foi depois de Jesus ressuscitar. Quando Ele, de uma vez, apareceu aos seus discípulos e, no fim, perguntou a Pedro, três vezes; "Simão, filho de João, tu amas-me?". E, é claro, perante tanto amor de Jesus, Pedro respondeu que sim.

Mas foi Jesus que fez com que S. Pedro se arrependesse daquele grande pecado. Porque Jesus o amava tanto, por isso é que Ele por três vezes lhe disse: "Sim, Senhor, tu sabes que te amo".

E nós, o que fizemos, aqui na catequese?...

Também respondemos a Jesus. Cada um de nós pegou na folhinha com os seus pecados, dissemos uma oração a Deus, e depois?... Cada um foi colocar a sua folhinha, com os seus pecados, junto da Bíblia, onde está contada a história de Pedro, e deu um beijo na imagem de Jesus.

Assim, cada um estava a dizer a Jesus, como Pedro: "Senhor, tu sabes como te amo!" E nessa altura, também cantámos um **cântico**. Qual foi?... "Perdoa-nos, Senhor". Vamos cantar uma vez ou duas para os vossos pais também poderem cantar...

Depois do ensaio:

Agora, todos de pé...voltemo-nos para Jesus na cruz...e cantemos:

"Perdoa-nos, Senhor" (*só o refrão*).

Digamos agora o **Acto de Contrição**:

"Meu Deus, porque sois tão bom..."

- E agora cantemos outra vez:

"Perdoa-nos, Senhor" (*só o refrão*).

4. Nesta altura talvez pudéssemos substituir aquele lenço por outro sem manchas. Mas, não o fizemos na última catequese, nem fazemos nesta... Sabem porquê?
O sr. Padre vai-nos explicar (*ou, na sua ausência, fá-lo o catequista*).

II. PALAVRA

1. *O sacerdote pode começar por felicitar as crianças pelo que fizeram nas duas últimas catequeses e acabaram de mostrar. Depois diga:*

O/A sr./a (Nome do catequista) tem razão: ainda têm de fazer mais alguma coisa, para serem afastadas de vós as manchas do pecado e voltarem a estar limpos.

Como já ouviram, no dia (indicação do dia, hora e lugar da celebração) vamos ter uma celebração especial.

E eu lá estarei. (Se for o caso:) Eu e mais alguns outros senhores padres.

Porque é de nós, padres, que Jesus e Deus se servem para perdoar os pecados, num sacramento que se chama Penitência ou Reconciliação. Daqui a pouco veremos por que se chama assim: Penitência ou Reconciliação.

Vamos, primeiro, ver como é que vai decorrer: sobretudo o que vós tendes de fazer. Se vos esquecerdes de alguma coisa, nós depois ajudamos.

Mas vão estar atentos ao que eu vou explicar, para se portarem como meninos e meninas crescidos. Não se esqueçam: o mais importante é afastar de vós as manchas que ficaram dos pecados, das coisas feias que fizeram e que os amigos de Jesus não devem fazer.

- A princípio vai ser assim: depois de cada um estar no seu lugar dentro da igreja (*ou outro local, se for o caso*), começaremos por cantar.
- Pode ser um cântico que já lá cantaram: "Cristo Jesus, tu me chamaste"... Todos o conhecem e não é preciso ensaiar.
- Depois eu saúdo-vos, como na Missa, e todos respondem como lá: "Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo".
- A seguir, faço uma oração, a pedir a Deus que vos ajude a receber bem, no vosso coração, o perdão que Ele vos vai oferecer.

2. Para se prepararem bem para acolher esse perdão, faremos, depois, uma leitura da Bíblia, da Palavra de Deus. Vai ser uma história, uma parábola, muito bonita sobre o perdão.

Mas eu gostava que ouvissem agora uma parte da mesma leitura que irão escutar nesse dia. Até porque é uma parábola contada, imaginem, pelo próprio Jesus!

Com esta história, irão compreender, para já, duas coisas:

- Primeiro o cântico que cantámos há pouco: por que será que nós, nesse cântico, dizemos ao Senhor: "À tua casa queremos voltar?" Jesus vai explicar-nos porquê.
- Depois ficaremos a saber por que chamamos ao sacramento que irão receber "Reconciliação" e "Penitência".

Mas, na história que Jesus vai contar, Ele mostra-nos principalmente como é que Deus nos perdoa os pecados e o que acontece com aqueles que aceitam o seu perdão.

Portanto, muita atenção!

*Pode convidar-se uma criança para acender a(s) vela(s). O sacerdote/catequista pegue na Bíblia, aberta em **Lc 15, 20-24**, e aproxime-se dele dois outros leitores (que podem ser familiares das crianças), se a leitura for dialogada. Mas o conteúdo dos vv. 11-20a deve ser apresentado pelo sacerdote/catequista por palavras suas.*

Sacerdote:

Foi assim:

Havia um homem que tinha dois filhos, que já eram grandes. Já estavam os dois em idade de poderem herdar, isto é, ficar com as terras e propriedades do pai.

E foi isso que aconteceu com o mais novo. Foi ter com o pai e pediu-lhe a parte da herança que lhe tocava. E o pai assim fez.

Só que o rapaz vendeu tudo e partiu para longe da sua terra. E, por onde andava, fazia o que lhe apetecia.

Foi gastando, gastando, gastando, até ficar sem nada. É claro que, então, se viu obrigado a procurar trabalho.

O pior é que, na mesma altura, veio uma grande fome naquela terra. Sabem qual foi o único trabalho que encontrou? Imaginem: guardar porcos. Uma coisa que ninguém gostava de fazer. Na terra dele, nem sequer se comia carne de porco. E ele, ali, a guardar porcos!...

Mas isso ainda não foi o pior. O pior é que nem sequer lhe deixavam comer da comida dos porcos. E o rapaz começou a andar cheio de fome, sozinho, no meio dos porcos. Uma tristeza! Uma miséria!...

O catequista afixe, ao centro e por cima do dístico "PECADO", uma imagem do pródigo no meio dos porcos. Depois de deixar contemplar, por um breve momento, continue:

Foi então que ele se começou a lembrar do que havia em casa do pai. Lá, até os trabalhadores viviam melhor do que ele. Ele, um filho, e ali naquela miséria.

E pôs-se a pensar: não seria de voltar para casa do pai?

Só que ele tinha estragado tudo. Portanto, não tinha direito sequer a ser tratado como um criado. Naquele tempo a lei era assim. Tinha arruinado tudo, tinha feito sofrer tanto a família...

Mas a fome que tinha era tão grande, que ele estava disposto a arriscar-se...

E partiu, de volta a casa do pai. Talvez o pai o recebesse, ao menos, como um trabalhador. Tinha de viver fora de casa, mas ao menos não passava tanta fome.

Será que o pai o recebeu?...Vamos ver.

Agora vamos ler. Por isso, ponham-se de pé...

Sacerdote:

O Senhor esteja convosco.

Todos:

Ele está no meio de nós.

Sacerdote:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas:

Todos:

Glória a vós, Senhor.

Sacerdote:

...Ainda ele estava longe, quando o pai o viu:

encheu-se de compaixão

e correu a lançar-se-lhe ao pescoço,

cobrindo-o de beijos.

Disse-lhe o filho:

1º leitor:

«Pai, pequei contra o céu e contra ti.

Já não mereço ser chamado teu filho.»

Sacerdote:

Mas o pai disse aos servos:

2º leitor:

«Trazei depressa a túnica mais bela e vesti-lha.

Ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés.

Trazei um vitelo gordo e matai-o.

Comamos e festejemos,

porque este meu filho estava morto e voltou à vida,

estava perdido e foi reencontrado.»

Sacerdote:

E começou a festa.

Palavra da Salvação.

Todos:

Glória a vós, Senhor.

3. *Depois de as crianças se sentarem, o sacerdote/catequista afixe, ao fundo do lenço e por baixo do dístico "PERDÃO", uma imagem do reencontro do filho pródigo com o pai, deixe contemplar e comente:*

Por isto é que o filho não esperava. Nem ele, nem ninguém, naquela época: ser abraçado pelo pai, coberto de beijos... ser vestido com a túnica mais bela, que pertencia ao irmão mais velho... receber um anel no dedo, para significar que tinha poder para mandar, isto é, não era um criado; sandálias, como tinham os ricos. E, depois, aquele banquete, com carne do melhor vitelo!...

Não há dúvida: maior amor do que o daquele pai, ninguém tinha.

Só Deus e Jesus. A quem?

- A quem, pecando, dele se aproxima, para se reconciliar.
- A quem peca e dele se aproxima, para se arrepender e mudar de vida.

E isso vai acontecer, convosco, no sacramento que ides receber. Por isso ele se chama de "Reconciliação" – com Deus; ou de "Penitência", que significa arrependimento.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Que bela festa ides ter: a Festa da Reconciliação, para que os pecados sejam afastados da vossa vida. Para isso é que vos estais a preparar. E muito bem.

Vamos ver, então, o que tendes de fazer, a seguir, depois de escutardes a Palavra de Deus:

- Primeiro, ireis pensar nos pecados que fizestes. Vai ser muito fácil, até porque já os escrevestes naquelas folhas. Mas é preciso pensar neles, antes de mais, para termos pena de os fazermos. Isso é muito importante.
 - Por isso é que, depois de pensardes nos pecados, ides dizer, todos ao mesmo tempo, a oração que dissestes há pouco: "Confesso a Deus todo-poderoso"... Ainda bem que já a sabeis de cor.
 - E, para que sejais mesmo sinceros no que dizeis, iremos cantar o cântico "Perdoai-nos Senhor..., à tua casa queremos voltar".
Agora já percebeis por que dizemos "à tua casa queremos voltar"... Porque será?... É como na história que Jesus contou. A casa do pai é, para nós, a casa de Deus, onde se juntam os seus amigos, os que recebem o seu perdão.
 - Para isso, depois desse cântico, diremos todos a oração que Jesus nos ensinou, a oração dos filhos de Deus. Qual é?... O Pai-Nosso, que já rezais tantas vezes; mas, naquele dia, de um modo especial: porque Deus mostra que é nosso Pai, também pelo perdão. E nós pedimos-lhe isso: "Perdoai-nos as nossas ofensas"...
2. Se fizerdes tudo isto, com muita atenção e muito respeito, já estais preparados para a parte mais importante: aquele momento em que Deus nos oferece o perdão para os nossos pecados. Vamos ver como vai ser.

*O Catequista afixe, do lado esquerdo do lenço, uma **imagem com uma criança a confessar os pecados** a um sacerdote, e deixe contemplar:*

- Então fareis, primeiro, como aquele menino (ou menina): aproximais-vos de um sr. Padre, que está ali em nome de Deus e porque Jesus lho pede.
Junto dele, benzeis-vos. Depois dizeis-lhe: "Abençoai-me, padre, que pequei".
Ora digam lá outra vez: "**Abençoai-me, padre, que pequei**"...
Encontram estas palavras no catecismo, na página 87. Assim podem aprendê-las.
- Depois disto, o sr. Padre escuta com muita atenção e amizade o que lhe contarem sobre os pecados que fizeram e de que se arrependem. Estão a dizê-los a ele, mas é para Deus que o dizem.
Estão a confessar-se. Por isso é que nós também chamamos a este sacramento, o da "Confissão".
- Depois ouvem, com muita atenção, as palavras que o sr. Padre vos disser.
E, quando ele vos pedir, direis o **Acto da Contrição**. Podeis dizer aquele que já aprendestes ou este, que também vem no catecismo, registado na página 87:

"Pai, pequei contra vós.

Já não mereço ser chamado vosso filho.

Tende compaixão de mim, que sou pecador".

Ora repitam comigo: "Pai, pequei contra vós"...

Como vêem, é quase como disse aquele filho da história contada por Jesus...

Querem dizer outra vez?... "Pai, pequei contra vós"...

– E que acontece depois de pedirem, assim, perdão a Deus?

*O catequista afixe, do lado direito do lenço, uma **imagem de um sacerdote a dar a absolvição**, com as mãos sobre a cabeça de uma criança penitente, e deixe contemplar.*

Cá está: Deus estará a transmitir o seu perdão por meio do sr. Padre.

É assim que vai acontecer com cada um de vós.

Chamamos a isto a "Absolvição". Absolver significa perdoar.

Querem ouvir as palavras que o sr. Padre está a dizer? Podem ver no catecismo (*indicar a página 87*). Eu leio:

**"Deus, Pai de misericórdia,
que, pela morte e ressurreição de Seu Filho,
reconciliou o mundo consigo
e enviou o Espírito Santo para remissão dos pecados,
te conceda, pelo ministério da Igreja,
o perdão e a paz.
E eu te absolvo dos teus pecados
em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo."**

E nós, depois de nos benzermos, respondemos:

"Amen."

Agora que já ficaram a saber o que nós respondemos ao sr. Padre, vão completar as letras que faltam na resposta dos meninos que estão desenhados na página 87 do catecismo: "Amen"!

3. Isto vai acontecer com cada um de vós. Que bom!... Receberdes o perdão de Deus pelas palavras e as mãos do sr. Padre!...

Vai ser tão bom que nós depois cantaremos aquele **cântico** que já sabeis:

"Cantai, o Senhor é bom"...

Querem cantar uma vez?... Cantamos já pelo que vai acontecer naquele dia e também pelo que aprendemos hoje.

Então ponham-se de pé, demo-nos as mãos e balancemos o nosso corpo, enquanto cantamos:

"Cantai, o Senhor é bom" (1ª estrofe)

Depois, iremos ter mais umas surpresas: uma delas tem a ver com a história que Jesus hoje nos contou. É que nós não ouvimos a história toda. Falta saber o que fez o filho mais velho, quando soube como o pai estava a tratar o irmão, recebendo-o em festa. Sabereis isso na festa perdão...

4. Compromisso

Portanto, até lá, preparem-se bem: leiam bem o catecismo, rezem as orações que já aprenderam. Para não se esquecerem, podem ver estas indicações na página 88 do catecismo: rezar e fazer um exame de consciência muito bem feito! Está aí o desenho de um lenço muito limpo para vos lembrar que é assim que vai ficar o vosso coração. E peçam a ajuda dos vossos pais.

Eu agora vou conversar um pouco só com eles.

Vós,

Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

Todos:

Graças a Deus.

5. Num breve diálogo com os pais, o sacerdote/catequista convide-os:

- *A acompanhar os filhos até à Festa da Reconciliação, preparando-os para as orações que irão dizer e os gestos que irão fazer e o seu significado;*
- *A participarem activamente na celebração, nomeadamente através da recepção do sacramento, se tal for possível;*
- *A colaborar na leitura e no canto, se estiverem em condições de o fazer, distribuindo-se, nesse caso, as tarefas;*
- *A levarem para a celebração o lenço branco do Baptismo do filho, mas sem que este o saiba.*

Se achar necessário, o catequista distribua pelos pais uma folha com estes dados e até o guia da celebração.

Para guardar na memória e no coração

Acto de Contrição:

Pai, pequei contra vós.

Já não mereço ser chamado vosso filho.

Tende compaixão de mim, que sou pecador.

“AJUDAI-ME A NÃO TORNAR A PECAR”

(Celebração do Sacramento da Reconciliação)

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A carga social do pecado

Infelizmente nem todos se apercebem disto: de que o pecado não afecta apenas quem o cometeu, mas muitas outras pessoas. Com frequência, muitas mais do que se pensa ou imagina.

Nos casos em que se peca contra os outros, isso é mais que evidente. Mesmo que eu queira atingir e prejudicar apenas uma pessoa, todos os outros que com ela estejam, directa ou indirectamente, relacionados, todos os que façam parte da sua vida, sofrem com o mal que lhe causo. Se, por exemplo, numa família, o marido ofende a esposa ou vice-versa, é claro que os filhos também sofrem. E, por vezes, de que maneira! Mesmo que não tenham conhecimento explícito do que realmente se passa entre o pai e a mãe, um e outro passam sempre, ainda que o não queiram, a ter um relacionamento diferente com os filhos. Diferente, porque a ofensa que cometeram ou sofreram, os modificou, para pior. E o que vale para os filhos, estende-se a outros membros da família, ao círculo de amigos e conhecidos, numa cadeia cujo fim não mais se vê. Quem não sofre, se vê o amigo a sofrer?

Todo o tecido social de que faço parte é assim afectado. E é a partir desses pecados, mesmo que cometidos só individualmente, que as próprias estruturas da sociedade se tornam, tantas vezes, pecaminosas. De tal maneira que o mal se torna normal. Tão normal, que acaba por ser regulamentado por lei. Um dos exemplos mais crassos é o da lei do aborto. É evidente que ela não obriga a esse crime. Mas facilita-o e alimenta toda uma mentalidade e uma consequente cultura, que se vai impondo de tal maneira que, aos olhos de muitos, passa a ser anormal quem o não pratica.

Mas, mesmo que o pecado não seja cometido contra outros; mesmo que ele fique ao nível de um simples pensamento... Desde que consentido (e só então é verdadeiramente pecaminoso), eu deixo de ser o mesmo. E, queira ou não queira, o que passo a ser tem sempre repercussões e efeitos naqueles com quem me relaciono.

O que assim sucede, no âmbito geral da organização social, adquire dimensões muito maiores a nível eclesial. Porque a Igreja, segundo S. Paulo, não é apenas semelhante a um corpo, constituído por muitos e diferentes membros, todos eles necessários para o funcionamento equilibrado e completo do todo. Mais do que isso, a Igreja é *o corpo de Cristo, e cada um, pela sua parte, é um membro. E, assim, se um membro sofre, com ele sofrem todos os seus membros* (1 Cor 12, 26-27). Sofrem, na sua relação vital e existencial com Cristo. Sofrem, porque são privados daquele amor que é constitutivo do Corpo que formam, o amor que custou a vida àquele que é a sua Cabeça.

É por isso que o pecado dum cristão, e, pior ainda, entre cristãos, é muito mais escandaloso. Isto é, faz com que muitos mais tropecem e caiam: percam a sua fé, a sua relação vital com Deus. Ou, então, impede que outros, que não conhecem a Deus, encontrem o caminho para Ele, o caminho da salvação.

2. A reconciliação com a Igreja

A reforma da celebração do sacramento da Penitência, depois do II Concílio do Vaticano, tem estado particularmente atenta à dimensão eclesial deste sacramento. E com razão, pelo que antes se viu: pelos efeitos eclesiais e sociais do pecado.

Na sua base, está já o que o próprio Jesus durante a sua vida pública fazia. "Não somente perdoou os pecados, mas também manifestou o efeito desse perdão: reintegrou os pecadores perdoados na comunidade do povo de Deus, da qual o pecado os tinha afastado ou excluído. Sinal bem claro disso é o facto de Jesus admitir os pecadores à sua mesa, e mais ainda: de se sentar à mesa deles, gesto que exprime, ao mesmo tempo, de modo desconcertante, o perdão de Deus (cf. Lc 15) e o regresso ao seio do povo de Deus (cf. Lc 19,9).

Ao tornar os Apóstolos participantes do seu próprio poder de perdoar os pecados, o Senhor dá-lhes também autoridade para reconciliar os pecadores com a Igreja. Esta dimensão eclesial do seu ministério exprime-se, nomeadamente, na palavra solene de Cristo a Simão Pedro: «Dar-te-ei as chaves do Reino dos Céus; tudo o que ligares na terra ficará ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra ficará desligado nos céus» (Mt 16,19). Este encargo de ligar e desligar, conferido a Pedro, foi também atribuído ao colégio dos Apóstolos unidos à Sua cabeça (Mt 18, 18; 28, 16-20).

As palavras *ligar e desligar* significam: aquele que vós excludes da vossa comunhão, ficará também excluído da comunhão com Deus; aquele que de novo receberdes na vossa comunhão, também Deus o acolherá na sua. *A reconciliação com a Igreja é inseparável da reconciliação com Deus*" (CIC 1443-1445).

Daí que o ministro deste sacramento seja o responsável pela Igreja: o bispo, como "chefe visível da Igreja particular", e os presbíteros, como "seus colaboradores", que dele recebem "o respectivo encargo" (Ibidem 1462). É através deles que o penitente se reconcilia com a Igreja a que presidem.

Mas há outras expressões desta dimensão eclesial. Uma delas é a celebração penitencial, em que a comunidade cristã, na união dos seus membros, é confrontada com a Palavra

de Deus e, depois da confissão individual e a respectiva recepção da absolvição, tem ocasião de, ao vivo, poder saborear e partilhar a alegria do perdão. É aí que mais adquirem todo o seu sentido as palavras que cada participante é convidado a proferir: "Confesso a Deus todo-poderoso e a vós, irmãos, que pequei... E peço à Virgem Maria, aos Anjos e Santos e a vós, irmãos, que rogueis por mim a Deus, nosso Senhor."

E se, de facto, rezam uns pelos outros, então, com a graça do perdão, será mais fácil a cada um realizar uma outra componente eclesial deste sacramento:

3. A satisfação

Habitualmente chama-se-lhe "penitência": aquilo que o penitente é convidado a realizar, depois da celebração, como manifestação do seu arrependimento (o sentido original do termo "penitência") e da vontade de, tanto quanto possível, reparar os danos causados pelo pecado.

Isto, porque, como se viu, "muitos pecados prejudicam o próximo. Há que fazer o possível por reparar esse dano (por exemplo: restituir as coisas roubadas, restabelecer a boa reputação daquele que foi caluniado, indemnizar por ferimentos). A simples justiça o exige. Mas, além disso, o pecado fere e enfraquece o próprio pecador, assim como as suas relações com Deus e com o próximo. A absolvição tira o pecado, mas não remedeia todas as desordens causadas pelo pecado. Aliviado do pecado, o pecador deve ainda recuperar a perfeita saúde espiritual. Ele deve, pois, fazer mais alguma coisa para reparar os seus pecados: «satisfazer» de modo apropriado ou «expiar» os seus pecados" (CIC 1459).

Percebe-se assim que esta satisfação ou penitência "deve corresponder, quanto possível, à gravidade e natureza dos pecados cometidos. Pode consistir na oração, num donativo, nas obras de misericórdia, no serviço ao próximo, em privações voluntárias, sacrifícios e, sobretudo, na aceitação paciente da cruz que temos de levar. Tais penitências ajudam-nos a configurar-nos com Cristo, que, por Si só, expiou os nossos pecados de uma vez por todas. Tais penitências fazem que nos tornemos co-herdeiros de Cristo Ressuscitado, «uma vez que também sofremos com Ele» (Rm 8,17)" (Ibidem 1460).

É nele, só nele, que então também nós nos sentimos "satisfeitos", isto é, e segundo a etimologia do termo, "saciados" (do latim *satis* = suficientemente). Saciados, depois da fome e sede que experimentámos ou causámos com as privações, provenientes do pecado: a de Deus e a dos outros. De facto, é nessa dupla perspectiva que se situam os efeitos deste sacramento.

Primeiro, a *reconciliação com Deus*. "Naqueles que recebem o sacramento da Penitência com coração contrito e disposição religiosa, seguem-se-lhe a paz e a tranquilidade da consciência, acompanhadas dum grande consolação espiritual. Com efeito, o sacramento da reconciliação com Deus leva a uma verdadeira «ressurreição espiritual», à restituição da dignidade e dos bens próprios da vida dos filhos de Deus, o mais precioso dos quais é a amizade do mesmo Deus" (Ibidem 1468).

Depois a *reconciliação com a Igreja*, reparando ou restaurando a comunhão fraterna. "Nesse sentido, não se limita apenas a curar aquele que é restabelecido na comunhão eclesial, mas também exerce um efeito vivificante sobre a vida da Igreja que sofreu com o pecado de um dos seus membros. Restabelecido ou confirmado na comunhão dos santos, o pecador é fortalecido pela permuta de bens espirituais entre todos os membros vivos do Corpo de Cristo, quer vivam ainda em estado de peregrinos, quer tenham atingido a pátria celeste" (Ibidem 1469).

OBJECTIVOS

- A partir da Palavra de Deus, reconhecer e confessar os pecados cometidos;
- Acolher o perdão oferecido por Deus por meio do sacerdote;
- Festejar a alegria do perdão recebido e partilhado.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Tratando-se da celebração do sacramento da Reconciliação, é de Deus que as crianças, como todos os penitentes, recebem o perdão. Uma graça que a celebração prepara para acolher e que, no final, é partilhada em Igreja e festejada com gratidão e alegria. Portanto, procure-se orientar as crianças primariamente para Deus. É o seu perdão que capacita para o perdão fraterno.
2. Convém, para isso, que na celebração não haja assistentes, mas que todos os presentes sejam verdadeiros participantes. Isto é, que também os catequistas se confessem e, na medida do possível, os pais e outros familiares das crianças. Se forem muitos, para evitar demoras que quebrem o ritmo da celebração, os familiares podem confessar-se depois da bênção final, enquanto as crianças convivem noutra lugar.
3. Na sequência das catequese anteriores, dá-se especial relevo aos seguintes objectos e símbolos: a cruz, porque é pela crucificação e morte do seu Filho que Deus nos oferece o seu perdão; a Bíblia, donde é (re)lida a Palavra de Deus, com a oferta do seu perdão; as pagelas com os pecados das crianças, as quais, como sinal do perdão obtido, podem ser queimadas, na altura indicada no desenvolvimento da celebração.
4. Cuide-se do local em que cada criança confessa os seus pecados ao sacerdote que a acolhe: por exemplo, com uma vela acesa, a Bíblia sobre uma almofada e um pequeno crucifixo. É que, na realidade, é a Deus que as crianças confessam os seus pecados. O sacerdote é apenas ministro do perdão divino.
5. Evite-se tudo o que possa distrair as crianças, durante a celebração. Nomeadamente, se houver fotografos, que sejam, em número, o mais reduzido possível e extremamente discretos.

6. Para que tudo decorra em ordem e serenidade, é importante que todos os intervenientes saibam bem o que fazer, e como e quando o fazer: sobretudo os leitores e os pais que, como surpresa final, colocam os lenços brancos do Baptismo sobre os ombros dos seus filhos. Para isso, pode fazer-se um guião de toda a celebração, mas que é distribuído apenas pelos adultos. Para as crianças, poderia ser um factor de distração.

MATERIAIS

- Cruz processional;
- Duas velas processionais;
- Leccionário;
- Folhas com o texto bíblico de Lc 15, 11-32, colocadas em pastas condignas (uma para cada leitor);
- Pagelas com os pecados das crianças (catequese 19);
- Recipiente para nele serem queimadas;
- Brasas e instrumentos para acender;
- Uma vela, um crucifixo e uma Bíblia para cada "confessionário";
- Lenços brancos do Baptismo (a levar pelos pais das crianças).

MÚSICAS

- "Cristo Jesus, tu me chamaste";
- "Perdoa-nos, Senhor";
- "Cantai, o Senhor é bom";
- "Sou de Cristo, sou feliz";
- Gravação de cânticos penitenciais (se necessário).

II – DESENVOLVIMENTO DA CELEBRAÇÃO

I. RITOS INICIAIS

1. Cortejo da entrada

À frente vai a cruz, ladeada por duas velas, seguida da Bíblia ou do Leccionário e do presidente da celebração.

2. Cântico de entrada

"Cristo Jesus, tu me chamaste" (ou outro, adaptado à celebração e conhecido das crianças).

3. Saudação e acolhimento

Presidente:

A graça do Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco.

Todos:

Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

Presidente:

Meninos e meninas,

Repararam bem no que acabaram de dizer?...

Foi mesmo Jesus que nos chamou aqui. E estamos reunidos, porque Ele nos ama. Olhem para a sua imagem na cruz...

Como Ele nos ama!... Tanto, que deu a sua vida por nós. Tanto, que nos quer abraçar a todos.

Para quê?... Para nos dar o perdão dos nossos pecados.

Mas, para acolhermos esse perdão, temos de nos preparar, abrindo o nosso coração ao seu amor.

Para isso, rezemos a Deus, seu Pai e nosso Pai.

(Depois de um brevíssimo silêncio:)

4. Oração

Presidente:

Senhor Deus, nosso Pai,

aqui estamos, na vossa casa,

onde voltamos, depois de vos termos ofendido,

com os pecados que cometemos.

Ajudai-nos, no nosso coração, a arrepender-nos de o termos feito, depois de sentirmos quanto nos amais.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho,

que é Deus convosco, na unidade do Espírito Santo.

Todos:

Amen.

II. CELEBRAÇÃO DA PALAVRA

1. Introdução

Presidente:

Ainda se lembram da história que Jesus contou na última catequese?...

Pois bem, Ele vai contá-la outra vez, mas até ao fim.

Gostaram de saber o que aquele pai fez com o filho mais novo. E que será que aconteceu com o mais velho?

2. Leitura do Evangelho (Lc 15, 11-32)

*Tanto quanto possível, seja feita de forma dialogada: **narrador** – sacerdote ou diácono; **filho mais novo** – um irmão/irmã de uma das crianças; **pai** – um pai ou mãe de uma das*

*crianças; **filho mais velho** – outro irmão/irmã de uma das crianças ou um catequista;
servo – catequista ou pai/mãe de uma das crianças.*

Sacerdote:

O Senhor esteja convosco.

Todos:

Ele está no meio de nós.

Sacerdote:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Lucas:

Todos:

Glória a vós, Senhor.

Sacerdote:

**Naquele tempo,
disse Jesus a seguinte parábola:
“Certo homem tinha dois filhos.
O mais novo disse ao pai:**

Leitor:

«Pai, dá-me a parte da herança que me toca.»

Sacerdote:

**O pai repartiu os bens pelos filhos.
Alguns dias depois, o filho mais novo,
juntando todos os seus haveres,
partiu para um país distante
e lá esbanjou tudo quanto possuía,
numa vida dissoluta.
Tendo gasto tudo,
houve uma grande fome naquela região,
e ele começou a passar privações.
Entrou ao serviço de um dos habitantes daquela terra
que o mandou para os seus campos guardar porcos.
Bem desejava ele matar a fome
com as alfarobas que os porcos comiam,
mas ninguém lhas dava.
Então, caindo em si, disse:**

Leitor:

«Quantos trabalhadores de meu pai
têm pão em abundância,
e eu aqui a morrer de fome!
Vou-me embora, vou ter com meu pai e dizer-lhe:
“Pai, pequei contra o Céu e contra ti.
Já não mereço ser chamado teu filho,
mas trata-me como um dos teus trabalhadores.”»

Sacerdote:

Pôs-se a caminho e foi ter com o pai.
Ainda ele estava longe, quando o pai o viu:
encheu-se de compaixão
e correu a lançar-se-lhe ao pescoço,
cobrindo-o de beijos.
Disse-lhe o filho:

Leitor:

«Pai, pequei contra o Céu e contra ti.
Já não mereço ser chamado teu filho.»

Sacerdote:

Mas o pai disse aos servos:

Leitor:

«Trazei depressa a túnica mais bela e vesti-lha.
Ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés.
Trazei o vitelo gordo e matai-o.
Comamos e festejemos,
porque este meu filho estava morto e voltou à vida,
estava perdido e foi reencontrado.»

Sacerdote:

E começou a festa.
Ora o filho mais velho estava no campo.
Quando regressou,
ao aproximar-se de casa,
ouviu a música e as danças.
Chamou um dos servos e perguntou-lhe o que era aquilo.
O servo respondeu-lhe:

Leitor:

«O teu irmão voltou,
e teu pai mandou matar o vitelo gordo,
porque chegou são e salvo.»

Sacerdote:

Ele ficou ressentido e não queria entrar.
Então o pai veio cá fora instar com ele.
Mas ele respondeu ao pai:

Leitor:

«Há tantos anos que te sirvo,
sem nunca transgredir uma ordem tua,
e nunca me deste um cabrito
para fazer uma festa com os meus amigos.
E agora, quando chegou esse teu filho,
que consumiu os teus bens com mulheres de má vida,
mataste-lhe o vitelo gordo.»

Sacerdote:

Disse-lhe o pai:

Leitor:

«Filho, tu estás sempre comigo,
e tudo o que é meu é teu.
Mas tínhamos de fazer uma festa e alegrar-nos,
porque o teu irmão estava morto e voltou à vida,
estava perdido e foi reencontrado.»”

Sacerdote:

Palavra da salvação.

Todos:

Glória a Vós, Senhor.

3. Homilia

Presidente:

Afinal o que é que aconteceu com o filho mais velho?... É uma pena, ter ficado zangado!
E não haverá maneira de nós o convencermos a entrar na festa que o pai fez ao seu
irmão?... Vamos ver se conseguimos.

Mas, para isso, temos de entrar, também nós. É que nós somos, um pouco, como aquele filho mais novo. Isto é, também nós fazemos asneiras, cometemos pecados. Claro que não são tão grandes como os dele.

Mas, os que, às vezes, fazemos, também deixam triste muita gente: Deus e as pessoas que ofendemos. E até nós acabamos por não nos sentirmos bem. Mais ou menos, como aquele filho mais novo.

Por isso, só depois de reconhecermos que fizemos mal e do mal que causámos, com os nossos pecados... Só depois disso é que podemos voltar-nos para Deus, pedir-lhe perdão e entrarmos para a festa: a festa em que sentimos a alegria de estar de novo com Jesus e uns com os outros.

Eu sei que já pensaram nos pecados que fizeram, com muita seriedade e muita coragem. Até os escreveram numas folhas.

E nós trouxemos essas folhas para aqui. Sabem para quê? – Para voltarem a pensar nesses pecados. Iremos ouvir alguns, e cada um verá se os fez ou não, ou outros parecidos.

De certeza que todos vão ser muito sinceros. Até porque todos querem entrar para a festa, com Jesus.

4. Exame de consciência

- *O catequista (ou o presidente) pegue nalgumas das pagelas em que as crianças escreveram os pecados, escolhendo os que mais vezes foram mencionados: por pensamentos, palavras, acções e omissões (catequese 19).*
- *Deverá fazer-lhes referência sempre no plural – “nós, por vezes”... – de modo que as crianças não identifiquem o autor.*
- *A leitura deve ser cordata e suave, com breves intervalos entre cada pecado, para que as crianças possam examinar a sua consciência.*
- *No final, o sacerdote, convide as crianças a abrirem o seu coração e a pensarem, brevemente, se há mais algum pecado que tenham cometido...*

III. RITO DA RECONCILIAÇÃO

1. Confissão geral dos pecados

O presidente convide as crianças a ajoelhar-se ou a inclinar-se e a confessarem, do fundo do coração, que pecaram, dizendo, ao mesmo tempo:

**Confesso a Deus todo-poderoso
e a vós, irmãos,
que pequei muitas vezes
por pensamentos e palavras, actos e omissões,
(e batendo no peito)**

por minha culpa, minha tão grande culpa.
E peço à Virgem Maria,
aos Anjos e Santos,
e a vós, irmãos,
que rogueis por mim a Deus , nosso Senhor.

De pé, cantam o cântico:

"Perdoa-nos, Senhor" (estrofes 1 e 2) ou **"Quantas vezes"** (estrofes 1-5)

O presidente convida:

Agora, demo-nos as mãos... olhemos para a imagem de Jesus na cruz e, unidos a Ele, rezemos ao nosso Pai que está nos Céus, pedindo-lhe, também, que perdoe os nossos pecados, como Jesus nos ensinou:

Pai Nosso, que estais nos Céus...

2. Confissão e absolvição individual

- Cada criança dirige-se para um dos lugares onde se encontram os sacerdotes, ajoelha-se junto dele e inicia a sua confissão pelo **pedido da bênção**:

Abençoai-me, padre, que pequei.

- Depois de confessar os pecados e ouvir umas brevíssimas palavras do sacerdote, reza o **Acto de Contrição**, numa das formas aprendidas nas catequeses anteriores:

**Meu Deus, porque sois tão bom,
tenho muita pena de vos ter ofendido,
ajudai-me a não tornar a pecar.**

Pai, pequei contra vós.

Já não mereço ser chamado vosso filho.

Tende compaixão de mim, que sou pecador.

- O acto de contrição deve ser rezado, com a criança voltada para um dos símbolos da presença de Deus, junto do confessor: a Bíblia e/ou o crucifixo.
- Durante a confissão individual, procure-se que as crianças que esperam, se mantenham recolhidas. Para isso, pode:
- Pôr-se, como música de fundo, a gravação dos cânticos usados nesta celebração;
- Convidar as crianças a cantar os cânticos: "Perdoa-nos, Senhor", "Quantas vezes" e outros de carácter penitencial;

- Colocar-se a gravação da parábola proclamada no Evangelho;
- O catequista ou outra pessoa ir dirigindo palavras adaptadas ao acto, mas num tom de voz baixo e em cadência meditativa;
- Recitar orações conhecidas das crianças: por exemplo, o rosário, com os mistérios dolorosos.

3. Proclamação do louvor pela misericórdia de Deus

O sacerdote que preside, juntamente com os restantes, convida as crianças a manifestar a sua gratidão a Deus e a sua alegria pelo perdão que acabam de receber, através do cântico, que pode ser cantado de mãos dadas e balanceando o corpo ao ritmo da melodia:

“Cantai, o Senhor é bom” (1ª e 2ª estrofe)

Como sinal de que os pecados estão mesmo perdoados, o presidente convida cada criança a aproximar-se do lugar, junto do crucifixo, onde estão as pagelas com os pecados e um recipiente (já com brasas) onde podem ser queimadas. Cada criança pegue numa das pagelas, deite-a no recipiente com as brasas e, depois, beije o crucifixo. A acompanhar o gesto, canta-se o cântico:

“Cantai, o Senhor é bom”.

O presidente convida, depois, as crianças à reconciliação fraterna, com estas palavras ou outras semelhantes:

Ainda se lembram da história que Jesus hoje nos contou e do que acontecia com o irmão mais velho? – Não queria entrar na festa! Mesmo depois de o pai lhe pedir!

Mas, na história, Jesus não disse se ele, depois, acabou por entrar na festa. Isto é, a história que Jesus contou ainda não acabou. Temos de ser nós a dar-lhe seguimento. Mas como?...

Talvez assim: convidando o filho mais novo a ir ter com o irmão, a pedir-lhe perdão pelos pecados que tinha feito e a reconciliar-se com ele. Estou certo de que, assim, o filho mais velho já era capaz de entrar para a festa! Não acham?

Neste caso, tendes de ser vós a fazer isso mesmo. Porque, hoje aqui, foi a vós que Deus perdoou e acolheu na sua casa.

Digam-me, estão dispostos a ir ter com as pessoas que ofenderam, a quem fizeram algum mal?... Só assim é que elas se sentem bem connosco, e cada um de nós se sente bem consigo e acolhido em Deus. Quando Deus perdoad a cada um de nós, está como que a abraçar-nos, junto do coração.

Para isso acontecer, fazemos assim:

Primeiro pensam numa pessoa que tenham ofendido e no modo como lhe hão-de mostrar que estão arrependidos e ajudá-la a ser feliz. Ora pensem lá um bocadinho...
(Depois de um curto silêncio:)

Agora, sem se esquecerem do que desejam fazer, primeiro com o colega do lado e, depois, com os vossos pais e familiares aqui presentes, vão oferecer a paz a quantos estão aqui.

Quando cada criança se reconciliar com os pais, estes, em resposta, coloquem sobre os ombros do/a filho/filha o lenço branco do Baptismo. Depois de todos o receberem, o presidente convida todas as crianças a manifestar a sua alegria por, através do perdão recebido e partilhado, terem readquirido e/ou aprofundado a sua pertença a Cristo, através do cântico:

“Sou de Cristo, sou feliz”

IV. RITOS CONCLUSIVOS

A seguir a umas brevíssimas palavras de incentivo a cumprir a penitência (reconciliação prometida), o presidente abençoe os presentes.

Presidente:

O Senhor esteja convosco.

Todos:

Ele está no meio de nós.

Presidente:

**Abençoe-nos Deus todo-poderoso,
Pai, Filho e Espírito Santo.**

Todos:

Amen.

Presidente:

Ide em paz e o Senhor vos acompanhe.

Todos:

Graças a Deus.

Enquanto se retira o cortejo, pode cantar-se de novo: “Sou de Cristo, sou feliz”



*No catecismo,
para recordar a Celebração do Sacramento da Reconciliação:*

- ✝ Na página 90 do catecismo, reler a Leitura do Evangelho segundo S. Lucas.
- ✝ Na página 91 do catecismo, recordar o essencial da atitude interior de contrição.
- ✝ Na página 92 do catecismo, recordar a experiência de absolvição e alegrar-se por a ter vivido: "Cantai, o Senhor é bom!"

E, para "guardar na memória e no coração" a celebração da Reconciliação, colocar um desenho ou fotografia da celebração.

NA EUCARISTIA CELEBRAMOS A OFERTA DE JESUS POR NÓS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O sacrifício

Habitualmente, quando se fala em sacrifício, a primeira ideia que ocorre à maioria das pessoas é a de sofrimento, a de algo que custa. Uma vida sacrificada, geralmente, é entendida como uma vida dura, difícil, que se suporta com uma certa relutância, pelas privações que isso implica. Mesmo que a renúncia seja feita voluntariamente, em vista de um bem maior, para o próprio ou em favor de outros, mesmo então, prevalece a ideia negativa de dureza.

É pena que assim aconteça. Porque, na origem, sacrifício tem um significado altamente positivo, talvez o mais positivo para o ser humano. A própria etimologia do termo assim indica: "sacrifício" corresponde ao latim *sacrificium*, que, à letra, exprime o acto ou efeito de "fazer sagrado". Trata-se, portanto, de uma entrega a Deus de algo ou alguém que, por isso, se torna propriedade divina, se torna sagrado. E que melhor nos pode acontecer do que, com o que temos e somos, pertencermos a Deus, Criador e Senhor da vida, o Sumo Bem?

Na base dessa oferta e da sua respectiva sacralização, está a consciência das nossas limitações humanas e da conseqüente necessidade de Deus, para, d'Ele e com Ele, alcançarmos a vida na plenitude que todos desejamos e só Ele tem. Por isso, o sacrifício faz parte, mais ou menos, de todas as religiões. O que pode variar são os modos de o concretizar, de acordo com a situação, as condições de vida e a cultura de cada povo.

Em Israel antigo, de acordo com os dados do AT, encontramos três tipos de sacrifício:

- A oferta a Deus das primícias da terra (cf. Dt 26, 1-11) e dos primogênitos do homem e dos animais (cf. Ex 13, 11-16). Trata-se de um acto de gratidão e reconhecimento a Deus, enquanto Senhor da terra e das suas fontes de vida.
- Os holocaustos (cf. Lv 1), os sacrifícios de comunhão (cf. Lv 3) e as ofertas de cereais (cf. Lv 2). Eram constituídos por produtos comestíveis, provenientes da agricultura ou da criação de animais, próprios para a refeição. A oferta podia ser feita integralmente

a Deus (holocaustos) ou partilhada entre Deus, o sacerdote e o oferente (sacrifício de comunhão).

- Os sacrifícios pelos pecados (cf., Lv 4, 1-5, 13) e os de reparação (cf. Lv 5, 14-26). Os primeiros serviam para a absolvição e/ou purificação dos pecados leves. Os segundos eram exigidos a quem era culpado de ter danificado a propriedade de Deus ou do próximo. Num caso e no outro, eram constituídos por animais, cujo sangue era derramado.

Em todos eles o objectivo era manter ou restabelecer a aliança entre Deus e os membros do seu povo; o que só era atingível, se a oferta fosse verdadeira expressão de fé, de amor e de total sujeição a Deus.

2. O sacrifício de Jesus

Jesus é, não apenas o modelo, mas a fonte de todo o verdadeiro sacrifício. Ao oferecer-se totalmente ao Pai, no nosso lugar e em nosso favor, Ele abre-nos, completa e definitivamente, o caminho para uma vida em Deus e capacita-nos para o trilharmos. Isto, porém, na medida em que por Ele nos deixemos conquistar, em que acolhemos o perdão que Deus por meio dele nos oferece.

Eis alguns aspectos do modo como, segundo o Catecismo da Igreja Católica, "Cristo se ofereceu a Si mesmo ao Pai pelos nossos pecados":

- "Toda a vida de Cristo é oblação ao Pai": "Desde o primeiro instante da sua Encarnação, o Filho faz seu o plano divino da salvação, no desempenho da sua missão redentora: «O meu alimento é fazer a vontade d'Aquele que Me enviou e realizar a sua obra» (Jo 4, 24)" (CIC 606).
- "Ele é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, conforme é apresentado por João Baptista, a seguir ao Seu Baptismo (Jo 1, 29.36)", manifestando "deste modo que Jesus é, ao mesmo tempo, o Servo sofredor, que se deixa levar ao matadouro sem abrir a boca (cf. Is 53, 7; Jr 11, 19), carregando os pecados das multidões (cf. Is 53, 12), e o cordeiro pascal, símbolo da redenção de Israel na primeira Páscoa (cf. Ex 12, 3-14; Jo 19, 36; 1 Cor 5, 7)" (Ibidem 608).
- "Jesus partilha livremente o amor redentor do Pai (...) para com todos os homens". Isto é, "«amou-os até ao fim» (Jo 13, 1), «pois não há maior prova de amor do que dar a vida por aqueles que se ama» (Jo 15, 13)" (Ibidem 609).
- "Na Ceia, Jesus antecipou a oblação livre da sua vida": "Na véspera da sua paixão, quando ainda era livre, Jesus fez desta última Ceia com os Apóstolos o memorial da sua oblação voluntária ao Pai, para a salvação dos homens: «Isto é o meu Corpo, que vai ser entregue por vós» (Lc 22, 9). «Isto é o meu 'Sangue da Aliança', que vai ser derramado por uma multidão para remissão dos pecados» (Mt 26, 28)" (Ibidem 610).
- "A morte de Cristo é o sacrifício único e definitivo": "É, ao mesmo tempo, o *sacrifício pascal* que realiza a redenção definitiva dos homens (cf. 1 Cor 5, 7; Jo 8, 34-36) (...) e o *sacrifício da Nova Aliança* que estabelece a comunhão entre o homem e Deus (...). Antes de mais, é um dom do próprio Deus: é o Pai que entrega o Seu Filho para nos

reconciliar consigo (cf. 1 Jo 4, 10). Ao mesmo tempo, é oblação do Filho de Deus feito homem, que livremente e por amor oferece a sua vida (cf. Jo 10, 17-18) ao Pai pelo Espírito Santo (cf. Heb 9, 14) para reparar a vossa desobediência" (Ibidem, 613-614). Único é também o principal meio que nos deixou para participarmos no seu sacrifício:

3. O sacrifício eucarístico

É chamado "*Santo Sacrifício*, porque actualiza o sacrifício único de Cristo e inclui a oferenda da Igreja" (CIC 1330).

Vejamos melhor cada um dos dois aspectos, na sua ordem de prioridade:

- "Porque é o memorial da Páscoa de Cristo, a *Eucaristia é também um sacrifício*. O carácter sacrificial da Eucaristia manifesta-se nas próprias palavras da instituição: «Isto é o meu corpo, que vai ser entregue por vós» e «este cálice é a Nova Aliança no meu sangue, que vai ser derramado por vós» (Lc 22, 19-20). Na Eucaristia, Cristo dá aquele mesmo corpo que entregou por nós na cruz, aquele mesmo sangue que «derramou por muitos em remissão dos pecados» (Mt 26, 28)" (Ibidem 1365).
"A Eucaristia é, pois, um sacrifício, porque *representa* (torna presente) o sacrifício da cruz, porque é dele o *memorial* e porque *aplica* o seu fruto" (Ibidem 1366).
- "A *Eucaristia é igualmente o sacrifício da Igreja*. A Igreja, que é o corpo de Cristo, participa na oblação da sua Cabeça. Com Ele, ela própria é oferecida integralmente. Ela une-se à sua intercessão junto do Pai em favor de todos os homens. Na Eucaristia, o sacrifício de Cristo torna-se também o sacrifício dos membros do seu Corpo. A vida dos fiéis, o seu louvor, o seu sofrimento, a sua oração, o seu trabalho unem-se aos de Cristo e à sua oblação total, adquirindo assim um novo valor. O sacrifício de Cristo presente sobre o altar proporciona a todas as gerações de cristãos a possibilidade de se unirem à sua oblação" (Ibidem 1368).

Compreende-se assim a oração dirigida ao Pai pelo celebrante, em união com toda a assembleia, depois da consagração:

- Primeiro é a Igreja que faz seu o sacrifício de Cristo que acaba de actualizar: "Olhai benignamente para a oblação da vossa Igreja: vede nela a vítima que nos reconciliou convosco e fazei que, alimentando-nos do Corpo e Sangue do vosso Filho, cheios do seu Espírito Santo, sejamos em Cristo um só corpo e um só espírito" (Missal Romano, Oração Eucarística II).
- Uma oferta que se prolonga para além da celebração: "O Espírito Santo faça de nós uma oferenda permanente, a fim de alcançarmos a herança eterna, em companhia dos vossos eleitos"... (Ibidem).

Uma relação que o Papa Bento XVI tão bem exprime: "A Eucaristia arrasta-nos no acto oblativo de Jesus. Não é só de modo estático que recebemos o *logos* encarnado mas ficamos envolvidos na dinâmica da sua doação" (DCE 13).

E para quem assim se dá, com a força infinita deste amor, até o que custa é feito com alegria – porque "consagrado" por Aquele que deu a vida por nós. Que o digam tantos catequistas que tanto se sacrificaram pelos seus catequizandos.

OBJECTIVOS

- Rever os ritos principais da celebração da Eucaristia;
- Associar a oferta de Jesus na Eucaristia e última Ceia à sua oferta salvífica na cruz;
- Deixar-se conquistar pelo amor expresso por Jesus na cruz e na Eucaristia.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Se for seguida a sugestão relativa à data da Primeira Comunhão, esta é a última catequese antes desse acontecimento. Por isso, ela oferece, antes de mais, uma revisão das catequese dedicadas a este sacramento e sua celebração (14 a 16), com uma visão de conjunto dos ritos principais e pela ordem em que são celebrados.
2. Sendo a última catequese antes da celebração litúrgica do Mistério Pascal, é também a melhor ocasião para estabelecer a relação entre a Eucaristia, a última Ceia, em que foi instituída, e a morte sacrificial de Jesus, nela celebrada. Uma relação que vai ser visualizada através de duas sobreposições: primeiro, a imagem alusiva ao rito da consagração eucarística é coberta com a imagem relativa à última Ceia de Jesus; no final, todo o conjunto de imagens, dispostas de modo a formarem uma cruz, serão sobrepostas pelo crucifixo, solenemente introduzido na sala e, depois, venerado por crianças e catequistas. O relevo dado à cruz deve-se ao facto de ser o dom da vida de Jesus na cruz que é actualizado em cada celebração eucarística.
3. A Experiência Humana é, na prática, constituída pela Liturgia da Palavra: pelo acto penitencial, com a referência à recente celebração do sacramento da Penitência (com o lenço branco do Baptismo, "purificado" das manchas do pecado); e pela proclamação da Palavra, com a ajuda da sementeira de grãos de trigo (proposta na catequese 16).
4. Para maior impacto, propõe-se que o catequista se sirva da sementeira de trigo feita por uma das crianças, mas sem que ela previamente o saiba. Quando, portanto, pedir aos pais de uma criança o respectivo vaso (ou outro recipiente), tenha o cuidado de lhes recomendar que nada digam ao filho ou filha.
5. O catequista procure, sobretudo no final, motivar as crianças para participarem na celebração das festas pascais: não só as dos Domingos de Ramos e de Páscoa, mas também as da Quinta e Sexta-feira Santa e da Vigília Pascal. Todas elas são o melhor meio quer para um aprofundamento do tema desta catequese quer para a preparação da Primeira Comunhão.

MATERIAIS

- Fotografias alusivas à Liturgia Eucarística da Missa (usadas nas catequese 14 e 15; cf. Documento 1 da catequese 15): sobre a apresentação dos dons, o canto do Santo, a consagração, o gesto da paz, a apresentação da hóstia consagrada ("Eis o Cordeiro de Deus"...) e a comunhão;

- Imagem da última Ceia de Jesus, de um tamanho idêntico ou ligeiramente superior à de cada fotografia antes referida;
- Díptico "SACRIFÍCIO";
- Duas velas;
- Um crucifixo do tamanho do conjunto das imagens alusivas à Eucaristia;
- Uma patena;
- Um cálice;
- Um vaso em que uma das crianças tenha semeado trigo, segundo a proposta da catequese 16;
- Um pano (ou outro meio) para o cobrir;
- O lenço branco do Baptismo do catequista;
- Pagelas com uma imagem ou desenho da Eucaristia e, no verso, a indicação das páginas do catecismo com as fórmulas eucarísticas que as crianças devem decorar (ver Expressão de Fé – Compromisso), uma para cada criança;
- A Bíblia.

MÚSICAS

- "Cantai, o Senhor é bom";
- "A semente é a tua palavra, Senhor";
- "É o meu Corpo".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala

- **Placar:** vazio.
- **Mesa:** um pouco deslocada para a frente (como nas catequese 15 e 16); ao centro, a Bíblia; de um dos lados, uma vela (apagada); do outro lado, o vaso em que uma das crianças semeou o trigo (sugerido na catequese 16), mas totalmente coberto (se for impossível cobri-lo, guardá-lo em lugar fora de vista das crianças, até ao momento em que vai ser apresentado).
- **Cadeiras:** dispostas em semicírculo (como nas catequese 15 e 16).

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista pegue no seu lenço branco do Baptismo e, desdobrando-o, mostre-o às crianças, dizendo:*

Estão a ver?... É o meu lenço branco do Baptismo...

E agora está limpinho, sem qualquer mancha de pecado. Tal e qual como os vossos, depois de todos termos confessado os nossos pecados no passado dia (*indicar o dia da celebração da Reconciliação*) e termos recebido o perdão de Deus. E que felizes nós

ficámos! Até cantámos um **cântico** de louvor ao Senhor. Ainda estamos tão contentes, que eu proponho que o cantemos outra vez: "Cantai, o Senhor é bom".

O catequista estenda o lenço sobre os seus ombros, atando-o à frente, convide as crianças a levantarem-se, a darem as mãos e a levantá-las, e, balanceando o corpo ao ritmo da música, a cantar:

"Cantai, o Senhor é bom" (refrão, com a 1ª e a 2ª estrofe)

2. Podem sentar-se...

Pelo modo como cantaram, vejo que também estão contentes por terem recebido o perdão dos pecados.

Agora, é preciso conservar os lenços do Baptismo bem limpinhos, pois está a aproximar-se a festa da Primeira Comunhão (*se estiver marcado o dia, dizer qual é e convidar as crianças a registá-la no catecismo, página 96*). E não podemos receber Jesus, se não tivermos o nosso coração purificado de todo o pecado. É que ninguém nos ama tanto como Jesus. Por isso, temos de estar em paz com Ele e com todos, para o podermos receber, não acham?

Para isso, podemos ser ajudados por uma outra coisa. Que será?...

O catequista descubra e/ou mostre o vaso em que uma das crianças semeou o trigo, a seguir à catequese 16. Depois de o deixar contemplar, brevemente, pergunte:

De quem será este vaso?... Depois de a criança, a quem pertence, se identificar, diga:

Não esperavas ver aqui o teu vaso! Foi a tua mãe (ou outra pessoa) que mo emprestou. Depois, irei levá-lo outra vez para tua casa.

Os meus parabéns! Está lindo. E, certamente, que os dos outros também. Só trouxe o do/a (nome da criança), porque era impossível trazê-los todos.

Isto quer dizer que vós tendes cuidado deles. Se não, o trigo não germinava nem dava plantas tão lindas e viçosas.

Depois de voltar a colocar o vaso junto da Bíblia, o catequista pergunte:

Lembram-se ainda do que representam os grãos de trigo que semearam até germinarem e crescerem, como os deste vaso?...

Exacto! É a Palavra de Deus. Por isso é que eu coloquei o vaso junto da Bíblia. Quem acolhe a Palavra de Deus no seu coração, é como um grão que cai em terra boa e dá muitos frutos; isto é, torna-se mais parecido com Jesus. E não faz pecados. E, se os faz, procura logo pedir perdão a Deus.

Quem acolhe, assim, a Palavra de Deus, no seu coração, está preparado para receber Jesus, no pão feito de trigo. Portanto, esta é a segunda coisa que temos de fazer, para estarmos bem preparados, bem limpinhos no nosso coração, para receber Jesus: escutar bem a Palavra de Deus e, depois, fazer o que Ele nos diz. Como têm feito aqui na catequese. E hoje, de certeza, querem fazer parte outra vez.

Para isso, proponho que cantemos aquele cântico que aprendemos quando receberam o trigo da Palavra de Deus e que, depois, semearam.

Vamos fazer assim:

- *O/a (nome da criança)* vem pegar no seu vaso;
- *O/a (nome de outra criança)* vem pegar no livro da Palavra de Deus;
- E *o/a (nome de outra criança)* pega na vela, depois de a acender.
- A seguir, os três voltam-se para os outros, e todos cantamos esse **cântico**:
"A semente é a tua Palavra" (*refrão e uma estrofe*).

II. PALAVRA

1. *Depois do cântico e de as crianças terem colocado os referidos objectos nos seus lugares, e de todas se terem sentado, o catequista diga:*

Não vamos já ouvir a Palavra que Deus tem hoje para nos dizer, porque, ainda antes, temos mais algumas coisas a fazer. Só depois disso é que podemos compreender melhor o que Deus nos vai dizer.

1ª

Alternativa

Grupo grande

O catequista convide 6 crianças a colocarem-se entre a mesa e o placar e entregue, a cada uma, uma das **fotografias relativas às diferentes partes da Liturgia Eucarística da Missa** (usadas nas catequeses 14 e 15), mas distribuídas fora da sua ordem na celebração.

2ª

Alternativa

Grupo pequeno

O catequista convide apenas 3 crianças a colocarem-se no mesmo lugar da alternativa anterior, distribuindo, por cada criança, duas das **referidas fotografias** e do mesmo modo desordenado.

Se forem muito poucas as crianças, pode afixar as fotografias no placar, mas dos lados e, também neste caso, de modo desordenado.

Para as duas alternativas:

Estão a ver estas fotografias?...

Já as conhecem bem. O que é que elas mostram?... O que se passa em cada Eucaristia. Portanto, também na Eucaristia em que vão receber a Primeira Comunhão.

Só que as fotografias estão todas fora da sua ordem. Assim como estão, ninguém percebe como é que decorre a Eucaristia.

Então o que vós tendes de fazer é pô-las na sua ordem: dizer qual é a 1ª e depois a 2ª, até todas estarem conforme se passa na celebração da Eucaristia.

Se conseguirem, então mostram que têm acolhido bem a Palavra de Deus: aquela Palavra em que Ele nos falou do que é e como decorre a Missa. Portanto, muita atenção.

– Então, digam lá qual é a primeira?...

Depois de descobrirem, a criança, com a ajuda do catequista, afixe-a ao fundo do placar (conforme se indica no Documento 1 da catequese 15).

Temos então o sr. Padre a bendizer a Deus pelo pão e/ou pelo vinho. Eu vou dizer as palavras que ele costuma dizer e, depois, vós deveis responder como aprendestes.

Catequista:

**Bendito sejas, Senhor, Deus do Universo,
pelo pão que recebemos da vossa bondade,
fruto da terra e do trabalho do homem,
que hoje vos apresentamos
e que para nós se vai tornar pão da vida.**

Crianças:

Bendito seja Deus para sempre.

– *Catequista:*

Qual é a fotografia que se segue?...

Depois de descoberta e afixada no seu lugar:

Ali estamos todos a cantar: "Santo, Santo, Santo, Senhor Deus do Universo"...

Estamos assim a louvar o Senhor.

Mas, um pouco antes, o sr. Padre convida-nos a louvar a Deus com umas palavras a que nós respondemos. Eu digo as palavras dele e vós respondeis como deve ser:

O Senhor esteja convosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Corações ao alto.

Crianças:

O nosso coração está em Deus.

Catequista:

Demos graças ao Senhor nosso Deus.

Crianças:

É nosso dever, é nossa salvação.

Muito bem. Repararam bem como dissemos: "O nosso coração está em Deus"? Estamos a afirmar que abrimos o nosso coração à graça, ao grande amor, que Ele tem para nos oferecer na Eucaristia!

– Depois de louvarmos e agradecermos assim ao Senhor, juntamente com o sr. Padre, que faz Ele? Qual é a fotografia que se segue?

Depois de descoberta e afixada no seu lugar:

O sr. Padre está a dizer as palavras com que Jesus transforma o pão e o vinho no seu Corpo e Sangue.

Nessa altura, nós estamos de joelhos e em silêncio, para mostrarmos muito respeito e admiração pelo que Jesus está a fazer através do Sr. Padre.

– Mais à frente e depois de rezarmos todos o Pai Nosso, que fazemos nós? Qual é a 4ª fotografia?

Depois de colocada no seu lugar:

Antes de darmos a paz uns aos outros, o sr. Padre diz-nos umas palavras às quais também nós respondemos.

A paz do Senhor esteja sempre convosco.

Crianças:

O amor de Cristo nos uniu.

– *Catequista:*

Qual é a próxima fotografia?...

Depois de afixada ao seu lugar:

Quando o sr. Padre mostra Jesus na hóstia consagrada, nós também damos uma resposta. Qual é?...

Vamos fazer do mesmo modo:

Felizes os convidados para a Ceia do Senhor.

Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.

Crianças:

**Senhor, eu não sou digno/a de que entreis em minha morada,
mas dizei uma palavra e serei salvo/a.**

– *Depois de afixada a última fotografia no seu lugar:*

O Sr. Padre, antes de nos dar a hóstia consagrada, diz-nos:

O corpo de Cristo.

E nós respondemos como?

Crianças:

Amen.

"Amen" quer dizer?... Sim, eu acredito que é Jesus que vou receber.

2. *Se as crianças manifestaram saber as respostas, o catequista louve-as por isso. Caso contrário, incentive-as a aprendê-las através do seu catecismo.*

Agora digam-me: de tudo o que aquelas fotografias retratam, o que será o mais importante?...

Se responderem que é a comunhão, o catequista diga:

Mas, para nós recebermos o Corpo de Jesus, Ele tem de fazer outra coisa. O que é que está no centro?...

O catequista afixe, a cobrir a fotografia relativa à Consagração, uma imagem relativa à Última Ceia de Jesus e comente:

O sr. Padre faz, no centro da Eucaristia, o que Jesus fez na Última Ceia, com os seus discípulos. É Jesus quem faz do pão e do vinho o seu Corpo e o seu Sangue.

Ele é que faz em cada Eucaristia o que fez por nós, na Última Ceia. E foi tão belo, tão maravilhoso!

Vamos ouvir como tudo se passou.

Então, ponham-se de pé...

Primeiro olhem, um bocadinho e em silêncio, para aquela imagem que está mesmo no centro do placar e no centro de cada Eucaristia...

E agora ouçamos o que Jesus disse e fez na última Ceia.

*Para maior solenidade, o catequista pode convidar uma criança a pegar na vela e a colocar-se junto do leitor. A leitura de **Mt 26, 26-29** pode ser feita em diálogo:*

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus:

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

Catequista:

Naquele tempo,

enquanto comiam,

Jesus tomou o pão, recitou a bênção,

partiu-o e deu-o aos discípulos, dizendo:

Leitor:

«Tomai e comei:

Isto é o meu Corpo.»

Catequista:

Tomou em seguida o cálice,

deu graças e entregou-lho, dizendo:

Leitor:

«Bebei dele todos,

porque este é o meu Sangue,

o Sangue da Aliança,

derramado pela multidão,

para remissão dos pecados.

Eu vos digo que não beberei mais deste fruto da videira,

até ao dia em que beberei convosco

o vinho novo no Reino de meu Pai.»

Catequista:

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

3. *Depois de pousadas a bíblia e a vela, o catequista convide as crianças a sentar-se e diga:*

Jesus dá-nos o seu Corpo e o seu Sangue: na última Ceia e, depois, em cada Eucaristia. Como Ele nos ama! E como Ele dá tanta força para amar, a quem O recebe no seu coração!

Eu conheço um cântico em que podemos cantar parte das palavras de Jesus e, ao mesmo tempo, pedir-lhe que Ele nos leve a amar como só Ele nos ama: daquela forma tão forte e profunda com que deu a vida por nós.

O catequista ensaie o refrão do cântico:

“É o meu corpo”

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. É um cântico lindo, não é? Então temos de o cantar bem. Isto é, temos de sentir bem, no fundo do coração, o que dizemos neste cântico.

Para isso, antes de nós cantarmos este cântico, gostava de vos mostrar uma coisa.

Olhemos para o placar... Olhem bem para aquelas imagens todas sobre o que se passa na Eucaristia. Todas juntas o que é que elas formam? Não se parecem mesmo com uma cruz?...

E o que é que está no centro daquela cruz?... – Jesus, a dar-nos o seu Corpo e o seu Sangue...

Sabem porquê?... É que foi na cruz que Jesus nos deu mesmo o seu Corpo e o seu Sangue. Foi na cruz que Ele deu a vida por nós. Foi na cruz que Ele mais nos amou. O que Ele fez na última Ceia foi para mostrar que, quando morreu na cruz, então é que Ele deu mesmo a vida por nós.

E, agora, é esse o amor que Ele dá na Eucaristia, com o seu Corpo e o seu Sangue. Por isso é que Ele nos diz: "Isto é o meu corpo entregue por vós", e "Este é o cálice do meu sangue, derramado por vós e por todos." O Corpo que Ele entregou por nós na cruz e o Sangue que Ele derramou, quando deixou que o matassem, é o que Ele nos dá em cada Eucaristia.

Como é grande o seu amor: o amor em que deu e dá a sua vida! Como Ele nos ama! E como Ele, assim, nos pode ajudar a amarmos os outros, dando-nos força e coragem para cumprirmos os nossos deveres, para fazer o bem, sobretudo aos que mais precisam de amor!

2. Para que tudo isso aconteça, vamos receber a imagem de Jesus na cruz e, só então, cantaremos o cântico que hoje aprendemos.

*O catequista convide 4 crianças a irem fora da sala, para formar um **cortejo com a cruz**:*

- *À frente, uma delas leva a vela acesa, depois outra com a patena, outra com o cálice e a última com a cruz, levantada.*
- *Durante o cortejo, as crianças voltam-se para ela e guardam silêncio.*
- *Chegadas junto da mesa, as crianças podem dispor-se assim: ao centro a cruz; de um lado e do outro, a patena e o cálice; nas pontas, as velas (a que estava na mesa pode ser segurada por uma criança).*

Se o grupo for pequeno, podem reduzir-se os membros do cortejo, até ao ponto de só ser constituído pela cruz. Neste caso, os restantes objectos podem ser colocados pelo catequista em cima da mesa e na mesma ordem.

*Com os membros do cortejo voltados para as crianças, estas são convidadas a cantar o **cântico** ensaiado:*

"É o meu corpo"

*Depois da 1ª estrofe e do refrão: o catequista convida todas as crianças a irem, uma por uma, **junto do crucifixo**, a dar-lhe um **beijo** e a **benzer-se**. Durante isso, pode continuar a cantar-se:*

"É o meu corpo"

O catequista pode ser o último a beijar a cruz. Feito isso, segura ele próprio a cruz, para que as crianças que seguram os objectos mencionados, realizem os mesmos gestos: beijar o crucifixo e benzer-se.

Depois, são todos eles colocados em cima da mesa, de um lado e do outro da Bíblia. O crucifixo é afixado no placar, sobre as fotografias alusivas à Eucaristia e com o centro da cruz sobre a imagem da última Ceia.

3. Depois de todas as crianças se sentarem, o catequista diga:

Olhemos outra vez para o placar: Jesus na cruz e na última Ceia:

Na última Ceia dá-nos o seu corpo e o seu sangue; o mesmo corpo que entregou por nós na cruz; o mesmo sangue que derramou por nós e por todos, na cruz.

E é este corpo e sangue que Ele nos dá em cada Eucaristia... Oferece-nos a sua vida, depois de a oferecer a Deus, seu Pai, na cruz.

É por isso que nós demos à Eucaristia ainda um outro nome. Vejamos qual é:

O catequista afixe, ao alto, o **dístico "SACRIFÍCIO"** e diga:

Sacrifício é um outro nome da Eucaristia. Digam todos comigo: "Sacrifício".

E sabem o que significa? Sacrifício significa oferta: Jesus ofereceu-se a Deus por nós.

E Ele é quem nos leva a fazer o mesmo: o oferecermo-nos a Deus.

E, olhem, durante a Eucaristia, o sr. Padre convida-nos a fazer isso: a oferecer-nos a Deus, com Jesus.

Por exemplo, depois de oferecer a Deus o pão e o vinho (o catequista pode apontar a respectiva fotografia). Depois de ele fazer isso, diz-nos umas palavras¹⁵ que certamente já ouviram. Diz assim:

**Orai, irmãos,
para que o meu e vosso sacrifício
seja aceite por Deus Pai todo-poderoso.**

E nós respondemos assim:

**Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício,
para glória do seu nome
para nosso bem
e toda a santa Igreja.**

Estas palavras estão no nosso catecismo (o catequista indique a página 95).

Vamos ler todos ao mesmo tempo:

¹⁵ Registadas na página 95 do catecismo.

"Receba o Senhor..."

Depois de duas ou três leituras, o catequista conclua:

4. Compromisso

E agora o compromisso para esta semana, uma semana muito importante:

– Sim, sim, antes da festa da 1ª Comunhão, vamos ter uns dias de festa. É a festa da Páscoa. É uma festa tão importante, que vós até estais em férias.

Pois bem, aproveitem esses dias para lerem bem o vosso catecismo, sobretudo aquilo que têm de dizer na Eucaristia: o que acabámos de aprender e outras palavras que já ouviram noutras catequeses.

*O catequista pode entregar uma pagela – fotocopiada – às crianças com uma imagem ou desenho da Eucaristia e, no verso, a indicação das páginas do catecismo que as crianças devem estudar. Ou então, usar a página 96 do catecismo, onde as crianças podem anotar essas mesmas páginas, e estudá-las como compromisso, sob o mote "**Preparo-me para receber Jesus no meu coração.**"*

– E, como vamos preparar o nosso coração para **receber Jesus**? Não se esqueçam de, nesses dias, visitar Jesus na igreja. Falem com os vossos pais e, depois, vão com eles fazer essa visita a Jesus. Depois, na página 96 do catecismo, onde diz "Visito Jesus na igreja" escrevem a data da vossa visita. A visita vai ajudar-nos a manter os nossos corações limpinhos do pecado, como os nossos lenços do Baptismo... E o nosso trigo irá crescer melhor: aquele trigo da Palavra de Deus que produz frutos de bondade e de amor, aquele amor que recebemos de Jesus na Eucaristia. Podem anotar o que de bom vão fazendo, aqui (*mostrar o espaço indicado*): "Como me preparo para receber Jesus". Porque já falta tão pouco tempo para O receberem, que este tempo deve ser de esforço – esforçarem-se por serem bons cristãos – e de alegria, porque ser de Cristo nos faz... (*ouvir as crianças*) felizes!

5. *Se do grupo fizerem parte crianças que irão receber, na Vigília Pascal, os sacramentos da Iniciação Cristã, convidem-se as restantes crianças a associarem-se, estando presentes.*

Se, como é sugerido, a 1ª comunhão se realizar no 2º domingo da Páscoa, combine-se um encontro de preparação mais próxima, para as crianças e seus pais.

Para guardar na memória e no coração

A fórmula eucarística:

Receba o Senhor por tuas mãos...

A comunhão com Cristo e os irmãos

3º BLOCO

Depois da preparação no bloco anterior, este começa com a celebração da Primeira Comunhão, dada a relação íntima entre a Eucaristia e o acontecimento pascal. Segue-se um aprofundamento do mistério eucarístico, de carácter mistagógico, isto é, a partir da vivência eucarística das crianças, no qual é inserido também o Domingo, como dia especial da Eucaristia, vivida em Igreja.

Os sacramentos do serviço de comunhão (Ordem e Matrimónio) aparecem enraizados no mesmo dom da vida por parte de Jesus e como contributo imprescindível para a construção da Igreja.

Depois de uma visão de conjunto de todos os sacramentos, na sua relação com as principais etapas da vida cristã, as crianças são motivadas para se manterem no seguimento fiel de Jesus, designadamente pela participação comunitária na Eucaristia.

Ao longo deste ano, as crianças são levadas a assimilar e memorizar breves e variadas sínteses dos conteúdos de cada encontro catequético, com relevo para as **orações e fórmulas expressivas da sua fé**, usadas principalmente nas celebrações **da Eucaristia e da Penitência**.

“FELIZES OS CONVIDADOS PARA A CEIA DO SENHOR”

(Celebração da Primeira Comunhão)

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A comunhão

No sentido mais comum e genérico – de sintonia de sentimentos, modos de pensar e agir – a comunhão é fundamental para a existência humana. Somos, por natureza, seres sociais. Por isso, todos precisamos uns dos outros – tantas são as nossas limitações, para mais se entregues e reduzidos à nossa individualidade.

O que, deste modo, é uma necessidade humana adquire, no campo eclesial, um valor acrescido: a comunhão é talvez a nota mais característica e identificativa da Igreja. Sem ela, não há aquela Igreja, querida pelo seu fundador e fundamento, Jesus Cristo. Daí a insistência com que, logo nos textos do NT, dela se fala. Por exemplo:

- Na última Ceia de Jesus, sobretudo na versão do Evangelho segundo S. João. A refeição é interrompida pelo gesto, carregado do significado, da lavagem dos pés dos discípulos, para aos quais Jesus conclui: *Se eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós vos deveis lavar os pés uns aos outros* (13, 14). Nisso se exprime o amor fraterno em que Jesus insiste, como sinal identificativo de que somos seus discípulos: *Na medida em que Eu vos ame, que vos ameis uns aos outros* (13, 34; 15, 17). Finalmente, a Ceia termina com uma oração de Jesus ao Pai, diante dos seus discípulos, cujo tema central é a unidade entre eles: os que então O rodeavam (*para serem um só, como Nós somos* - 17, 11) e os que lhes haviam de suceder no futuro, até hoje (*para que todos sejam um só, como Tu, Pai, estás em mim e Eu em Ti* - 17, 21).
- Na primeira comunidade cristã de Jerusalém, apresentada como mãe e modelo por Act 2, 42-47: os seus membros *eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à comunhão fraterna, à fracção do pão e às orações* (v. 42). E em tudo isso – particularmente na

partilha de bens, mas como resultado de tudo o resto – viviam *como se tivessem uma só alma* (v. 46).

- Nas comunidades fundadas e acompanhadas por S. Paulo. Aos cristãos de Corinto mostra que as divisões partidárias, surgidas entre eles (1 Cor 1, 12), são uma negação da *palavra da cruz* de que vivem (1, 17ss). Ou então avisa-os de que, com as diferenciações e separações sociais, durante as celebrações eucarísticas, destroem o mistério que estão a celebrar (11, 17-34). Aos Filipenses exorta, de um modo particularmente comovente, a terem *os mesmos sentimentos, tendo a mesma caridade, vivendo em harmonia, em ordem a um só sentimento*, como é próprio de quem está em Cristo Jesus (Fil 2, 2.5). Em ordem à unidade entre as suas Igrejas e a de Jerusalém, empenha-se todo na colecta *a favor dos Santos*, isto é, dos membros daquela comunidade cristã (Rom 15, 25-27).

São mais as passagens bíblicas sobre o tema. Mas estas já fornecem elementos suficientes para nos apercebermos, não apenas da sua importância, mas também das dificuldades que, já então, se sentia na sua concretização. Sem esquecer os efeitos dela resultantes. São tudo aspectos que têm a ver com o que é específico e único na comunhão cristã. Ela é, antes de mais:

2. A comunhão com Cristo

Conforme indica o próprio termo, de origem latina (*communio*), a verdadeira comunhão entre os cristãos só se obtém a três, sendo o terceiro membro aquele que torna possível a união entre os outros dois: Cristo com o seu *munus* (ou seja, o seu cargo e função) e a graça por Ele concedida, aquilo que pode *munir* (isto é, capacitar) para a comunhão entre aqueles que participam dessa graça.

É, portanto, de Cristo que os cristãos recebem a necessária energia para a unidade prática entre eles. Uma unidade que se concretiza no exercício de uma caridade que seja persistente e pura, que o mesmo é dizer, sem outra intenção e objectivo que não seja o bem, o verdadeiro bem daqueles que são amados por nós e por Deus.

Isto, se não é dito expressamente, é pelo menos pressuposto em todas as passagens bíblicas citadas ou referidas anteriormente. Na medida em que os discípulos são, pela lavagem dos pés, purificados por Jesus, estão em condições de fazer o mesmo uns aos outros. Na medida em que Cristo os ama *até ao fim* (Jo 13, 1), até ao extremo de por eles dar a vida, nessa medida são capazes de se amar uns aos outros com idêntica intensidade. Na medida em que participam da total unidade de Jesus com o Pai, particularmente manifestada na consumação da Sua vontade até ao fim (19, 28.30), nessa medida podem, também eles, ser um só. Cristo é, portanto, não apenas modelo. Antes disso e para isso, Ele é fonte de unidade entre os que a Ele aderem, pela fé no Evangelho cujo conteúdo principal é o seu amor de crucificado ressuscitado.

Foi depois de acreditarem no anúncio, realizado por Pedro, e do Baptismo que sacramentalmente confirma a sua fé, (Act 2, 37-41), foi a partir de então que aqueles que passaram a constituir a Igreja de Jerusalém *viviam unidos e possuíam tudo em comum*

(2, 44). E, se os cristãos de Corinto rivalizaram entre si (ao afirmarem, uns serem de Paulo, outros de Apolo, outros de Pedro), estavam a esquecer-se de que só Cristo fora por eles crucificado (1 Cor 1, 12-13). Finalmente, os mesmos sentimentos que deviam unir os cristãos de Filipos, eram os de Cristo, *que, sendo de condição divina, (...) se esvaziou a si mesmo, tomando a condição de escravo (...), feito obediente até à morte, e morte de cruz. Por isso mesmo é que Deus o superexaltou e o agraciou com o nome que está acima de todo o nome (...): Jesus Cristo é o Senhor* (Fil 2, 6-11).

De resto, foi este Cristo que desejou e concedeu aos discípulos, escondidos *com medo das autoridades judaicas*, aquela paz que, não apenas os uniu entre si, mas, nessa comunhão, os capacitou para serem mediadores do perdão que está na sua origem (Jo 20, 19-28). Isto aconteceu depois de Ele lhes mostrar as mãos e o lado de crucificado ressuscitado, em dois Domingos seguidos – o dia da semana em que especialmente se celebra a comunhão que mais leva à comunhão com Cristo e em Cristo:

3. A comunhão eucarística

"A Eucaristia é o memorial da Páscoa de Cristo", mas no sentido em que o conceito de *memorial* é entendido na Bíblia: "não é somente a lembrança dos acontecimentos do passado, mas a proclamação das maravilhas que Deus fez pelos homens. Na celebração litúrgica destes acontecimentos, eles tornam-se, de certo modo, presentes e actuais"(CIC 1362-1363).

"O memorial recebe um sentido novo no Novo Testamento. Quando a Igreja celebra a Eucaristia, faz memória da Páscoa de Cristo, e esta torna-se presente: o sacrifício que Cristo ofereceu na cruz de uma vez por todas, continua sempre actual: «Todas as vezes que no altar se celebra o sacrifício da cruz, no qual 'Cristo, nossa Páscoa, foi imolado', realiza-se a obra da nossa redenção» (LG 3) " (Ibidem 1364).

Daí que S. Paulo, em 1 Cor 11, 23-25, imediatamente depois de apresentar o relato litúrgico da última Ceia que ainda hoje está no centro de cada celebração eucarística, nos diga: *Todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha*. Anunciamos por palavras (tantas vezes acentuadas pela força do canto), logo a seguir à narração da instituição (mais conhecida por "consagração"), e devemos fazê-lo sobretudo por sentimentos e acções, no contexto da comunhão do Corpo e Sangue de Cristo e como efeito e concretização do amor que nela nos é transmitido. Porque Cristo, naquele momento, nos dá a sua vida, somos assim de tal modo fortalecidos, que estamos em condições de dar a nossa vida uns pelos outros, de nos amarmos numa medida muito mais próxima da medida do amor de Cristo.

E não há dúvida: é, sobretudo, nesta comunhão fraterna que mais vivamente transparece o amor de Cristo, mais convincentemente ele é anunciado e proclamado. É nesse sentido que Jesus reza ao Pai, também pelos cristãos de hoje, na Ceia da Eucaristia: para que através da comunhão que nos une a Ele e ao Pai, *o mundo creia que Tu me enviaste* (Jo 17, 22). E se os cristãos de Jerusalém, no dizer de Act 2, 47, *tinham a simpatia de todo o povo, e o Senhor aumentava, todos os dias, o número dos que tinham entrado*

no caminho da salvação, isso devia-se, primariamente, ao facto de eles viverem unidos *como se tivessem uma só alma*, o que eles deviam sobretudo à sua assiduidade à *fracção do Pão*, um dos nomes então dados à Eucaristia (2, 42-46).

E se esta comunhão fraterna for verdadeiramente vivida durante a celebração, então todos os participantes compreenderão muito melhor o que Jesus lhes diz e lhes dá: "Tomai e comei: isto é o Meu Corpo... Tomai e bebei este é o meu Sangue (...) da nova e eterna aliança"... E haverá alguém que se não sinta verdadeiramente feliz por se ver convidado para esta Ceia do Senhor, tomada em total comunhão com Ele e os irmãos?

OBJECTIVOS

- Vivenciar sacramentalmente o amor de Jesus pela recepção da Eucaristia;
- Sentir que a comunhão eucarística leva a uma maior comunhão com Cristo e a sua Igreja;
- Expressar a alegria e a gratidão pelo amor experimentado na comunhão de Cristo.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. **A Primeira Comunhão** é, ao mesmo tempo, um **ponto** de chegada e **de partida** na caminhada cristã das crianças. Por isso, esta celebração deve ser, para elas, tão marcante que as leve à persistência na participação assídua da Eucaristia. Nesse sentido, haverá mais catequeses sobre a Eucaristia, que terão a vantagem de ser de carácter mistagógico: as crianças saborearão e aprofundarão a experiência cristã que já fizeram e continuam a realizar.
2. Para isso, além da **preparação** nas quatro catequeses já dedicadas à Eucaristia, deve fazer-se um encontro mais próximo com as crianças, acompanhadas dos pais e padrinhos. Para além do modo como decorre a celebração, dos lugares que ocupam na igreja, podem ensaiar-se os cânticos, aproveitando-os, com a sua mensagem, para recordar e avivar o amor a Jesus. Procure-se que a presença dos pais na celebração seja verdadeiramente activa: que, na medida do possível, também eles se preparem para comungar e o façam com a devida convicção de fé. O mesmo se diga para os padrinhos, na sua missão de acompanhar e apoiar os afilhados no seu crescimento na fé. Durante a celebração, se as crianças não forem muitas, podem ficar junto dos pais e padrinhos. Caso contrário, convém que não fiquem demasiado distantes do altar.
3. Como **data da celebração**, propõe-se que seja tão próxima quanto possível da Páscoa. Por três razões: 1. é no Mistério Pascal que mais se celebra o acontecimento salvífico da morte e ressurreição de Cristo, cujo memorial é feito principalmente na Eucaristia; 2. adiar a data para o final do ano catequético pode levar, devido ao período de férias que se segue, a que as crianças deixem de participar na Eucaristia, logo depois de terem comungado pela primeira vez; 3. havendo outras crianças do grupo que são baptizadas, e bem, na Vigília Pascal, não convém que as restantes tenham de esperar mais tempo para receber o sacramento que as primeiras já recebem.

Propõem-se, por isso, as seguintes datas: Quinta-feira Santa; Domingo de Páscoa; 2º Domingo de Páscoa; ou, como hipótese menos aconselhável, o 3º Domingo de Páscoa. Neste último caso, pode aproveitar-se o Domingo anterior para o encontro preparatório referido no nº 2. O desenvolvimento da celebração, a seguir proposto, está feito a pensar no 2º Domingo da Páscoa. Caso se opte por outra data, façam-se as devidas adaptações.

4. Como ligação com as catequese anteriores, sobretudo as relativas aos sacramentos do Baptismo, Penitência e Eucaristia, propõe-se que se integrem na celebração os símbolos mais significativos nelas usados: **os vasos ou recipientes em que as crianças semearam trigo** (catequese 16), que podem ser previamente colocados em volta (e nunca em cima) do altar, mas a uma altura que permita serem vistos da assembleia; **um lenço branco do Baptismo**, se possível, de uma das crianças, mas sem que ela o saiba. Por isso, ao pedi-lo, o catequista avise os pais para que o não digam ao filho ou filha.
5. Evite-se, na celebração, tudo o que possa dispersar as crianças. Nesse sentido, não devem ser elas a fazer as **leituras**. Seria mais uma preocupação que as afectaria na sua concentração em Cristo, nos sucessivos actos celebrativos. De resto, o mais importante nas leituras é que sejam bem feitas. Por isso, dê-se a preferência a leitores formados. Se, entre eles, estiverem familiares e/ou padrinhos das crianças, podem ser eles a assumir essa missão. Quanto à **comunhão** propriamente dita, ela pode ser feita pelas crianças sob as espécies do pão e do vinho, observando-se as orientações da Igreja que a isso dizem respeito.
6. No final da celebração, o catequista tenha o cuidado de avisar as crianças para que, durante a semana, acrescentem, nos seus **lenços brancos do Baptismo**, a data da Primeira Comunhão, e que os levem para a próxima catequese. Providencie também para que seja tirada uma fotografia ao grupo, para, no devido tamanho, ser igualmente usada na próxima catequese.

MATERIAIS

- Os habituais para a celebração da Eucaristia;
- Os vasos em que as crianças semearam o trigo entregue na catequese 16
- O lenço branco do Baptismo de uma das crianças (proposto para o presidente da celebração usar durante a homilia);
- Um crucifixo, que pode ser o que for levado no cortejo de entrada.

MÚSICAS

- Ver Desenvolvimento da Celebração. Convém que sejam cânticos conhecidos das crianças e, se possível, já usados nas catequese, nomeadamente as que tratam da Eucaristia.

II – DESENVOLVIMENTO DA CELEBRAÇÃO

I. RITOS INICIAIS

1. Cortejo da entrada

Se as crianças não forem muitas, podem integrar-se no cortejo, sós ou acompanhadas pelos pais e/ou padrinhos (conforme ficarem ou não junto deles durante a celebração).

2. Cântico de entrada

"Viemos com alegria" ou "Cristo Jesus, Tu me chamastes"

3. Saudação e acolhimento

Presidente da Assembleia:

Depois da saudação inicial habitual, dirija às crianças as seguintes palavras de acolhimento ou outras semelhantes:

Meninos e meninas, chegou, finalmente, o dia que há tanto tempo desejáveis: o dia em que ides comungar o Corpo (e o Sangue) de Jesus no pão (e no vinho) da Eucaristia. Por isso cantámos: "Viemos com alegria". Vós e todos nós. Sim, todos nós, com os vossos pais, padrinhos e outros familiares e amigos, sentimos também uma grande alegria. A partir de hoje ficareis, ainda mais, a fazer parte desta grande família que é a Igreja. Ficareis ainda mais a ser de Cristo. E haverá coisa melhor do que ser de Cristo?...

Então, preparemo-nos, ainda melhor, para nos encontrarmos com Ele, para o recebermos. Unidos a Ele, peçamos perdão dos nossos pecados, para termos o coração limpo para o receber.

4. Acto penitencial

- "Confesso a Deus todo-poderoso"...
- "Senhor, tende piedade de nós"...

5. Glória

"Glória ao Senhor" (Frei Fabretti ou outro, conhecido das crianças).

6. Oração colecta (do dia)

II. LITURGIA DA PALAVRA

1. Introdução

Presidente:

Depois de a Assembleia se sentar, comece por chamar a atenção para os vasos em que cada criança semeou os seus grãos de trigo:

Estão a ver aqueles vasos todos com plantas de trigo?..

Talvez nem todos os presentes saibam que aquele trigo foi semeado por cada um de vós. Cada um com o seu vaso.

E como o trigo germinou e cresceu!

Lembram-se por que semearam aquele trigo? ... Foi por causa de uma parábola que Jesus vos contou, em que Ele compara o trigo com a Palavra de Deus: quem a acolhe no coração é parecido com um terreno bom, onde a semente germina e cresce, para dar muitos frutos.

Foi o que aconteceu convosco. Aqueles vasos são o sinal de que tendes estado bem atentos à Palavra de Deus, que a tendes acolhido no vosso coração.

Pois bem, Deus vai falar-nos outra vez. E vai falar-nos de um pão, também ele feito de trigo, mas que Jesus vai transformar no seu Corpo. Vamos ouvir, todos, com muita atenção.

2. 1ª Leitura

1 Cor 10, 16-17 (do ano A da solenidade do Corpo e Sangue de Cristo).

3. Salmo responsorial

"**Formamos um só corpo**" (duas ou três estrofes).

4. Aclamação antes do Evangelho

"Aleluia, glória ao Senhor" (estrofe: "Glória ao Senhor, nosso pão")

5. Evangelho

Do dia (Domingo II da Páscoa): Jo 20, 19 - 29

Pode ser lido a quatro vozes: Sacerdote ou Diácono para a introdução e as palavras de Jesus; um leitor/a para narrador; outro/a para as palavras dos discípulos e outro/a para as palavras de Tomé.

6. Homilia

Presidente:

Pegue num lenço branco do Baptismo, pertencente a uma das crianças, desdobre-o e mostre-o a todos, de modo que possam ler o que nele está escrito: "Sou de Cristo, Sou feliz" e a data do Baptismo. Depois de deixar contemplar, diga:

Todos conhecem bem este lenço branco... Não sabem, se calhar, é a quem pertence. Quem é o menino ou menina que foi baptizado no dia (indique a data escrita no ângulo inferior do lenço)?

Depois de se identificar, mesmo que haja mais do que uma criança baptizada nesse dia, convide-a(s) a deslocar(em)-se para junto de si e estabeleça com ela(s) o seguinte diálogo:

Explica às pessoas aqui presentes, o que significa este lenço. Já sabemos que a data é do teu (vosso) Baptismo. Mas o que é que o nosso Baptismo tem a ver com estas palavras: "Sou de Cristo, sou feliz"?... De facto, o Baptismo faz-nos cristãos. E nada nos faz mais felizes do que sermos de Cristo.

E por que razão o lenço tem três pontas?... Somos baptizados em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

E a cor branca?... É a cor da luz. Somos guiados pela luz de Cristo: para nos comportarmos como Jesus. Quando não o fazemos, isto é, quando pecamos, que acontece?... É como se o lenço ficasse manchado. Às vezes, tanto, que até se deixe ver que somos de Cristo.

Não é o caso deste lenço. Se já esteve sujo, agora está bem limpo. E, como o lenço, tem de estar o nosso coração. E quem mantém o nosso coração limpo?...

Para percebermos melhor, vamos fazer uma coisa: vamos colocar o lenço por cima da cruz de Jesus.

Pode ser a criança a quem pertence o lenço, a fazê-lo, com a ajuda de um acólito ou outra pessoa: o lenço seja estendido por detrás do crucifixo e atado à frente, mas de modo que se veja a imagem de Jesus. Depois, o Presidente comente:

Que bem que está o lenço sobre a cruz de Jesus!... É que, quem faz que o lenço esteja branco e limpo como os nossos corações, é Jesus na cruz. Eu vou explicar.

Lembram-se do que ouvimos há pouco no Evangelho? Como Jesus ressuscitado apareceu aos discípulos?... E que lhes disse Ele? "A paz esteja convosco."

Depois mostrou-lhes as mãos e o lado. Porquê?... Porque foi assim que Ele foi morto, por nosso amor.

Reparem na imagem de Jesus: as mãos dele estão pregadas, e o coração foi aberto pela lança dum soldado. Assim é que Ele deu a vida por nós. Como Jesus nos ama! Com o seu amor é que Ele cria a paz em nós e entre nós. Por isso enviou os discípulos a perdoar os pecados.

E hoje, Ele continua a perdoar os nossos pecados, a limpar deles o nosso coração: primeiro no Baptismo e depois no Sacramento da Reconciliação. Quando, há tempos, se confessavam, Ele perdoou os vossos pecados.

Hoje, vai fazer convosco uma coisa parecida com a que fez com S. Tomé, que não acreditava que Jesus tivesse dado a vida por nós e tivesse ressuscitado. Que lhe fez Jesus, para que ele acreditasse?... Mostrou-lhe as mãos e o lado.

Será que Ele também nos vai mostrar as mãos e o lado do coração?... Vai, mas é de um modo um pouco diferente. Através das minhas mãos, vai pegar no pão e dizer: "Isto é o meu Corpo entregue por vós". Depois, também com as minhas mãos, vai pegar no cálice e dizer: "Este é o cálice do meu Sangue (...) que será derramado por vós e por todos, para remissão dos pecados".

Isto é muito mais do que mostrar as mãos e o lado: é dar-nos o seu Corpo e o seu Sangue; é dar-nos, no pão e no vinho, a vida que deu por nós na cruz.

E nós, não nos limitamos a ver e a ouvir, mas tomamos o Corpo (e o Sangue) de Jesus, no pão (e no vinho) que vai (*ou vão*) ser consagrado(s).

E se Ele faz isso conosco, então temos mais razão para dizermos as palavras de S. Tomé. Lembrem-se de quais foram?... "Meu Senhor e meu Deus!" São lindas, não são? Então digam-nas comigo: "Meu Senhor e meu Deus!"

Pois bem, com este grande amor que Jesus nos oferece, hoje e aqui, então é que os lenços brancos do Baptismo vão ficar ainda mais brilhantes. E nós ainda ficamos a ser mais de Jesus. E como seremos felizes!

Para isso, vamos todos dizer que acreditamos em Deus, em Jesus e no Espírito Santo, como se faz no Baptismo.

7. Profissão de fé (a fórmula baptismal)

8. Oração dos fiéis

Presidente:

Irmão e irmãs, rezemos a Deus nosso Pai que nos dá Jesus, com o seu corpo entregue por nós e o seu sangue derramado para remissão dos nossos pecados, dizendo:

– "Meu Senhor e meu Deus!"

Leitore(s):

Pela Santa Igreja que nasceu e vive do amor de Jesus morto e ressuscitado, para que se mantenha firme na fé, esperança e caridade, oremos ao Senhor.

– Por estas crianças que hoje vão receber pela primeira vez o corpo e o sangue de Cristo,

para que cresçam no seu amor a Cristo e aos irmãos, oremos ao Senhor.

– Pelos seus pais, padrinhos e outros familiares, para que, pela palavra e o exemplo de vida, lhes dêem testemunho de Cristo, oremos ao Senhor.

– Pela nossa comunidade cristã, para que os seus membros procurem na Eucaristia a força para se amarem como irmãos, oremos ao Senhor.

– Pelos homens e mulheres de toda a terra, para que contribuam, pelo perdão, para uma paz grande e duradoura em todo o mundo, oremos ao Senhor.

Presidente:

Senhor Deus, nosso Pai, concedei-nos a graça de acolhermos o amor que nos concedeis, ao dar-nos o vosso Filho Jesus Cristo que por nós se entregou e que vós ressuscitastes de entre os mortos. Ele que é Deus convosco, na unidade do Espírito Santo.

III. LITURGIA EUCARÍSTICA

1. Apresentação das ofertas

- *Pode ser feita pelas crianças, com os seus familiares.*
- *Se houver lugar, as crianças podem rodear o altar, até ao momento de comungarem.*

2. Oração sobre as oblatas *(do dia)*

3. Oração Eucarística

A 3ª para as Missas com crianças (com os textos próprios para o Tempo Pascal)

IV. RITOS DA COMUNHÃO

1. Comunhão das crianças

Pode ser feita sob as duas espécies

2. Cânticos da comunhão

- "Jesus Cristo és meu amigo"
- "Somos a Igreja de Cristo"

3. Cântico depois da comunhão

Depois de um convite ao recolhimento, em diálogo pessoal com Jesus:

1. "Jesus eu amo-te"...
2. "Tu és o Pão do Céu"...
3. "Tu és o meu Senhor"...

4. Oração depois da comunhão *(do dia)*

5. Aviso(s)

Presidente:

Entregue o lenço do Baptismo à criança a quem pertence e peça que ela e todas as outras escrevam (ou peçam para escrever) nele(s) a data da Primeira Comunhão, por cima da do Baptismo.

Depois convide todos a exprimirem a sua alegria através do:

6. Cântico final





“Sou de Cristo, sou feliz”

7. Bênção



No catecismo,

para recordar a Celebração da Primeira Comunhão:

-  Na página 97 do catecismo, recordar os momentos mais belos da Celebração e os seus símbolos.
-  Na página 98 do catecismo, reler o Evangelho segundo S. João.
-  Na página 99 recordar o caminho feito, desde o Baptismo, passando pela catequese e pelo sacramento da Reconciliação, até ao dia em que recebemos Jesus no coração, junto com a nossa comunidade de fé.
-  Na página 100 registamos os momentos mais importantes deste dia especial.

“FICA CONNOSCO, SENHOR”

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A catequese da homilia

Há muitos cristãos para quem, na prática, a celebração eucarística, nomeadamente a dominical e de dias mais festivos, depende predominantemente da homilia que nela é feita. É isso que os leva a deslocarem-se à procura de determinados lugares: “Porque aí o Padre fala bem.” E, de toda a celebração, o que mais retêm e, em muitos casos, é objecto de comentários, agradáveis ou desagradáveis, reduz-se ao conteúdo e à forma da homilia.

Como se constatará a seguir, esta maneira de ver, por si, não está errada. O perigo é se esta centralização leva a menosprezar e/ou a esquecer todo o resto da celebração. Como se o que se passa antes e depois da pregação fosse secundário: sobretudo as leituras da Palavra de Deus, que a precedem, e o memorial da morte redentora de Cristo, de que é constituída a segunda parte da Eucaristia.

Da homilia e do seu valor fala, por exemplo, o nº 7 da Mensagem ao Povo de Deus da 12ª Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos (5-26/10/2008), começando por inseri-la no âmbito, mais vasto da catequese, uma das quatro actividades da Igreja, referidas em Act 2, 42. Segundo os Padres Sinodais, “a catequese está destinada a aprofundar no cristão «o mistério de Cristo à luz da Palavra, para que o homem todo seja por ela impregnado» (João Paulo II, *Catechesi tradendae* 20). Mas o vértice da pregação está na homilia que, ainda hoje, para muitos cristãos, é o momento capital do encontro com a Palavra de Deus. Neste acto, o ministro deveria transformar-se também em profeta. De facto, ele deve, com uma linguagem nítida, incisiva e substanciosa, não só, com autoridade, «anunciar as maravilhosas obras de Deus na história da salvação» (SC 35) – anteriormente oferecidas – através de uma clara e viva leitura do texto bíblico proposto pela liturgia. Ele deve, também, actualizar essas obras para os tempos e os momentos vividos pelos ouvintes e suscitar nos seus corações a questão da conversão e do compromisso de vida: «Que devemos fazer?» (Act 2, 37). (...) Na pregação realiza-se, deste modo, um duplo movimento. Com o primeiro, remonta-se às origens dos textos

sagrados dos acontecimentos, das palavras geradoras da história da salvação, para as compreender no seu significado e na sua mensagem. Com o segundo movimento, volta-se ao presente, ao hoje vivido por quem escuta e leia, sempre à luz de Cristo, que é o fio luminoso destinado a unir as Escrituras. Foi o que o próprio Jesus realizou (...) no itinerário de Jerusalém a Emaús, na companhia de dois dos seus discípulos.” Acompanhemos, então, Jesus, nesse itinerário:

2. A caminho de Emaús...

É um itinerário, descrito por **Lc 24, 13-35**, que vai do não reconhecimento inicial de Jesus (v. 16) ao seu reconhecimento final (v. 31). Repare-se que não se trata de um simples conhecimento – que Cléofas e o seu companheiro já possuíam, e bem, acerca de Jesus – mas de um *reconhecimento*, com o significado alargado que o prefixo “re” aqui exprime: um conhecimento renovado, fruto, talvez, de uma observação, um exame mais atento, e que leva, tantas vezes, à gratidão, isto é, a uma ligação mais profunda entre quem reconhece e quem se dá a (re)conhecer. Sobretudo quando, deste último, parte um gesto, uma atitude, um favor que, não apenas manifesta mais quem ele é realmente, mas provoca, conseqüentemente, uma atitude correspondente da parte daquele a quem se dá a conhecer. Quer dizer que o reconhecimento da parte de quem reconhece se deve ao conhecimento que o outro lhe deu de si.

Vejamos, nessa perspectiva, a situação em causa: Dois discípulos, em parte, já refeitos do susto e da frustração causados pela perda terrível e ignominiosa do Mestre, mas que abandonam Jerusalém, o centro das expectativas messiânicas. E, de repente, encontram-se com Jesus a seu lado, vendo o seu rosto, ouvindo a sua voz, conversando com Ele precisamente acerca d’Ele. Apesar de tudo isso, os seus olhos continuam impedidos de o reconhecerem.

Compreende-se assim que tenha de ser o próprio Jesus quem se dá a (re)conhecer. Ou, talvez de um modo mais pedagógico, quem lhes forneça os indícios necessários para que possam reconhecê-lo por si próprios. Não bastaria dizer-lhes: “Sou eu, aquele com quem e de quem falais”. Era necessário que Ele fizesse algo que lhes mostrasse, actualizasse para eles, a nova identidade, alcançada pela sua morte e ressurreição: um estado, devido a uma intervenção só a Deus possível (só Ele *dá vida aos mortos e chama à existência o que não existe* – Rm 4, 17) e que O levou a participar, de um modo ainda mais pleno, da condição e do poder divino tão bem expresso no título “Senhor”, com que desde então passou a ser tratado. Numa palavra: era necessário que o Crucificado Ressuscitado assim se manifestasse para eles.

Tinham, para isso e em primeiro lugar, de escutar o próprio Deus, nas Escrituras, desde o Pentateuco (Moisés) aos Profetas. Só assim poderiam aperceber-se de que o que acontecera com Jesus correspondia, plenamente, ao modo de ser e agir de Deus, nos seus planos salvíficos: *Que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras...; (e) que foi ressuscitado ao terceiro dia, segundo as Escrituras* (1 Cor 15, 3-4).

De facto, Jesus expirou na cruz, com a oração de Salmos bíblicos nos lábios: *Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?* (Sl 22,2, em Mc 15, 34; Mt 27, 46); *Pai, nas tuas mãos entrego o meu Espírito* (Sl 31,6, em Lc 23,36).

E, já antes, na última Ceia, oferecera o seu sangue, no vinho consagrado, *como sangue da Aliança, que vai ser derramado por muitos, em remissão dos pecados*, baseando-se em Ex 24,8 e Is 53,12, isto é, na certeza de que a sua morte iria renovar, de um modo único e definitivo, a aliança da qual nascera o Povo de Deus (Ex 24,8). E isso devia-se ao facto de Ele, como o Servo de Deus, *tomar sobre si os pecados de muitos* (Is 53, 12), a fim de, para eles, obter aquele perdão que só um amor ilimitado torna possível, aquele amor capaz de vencer até os limites da morte.

Mas, com esta Liturgia da Palavra, apenas *ardia o coração* àqueles dois (Lc 24, 32). Precisavam de que a Palavra que escutavam penetrasse no seu coração de um modo vivo, actual: precisavam de experimentar aquele amor divino que, já sabiam, era identificativo do verdadeiro Messias. Precisavam, numa palavra, de que Jesus os amasse, transpondo, para eles pessoalmente, o amor ilimitado que o levava à ressurreição. E, de facto, só depois que Ele *tomou o pão, pronunciou a bênção e, depois de o partir, lho deu* (tal como na última Ceia), só então *os seus olhos* (os do coração) *se lhes abriram e o reconheceram* (v. 31)... e Ele ficou realmente com eles, como antes lhe haviam pedido (v. 29). Uma presença tão forte que já nada os detém, na ocupação do seu lugar na Igreja e na missão de evangelizadores.

Portanto, a homilia de Jesus, na liturgia da Palavra celebrada durante o caminho, só atingiu o seu objectivo na liturgia eucarística que, por sua vez levou à Igreja, à missão. Um modelo também para:

3. A homilia da catequese

De facto, no centro de cada encontro de catequese está uma Palavra da Escritura que o catequista, a partir do seu contexto e sentido original – do passado em que foi escrito – actualiza para o presente dos catequizandos, em ordem a uma expressão de fé (que tem um carácter mais ou menos explicitamente celebrativo), a uma inserção maior na vida da comunidade e a um testemunho mais entusiasta e entusiasmante da fé, por palavras e/ou por acções.

Neste esquema genérico, tem um lugar especial a chamada *catequese mistagógica*.

No caminho catecumenal, esta catequese é ministrada imediatamente após a recepção dos sacramentos da iniciação cristã, para ajudar “a interiorizar tais sacramentos e a inserir-se na comunidade” (DGC 89).

Relativamente à Eucaristia, parte do princípio de que “a melhor catequese sobre a Eucaristia é a própria Eucaristia bem celebrada”, já que, “por sua natureza, a liturgia possui uma eficácia pedagógica própria para introduzir os fiéis no conhecimento do mistério celebrado” (Sa Ca, 64). E este conhecimento, por sua vez, conduz a uma participação mais intensa na sua celebração, numa espécie de espiral virtuosa que não mais tem fim e na qual entram três elementos:

- A *"interpretação dos ritos à luz dos acontecimentos salvíficos"* de que fala a Escritura e que têm o seu centro em Cristo, particularmente na sua condição de Crucificado Ressuscitado.
- A introdução, *"no sentido dos sinais contidos nos ritos"* (...), particularmente urgente numa época acentuadamente tecnológica, como a actual", e que, por isso, tanto tem negligenciado a educação simbólica.
- A indicação do *"significado dos ritos para a vida cristã, em todas as suas dimensões: trabalho e compromisso, pensamentos e afectos, actividade e repouso"*... de tal modo que *"a própria vida vai sendo progressivamente transformada pelos sagrados mistérios celebrados"* (Ibidem).

Escusado será dizer que este "encontro vivo e persuasivo com Cristo" tem de ser "anunciado por autênticas testemunhas" (Ibidem) – os catequistas que transmitem o que vivem e conforme o vivem.

OBJECTIVOS

- Compreender que a Eucaristia é constituída pelas mesas da Palavra de Deus (Liturgia da Palavra) e do Corpo e Sangue de Cristo (Liturgia Eucarística);
- Aperceber-se de como, em ambas, se revela o amor de Cristo morto e ressuscitado;
- Dispor-se a acolher esse amor, em Igreja.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese tem um carácter predominantemente mistagógico: chama-se a atenção das crianças para o significado profundo dos principais ritos da celebração eucarística em que já participam plenamente, saboreando o amor de Cristo que lhes é oferecido em cada celebração. Para as crianças que acabaram de receber a Primeira Comunhão, esse objectivo será mais fácil de atingir. A experiência feita é, de certo modo, transposta para a catequese. Se ainda não comungam, pressupõe-se, pelo menos, que frequentem a celebração eucarística, nomeadamente no tempo pascal em que se encontram. Nesse caso, esta catequese fortalecerá pelo menos o desejo de uma participação plena.
2. Em apoio da dimensão mistagógica, a sala deve dispor-se de modo que se pareça com uma igreja: com o altar, a estante, as velas e o crucifixo. No mesmo sentido, propõe-se que a entrada na sala seja feita num cortejo semelhante àquele com que se inicia a celebração solene da Eucaristia. Para isso, tenha-se um especial cuidado em preparar as crianças antes da entrada.
3. Em vez da habitual sala da catequese, tem todo o sentido que se use uma igreja. Mas só se ela oferecer as devidas condições: que não seja demasiado grande, para que as crianças se não dispersem; que esteja totalmente livre, durante todo o tempo de catequese. Se for esta a hipótese escolhida, façam-se as devidas adaptações do que é exposto no Desenvolvimento.

MATERIAIS

- Uma fotografia das crianças que fizeram a 1ª Comunhão, num tamanho que permita o seu reconhecimento à distância em que se encontram na sala (1ª Alternativa da Experiência Humana);
- As seis fotografias relativas à Eucaristia, usadas na catequese 22 (2ª Alternativa da Experiência Humana);
- Uma estante, para a leitura;
- Uma faixa de pano branco que cubra a estante dos dois lados;
- Uma toalha branca, semelhante à dos altares, para cobrir a mesa;
- Um crucifixo com o respectivo pedestal;
- Dísticos "LITURGIA DA PALAVRA" e "LITURGIA EUCARISTICA";
- Alfinetes para os fixar;
- Duas velas;
- A Bíblia;
- Por cada criança, uma cartolina colorida, recortada, por exemplo, como um raio de luz ou como um lenço do Baptismo (com cerca de 20 cm de comprimento ou o que se adequar ao número de crianças).

MÚSICAS

- "Aleluia, glória ao Senhor";
- "Nós te agradecemos".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala (se se optar pela catequese na sala)

- **Placar:** ao centro, uma fotografia do grupo das crianças na sua Primeira Comunhão (1ª Alternativa da Experiência Humana).
- **Mesa:** deslocada um pouco para a frente, de modo a servir de altar (como na catequese 22), e coberta com uma toalha branca.
- **Cadeiras:** dispostas em semicírculo (como na catequese 22), mas, se possível, com um corredor ao meio.
- **Estante:** ao lado da mesa e igualmente coberta com uma faixa branca.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *No acolhimento, feito fora da sala, as crianças sejam convidadas a colocarem sobre os seus ombros os lenços brancos do Baptismo e da Comunhão (na 1ª Alternativa da Experiência Humana). De seguida, organizem-se em cortejo de uma forma semelhante ao da celebração eucarística: à frente, o (ou: um) catequista (para orientar a entrada na sala e a disposição dos objectos levados pelas crianças); depois, uma criança com a*

*cruz; duas, cada qual com uma vela acesa; outra com a Bíblia; e as restantes em duas filas. Enquanto se encaminham para a sala e nela entram, cantem o **cântico**:*

"Viemos com alegria" (ou o cântico de entrada, usado na Primeira Comunhão).

Depois da entrada, as crianças que levam os objectos colocam-nos nos seus lugares: a cruz na mesa (ao meio) e/ou no suporte próprio; as velas, uma em cada lado da mesa; a Bíblia ao centro da mesa (por detrás ou ao lado do crucifixo).

Uma vez todos no seu lugar, o catequista saúde as crianças:

A graça e a paz de Deus nosso Pai e de Jesus Cristo, nosso Senhor, estejam connosco!

Crianças:

Bendito seja Deus, que nos reuniu no amor de Cristo.

2. *Depois de as crianças se sentarem, siga-se uma destas alternativas:*

1ª

Alternativa

Para o caso de as crianças já terem feito a Primeira Comunhão

Que bonitos vós estais! Todos com os lenços brancos!...

E já com duas datas: a do Baptismo e da Primeira Comunhão.

Foi uma festa maravilhosa, não foi? Olhem para a fotografia no placar... e vejam como todos estão contentes e felizes... Felizes por serem mais de Cristo!...

Eu sei que gostaram de tudo. Mas, se calhar, houve algumas coisas de que gostaram mais. Cada um vai pensar um bocadinho e escolher aquilo de que mais gostou na festa da Primeira Comunhão. Basta uma coisa.

Depois de um brevíssimo silêncio:

Agora, digam lá de que mais gostaram.

À medida que as crianças se exprimem, o catequista anote as ideias das crianças, com uma ou duas palavras, nas tiras de cartolina colorida, e vá afixando-as à volta da fotografia do grupo.

Pode ir comentando cada uma das respostas, sem, porém, se alongar e realçando aquelas que têm mais a ver com o tema da catequese: a liturgia da Palavra e da Eucaristia.

Para o caso de as crianças ainda não terem feito a Primeira Comunhão

Hoje, entrámos na sala como se fosse para a igreja, para a Eucaristia. E, como estão a ver, a nossa sala está parecida com uma igreja: o altar, com a Bíblia, duas velas acesas; a estante, parecida com o ambão; e, no placar, as fotografias e imagens que mostram uma parte do que se faz na Eucaristia. Porque será que a sala está hoje assim?...

Antes de sabermos ao certo, gostava que dissessem se, durante as férias da Páscoa, foram à igreja e participaram nas festas que lá se fizeram. Foram várias e em vários dias. Ora contem lá.

Se nenhuma ou quase nenhuma das crianças o fizeram, o catequista chame a atenção para a importância do seu compromisso: não fizeram o que foi pedido na última catequese e, com isso, mostraram que, afinal, não se interessam por Jesus, o que é uma ofensa contra Ele e os outros.

Neste caso, o catequista dê testemunho da sua própria participação nas celebrações da semana santa e da Páscoa.

Em qualquer dos casos, vai escrevendo em tiras de cartolina, recortadas como na 1ª alternativa, as diversas celebrações: a dos Ramos, a da Ceia do Senhor; a da Paixão e Morte de Jesus e a da Ressurreição. À medida que escreve, afixe cada cartolina em volta das imagens referentes à Eucaristia.

3. Para as duas alternativas:

Por tudo isto que estivemos a contar e é tão importante na nossa vida, acho que devemos louvar o Senhor. Podemos fazê-lo com um dos **cânticos** que mais cantamos depois da Páscoa (*se for o caso:*) e que cantámos na festa da Primeira Comunhão.

Para mostrar mais a nossa alegria até podemos cantar batendo as palmas. Então, ponham-se de pé... e cantemos com alegria:

"Aleluia, glória ao Senhor" (*refrão e 3 estrofes: nossa luz, nossa vida, nossa paz*)

II. PALAVRA

1. Daqui a pouco ainda teremos mais alegria para cantar: depois de ficarmos a conhecer uma história linda que aconteceu com Jesus e com dois dos seus discípulos. É uma história especial porque, como vereis, aconteceu depois de Jesus ter morrido e, principalmente, de ter ressuscitado.

Posso dizer que o que aconteceu e, a seguir, vão ouvir, tem muito a ver com a Eucaristia. Vejam lá se conseguem descobrir em quê. Para isso, muita atenção.

O catequista pegue na Bíblia aberta em Lc 24, 13-35, desloque-se para trás da estante com, se for o caso, mais um ou dois leitores, para uma leitura dialogada. Para maior solenidade, pode convidar duas crianças a pegarem nas velas e a colocarem-se, uma de cada lado da estante e voltadas para ela.

A primeira parte do relato bíblico é contada por palavras próprias e só a partir do v. 25 é lido.

Catequista:

Aconteceu assim:

Quando Jesus morreu, os seus discípulos, como compreendem, ficaram muito, muito tristes. Se fosse connosco, seria o mesmo: perder o maior amigo, aquele que tinha feito e dito coisas tão maravilhosas. E, pior ainda, matarem-no na cruz, que era tão doloroso, e a fazerem pouco dele. Quem é que não ficaria triste e chocado!? Foi assim com todos os discípulos.

Mesmo assim, muitos deles não saíram logo de Jerusalém, onde aconteceu tudo o que nos foi contado na Páscoa. Mas, aos poucos, começaram a voltar, cada um, para a sua terra.

Dois deles, que eram de uma terra chamada Emaús, decidiram voltar para casa no Domingo, isto é, três dias depois de Jesus ter sido morto e sepultado.

Jam eles a caminho, tristes e desanimados, quando, de repente, Jesus se aproximou e se pôs a caminhar com eles. Que surpresa fabulosa!

Será que eles reconheceram Jesus? Não! Mas, porquê?..

E, imaginem, até se puseram a falar com aquele desconhecido – que era Jesus! – sobre tudo o que tinha acontecido com Ele: como o tinham morto e sepultado; como eles e todos os outros discípulos tinham ficado tristes e tudo o mais que tinham vivido e sentiam.

Mas, mesmo a falar com Ele e sobre o que tinha acontecido com Ele, não o reconheciam. Porque seria?...

Alguns de vós estão, provavelmente, a pensar: Jesus bem podia dizer-lhes que era Ele quem estava ali a andar e a falar com eles. Mas não disse. Jesus sabia que, mesmo que lhes dissesse "Sou Jesus", eles não acreditavam, nem conseguiam reconhecê-lo.

Para o reconhecerem, Jesus tinha de fazer alguma coisa que mostrasse realmente quem Ele era. Só assim eles seriam capazes de o reconhecer.

E como foi que tudo se passou?... Eu vou ler-vos o resto da história. Para ouvirem com mais respeito, ponham-se de pé...

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Lucas:

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

Catequista:

...Então Jesus disse-lhes:

1º leitor:

**«Homens sem inteligência e lentos de espírito,
para acreditar em tudo o que os profetas anunciaram!
Não tinha o Messias de sofrer tudo isso
para entrar na sua glória?»**

Catequista:

**Depois, começando por Moisés e passando pelos Profetas,
explicou-lhes em todas as Escrituras
o que lhe dizia respeito.**

**Ao chegarem perto da povoação para onde iam,
Jesus fez menção de ir para diante.**

Mas eles convenceram-n'O a ficar, dizendo:

2º leitor:

**«Ficai connosco,
porque o dia está a terminar,
e vem caindo a noite.»**

Catequista:

Jesus entrou e ficou com eles.

(Leitura mais lenta:)

**E quando se pôs à mesa,
tomou o pão, recitou a bênção,
partiu-o e entregou-lho.**

Nesse momento abriram-se-lhes os olhos e reconheceram-no.

Mas Ele desapareceu da sua presença.

Disseram então um para o outro:

2º leitor:

**«Não ardia cá dentro o nosso coração,
quando Ele nos falava a caminho
e nos explicava as Escrituras?»**

Catequista:

Partiram imediatamente de regresso a Jerusalém e encontraram reunidos os Onze e os que estavam com eles, que diziam:

2º leitor:

«Na verdade, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão.»

Catequista:

E eles contaram o que tinha acontecido pelo caminho e como O tinham reconhecido ao partir o pão.

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

2. *Depois de as crianças se sentarem (e as velas voltarem ao seu lugar), o catequista, ainda da estante, pergunte:*

Afinal o que fez Jesus para que aqueles dois discípulos finalmente o reconhecessem? Foram duas coisas. Qual foi a primeira?...

Depois das respostas das crianças, o catequista levante a Bíblia e comente:

Para reconhecer Jesus, primeiro precisamos da Bíblia, também chamada Escrituras. É aqui, nas Escrituras ou Bíblia, que está escrito o que Deus fez e o que devia acontecer com Jesus para Ele ser mesmo o Messias, ou Ungido, ou Cristo: tinha de dar a sua vida por nós. Foi o que Ele fez, ao morrer por nós.

Quer dizer que, se nós não sabemos o que está na Bíblia, o que Deus nos diz nela, também não podemos saber quem Ele é e quem é Jesus.

Agora percebem por que é que Jesus primeiro teve que lhes mostrar, pelas Escrituras, quem Ele era e como Ele, depois de o matarem, ressuscitou.

Mas, mesmo assim, ainda não conseguiram reconhecê-lo. Mais tarde diziam que, ao ouvirem as explicações de Jesus, já lhes ardia o coração. Isto é, já estavam a perceber que o Messias devia ser alguém que os amava tanto, tanto, que até dava a vida por eles. O coração ardia ao ouvirem falar desse amor. Mas, chegava ouvir?...

3. *O catequista, deixando a Bíblia na estante, desloque-se para trás da mesa e, de lá, continue:*

Eu vim para aqui, para perceberem melhor a segunda coisa que Jesus fez, para os discípulos finalmente o reconhecerem.

Foi também à volta de uma mesa e durante uma refeição. Que fez Jesus aí?...

Pegou no pão (*o catequista faça o gesto*), deu graças a Deus por aquele pão (*o catequista levante os olhos para o alto*), partiu-o (*o catequista faça o gesto*) e deu um pedaço a cada um deles (*o catequista faça o gesto mas para as crianças*).

Digam lá: não tinha havido uma outra altura em que Jesus fizera o mesmo?... Exacto: na última Ceia. Fez o mesmo e disse: "Isto é o meu Corpo entregue por vós. Este é o meu Sangue, o Sangue da nova e eterna Aliança, derramado por vós e por todos para remissão dos pecados".

Pois bem, era exactamente o mesmo que estava agora a fazer com aqueles dois viajantes. Só que, agora, o gesto e as palavras de Jesus tinham ainda mais significado. É que Ele já tinha entregado o seu Corpo na cruz e derramado o seu Sangue na sua morte.

E nós sabemos por que Ele o fez: porque os amava, porque nos ama, a nós e a todos. Jesus ressuscitado estava ali, diante deles (*aponte para as crianças*), a mostrar-lhes todo o seu amor, aquele amor com que dera a vida por nós, na cruz.

E então, sim, abriram-se os seus olhos e reconheceram Jesus. Reconheceram-no, não apenas por O terem ouvido, a partir das Escrituras, mas, principalmente, por O terem visto e sentido a amá-los, como Messias.

E ficaram tão, tão contentes, que, mesmo de noite, voltaram para Jerusalém a dar a boa notícia aos outros.

Mas aconteceu que, depois de reconhecerem Jesus, Ele desapareceu. Outro motivo para voltarem a ficar tristes, não é? Mas não, ficaram mesmo, mesmo muito contentes. Eles e os outros a quem foram dar a notícia.

Porque será que eles, apesar disso, ficam tão contentes, tão felizes?...

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Olhem ali para o placar...

Para a 1ª Alternativa da Experiência Humana:

Vejam como vós estais felizes!...

O catequista, com base no que está escrito nas cartolinas, refira alguns dos aspectos dessa felicidade, sobretudo os que têm a ver com a Eucaristia propriamente dita.

Estais felizes, porque recebestes Jesus; porque Ele disse, para cada um de nós: "Tomai e comei, isto é o meu Corpo; tomai e bebei, este é o meu Sangue."

Disse-o para ti (*nome de uma criança*), para ti (*nome de outra criança*), para todos e cada um de nós.

Disse-o no altar, parecido com esta mesa: disse que nos ama e deu-nos mesmo o seu Corpo e o seu Sangue, no pão e no vinho.

E quando comungámos o Corpo e o Sangue de Jesus, experimentámos ainda mais o seu amor. Ficámos a vê-lo com os olhos do nosso coração. E isso chega. O mais importante não é vê-lo com os olhos da cara. O mais importante é senti-lo no nosso coração: sentir como Ele nos ama.

Para a 2ª Alternativa da Experiência Humana:

O que está representado, ali no centro?... Jesus a fazer o mesmo que fez com aqueles dois discípulos.

E faz isso em cada Eucaristia. Diz a todos os que lá estão: "Tomai e comei, isto é o meu Corpo; tomai e bebei este é o meu Sangue". Diz a ti... a ti... a ti... (*nomes das crianças a quem se dirige*).

E, ao dizer isto, diz que nos ama. Dá o seu Corpo e Sangue por nós.

E quando vós comungardes o Corpo e Sangue de Jesus, então o seu amor estará ainda mais no vosso coração. Não o vemos com os olhos da cara. Mas, sentimo-lo no nosso coração. E isso é o mais importante: sentirmos que Jesus nos ama tanto, que entra, com o seu Corpo e Sangue, com o seu amor, dentro de nós. Isso basta, para nos sentirmos felizes.

Para as duas alternativas:

Por isso, aqueles dois discípulos que iam para Emaús, já não se importaram que Ele tivesse desaparecido da sua vista. Afinal Ele tinha ficado com Eles, vivo no seu coração.

Como se passa o mesmo connosco em cada Eucaristia, eu acho que devíamos agradecer a Jesus, pelo seu amor, pelo pão vivo que nos dá. E o melhor é agradecer-lhe a cantar.

O catequista ensaie a 2ª estrofe do cântico:

"Nós te agradecemos (o Pão vivo)"

Depois de o ensaiar, convide as crianças a cantá-lo, de pé e voltadas para o crucifixo (que pode ser elevado por uma das crianças) e erguendo para ele os braços.

2. Mas, na Missa, Jesus faz connosco também a outra coisa que fez com aqueles dois discípulos. Lembrem-se do que foi?...

O catequista peça a uma criança que, colocando-se atrás da estante, levante a Bíblia, e convide todas a cantar, do mesmo modo, a 1ª estrofe do cântico:

"Nós te agradecemos (a Palavra)"

3. Podem sentar-se...

Que belo! Jesus fez connosco o que faz desde que ressuscitou.

– Primeiro fala-nos através da Bíblia. Sabem como chamamos a esta parte especial da Missa?...

O catequista peça a uma criança que segure no dístico "LITURGIA DA PALAVRA", o mostre às outras crianças e o afixe na parte da frente da faixa que cobre a estante.

Depois comente:

Liturgia quer dizer serviço, o fazer bem. Na primeira parte da Missa nós servimos a palavra, escutando-a com o coração e procurando que ela nos faça bem: a palavra que Jesus nos diz, nas leituras, e depois nos explica, através do sr. Padre.

– E, se estivermos atentos, ficamos mais bem preparados para a segunda parte da Missa, que tem um outro nome. Vamos ver qual é.

*O catequista convide outra criança a pegar no **dístico "LITURGIA EUCARÍSTICA"**, a mostrá-lo às outras e a afixá-lo na parte da toalha de mesa que pende para a frente.*

Depois comente:

É uma parte da Missa ainda mais especial: "Eucarística" vem de Eucaristia. E que significa Eucaristia?... Acção de graças.

É nesta parte da Missa, em cima e em volta da mesa do altar, que mais agradecemos a Deus por tudo o que Ele nos faz e nos dá: principalmente, por Jesus, que nos oferece o seu Corpo e o seu Sangue.

E que acontece então connosco?...

4. É o mesmo que aconteceu com os dois discípulos de Emaús.

Lembram-se de Jesus, quando chegaram ao fim da viagem, fazer que ia continuar a andar, embora fosse já de noite. E que lhe disseram eles? ... "Ficai connosco!" E Jesus ficou mesmo. Mais do que eles esperavam. Não entrou apenas em casa, mas deu-lhes o seu Corpo e o seu Sangue...para sempre. Ficou com eles para sempre.

Pois bem, Ele fica connosco, sempre que, na Eucaristia, escutamos a sua Palavra e recebemos o seu Corpo.

E assim ajuda-nos a viver como Ele: a amar-nos mais uns aos outros, a sermos todos o seu Corpo, a sua Igreja.

Vamos agradecer-lhe outra vez, por isso, e por tudo o que nos ensinou nesta catequese. Fazemos assim: cantaremos o cântico "Nós te agradecemos". Mas, antes de cantarmos cada vez, mostraremos ao Senhor como já sabemos de que modos Ele fica connosco. Depois é que agradecemos, cantando, por Jesus ficar connosco na Palavra, no Pão e na Igreja.

Vamos fazê-lo com muita alegria, como aqueles dois discípulos. Para isso, ponham-se de pé... e, quando cantarmos, não se esqueçam de levantar as mãos para Ele. Antes, façamos silêncio...

Catequista:

**Senhor, Tu ficas connosco,
sempre que ouvimos a tua Palavra e a pomos em prática.
Por isso, Te agradecemos:**

Todos (cantando):

"Nós Te agradecemos...a palavra que nos deste."

Catequista:

**Senhor, Tu ficas connosco,
sempre que nos dás o teu Corpo, o pão vivo que nos alimenta com o teu amor.
Por isso, Te agradecemos:**

Todos (cantando):

"Nós Te agradecemos... o pão vivo que nos deste."

Catequista:

**Senhor, Tu ficas connosco,
na Igreja em que nos ajudas a amarmo-nos uns aos outros, como Tu nos amas.
Por isso, Te agradecemos:**

Todos (cantando):

"Nós Te agradecemos... a Igreja que nos deste."

Catequista:

**Que o Senhor, nosso Deus, nos abençoe: (*benzendo-se*)
Pai, Filho e Espírito Santo.**

Todos:

Amen.

5. Compromisso

Agora não se esqueçam da responsabilidade nova que acabam de receber: tendo percebido, como os discípulos de Emaús, o que significa Jesus ficar sempre connosco, não podemos deixar de lhe responder e de lhe agradecer essa graça tão maravilhosa. E vamos fazê-lo com um compromisso, que não vai ser só para esta semana, mas para toda a nossa vida: participar, com alegria e bom coração, na Missa de Domingo.

Se houver, na paróquia, uma Missa mais orientada para as crianças, o catequista convide-as a participar; ou, se não for possível, pode sugerir que se encontrem, com ele ou ela, numa determinada celebração.

Até porque é lá que se passa tudo o que nós acabámos de agradecer ao Senhor: a Liturgia da Palavra (*apontar o dístico*) e a Liturgia Eucarística em que recebemos Jesus, o Pão vivo (*dístico*). Também recordamos no catecismo o que estivemos a descobrir (*mostrar na página 104 e indicar as tarefas de pintura dos desenhos e das letras e o compromisso de participar, sempre, na eucaristia*).

Para o próximo Domingo, convidem os pais (e/ou outros familiares) para irem convosco. Mas, antes, podem explicar-lhes como decorre a Missa, para também eles verificarem como vós já percebeis tudo melhor.

Não se esqueçam. Na próxima catequese contarão como foi.

Até lá:

Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

Crianças:

Graças a Deus.

Para guardar na memória e no coração

A Santa Missa é composta de duas partes:

Na Liturgia da Palavra escutamos a Palavra de Deus;

Na Liturgia Eucarística, Jesus oferece-nos o seu Corpo e o seu Sangue.

CELEBREMOS O DIA DO SENHOR

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Do Sábado...

"Fim-de-semana" é hoje a expressão talvez mais corrente, mesmo entre nós, para indicar o Sábado e o Domingo. Se englobasse só o Sábado, não estaria errada. Mas o Domingo situa-se no início, não no fim da semana. Basta vermos que, ao dia que se lhe segue, chamamos "Segunda-Feira" e não "Primeira".

Mas, mais do que uma questão de linguagem, o pior está no que ela exprime: no modo de pensar e agir que, na prática, faz do Domingo um simples Sábado: conforme uma possível etimologia do termo "sábado", um mero tempo de "descanso", que, segundo o Papa João Paulo II, é "passado, talvez, longe da morada habitual e caracterizado, com frequência, pela participação em actividades culturais, políticas e desportivas, cuja realização coincide precisamente com os dias festivos" (Carta Apostólica *Dies Domini* 4).

Não é que isso seja um mal. Pelo contrário: ainda segundo o Papa, "pode contribuir, no respeito de valores autênticos, para o desenvolvimento humano e para o progresso no conjunto da vida social. Isto é devido, não só à necessidade do descanso, mas também à exigência de «festejar» que está dentro do ser humano." O perigo é se o Domingo não passa disso. Então, "pode acontecer que o homem permaneça num horizonte tão restrito, que não mais consiga ver o «céu». Assim sendo, ainda que bem trajado, torna-se intimamente incapaz de «festejar»" (Ibidem).

No fundo, é já para esse perigo que o AT alerta, acerca do Sábado. Deus criou o Sábado, na medida em que nele *repousou de todo o trabalho por Ele realizado e o abençoou e santificou* (Gn 2, 2-3). Isto é, foi pelo repouso que Deus abençoou e santificou o Sábado, o reservou para Si, para ser um verdadeiro dia de bênção: o dia em que o ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1, 26), descansa como Ele e em união com Ele. Descansa para, livre de actividades laborais, contemplar a obra da criação, em que colabora, e ver como ela é *muito boa* (Gn 1, 31). E, na medida em que se deixe guiar pelo olhar de Deus, (re)adquire as necessárias orientações e energias

para, no dia seguinte, retomar o seu trabalho e, com ele, produzir uma obra que seja, também ela, "muito boa". Sê-lo-á, se nela desenvolver as suas qualidades pessoais – em vista do bem comum.

Este último aspecto sobressai mais de uma outra fundamentação do descanso de Sábado: a que faz dele "o memorial da libertação de Israel do Egipto" (CIC 2170): *Recorda-te de que foste escravo no país do Egipto, de onde o Senhor, teu Deus, te fez sair com mão forte e braço poderoso. É por isso que o Senhor, teu Deus, te ordenou que guardasses o dia de Sábado* (Dt 5, 15).

Foi assim que "Deus confiou a Israel o Sábado, para ele o guardar em *senal da Aliança inviolável*", celebrada como necessário complemento da libertação do Egipto. "O Sábado é para o Senhor, santamente reservado ao louvor de Deus, da sua obra criadora e das suas acções salvíficas a favor de Israel (...). É um dia de protesto contra as servidões do trabalho e o culto do dinheiro" (CIC 2171-2172).

Nada disto foi abolido, antes foi confirmado e até intensificado, quando, entre os cristãos, se deu a passagem do Sábado:

2. Ao Domingo...

Todos os quatro Evangelhos situam no *primeiro dia da semana* as primeiras aparições de Cristo ressuscitado: o dia em que as testemunhas oculares começaram a experimentar os efeitos vivificantes do acontecimento humanamente mais desejado – a vitória definitiva sobre a morte e tudo o que a ela conduz, em Cristo glorioso. Por isso, "este dia tornou-se para os cristãos o primeiro de todos os dias, a primeira de todas as festas, o dia do Senhor (*dies dominica*), o «Domingo»" (CIC 2174).

Até o novo nome aparece já no NT. Foi *no dia do Senhor* que o autor do Apocalipse teve a maravilhosa visão que descreve no seu livro (Ap 1, 10). Antes disso, foi *no primeiro dia da semana* que Paulo e seus acompanhantes se reuniram com os cristãos de Tróade *para partir o pão*, isto é, para a celebração eucarística da última Ceia do Senhor (Act 20, 7). E aos cristãos de Corinto recomenda que entreguem o seu contributo para a colecta em favor da comunidade mãe de Jerusalém *no primeiro dia da semana*, provavelmente em ligação com a celebração da Eucaristia (1 Cor 16, 2).

Quer isto dizer que "a «Ceia do Senhor» é o centro, porque é nela que toda a comunidade dos fiéis encontra o Senhor ressuscitado, que os convida para o seu banquete (cf. Jo 21, 12; Lc 24, 30)" (CIC 1166). E, sendo a Eucaristia que faz a "Igreja", até no sentido etimológico de "assembleia convocada" pelo Senhor, então o Domingo é também, por excelência, o dia da Igreja. Escreve o Papa João Paulo II que "a dimensão eclesial da Eucaristia realiza-se todas as vezes que esta é celebrada. Mas, com maior razão, exprime-se no dia em que toda a comunidade é convocada para relembrar a ressurreição do Senhor" (DD 32). Nessa perspectiva, acrescenta alguns aspectos identificativos e constitutivos da vida da Igreja que se manifestam particularmente na Eucaristia dominical e/ou dela nascem: a "unidade" entre os seus membros, na comunhão de um só Corpo (cf. 1 Cor 10, 17; 11, 17-34); a condição de "povo peregrino" que anseia pela última

vinda do Senhor; a participação na "mesa da Palavra" e na "mesa do Corpo de Cristo" (cf. *Ibidem* 36-44).

Neste contexto, também o descanso dominical, só permitido a partir do séc. IV, ganha novos contornos: a libertação do trabalho, com a sua dureza e monotonia, é completada por um convívio muito mais sã e reconfortante, porque fundamentado em laços fraternos, reforçados pelo encontro familiar à volta do mesmo altar, de onde se recebe o pão que nos dá Aquele que, nele, dá a vida por todos. Um descanso, certamente, com efeitos:

3. Pelos dias da semana

É estranho, pelo menos à primeira vista, que, entre nós, aos dias da semana, de Segunda a Sexta, se chame "Feira" – um termo que, segundo a sua origem latina *Feria*, significa repouso. Isto é, os habituais dias de trabalho são, de acordo com esta etimologia, dias de descanso. Seja qual for a história etimológica, pode ver-se, por detrás desta denominação, um dos resultados do repouso dominical cristão.

De facto, ainda segundo João Paulo II, "graças ao descanso dominical, as preocupações e afazeres quotidianos podem reencontrar a sua justa dimensão: as coisas materiais, pelas quais nos afadigamos, dão lugar aos valores do espírito; as pessoas com quem vivemos, recuperam, no encontro e diálogo mais tranquilo, a sua verdadeira fisionomia.

As próprias belezas da natureza – frequentemente malbaratadas por uma lógica de domínio, que se volta contra o homem – podem ser profundamente descobertas e apreciadas" (DD 67).

Na mesma perspectiva, Bento XVI cita a expressão de Santo Inácio de Antioquia, para quem os cristãos são aqueles que vivem "segundo o domingo", e comente-a assim: "Esta expressão (...) põe claramente em evidência a ligação entre a realidade eucarística e a vida cristã no seu dia-a-dia", sublinhando "o valor paradigmático que este dia santo tem para os restantes dias da semana. De facto (...), os cristãos sempre sentiram este dia como o primeiro da semana, porque nele se faz memória da novidade radical trazida por Cristo. Por isso, o Domingo é o dia em que o cristão reencontra a forma eucarística própria da sua existência, segundo a qual é chamado a viver constantemente: «viver segundo o domingo» significa viver consciente da libertação trazida por Cristo e realizar a própria existência como oferta de si mesmo a Deus, para que a sua vitória se manifeste plenamente a todos os homens através duma conduta intimamente renovada" (Sa Ca 72).

E, em relação ao trabalho, o repouso dominical "constitui uma *relativização do trabalho*, que tem por finalidade o ser humano: o trabalho é para o ser humano e não o ser humano para o trabalho. (...) O trabalho reveste uma importância primária para a realização do ser humano e o progresso da sociedade; por isso, torna-se necessário que aquele seja sempre organizado e realizado no pleno respeito da dignidade humana e ao serviço do bem comum. Ao mesmo tempo, é indispensável que o ser humano não se deixe escravizar pelo trabalho, que não o idolatre, pretendendo achar nele o sentido último e

definitivo da vida. É no dia consagrado a Deus que o ser humano compreende o sentido da sua existência e também do seu trabalho" (Ibidem 74).

Razão tinha, por isso, um autor cristão do séc. IV que classificava o "dia do Senhor" como o "Senhor dos dias". Não só porque é o mais importante, mas, possivelmente, também porque da sua vivência – na entrega ao Senhor Jesus Cristo, nesse dia – se vivem todos os outros dias da semana, para que sejam dias de uma vida sem fim.

OBJECTIVOS

- Descobrir que o Domingo é o dia do Senhor Ressuscitado;
- Celebrar o Domingo na escuta da Palavra, na comunhão fraterna e na fracção do pão;
- Viver de tal modo o Domingo, que a sua luz se irradie por todos os outros dias da semana.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese, sobre o Domingo, aparece na sequência e como complemento necessário das catequese anteriores sobre a Eucaristia. O Domingo nasceu para a celebração da ressurreição do Senhor, sacramentalmente actualizada sobretudo pela Eucaristia. Esta ligação é transmitida particularmente no princípio e no fim da catequese: o mesmo cântico inicial, com que se agradecem os principais dons eucarísticos, é retomado no final, mas juntando um quarto dom – o do Domingo. Além disso, a sala está disposta exactamente como na catequese anterior.
2. Deste modo, procure-se também que a catequese mantenha o teor vivencial, próprio de cada celebração eucarística. Para isso, propõe-se que as crianças sejam participativas: nas leituras propostas e, particularmente, pelo canto e pela oração.

MATERIAIS

- Estante (catequese anterior);
- Faixa para cobrir a estante (catequese anterior);
- Toalha branca para cobrir a mesa (catequese anterior);
- Duas velas (catequese anterior);
- Um crucifixo (catequese anterior);
- Dísticos "LITURGIA DA PALAVRA" e "LITURGIA EUCARÍSTICA" (catequese anterior);
- Cartolina recortada e decorada em forma de sol, com nove "raios" (Documento 1);
- Seis cartolinas, da mesma cor, recortadas em redondo, cada uma com um dos dias da semana (Documento 1);
- Dísticos "Ensino dos Apóstolos", "Fracção do Pão e Orações" e "Comunhão fraterna" (Documento 1);
- Dístico "DOMINGO", com as letras em várias cores (Documento 1);
- Dístico "DIA DO SENHOR" em papel recortado como uma fita (Documento 1);
- Bíblia.

MÚSICAS

- "Nós te agradecemos" (com uma 4ª estrofe – ver Expressão de Fé);
- "Hoje é dia de festa".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala

- O **placar**: com uma cartolina com a imagem do sol e nove raios de luz (ver Documento 1).
- A **mesa**: como no final da catequese anterior, um pouco deslocada para a frente; coberta com uma toalha branca, uma vela acesa, de cada lado, e o crucifixo, ao centro; pendurado, na parte da frente da toalha, o dístico "LITURGIA EUCARÍSTICA".
- Uma **estante**, também como no final da catequese anterior, coberta por uma faixa branca, com a Bíblia e, pendurado na parte da frente, o dístico "LITURGIA DA PALAVRA".
- As **cadeiras** dispostas em semicírculo (como na catequese anterior).

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Então, foram à Missa no Domingo passado (ou, neste)?...

E digam lá: foi, ou não, como nós aprendemos aqui, na última catequese?...

Então, temos mais razão para cantar o cântico que aprendemos, aqui na catequese. Depois do que recebemos do Senhor na Eucaristia podemos e devemos agradecer-lhe a Palavra (*aponte a estante*), o Pão vivo (*aponte o altar*) e a Igreja (*aponte para as crianças*) que Ele nos deu.

Vamos fazer assim: dois de vós (*diga os nomes*) vêm aqui à frente, um para pegar na Bíblia e o outro no crucifixo.

- Quando agradeceremos pela Palavra, o que tem a Bíblia levanta-a;
- Quando agradeceremos pelo Pão vivo, é o que tem o crucifixo que o levanta.
- Quando agradeceremos pela Igreja, damo-nos, todos, as mãos.

Então preparemo-nos, ponde-vos de pé... e cantemos a pensar no que o Senhor nos deu na Eucaristia de Domingo:

"Nós te agradecemos"... (*as 3 estrofes*)

2. Depois de as crianças se sentarem:

Ainda temos mais uma coisa para agradecer ao Senhor. Mas isso tendes de ser vós a descobrir.

Olhem para o placar e vejam se conseguem perceber... O que é que aquilo nos mostra, algo que também devemos agradecer ao Senhor?...

É provável que as crianças comecem por dizer que é o sol; outras, talvez, que seja o Senhor, com base nas primeiras catequese deste ano. O catequista limite-se a concluir:

Para ver se estão certos ou não, vamos fazer assim:

1ª

Alternativa

Grupo grande

O catequista divide o grupo em seis pequenos grupos (com o mínimo de duas crianças por grupo) e entregue a cada grupo uma de seis **cartolinas**, recortadas circularmente, cada uma com um dos **nomes dos seis dias da semana, de Segunda-Feira ao Sábado**. Peça a cada grupo que, escreva na respectiva cartolina, o que os membros do grupo fazem habitualmente nesse dia da semana. Escrevem apenas o que é, mais ou menos, comum a todos, procurando não ir além de duas ou três ocupações por dia.

No final (depois de o máximo de 10 minutos), um porta-voz de cada grupo vai apresentando as ocupações escritas, começando pela Segunda-Feira e terminando no Sábado. À medida que cada criança apresenta a respectiva cartolina, pode afixá-la (com a ajuda do catequista) na ponta de cada um dos "raios" solares superiores do "Sol", pintado na cartolina afixada no placar, começando pelos raios da esquerda (ver Documento 1).

2ª

Alternativa

Grupo pequeno

O catequista comece por perguntar às crianças o que fazem habitualmente à Segunda-Feira e peça a uma delas que escreva na respectiva cartolina, com o nome do dia, duas ou três ocupações. Depois convide a criança a afixá-la na ponta do "raio" superior esquerdo do "Sol", já afixado no placar. Segue-se o mesmo para cada um dos restantes dias da semana, terminando no Sábado (ver Documento 1).

3. Então é isto o que fazeis de Segunda-Feira a Sábado.

Pode ler uma ou outra ocupação, procurando uma que, possivelmente, agrade e outra que desagrade às crianças. Depois pergunte:

Destas ocupações, qual é a que vos custa mais a fazer?...

Depois de se exprimirem:

Portanto, nem sempre é fácil fazerem estas coisas. Por exemplo, terem de se levantar cedo, para irem para a escola (ou outra coisa indicada).

Mas, agora digam-me: não há um outro dia da Semana de que vós gostais mesmo? Um dia especial, que todos sempre desejamos que chegue?

O catequista afixe, no centro do "Sol", o **dístico "DOMINGO"**, cujas letras podem ser de várias cores. Depois comente:

Também para mim, é este o melhor dia da semana.

Vamos, primeiro, saber o que é que faz dele o melhor dia da semana. Que fazemos nós ao Domingo que tanto nos agrada? Digam lá...

Até o nome é diferente dos nomes dos outros. Em regra, devia chamar-se "Primeira-Feira", já que vem antes da "Segunda-Feira". Por que razão lhe chamamos Domingo? *O catequista, depois de escutar as crianças, conclua, adaptando-se às suas respostas:* Mas porque será que fazemos tudo isso (*indicar algumas coisas ditas*) ao Domingo e não noutra dia da semana? O que é que fez que o Domingo, que antigamente tinha outro nome, se passasse a chamar Domingo? Que quer dizer a palavra "Domingo"?

II. PALAVRA

1. Eu conheço um **cântico** que mostra isso mesmo: o que significa "Domingo" e o que faz dele o dia mais importante da semana. Às vezes até se canta no princípio da Missa do Domingo. Ouçam lá: (*O catequista cante*)

"Hoje é dia de festa" (*1ª estrofe e refrão*)

Hoje, aqui, é o Domingo. É dia de festa porquê?... Porque o Senhor ressuscitou. Lembram-se da história que ouviram na última catequese: aquela em que Jesus ressuscitado apareceu àqueles dois discípulos que iam a caminho de Emaús?

Pois bem, aquele encontro foi no primeiro dia da semana. Foi nesse dia que eles descobriram que Jesus tinha ressuscitado. E ficaram tão contentes que, se fosse hoje, cantaríamos também (*o catequista canta de novo*):

"Hoje é dia de festa" (*1ª estrofe e refrão*)

E o que sucedeu com aqueles dois discípulos, aconteceu também com outros. Também a muitos outros, Jesus ressuscitado apareceu no primeiro dia da semana.

Por isso é que eles mudaram o nome daquele dia. Passaram a chamar-lhe... como é que nós cantamos?...

*O catequista afixe, ao fundo do placar, o **dístico**, em tira de papel, "DIA DO SENHOR" e explique:*

"Domingo" é uma palavra que significa (*leia o dístico*) "Dia do Senhor". E é o dia do Senhor, porque foi nesse dia que descobriram, pela primeira vez, que o Senhor ressuscitou.

Querem, agora, cantar comigo?... Então ponham-se de pé... e até podemos cantar, balanceando o nosso corpo:

"Hoje é dia de festa" (*1ª estrofe e refrão*)

2. *Depois de se sentarem, o catequista diga:*

Portanto, o dia mais importante, para nós, é o Domingo, o dia do Senhor, o dia em que celebramos, de modo especial, a ressurreição de Cristo.

E que fazemos nós ao Domingo, para celebrarmos a ressurreição de Cristo?...
O que vós há pouco dissestes já faziam os discípulos de Jesus, depois de ele ressuscitar, e a seguir, com eles, também os outros cristãos. *(Se for o caso:)* Mas há outras que vós não dissestes e que nós hoje também devemos fazer, de modo especial ao Domingo. Querem ouvir?

O catequista, ou uma criança que leia relativamente bem, dirija-se para a estante, abra a Bíblia em Act 2, 42 e leia, lentamente:

Leitura dos Actos dos Apóstolos:

**Os irmãos eram assíduos
ao ensino dos Apóstolos,
à comunhão fraterna,
à fracção do pão e às orações.**

Palavra do Senhor.

Crianças:

Graças a Deus.

3. Vejamos, então, se nós hoje, ao Domingo, fazemos tudo o que faziam os primeiros cristãos. Eram três coisas.

Para mostrar a primeira, convido o/a *(nome de uma criança)*.

A criança dirija-se para a frente do grupo, coloque-se por trás da estante, e o catequista entregue-lhe a folha com o dístico "Ensino dos Apóstolos". A criança primeiro leia o dístico e, depois, mostre-o às restantes. O catequista, então, pergunte:

Será que, também nós, ao Domingo, somos assíduos, ao Ensino dos Apóstolos?...
Pensem um bocadinho... E agora digam...

Depois de as crianças se exprimirem e, conforme as respostas, o catequista confirme e/ou acrescente:

Na Missa... Estão a ver onde se encontra o/a *(nome da criança com o dístico)*. É de um lugar como aquele – o ambão – que, na Missa, se lê a Bíblia. E é da Bíblia que os Apóstolos nos ensinam. E depois o sr. Padre explica o que foi lido.

Mas, não é só na Missa que, ao Domingo, escutamos os Apóstolos e Jesus. Também na catequese. *(Se for o caso:)* É ao Domingo que nós temos catequese *(ou: que muitos meninos têm catequese)*.

E, depois, em suas casas, há muitos cristãos que aproveitam o Domingo para ler a Bíblia ou outros livros, jornais, revistas, que falam de Deus. Alguns vêem também na televisão ou escutam na rádio.

E há meninos que aproveitam o Domingo para lerem e estudarem o catecismo.

Portanto, também nós, ao Domingo somos assíduos ao ensino dos Apóstolos. Então vamos colocar no placar junto do Domingo.

O catequista convide a criança, com o dístico "Ensino dos Apóstolos", a afixá-lo na ponta do "raio" de sol, esquerdo.

4. Para explicarmos a segunda coisa que os primeiros cristãos faziam, convido-o/a (*nome da criança*)

Também ela vá à frente, mas coloque-se do lado da mesa oposta à estante, onde recebe o dístico "Comunhão fraterna". Leia-o e, depois, mostre-o às restantes. O catequista comente:

"Comunhão fraterna" quer dizer que se amavam e viviam unidos, como bons irmãos.

Será que nós também fazemos isso hoje, ao Domingo? Pensem um pouco... e digam lá. *Depois de as crianças se exprimirem, o catequista confirme e/ou acrescente:*

Na Missa também nos juntamos como irmãos, saudamo-nos e até pedimos perdão uns aos outros pelo mal que fazemos.

E fora da Missa?... Há muitos cristãos que vão visitar doentes, idosos. Alguns até lhes levam Jesus na Hóstia consagrada. São os Ministros Extraordinários da Comunhão (se os houver, que sejam conhecidos das crianças, o catequista pode nomeá-los).

Além disso, temos mais tempo para estar com a família, com os amigos.

Divertimo-nos, até, no desporto, que é uma experiência muito saudável de estarmos juntos.

Portanto, também nós ao Domingo, procuramos mais viver em comunhão fraterna.

A criança, com o dístico "comunhão fraterna", afixe-o no placar, na ponta do "raio" direito.

5. Para mostrar a terceira coisa que os primeiros cristãos faziam, pode vir o/a (*nome da criança*).

Coloque-se por trás da mesa, onde recebe o dístico "Fracção do Pão e Orações".

Depois de o ler, mostre-o às outras. O catequista explique:

Sabem o que significa "Fracção do Pão"?... É o que o sr. Padre faz no altar. É ali que ele parte o pão da Eucaristia: o pão em que está o Corpo de Cristo. Por isso também se chama à Eucaristia a "Fracção do Pão". E nós, durante esse momento muito importante, rezamos unidos a Ele. E comungamos Jesus.

É o mais importante que fazemos ao Domingo. Porque, se não formos à Eucaristia para receber Jesus e lhe rezarmos, falta-nos graça, o amor de Deus que nos dá coragem para sermos mais amigos uns dos outros, dos pobres, dos doentes; e deixamos de escutar e aprender o que devemos saber – o ensino dos Apóstolos.

Por isso, por ser o mais importante, vamos colocar no meio do placar as palavras "Fracção do Pão e Orações".

A criança coloque o dístico na ponta do "raio" que está no centro.

Depois, o catequista convide as crianças:

Agora, podemos cantar ainda com mais alegria o **cântico** sobre o Domingo, o dia do Senhor, o maior dia de festa de toda a semana.

Então ponham-se de pé... Em sinal da nossa união fraterna, demo-nos as mãos... Levantemo-las para o alto... E cantemos, balanceando o nosso corpo:

"Hoje é dia de festa" (1ª, 2ª e 3ª estrofes, conforme o tempo que houver)

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Depois de as crianças se sentarem:*

Olhemos, outra vez, para o placar...

Porque será que o Domingo está representado como se fosse o Sol?... Alguém é capaz de adivinhar?...

Depois de ouvir as crianças, o catequista, conforme as respostas, comente:

O Domingo está representado como se fosse o sol, por duas razões:

- Primeiro, porque era assim que antigamente se chamava o Domingo, era o "Dia do Sol". Ainda hoje se diz, por exemplo, em Inglês. Alguém sabe como é?... "Sunday". "Sun" é "Sol" e "day" é "dia". Só que, o verdadeiro Sol que a todos ilumina, é o Senhor. E "Domingo" significa o quê?... "Dia do Senhor".
- Segundo: o que será que o Domingo ilumina?... Olhem para os restantes dias da semana e o que fazemos nesses dias (*o catequista pode indicar algumas das atividades mencionadas pelas crianças*).

Pois bem, o que nós fazemos durante a semana e que às vezes, até custa tanto a fazer, com a luz do Domingo é mais bem feito. Por exemplo: na escola, no trabalho, estamos mais atentos, ajudamo-nos mais uns aos outros, porque, ao Domingo, o Senhor nos dá força para isso. Em casa, procuramos ser mais amigos dos nossos familiares, porque o Senhor nos ensina, sobretudo ao Domingo, a sermos assim. É mais fácil perdoar, porque ao Domingo Jesus nos dá força para isso. E não nos esquecemos tanto de rezar todos os dias.

E, para tudo isto, alguns cristãos até durante a semana vão à Missa. Todos os dias ou algumas vezes.

2. Concluindo: o Domingo é mesmo um grande presente que o Senhor nos dá. Além da Palavra, do Pão e da Igreja, o Domingo é mesmo uma oferta, uma graça do Senhor. Porque é ao Domingo que mais ouvimos a Palavra, recebemos o Pão vivo e nos tornamos Igreja.

Então, eu proponho que agradeçamos ao Senhor tudo isso, como fizemos no princípio da catequese. Só que agora, juntamos o "Domingo" aos três dons do Senhor – à Palavra, ao Pão vivo e à Igreja¹⁶.

¹⁶ Letra do cântico registada na página 107 do catecismo.

Para isso, ponham-se de pé...E, quando cantarmos, elevemos as nossas mãos para Deus. Mas, primeiro, façamos um bocadinho de silêncio...

Catequista:

**Senhor,
pela Palavra que hoje e em cada Domingo nos deste,
nós te damos graças:**

Todos (cantando):

"Nós te agradecemos... a Palavra que nos deste."

Catequista:

**Pelo Pão vivo
que nos deste no passado Domingo (ou hoje) e em cada Domingo,
nós te damos graças:**

Todos (cantando):

"Nós te agradecemos... o Pão vivo que nos deste."

Catequista:

**Pela Igreja,
em que somos todos irmãos uns dos outros, em comunhão fraterna,
nós te damos graças:**

Todos (cantando):

"Nós te agradecemos...a Igreja que nos deste."

Catequista:

**Pelo Domingo,
o dia em que mais celebramos o teu amor na tua santa morte e ressurreição,
nós te damos graças:**

Todos (cantando):

"Nós te agradecemos...o Domingo que nos deste."

3. Depois de se sentarem:

Vimos que o Domingo ilumina toda a semana. Tanto, que a véspera do Domingo não se chama "Sétima Feira", mas Sábado. Sabem porquê?

Primeiro, porque a palavra "Sábado" significa "descanso". E, de facto, ao Sábado muita gente já não trabalha. Para vós, já não há escola. Portanto, ao Sábado, começamos já a fazer o que depois continua no Domingo.

E o Domingo, para os cristãos, começa, mesmo, ao Sábado de tarde. Muitos cristãos é ao Sábado de tarde ou á noite que participam na Eucaristia. E nalgumas terras, a catequese é ao Sábado.

Vemos, portanto, como o Domingo é grande: dura um dia e meio e ilumina toda a semana!

4. Compromisso

Para que assim seja, proponho-vos uma coisa, para esta semana:

Que em cada dia, de Segunda-Feira a Sábado, cada um faça alguma das três coisas que devemos fazer ao Domingo: alguma coisa em que mostramos que Jesus é mesmo nosso amigo e amigo de todos, conforme aprendemos e vivemos sobretudo ao Domingo. Este é o nosso compromisso.

Para não se esquecerem, registem no vosso Catecismo o que fizeram em cada dia (*o catequista pode indicar a página 108 e mostrar o espaço reservado para os registos diários das crianças*).

E agora:

Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

Crianças:

Graças a Deus.

Para guardar na memória e no coração

O Domingo é o dia do Senhor.

DOCUMENTO 1

Painel a construir, no decurso da catequese:

DOMINGO

(letras em diferentes cores)



PADRES PARA SERVIR

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O Padre

Entre nós, é este provavelmente, o título mais corrente, dado ao detentor do segundo dos três graus da hierarquia ministerial, entre o Diácono e o Bispo. É, de todos os outros títulos, talvez o mais significativo.

Sacerdote, originariamente composto de *sacer* (sagrado) e *dare* ou *dotare* é, à letra, o que tem o poder de dar “o sagrado”, como mediador – na dupla perspectiva, ascendente e descendente – entre Deus, sagrado e transcendente, e o povo. Para os cristãos, é uma dignidade que, na sua plenitude, só a Cristo é reconhecida. É Ele o “único «Sumo-Sacerdote segundo a ordem de Melquisedec» (Heb 5, 10; 6, 20), «santo, inocente, sem mancha» (Heb 7, 26), que «com uma única oblação, tornou perfeitos para sempre os que foram santificados» (Heb 10, 14), isto é, pelo único sacrifício da cruz”... «Só Cristo é verdadeiro sacerdote, sendo os outros seus ministros» (S. Tomás de Aquino)” (CIC 1544-1545).

Presbítero é a adaptação portuguesa do correspondente termo grego que, na origem, é um comparativo e significa o “mais ancião”. Uma vez que, desde sempre, são os idosos, pela sua experiência de vida, os que mais merecem ser ouvidos, o título foi dado às pessoas que, mesmo sem idade avançada, eram suficientemente peritas e sensatas para integrarem o presbitério, isto é, um dos órgãos responsáveis pelo governo de um povo ou partes dele. Assim fez Moisés: associou a si, para o ajudar na condução do povo a ele confiado, setenta anciãos (Ex 18, 21). E entre os cristãos – certamente inspirados na organização das comunidades judaicas, começando por Jerusalém – eram escolhidos os seus conselhos de presbíteros (Act 11, 30; 14, 23; 15, 2. 4. 6. 22s; 16, 4; 21, 28). Hoje, o título é dado aos que, pelo sacramento da Ordem, são integrados na “Ordem” (ou grupo) dos presbíteros, para colaborarem com o Bispo na pastoral da Diocese, participando com ele, embora em grau inferior, do único sacerdócio de Cristo.

Nenhum destes dois títulos, também eles muito usados, talvez diga tanto como o de **Padre**. Porque, a partir da sua origem etimológica latina *Pater* (Pai), Padre exprime,

não tanto ou primariamente uma simples função e/ou dignidade (e, com isso, um poder e uma autoridade), como, também e sobretudo, aquilo que é necessário para que a autoridade adquira o que é, ou deve ser, específico dela: estar ao serviço da vida. Padre, como todo o verdadeiro pai, é o homem que assim é constituído, na medida em que dá a vida a novos seres, que o tratam como tal, em reconhecimento pela vida que dele recebem. É um termo que (ainda que dito, por vezes, inconscientemente) estabelece uma relação de afectividade, de amor: dado e recebido. Uma relação que permite o prolongamento da vida, muito para além daquele que a tem. Quem é pai, vive para os filhos e, depois, dos filhos a quem dá a vida. Quanto mais o faz, mais se apercebe da sua dimensão ilimitada, própria da verdadeira vida. E quanto ele é feliz!

Vejamos como isso acontece, de um modo inexcelsível, com Jesus Cristo, nomeadamente quando diz aos Doze:

2. "Fazei isto em memória de mim"

Esta ordem, dada por Jesus na última Ceia, aparece três vezes, no conjunto dos quatro relatos bíblicos deste acontecimento (Mt 26, 26-29; Mc 14, 22-25; Lc 22, 14-20; 1 Cor 11, 23-26): duas vezes no texto de Paulo, isto é, depois das palavras tanto sobre o pão como sobre o vinho; no texto de Lucas, só a seguir às palavras sobre o vinho, como acontece, também hoje, nas nossas celebrações da Eucaristia. Por isso, os textos de Paulo e de Lucas são considerados os mais eucarísticos: os que mais reflectem o sacramento da Eucaristia, tal qual era celebrado, a partir da sua instituição na última Ceia de Jesus e como memorial actualizante do mistério salvífico da sua morte e ressurreição. A expressão mais clara dessa instituição está no mandato: *Fazei isto em memória de mim*.

Um mandato que engloba a instituição de um outro sacramento, aliás imprescindível para a celebração da Eucaristia: o da Ordem. Como escreve o Papa Bento XVI, "o vínculo intrínseco, entre a Eucaristia e o sacramento da Ordem, deduz-se das próprias palavras de Jesus no Cenáculo: «Fazei isto em memória de Mim» (Lc 22, 19). De facto, na vigília da sua morte, Ele instituiu a Eucaristia e, ao mesmo tempo, fundou o sacerdócio da Nova Aliança. Jesus é sacerdote, vítima e altar: mediador entre Deus Pai e o povo (Heb 5, 5-10), vítima de expiação (1 Jo 2, 2; 4, 10) que se oferece a si mesmo no altar da cruz. Ninguém pode dizer «isto é o meu Corpo» e «este é o cálice do meu Sangue» senão em nome e na pessoa de Cristo, único sumo sacerdote da nova e eterna Aliança (Heb 8-9)" (Sa Ca 23).

Mas, fazer "em nome e na pessoa de Cristo", significa também fazer, tanto quanto possível, como Ele. Isto é, os Doze de então e, na sucessão deles, os Bispos com os seus Presbíteros, não podem excluir-se do que dizem, ou, se preferirmos, do que Jesus diz através deles. Foi para isso que os Doze, imediatamente antes, comeram "o Corpo de Jesus", também por eles "entregue", e beberam "o Sangue de Jesus", também por eles "derramado". Por eles, até de um modo especialíssimo. Porque foi esse alimento, depois confirmado pela manifestação do ressuscitado, que os capacitou para que Jesus

continuasse a exercer neles o seu sacerdócio único. Só na medida em que Cristo vive neles e eles vivem de Cristo morto e ressuscitado, Ele actua neles e por meio deles.

E o que eles recebem directamente de Cristo e, por isso, de um modo único e irrepitível, transmitem-no aos seus sucessores, sobretudo através do gesto sacramental da imposição das mãos, testemunhado já no NT.

S. Paulo fala dele ao seu discípulo e sucessor Timóteo: *Lembro-te que reacendas o dom da graça de Deus que se encontra em ti, pela imposição das minhas mãos* (2 Tim 1, 6).

"Dom da graça" é a tradução do grego *khárisma*, na base do qual está o termo *kharis*, que significa "graça". O ministério de Timóteo (e de todos os dirigentes ordenados das comunidades cristãs) nasce da graça e só se realiza verdadeiramente enquanto graça em acção – a graça recebida de Jesus e tal como Ele a concede:

3. "Como aquele que serve"

É com estas palavras que Jesus termina a sua reacção a uma discussão entre os Doze *sobre qual deles seria o maior* (Lc 22, 24-27). Hoje diríamos: "Uma vergonha!" Tanto maior, quanto a discussão surge imediatamente a seguir ao dom da Eucaristia e do Sacerdócio, na versão de Lucas: Jesus acaba de se entregar por eles, no serviço extremo do total dom da vida, e a reacção deles consiste, exactamente, no oposto – na busca do primeiro lugar, à maneira dos *reis das nações, que exercem domínio sobre elas* (v. 25), isto é, tantas vezes à custa da vida dos súbditos, como infelizmente continua a acontecer até aos nossos dias. Só fora da Igreja? E, se dentro dela, com que consequências?

É claro que a eficácia dos sacramentos não depende dos ministros que os celebram. "Eles são eficazes, porque neles é o próprio Cristo que opera (...). O Pai atende sempre a oração da Igreja de seu Filho, a qual, na epiclesse de cada sacramento, exprime a sua fé no poder do Espírito. É esse o sentido da afirmação da Igreja: os sacramentos actuam *ex opere operato* (à letra: «pelo próprio facto de a acção ser executada»), quer dizer, em virtude da obra salvífica de Cristo, realizada uma vez por todas. (...) Desde que um sacramento seja celebrado conforme a intenção da Igreja, o poder de Cristo e do seu Espírito age nele e por ele, independentemente da santidade pessoal do ministro. No entanto, os frutos dos sacramentos dependem também das disposições de quem os recebe" (CIC 1127-1128).

E nestas disposições pode ter uma influência decisiva o comportamento do ministro do sacramento, dentro e fora da sua celebração. Daí o aviso do Papa Bento XVI: "É necessário que os sacerdotes tenham consciência de que, em todo o seu ministério, nunca devem colocar em primeiro plano a sua pessoa nem as suas opiniões, mas Jesus Cristo. Contradiz a identidade sacerdotal toda a tentativa de se colocarem a si mesmos como protagonistas da acção litúrgica. Aqui, mais do que nunca, o sacerdote é servo e deve continuamente empenhar-se por ser sinal que, como dócil instrumento nas mãos de Cristo, aponta para Ele (...). O sacerdócio, como dizia Santo Agostinho, é um serviço de amor (...), é o serviço do bom pastor, que oferece a vida pelas ovelhas (Jo 10, 14-15)" (Sa Ca 23).

Daí o sentido do celibato sacerdotal: "Nesta opção do sacerdote encontram expressão peculiar a dedicação que o conforma a Cristo e a oferta exclusiva pelo Reino de Deus." De tal modo que "o celibato sacerdotal, vivido com maturidade, alegria e dedicação, é uma bênção enorme para a Igreja e para a própria sociedade" (Ibidem 24); sem excluir de modo algum, o próprio que, então sim, se sente um verdadeiro pai, fazendo jus ao título com que mais é tratado e tão feliz o pode fazer.

Que o digam tantos catequistas que têm a dita de encontrar tais padres e/ou de contribuir para que eles assim sejam – com a graça de Deus!

OBJECTIVOS

- Aperceber-se das principais actividades realizadas pelo Padre em prol da comunidade cristã;
- Descobrir a origem e a identidade do sacerdócio ministerial na última Ceia de Cristo;
- Agradecer e pedir a Deus pelos sacerdotes concedidos à sua Igreja.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Como o sacerdócio ministerial foi instituído por Jesus juntamente com a Eucaristia, esta catequese aparece em estreita ligação com as anteriores, centradas na Eucaristia: o mesmo cântico com que, no início, se agradecem a Deus os dons eucarísticos e o Domingo, servirá, posteriormente, para agradecer também os padres que Ele dá à sua Igreja; nas actividades específicas do sacerdócio são destacadas as da celebração eucarística; a mesma Palavra de Jesus fala da instituição da Eucaristia e do Sacerdócio ministerial.
2. Na apresentação do que é identificativo do sacerdócio evitem-se dois extremos:
 - Por um lado, falar de um modo demasiado abstracto. Por isso é proposto que o catequista se sirva das fotografias alusivas quer às actividades quer à ordenação de um padre que seja conhecido pessoalmente das crianças.
Se esse sacerdote não tiver as fotografias sugeridas, pode, pelo menos, servir de intermediário para as obter de um outro sacerdote, fazer acompanhar a sua entrega das palavras sugeridas como mensagem para as crianças e, durante a semana a seguir à catequese, dispor-se realmente a receber a visita e a oferta do grupo ou seus representantes. Trata-se, portanto, de uma catequese em que o papel do sacerdote é imprescindível.
 - Por outro lado, o catequista não deve personalizar demasiado, como se houvesse apenas aquele sacerdote conhecido das crianças e ele fosse, em tudo, modelo para a vivência do sacerdócio ministerial. Sobretudo para o caso do sacerdote que serve a comunidade não ser, com razão ou sem ela, querido por todos, o catequista procure indicar como deve ser o comportamento sacerdotal ao jeito de Jesus, evitando, com isso, condenar sem mais o sacerdote em questão. Lembre-se que, acima de tudo,

as crianças devem ser levadas a olhar o sacerdócio com um dos grandes dons de Deus ao seu povo.

3. O lenço branco, alusivo à ordenação sacerdotal do padre em questão, tem a vantagem de ligar o sacerdócio ministerial (dos presbíteros e bispos) ao sacerdócio comum dos fiéis (de qualquer cristão batizado): em comum, está a cor branca; como distintivo, sugere-se uma bainha em amarelo dourado, nos três lados do lenço.

MATERIAIS

- Estante (catequeses anteriores);
- Faixa branca para cobrir a estante (catequeses anteriores);
- Toalha branca para cobrir a mesa (catequeses anteriores);
- Um crucifixo com sopé (catequeses anteriores);
- Duas velas (catequeses anteriores);
- Fotografias alusivas a actividades do sacerdote: celebração eucarística (catequese 14-16 e 23); pregação/homilia (catequese 16); Baptismo (catequese 24 do 2º ano); Unção dos Doentes (catequese 17 ou 18); Penitência (catequese 20); Crisma (catequese 12); Lenço branco, com bainha em amarelo dourado, com o dístico "Sou Padre sou Feliz" e a data da ordenação do sacerdote (ver Documento 1);
- Envelope com as fotografias alusivas à ordenação sacerdotal e a mensagem do sacerdote em questão (ver Documento 2);
- Três fotografias alusivas à ordenação sacerdotal, se possível do padre que serve a comunidade: imposição das mãos; unção das mãos; entrega da patena e do cálice;
- Pagela com a mensagem das crianças ao sacerdote (ver Documento 3);
- Dísticos: "Fazei isto em MEMÓRIA DE MIM" e "PARA SERVIR";
- Bíblia;
- Esferográficas.

MÚSICAS

- "Nós te agradecemos" (com algumas estrofes próprias);
- "Servir é alegria".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala

- O **placar**: ao centro, o lenço branco (no qual estão escritas as palavras "Sou Padre, sou Feliz" e a data da ordenação sacerdotal do sacerdote de quem se irá falar), mas enrolado, de modo que se veja apenas a data, ao fundo.
- A **mesa**: como na catequese anterior, um pouco deslocada para a frente, coberta por uma toalha branca e com duas velas, um crucifixo (ao centro) e (por trás) a Bíblia.

- Uma **estante**: como na catequese anterior, de um dos lados da mesa, coberta por uma faixa branca.
- **Cadeiras**: dispostas em semicírculo (como nas catequese anteriores).

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Que tal foi a semana? Sempre fizeram as três coisas que vos pedi no final da última catequese: rezar, ler a Palavra de Deus e fazer bem aos outros? Vamos ver o que anotaram no vosso catecismo.

Depois de as crianças, brevemente, se exprimirem, e mesmo que só algumas tenham cumprido o compromisso, o catequista pergunte:

Em que dia da semana é que devemos, ainda mais, fazer tudo isso?...

Sendo ao Domingo, podemos cantar o **cântico** em que agradecemos ao Senhor o que Ele nos dá na Missa, sobretudo ao Domingo. Sim, porque se não fosse Ele, nós dificilmente faríamos todas essas coisas, que tão felizes nos tornam.

Então, ponham-se de pé... Voltemo-nos para a imagem de Jesus no crucifixo... Elevemos as mãos para o alto... e cantemos:

Nós te agradecemos...

- a Palavra...
- o Pão vivo...
- a Igreja...
- o Domingo...

2. *Depois de se sentarem:*

O que será aquilo que está pendurado no placar?... Sim, parece mesmo um lenço branco do Baptismo.

Mas, se repararem bem, é um pouco diferente, pelo menos dos nossos... Será mesmo do Baptismo? Posso dizer-vos que também tem umas palavras escritas, que ainda não se vêem. Mas também essas palavras não são como as que estão nos nossos lenços do Baptismo. Têm a ver com esta data (*o catequista leia a data ao fundo do lenço*).

Mas se a data não é de um baptizado, então, de que será?

Eu vou explicar: esta data é a do dia em que o sr. Padre (*nome*) foi feito padre. Ou, como dizemos, de maneira correcta, foi ordenado padre. Isto é, recebeu um sacramento chamado da Ordem. É por este sacramento que são ordenados os padres, ou sacerdotes, como também lhes chamamos.

Pois bem, eu pedi ao sr. Padre (*nome*) (que todos nós conhecemos) que nos emprestasse algumas fotografias sobre a sua ordenação sacerdotal. E ele não só as mandou neste envelope (*o catequista mostre-o*), mas juntou também umas palavras muito belas. E são parte dessas palavras que estão escritas no lenço. Só que estão encobertas,

porque antes de as mostrar, acho que primeiro devemos ler as que ele escreveu e estão também aqui dentro do envelope.

3. Mas, antes de lermos essas palavras e vermos as fotografias, vamos, primeiro, pensar nas coisas que faz um padre ou sacerdote. Algumas até foram feitas convosco e durante este ano de catequese. Digam lá quais são...

O catequista pode partir de fotografias, uma sobre cada uma das actividades dos sacerdotes. Neste caso, a fotografia pode ser mostrada por uma criança. Mas pode também seguir o caminho inverso: deixar que as crianças indiquem, sucessivamente, diversas actividades que, de seguida, são documentadas por fotografias correspondentes. Num caso ou no outro, pode ser uma criança a ir colocando as fotografias nos lugares a seguir indicados:

- **Celebração da Eucaristia** (catequese 14-16 ou 23): colocada sobre o altar em frente do crucifixo e nele apoiada;
- **Pregação** (catequese 16): pendurada na parte da frente da faixa que cobre a estante;
- **Baptismo** (catequese 24 do 2º ano): pendurada na parte da frente da toalha que cobre a mesa;
- **Unção dos Enfermos** (catequese 17 ou 18): pendurada na parte da frente da toalha que cobre a mesa;
- **Penitência** (catequese 20): pendurada na parte da frente da toalha que cobre a mesa;
- **Crisma** (catequese 12), mas como sacramento só excepcionalmente administrado por um sacerdote: pendurada na parte da frente da toalha que cobre a mesa.

Além destas actividades, é possível que as crianças refiram outras, próprias da missão do sacerdote. Se houver fotografias alusivas, afixem-se, como as últimas, na parte da frente da toalha que cobre a mesa. Em todas as actividades, o catequista pode fazer um brevíssimo comentário, realçando o importante papel do sacerdote. Pode terminar a apresentação com as seguintes palavras:

Tantas coisas que os sacerdotes fazem por nós! Que seríamos nós sem eles! Ou melhor, sem Jesus, que nos concede tantos bens através dos sacerdotes.

Por isso, acho que devemos agradecer ao Senhor os padres que nos tem dado...

Podemos fazê-lo com o mesmo cântico que cantámos há pouco, mas agora dizendo: "Nós te agradecemos Senhor os Padres que tu nos deste".

Então, ponham-se de pé... Voltados para o crucifixo, levantando os braços, cantemos:

"Nós te agradecemos Senhor...os Padres que tu nos deste" (pode repetir-se).

II. PALAVRA

1. *Depois de as crianças se sentarem:*

Só falta vermos as fotografias que o sr. padre (*nome*) nos mandou e as palavras que ele nos escreveu.

Mas, antes disso, e para nós as compreendermos, precisamos de saber duas coisas: como é que só os sacerdotes podem realizar todas estas coisas e como é que eles as devem fazer, para serem bem feitas.

E, para nos explicar as duas coisas, o melhor é ouvirmos o próprio Jesus. Sim, porque se é em nome de Jesus que os sacerdotes, por exemplo, celebram a Eucaristia ou perdoam os nossos pecados, quer dizer que foi Jesus a dar-lhes essa missão. Tudo isto começou com Ele.

E vós já sabeis como foi... Pensem um bocadinho no que fazem os sacerdotes na Eucaristia... No altar, parecido com esta mesa. Quando os sacerdotes pegam no pão e no vinho e dizem as palavras que Jesus disse na última Ceia: "Isto é o meu Corpo; este é o cálice do meu Sangue que vai ser derramado por todos, em remissão dos pecados", não há ainda mais umas palavras que Jesus disse? Quais foram?...

Depois de as crianças se exprimirem, tenham acertado ou não, o catequista afixe, ao alto do placar, o dístico "Fazei isto em MEMÓRIA DE MIM", deixe contemplar e comente:

Com estas palavras, Jesus também estava a fazer dos Doze Apóstolos, que estavam com Ele, seus representantes. Jesus não lhes deu apenas o seu Corpo e Sangue, mas, ao mesmo tempo, encarregou-os de fazerem o mesmo, em Seu nome, depois de Ele morrer e ressuscitar.

Para quê? – Para que todas as pessoas que se tornem cristãos possam, também elas, comungar Jesus na Eucaristia.

E o que Ele fez de modo especial para a Eucaristia, estendeu-o a todas as outras actividades que Ele, Jesus, fazia e queria que se continuasse a fazer depois da sua morte e ressurreição: ensinar sobre Ele e a sua mensagem, perdoar os pecados, socorrer os doentes, ajudar os pobres ou as pessoas que vivem grandes aflições...

E quando os Apóstolos morreram? Antes disso, eles transmitiram, em nome de Jesus, a mesma missão a outros: eram os Bispos que, por sua vez, juntavam a si os sacerdotes.

Por isso, nós hoje dizemos que os Bispos são os sucessores dos Apóstolos. Como os Apóstolos e a partir deles, continuam a fazer todo o bem que Jesus fazia. Por sua vez, os Bispos, partilham, distribuem parte da sua missão pelos sacerdotes, pois há tanto bem a fazer, que não conseguiriam fazê-lo sozinhos!

Fazem-no na festa da Ordenação. Querem saber como é? Vamos então ver como foi com o sr. Padre (*nome*), com a ajuda das fotografias que ele nos mandou.

São fotografias que só mostram o mais importante da festa. Se mostrássemos tudo, nunca mais daqui saíamos. Talvez vós, um dia, possais assistir. Depois de verem o que vou mostrar e explicar, até ficam a perceber melhor.

Então, vamos lá à primeira fotografia, que mostra o mais importante nesta festa da Ordenação.

O catequista tira do envelope a **fotografia que mostra a imposição das mãos pelo Bispo**, pode entregá-la a uma criança e, à frente, pedir-lhe que a mostre às restantes.

Depois de deixar contemplar, explique:

Aqui, está o sr. Bispo a impor as mãos sobre a cabeça do sr. Padre (*nome*). É um sinal muito bonito porque é com as nossas mãos que nós podemos fazer muito bem. E sobretudo Jesus curava muitos doentes com as mãos, abençoava as crianças, distribuía o pão...

É algo de tão importante que, depois do sr. Bispo, todos os outros Padres (e Bispos) que estavam na festa da Ordenação, também impuseram as mãos sobre o sr. Padre (*nome*).

E foi logo a seguir que o sr. Bispo fez uma oração a Deus, a pedir-lhe que abençoasse e consagrasse o sr. Padre (*nome*).

E com estas duas coisas, a imposição das mãos e a oração, ele – o sr. Padre... – ficou mesmo ordenado sacerdote. Desde então, já lhe podíamos chamar Padre.

Como isto foi e é o mais importante, proponho que esta fotografia seja afixada lá bem no alto, por cima do lenço.

Uma criança ou, se for muito alto, o catequista afixe a fotografia no lugar indicado.

Depois tire do envelope a **fotografia referente à unção das mãos**, pode entregá-la a outra criança que, à frente, a mostra às restantes. Depois de uma brevíssima contemplação, comente:

Aqui, o sr. Bispo está a ungir, a untar, com o Santo Óleo do Crisma, as mãos do sr. Padre (*nome*).

Para quê? – Para que também ele use as suas mãos para fazer o bem que Jesus fazia. Por exemplo, ele perdoa os pecados, impondo as mãos sobre nós (*caso as crianças já se tenham confessado*). Estão lembrados?

A criança ou o catequista afixe a fotografia de um dos lados do lenço, contando com o espaço por ele ocupado, depois de desenrolado.

A seguir, tire do envelope a **fotografia alusiva à entrega do pão e do cálice**, passe-a a outra criança para que a mostre às restantes, enquanto o catequista comente:

Que está o sr. Bispo a entregar ao sr. Padre (*nome*)? – A patena e o cálice, para que ele celebre a Eucaristia, que é o mais importante na vida dos padres e dos cristãos.

Assim, já vimos como Jesus, através dos Bispos, ordena os sacerdotes, e como eles são um dom de Jesus.

Então, voltemos a agradecer-lhe, como fizemos há pouco: de pé... Olhando para o crucifixo e levantando as mãos:

“Nós te agradecemos... os Padres que tu nos deste.”

2. Podem sentar-se.

Eu acho que devemos rezar muito pelos sacerdotes. Não só por serem um grande dom de Jesus, mas também para que eles cumpram bem tudo aquilo que pode e deve fazer um sacerdote.

Mas, fazer bem, como? É a segunda coisa que Jesus tem para nos dizer hoje. Disse-o pela primeira vez na última Ceia, quase logo a seguir à entrega do seu Corpo e do seu Sangue, no pão e no vinho.

Ora, aconteceu que, quase logo a seguir, se levantou uma discussão entre os seus Apóstolos – imaginem – sobre qual deles era o mais importante. Cada um queria ser mais importante, mandar mais do que o outro... até ao ponto de o maltratar: que coisa tão feia! E isto quase logo a seguir à entrega do pão e do vinho, por parte de Jesus.

Sabem o que lhes disse Jesus? Vamos ouvir. Mas não se esqueçam: o que Jesus vai dizer aos Apóstolos é também para nós ouvirmos e, entre nós, sobretudo para os Bispos e os Padres, pelas suas responsabilidades especiais na nossa Igreja.

Então ponham-se de pé...

*O catequista pode pedir a duas crianças que peguem nas velas (depois de acesas), o acompanhem até à estante e se coloquem voltadas para ela, uma de cada lado. Depois pegue na Bíblia, leve-a levantada para a estante, abra-a em **Lc 22, 24-27** e leia:*

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Lucas:

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Catequista:

Naquele tempo,

levantou-se uma questão entre os Apóstolos:

qual deles se devia considerar o maior?

Disse-lhes Jesus:

**«Os reis das nações exercem domínio sobre elas
e os que têm sobre elas autoridade
são chamados benfeitores.**

Vós não deveis proceder desse modo.
O maior entre vós será como o menor
e aquele que manda seja como quem serve.
Pois quem é o maior:
O que está à mesa ou o que serve?
Não é o que está à mesa?
Ora Eu estou no meio de vós
como aquele que serve.»

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

*Depois de colocadas as velas nos seus lugares e de as crianças se sentarem, o catequista afixe ao fundo do placar, junto ao lugar que prevê venha a ser o da ponta do lenço (depois de desenrolado), o **dístico "PARA SERVIR"** e comente:*

O maior é o que serve.

Jesus veio para servir, até dar a vida por nós. E assim é que Ele se tornou o maior.

Não andou à procura de honras, de grandezas. A maior grandeza era amar muito, de todo o coração, com muita força: dar-se todo, a fazer o bem. Sobretudo, aos mais necessitados, porque são os mais pequenos, os mais fracos, os que mais precisam.

Ora bem, o mesmo devem fazer os Apóstolos e, hoje, os Bispos e os Padres.

Tudo o que fazem em memória de Jesus (*aponte o dístico superior*), devem fazê-lo para servir (*aponte o dístico inferior*). Para isto é que eles são ordenados (*aponte as fotografias sobre a Ordenação*).

Conheço um cântico precisamente sobre estas palavras de Jesus.

O catequista ensaie o **cântico "Servir é alegria"**.

Enquanto ensaia, sobretudo a 1ª estrofe, explique a mensagem: é a servir que nos sentimos felizes, como fazem tantos Padres e outros cristãos; é a servir que se ajuda os outros a viver e que constituímos uma verdadeira família, uma comunidade...

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Proponho, então, que rezemos pelos senhores Bispos e Padres: o sr. Padre (*nome*) e todos os outros. Quanto melhor eles forem, melhor nos ajudam a seguir Jesus e a sermos bons cristãos. Se conhecem algum outro sacerdote, ou, até, algum sr. Bispo, digam o seu nome, para também rezarmos por ele.

Podemos fazer assim:

– Começamos por cantar a 1ª parte do cântico que aprendemos.

– Depois eu rezo, em vosso nome, uma oração que é parecida com aquela que o sr. Bispo diz quando ordena um sacerdote.

– Cantamos a 2ª parte do cântico, eu rezo mais um pedaço dessa oração e terminamos com a 3ª parte.

Ponham-se de pé... guardemos um bocadinho de silêncio...

E agora comecemos a nossa oração por nos benzermos:

Todos:

"Em nome do Pai"...

"Servir é alegria" (1ª estrofe)

Catequista:

**Senhor, Pai Santo,
nós vos pedimos pelos Sacerdotes,
para que, pela sua pregação,
as palavras do Evangelho dêem fruto,
pela graça do Espírito Santo,
nos corações dos homens,
e cheguem até aos confins do mundo¹⁷.**

Todos:

"Servir é alegria" (2ª estrofe)

Catequista:

**Senhor, Deus eterno e onnipotente,
que os Sacerdotes, juntamente com os seus Bispos,
nos transmitam fielmente os vossos dons,
para que o povo que vos pertence
renasça pelo banho baptismal de regeneração
e se alimente do vosso altar,
os pecadores se reconciliem
e os enfermos encontrem alívio.**

Todos:

"Servir é alegria" (3ª estrofe)

No final todos se benzem:

"Em nome do Pai"...

¹⁷ Oração registada no catecismo na página 111.

2. Podem sentar-se...

Finalmente podemos ler as palavras que o sr. Padre (*nome*) nos enviou, juntamente com aquelas fotografias da ordenação.

Convido o menino/menina (*nome de uma criança que leia relativamente bem*) a vir aqui e a ler essas palavras.

A criança tira a folha do envelope e leia:

**Diga aos seus meninos e meninas da catequese
que me sinto muito feliz por ser padre.**

(Nome e assinatura)

Ouviram todos bem?...

E também nós estamos muito contentes com estas palavras do sr. Padre (*nome*): há (*anos depois da data da ordenação*) que ele se sente muito feliz.

E se ele se sente feliz, também nós. Podemos compreender a sua felicidade, porque também somos muito felizes por ser de Cristo!

Não acham que lhe devíamos dizer isso mesmo?...

Primeiro, vamos ver o que está escrito no lenço que eu enrolei no placar. Pela data, já vêem que o lenço é da sua Ordenação sacerdotal. Que estará lá escrito?

Com a ajuda de uma ou duas crianças, o catequista desenrole o lenço e deixe contemplar:

Sou Padre

Sou feliz

O sr. Padre ainda não conhece este lenço. Fui eu que o preparei. São capazes de adivinhar para quê?... Para nós lho oferecermos.

É um lenço parecido com o do nosso Baptismo, mas é também diferente; porque o sr. Padre, além de pertencer a Jesus desde o seu Baptismo, hoje é um especial servidor de Jesus.

Estão dispostos a oferecer-lhe este lenço, em sinal da vossa alegria e da nossa amizade?...

Mas, além de preparar o lenço, podemos escrever-lhe umas palavras. Acham bem? Eu proponho que sejam palavras do cântico que aprendemos e que é especialmente para os sacerdotes. Sobretudo a última estrofe (*o catequista pode recordá-la*).

Então fazemos assim:

- As palavras do cântico já estão nesta cartolina (*o catequista mostre a respectiva pagela*).
- A seguir, está escrita esta mensagem:

Sr. Padre (*nome*):

Hoje rezámos por si

e por todos os sacerdotes,

**para que sejam ainda mais
sacerdotes à maneira de Jesus.**

Só faltam as nossas assinaturas. Então, cada um de vós vem assinar o nome, aqui sobre a mesa.

*Durante as assinaturas, pode cantar-se o mesmo **cântico**:
"Servir é alegria"*

Se forem muitas as crianças, pode preparar-se mais uma ou duas pagelas, para serem assinadas ao mesmo tempo.

3. Compromisso

No final, o catequista, diante das crianças, ponha o lenço e a(s) pagela(s) num envelope ou num bonito embrulho.

Depois, combine com as crianças o modo de entregar a oferta ao sacerdote: pessoalmente, todo o grupo ou uma representação; ou, como última hipótese, pelo correio.

Para as duas primeiras hipóteses, indique a data do encontro, previamente combinada com o sacerdote.

A memória desta catequese pode ficar registada na página 112 do catecismo: rezaram pelo sacerdote e enviaram-lhe o lenço branco, em sinal de gratidão pela partilha que realizou com as crianças. Nesta página está também impresso um espaço para escreverem os nomes do(s) sacerdote(s) que serve(m) na sua comunidade de fé e o registo da sua eventual visita.

Para guardar na memória e no coração

O Padre foi-nos dado por Deus
para servir a Sua Igreja
à maneira de Jesus.

III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1

Painel a construir no placar durante a catequese:

**Fazei isto
EM MEMÓRIA DE MIM**

*Foto da imposição das
mãos na Ordenação
sacerdotal*

*(Lenço sacerdotal, em forma
triangular)*

**SOU PADRE
SOU FELIZ**

*Foto da entrega da
patena e do cálice na
Ordenação sacerdotal*

PARA SERVIR

Data da Ordenação sacerdotal

DOCUMENTO 2

Mensagem do sacerdote às crianças:

**Diga aos seus meninos e meninas da catequese
que me sinto muito feliz por ser Padre**

(Assinatura)

Nome

DOCUMENTO 3

Mensagem das crianças ao sacerdote:

Sr. Padre (Nome):

**Hoje rezamos por si
e por todos os sacerdotes,
para que sejam ainda mais
sacerdotes à maneira de Jesus**

*Foto da unção das
mãos na Ordenação
sacerdotal*

**"O padre é o que serve
O padre é quem se dá.
O padre é quem se entrega
Por ti, ó meu Senhor".**

(Assinatura das crianças e catequistas)

O CASAL CRISTÃO – UNIDO NO AMOR DE CRISTO

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Os desafios e os benefícios de uma crise

É já quase um lugar-comum dizer que a família, hoje, está em crise. Se calhar, só o hoje é que está a mais. Como se a crise desta instituição humana fosse apenas dos nossos dias. Se o termo "crise", conforme a sua etimologia, significa momento de decisão, de mudança, por vezes súbita, fruto da acção ou faculdade de distinguir, então não há nada com história que não tenha passado por essas fases de mudança que exigiram capacidade de discernimento e decisão. Mais: esses momentos críticos foram, não apenas necessários, mas até benéficos. Foram ocasiões para despertarem novas energias, mais vida.

Veja-se o que se passa ao nível individual: sem as crises da infância e, sobretudo, da adolescência, certamente não teríamos crescido, não teríamos forjado a nossa identidade. Ou, então, ao nível de casal: a crise da adaptação inicial à individualidade de cada um, a dos sete anos (mais ou menos) de vida em comum, a dos quarenta anos de um e outro e a da terceira idade. Todas estas crises, se bem enfrentadas e geridas, acabam por ser ocasiões providenciais para uma coesão mais profunda e uma felicidade comum mais autêntica e saborosa.

Talvez o mais próprio do nosso tempo seja a rapidez com que as coisas mudam e a crescente dificuldade de adaptação da vida familiar às novas circunstâncias: a facilidade com que se fazem e desfazem uniões; o trabalho profissional e extra doméstico de ambos os cônjuges; a perda da dimensão comunitária da liberdade humana; a redução da concepção de felicidade ao bem-estar material, etc..

Uma coisa porém é certa: "A vocação para o matrimónio está inscrita na própria natureza do homem e da mulher, tais como saíram das mãos do Criador... Muito embora a dignidade desta instituição nem sempre e nem por toda a parte transpareça com a mesma clareza, existe, no entanto, em todas as culturas, um certo sentido da grandeza da união matrimonial" (CIC 1603).

E a razão última está na relação essencial entre esta instituição e a questão humana por excelência: a da vida, que, na sua origem humana mais elementar, está dependente da fecundidade da união entre o homem e a mulher.

Não admira por isso que, apesar de todas as crises e perigos, o matrimónio e a família se mantenham. E, das crises, saem mesmo com mais pujança e vitalidade. Há claros sinais disso nos nossos dias: por exemplo, jovens que, por terem passado por dolorosas experiências de rupturas nas famílias em que nasceram e cresceram, têm um cuidado redobrado em preparar a sua união matrimonial, recorrendo designadamente ao auxílio único que Cristo e a sua Igreja lhe oferecem.

2. "Maridos, amai as vossas mulheres"...

É assim que Paulo começa por se dirigir aos maridos cristãos, numa das páginas bíblicas mais completas sobre o matrimónio cristão, a de **Ef 5, 21-33**. E não é por acaso que, na maior parte do texto, os principais visados sejam os maridos. Na época, a instituição familiar estava centrada, tanto entre judeus como entre gregos e romanos, sobre a figura do marido e pai. Era tal a sua autoridade, que ele podia pôr e dispor quer da esposa quer dos filhos, quase a seu bel-prazer. E havia certamente abusos, cuja vítima principal era, na maior parte dos casos, a esposa.

Paulo não parece querer mudar esse estatuto familiar. Não tanto, porque isso, numa época em que o número de cristãos era diminuto, seria, no mínimo, arriscado: isto é, seria mais um motivo para a rejeição da mensagem cristã por parte da sociedade e das autoridades que nela dominavam. A razão principal era outra: as estruturas sociais só mudam verdadeiramente, quando muda a maneira de pensar e viver das pessoas que nelas se integram. Daí que ele se dirija exclusivamente a cônjuges cristãos, nas suas relações mútuas, vistas a partir da sua igual comunhão com Cristo.

É nesse sentido que ele exorta os maridos a amarem as esposas, *na medida em que Cristo amou a sua Igreja e se entregou por ela* (v. 25). *Na medida*, antes de ter um sentido comparativo ("como"), indica a origem e o fundamento: "porque" o marido (como a esposa) é objecto do amor inexcedível de Cristo, o acolhe pela fé e o Baptismo e dele se alimenta pela Eucaristia, ele (como a esposa) é integrado no Corpo de Cristo que é a Igreja e está em condições de amar a sua esposa com o mesmo amor que recebe de Cristo. Ambos podem (e devem) fazer suas as palavras de Paulo: *nós somos membros do seu Corpo* (v. 30). E aquela união e fusão natural de vidas, expressa em Gn 2, 23 (na exclamação do homem em relação à mulher: *Esta é realmente osso dos meus ossos e carne da minha carne*), ganha a profundidade e a consistência do amor gratuito e total de Deus, manifestado em Cristo.

Neste contexto, já nem a mulher cristã, certamente, se choca com a exortação a subordinar-se ao seu marido (vv. 22-24). Aliás, visto bem, Paulo não o diz abertamente. O verbo "subordinar-se", de modo directo, é aplicado primeiro a todos os cristãos, incluindo o marido em relação à sua esposa (v. 21), e depois à Igreja (v. 24), da qual fazem parte marido e esposa, em relação a Cristo. Num caso e no outro, não é uma subordinação

imposta de fora, mas é a sujeição livre e espontânea a Alguém que, ao entregar a sua vida, o faz numa total subordinação àqueles a quem assim ama. Por outras palavras: se a Igreja se subordina a Cristo e os seus membros, em Cristo, se subordinam uns aos outros no mesmo amor com que são amados, é porque Cristo, na prática, a eles se subordinou, subordinando-se ao próprio Deus, a quem se entregou por eles... para os fazer participantes desse amor de que, em plenitude, só Ele é capaz, nomeadamente:

3. No matrimónio como sacramento

Que Paulo considera o matrimónio como sacramento vê-se nos vv. 30-32: *Porque nós somos membros do seu Corpo* (isto é, da Igreja, Corpo de Cristo), *é por isso que o homem deixará pai e mãe, unir-se-á à sua mulher e serão dois numa só carne* (uma citação de Gn 2, 24); e explica: *Grande é este mistério, mas eu declaro que ele diz respeito a Cristo e à Igreja*. Isto é, na união do homem e da mulher, que os leva a ser uma só carne, manifesta-se o *grande mistério* de amor entre Cristo e a sua Igreja. E isto, porque o homem e a mulher cristãos se casam, não apenas porque se amam a um nível meramente humano, mas na condição de *membros do Corpo de Cristo*: o amor que os une é aquele com que Cristo os ama.

Daí que os ministros deste sacramento sejam os cônjuges. Ao dizerem um ao outro: "prometo ser-te fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida", é em união com Cristo que o fazem: na promessa mútua está Cristo em acção; na entrega mútua, é Cristo que, neles, se entrega. E a fidelidade mútua que mantêm, devem-na a Cristo, à sua graça, ao seu amor.

Uma graça que se prolonga por toda a sua vida. Antes de mais nas relações entre eles: Cristo "fica com eles, dá-lhes coragem de O seguirem tomando sobre si a sua cruz, de se levantarem depois das quedas, de se perdoarem mutuamente, de levarem o fardo um do outro, de serem «submissos um ao outro no temor de Cristo» (Ef 5, 21) e de se amarem com um amor sobrenatural, delicado e profundo. Nas alegrias do seu amor Ele dá-lhes, já neste mundo, um antegozo do festim das núpcias do Cordeiro" (CIC 1642).

Depois em relação aos filhos (e netos): "É no seio da família que os pais são, «pela palavra e pelo exemplo [...], os primeiros arautos da fé para os seus filhos, ao serviço da vocação própria de cada um e muito especialmente da vocação consagrada» (LG 11). (...) O lar é, assim, a primeira escola da vida cristã e «uma escola de enriquecimento humano» (GS 52). É aqui que se aprende a tenacidade e a alegria no trabalho, o amor fraterno, o perdão generoso e sempre renovado e, sobretudo, o culto divino, pela oração e pelo oferecimento da própria vida" (CIC 1656-1657).

Finalmente na Igreja e na sociedade: "Nos nossos dias, num mundo muitas vezes estranho e até hostil à fé, as famílias crentes são de primordial importância, como focos de fé viva e irradiante. É por isso que o II Concílio do Vaticano chama à família, segundo uma antiga expressão, «*Ecclesia domestica* – Igreja doméstica» (LG 11)" (Ibidem, 1656). Como o seu testemunho de fé e de amor pode ser eficazmente fecundo, pode constatar-se com a presente catequese.

OBJECTIVOS

- Descobrir o amor de Cristo pela sua Igreja no matrimónio cristão;
- Reconhecer a família cristã como uma Igreja doméstica;
- Rezar pela união nas famílias cristãs.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. É possível que algumas crianças do grupo tenham experiências negativas da sua vida familiar: pais separados ou em litígio. Esta é mais uma razão para o único modo convincente de apresentar o matrimónio cristão: através do testemunho de um casal cristão sobre a história da sua vida matrimonial, desde o namoro até ao presente da sua vida familiar. Um testemunho de que, em Cristo, é possível uma vida familiar verdadeiramente feliz.
2. Convide-se para isso um casal com filhos cuja vida familiar seja exemplar e que tenha um papel activo na paróquia, nomeadamente na pastoral familiar: se possível, que pertença a uma equipa de CPM e/ou a um movimento de espiritualidade familiar. Evite-se que sejam os pais de uma criança do grupo, para que outras crianças, com vida familiar menos feliz, se não sintam demasiado inferiorizadas.
Se possível, que sejam o marido e a esposa a participar na catequese. Se não, ao menos um deles que, neste caso, falará também em nome do outro.
Só se, de todo, for impossível a presença de um casal cristão, o catequista recorra à necessária documentação (fotografias) de um casal de cuja vida matrimonial falará. Neste caso, faça as devidas adaptações no desenvolvimento da catequese proposta.
3. A catequese decorre em forma de entrevista: as crianças é que farão as perguntas a que o casal vai respondendo. Além das três perguntas propostas, dê-se oportunidade às crianças de fazerem outras, de acordo com o conhecimento que têm da vida familiar. É possível, neste caso, que surjam questões indiscretas: por exemplo, se o casal teve relações sexuais durante o namoro. A isso o casal responderá apenas: tais coisas são contrárias à vontade de Deus e da Igreja, evitando, assim, uma personalização.
4. Para que tudo decorra em ordem e dignidade, é importante uma boa preparação. Quer os objectivos da catequese quer o modo como esta decorre devem ser estudados, ao pormenor, pelo catequista e pelo casal presente.
5. A relação entre a família cristã e a Igreja é lançada pelo cântico proposto: inicialmente é aplicado ao grupo, na sua dimensão eclesial; no final é aplicado à família, como Igreja doméstica. A passagem de um significado para o outro dá-se a partir da leitura bíblica proposta.

MATERIAIS

- Uma toalha branca para cobrir a mesa (catequese anterior);
- Duas velas (catequese anterior);
- Crucifixo com pedestal (catequese anterior);
- Uma estante (catequese anterior);
- Uma faixa branca para cobrir a estante (catequese anterior);
- Dísticos: "UNIDOS NO AMOR DO SENHOR" e "PARA SEREM DOIS NUMA SÓ CARNE" (Documento 1);
- Fotografias do casal convidado: tempo do namoro, consentimento matrimonial no casamento, casal com os filhos (Documento 1);
- Fotografia de um sacerdote a presidir a um casamento: sacerdote, de frente, no meio do casal, de costas;
- Lenço matrimonial em cor branca e com bainhas a duas cores (metade cor de rosa e metade azul) e com o dístico "SOMOS FELIZES UNIDOS NO AMOR DE CRISTO" (Documento 2);
- Três folhas A5, com as três perguntas a fazer ao casal (Documento 3);
- A Bíblia.

MÚSICAS

- "Servir é alegria";
- "A nossa família" (com uma leve modificação da letra - ver Documento 4).

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala

- O **placar**: esteja vazio.
- A **mesa**: como nas últimas catequese, seja um pouco deslocada para a frente, coberta por uma toalha branca, com o crucifixo, ao centro, ladeado de duas velas (apagadas).
- Uma **estante**: seja colocada de um dos lados da mesa, coberta por uma faixa branca e com a Bíblia.
- As **cadeiras**: sejam dispostas em semicírculo.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista comece por perguntar às crianças como decorreu a visita ao sacerdote, ou, tendo sido o caso, para informá-las da entrega ou envio da mensagem e da prenda. Partindo do princípio que o sacerdote acolheu (ou deveria ter acolhido) bem as crianças, pode dizer-lhes:*

Como vêem, o sr. Padre (*nome*), assim, mostrou mesmo o que deve fazer todo o sacerdote à maneira de Jesus: aquele que vive para servir a Deus e aos outros.

Vamos agradecer ao Senhor, cantando o **cântico** que aprendemos acerca dos sacerdotes: "O Padre é o que serve"...

De pé... Voltados para a imagem de Jesus na cruz... Cantemos:

"Servir é alegria" (3ª estrofe e refrão)

2. Podem sentar-se...

Estava a cantar convosco e a lembra-me de uma pergunta: alguém sabe por que razão chamamos Padre a um sacerdote. Por exemplo, o sr. Padre (*nome do sacerdote a quem entregaram a mensagem*). Que quer dizer a palavra Padre?... Pensem um bocadinho...

Se ninguém souber:

Quer dizer a mesma coisa que uma palavra que começa da mesma maneira. Só muda a partir da terceira letra... Exacto: Padre quer dizer "Pai". Antigamente, ao nosso Pai chamava-se Padre. Depois Padre ficou só para os sacerdotes.

E digam lá: eles não são mesmo como pais? Pelo modo como nos recebem, pelo bem que nos fazem e dão. O maior bem que podemos ter: Jesus, no seu Corpo e Sangue... (*Caso as crianças já se tenham confessado:*) E outros bens, como quando o Padre ouviu os vossos pecados, vos perdoou e vos ajudou a descobrir a maneira de não voltar a pecar.

Além daqueles bens de que já falámos aqui, há mais um que os Padres nos dão.

*O catequista mostre a **fotografia de um sacerdote**, se possível o mesmo a quem se entregou a mensagem, a **presidir a um casamento**: o sacerdote de frente, no meio dos noivos, de costas. Depois de deixar contemplar, comente:*

Além de celebrar a Eucaristia, de confessar, baptizar, ungir os doentes e outras coisas, o sr. Padre também preside aos casamentos... como padres, isto é, pais.

Não estão é a ver quem são os noivos. Estão de costas... Mas vão saber quem são. Uma surpresa.

3. *Depois de afixar a fotografia na parte da frente da toalha que cobre a mesa, o catequista siga uma destas alternativas:*

1ª

Alternativa

Para quando o casal, ou um dos seus membros, estiver presente

Sim, sim: hoje vamos ter connosco – imaginem – uns noivos, de alguns anos atrás.

Para quê? – Para nos falarem do seu casamento e da sua família.

Estão desertos para saberem quem é!... Só que, antes disso, temos de combinar como havemos de os receber.

Primeiro, como é que nos apresentamos. Acho que, em vez de dizermos os nossos nomes, ou dizermos apenas que somos um grupo de catequese, podíamos fazê-lo a cantar. Sim, há um cântico que é mesmo bom para mostrar o que somos.

Há pouco falávamos do Padre, que quer dizer Pai. Além disso, chamamos a Deus "nosso Pai". Quer dizer que nós somos uma família. Uma família em que nos amamos uns aos outros. Então, ouçam lá este cântico e vejam se não é mesmo bom, para mostrar o que somos.

O catequista cante uma vez e, depois, ensaie o refrão do cântico:

**"A nossa família é berço de amor,
É berço de paz, em Nosso Senhor"**

Para ensaiar com os seguintes gestos: a primeira vez com as mãos estendidas, e, ao ritmo do cântico, como a embalar uma criança; na repetição, com o movimento, mas de mãos dadas.

Agora temos de combinar as **perguntas** que vamos fazer **aos noivos**.

Eu proponho que sejam três:

- Primeira: **Como se conheceram e foi o vosso namoro.**
- Segunda: **Como foi o vosso casamento.**
- Terceira: **Como tem sido a vossa vida de casados: um com o outro e com os filhos.** Se os tiveram. Ainda não sabemos.

Estão de acordo com as perguntas? Depois, a cada uma destas perguntas, podeis juntar outras.

Vamos ver é quem leia as perguntas.

O catequista escolha três crianças e entregue, a cada uma, uma folha com uma das perguntas (numeradas).

Só falta uma coisa: temos de oferecer-lhe uma prenda, em sinal da nossa gratidão. Eu, já preparei uma. Querem ver?

*O catequista mostre o **lenço do casamento** – ver Documento 1 – e pergunte:*

Gostam?...

Como vêem, o lenço tem duas partes: deste lado (cor de rosa), representa a esposa; e deste (azul), o marido.

Porque formam eles um só lenço?... Leiam as palavras que estão escritas...: Porque estão "Unidos no Senhor". Daqui a pouco vão perceber melhor o que querem dizer estas palavras. Falta é saber quem entrega o lenço.

Eu proponho que sejam um menino e uma menina ao mesmo tempo.

O catequista escolha as duas crianças e, depois, dobre e esconda o lenço, para ser uma surpresa.

Para o caso de ser o catequista a representar o casal, servindo-se das fotografias alusivas

São o sr. (*nome do marido*) e a Sra. (*nome da esposa*). Conhecem-nos?...

Eu convidei-os para virem aqui. Só que eles não puderam. Mas emprestaram-me algumas fotografias sobre o seu casamento para eu vos mostrar.

E contaram-me como foi, e está a ser, a sua vida em família. Estão aqui neste envelope (*o catequista mostre-o*).

E, quando falei com eles, fiz-lhes três perguntas, que escrevi numas folhinhas. Querem saber quais são?

Têm de esperar um bocadinho, porque eu acho que tendes de ser vós a lê-las.

O catequista escolha três crianças, mas só lhes entregue as folhas na altura própria, explicando:

Ides fazer as perguntas, como se eles estivessem aqui. E eu direi o que eles responderam a cada uma.

Como eles foram tão simpáticos, pensei que, depois desta catequese, lhe deveríamos oferecer uma prenda, em sinal de gratidão.

E que prenda será?... Não vou mostrá-la já. Só no fim de ouvirmos as respostas deles. Então ficarão a perceber melhor o que significa a prenda.

Mas, podemos já combinar como lhes podemos entregar a prenda.

O catequista incentive as crianças a serem tantas, quanto possível.

E, quando entregarem a prenda, naturalmente têm de se apresentar. Mas como?...

Acho que não basta dizerem o vosso nome. Porque nós, aqui, somos um grupo. E não somos um grupo qualquer.

Ainda há pouco víamos como chamamos a um sacerdote... É um... Pai. Quer dizer que nós aqui formamos uma família.

Pois bem, há um **cântico** em que nós cantamos isso mesmo. Ora ouçam:

O catequista cante e ensaie o refrão do cântico:

**"A nossa família é berço de amor,
É berço de paz, em Nosso Senhor"**

Pode ensaiá-lo com os mesmos gestos, sugeridos na primeira alternativa.

No final conclua:

Podemos cantar este cântico, também quando entregarmos a prenda.

Assim, vai ser muito mais bonito.

As duas partes seguintes – Palavra e Expressão de Fé – estão apresentadas, a pensar na 1ª alternativa. Se for seguida a 2ª, façam-se as devidas adaptações.

II. PALAVRA

1. Então ponham-se de pé...

Voltemo-nos para a porta da sala, por onde vão (vai) entrar o(s) nosso(s) convidado(s).

Chegados à frente, o catequista diga:

Muito obrigado pela vossa vinda. Peço que se apresentem.

Depois dos membros do casal dizerem o nome, o catequista prossiga:

Agora, peço aos meninos e meninas que se apresentem, mas em grupo e como ensaiámos. Isto é, com o **cântico** que aprendemos:

**"A nossa família é berço de amor,
É berço de paz, em Nosso Senhor"**

2. O Catequista, depois de as crianças se sentarem, dirija-se ao casal:

Como sabeis, convidei-vos aqui para nos falarem do vosso casamento.

Temos algumas perguntas preparadas, que vão ser lidas por meninos e/ou meninas do nosso grupo que, como ouviram, também formam uma família – a família dos amigos de Cristo.

– Peço ao/à (*nome da criança*) que, de pé, leia a **1ª pergunta**:

Criança:

Como se conheceram e como foi o vosso namoro?

O casal pode dizer, em poucas palavras, quando e como começou o seu namoro. Insistirá no tempo do noivado: como se prepararam mais proximamente para o casamento e, sobretudo, como foi a sua preparação religiosa – Centro de Preparação para o Matrimónio (CPM), encontro com o sacerdote, sacramento da penitência, leituras bíblicas, etc. – na certeza de que, só com a ajuda de Deus, seriam felizes um com o outro.

Pelo meio, as crianças podem fazer uma ou outra pergunta, mas sem alongar.

*Quando parecer mais oportuno, pode mostrar uma **fotografia**, com os dois, **relativa ao tempo de namoro**, que o catequista afixará do lado esquerdo do placar.*

3. O catequista convide a criança com a **2ª pergunta** a levantar-se e a ler:

Como foi o vosso casamento?

O casal restrinja-se ao principal:

Não podemos contar tudo. Vamos só contar algumas coisas que se passaram dentro da igreja. Porque foi aí que nos unimos para sempre.

Uma das coisas, para nós, mais importantes, foram as leituras da Bíblia, onde Deus nos fala e nos diz como podemos ser felizes.

Das leituras mais bonitas (que ouvimos naquele dia), há uma em que S. Paulo compara o nosso amor, de marido e esposa, ao amor de Jesus por nós, pela sua Igreja. Todos sabem como Jesus nos amou... Dando a vida por nós, pela sua Igreja, na cruz. E quando é que cada um de nós recebeu esse amor pela 1ª vez?... No nosso Baptismo. Pois bem, vejam como se devem amar um marido e uma esposa, cristãos, isto é, baptizados...

O catequista convide duas crianças a acender as velas e a acompanhá-lo para a estante, com a Bíblia, que abre em Ef 5, 2a.25-32.

A leitura deve ser feita, de preferência, pelo casal.

Esposa:

Leitura da Epistola do Apóstolo São Paulo aos Efésios:

Irmãos:

**Caminhai na caridade, a exemplo de Cristo,
que nos amou e Se entregou por nós.
Maridos, amai as vossas esposas,
como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela.
Ele quis santificá-la,
purificando-a no Baptismo da água pela palavra da vida,
para a apresentar a si mesmo como Igreja cheia de glória,
sem mancha nem ruga, nem coisa semelhante,
mas santa e imaculada.**

Marido:

**Assim devem os maridos amar as suas mulheres,
como os seus corpos.
Quem ama a mulher, ama-se a si mesmo.
Ninguém, de facto, odiou jamais o seu corpo,
antes o alimenta e lhe presta cuidados,
como Cristo à Igreja;
porque nós somos membros do seu Corpo.
Por isso, o homem deixará pai e mãe,
para se unir à sua mulher,
e serão dois numa só carne.
É grande este mistério,
digo-o em relação a Cristo e à Igreja.**

Palavra do Senhor.

Crianças:

Graças a Deus.

4. *Depois de pousadas as velas, o catequista ou o casal afixe ao centro do placar uma fotografia, com os noivos voltados um para o outro, **alusiva ao acto de consentimento matrimonial**, e comente:*

E foi assim, animados pelo grande amor de Jesus para connosco, que se voltaram um para o outro. Digam aqui outra vez, e para estes meninos e as meninas ouvirem, o que então disseram um ao outro.

*O casal, por trás da mesa, volte-se um para o outro, dêem-se as mãos e profiram a **fórmula de consentimento matrimonial**:*

Ele:

Eu (nome)

recebo-te por minha esposa a ti (nome)

e prometo ser-te fiel,

amar-te e respeitar-te,

na alegria e na tristeza,

na saúde e na doença,

por todos os dias da nossa vida.

Ela:

Eu (nome)

recebo-te por meu esposo a ti (nome)

e prometo ser-te fiel,

amar-te e respeitar-te,

na alegria e na tristeza,

na saúde e na doença,

todos os dias da nossa vida.

O catequista afixe, acima da fotografia central, o distico "UNIDOS NO AMOR DO SENHOR". Depois, convide as crianças a levantar-se e a cantar.

"A nossa familia" (refrão e 1º estrofe)

5. *Após as crianças se sentarem, o catequista diga:*

E assim ficaram unidos um ao outro, como marido e mulher, até hoje.

O casal:

Todos os dias da nossa vida.

E, como nos dizia S. Paulo, para sermos dois numa só carne.

O catequista afixe, abaixo da fotografia central, o **dístico "PARA SEREM DOIS NUMA SÓ CARNE"**.

Depois, peça à 3ª criança que, de pé, leia a 3ª pergunta:

Como tem sido a vossa vida de casados: um com o outro e com os filhos?

O casal pode responder, adaptando ao seu caso:

Temos sido muito felizes. Temos procurado viver como uma só carne.

E, do nosso amor, é que nasceram os nossos filhos.

Podem mostrar uma **fotografia com os filhos** (e, se houver, netos), e dizer os nomes deles.

O catequista afixe a fotografia ao lado direito da anterior, e o casal continue:

Querem saber se passámos por dificuldades? – É claro que sim.

E como é que nós as resolvemos? – Ajudando-nos muito um ao outro, conversando, perdendo... E, sobretudo, rezando. Sem Jesus, não teríamos sido capazes de nos mantermos unidos, numa só carne, um com o outro e com os nossos filhos.

Para isto, temos recebido apoio dos outros cristãos. Como está agora a acontecer convosco.

Também temos ajudado outros casais e famílias, e isso faz-nos muito bem.

Podem indicar tarefas que tenham executado ou executem na Igreja, nomeadamente no campo pastoral familiar.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. O catequista agradeça, em nome das crianças, ao casal, pelo testemunho que deram: sobre o que é o matrimónio cristão e o modo como deve viver um casal cristão – em união com Cristo e a Igreja – apontando para as fotografias e os dísticos do placar. Depois convide-os, juntamente com as crianças, à oração, do seguinte modo:

Uma vez que é Deus, com o seu grande amor, que faz de nós e de cada família um berço de amor, rezemos todos juntos.

E vamos rezar como se faz na Igreja, em cada casamento:

- Primeiro, rezamos, todos de mãos dadas, o Pai Nosso.
- Depois, eu direi um pedaço de oração¹⁸ que se faz, nos casamentos, a seguir ao Pai Nosso.

¹⁸ Oração registada na página 115 do catecismo.

- No fim, cantaremos o cântico "A nossa família é berço de amor".

Para isso, pomo-nos todos de pé... Demo-nos as mãos... E rezemos, a uma só voz:

Todos:

Pai Nosso...

Catequista:

Desça, Senhor,

sobre esta esposa (*nome*) e seu marido (*nome*)

e sobre todos os casais cristãos

as abundância das vossas bênçãos.

E a virtude do Espírito Santo inflame os seus corações,

para que, no dom recíproco do seu amor,

alegrem com seus filhos a família e a Igreja.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho,

que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo.

Todos:

Amen.

Cântico:

"A nossa família" (refrão e 1ª estrofe)

2. *Depois de as crianças se sentarem, o catequista convide as duas já indicadas, a virem à frente, a pegarem no lenço branco do casamento, a desenrolarem-no e a oferecerem-no ao casal, em sinal da gratidão.*

No final, pode cantar-se de novo:

"A nossa família" (refrão e 3ª estrofe)

3. Compromisso

Para a 2ª alternativa da Experiência Humana – em vez do que é indicado no número anterior, o catequista sugira o seguinte:

Depois das fotografias e das palavras que nos mandaram o sr. (*nome*) e a Sra. (*nome*), como combinámos, temos de lhes agradecer... com uma prenda. Que prenda? – Até podem ser duas, se vós quiserdes:

- A primeira é esta (*mostre o lenço a oferecer, mas ainda enrolado*), que o/a e o/a (*nomes de duas crianças*) vão mostrar aos outros...

O catequista convide as crianças designadas a virem à frente, a desenrolarem o lenço a oferecer (Documento 2) e a mostrarem-no às restantes. Depois comente: É lindo, não é?... Vamos todos ler, ao mesmo tempo, o que está lá escrito:

Somos felizes unidos no amor de Cristo.

De certeza, que o sr. (nome) e a Sra. (nome) também vão gostar. Pelo que ouvimos e vimos deles, são mesmo felizes, como marido e mulher que se amam e vivem unidos pelo amor de Jesus Cristo.

– Mas, ainda vão ficar mais felizes, com a segunda prenda. Qual será?... Somos nós, se formos a casa deles levar-lhes este lenço do seu casamento. Estou convencido de que ficarão muito contentes, ao saberem o que nós hoje aprendemos deles. Iremos explicar-lhes o que está no lenço, desde as palavras às duas cores da bainha: (apontando) a cor-de-rosa para a Sra. (nome) e o azul para o sr. (nome). Mas os dois – como as duas cores – unidos num só lenço branco, numa só carne.

E, como eles formam assim uma família unida, iremos, também nós, apresentar-nos, como uma só família. De que modo? Com o cântico que aprendemos e vamos, agora, cantar mais uma vez, para o sabermos bem:

"A nossa família" (refrão e 3ª estrofe)

Convém que a data do encontro com o casal esteja já combinada com ele, de modo que o catequista a possa indicar às crianças que o acompanhem.

Para as duas alternativas da Experiência Humana – o catequista pode sugerir o seguinte, estando, porém, atento à situação familiar dos pais das crianças:

Se calhar, hoje, (muitos de) vós pensaram nos vossos pais (e avós): que bom, se eles forem amigos um do outro como o sr. (nome) e a sra. (nome).

Pois bem, eu sugiro, como compromisso para esta semana:

- Primeiro, que, todos os dias, rezem por eles. Jesus pode ajudá-los muito, sobretudo dando-lhes filhos tão bons como sois vós. Sempre que o fizerem, pinta as mãos postas que estão na página 116 do catecismo.

- Em segundo lugar, podem contar-lhes o que ouviram e fizeram nesta catequese. Para isso, podem servir-se do catecismo. E também podem servir-se do catecismo, na mesma página 116, para celebrar a vossa família, com uma fotografia ou um desenho.

Para todos, bom trabalho e muita alegria!

Para guardar na memória e no coração

Como podem ser felizes o marido e a esposa que se amam e vivem unidos, no amor de Jesus Cristo!

III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1

Painel a construir no decurso da catequese:

UNIDOS NO AMOR DO SENHOR

*Foto do casal
no
tempo de namoro*

*Foto do casal a fazer
o consentimento matri-
monial*

*Foto
do casal com os seus
filhos*

PARA SEREM DOIS NUMA SÓ CARNE

DOCUMENTO 2

Lenço (em forma triangular, com uma bainha, do lado esquerdo, em cor-de-rosa, e, do lado direito, em azul) a oferecer ao casal que dá o seu testemunho:



DOCUMENTO 3

Questões a apresentar pelas crianças ao casal convidado (escritas cada uma numa folha:)

1. Como se conheceram e foi o vosso namoro?
2. Como foi o vosso casamento?
3. Como tem sido a vossa família de casados: um com o outro e com os filhos?

DOCUMENTO 4

**A nossa família
é berço de amor
É berço de paz
em Nosso Senhor.**

1. No princípio Deus criou o homem
e a mulher lhe deu com grande amor.
São os dois um só e participam
na obra de Deus que é criador.
2. Deus é uma família muito unida,
ela nos convida ao amor fraterno.
O Pai com o Filho dão a vida
p'ra nascer o Espírito eterno.
3. A família é também Igreja
quer em alegria quer em dor;
os pais com os filhos são sinal
do amor de Deus, nosso Senhor.
4. E também Jesus teve família,
com seus pais vivia em Nazaré.
Era obediente e aprendia,
amava Maria e José.
5. Na Cova da Iria os Pastorinhos
viram a família de Jesus;
Maria e José com o menino,
dando ao mundo bênção, paz e luz.

OS SACRAMENTOS: A VIDA DE JESUS NA NOSSA VIDA

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Os mistérios da vida

Pensa-se que a palavra "mistério" (do grego *mystêrion*) seja da origem onomatopaica: se tenha formado, por imitação do som daquilo a que se refere. De facto, se tentarmos emitir uma ou mais palavras, mantendo os lábios fechados, muito dificilmente se compreenderá o que pretendemos exprimir. Mantém-se um mistério, ou porque não convém que seja conhecido (um segredo) ou porque é impossível de exprimir, por se tratar de algo que é inacessível à compreensão humana e, como tal, nem sequer é exprimível, pelo menos de um modo abrangente.

Neste segundo sentido, a vida está cheia de mistérios. Ela própria, no seu todo, é um mistério. É, ao mesmo tempo, o bem a que mais estamos agarrados e o que mais nos escapa. Queremos viver, lutamos por isso com todos os meios e durante toda a nossa existência, e deparamo-nos com contínuas limitações, até acabarmos por ter mesmo que ceder à maior e derradeira: a morte, que é exactamente a negação da vida e, simultaneamente, o mais certo da vida. Só não sabemos quando nem como. A não ser que seja o próprio a causá-la... muitas vezes precisamente porque a vida que tem perdido todo o seu sentido, tais são as suas limitações e contradições.

Mas o mais normal é lançarmos mãos de tudo o que nos permite vencer todos os obstáculos e limitações, mesmo daquilo que não está ao nosso alcance: do transcendente que, de algum modo, nos possibilite transcender-nos. Para isso, habitualmente servimo-nos de realidades visíveis e palpáveis que fazem parte da nossa vida e que usamos como símbolos: sinais de realidades que se não vêem, mas, se sabe ou, pelo menos, se deseja que existam.

"Sendo o homem um ser ao mesmo tempo corporal e espiritual, exprime e percebe as realidades espirituais através de sinais e símbolos materiais. Como ser social, o homem tem necessidade de sinais e de símbolos para comunicar com o seu semelhante

através da linguagem, dos gestos e de acções. O mesmo acontece nas suas relações com Deus" (CIC 1146).

A começar pela relação de Deus conosco: "Deus fala ao homem através da criação visível (...). A luz e a noite, o vento e o fogo, a água e a terra, a árvore e os frutos, tudo fala de Deus e simboliza, ao mesmo tempo, a sua grandeza e proximidade" (Ibidem 1147).

Depois, em sentido inverso: "Enquanto criaturas, estas realidades sensíveis podem tornar-se o lugar de expressão da acção de Deus que santifica os homens e da acção dos homens que prestam a Deus o seu culto. O mesmo acontece com os sinais e símbolos da vida social dos homens: lavar e ungir, partir o pão e beber do mesmo copo podem exprimir a presença santificante de Deus e a gratidão do homem para com o seu Criador" (Ibidem 1148).

A este nível, situam-se os sacramentos, com o seu lugar peculiar na liturgia da Igreja. Sendo "sacramento" um termo que tem a ver com o "sagrado" (*sacrum*), é, de resto, significativo que tenha sido adoptado como uma das traduções do grego *mysterion*: Nesta interpretação, "o termo *sacramentum* exprime prevalentemente o sinal visível da realidade oculta da salvação, indicada pelo termo *mysterium*" (Ibidem 774).

Mas, como sinais mediadores e eficazes entre Deus e a pessoa humana, os sacramentos podem ser também, e são de resto, o meio privilegiado para ajudar cada homem e mulher a experimentar na sua vida o mistério por excelência, que é o próprio Deus. Haverá alguém, ao mesmo tempo, mais inacessível ao ser humano e que, no entanto, mais possa dar sentido à sua existência?

2. A vida dos sacramentos

Em todos os sete sacramentos entram elementos ou gestos simbólicos: a água que lava; o óleo que fortalece e embeleza; o perfume que atrai; o pão e o vinho que alimentam; as mãos que, impostas ou unidas, transmitem energia e poder, perdão e amor.

Mas não se trata de magia. "Sem dúvida, as acções simbólicas são já, por si, uma linguagem. Mas é preciso que a Palavra de Deus e a resposta de fé acompanhem e dêem vida a estas acções, para que a semente do Reino produza os seus frutos em terra boa. As acções litúrgicas significam o que a Palavra de Deus exprime: ao mesmo tempo, a iniciativa gratuita de Deus e a resposta de fé do seu povo" (CIC 1153).

Por isso, "a liturgia da Palavra é parte integrante das celebrações sacramentais". E os gestos são sempre acompanhados da palavra. "Inseparáveis enquanto sinais e ensinamento, as palavras e a acção litúrgica são-no também enquanto realizam o que significam. O Espírito Santo não se limita a dar compreensão da Palavra de Deus suscitando a fé nela; pelos sacramentos, realiza também as «maravilhas» de Deus anunciadas pela Palavra; torna presente e comunica a obra do Pai, realizada pelo Filho muito amado" (Ibidem 1154.1155).

Essa obra teve o seu auge na morte e ressurreição de Cristo, quando Deus se uniu à humanidade numa nova e eterna Aliança de amor infinito, da qual nasce e vive a sua Igreja. Por isso, todos os sacramentos recebem a sua energia vivificante deste

acontecimento salvífico. Mais: actualizam-no, para as condições e circunstâncias de vida daqueles que o recebem, oferecendo-lhes aquele sentido e aquela energia que lhes permita integrar harmoniosamente na sua vida as contradições e mistérios de que ela, humanamente, está repleta.

Capacitam-nos para realizar o desafio que Jesus continua a fazer, em **Lc 9, 23-25**: *Se alguém quiser seguir-me, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz todos os dias e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida, tem de perdê-la; mas quem quiser perder a vida por minha causa, salvá-la-á. Na verdade, que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder-se ou a arruinar-se a si próprio?* Perde-se e arruína-se todo aquele que procura viver exclusivamente por si só e para si próprio. Porque o segredo e o mistério da vida está em vivê-la no dom. Só assim ela é fecunda, frutifica, prolongando-se nas vidas daqueles a quem é dada. Uma renúncia que é dura, tão pesada como uma cruz que ameaça esmagar-nos, mas que é, também, extremamente compensadora e nos faz verdadeiramente felizes.

Veja-se o que aconteceu com Aquele que a isso nos desafia: *O Filho do Homem tem de sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos príncipes dos sacerdotes e pelos escribas; tem de ser morto e ressuscitar* (Lc 9, 22). A ressurreição, a vitória definitiva sobre a morte, no final de uma via dolorosa, percorrida no total dom da vida - foi assim que Ele ganhou para sempre... e para nós, por quem deu e continua a dar, com:

3. Os sacramentos da vida

São sete. Ou melhor: acabaram por ser sete, já que este número foi fixado apenas no século XII e definitivamente ratificado pela declaração do Concílio de Trento: "Os sacramentos da nova lei são sete, nem mais nem menos" (cf. CIC 1113). Terá algum sentido este número?

A verdade é que ele exprime totalidade. Também sete foram os dias da criação, sete são os dons do Espírito Santo de que vive a Igreja... e sete são os dias de cada semana em que decorre a nossa vida.

E os "sete sacramentos também acompanham todas as etapas e momentos importantes da vida do cristão: outorgam nascimento e crescimento, cura e missão à vida de fé dos cristãos. Há uma certa semelhança entre as etapas da vida natural e as da vida espiritual" (CIC 1210). Ou talvez seja mais do que uma mera semelhança: a vida natural sem a espiritual é incompleta, fica ao sabor das suas contradições, dos seus mistérios. E não é por acaso que os sacramentos são recebidos, sobretudo, naqueles momentos de mudança ou de maior debilidade da vida natural e/ou espiritual e em que, por isso, é mais necessária a energia de Cristo morto e ressuscitado, para O podermos seguir, a caminho da verdadeira vida.

Com base nisso, os sacramentos são agrupados em três espécies:

- *Os sacramentos da iniciação cristã*: Baptismo, Confirmação e Eucaristia. Com eles "são lançados os alicerces de toda a vida cristã", numa "certa analogia com a origem, crescimento e sustento da vida natural. Nascidos para uma vida nova pelo Baptismo,

os fiéis são efectivamente fortalecidos pelo sacramento da Confirmação e recebem na Eucaristia o Pão da vida eterna. Assim, por estes sacramentos da iniciação cristã, eles recebem cada vez mais riquezas da vida divina e avançam para a perfeição da caridade" (Ibidem 1212).

- *Os sacramentos da cura*: Penitência e Unção dos Enfermos. São necessárias, porque a vida nova de Cristo recebida pelos sacramentos da iniciação cristã, "trazemo-la «em vasos de barro» (2 Cor 4, 7). Por enquanto, ela está ainda «oculta com Cristo em Deus» (Cl 3, 3). Vivemos, ainda, na «nossa morada terrena» (cf. 2 Cor 5, 1), sujeita ao sofrimento, à doença, à morte. A vida nova de filhos de Deus pode ser enfraquecida e até perdida pelo pecado" (Ibidem 1420).
- *Os sacramentos ao serviço da comunhão*: Ordem e Matrimónio. Enquanto os anteriores "conferem as graças necessárias para a vida segundo o Espírito, nesta existência de peregrinos em marcha para a Pátria", estes dois "são ordenados para a salvação de outrem. Se contribuem também para a salvação pessoal, é através do serviço aos outros que o fazem. Conferem uma missão particular na Igreja e servem a edificação do povo de Deus" (Ibidem 1533.1534). Um como o outro são, de facto, necessários, pode ver-se no percurso catequético: sem uma comunidade familiar, unida no amor de Cristo, e uma comunidade cristã que seja o Corpo de Cristo, dificilmente os catequizandos encontram o caminho para Ele e, com Ele, para a vida, no seu sentido mais abrangente.

OBJECTIVOS

- Interpretar os sete sacramentos como dons de Deus para o crescimento cristão;
- Descobrir a sua origem e a sua fonte no dom da vida de Cristo na cruz;
- Dispor-se a acolher esses dons ao longo da vida.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese, para além de ser uma revisão dos sete sacramentos, pretende mostrar a sua unidade: na sua origem – em Cristo – e na sua distribuição – pelas fases principais da vida cristã. Daí que, logo no início, se ponham as crianças a caminhar, guiadas pelo canto que as une a Cristo.
2. Uma vez que todos os sacramentos são recebidos em celebrações, a catequese tem uma estrutura celebrativa, com as suas duas componentes: liturgia da palavra e liturgia propriamente sacramental, ambas introduzidas de um modo solene e acompanhadas do canto.
3. Para ilustrar cada sacramento propõe-se o uso de fotografias alusivas, de preferência já usadas em catequese anteriores e que mostrem o preciso momento em que se recebe o sacramento.

4. Para ilustrar a sua divisão, sugere-se o uso de dísticos em cores comuns: vermelho para os sacramentos da iniciação cristã; verde para os sacramentos da cura; azul para os sacramentos do serviço da comunhão.
5. A proposta final – de distribuir cada sacramento por cada dia da semana e descobrir qual o mais importante – serve já de preparação para a próxima catequese, dedicada à Eucaristia.

MATERIAIS

- Uma toalha branca para cobrir a mesa (catequese anteriores);
- Uma estante (catequese anteriores);
- Uma faixa para cobrir a estante (catequese anteriores);
- Um crucifixo de tamanho adaptado ao lugar que ocupa no placar (ver Documento 1);
- A Bíblia;
- Duas velas;
- Dísticos "SACRAMENTOS" e "NO AMOR DE CRISTO", com as letras em vermelho, verde e azul;
- Dísticos: "INICIAÇÃO CRISTÃ", "Baptismo", "Confirmação" e "Eucaristia", em vermelho;
- Dísticos: "CURA", "Penitência" e "Unção dos Doentes" em verde;
- Dísticos: "SERVIÇO DA COMUNHÃO", "Ordem" e "Matrimônio", em azul;
- 7 Fotografias, cada uma alusiva à recepção de um sacramento: Baptismo, Confirmação, Eucaristia, Penitência, Unção dos Enfermos, Ordem e Matrimônio (escolher das catequese alusivas a esses sacramentos).

MÚSICAS

- "Jesus Cristo, és meu amigo";
- "Sou de Cristo, sou feliz";
- "Cantai, o Senhor é bom";
- "Servir é alegria".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala

- O **placar** está vazio.
- A **mesa**, como nas catequese anteriores, seja um pouco deslocada para a frente e coberta com uma toalha branca.
- Uma **estante**, como nas catequese anteriores, colocada de um dos lados da mesa e coberta com uma faixa branca.
- As **cadeiras**, ainda como nas catequese anteriores, estejam em semicírculo e, se possível, com um corredor ao meio.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *As crianças sejam acolhidas fora da sala e entrem em fila, cantando o cântico:*

"Jesus Cristo, és meu amigo" (1ª e 3ª estrofe)

Depois de todas as crianças estarem no seu lugar, ainda de pé, o catequista saúde-as:

Catequista:

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a Comunhão do Espírito Santo estejam convosco.

Crianças:

Bendito seja Deusm, que nos reuniu no amor de Cristo.

Catequista:

Podem sentar-se...

Há muito tempo que já não cantávamos este cântico aqui na catequese. Parece-me que a última vez foi na festa da 1ª Comunhão.

Mas vejo que não se esqueceram dele. E que gostam de o cantar. Eu gosto. Gostamos tanto, que até o cantámos com os pés...

Não repararam? Cantámos, enquanto caminhámos e muitos iam dando os passos, conforme o ritmo da música.

Ora experimentem lá, mesmo sentados, a bater os pés, ao mesmo tempo que cantamos. Mas certinhos.

Comece-se por bater os pés e, só depois, se cante.

Como estão a ver, cantámos até com os pés. Até com os nossos passos nós dizemos aquilo que cantamos: Jesus vais ao meu lado e eu vou contigo... no meu coração. Por isso, Jesus é para mim caminho e grande luz: o caminho por onde ando, iluminado e guiado por Ele.

Mas, não é só aqui na catequese. É também na Igreja, é em cada dia e sempre. Claro: com tanto bem e tanto amor, quem é que não quer caminhar com Jesus? E por toda a vida.

Mas há algumas alturas em que Ele se põe ainda mais ao nosso lado e nós O recebemos no nosso coração. Querem saber quais são essas alturas?

2. Sereis vós a tentar descobrir, mas com a ajuda de umas fotografias que já conheceis.

1ª

Alternativa

Grupo pequeno

O catequista afixe – nos extremos do placar – de um lado, os **dísticos** com os **nomes dos sete sacramentos**, do outro, **as fotografias correspondentes**. Mas ambos de modo desordenado.

Depois, convide as crianças a ordenarem os sacramentos e as fotografias correspondentes.

2ª

Alternativa

Grupo grande

O catequista divida o grupo em dois e entregue a um os **dísticos** com os **nomes dos sete sacramentos**, e ao outro as **respectivas fotografias**, pedindo-lhes que ordenem, uns e outros, pela ordem em que são recebidos.

3. Para as duas alternativas:

O catequista afixe, ao centro e ao alto do placar, o **dístico "SACRAMENTOS"** e diga: Os nomes e as fotografias são dos... (aponte o dístico) sacramentos.

Sacramento vem de "sacro", que significa sagrado ou santo. Os sacramentos são os meios que Deus nos vai dando para sermos santos, como Jesus e com Jesus.

E vai dando ao longo da nossa vida. São aqueles passos da nossa vida, para dizermos que queremos ser de Cristo e ser felizes, com Ele no nosso coração.

Qual é o primeiro?...

À medida que as crianças vão descobrindo a ordem e a respectiva fotografia, o catequista vá afixando no placar, pela ordem indicada no Documento 1.

Tratando-se, em muitas fotografias, de pessoas conhecidas, pode fazer um pequeníssimo comentário às circunstâncias, de tempo e lugar, em que essas pessoas receberam esses sacramentos. Deixará o significado de cada um dos sacramentos para a Expressão da fé.

Depois de composto o painel, comente:

Muito bem. Conseguimos encontrar a ordem dos sete sacramentos. Não custou muito, porque já os conhecíamos todos. E alguns até já vós recebestes, como se pode ver pelas fotografias (pode apontar as que dizem respeito às crianças).

Mas falta saber pelo menos duas coisas:

- Primeiro, por que razão estão juntos desta maneira: por exemplo, o Batismo junto da Eucaristia e da Confirmação. E os dísticos têm cores diferentes: vermelho, verde e azul.
- Segundo, como é que, com estes sacramentos, Jesus se põe ao nosso lado e no nosso coração. Como é que estes sacramentos nos unem a Jesus e Jesus se une a nós, para sermos santos.

Começemos por esta última pergunta.

II. PALAVRA

1. É claro: quem nos vai ajudar é o próprio Jesus. É Ele quem nos vai contar o que fez por nós e o que nós devemos fazer ao longo da nossa vida, para recebermos o que Ele nos dá e seguirmos pelos seus passos.

E porque isso é tão importante, vamos recebê-lo de um modo especial:

- Dois de vós (*diz os nomes*) vão sair da sala e trazer o livro da Palavra de Deus, a Bíblia;
- Vão entrar em procissão;
- E, enquanto eles caminham até aqui, junto da mesa, todos cantaremos, de pé, o **cântico** que cantámos há pouco, mas agora com a 2ª estrofe. Podemos cantar, batendo os pés (ou as palmas).

Se houver outro catequista, acompanhe as crianças desde fora da sala. Se não, faça-o o próprio.

O cortejo com a Bíblia é constituído assim:

- À frente, uma criança com uma vela acesa;
- A seguir, outra com a Bíblia levantada;
- No fim, o catequista, que as acompanha.

Caminhem lentamente até se colocarem por trás da mesa, onde esperam pelo fim do cântico:

"Jesus Cristo, és meu amigo" (2ª e, se necessário, 3ª estrofe).

Terminado o cântico, o catequista, que integra o cortejo, receba a Bíblia da criança e, acompanhado pela que tem a vela, dirija-se para a estante, de onde leia o texto de Lc 9, 22-25:

Catequista:

O Senhor esteja connosco.

Crianças:

Ele está no meio de nós.

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo Segundo São Lucas.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

Catequista:

**Naquele tempo,
disse Jesus aos seus discípulos:
«O Filho do Homem tem de sofrer muito,
ser rejeitado pelos anciãos,
pelos príncipes dos sacerdotes e pelos escribas;
tem de ser morto
e ressuscitar ao terceiro dia.»**

E, dirigindo-se a todos, disse:

**«Se alguém quiser seguir-me,
renuncie a si mesmo,
tome a sua cruz todos os dias e siga-me.
Pois quem quiser salvar a sua vida,
tem de perdê-la;
mas quem perder a vida por minha causa,
salvá-la-á.
Na verdade, que aproveita ao homem
ganhar o mundo inteiro,
se vier a perder-se ou a arruinar-se a si próprio?»**

Palavra da salvação.

Crianças:

Glória a Vós, Senhor.

2. *Terminada a leitura, as crianças sentam-se, o catequista coloca a Bíblia no centro da mesa, e a criança com a vela coloca-a num dos lados da mesa.*

De seguida, o catequista afixe, ao fundo do placar, o dístico "NO AMOR DE JESUS" e comente:

Jesus acabou de nos falar no seu amor: aquele amor que Ele mostrou, ao dar a vida na cruz, para, depois, ressuscitar.

É este amor que Ele dá a quem o seguir e, com a ajuda de Jesus, dar, também ele, a sua vida pelos outros.

E como é que nós podemos dar a vida pelos outros? – Cumprindo o nosso dever, em casa, na escola, na catequese, na igreja; sendo generosos e bons, principalmente, com aqueles que têm mais dificuldades: os pobres, os doentes, os colegas que não têm tantas coisas como nós...

Tudo isto faz parte da nossa cruz. Porquê? – Porque nos custa! Às vezes custa tanto estudar ou ajudar os pais! Ou brincar com aquele colega com quem toda a gente goza! É a nossa cruz.

Mas fazemos tudo isso, porque amamos os outros, vivemos para os outros.

E, por isso, sentimo-nos felizes. Quem ama, ainda que custe, fica sempre feliz. Reparem como isso acontece, por exemplo, com tantos pais que tanto se sacrificam pelos seus filhos.

Pois bem, é este amor que Jesus nos dá e coloca no nosso coração, com os sacramentos que vamos recebendo.

À medida que vamos crescendo, vamos tendo novas ocasiões de receber o grande amor de Jesus, para sermos santos, verdadeiros amigos de Deus e dos outros.

Já agora, na vossa idade. Mas, quando crescerem mais, vão tendo mais responsabilidades. Só que, também então, Jesus lá estará, para vos ajudar, na medida em que ides precisando.

Vamos ver melhor como isso acontece. Para isso, precisamos aqui de uma outra coisa: de um sinal do grande amor de Jesus. Qual será?...

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Esse sinal vai ser trazido por dois de vós (*dizer os nomes*), e da mesma maneira como fazemos com a Bíblia, onde Jesus nos acabou de falar: de pé... Cantaremos o mesmo cântico e da mesma maneira.

Segue-se o cortejo com o crucifixo, como no anterior:

- À frente, uma criança com uma vela acesa;
- Segue uma outra com o crucifixo levantado;
- No fim, o catequista que as acompanha.

Chegados à frente, colocam-se por trás da mesa, até terminar o cântico:

"Jesus Cristo, és meu amigo" (5ª e, se necessário, 6ª estrofe)

No fim do cântico, as crianças sentam-se, a que tem a vela coloca-a do outro lado da mesa, e o catequista pendura o crucifixo no centro do placar, entre as fotografias e os dísticos (ver documento 1). Deixe contemplar e comente:

2. Cá está o maior sinal do grande amor de Jesus: na cruz é que Ele deu a vida por nós. E é este amor que Ele nos dá em cada um dos sete sacramentos.

Vamos ver como é que isso acontece, começando pelos primeiros: o Baptismo, a Confirmação e a Eucaristia.

- Para perceberem melhor, podem servir-se do catecismo. Sobre o **Baptismo** vejam na página 49.

O catequista indique a página referente ao Batismo, na catequese 11, e convide uma criança a ler as palavras de Jesus em Jo 3, 16:

**Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho Unigênito,
para que todo o homem que acredita n'Ele não pereça,
mas tenha a vida eterna.**

Depois, comente:

Quanto Deus nos ama, ao dar-nos Jesus! Quem nele acredita e é, depois, batizado, como que nasce de novo.

Ainda se lembram do que disse o sr. Padre (ou diácono) quando nos batizou?...

Vamos fazer pelo menos o sinal da cruz, dizendo cada um o seu nome e depois:

Eu (nome) fui batizado em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Mesmo sentados, todos – crianças e catequista(s) – façam o sinal da cruz, acompanhado das palavras indicadas.

– Depois temos a **Confirmação** ou **Crisma**. Abram o catecismo na catequese 12, na página 53.

O catequista indique a página 53, com a fórmula do sacramento da Confirmação e convide uma criança a lê-la:

Recebe por este sinal o Espírito Santo, o dom de Deus.

Depois comente:

O sinal é uma cruz que o sr. Bispo faz na testa, ao mesmo tempo que unge com o Óleo do Santo Crisma. E, assim, quem é crismado, fica mais forte, com a ajuda do Espírito Santo.

– Passemos ao sacramento da **Eucaristia**. O mais importante vem na página 66 e 67.

O catequista indique a página 66, da catequese 15, com as palavras da consagração, que podem ser lidas por uma criança:

Isto é o meu Corpo, entregue por vós.

Este cálice é a nova Aliança no meu Sangue.

Depois, comente:

Todas as vezes que participamos na Eucaristia, Jesus dá-nos o seu Corpo e o seu Sangue. É dele que nos alimentamos, para sermos mais fortes no nosso amor a Jesus e aos outros.

Sabem como é que nós chamamos a estes três sacramentos, Batismo, Confirmação e Eucaristia?

O catequista afixe, por cima dos dísticos e fotografias referentes a estes sacramentos, o **dístico "INICIAÇÃO CRISTÃ"** e comente:

São os sacramentos da Iniciação Cristã: os sacramentos que nos fazem cristãos, nos levam a ser de Cristo... e a sermos felizes.

Então, cantemos o **cântico**:

"Sou de Cristo, sou feliz" (1ª estrofe)

3. Agora temos os sacramentos da Penitência e da Unção dos Enfermos. Querem saber porque estão juntos?

O catequista afixe, por cima dos dois sacramentos, o **dístico "CURA"** e comente:

Chamam-se Sacramentos de Cura, porquê?... Porque nos curam, quando estamos doentes: um para as doenças do corpo e o outro para as doenças da alma.

– A **Unção dos Enfermos** é para as doenças do corpo. Podem abrir o catecismo na página 75 e 76.

O catequista indique a página com a fórmula sacramental da Unção dos Enfermos (página 76) e peça a uma criança para ler:

**Por esta santa unção e pela infinita misericórdia,
o Senhor venha em teu auxílio com a graça do Espírito Santo.**

Depois comente:

São estas palavras que o sr. Padre diz, quando unge a testa e as mãos do doente. Para quê? – Para lhe serem perdoados os pecados e para ser aliviado nos seus sofrimentos.

– Passemos à **Penitência** ou **Confissão**, o sacramento que nos cura dos nossos pecados. Podem abrir o catecismo na página 92.

O catequista indique a página 92 em que está a fórmula da absolvição, na catequese 21, que uma criança pode ler, na parte final:

**Eu te absolvo dos teus pecados,
em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.**

Foram estas palavras que Deus nos disse através do sr. Padre a quem nos confessámos. E lembram-se do **cântico** que cantámos, em sinal de alegria e gratidão pelo perdão que recebemos?...

Ponham-se de pé... Demos as mãos... e cantemos:

"Cantai, o Senhor é bom" (refrão e 1ª estrofe)

4. Enquanto as crianças se sentam, o catequista afixe, por baixo dos nomes e fotografias relativas à Ordem e ao Matrimónio, o **dístico "SERVIÇO DA COMUNHÃO"** e comente: É assim que chamamos aos sacramentos da Ordem e do Matrimónio: serviço da comunhão. Os Padres e Bispos são ordenados para servir. E o mesmo acontece com os noivos que recebem o sacramento do Matrimónio: também eles se casam para servir, um ao outro, os filhos, a família. Servir como Jesus, e com Jesus. Ainda se lembram do cântico "Servir é alegria"? O catequista pode indicar a página do catecismo em que se encontra e depois convidar as crianças a cantar:

"Servir é alegria" (1ª estrofe)

E lembram-se quando é que Jesus disse essas palavras: "Eu vim para servir"? – Na última Ceia, pouco antes de morrer, de dar a vida por nós na cruz (*aponte para o crucifixo*).

Pois bem, tanto os Padres e os Bispos como os casais que recebem o matrimónio, são as pessoas que mais dão a vida por nós.

E lembram-se do que Jesus nos dizia há pouco? "Quem perder a sua vida por minha causa, salvá-la-á". Os padres e os casados, que são pais, gastam mesmo a sua vida, por aqueles que amam: por nós.

Mas são felizes, por nos verem a crescer, bons e felizes. Salvam a sua vida, enquanto a dão, a servir, para criar comunhão, amor entre nós.

Acho que devemos rezar muito por eles: os sacerdotes e os casais cristãos. Porque eles são quem mais contribui para vivermos em comunhão e mais precisam da ajuda de Deus para servir. Porque servir é muito bom, mas também é muito difícil. É por isso que, às vezes, nós preferíamos ser sempre servidos, não é? Por exemplo, que os pais façam tudo por vós e não vos incomodem a pedir ajuda, não será?

Como oração, podemos fazer assim:

- Primeiro, benzemo-nos;
- Depois, virá uma oração pelos sacerdotes, que se encontra no catecismo, na página 111. Eu leio e vós podeis acompanhar (*catequese 26*);
- Responderemos com o cântico "Servir é alegria" (*indicar a página em que se encontra, no final do catecismo*);
- A seguir, rezaremos uma oração pelos casais cristãos, que vem no catecismo, a seguir, na página 115. Eu leio e vós podeis, mais uma vez, acompanhar (*catequese 27*);
- Finalmente, todos cantaremos, de novo, o cântico "Servir é alegria",
- E benzemo-nos, para concluir.

De pé... Concentremo-nos... e agora, rezemos:

Todos (benzendo-se):

Em nome do Pai...

Catequista (e crianças):

**Senhor, Deus eterno e onipotente,
que os sacerdotes, juntamente com os seus bispos,
nos transmitam fielmente os vossos dons,
para que o povo que vos pertence
renasça pelo banho baptismal de regeneração
e se alimente do vosso altar,
os pecadores se reconciliem
e os enfermos encontrem alívio.**

Todos (cantando):

"Servir é alegria"... (1ª estrofe)

Catequista (e crianças):

**Desça, Senhor, sobre todos os casais cristãos
a abundância das vossas bênçãos
e a virtude do Espírito Santo inflame os seus corações,
para que, no dom recíproco do seu amor,
alegrem com seus filhos a família e a Igreja.**

Todos (cantando):

"Servir é alegria"... (2ª estrofe)

Todos (benzendo-se):

Em nome do Pai...

5. Compromisso

Podem sentar-se...

Já viram quantos são os sacramentos que Jesus nos oferece ao longo da nossa vida? Tantos, quantos os dias da semana: sete. Um para cada dia.

Pois bem, é isso que vão fazer: em cada dia vão pensar num sacramento e, naturalmente, nas pessoas que o recebem.

Para vos ajudar, vão encontrar na página 119 do catecismo este esquema (*mostrar*), com o título «Para que tenham vida», com o nome dos sacramentos ou as palavras que são ditas em cada um, para recordarem e preencherem. E depois, uma frase para completar: "Servir é..." O que será "servir"? (*escutar as crianças*) Alegria!

Podem também cantar o cântico "Jesus Cristo, és meu amigo", e até a caminhar, como fizemos hoje: por exemplo, quando vão para a escola, para a catequese, para a igreja. Pensam num sacramento, a caminhar e a cantar. É que os sacramentos são passos importantes no caminho da nossa vida, no seguimento de Jesus.

Conforme forem pensando nos sacramentos, vão-nos desenhando na página 120 do catecismo, um sacramento para cada dia: os dias estão indicados em cada moldura. E, depois de os percorrerem todos, vejam se descobrem qual é o mais importante dos sete. Sim, há um que é, de todos, o mais importante.

Este é o nosso compromisso para esta semana. Na próxima catequese iremos saber as vossas respostas: dos sete qual é o mais importante e porquê.

Então, até lá:

Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

Crianças:

Graças a Deus.

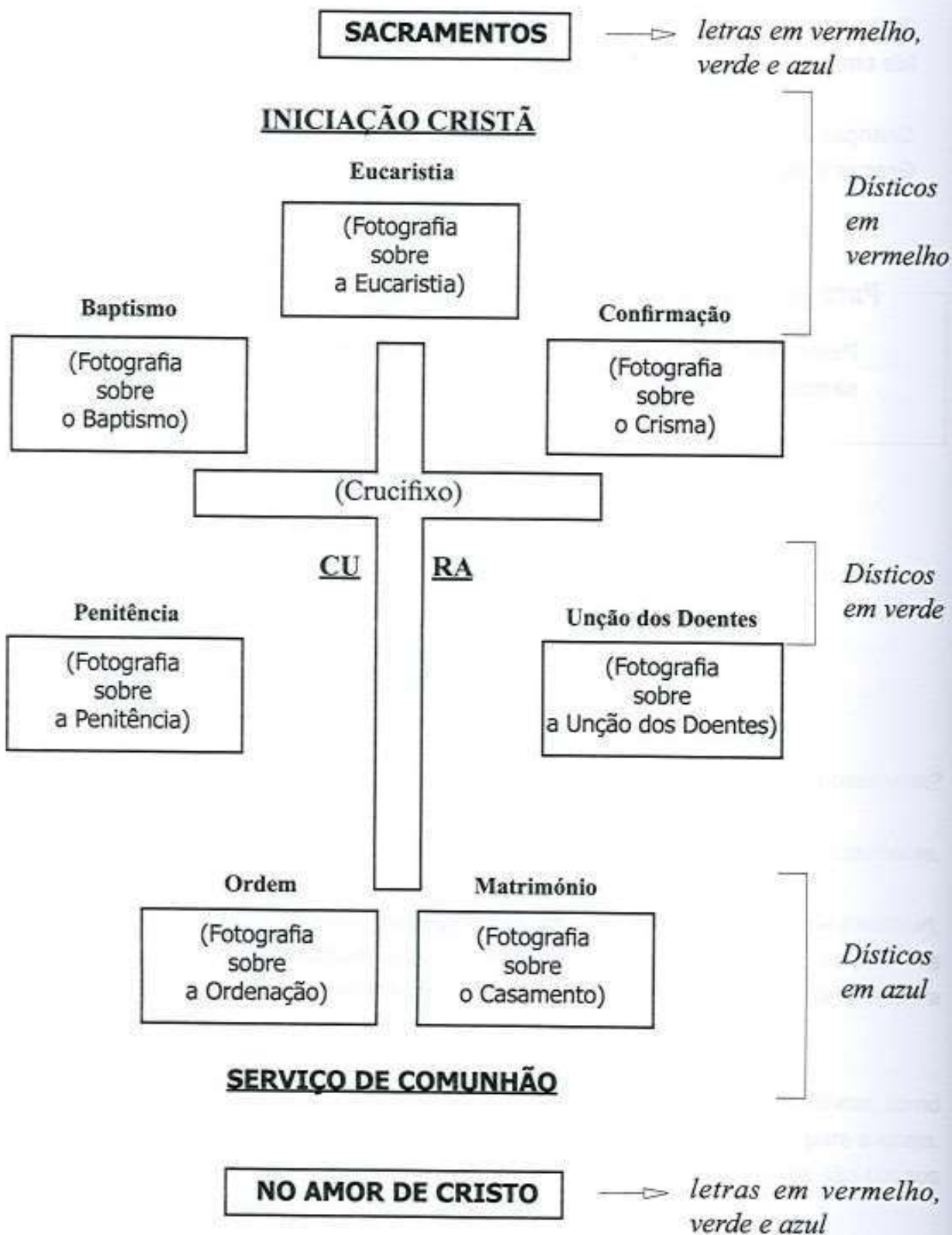
Para guardar na memória e no coração

Pelos sete sacramentos, Deus ajuda-nos a sermos cada vez mais santos, com Jesus e como Jesus, ao longo da nossa vida.

III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1

Painel a construir no decurso da catequese:



O SANTÍSSIMO SACRAMENTO DA EUCARISTIA

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. “Mistério da fé!”

É esta exclamação ou outra semelhante – “Mistério admirável da nossa fé!” ou “Mistério da fé para a salvação do mundo!” – que irrompe do silêncio profundo de contemplação e adoração com que, de joelhos, são escutadas as palavras e contemplados os gestos da consagração do pão e do vinho, em cada celebração eucarística. Tudo está concentrado naquela acção única: a celebração, a obra salvífica de Deus em seu Filho Jesus Cristo, a vida da Igreja e de cada um dos seus membros.

Já por isso, se trata de um mistério, o maior: uma realidade que ultrapassa todas as capacidades humanas de apreensão, compreensão e expressão, por vir de um Deus, ao mesmo tempo, sumamente transcendente e, simultaneamente, imanente. Um Deus que tudo transcende, na sua imanência: no dom do seu Filho Único que totalmente se oferece, no seu Corpo e no seu Sangue, para se tornar um comigo, numa comunhão que me leva a exclamar: *Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim* – pelo amor extremo com que *me amou e se entregou por mim* (Gl 2, 20).

Perante isto, toda a tentativa de uma explicação puramente racional é, no mínimo, descabida. Como de resto, acontece com tudo aquilo em que entra o amor. Aí intervêm sempre razões que a razão desconhece. O único modo de o compreender é experimentá-lo, vivê-lo. Ora, é exactamente esse amor, num grau humanamente inigualável, que está no centro da Eucaristia. Um “mistério que supera os nossos pensamentos e só pode ser aceite pela fé” (João Paulo II, *Ecclesia de Eucharistia* 15).

Mas uma fé que é provocada pelo mistério contemplado. Como o amor gera o amor, a entrega leva à entrega. Por isso, essa fé encontra a sua expressão verbal, em primeiro lugar, na proclamação dos acontecimentos salvíficos de que é constituído o mistério: “Anunciamos, Senhor, a vossa morte, proclamamos a vossa ressurreição. Vinde Senhor Jesus” – é a reacção mais habitual à exclamação do sacerdote celebrante. Uma reacção que remonta ao cristianismo nascente. Já S. Paulo, em 1Cor 11, 26, imediatamente depois do relato da *Ceia do Senhor*, como ele lhe chama, e era sacramentalmente

celebrada pela comunidade crente, comente: *Porque, todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha.* Isto quer dizer, em primeiro lugar, que a própria celebração é um anúncio: o do evangelho da morte e ressurreição de Cristo, na expectativa da sua última vinda, em glória. É talvez o seu anúncio mais completo, se tivermos em conta o sentido bíblico do termo "memorial": pelo relato, os gestos que nele se integram e o ambiente de fé em que é celebrado (expresso nomeadamente na invocação do Espírito Santo com a sua energia vivificante), por tudo isso o acontecimento salvífico não é simplesmente recordado, mas torna-se de tal modo presente, que os participantes na celebração podem realmente usufruir da salvação, objectivamente obtida no passado histórico. No pão e no vinho, Cristo oferece realmente a sua vida, no seu Corpo e no seu Sangue.

Mas a proclamação dos participantes não se confina à celebração. Se tal acontecesse, estaria até em contradição com o mistério celebrado: significaria pelo menos que o amor oferecido não fora aceite. Porque, àqueles a quem Cristo dá o seu Corpo, não resta outra coisa, senão fazer o que nos recomenda S. Paulo, em **Rom 12, 1(-2)**:

2. "Peço-vos que ofereçais os vossos corpos"

Esta exortação é feita na abertura da secção da carta que é dedicada à conduta moral dos cristãos. Transformados em novas criaturas pela *misericórdia de Deus* – manifestada particularmente no evangelho da morte e ressurreição de Cristo – é por essa mesma misericórdia que, quer Paulo (nas suas orientações) quer os leitores (no seu comportamento) se deixem conduzir. Vivem como cristãos, na medida em que, no seu dia-a-dia, põem em prática a misericórdia de que vivem, nomeadamente nas celebrações litúrgicas.

Daí que a linguagem usada por Paulo, nestes dois versículos, seja predominantemente litúrgica: oferecer os corpos como *sacrifício vivo, santo, agradável a Deus, como culto espiritual*, faz lembrar, não apenas as ofertas cultuais (de que tanto fala o AT e se realizavam no templo de Jerusalém), como principalmente a oferta única que Cristo fez da sua vida, na cruz, e que, na última Ceia, interpretou como expiação pelos pecados da humanidade. Uma oferta que é permanentemente actualizada em cada Eucaristia e que transborda, nos seus efeitos salvíficos, para além da celebração.

É nesse sentido que Paulo fala, à letra, na *oferta dos corpos*. A misericórdia de Deus, experimentada e saboreada na comunhão do "Corpo de Cristo entregue por nós", capacita-nos para a entrega dos nossos corpos por aqueles cuja "miséria" atinge o nosso "coração" (conforme a etimologia latina do termo "misericórdia").

E, só então, o culto, celebrado sacramentalmente na liturgia eucarística, é *vivo*, porque nele se comprometem as vidas que empenhamos pela vida dos outros; é *santo*, porque próprio de quem pertence a um Deus, cuja santidade se manifesta no amor infinito por toda a humanidade; e, como tal, *lhe é agradável e espiritual*, porque animado pelo mesmo Espírito vivificante com que Deus actuou em Cristo, designadamente na sua morte e ressurreição, e actua em todos aqueles que a Ele se entregam pela fé.

É, portanto, um culto que transborda para o altar do mundo: aquele mundo que Deus tanto ama e, ao mesmo tempo, tão pouco quer saber de Deus, da sua misericórdia. Um mundo, nesse caso, com cujo modo de pensar e agir o cristão, de modo algum, se pode conformar. É para isso que precisamos daquela permanente *renovação da mente* que a activa participação na Eucaristia nos possibilita.

Mais, neste mundo em que vive, o cristão não se pode isolar nem estar apenas à defesa. A *renovação espiritual* da mente tem como objectivo descobrir, *segundo a vontade de Deus, o que é bom, o que lhe é agradável, o que é perfeito* (v. 2). Ora isso só se realiza:

3. Na missão dos participantes na Missa

"Santa Missa" é, entre nós, ainda o nome mais corrente dado à celebração eucarística, independentemente da sua origem etimológica. Hoje, esse nome é interpretado em ligação com o verbo *mittere* ("enviar"). Isto é, chama-se assim, "porque a liturgia em que se realiza o mistério da salvação termina com o envio dos fiéis (*«missio»*), para que vão cumprir a vontade de Deus na sua vida quotidiana" (CIC 1332).

Uma missão exigida pelo mistério celebrado, como tão bem é dito por Bento XVI: "Não podemos reservar para nós o amor que celebramos neste sacramento: por sua natureza, pede para ser comunicado aos outros. Aquilo de que o mundo tem necessidade é do amor de Deus, é de encontrar Cristo e acreditar nele. Por isso, a Eucaristia é fonte e ápice não só de vida da Igreja, mas também da sua missão: uma Igreja autenticamente eucarística é uma Igreja missionária. Havemos, também nós, de poder dizer com convicção: «Nós vos anunciamos o que vimos e ouvimos, para que estejais também em comunhão connosco» (1 Jo 1, 2-3). Verdadeiramente, não há nada de mais belo do que encontrar e testemunhar Cristo a todos!" (Sa Ca 84).

E este testemunho tem de ser dado "com a nossa vida. O enlevo pelo dom que Deus nos concede em Cristo, imprime à nossa existência um dinamismo novo que nos compromete a ser testemunhas do seu amor. Tornamo-nos testemunhas quando, através das acções, palavras e modo de ser, é Outro que aparece e se comunica. Pode-se afirmar que o testemunho é o meio pelo qual a verdade do amor de Deus alcança o ser humano na história, convidando-o a acolher livremente esta novidade radical" (Ibidem 85).

É também este amor, testemunhado ao vivo, o meio mais eficaz e convincente para realizarmos aquele anúncio e aquela proclamação do Evangelho que prometemos fazer na sequência do mistério contemplado e adorado no centro da cada celebração. Um dos maiores exemplos é dado por tantos catequistas que, após celebrações verdadeiramente vividas, se entregam com particular intensidade à sua missão de serem transmissores da fé, numa redobrada dedicação e entrega àqueles a quem a transmitem. E quantos catequizandos encontram, assim, o caminho para Cristo – Aquele que a eles se oferece na Eucaristia dos altares das nossas igrejas e do nosso mundo!

OBJECTIVOS

- Aperceber-se da centralidade da Eucaristia na vida da Igreja e de cada cristão;
- Compreender o sentido da fórmula de fé, proclamada na celebração eucarística, a seguir à Consagração;
- Comprometer-se a viver a Eucaristia no dia-a-dia da vida cristã, pela oferta da vida.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. No ano em que as crianças recebem a Primeira Comunhão, é fundamental que elas descubram que, sem a Eucaristia, nem elas, nem cristão algum, podem viver, se não participarem assiduamente na sua celebração. É para isso que esta catequese, a penúltima do ano, chama a atenção, apresentando, de um modo positivo, as razões principais que levam a isso. A necessidade da Eucaristia torna-se uma obrigação, por nascer da experiência de um amor infinito, como o de Cristo na sua morte e ressurreição.
2. Além da participação na Eucaristia, chama-se a atenção para outras formas do culto eucarístico: liturgicamente, através da adoração, nomeadamente durante a procissão do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo que, pelo calendário litúrgico, se realiza na proximidade desta catequese; vivencialmente, através da oferta da vida no dia-a-dia. Sobre a visita ao Sacrário e a exposição do Santíssimo falar-se-á na próxima catequese que, por isso, convém ser feita numa igreja em que sejam conservadas as Sagradas Espécies.
3. A pagela distribuída às crianças procura juntar as duas vertentes: a litúrgica, com a fórmula de fé proclamada na celebração eucarística a seguir à Consagração; a vivencial, com o lugar para as crianças escreverem os modos como concretizam o compromisso de se oferecerem eucaristicamente pelos outros.

MATERIAIS

- As sete fotografias referentes a cada um dos sete sacramentos (catequese anterior);
- Um crucifixo (catequese anterior);
- Uma toalha branca, para cobrir a mesa (catequese anteriores);
- Uma estante (catequese anteriores);
- Uma faixa para cobrir a estante (catequese anteriores);
- Duas velas;
- A Bíblia;
- Uma cartolina recortada e adornada em forma de custódia e do tamanho do crucifixo (ver Documento 1);
- Pagelas, uma para cada criança e catequistas, referente à Eucaristia (ver Documentos 2 e 3);
- Lápis ou marcadores, de diferentes cores.

MÚSICAS

- "Jesus Cristo, és meu amigo";
- "Jesus Cristo é nosso amigo";
- Gravação de "Jesus Cristo é nosso amigo".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala

- No **placar**: só as fotografias relativas aos sete sacramentos, usadas na catequese anterior e ordenadas do mesmo modo (ver Documento 1).
- Na **mesa**, um pouco deslocada para a frente: a mesma toalha branca usada nas catequese anteriores.
- Uma **estante**, de um dos lados da mesa e coberta por uma faixa, como nas catequese anteriores.
- As **cadeiras**: em semicírculo e com um corredor ao meio, como nas catequese anteriores.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. As crianças, depois de acolhidas e preparadas, entrem em **cortejo**:

- À frente, uma com o crucifixo, levantado;
- Seguem-se duas, cada uma com uma vela acesa;
- Depois, uma outra com a Bíblia, levantada;
- Finalmente, as restantes e os catequistas.

Durante o cortejo, cante-se o **cântico**, caminhando ao ritmo da música, como na catequese anterior:

"Jesus Cristo, és meu amigo" (as estrofes necessárias)

Chegadas aos seus lugares, mantenham-se de pé, enquanto durar o cântico (mas mesmo paradas, podem continuar a bater os pés ao ritmo da melodia):

- A que leva o crucifixo coloque-se ao centro, por trás da mesa;
- As das velas, uma de cada lado da mesa;
- A da Bíblia, ao centro, em frente da mesa.

Terminado o canto:

- O crucifixo seja afixado ao centro do placar, entre as fotografias (como na catequese anterior);
- As velas sejam colocadas em cima da mesa, uma de cada lado;
- A Bíblia seja posta também sobre a mesa, mas ao centro.

Depois, o catequista saúde as crianças:

A graça do nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam connosco.

Crianças:

Bendito seja Deus, que nos reuniu no amor de Cristo.

2. Depois de as crianças se sentarem:

Muito bem. Caminhámos mesmo a seguir Jesus, representado no crucifixo e na Bíblia (apontar).

É lá que está Ele, crucificado e ressuscitado, entre os sete sacramentos.

Só faltam os nomes dos sacramentos. Mas isso, de certeza, já não é preciso, porque já sabem de cor todos os nomes. Vamos ver se sabem mesmo:

O primeiro é...

O catequista vá apontando as respectivas fotografias pela ordem de 1 a 7, deixando para as crianças os nomes. Caso não os saibam bem, pode repetir, uma ou duas vezes, e pedir que, durante a semana, decorem todos os nomes e pela sua ordem. Conclua:

São os melhores meios que Deus nos dá, para seguirmos Jesus durante toda a nossa vida.

Agora, digam lá, como é que eles se dividem...

– Baptismo, Confirmação e Eucaristia são os sacramentos da... **Iniciação Cristã.**

– Penitência e Unção dos Enfermos são os da... **Cura.**

– Ordem e Matrimónio são os do... **Serviço da Comunhão.**

Sete sacramentos para toda a nossa vida. Tantos, quantos os dias da semana.

A propósito: fizeram o que vos pedi, na última catequese? Quem pensou e desenhou os sete sacramentos, um em cada dia da semana?

Abram o catecismo e mostrem lá o trabalho que cada um fez (página ...).

Se houver crianças que o fizeram, o catequista pode perguntar como os distribuíram, a partir da Segunda-Feira, e se fizeram mais alguma coisa que tenha a ver com o respectivo sacramento.

3. Só falta uma coisa: qual dos sete é o mais importante?

É provável que as crianças, partindo até do título da catequese, digam unanimemente ser a Eucaristia. O catequista pergunte as razões e confronte as crianças com outros sacramentos, se não serão mais importantes:

– O Baptismo, por ser o primeiro e porque nos faz cristãos.

– A Penitência, sem a qual não nos são perdoados os pecados, e, sendo graves, não podemos comungar.

– A Ordem, porque sem sacerdotes não teríamos a Eucaristia.

No final da reflexão, conclua:

Vamos ver quem tem razão: se o mais importante será mesmo a Eucaristia ou não será o Batismo ou a Penitência ou a Ordem.

E como é que vamos saber?

II. PALAVRA

1. S. Paulo é quem nos vai dizer, numa carta que ele escreveu aos cristãos de Roma. Depois de mostrar como nos tornamos cristãos, diz como nos devemos comportar para sermos bons cristãos. E é aí que ele tem umas palavras que indicam qual é o sacramento mais importante.
Atenção: ele não diz o nome do sacramento. Mas, por outras palavras que têm a ver com esse sacramento, podemos descobrir qual é.
Por isso, muita atenção. Vamos a ver quem consegue descobrir.
2. *O catequista pegue na Bíblia, dirija-se para a estante, onde a abre em Rm 12, 1-2 e leia lentamente:*

Leitura da carta do Apóstolo São Paulo aos Romanos:

**Peço-vos irmãos, pela misericórdia de Deus,
que ofereçais os vossos corpos
como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus,
como culto espiritual.
Não vos conformeis com este mundo,
mas transformai-vos,
pela renovação espiritual da vossa mente,
para saberdes descobrir, segundo a vontade de Deus,
o que é bom,
o que lhe é agradável,
o que é perfeito.**

Palavra do Senhor.

Crianças:

Graças a Deus.

Catequista, mantendo-se com a Bíblia aberta:

Então conseguiram descobrir de que sacramento fala S. Paulo?

Se as crianças não conseguiram, volte a ler o v. 1, uma ou mais vezes, até se deter nas palavras "ofereçais os vossos corpos".

Oferecer o corpo... Quando é que ouvimos isto da boca de Jesus? Em que sacramento é que Ele nos oferece o seu Corpo? – É na Eucaristia!

E porque Jesus nos oferece, lá, o seu Corpo e o seu Sangue, por isso nós devemos fazer o mesmo.

Daqui a pouco havemos de saber como é que isso se faz: oferecer os nossos corpos. Parece um pouco difícil de perceber, mas, de certeza, que vão ser capazes.

Para já, ficamos a saber que o sacramento mais importante é o da Eucaristia. Reparem que, no placar, ele até está já por cima dos outros todos. Sem ele, os outros ficam, de certo modo, incompletos.

(Apontando para o respectivo sacramento:) Por exemplo:

- Se nos baptizássemos, mas depois, nunca viéssemos a comungar, a certa altura não tínhamos força e coragem, para continuarmos a crescer como bons cristãos. Foi por isso que vós recebestes (ou vos preparais para receber) a comunhão pela primeira vez: para crescerdes mais no amor a Jesus e aos outros.
- E se nos confessarmos, mas depois não comungarmos? – Voltamos mais facilmente a pecar, porque nos falta a força do alimento da Eucaristia.
- E os próprios sacerdotes e bispos são ordenados, principalmente, para celebrar a Eucaristia connosco. É esse o seu principal serviço.
- Até aos doentes: não se lhes dá somente a Santa Unção, também Jesus na hóstia consagrada. A comunhão fortalece-os, no corpo e na alma.

Portanto, o sacramento da Eucaristia é o mais importante.

3. Olhem: é tão importante, que temos pelo menos 54 dias do ano especialmente guardados, destinados, para o celebrar: 54 dias do ano, pelo menos.

Vejam lá se descobrem quais são... É um dia por semana... e logo o primeiro... O Domingo é o dia do Senhor, porque nele nos encontramos, ao mesmo tempo, com Jesus e com os outros cristãos. E isso é feito na Eucaristia.

Conheço um cântico muito interessante que fala, ao mesmo tempo, da Eucaristia e do Domingo. É assim:

O catequista cante e ensaie o cântico:

"Jesus Cristo é nosso amigo" (1ª estrofe e refrão)

É um cântico lindo, não acham?

E repararam que cantamos "Jesus Cristo é nosso amigo e nosso irmão"? Não dizemos meu amigo, mas nosso amigo. Porque será?... Porque Ele é amigo de todos e mostra-o sobretudo na Eucaristia. É principalmente lá que Ele nos faz irmãos.

Por isso é uma falha, um pecado grande, não participarmos na Eucaristia ao Domingo:

– Primeiro, porque um cristão que, habitualmente, não participa na Eucaristia, é como estar a dizer: "Eu não quero saber de Jesus". Não acham que isto é uma ingratidão e

uma falta de educação? Se Jesus nos ama tanto e o mostra, sobretudo na Eucaristia?... E nós que precisamos tanto dele, do seu amor. Por isso que é uma obrigação, irmos à Missa ao Domingo. É como quando os pais vos obrigam a fazer algo que é importante para a vossa vida, por exemplo, a estudar, a tomar um remédio, a fazer desporto: pode não vos apetecer naquele momento mas, depois, que bem vos faz!

– Depois, quem, habitualmente, não participa na Eucaristia do Domingo, está a mostrar que não sabe como é importante estarmos unidos aos outros cristãos, a quem chamamos irmãos. Somos irmãos, porque Jesus, com o seu amor, fez de nós uma família. Não acham que é muito triste que um irmão não queira saber dos outros?

Concluindo: é um dever importante, para todos os cristãos que podem, não faltar à Missa no Domingo.

Porque estamos convencidos disso, cantemos o **cântico** tão bonito que aprendemos. Até podemos cantar com gestos:

- De mãos dadas, quando cantamos: "Jesus Cristo é nosso amigo, Jesus Cristo é nosso irmão";
 - Depois, cada um aponta para si, quando cantamos: "Está comigo";
 - E aponta para o outro que está ao nosso lado, nas palavras: "Está contigo";
 - No fim, juntamos as mãos sobre o coração, ao cantarmos: "Está no nosso coração".
- Então, ponham-se de pé... E cantemos:

"Jesus Cristo é nosso amigo" (1ª e 2ª estrofe)

4. Após se sentarem as crianças:

Lembram-se de eu dizer quantos são os dias do ano especialmente dedicados à Eucaristia? – 54. Mas os Domingos do ano são só 52. Quer dizer que há, pelo menos, mais dois dias, em que devemos participar na Eucaristia. Quais serão?...

Um deles é o dia em que Jesus celebrou a última Ceia com os seus discípulos, três dias antes da Páscoa. Lembram-se o que se passou? O que é que Jesus disse, nessa refeição, aos seus discípulos?

Para não nos enganarmos, podemos servir-nos dos catecismos. Abram-nos na página 66 (ou 94).

O catequista indique a página do catecismo com o relato da última Ceia, na catequese 15 ou 22. Convide, depois, uma criança a ir à frente e, por trás da mesa, a ler para as outras (podendo convidá-las a escutarem de pé).

Finda a leitura (e depois de todos se sentarem), o catequista comente:

O que Jesus fez na última Ceia, faz para nós em cada Eucaristia: dá-nos o seu Corpo e o seu Sangue. Ali é que Ele mais nos mostra quanto nos ama: mais até do que podemos sentir dos pais ou de outra pessoa deste mundo.

É tão importante o que Ele nos diz, que nós, nessa altura da Eucaristia, até nos pomos de joelhos, em sinal de uma grande respeito e de adoração. E estamos em silêncio: somos todos ouvidos para o que Jesus nos diz, para aquele amor tão grande...

E só voltamos a falar, quando o sr. Padre proclama estas palavras: "Mistério da fé!"

Mistério quer dizer que se trata de um coisa tão grande, tão maravilhosa, que ninguém consegue compreendê-la totalmente. É assim o amor – quem sabe compreendê-lo bem? E aquele que Jesus nos manifesta!? – O amor com que deu a vida por nós na cruz e depois ressuscitou. E por ser tão grande esse amor, por isso é que nos deixemos conquistar por ele e nos entregamos a Jesus, pela nossa fé.

E sabem o que respondemos às palavras do sr. Padre: "Mistério da fé"?

*Mesmo que respondam bem, o catequista distribua, por cada criança, uma **pagela** (conforme indicado nos Documentos 2 e 3), dizendo:*

Essas palavras estão aqui nesta pagela.

Mas não estão completas. Cada um de vós é que as vai completar: escreve as letras que faltam e pinta as outras das cores de que mais gosta. Se precisarem de ajuda, digam-me.

*Enquanto as crianças escrevem, o catequista pode pôr, como música de fundo, a **gravação do cântico: "Jesus Cristo é nosso amigo"**. Depois afixe no placar, no lugar do crucifixo, a imagem de uma custódia (conforme indicado no Documento 1).*

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Depois de as crianças terminarem o trabalho:*

Já repararam no que eu afixei no placar?...

No lugar do crucifixo coloquei a imagem de uma hóstia consagrada, no meio de uma cruz... Sabem porquê? – É para perceberem melhor as palavras que acabaram de escrever.

Primeiro vamos leia-las todos ao mesmo tempo:

**Anunciamos, Senhor, a vossa morte,
proclamamos a vossa ressurreição.**

Vinde, Senhor Jesus.

Pensemos um bocadinho: o Corpo que Jesus nos dá, foi o que Ele ofereceu por nós na sua morte.... E foi também na cruz que Ele derramou o seu Sangue... Como Ele nos ama! E porque tanto nos ama, é que Ele ressuscitou e está vivo. E nós desejamos muito que Ele venha a cada um de nós, a todas as pessoas. E que venha, sobretudo um dia, para que todos experimentem, para sempre, o seu amor e todos realmente se amem.

Agora, que já sabemos o que significam essas palavras, vamos então dizê-las como na Eucaristia.

O catequista coloque o crucifixo sobre a custódia, convide as crianças a porem-se de pé e diga, num tom de voz mais baixo e convidativo:

Pensemos um bocadinho, em silêncio, nas palavras de Jesus: "Isto é o meu Corpo entregue por vós... Este é o Cálice do meu Sangue, o Sangue da nova e eterna Aliança que será derramado por vós e por todos em remissão dos pecados". Pensemos no grande amor que Jesus assim nos mostra, na cruz e em cada Eucaristia...

Depois de um brevíssimo silêncio, o catequista proclame (registado na página 123 do catecismo):

Mistério da fé!

Todos:

**Anunciamos, Senhor, a vossa morte,
proclamamos a vossa ressurreição.
Vinde, Senhor Jesus!**

2. Podem sentar-se.

E como é que nós anunciamos a morte de Jesus e proclamamos a sua morte? Será só na Eucaristia?

Para sabermos responder, precisamos conhecer um outro dia do ano, especialmente dedicado à Eucaristia. Já falamos de 53: os 52 Domingos do ano, a Quinta-feira Santa. E qual será o outro? – É um dia que já está próximo.

O catequista indique a data da solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo: É uma Quinta-feira, e até é feriado, um dia Santo. Nele celebramos a festa do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo.

Além da Eucaristia, em muitas terras faz-se uma grande procissão, com Jesus na hóstia consagrada, que vai num objecto especial, parecido com aquele que está ali representado no placar, debaixo do crucifixo. Chama-se "custódia", que significa "guarda", porque lá se guarda a hóstia consagrada.

Conforme houver ou não possibilidade de as crianças participarem na procissão, sobretudo se estiver ainda por realizar, o catequista adapte as seguintes palavras:

Não gostariam de participar também nessa procissão? Tanto mais que vós recebeste este ano a Primeira Comunhão. Podiam ir todos juntos e até levarem vestidos os lenços do Baptismo e da Primeira Comunhão com as palavras "Sou de Cristo, sou Feliz". Pela Eucaristia, ficaram a ser mais de Cristo e mais felizes.

No caso de estar prevista a participação ou de ela ser possível, e por ser recomendável, o catequista pode indicar alguns pormenores relativos à participação: por exemplo, o

transporte, lugar de encontro, etc. Pode também sugerir que levem algumas das espigas de trigo que semearam durante o ano: o trigo de que é feito o pão; o trigo semeado na preparação da Primeira Comunhão.

3. Falta saber como é que nós anunciamos a morte de Jesus e proclamamos a sua ressurreição...

Peguem outra vez nas pagelas, que vos entreguei há pouco. Que está escrito do outro lado? - **"Ofereço o meu corpo"**.

Ainda se lembram quem nos disse umas palavras semelhantes a essas?... Foi S. Paulo. Até disse que aquilo que mais agrada a Deus é a oferta dos nossos corpos. Como Jesus oferece o seu Corpo por nós. Por isso é que nós o recebemos na Eucaristia.

Mas como podemos nós oferecer o nosso corpo? Não pode ser na cruz, como Jesus. Mas é nos sacrifícios que fazemos na nossa vida: por exemplo, ajudar quem precisa, trabalhar nos deveres da escola, vir à catequese, ser generosos para com os mais pobres...

Para tudo isto, que por vezes é tão difícil, recebemos o amor de Jesus. E, com a força do seu amor no nosso coração, poderemos amar os outros, à medida das nossas possibilidades e responsabilidades.

Ora, reparem no que está escrito no catecismo, na página 123:

"Como amamos como Jesus? – Oferecendo o nosso corpo: ajudando os outros, com as nossas mãos e o nosso coração; a nossa amizade e carinho, o nosso respeito e compreensão. Em casa, na escola, na rua. Fazendo o bem é que nos oferecemos aos outros, os amamos – **com um amor como o de Jesus.**" *(O catequista pode convidar as crianças a registar por escrito uma atitude de como concretizar a intenção: "Eu, amo como Jesus" ou reenviar a tarefa para o compromisso semanal).*

S. Paulo, que era um grande amigo de Jesus e um herói, dizia mesmo: não façais como se faz por aí no mundo, onde tantas pessoas só pensam em si e, por isso, fazem tantas maldades: desprezam os outros, roubam-nos, mentem-lhes, ofendem-nos.

Quem participa na Eucaristia e recebe o Corpo de Cristo, oferecido por nós, não pode fazer assim. Como Jesus e com a força que nos dá, podemos, também nós, ser uns heróis, amando os outros, dando-nos por eles. E que felizes nos sentimos, quando fazemos isso!

Assim é que estamos a anunciar a morte de Cristo, a proclamar a sua ressurreição, para que Ele venha a nós e ao mundo inteiro. É importante participar na Eucaristia. É bom ir na procissão que passa por algumas ruas e junto das casas onde vivem as pessoas. Mas se não levamos Jesus no nosso coração e depois lhe dermos as nossas mãos, os nossos pés, a nossa boca, todo o nosso corpo, em oferta pelos outros... Se não fizermos isso, irmos à igreja e participar na Eucaristia não tem, de longe, o mesmo valor.

4. Compromisso

Mas, como eu sei que querem oferecer os vossos corações, como Jesus, e, com o vosso corpo, querem ajudar a construir um mundo de bondade e amor, proponho o seguinte. Levem esta folhinha (*o catequista entrega uma a cada criança*) para casa (ver modelo) e, durante a semana, vão escrevendo algumas das coisas boas que fazem pelos outros. Podem escrever uma coisa em cada dia. Depois, copiam o que escreveram para o calendário que está na página 124 do vosso catecismo, para se lembrarem sempre do que foram capazes de fazer. E também não se esqueçam de trazer a folhinha para a nossa última catequese, muito bem preenchida. Não se esqueçam de a trazer. Com elas iremos ter algumas surpresas.

Se a próxima catequese, para a qual são convidados os pais, decorrer numa igreja ou outro lugar, o catequista indique-o às crianças. Peça-lhes, ainda, que tragam os lenços brancos do Baptismo e da 1ª Comunhão e uma espiga de trigo, das que semearam a seguir à catequese 16. Depois conclua:

Vamos fazer outra vez essa oração que rezamos na Eucaristia. Primeiro cantamos "Jesus Cristo é nosso amigo", depois rezamos todos essa oração e a seguir voltamos a cantar.

Ponham-se de pé... Olhemos todos para a imagem de Jesus... E cantemos:

"Jesus Cristo é nosso amigo" (1ª estrofe)

Anunciamos, Senhor, a vossa morte...

"Jesus Cristo é nosso amigo" (3ª estrofe)

Catequista:

Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

Crianças:

Graças a Deus.

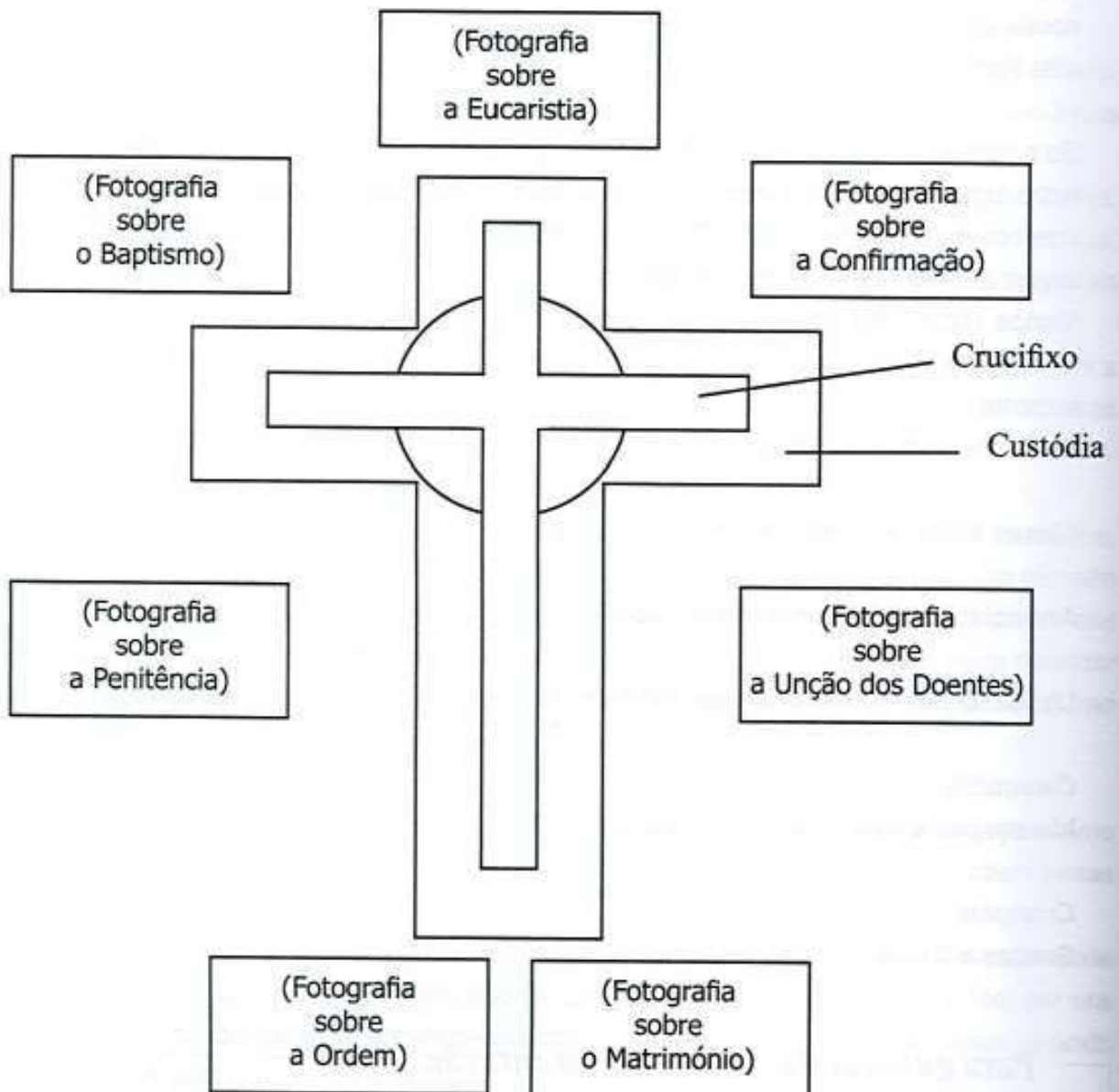
Para guardar na memória e no coração

Com o alimento que Jesus nos dá na Eucaristia, somos capazes de amar os outros, oferecendo a nossa vida por eles. E que felizes nos sentimos, quando fazemos isso!

III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1

Painel a construir no decurso da catequese:



DOCUMENTO 2

Modelo da pagela a ser distribuída e preenchida pelas crianças:

As coisa boas que eu, _____ fiz pelos outros
2ª feira
3ª feira
4ª feira
5ª feira
6ª feira
Sábado
DOMINGO

DOCUMENTO 3

Fórmula a ser completada pelas crianças (integrada na pagela do Documento 2, no verso):

ANUNCI_MOS, S_NHO_R, A V_SSA MOR_E,

PROCLA_AM_S A VO_SA RESS_RREIÇ_O.

V_NDE, SENH_R J_S_S!

“PERMANECEI EM MIM”

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. No final de mais um ano...

No caso presente, o final até é mais do que o de um ano: é o de um ciclo de três anos, o primeiro da caminhada catequética da infância e da adolescência, aquele ciclo em que as crianças realizam aquilo a que podemos chamar o catecumenato infantil. Para a maioria delas “é este o período em que se completa a iniciação cristã inaugurada pelo Baptismo” (DGC 178). E casos há, cada vez mais, em que até o Baptismo é recebido na conclusão deste ciclo.

É, por isso, a altura adequada para uma avaliação, sobretudo da parte dos catequistas e outros cristãos mais directamente envolvidos nesta actividade constitutiva da vida da Igreja: responsáveis pastorais, párocos... E, dada a sua importância, é mesmo fundamental que a avaliação seja feita: pessoal e comunitariamente, com verdade e realismo, serenidade e esperança. Uma avaliação do trabalho feito, das pessoas e factores nele envolvidos e, principalmente, dos resultados obtidos. Ainda que estes se não possam medir apenas pelo imediato. Só o futuro mostrará se valeu, ou não, a pena o que se fez, e como foi feito. E esse futuro está dependente de muitos factores, tantos deles imprevisíveis. Tratando-se da fé e da prática de vida cristã, pode dizer-se, neste caso, mais do que noutros, que o futuro só a Deus pertence. Apesar disso, pode e deve olhar-se para ele, com base naquilo que Deus, em nós e por meio de nós, fez até ao presente, pelos resultados já alcançados.

É a partir disso que se pode pôr a questão, inevitável: será que as crianças ficaram tomadas por Jesus Cristo? Será que foram atraídas e conquistadas por Ele e se deixaram envolver tanto na vida da comunidade cristã, que – não sucedendo nada de humanamente inesperável – já não conseguirão mais viver sem Ele, sem os meios salvíficos que Ele oferece, na Igreja que lhe pertence? Ou mais simplesmente: será que as crianças que este ano saborearam pela primeira vez o Pão da Vida, o vão continuar a procurar como alimento imprescindível? Será que elas voltarão à catequese, a começar pelo próximo ano?

A questão é realista, hoje muito mais do que em tempos passados. Mais, porque, infelizmente, para algumas crianças, a Primeira Comunhão é também a última, ou quase. Pelo menos, em certas comunidades cristãs implantadas em meios ambientes mais secularizados, ou naquelas cuja vida cristã é, ainda, um pobre reflexo de uma socialização religiosa que mantém os rituais, mas não abriu os corações. E se, nesses ambientes, algumas se mantêm na catequese, fazem-no, muitas vezes, à margem do resto da vida comunitária, nomeadamente da celebração eucarística dominical. Fazem-no, talvez, com o objectivo de um dia virem a receber o Crisma, o "certificado" para poderem ser padrinhos ou madrinhas, sem sequer perceberem o que isso verdadeiramente significa e implica na vida da Igreja. Portanto, fazem-no sem entusiasmo, só porque tem de ser, embora, no seu inconsciente, esteja depositado um desejo de Deus à espera de ser, verdadeira e radicalmente, desperto.

Se for esse o caso, é perfeitamente compreensível que haja catequistas e outros intervenientes na catequese a perguntar: valerá a pena tanto esforço, se, na prática e em última análise, ela não contribui para o se procura, isto é, uma verdadeira conversão das mentes e dos corações? Vejamos, para já, o que Cristo nos diz:

2. "Permanecei em mim e Eu permanecerei em vós"

É impressionante a quantidade de vezes que Jesus usa o verbo *permanecer* em Jo 15, 1-8: oito, ao todo. E, quase sempre, na relação dupla e complementar de Jesus em nós e de nós em Jesus. Também ligado a um outro termo: *dar (ou não dar) fruto*. Este depende daquele, como condição ou simplesmente consequência: só quem permanece em Jesus dá fruto; e quem permanece nele, tem de dar fruto. Dito de outro modo: *Sem mim, nada podeis fazer* (v. 5).

Mas, dito metaforicamente, tem mais impacto, mais força convincente. Mesmo quem não é perito em biologia ou agricultura, sabe muito bem que a ligação ao tronco da videira é a primeira e imprescindível condição para que das videiras surjam as uvas. E que, para uma boa colheita – em quantidade e, principalmente, em qualidade – a videira precisa de especiais cuidados: entre eles, a poda, quer dos ramos secos quer mesmo dos verdes. Destes, para que a seiva se canalize mais exclusivamente para os cachos que se vão formando.

A imagem não é nova. No AT era aplicada ao povo de Israel que tinha na vinicultura uma das principais fontes de rendimento. Daí que o povo fosse comparado a uma vinha ou a uma simples videira (cf. Is 5, 1-7; Sl 80, 9.15s). Mas era o povo e não um indivíduo. Ao contrário do que afirma Jesus: *Eu sou a verdadeira videira, e o meu Pai é o agricultor* (v. 1). Mas não o é sem nós: *Eu sou a videira; vós os ramos* (v. 5). E, não havendo videira sem ramos e sendo dos ramos que nascem as uvas, quer dizer que Jesus é inimaginável sem nós, como nós o somos sem Ele. Por outras palavras: depois da sua morte e ressurreição, é na sua Igreja que Cristo está presente e actua, a Igreja que nasce e vive da seiva do amor extremo com que por Ele deu a vida. O que também significa: nenhum cristão pode viver separado da Igreja. Caso contrário, não

pode dar frutos, que são a razão de ser da sua condição de cristão, como acontece com os ramos de uma videira.

E os frutos têm de ser do mesmo género daqueles que foram produzidos por Aquele que está na origem e na base da existência da Igreja: o vinho saboroso e inebriante do seu amor. *Amai-vos uns aos outros, na medida em que eu vos amei. Por isso é que todos saberão que sois meus discípulos* (Jo 13, 34-35).

Estas palavras de Jesus foram, todas elas, proferidas na última Ceia, em ordem ao tempo que se seguiria à sua glorificação na cruz, o tempo da Igreja. No que se refere a 15, 1ss, iria ser um tempo adverso aos cristãos, só pelo facto de seguirem a Cristo. Muitos eram perseguidos e, como tal, tentados a abandonar o que era a causa de tal perseguição. Não era apenas para salvar a pele. A razão última tinha a ver com a sua fé em Cristo: se Ele tinha, de facto, triunfado definitivamente sobre a morte e o pecado, como se podia compreender que aqueles que a Ele pertenciam continuassem a ser vítimas de uma morte e um pecado idênticos?

Os tempos de hoje não são muito diferentes. É verdade que, entre nós, os cristãos não são perseguidos de um modo violento e sangrento, embora continuem a sê-lo noutras partes do mundo. A perseguição é outra: se não for o desprezo pelo facto de serem cristãos, é, pelo menos, a tentação de adoptar todo um modo de pensar e agir, dominante na nossa sociedade, secularizante e contrária aos valores e às exigências constitutivas da condição cristã. Por isso, a exortação de Jesus tem plena actualidade, nomeadamente para catequistas e catequizandos, para os quais ser cristão e viver como tal exige sacrifícios, é causa de fracassos, está na origem de tantas incompreensões. Para isso, não há dúvida de que é preciso um amor muito forte: aquele amor que tem a sua prova e o seu reforço exactamente nos sacrifícios que exige e nos fracassos a que está sujeito – como o amor de Cristo na cruz, o amor sem o qual não podemos viver, sobretudo:

3. Na Igreja que formamos

Não há catequese que se preze e sobreviva, sem a Igreja. Por muitas razões, na origem das quais está o que é específico e constitutivo de ser cristão: se nascemos e vivemos do amor de Cristo, como conservá-lo e reforçá-lo, senão no convívio comunitário com aqueles que, como membros da mesma família, se amam mutuamente? Nunca é demais recordar o que se diz no Directório Geral da Catequese (nº 254): "A comunidade cristã é a origem, o lugar e a meta da catequese. É sempre da comunidade cristã que nasce o anúncio do Evangelho, que convida os homens e as mulheres à conversão e a seguirem a Cristo. E é esta mesma comunidade que acolhe aqueles que desejam conhecer o Senhor e comprometer-se numa vida nova. Ela acompanha os catecúmenos e catequizandos, no seu itinerário catequético; e, com maternal solicitude, chama-os a participar na sua própria experiência de fé e integrar-se no seu seio."

Inseridos na comunidade cristã há, depois, aqueles grupos em que as crianças e os adolescentes mais vivem e crescem. Em primeiro lugar a família: é aí que cada criança

pode, ou não, despertar para a fé; é aí que ela vive durante o tempo que medeia entre cada encontro do grupo de catequese; é aí, portanto, sobretudo nos pais, que elas encontram "os primeiros educadores na fé" (Ibidem 255). E – não tenhamos ilusões – sem eles, sem a sua palavra e exemplo de vida e prática cristã, muito dificilmente uma criança, principalmente na idade mais infantil, encontra o caminho para Cristo e para a sua Igreja.

Daí a necessidade de os pais serem comprometidos, apoiados nessa missão, e, em muitos casos, catequizados, evangelizados: "por meio de contactos pessoais, encontros, cursos, e também mediante uma catequese para adultos, dirigida concretamente aos pais" (Ibidem 227). E talvez, hoje, para surpresa de muitos, isso seja mais fácil do que antigamente: há cada vez mais pais interessados em acompanhar de perto e até em apoiar o crescimento espiritual e religioso dos seus filhos. Muitos são mesmo estimulados pelos filhos, se mais não for, para que estes se não sintam envergonhados com a sua ausência. De qualquer modo, o coração dos pais e dos avós que inscrevem as crianças na catequese, tem o potencial de se abrir a Deus e já está, por esse simples gesto, a desafiar a comunidade a dar exemplo e a acolher. Ou seja, na prática, estamos a descobrir como é por meio dos filhos e, quem sabe, pela própria capacidade evangelizadora destes, que muitos pais podem (re)encontrar o caminho para Cristo. Graças a Deus, vai crescendo o número de comunidades cristãs que estão a despertar nesse sentido. E estão mesmo a surgir experiências de trabalho com as famílias que não podemos perder de vista e deixar de apoiar: comunidades que tudo fazem para que cada um dos seus membros, conquistados para Cristo, permaneça n'Ele e Ele permaneça neles... com os catequistas a colaborarem nisso, com esforço e entusiasmo, com dúvida e dificuldade, mas – mistério da nossa fé! – para seu próprio bem. Mesmo que os resultados não sejam imediatos e que, como Cristo, tenham de passar pelo fracasso e o sucesso da cruz, que o mesmo é dizer, do amor e da graça de Deus.

OBJECTIVOS

- Rever e reviver os sacramentos já recebidos pelas crianças, designadamente durante este ano;
- Sentir necessidade e desejo de continuar em comunhão com Cristo;
- Oferecer-se pela vida dos outros, em união com a oferta de Cristo.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Como catequese conclusiva, as crianças irão saborear a alegria de viver naquela comunhão com Cristo, obtida pelos sacramentos já recebidos (Baptismo, Penitência e Eucaristia), e dentro do seguimento de Jesus para que foram despertadas, sobretudo nas catequese iniciais. Isso será feito principalmente na Experiência Humana, que tem, conseqüentemente, um carácter predominantemente celebrativo.

2. Daí se parte para a Palavra, em que Jesus desafia as crianças a manterem-se unidas a Ele, designadamente pela participação na vida da Igreja, incluindo a catequese que lhes está destinada nos próximos anos.
3. Propõe-se que a Expressão de Fé seja feita numa igreja em que haja sacrário, se possível aquela em que as crianças fizeram a Primeira Comunhão. Aí, a oração proposta, em parte feita pelas crianças a partir da catequese anterior, encontra o seu ambiente eucarístico ideal. Se isso for de todo impossível, adaptem-se as sugestões feitas no desenvolvimento.
4. É de todo desejável a presença dos pais e/ou outros familiares das crianças: além de outras razões, pelo papel que tiveram, nomeadamente na recepção dos três sacramentos recebidos pelos filhos e para garantir a continuidade deles na catequese. Há vários momentos em que podem intervir.
5. Sugere-se um pequeno convívio final, com comida e bebida, levadas pelos pais, as quais, de resto, vão integrar a própria catequese, em ligação com o banquete eucarístico.

MATERIAIS

- Dístico "CRISTO" (catequese 4);
- Cartolinas em forma de raios de sol, cada uma com o nome de cada criança e catequista (catequese 1);
- Hastes com espigas do trigo semeado pelas crianças, uma para cada criança (por precaução, o catequista leve algumas a mais);
- Pagelas eucarísticas distribuídas na catequese anterior, uma para cada criança;
- Cartolina recortada em forma de custódia (catequese anterior);
- Crucifixo (e pedestal);
- Duas velas;
- A Bíblia;
- Uma estante (catequese anteriores);
- Uma faixa para a cobrir (catequese anteriores);
- Uma toalha branca para cobrir a mesa (catequese anteriores);
- Comida e bebida, levadas pelos pais;
- Bancos para as colocar, junto da mesa;
- "Mapas da vida cristã", um para cada criança (ver Expressão de Fé - Compromisso);
- Boletins de inscrição no 4º ano de catequese, um para cada criança (ver Expressão de Fé - Compromisso),

MÚSICAS

- "Cristo Jesus, Tu me chamaste";
- "Sou de Cristo, sou feliz";

- "Perdoa-nos, Senhor";
- "Jesus Cristo é nosso amigo";
- "A semente é a tua Palavra";
- "Jesus Cristo, és meu amigo".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala

- **Placar:** ao centro, o dístico "CRISTO", usado na catequese 4.
- **Mesa:** um pouco deslocada para a frente e coberta com uma toalha branca, como nas catequese anteriores.
- Uns **bancos** junto da mesa, para neles serem colocados os alimentos trazidos pelos pais.
- **Estante:** de um dos lados da mesa e coberta com uma faixa, como nas catequese anteriores.
- **Cadeiras:** em semicírculo, com um corredor ao meio, à frente as das crianças, atrás as dos familiares.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Cortejo da entrada como na catequese anterior:*

- *À frente uma criança com o crucifixo levantado;*
- *Seguem-se duas, cada uma com uma vela acesa;*
- *Outra, com a Bíblia levantada;*
- *Atrás as restantes, os catequistas e os familiares.*

Caminham, cantando o cântico:

"Cristo Jesus, Tu me chamaste" (1ª, 2ª e 3ª estrofes)

Enquanto se cantar, todos se mantêm de pé:

- *As crianças com o crucifixo e a Bíblia lado a lado, ao centro e por trás da mesa;*
- *As que levam as velas, uma de cada lado.*

Terminado o cântico, as velas sejam colocadas sobre a mesa, uma de cada lado, o crucifixo e a Bíblia ao meio.

O catequista saúde os presentes:

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam connosco.

Todos:

Bendito seja Deus, que nos reuniu no amor de Cristo.

Catequista:

Lembram-se de quando cantámos pela primeira vez este cântico, neste ano de catequese?... No primeiro encontro.

E, nesse dia, Jesus chamou cada um, pelo seu nome. E que respondeu cada um de vós?... "Estou aqui".

Pois bem, vamos voltar a viver esse momento tão especial, agora que a nossa catequese deste ano está prestes a terminar: no lugar de Jesus, eu chamarei pelo vosso nome e cada um, de pé, responde: "**Estou aqui**".

O catequista chama pelas crianças, a partir das cartolinas em forma de raios de luz, com os nomes das crianças, escritos nessa 1ª catequese. À medida que cada criança responde, entregue-lhe a respectiva cartolina.

No final, comente, adaptando as palavras ao grau de presença e assiduidade das crianças no presente encontro e nos anteriores:

Tal e qual como no primeiro dia, estão todos presentes: hoje e nos outros encontros, ao longo do ano. (Se for o caso:) Houve mesmo meninos e meninas que nunca faltaram. *Diga os nomes e louve-as por isso, tendo em consideração o grau de responsabilidade daquelas que, eventualmente, tenham faltado.*

Isto significa que gostam mesmo de Jesus. Prometeram, no princípio do ano, segui-lo e cumpriram. Claro que foi também com a ajuda dos pais, dos avós, de quem é responsável pela vossa educação.

E valeu a pena: quantas coisas Jesus nos disse e nos ofereceu, ao longo deste ano! Vamos recordar algumas.

Uma delas tem a ver com o vosso nome. Sabem quando é que Jesus chamou por vós, pela primeira vez? – Já foi há uns bons anos (pelo menos para muitos ou a maior parte de vós). Eram tão pequeninos, que não deram por nada. Quem respondeu foram os vossos pais e padrinhos. Estão a ver quando foi? ... Exacto: no dia do Baptismo; no dia em que ficaram a ser de Cristo... e a ser felizes.

Para recordarmos melhor esse dia tão maravilhoso, vamos fazer assim:

1ª

Alternativa

Grupo pequeno

- Cada um de vós vem aqui à frente, acompanhado pelos pais (ou outros encarregados de educação), trazendo essa folha com o vosso nome, esse raio de luz que vos entreguei.
- Ao chegar junto da mesa, diante da Bíblia e do crucifixo, benze-se, dizendo o nome: **Eu...** (nome) e depois: **Fui baptizado/a em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.**

- Depois, com a ajuda dos pais, afixe a cartolina, com o seu nome, em volta do nome de Cristo, que parece estar escrito no meio do Sol.
- Depois disso, os vossos pais estendem o lenço branco do Baptismo sobre os vossos ombros.
- Ao mesmo tempo, cantamos o **cântico**:
"Sou de Cristo, sou feliz".



Grupo grande

- Todos vós, depois de se porem de pé, irão benzer-se e, ao mesmo tempo, dizem, cada um, o seu nome: **Eu...**(nome) e as palavras: **Fui baptizado/a em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo**.
- Depois, um por um, acompanhado dos pais (*ou outros encarregados de educação*), vem aqui à frente e, com a ajuda deles, afixe a folha que vos dei, com o vosso nome, em volta do nome de Cristo, escrito no meio daquela luz que parece o Sol.
- Depois de afixar, os pais estendem os lenços brancos do Baptismo sobre os vossos ombros.

Se forem muitas as crianças, podem fazer-se duas filas paralela).

Ao mesmo tempo, cantamos o **cântico**

"Sou de Cristo, sou feliz".

2. Para as duas alternativas:

Ainda me estou a lembrar daquele dia em que receberam esse lenço branco que tão bem vos fica...

Mas também me lembro de ele, um dia, aparecer aqui, todo cheio de nódoas. Ainda sabem porquê?... Exacto: os nossos pecados sujam a nossa vida e fazem muito mal, contra Deus e contra os outros. Mas, Deus ama-nos tanto que nos ofereceu o seu perdão.

Como se chama esse sacramento?... A Penitência, que quer dizer o quê? ... Arrependimento.

Foi para isso que se confessaram: para receberem das mãos do sr. Padre o perdão de Deus...

Pois bem, também durante este ano da catequese, nem sempre tudo correu bem nas nossas vidas:

Houve algumas falhas, distrações, brincadeiras e até, talvez, alguma mentira. Se calhar, nem sempre cumpriram o compromisso da catequese, faltaram à Missa, nem sempre procuraram fazer oração, desobedeceram aos pais e professores, foram mal-educados ou antipáticos com os colegas ou outras pessoas...

Pensemos um bocadinho: sobretudo nos pecados feitos depois de nos termos confessado. Para não nos distrairmos, até podemos fechar os olhos...

Depois de um breve silêncio:

Agora, proponho que todos os meninos e meninas, os pais e os catequistas, todos juntos, peçamos perdão dos nossos pecados.

Primeiro cantamos o cântico «Perdoa-nos, Senhor» e, depois, rezamos a oração "Confesso a Deus todo-poderoso" e voltamos a cantar o mesmo cântico.

Então ponham-se de pé... Voltados para o crucifixo e a Bíblia... E cantemos:

"Perdoa-nos, Senhor" ... (refrão)

"Confesso a Deus todo-poderoso"...

"Perdoa-nos Senhor" ... (refrão)

Em sinal de que recebemos o perdão de Deus, perdoemo-nos também uns aos outros: cada um, incluindo os pais, pode dar um aperto de mão ou um beijo aos colegas do lado.

*Durante o **gesto da paz**, o catequista afixe no placar, a cobrir o dístico "Cristo", a **cartolina em forma de custódia**, usada na catequese anterior.*

Depois comente:

3. Até parece mesmo na Eucaristia. Também lá, nós fazemos a paz uns com os outros, um pouco antes de recebermos o Corpo de Cristo, presente na hóstia consagrada. E houve um dia, este ano, em que o fizemos ainda com mais alegria. Sabem que dia foi?... Olhem para o placar... Que está lá representado? – Jesus na hóstia consagrada, o Corpo de Jesus, que este ano começaram a receber na Sagrada Comunhão. Foi uma grande festa: ter Jesus ainda mais dentro de nós, no nosso coração! E depois desse dia todos (ou muitíssimos) de vós nunca mais faltaram à Eucaristia, ao Domingo que, por isso, é o dia mais importante da semana, o dia do Senhor.

E hoje até trouxeram algo que nos ajuda a lembrar melhor o dia da Primeira Comunhão. De que é feito o pão em que Jesus nos dá o seu Corpo?... – De trigo, como esse que está nas espigas que trouxeram. Umas espigas muito especiais, porque nasceram do trigo que vós semeastes durante a preparação para a Primeira Comunhão.

– Pois bem, para festejarmos tudo isso, proponho que **cada um** de vós **coloque em cima desta mesa**, parecida com um altar, **a sua espiga de trigo**. É quase como na Eucaristia. Também lá, levamos ao altar o pão, que é fruto da terra e do trabalho dos homens; o pão como aquele que os vossos pais vos dão, como sinal do seu amor.

– Por isso, proponho ainda outra coisa: que, depois de colocardes as espigas em cima da mesa, junto da Bíblia e do crucifixo, também os **pais levem para junto da mesa alguns dos alimentos e das bebidas** que trouxeram para, no fim, todos partilharmos, num lanche.

– E, quando colocarem as espigas e a comida e bebida, dêem um **beijo no crucifixo ou na Bíblia** em sinal de gratidão ao Senhor.

Então, vamos começar. Pomo-nos de pé... E primeiro vêm os meninos e as meninas com as suas espigas... Ao mesmo tempo, cantemos o **cântico**:

"Jesus é nosso amigo" (as estrofes suficientes)

II. PALAVRA

1. *Depois de todos se sentarem:*

Reparem como as espigas estão também ao pé da Bíblia, o livro da Palavra de Deus... Sabem porquê?.. – É que foi por causa da Palavra de Deus que vós semeastes os grãos de trigo de que nasceram e cresceram estas espigas. Foram grãos que caíram em terra boa, como nos contou Jesus, naquela história da sementeira. Significa que estiveram atentos à Palavra de Deus e a acolheram no coração. Por isso é que ela deu tantos frutos e continua a dar.

Pois bem, Jesus, também hoje, nos vai falar. E vai dizer-nos umas palavras que Ele disse aos seus discípulos. Sabem quando?... Imaginem: durante a última Ceia, aquela refeição em que Ele deu o seu Corpo e Sangue, pela primeira vez, aos seus discípulos.

Explicou-lhes o que eles devem fazer para produzirem sempre muitos e bons frutos. Para isso, serve-se de uma outra coisa que também temos na Missa: o vinho. Ou melhor: a videira de que é feito o vinho.

Que videira será essa? E como é que ela produz bons frutos?

Vamos ouvir com muita atenção.

2. *A leitura pode ser feita por um ou dois dos familiares das crianças, desde que devidamente preparados. Faça-se do seguinte modo:*

- O leitor aproxime-se da mesa;
- Seja rodeado de duas crianças, cada uma com uma das velas.
- Pegue na Bíblia e levante-a.
- Cante-se então o **cântico**: **"A semente é a tua palavra"** (refrão).
- No final, dirijam-se para a estante, com as velas, uma de cada lado.
- O leitor abra a Bíblia, em **Jo 15, 1-5**, e leia:

1º Leitor:

O Senhor esteja connosco.

Todos:

Ele está no meio de nós.

1º Leitor:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João:

Todos:

Glória a vós, Senhor.

1º Leitor:

Naquele tempo,

Disse Jesus aos seus discípulos:

2º Leitor:

«Eu sou a verdadeira vide e o meu Pai é o agricultor.

**Ele corta o ramo que está em mim e não dá fruto
e limpa todo aquele que dá fruto,**

para que dê ainda mais fruto.

Vós já estais limpos, por causa da palavra que vos anunciei.

Permaneci em mim e eu permanecerei em vós.

Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo,

se não permanecer na videira,

assim também vós, se não permanecerdes em mim.

Eu sou a videira, vós sois os ramos.

Se alguém permanece em mim e eu nele,

esse dá muito fruto,

porque sem mim nada podeis fazer.»

1º Leitor:

Palavra da salvação.

Todos:

Glória a Vós, Senhor.

Enquanto o leitor leva a Bíblia para a mesa, e as crianças as velas, pode cantar-se de novo o cântico:

"A semente é a tua palavra" (refrão)

3. Depois de todos se sentarem:

Então quem é a videira?... (O catequista aponte para o placar:) É Cristo.

E nós, o que somos?... Os ramos são (percorrendo os nomes escritos nas cartolinas, diz um por um). Os ramos somos todos nós, incluindo os catequistas e os pais.

Agora, imaginem que um ramo se separa da videira... *(Pode apontar para os nomes afixados no placar, acrescentando:)* Separados de Cristo, não temos aquele amor, aquela força, para darmos fruto, para fazermos o bem, como fez Jesus.

É o que acontece com as pessoas que deixam de ir à Eucaristia, não rezam, não ouvem ou lêem a Palavra de Deus. Ou então com os meninos e meninas que deixam de vir à catequese. São como ramos, separados da videira e secam.

Será que algum de nós quer secar e não dar mais frutos?

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Trouxeram aquelas folhas que eu distribuí por cada um de vós na última catequese? Então peguem nelas...

O catequista pegue na sua e mostre o lado da frente, dizendo:

Que está escrito deste lado? Podemos ler todos ao mesmo tempo *(registado na página 127 do catecismo)*:

Mistério de fé.

Que mistério é esse?... – Jesus na hóstia consagrada; Jesus a dar-nos o seu Corpo e Sangue, como faz em cada Eucaristia, quando nos diz: "Isto é o meu Corpo, entregue por vós". Jesus a dar a vida por nós, como fez na cruz. Como Ele nos ama!

E que respondemos nós¹⁹? Podemos ler, todos ao mesmo tempo, ao fundo:

Anunciamos, Senhor, a vossa morte,

Proclamamos a vossa ressurreição.

Vinde, Senhor Jesus.

Jesus oferece-nos o seu Corpo na sua morte e ressurreição.

E que deve fazer quem recebe seu Corpo?...

Voltem a folha para o outro lado: Que está lá escrito?... Leiam todos:

Ofereço o meu corpo, isto é, a minha vida.

Dou frutos de amor, de bem, de paz. Mas sou capaz de tudo isso, somente quando estou unido a Jesus.

E por quem é que vós oferecestes o vosso corpo, a vossa vida? Que frutos destes, unidos a Jesus?

Não, não é para ler aqui. Vamos ter com Jesus, na hóstia consagrada. Vamos todos à igreja, onde está Jesus no sacrário. Para Ele é que vamos ler o que escrevemos aí.

¹⁹ Registado na página 127 do catecismo.

2. Procure-se que, durante a ida para a igreja, haja o mínimo de dispersão. Sugere-se mesmo, se a distância for curta, que as crianças e os pais vão já em fila. De qualquer modo, o mais tardar junto da porta, formem em cortejo e entrem a cantar o **cântico**, até chegarem junto do sacrário:

"Jesus Cristo és meu amigo"

Devem ajoelhar-se o mais próximo possível do sacrário. Aí o catequista convide as crianças à oração, começando pelo **Sinal da Cruz**.

Depois prossiga:

Estamos de joelhos, porque temos muito respeito por Jesus, que está ali no sacrário. Está ali, como se dá por nós na Eucaristia: oferecendo-nos o seu Corpo. Com Ele em nós, no nosso coração, podemos também nós oferecer os nossos corpos, as nossas vidas.

Peguem nas nossas folhas...

Vamos dizer a Jesus, em voz alta, aquilo que lá escrevemos: por quem é que oferecemos o nosso corpo, a nossa vida; a quem queremos fazer bem e que bem queremos fazer.

Mas, primeiro, rezemos todos o que está no outro lado:

**Anunciamos, Senhor, a vossa morte,
Proclamamos a vossa ressurreição.
Vinde, Senhor Jesus.**

Mesmo que nenhuma criança refira, o catequista leia o seu "projecto de bem", indicando a quem pretende dar a sua vida:

- Pelas crianças presentes...
- Pelos seus pais e outros familiares...
- Pelo Papa, o Bispo e o Pároco...
- Pela paz no mundo...

"...

Pelo meio, e no final, proclamam todos, como refrão, a fórmula de fé antes referida. No final, cante-se o **cântico** inicial:

"Jesus Cristo és meu amigo"

3. Segue-se o convívio, na sala da catequese ou outro lugar aprazível.

4. Compromisso

Antes de o grupo se dispersar, o catequista:

- Entregue a cada criança, como compromisso para as férias, por exemplo, um "mapa da vida cristã" (em miniatura, na página 128 do catecismo), com lugar para ir registrando orações, Eucaristias participadas, boas acções... – modos de oferecer os seus corpos, no seguimento de Jesus. Com esse "mapa", poderão retomar a catequese, no ano que se segue.*
- Pode também entregar aos pais os boletins de inscrição para o 4º ano e uma pagela com uma oração pela família.*

Plano de Actividades Pedagógicas do Catecismo

Catequese	Página	Actividade	Resolução
1	---	---	---
2	13	Desenhar o seu retrato	Desenho
	14	Escrever, no espaço indicado	“Eu, <i>nome</i> , quero seguir Jesus”
	15	Pintar; preencher o texto	“Tu és o meu Senhor”
	16	Desenhar duas situações em que se vive a experiência de ser “pescador de homens e mulheres”	Sob orientação do catequista, a partir das imagens fornecidas como exemplo, e retratando algo que a criança possa efectivamente fazer
3	17	Desenhar ou colocar uma foto ou recorte que mostre como hoje os cristãos anunciam o reino de Deus	Sob orientação do catequista, a partir das imagens fornecidas como exemplo, e retratando uma acção real ou algo em que as crianças se possam envolver
	20	<i>Compromisso</i> : duas entrevistas “Para ti, quem é Jesus?”	As crianças usam os espaços indicados para registar as respostas e o nome do entrevistado
4	23	Observar as imagens e preencher as letras que faltam nas legendas	Unção Rei Sacerdote
	24	<i>Compromisso</i> : Registar o nome da pessoa que vai ajudar a ser feliz e como vai levar a cabo essa tarefa; <i>avaliação</i> do compromisso: pintar as carinhas	Nome da pessoa. Acção. Pintar uma carinha por cada vez que ajudou a pessoa indicada
Convite para celebração da Festa da LUZ			
5	26	Preencher as letras que faltam no texto; Memorizar o texto	- Ele está no meio de nós; - Graças a Deus; - Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo
	28	<i>Compromisso</i> : Cantar, todos os dias, “Sou de Cristo, sou feliz”; <i>avaliação</i> do compromisso: pintar as claves de sol;	Pintar uma clave de sol por cada vez que canta
6	31	Na sequência da Festa da Luz, completar os textos relativos ao cântico “Sou de Cristo, sou feliz”	- Para vivermos na luz, queremos seguir Jesus . - Jesus nos fala de Deus que fez a terra e os céus. - Na dor és o nosso alento na fome o nosso alimento. - Na luta contra o pecado tenho Jesus a meu lado . - Com Cristo amo o irmão de todo o meu coração .

7	36	<p>Registrar por escrito aquilo que as crianças pretendem partilhar este Natal;</p> <p><i>Compromisso:</i> arrumar os seus objectos pessoais todos os dias; <i>avaliação</i> do compromisso: pintar uma peça do presépio;</p>	<p>Pintar uma peça do presépio em cada dia em que arrumou as suas coisas</p>
8	39	<p>Completar as legendas da história José, “um homem justo”.</p>	<p>- José sabe que Maria está grávida - José sonha com o anjo - José fez a vontade a Deus e ficou com Maria esperando Jesus</p>
	40	<p>Preencher o título com o seu nome;</p> <p>No espaço EU VOU, de “lembrar”, registrar o que foi escrito durante a catequese, na estrela do presépio;</p> <p>No espaço PARA, de “pensar”, preencher em casa com quem querem partilhar o seu presente;</p> <p>Preencher “Sou justo quando...”.</p> <p><i>Compromisso:</i> Registrar uma ideia nova sobre como oferecer o seu tempo; esforçar-se por praticar as acções indicadas; <i>avaliação</i> do compromisso: completar o relógio de cada acção praticada;</p>	<p>Nome próprio;</p> <p>Copiar o que escreveu na estrela que fica no presépio;</p> <p>Em casa, pensar e registrar a quem querem oferecer;</p> <p>Registrar uma forma que a criança encontrou para praticar a justiça;</p> <p>Registrar uma ideia de como ser justo: “quando PARTILHO”, por exemplo;</p> <p>Completar o relógio, conforme põe em prática o compromisso.</p>
	43	<p>Escrever ou desenhar formas de viver a experiência de Maria na nossa vida</p>	<p>Sob orientação do catequista, a criança procura traduzir em experiências ao seu alcance: “Como Maria, agradecemos a Deus a nossa vida” (por exemplo, através da oração), “Deus deu-nos a nossa Mãe” (por exemplo, a criança escreve algo sobre a sua mãe), “Por Maria, Deus ensina-nos a amar os mais pequenos e fracos” (escrever ou desenhar uma forma concreta da criança demonstrar esse amor)</p>
	44	<p><i>Compromisso:</i> preparar a oferta de Natal; levar a vela de Baptismo; rezar o «Magnificat»; <i>avaliação</i> do compromisso: desenhar e pintar as estrelas.</p>	<p>Pintar as estrelas conforme põe em prática o compromisso; quando reza, acrescenta nova estrelinha</p>
<p>Convite para a Celebração do NATAL</p>			

10	48	Na sequência da Celebração, observar as propostas de “amar como Jesus nos pediu” e desenhar “Fazer a paz”; <i>Compromisso:</i> colocar em prática as intenções que estão registadas; <i>avaliação</i> do compromisso: pintar uma estrela.	Depois da explicação do catequista, a criança ilustra o compartimento indicado, de acordo com a sua experiência. Conforme vai colocando em prática as intenções registadas, pinta a respectiva estrela.
11	51	Para as crianças já baptizadas, completar “Eu, ... estou...”. Desenhar ou colocar uma foto do seu baptizado no espaço indicado. Completar a frase.	Eu, <i>nome próprio</i> <u>estou</u> baptizado... « <i>nome próprio</i> , estás revestid(o) ou (a) de Cristo ...»
	52	No lenço, registar a data do Baptismo; <i>Compromisso:</i> Desenhar, no espaço indicado, uma ocasião em que a criança se sentiu feliz por ser de Cristo; Registar a resposta à questão «O que é que as ofertas que fizemos no Natal têm a ver com o nosso Baptismo?»	Data do Baptismo. O catequista deve ajudar as crianças a reconhecer essa experiência. “Porque somos de Cristo, oferecemos os nossos bens aos mais pobres. Fazemos como fez Jesus, que nasceu para todos e amava sobretudo os mais fracos, os mais pequenos, os mais pobres, para os fazer felizes” (<i>esta resposta será verificada na catequese 12</i>).
	55	Depois de lida a oração, em casa, pintar a pomba que simboliza o Espírito Santo e a frase.	Pintar a pomba e a frase “Aleluia, glória ao Senhor”.
12	56	Registar, no espaço próprio, do que mais gostou no encontro com o crismado; Pintar ou colocar a sua foto tipo passe na moldura “Eu”; Completar as frases em “ Sou de Cristo ” – como registo da resposta relativa à pergunta colocada na catequese 11: Registar uma situação em que se comportou como “verdadeiro Cristão”.	A criança regista as suas impressões depois de ter dialogado com o catequista; - Ofereço os meus bens aos pobres ; amo os mais pequenos e os mais fracos . Anotar a situação e colocar no lenço a data de concretização.
13	59	Embora não esteja explicitamente indicado, a imagem de Cristo pode ser decorada com recortes que ilustrem outros exemplos de vida, ou pintado.	Recortar e colar Pintar

	60	No puzzle “Sou membro do corpo de Cristo” registrar, no espaço indicado, aquilo que a criança pode fazer nessa qualidade.	Depois de o puzzle ser analisado com o catequista, registrar a escolha da criança.
14	63	Durante a Missa, observar os gestos e palavras do sacerdote e, acompanhado do catecismo, ir tomando nota da ordem das ilustrações. <i>Compromisso:</i> Aprender de memória as palavras que se dizem durante a eucaristia; <i>avaliação</i> do compromisso: pintar o desenho quando estiver a aprender as palavras.	1 - “A paz do Senhor esteja sempre convosco.” 2 - “Eis o Cordeiro de Deus...” 3 - “O Corpo de Cristo” Pintar o desenho do cálice por cada vez que estuda as orações.
	64	Completar a frase. Pintar a cruz.	«Comunhão – uma união de todo o coração » Pintar.
Convite para a EUCARISTIA.			
15	67	Conhecer bem as palavras do sacerdote e as respostas dos fiéis, proferidas na Eucaristia.	-“O Senhor esteja convosco” - “Bendito sejas, Senhor, Deus...” -“Isto é o meu Corpo entregue por vós”
	68	<i>Compromisso</i> – Completar “Agradeço a Deus”: Registrar : “Antes da apresentação do pão e do vinho:” - Quem lê... - O que é que o sr. Padre lê e faz...	- O que os meus pais fazem por mim (de preferência, concretizar em acções que as crianças reconheçam); - Rezamos o Credo (registado na página 28 do catecismo); - Leitores e o sr. Padre; - Homilia;
16	71	Desenhar no espaço adequado a ilustração de “Faço o que Deus me pede”	Desenhar uma atitude de resposta afirmativa a Deus, depois de reflectido com a ajuda do catequista
	72	Escrever o nome na etiqueta do saco de sementes; Preencher o texto com sentido de compromisso; Assinar;	Em casa, preparar a sementeira na sequência desenhada; O meu coração é um bom terreno e acolhe a Palavra de Deus com alegria e vontade de fazer o que é bem! Assinatura de cada criança;
17	75	Preencher a palavra incompleta	PERDÃO
	76	Registrar a data da Unção dos Enfermos em que as crianças participaram e o nome do doente visitado Desenhar ou colar uma fotografia da celebração em que participaram	Registrar a data. Ilustrar a Unção dos Enfermos
Indicações práticas a enviar à família sobre a celebração da Unção dos Enfermos: nome do doente e data da visita			

18	79	Escrever ou desenhar, no espaço “Paro para pensar”, uma situação real em que a criança não foi capaz de escolher o bem; Pintar a ilustração de S.Pedro; Preencher a palavra incompleta;	Escrever ou desenhar a situação da criança; Pintar; ARREPENDER.
	80	Preencher o seu nome na frase do título como sinal da sua vontade de se arrepender dos pecados cometidos; Aprender de memória a fórmula do Acto Penitencial; <i>Compromisso</i> : ler a fórmula do Acto Penitencial todos os dias; Pensar nos pecados cometidos; <i>Avaliação</i> do compromisso: cada dia em que rezou e pensou, pintar o desenho das mãos postas.	“Eu, <i>nome</i> , arrependo-me...” “Confesso a Deus todo poderoso...” Rezar; Pensar; Pintar;
19	83	Preencher o nome e completar as palavras. «Porque amo Jesus eu ...»	Jesus perdoa sempre se eu, <i>nome da criança</i> , me arrepender e aceitar o perdão que me dá. Compromisso de ter um “Coração limpo e bom”, que pode ser explicado na catequese e preenchido com a ajuda da família: “ quero ter sempre um coração limpo e bom ”.
	84	<i>Compromisso</i> : Aprender de memória o Acto de Contrição; <i>Avaliação</i> do compromisso: Pintar a ilustração do encontro de Pedro com Jesus, mas em que o lugar de Pedro é ocupado pela criança; Completar a frase, respondendo a Jesus “Tu Amas-me?”, “Eu, ...”	Rezar; Pintar o desenho das mãos postas cada vez que reza; Eu, <i>nome da criança</i> , amo Jesus (pode usar-se uma expressão mais elaborada, acrescentar-se algum propósito ou ideia adequado);
Convite para a Festa da RECONCILIAÇÃO			
20	87	Completar a resposta que é dada às palavras de absolvição que o sacerdote profere; Estudar e conhecer bem a fórmula da absolvição;	Amen. “Pai, pequei contra vós.” “Deus, Pai de misericórdia, ...”
	88	Compromisso de preparação para a Celebração da Reconciliação	Rezar; Fazer o exame de consciência: pensamento, actos, palavras e omissões;

21	92	Desenhar ou colar uma fotografia da Celebração do Sacramento da Reconciliação. Registrar a data da celebração	Desenhar ou colar; Registrar a data;
22	95	Conhecer bem a oração em que o sacerdote pede a Deus, na Eucaristia, que aceite os nossos dons; Aprender de memória a resposta dos fiéis;	“Orai, irmãos, para que...” “Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício...”
	96	Tomar nota, nos espaços indicados, das páginas do catecismo que devem ser lidas como preparação da Celebração; <i>Compromisso:</i> Visitar Jesus, na igreja e registrar; Completar “Como me preparo para receber Jesus:”	Páginas a indicar no catecismo: 26, 63, 66, 67, 95. <i>Avaliação:</i> Data de “Visito Jesus na igreja”; Rezando, confessando os meus pecados, participando na Missa.;
Convite para a Celebração da PRIMEIRA COMUNHÃO Assinado pelo catequista			
23	100	Álbum de recordações: “Hoje, Jesus veio ao meu coração pela primeira vez”. Registrar no lenço as datas do Baptismo e da Primeira Comunhão. Colar duas fotos – por exemplo, individual e colectiva – da celebração. No espaço “Estiveram comigo” registrar o nome das pessoas que acompanharam a criança ou solicitar que registem aqui o seu autógrafa.	
24	104	Pintar: Pintar os desenhos 1 (discípulos de Emaús conversam com Jesus) e 2 (Jesus parte o pão perante os discípulos); <i>Compromisso:</i> participar SEMPRE na Eucaristia.	Liturgia da Palavra; Liturgia Eucarística. Pintar, recordando a Palavra escutada.
25	108	Completar as legendas das ilustrações; Desenhar de acordo com a legenda. <i>Compromisso:</i> receber o pão vivo, ouvir a palavra, tornar-me Igreja – registrar a data de um Domingo em que este compromisso foi feito.	- Receber o pão vivo . - Ouvir a Palavra . - Tornar-me Igreja. Data de um Domingo em que a criança participou na eucaristia – de preferência, no Domingo após esta catequese – e em que se consciencializou das três acções antes explicadas pelo catequista. <i>O símbolo do compromisso implica também que este seja vivido «Em família».</i>

26	112	<p>Registrar: “Na nossa comunidade” “é/são sacerdotes” Autógrafo do sacerdote, caso tenha visitado pessoalmente este grupo de catequese. <i>Compromisso:</i> enviar o lenço ao sacerdote – registrar, no espaço adequado, o nome do sacerdote – “Enviamos o lenço ao Padre...”</p>	<p>Registrar o nome da paróquia ou da comunidade de fé; Registrar o nome dos sacerdotes que trabalham nessa comunidade; Autógrafo do sacerdote; Registrar para recordar;</p>
27	115	<p>Na oração “Desça, Senhor, sobre ...” registrar os nomes do casal que visitou o grupo</p>	<p>Nome da esposa e do marido</p>
	116	<p>Desenhar ou colar uma foto da própria família sobre a legenda “Esta é a minha família”; <i>Compromisso:</i> rezar pela sua família; contar em casa o que as crianças fizeram na catequese; <i>avaliação</i> do compromisso: pintar as mãos postas de cada vez que rezar;</p>	<p>A família da criança; Rezar e contar; Pintar;</p>
28	119	<p>Recordar e preencher os textos ou legendas sobre os sacramentos: Completar a frase:</p>	<p>-Eu <i>nome da criança</i> fui batizado - Batismo - Recebe por este sinal o Espírito Santo, o dom de Deus. - Eucaristia - Por esta Santa Unção e pela... - Eu te absolvo dos teus pecados em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. - Transmitam fielmente os vossos dons - no dom recíproco do seu amor alegrem com seus filhos a família e a Igreja. - Servir é Alegria!</p>
	120	<p><i>Compromisso:</i> Desenhar, cada dia da semana, um sacramento, no espaço respectivo, conforme faz uma breve reflexão sobre o que aprendeu</p>	<p>Recordar, pensar e desenhar</p>
29	123	<p>Completar a frase:</p>	<p>Com um Amor como o de Jesus!</p>
		<p>Escrever ou desenhar sobre uma atitude da criança que mostre “Eu amo como Jesus”</p>	<p>Pensar e escrever ou desenhar</p>

	124	Cada dia da semana, registar uma atitude/comportamento em que a criança vive a experiência de “Sou capaz de amar os outros e oferecer a minha vida por eles.”	Viver e registar “SEI AMAR”
	Convite para a Catequese 30		
30	127	Completar a palavra: Breve registo sobre o compromisso de vida cristã que a criança faz no final deste ano de catequese: como “QUEREMOS SEGUIR JESUS”	Esta é a oferta ... da minha Vida . O catequista ajuda as crianças a reflectir e sugere uma breve síntese sobre como as crianças poderão SEGUIR JESUS, procurando que cada criança a registe e acrescente, também, algum propósito mais pessoal; estando os pais presentes, estes também poderão ajudar os filhos a registar o compromisso global que resulta deste ano de catequese.
	128	Explicar como a criança pode usar o Mapa da Vida Cristã:	Em cada dia das férias, no Mapa, que é também um calendário, a criança regista, desenhando, a partir da legenda, as orações que rezou, as missas a que assistiu e boas acções que vai praticando; assinalar os Domingos com um desenho especial, à escolha da criança. Outros acontecimentos importantes na vida das crianças também podem aqui ser registados: aniversários, passeios, descobertas...
	O catequista regista em cada catecismo o nome da família daquela criança e o seu nome, assim como a data provável das inscrições para o próximo ano de catequese; se for possível, entrega uma cópia do boletim de inscrição, incentivando as crianças e as famílias a continuar a fazer este percurso na vida de fé .		

REUNIÕES DE PAIS E FAMILIARES

(PROPOSTA)

1. Acolhimento

- A sala deve estar preparada;
- É bom que haja alguns catequistas a receber os familiares, logo à chegada;
- Pode cantar-se uma canção, distribuindo a letra ou projectando-a.

2. Introdução à reunião

- Saudação inicial;
- Para que estamos aqui? (Objectivos)
- Como vamos organizar a reunião?
- Apresentação dos participantes (se for oportuna).

3. Apresentação do tema

- Com recurso a audiovisual ou a um esquema fotocopiado;
- Diálogo sobre o tema ou trabalho de grupos;
- Plenário ou resumo com as principais conclusões.

4. Encontro com os catequistas

- Se necessário, fazer a apresentação de cada um;
- Dialogar sobre o grupo (como é que se pode ajudar no crescimento da fé);
- Se houver casos delicados, falar em particular (ex. no final).

5. Conclusões

Se for o caso, pode-se ainda voltar ao grande grupo:

- Agradecer a presença;
- Avaliar a reunião, pode ser com esquema (ficha);
- Avisar da próxima, se for o caso;
- Terminar com uma oração ou um cântico.

CÂNTICOS

“CRISTO JESUS, TU ME CHAMASTE”

Música e Letra: Henrique Faria

**Cristo Jesus, tu me chamaste,
Eu Te respondo: “Estou aqui”.
Tu me chamaste pelo meu nome,
Eu te respondo: “Estou aqui”.**

1. Quero subir à montanha,
Quero ouvir a tua voz.
Quero subir à montanha
E falar contigo a sós.
2. Disse Jesus aos Apóstolos:
Lançai as redes ao mar
Sereis pescadores de homens:
Dos homens que eu vim salvar.
3. A voz de Cristo nos chama,
Ouçamos o seu clamor:
Toma a tua cruz e segue-me,
Quem te fala é o teu Senhor.
4. Pelos caminhos do mundo
Procuro os que andam perdidos.
Se eu bater à tua porta
Não me feches os ouvidos.
5. Muitos poderão salvar-se
Se a tua fé for ardente.
O cristão é luz de Deus
A iluminar toda a gente.

“JESUS, EU AMO-TE”

Música e Letra: Rocha Monteiro

1. Jesus, eu amo-Te,
Jesus, eu amo-Te,
Jesus, eu amo-Te,
Jesus, eu amo-Te.
2. Tu és Filho de Deus,
Tu és Filho de Deus,
Tu és Filho de Deus,
Tu és Filho de Deus.
3. Tu és o meu Senhor,
Tu és o meu Senhor,
Tu és o meu Senhor,
Tu és o meu Senhor.
4. Jesus, eu creio em Ti,
Jesus, eu creio em Ti,
Jesus, eu creio em Ti,
Jesus, eu creio em Ti.

“JESUS CRISTO ÉS MEU AMIGO”

Música e Letra: Henrique Faria

1. Jesus Cristo, és meu amigo,
vais a meu lado,
E eu vou contigo,
Jesus Cristo estás em mim.
Quero cantar-te,
dizendo assim:

**És para mim, Jesus,
Caminho e grande luz!
És para mim, Senhor meu bem,
e grande amor. És amor!**

2. Ó Jesus, sei que me chamas
Pelo meu nome,
Com amizade,
Ó Jesus, Tu vais falar:
Estou atento
Para escutar.

3. Para ti está voltado
Meu coração
Jesus amado.
Jesus Cristo, és todo meu:
Meu coração
É todo teu

4. Jesus Cristo, estou contente
E vou dizê-lo
A toda a gente.
Na voz da minha oração,
Rezando alto
Esta canção:

5. Tu dizes: "Isto vos mando:
Amai-vos todos
Como eu vos amo".
Ó Jesus, a ti vou dar
A minha vida
Para Te amar

6. Minha vida é pequenina,
Mas teu Espírito
É quem me ensina,
Gritando dentro de mim
Os teus segredos
De amor sem fim

"JESUS CRISTO É SENHOR"

Música: Cristiana Lameiro

Letra: Fernando Melro

**Jesus Cristo é Senhor
Que de seu Pai nos traz
Um reino só de Amor,
Um reino só de Paz.
Um reino só de Paz.**

1. A Deus glória nas alturas
E paz aos homens na terra!
Não seja Deus ofendido
Fazendo os homens a guerra.

2. Porque Deus é nosso Pai
E Jesus nosso Irmão
Nós dizemos sim à paz
À guerra dizemos não!

3. Vós, homens não inventeis,
A paz à vossa maneira,
Pois à maneira de Deus
Paz é amor sem fronteira!
4. Cada criança que nasce
É divina promessa
De que toda a guerra acabe
E a paz na terra floresça!
5. Maria, sois nossa Mãe
Porque sois a Mãe de Deus!
Revelai-nos vosso filho
Como a Paz que vem dos Céus!
6. Com Francisco e com Jacinta
Nós cantamos a esperança:
Deus é Amor, Deus é Paz!
Em Jesus fez-Se criança!

“SENHOR, EU CREIO QUE SOIS CRISTO”

Música e Letra: Fernandes da Silva

**Senhor, eu creio que sois Cristo,
eu creio que sois Cristo, Filho de Deus vivo;
Eu creio, Senhor, que sois o Salvador do mundo,
que sois o Salvador do mundo**

1. A toda a hora bendirei o Senhor
o seu louvor estará sempre na minha boca.
A minha alma gloria-se no Senhor;
Ouçam e alegrem-se os humildes.
2. Enaltecei comigo o Senhor.
E exaltemos juntos o seu nome
Procurei o Senhor e Ele atendeu-me,
Libertou-me de toda a ansiedade.
3. Voltai-vos para Ele e ficareis radiantes,
O vosso rosto não se cobrirá de vergonha.
Este pobre clamou e o Senhor o ouviu,
salvou-o de todas as angústias.
4. O Anjo do Senhor protege os que O temem
E defende-os dos perigos.
Saboreai e vede como O Senhor é bom;
Feliz o homem que n'Ele se refugia.

5. Temei o Senhor, vós os seus fiéis
Porque nada falta aos que O temem.
Os poderosos empobrecem e passam fome,
Aos que procuram o Senhor não faltará riqueza alguma.

“SOU DE CRISTO, SOU FELIZ”

Música e Letra: Cristiana Lameiro

1. Sou de Cristo, canto de alegria!
Porque vindo dos céus,
no baptismo me fez filho de Deus
Sou de Cristo, canto minha fé!
Porque é Ele o Senhor
que por mim deu a vida com tanto amor.

Sou de Cristo, sou feliz!

Sou de Cristo, sou feliz!

Sou de Cristo, sou de Cristo,

sou de Cristo, sou feliz!

2. Sou de Cristo, ouço a sua voz,
porque é Ele a verdade
e me fala de Deus com amizade.
Sou de Cristo, caminho sem medo,
porque Ele é minha luz,
farol que me ilumina e me conduz.
3. Sou de Cristo, que vai a meu lado:
Ele é quem me conduz
e me ajuda a levar a minha cruz.
Sou de Cristo, quero recebê-lo,
no Pão da Eucaristia,
como meu alimento de cada dia.
4. Sou de Cristo, vivo para Ele,
porque Ele é para mim
Vida que vem de Deus, vida sem fim.
Sou de Cristo, Filho de Maria.
Também ela nos diz:
Quem meu Filho seguir será feliz.

“SENHOR JESUS, TU ÉS A LUZ”

Música: Fernandes da Silva

Letra: Fernando Melro

**Senhor Jesus, tu és a luz
És quem nos traz o amor e a paz.
Senhor Jesus, tu és a luz
És quem nos traz o amor e a paz.**

(Estrofes adaptadas pela Equipa do Catecismo):

1. Para vivermos na luz
queremos seguir Jesus. (bis)
2. Jesus nos fala de Deus,
que fez a terra e os céus. (bis)
3. És a Palavra divina
que a todos nos ilumina. (bis)
4. Tu és o Cristo Senhor
de todos o Salvador. (bis)
5. Na dor és o nosso alento
na fome o nosso alimento. (bis)
6. Na luta contra o pecado
tenho Jesus a meu lado. (bis)
7. Com Cristo amo o irmão
de todo o meu coração. (bis)

“A VOSSA PALAVRA, SENHOR”

Música e Letra: Manuel Simões

**A vossa palavra, Senhor,
é luz dos meus caminhos.**

1. Quanto amo, Senhor, a vossa Palavra!
Nela medito durante todo o dia.
2. Conservo a vossa palavra dentro do coração,
para não pecar contra Vós.
3. Abri, Senhor, os meus olhos
para ver as maravilhas da vossa lei.
4. Senhor, a vossa palavra permanece eternamente
imutável como os céus.

“ALELUIA. GLÓRIA AO SENHOR”

autor desconhecido

Aleluia, aleluia, aleluia, aleluia!

Glória ao Senhor!

Aleluia, aleluia, aleluia, aleluia!

Glória ao Senhor!

1. Glória ao Senhor, nosso Pai!

Glória ao Senhor, nosso Pai!

Glória ao Senhor, nosso Pai!

Glória ao Senhor!

2. Glória ao Senhor, Jesus Cristo!

Glória ao Senhor, Jesus Cristo!

Glória ao Senhor, Jesus Cristo!

Glória ao Senhor!

3. Glória ao Espírito Santo!

Glória ao Espírito Santo!

Glória ao Espírito Santo!

Glória ao Senhor!

4. Glória ao Senhor, nossa luz!

Glória ao Senhor, nossa luz!

Glória ao Senhor, nossa luz!

Glória ao Senhor!

5. Glória ao Senhor, que nos fala!

Glória ao Senhor, que nos fala!

Glória ao Senhor, que nos fala!

Glória ao Senhor!

“PREPARAI O CAMINHO DO SENHOR”

Música e Letra: Teodoro de Sousa

Vem Senhor, vem até nós,

faz-nos ouvir a tua voz.

1. Jesus vem, nascerá p'ra todos nós, – Preparai o caminho do Senhor:

Para sempre connosco vai ficar, – Preparai o caminho do Senhor.

2. Em Belém numa gruta muito pobre, – Preparai o caminho do Senhor

Vai nascer quem é rico de amor, – Preparai o caminho do Senhor.

3. Nossa vida precisa de mudar – Preparai o caminho do Senhor

Não sabemos amar como Jesus – Preparai o caminho do Senhor.

4. João Baptista, Maria e José – Preparai o caminho do Senhor.
Todo o povo esperou Jesus com fé – Preparai o caminho do Senhor.
5. Nós também esperamos o Senhor – Preparai o caminho do Senhor
A alegria e a paz Ele nos vem dar – Preparai o caminho do Senhor.

(Estrofes adaptadas pela Equipa do Catecismo):

6. João Baptista proclama para nós - Preparai o caminho do Senhor
No deserto faz ouvir a sua voz - Preparai o caminho do Senhor
7. Todo o vale seja alteado - Preparai o caminho do Senhor
Todo o monte e colina abatidos - Preparai o caminho do Senhor
8. O caminho seja endireitado - Preparai o caminho do Senhor
Deus a todos dará a salvação. - Preparai o caminho do Senhor.

“EIS QUE UMA VIRGEM”

Música e Letra: Celestino Borges de Sousa

**Eis que uma virgem conceberá
e dará à luz um filho chamado Emanuel.**

1. Abençoastes, Senhor, a vossa terra,
restaurastes os destinos de Jacob.
2. Perdoastes a culpa do vosso povo,
esqueceste todos os seus pecados
3. Mostrai-nos, Senhor, a vossa misericórdia
e dai-nos a vossa salvação.
4. A sua salvação está perto dos que O temem
e a sua glória habitará na nossa terra.
5. Encontraram-se a misericórdia e a fidelidade,
abraçaram-se a paz e a justiça.
6. O Senhor dará ainda o que é bom
e a nossa terra produzirá seus frutos.
7. A justiça caminhará à sua frente
e a paz seguirá os seus passos.

“A MINHA ALMA GLORIFICA O SENHOR”

Música e Letra: Carlos Silva

**A minha alma glorifica o Senhor
porque olhou para a sua humilde serva.
A minha alma glorifica o Senhor.**

1. A minha alma glorifica o Senhor
e o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador.
2. Porque pôs os olhos na humildade da sua serva:
de hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações.
3. O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas:
Santo é o seu nome.
4. A sua misericórdia se estende de geração em geração
Sobre aqueles que o temem.
5. Manifestou o poder do seu braço
e dispersou os soberbos.
6. Derrubou os poderosos de seus tronos
e exaltou os humildes.
7. Aos famintos encheu de bens
e aos ricos despediu de mãos vazias
8. Acolheu a Israel seu servo,
Lembrado da sua misericórdia,
9. Como tinha prometido a nossos pais,
A Abraão e a sua descendência para sempre.

“AVÉ MARIA CHEIA DE GRAÇA”

Música e Letra: António Cartageno

1. Avé Maria, cheia de graça
contigo habita Nosso Senhor:
Por dom divino entre as mulheres,
Tu és bendita, divina flor.

Avé, Avé, Avé Maria.

Avé, Avé, Avé Maria.

2. Lírio de encantos, perfume e luz,
De cujo seio níveo brotou
Bendito fruto, Cristo Jesus,
O verbo eterno que a ti baixou.
3. Santa Maria, ó mãe de Deus,
Reza pelos filhos das tuas dores
Roga, intercede, porque são teus
E miseráveis pecadores.
4. Que a tua prece, Virgem poderosa,
Nos acompanhe pela vida além;
E que na morte venhas piedosa
Para assistir-nos, bendita Mãe!
5. Então, ó Virgem, Mãe do Senhor,
Em gozo eterno, suma alegria,
Nós bendiremos o teu amor,
Nós cantaremos: Avé Maria!

“QUERO SER COMO TU, MARIA”

autor desconhecido

1. Quero ser como Tu,
Como Tu, Maria
Como Tu, um dia
Como Tu, Maria!
2. Quero servir Jesus,
Como Tu, Maria
Como Tu, um dia
Como Tu, Maria!
3. Quero dizer meu “Sim”,
Como Tu, Maria
Como Tu, um dia
Como Tu, Maria!
4. Quero amar Jesus,
Como Tu, Maria
Como Tu, um dia
Como Tu, Maria!
5. Quero amar o irmão,
Como Tu, Maria
Como Tu, um dia
Como Tu, Maria!

"DLIM, DLÃO"

Música: António Cartageno

Letra: Rosária Nunes

**Dlim dlão, dlim dlão;
amor, alegria,
dlim dlão, dlim dlão
o sino anuncia;
Dlim dlão, dlim dlão,
todos a cantar,
dlim dlão, dlim dlão,
chegou o Natal.**

1. Jesus nasce,
tem um segredo
p'ra nos dizer.
Ele é Deus,
vem viver connosco,
faz-nos viver.
2. Todos juntos,
nós festejamos
com alegria:
Jesus Cristo
faz anos hoje,
- Que lindo dia!

"SOMOS A IGREJA DE CRISTO"

Música e Letra: Teodoro de Sousa

**Somos a Igreja de Cristo
e vivemos em comunhão.
Somos a Igreja de Cristo
é Jesus Quem faz a união.**

1. Desde o dia do Baptismo
chamamo-nos cristãos
pertencemos à Santa Igreja,
vivemos como irmãos.
2. Na família de Jesus
todos têm um lugar
e a única condição
é n'Ele acreditar.

3. Sempre que nos reunimos
em nome de Jesus,
Ele está no meio de nós
e dá-nos a sua luz.

(Refrão adaptado pela Equipa do Catecismo):

**Somos o Corpo de Cristo
e vivemos em comunhão.
Somos o Corpo de Cristo
é Jesus Quem faz a união.**

“DÁ-NOS SENHOR DESTE PÃO”

Música: José Pedro Martins

Letra: Maria Isolinda

**Dá-nos, Senhor, dá-nos sempre este pão.
Dá-nos, Senhor, dá-nos o pão do Céu.**

1. Disse Jesus:/ O pão de Deus é o que desce do Céu.
2. Disse Jesus:/ É o meu Pai que vos manda o pão do Céu.
3. Disse Jesus:/ Desci do Céu para vos alimentar
4. Disse Jesus:/ Darei a vida pela vida do mundo.
5. Disse Jesus:/ Se acreditais, tereis a minha vida.
6. Disse Jesus:/ Quem me comer fica em Mim e Eu nele.
7. Disse Jesus:/ Quem vem a Mim não tem fome nem sede.
8. Disse Jesus:/ Eu sou o pão da vida, para sempre.
9. Disse Jesus:/ E vivereis, comendo o Pão de Deus.
10. Disse Jesus:/ Eu sou o pão que o Pai do Céu vos manda.

“FORMAMOS UM SÓ CORPO”

Música e Letra: Carlos Silva

**Formamos um só corpo em Cristo Jesus
Todos nós que comungamos o mesmo Senhor
Formamos um só corpo em Cristo Jesus.**

1. Há um só corpo e um só Espírito
Vós fostes chamados a uma só esp'rança.
2. Há um só Senhor, uma só fé, um só baptismo;
um só Deus e Pai, que está acima de todos e em todos.
3. Esforçai-vos por manter a unidade do Espírito
pelo vínculo da paz.

4. Com toda a humildade, doçura e paciência, suportai-vos uns aos outros na caridade.
5. A cada um de nós foi dada a graça, segundo a medida do dom de Cristo.
6. Vivendo a verdade na caridade, Cresçamos em tudo para Cristo.

“DEUS, NOSSO PAI”

Música e Letra: Carlos Silva

**Deus nosso Pai
Que sois tão bom:
Bendito sejas!
Glória a Vós, Senhor!**

“FALA, SENHOR, PELA BÍBLIA”

Música: Acílio Mendes

Letra: Miria Kolling

**Fala, Senhor! Fala Senhor:
Eu quero escutar.
Fala, Senhor! Fala, Senhor:
Eu quero escutar.**

1. Fala, Senhor, pela Bíblia:
Tu és Palavra que salva!
2. Fala, Senhor, pela Igreja:
É tua presença no mundo!
3. Fala, Senhor, pela História:
É tua vida entre os homens!
4. Fala, Senhor, pelas coisas:
São teus sinais de bondade!

“A SEMENTE É A TUA PALAVRA”

Música e Letra: Carlos Silva

**A semente é a Tua Palavra, Senhor.
Quem a acolhe no coração
dará fruto e terá a vida,
dará fruto e terá a vida.**

1. Caiu à terra a semente,
alegrou quem a acolheu.
A seu tempo germinou,
rebento novo cresceu
2. Transformando a vida toda
a semente floresceu.
Árvore boa se fez,
Pelos bons frutos que deu.
3. Pela semente lançada
e que dá frutos de amor,
Graças Te damos, ó Deus.
Nós Te louvamos, Senhor!

“QUANTAS VEZES”

Música e Letra: Miria Kolling

1. Quantas vezes eu não fiz o meu irmão feliz:
Perdão, Senhor, Perdão, Senhor!
2. Quantas vezes, por preguiça, eu não rezei a Deus:
Perdão, Senhor, Perdão, Senhor!
3. Quantas vezes com meu pai e minha mãe teimei:
Perdão, Senhor, Perdão, Senhor!
4. Quantas vezes na escola eu não estudei:
Perdão, Senhor, Perdão, Senhor!
5. Quantas vezes meus amigos eu não desculpei:
Perdão, Senhor, Perdão, Senhor!

“PERDOA-NOS, SENHOR”

Música e Letra: Teodoro de Sousa

**Perdoa-nos, Senhor, os nossos pecados;
à Tua casa queremos voltar,
à Tua casa queremos voltar.**

1. Ó Deus, tem pena de mim
Porque és misericórdia.
E apaga os meus pecados,
minhas faltas não recordes.

2. Reconheço os meus pecados,
pequei contra Ti, Senhor.
Lava-me e ficarei puro,
ainda mais branco que a neve.
3. Ó Senhor, não me abandones,
dá-me sempre tua Palavra;
Ela me enche de alegria,
dá-me força para a vida.
4. Por tua grande bondade
não afastes o teu rosto.
Eu sei que olhas para mim
porque estou arrependido.

"CANTAI, O SENHOR É BOM"

Música: António Cartageno

Letra: Gérard Grey

**Cantai, o Senhor é bom,
Cantai, o Senhor é bom;
nas trevas brilhou sua luz.
Cantai, o Senhor é bom,
cantai, o Senhor é bom;
a vida nos deu em Jesus.**

1. O Pai nos reúne,
o Pai nos reúne,
de nós faz um povo.
Por Cristo nos dá,
por Cristo nos dá
um coração novo.
2. O Reino chegou,
o Reino chegou
ao meu coração.
Jesus me salvou,
Jesus me salvou,
deu-me o seu perdão.
3. É bela a notícia,
é bela a notícia
que Jesus me traz:
Estou perdoado,
estou perdoado,
tenho a sua paz.

“É O MEU CORPO”

Música e Letra: M. Debaisieux

É o meu corpo: tomai e comei!

É o meu sangue: tomai e bebei!

Porque Eu sou a vida, porque eu sou o amor!

Ó Senhor, faz-nos viver no teu amor!

1. Como o Senhor nos amou jamais alguém pode amar,
p'lo caminho da justiça nos ensina a caminhar.
Quando estamos reunidos e partilhamos seu pão,
Ele nos dá o seu amor e a sua paz.
2. Como o Senhor nos amou, jamais alguém pode amar.
Em tudo o que nos legou, manifesta o seu amor:
Quem comer a minha carne e o meu sangue beber
permanecerá em Mim e Eu nele.
3. Sempre que este pão tomais e deste cálice bebeis
até que Ele volte sua morte anunciais.
Quem no mundo quer amar, é um membro do seu corpo,
nada o pode separar do seu amor.
4. Como o Senhor nos amou, jamais alguém pode amar;
percorreu o seu país para a todo o povo falar;
revelou-lhe a salvação e falou-lhe de seu Pai;
proclamou a liberdade e o amor!
5. Como o Senhor nos amou, jamais alguém pode amar;
no dia da grande Ceia, os pés aos seus Ele foi lavar;
“Sabeis o que Eu vos fiz. Eu que sou Mestre e Senhor
Eu vos dei o meu exemplo de amor!”

“NÓS TE AGRADECEMOS”

Música e Letra: Teodoro de Sousa

1. Nós Te agradecemos,
Nós Te agradecemos, Senhor
a Palavra que nos deste,
a Palavra que nos deste;
um sinal do teu amor.
2. Nós Te agradecemos,
Nós Te agradecemos, Senhor
o pão vivo que nos deste,
o pão vivo que nos deste;
um sinal do teu amor.

3. Nós Te agradecemos,
Nós Te agradecemos, Senhor
a Igreja que nos deste,
a Igreja que nos deste;
um sinal do teu amor.

(Estrofes adaptadas pela Equipa do Catecismo)

4. Nós Te agradecemos,
Nós Te agradecemos, Senhor
o Domingo que nos deste,
o Domingo que nos deste;
um sinal do teu amor.
5. Nós Te agradecemos,
Nós Te agradecemos, Senhor
os padres que Tu nos deste,
os padres que Tu nos deste;
um sinal do teu amor.

“HOJE É DIA DE FESTA

Música e Letra: Carlos Silva

1. Hoje é dia de festa; é o dia do Senhor!
Alegremo-nos e cantemos: o Senhor ressuscitou.

**Aleluia, aleluia,
aleluia, aleluia,
aleluia, aleluia, aleluia.**

2. Hoje é dia de festa: é o dia do Senhor!
Alegremo-nos e cantemos: Jesus Cristo nos salvou.
3. Hoje é dia de festa: é o dia do Senhor!
Alegremo-nos e cantemos: Deus está no meio de nós.
4. Hoje é dia de festa: é o dia do Senhor!
Alegremo-nos e cantemos: Jesus Cristo é nosso Rei.

“SERVIR É ALEGRIA”

Música e Letra: António Cartageno

1. Servir é alegria,
colaborar é vida.
Fazer comunidade
por Ti, ó meu Senhor.

**Eu vim para servir,
diz o Senhor Jesus,
como Eu fiz,
fazei vós também.**

2. Maior é o que serve
Maior é o que dá.
Maior é quem se oferece
Maior és Tu, Senhor
3. O padre é o que serve,
O padre é quem se dá.
O padre é quem se entrega,
Por ti, ó meu Senhor.

“A NOSSA FAMÍLIA”

*Música: Teodoro de Sousa
Letra: Equipe do Catecismo*

**A nossa família
é berço de amor
É berço de paz
em Nosso Senhor.**

1. No princípio Deus criou o homem
e a mulher lhe deu com grande amor.
São os dois um só e participam
na obra de Deus que é criador.
2. Deus é uma família muito unida,
ela nos convida ao amor fraterno.
O Pai com o Filho dão a vida
p'ra nascer o Espírito eterno.
3. A família é também Igreja
quer em alegria quer em dor;
os pais com os filhos são sinal
do amor de Deus, nosso Senhor.
4. E também Jesus teve família,
com seus pais vivia em Nazaré.
Era obediente e aprendia,
amava Maria e José.

5. Na Cova da Iria os Pastorinhos
viram a família de Jesus;
Maria e José com o menino,
dando ao mundo bênção, paz e luz.

“JESUS CRISTO É NOSSO AMIGO”

Música: António Cartageno

Letra: António Aparício

1. Aos domingos, que alegria
toca o sino a reunir
P'ra divina Eucaristia
que a todos faz ressurgir.

**Jesus Cristo é nosso amigo
Jesus Cristo é nosso irmão
Está comigo, Está comigo,
Está no nosso coração.**

2. Ao redor do seu altar
Em manhã de amor e de luz,
Aqui vimos comungar;
Vimos receber Jesus.

3. A sagrada comunhão
É Jesus Eucaristia
Alimento, força e luz,
Nosso Pão de cada dia

4. A primeira comunhão
É o pão que o Pai nos dá
É Jesus que vem a nós,
É Jesus novo maná.

5. Quando a Igreja nos baptiza
Pequeninos, a crescer,
É Jesus que realiza
O poder de renascer.

6. No grupo da catequese,
Aprendemos a escutar
A Palavra da Verdade
Que nos faz assim cantar:

7. Na pessoa do doente,
Dos que sofrem e estão sós,
É Jesus que humanamente,
Está no meio de nós.

8. Quando rezo e faço o bem,
E perdoo ao companheiro,
Estou a anunciar também
A Jesus, Deus verdadeiro.

ÍNDICE

	PÁG.
Siglas	3
Apresentação	5
Itinerário de Catequese de Iniciação da Infância e Adolescência	7
Introdução.....	9
1º BLOCO – EU CREIO!	
Catequese 1 – Ele está no meio de nós	43
Catequese 2 – “Deixaram tudo e seguiram Jesus”	55
Catequese 3 – Os apóstolos anunciam-nos o Reino de Deus	67
Catequese 4 – Eu creio que sois Cristo	79
Catequese 5 – “Esta é a nossa fé”	93
Catequese 6 – Celebração da Luz	107
Catequese 7 – Preparemos o caminho do Senhor	123
Catequese 8 – José - “um homem justo”	139
Catequese 9 – Maria glorifica o Senhor	151
Catequese 10 – “Um menino nasceu para nós”	169
2º BLOCO – A VIDA NOVA	
Catequese 11 – Pelo Baptismo renascemos do alto	191
Catequese 12 – Pelo Crisma somos confirmados como cristãos	205
Catequese 13 – Formamos um só corpo	219
Catequese 14 – Comungamos o Corpo de Cristo	231
Catequese 15 – Na Eucaristia damos graças ao Senhor nosso Deus	245

Catequese 16 – Na Eucaristia ouvimos a Palavra do Senhor	265
Catequese 17 – Com Jesus, amamos os doentes	283
Catequese 18 – Confesso que pequei	303
Catequese 19 – “Meu Deus, porque sois tão bom...”	319
Catequese 20 – “Tenho muita pena de vos ter ofendido”	335
Catequese 21 – “Ajudai-me a não tornar a pecar”	349
Catequese 22 – Na Eucaristia celebramos a oferta de Jesus por nós	363
3º BLOCO – A COMUNHÃO COM CRISTO E OS IRMÃOS	
Catequese 23 – “Felizes os convidados para a ceia do Senhor”	379
Catequese 24 – “Fica connosco, Senhor”	391
Catequese 25 – Celebremos o dia do Senhor	407
Catequese 26 – Padres para servir	421
Catequese 27 – O casal cristão - unido no amor de Cristo	437
Catequese 28 – Os Sacramentos: a vida de Jesus na nossa vida	453
Catequese 29 – O Santíssimo Sacramento da Eucaristia	469
Catequese 30 – “Permanecei em mim”	485
Plano de Actividades Pedagógicas do Catecismo	499
Reuniões de Pais e familiares (Proposta)	507
Cânticos	509